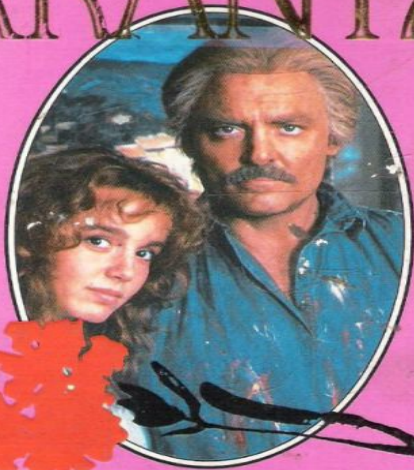


JUDITH KRANTZ



A Filha de Mistral

A FILHA DE MISTRAL

Judith Krantz

Título original norte—americano: "MISTRAL'S DAUGHTER"

Tradução de: Luiza Machado da Costa

Editora Record - 5ª Edição

Para Ginette Spanier Que me abriu as portas de Paris. Com muito amor e a lembrança de muitos anos de amizade.

Para Steve Que tem todo o meu amor Este livro nunca poderia ter sido escrito sem ele

Minha profunda gratidão aos seguintes amigos, pelas respostas a minhas perguntas:

Jean Garcin, Le President, Conseil General de Vaucluse

Jacques e Marie—France Mille, de Le Prieuré, Villeneuve—les—Avignon

Bill Weinberg, da Agencia Wilhelmina Karen Hilton e Faith Kates, da Agencia Wilhelmina Joe Downing

Aaron Schilder Micheline Swift Betty Dorso

Grace Mirabella, da Vogue

Ann Heilperin de Van Clef e Arpels

Sumário: A Filha de Mistral

Paris, 1925. Julien Mistral é um talentoso mas ainda desconhecido pintor francês que tem sua chance quando encontra Maggy Lunel, jovem e bela modelo judia, de quem ele pinta uma série de nus maravilhosos. Os quadros levam à sua descoberta por uma americana rica, Kate Browning, que o lança numa exposição de grande sucesso. Um romance breve, o casamento, e os dois deixam Paris por uma casa de campo na Provença, La Tourrelle, onde nasce uma filha do casal.

Maggy sofre um duro golpe ao perder o amante, mas refaz sua vida, tem um caso com um milionário americano casado, Perry Kilkullen, e desse amor também nasce uma filha, que recebe o nome de Teddy. Os dois fazem planos de casar—se, mas Perry morre do coração em Nova York, antes de

conseguir obter um divórcio, deixando Maggy sozinha e sem recursos na grande cidade que ainda lhe é estranha. Ela, porém, luta corajosamente e consegue fazer da agência de modelos que fundara um sucesso. E Teddy, já então uma jovem de beleza deslumbrante, criada no ambiente ultra sofisticado da moda, torna—se a Modelo N9 1 do país.

Nesse ponto a história toma novo e inesperado rumo. Indo à Europa para uma reportagem de modas, Teddy vem a conhecer Mistral, o primeiro amor de sua própria mãe. Os dois são dominados por uma paixão irresistível, e o arrebatado pintor passa a viver exclusivamente para Teddy, com quem tem uma filha, Fauve, a despeito da recusa de Kate em lhe conceder o divórcio.

Terry é vítima de um acidente de barco, deixando Fauve com dois meses de idade, que logo passa aos cuidados de Maggy. A história, conduzida com extrema habilidade pela autora, atinge um clímax empolgante, que levará ao desfecho totalmente inesperado, mesmo para o leitor mais atento.

Judith Krantz, que o público brasileiro conhece através de *Luxúria e Princesa Margarida*, livros inesquecíveis publicados pela Record, dá nova prova de seu talento com um romance de argumento extraordinário, ambientado no mundo artístico de Montparnasse, em Paris, na bucólica e linda Provença e na trepidante Nova York de famosas agências de modelos, de mulheres lindas e de luxuosíssimas casas de alta costura.

Capítulo 1

Fauve correu pelo saguão, sua capa de chuva de um amarelo berrante esvoaçando, e conseguiu passar pelas portas do elevador uma fração de segundo antes de se fecharem. Ofegante, ela procurou dobrar o grande guarda—chuva listrado, para que não pingasse nas outras pessoas ali apinhadas, mas, no meio de toda aquela gente, seus braços estavam presos ao lado do corpo.

Fauve teria tido bastante lugar no elevador se chegasse mais cedo, mas naquela manhã chuvosa de setembro de 1975 não havia um único táxi livre. Ela fora obrigada a esperar infinitamente por um ônibus na Madison Avenue e tinha corrido o resto do caminho, pela Rua 57. Encharcada e desconfortável, girou o pescoço, com cuidado, para ver as pessoas que se comprimiam junto a ela. Alguma delas saltaria antes do décimo andar? Não havia esperanças disso, pensou. O elevador antigo e barulhento, que se elevava tão lentamente pelo prédio comercial do Carnegie Hall, estava carregado de uma nuvem palpável de tensão e de terror. A não ser o cabineiro, o pequeno espaço estava cheio de moças dominadas por uma concentração muda, feroz e assustada. Cada qual se criara sabendo que era, sem dúvida alguma, a garota mais bonita de seu ginásio, de sua cidade natal e de seu Estado.

Essa viagem de elevador era a última etapa de uma meta com que vinham sonhando febrilmente há anos. Aguardava—as uma entrevista na Agência Lunel, a mais famosa de todas as agências de modelos do mundo, a agência de maior prestígio e poder. Fauve sentiu o peso quase insuportável da ansiedade e expectativa nervosa que palpitava em tomo de si e, fechando os olhos, rezou para que a viagem terminasse.

— Casey perguntou se eu tinha visto você — disse o cabineiro a Fauve, tão alto que todos ouviram. — Está esperando por você lá em cima.

— Obrigada, Harry.

Fauve se enterrou mais na gola da capa, procurando sumir, ao sentir 20 pares de olhos imediatamente se voltarem para ela, numa onda de percepção hostil. Seu perfil estava sendo examinado de cada lado numa concorrência declarada, suas vizinhas passando a vista da testa ao queixo, sem encontrar de feito. Atrás dela; estavam calculando sua altura e observando, com um sofrimento que vibrava claramente, que ela era tão ou mais alta do que a maioria. Mesmo nos fundos do elevador não havia garota alguma cuja vista estivesse tão impedida que não pudesse ver a conflagração dos cabelos de Fauve, de um ruivo tão tumultuado, tão variado, que tinha de ser natural.

Fez—se um silêncio absoluto enquanto Fauve era examinada.

— Você é modelo, não é? — perguntou a garota à direita de Fauve, seu tom exprimindo claramente acusação e uma inveja desesperada.

— Não, eu apenas trabalho aqui.

Fauve sentiu o alívio no elevador, como se fosse uma substância sólida.

Ela então se endireitou, agora invisível e abençoadamente sem importância. Assim que as portas do elevador se abriram no décimo andar, ela saiu depressa para o corredor e disparou pela entrada da Agência Lunel, sem olhar para trás.

Ela sabia exatamente o que as moças atrás dela fariam. Cada uma tomaria o seu lugar na fila que se começara a formar meia hora antes para as entrevistas públicas realizadas três vezes por semana, de manhã, na agência fundada mais de 40 anos antes por Maggy Lunel, avó de Fauve. Dos muitos milhares de entrevistadas anualmente, só 30 eram aproveitadas.

Enquanto Fauve se dirigia depressa para seu escritório, pensou que talvez uma das moças do elevador tivesse um pingo de possibilidade de vencer. Talvez uma delas tivesse a qualidade que todos na agência chamavam de "raio". Como poderiam saber, pensou ela, abrindo a porta de seu escritório, onde a placa dizia "Diretora, Departamento Feminino", que só a beleza nunca fora suficiente?

Casey d'Augustino, assistente de Fauve, levantou os olhos, espantada, da cadeira em que estava empoleirada, folheando um exemplar antecipado da revista Vogue. Pequenina e de cabelos crespos, Casey, com 25 anos, era dois anos mais velha do que Fauve.

— Você está com cara de quem está sendo procurada pela Polícia Montada — comentou ela, rindo diante da expressão de Fauve.

— Acabei de escapar das feras... fiquei presa no elevador com um monte de jovens esperançosas.

— Bem feito, para não chegar atrasada.

— Quantas vezes isso acontece? — perguntou Fauve, com uma leve truculência, tirando a capa e afundando na sua poltrona com um suspiro de alívio. Tirou as botas molhadas e pôs os pés calçados com collant verde em cima da mesa. Ela sempre se vestia de modo a desafiar o mau tempo e naquele dia estava com uma blusa de lã laranja e calças de lã roxas.

— Raramente — concordou Casey — mas não precisa se desculpar. Você ainda chegou bem a tempo da emergência da semana.

— Emergência?

Fauve olhou pela porta de vidro do escritório, as sobancelhas ruivas arqueadas numa expressão inquisitiva. Para onde quer que olhasse, via a atividade normal da agência, dúzias de contatos falando em seus telefones, marcando horas. Enquanto os telefones funcionassem, não poderia haver uma emergência de verdade na Lunel.

— Problema com Jane — disse Casey, parecendo irritadamente séria.

— De novo! — Fauve, que tinha começado a rabiscar no bloco sobre a mesa, largou o lápis com tanta força como se fosse o martelo de um juiz dando uma sentença de morte. — Depois da advertência que lhe fiz na semana passada? Mais problemas?

— Ela estava marcada para a Bazaar ontem... Arthur Brown ia fotografar Bunny, modista dele, telefonou hoje cedinho, completamente lívida...

— Você sabia que lívido significa plúmbeo? — interrompeu Fauve depressa, não querendo que o seu dia já atormentado fosse completamente estragado pela última de Jane, a melhor modelo da Lunel, a moça que só trabalhava com o seu nome de batismo puro e simples, não precisando das denominações inventivas e eufônicas das outras, pois era o máximo mundial em louras de olhos azuis, possuindo uma beleza cataclísmica sobre a qual não poderia haver esses, e mas. Estava tudo ali em Jane, encerrado nos ossos, irrefutável. Ela era a única modelo que Fauve já conhecera que estava inteiramente satisfeita com o seu aspecto. Jane, a insuportável, que sabia que era perfeita.

— Lívida quer dizer furiosa — continuou Casey. — Jane ontem apareceu com duas horas de atraso, o que Bunny já previra, pois ela está sempre atrasada. Assim, não foi esse o problema. Estava com os cabelos imundos. Também não foi esse o problema, porque a cabeleireira os lavou. Ela então insultou mortalmente o maquilador, mas ele não ligou, porque está habituado a ser insultado. Depois, sentiu-se fraca para trabalhar, porque não tinha almoçado; então lhe deram comida, mandando buscar três tipos diferentes de iogurte, até ela se satisfazer. Depois disso, ela teve de dar um telefonema de meia hora ao seu astrólogo pessoal. Tudo normal, até aí. O que deixou Bunny lívida foi que, depois de terem paparicado Jane o dia inteiro, a Bazaar ainda assim não conseguiu a foto. Ela não deixou que lhe cortassem o cabelo.

Fauve levantou-se de um salto, seu rosto lindo e vivo exprimindo a descrença, seus grandes olhos cinzentos arregalados de indignação.

— Jane sabia que era um artigo de fundo de beleza. Sabia que tinham de cortar—lhe os cabelos cinco centímetros... isso era importante. Diabos! A diferença nos cabelos, na próxima estação, é de apenas cinco centímetros... falei tudo isso com ela no mês passado, quando aceitou o compromisso.

— Ah, mas a nossa Jane mudou de idéia, sabe. O astrólogo dela lhe disse para não fazer nenhuma modificação até o novo sol em Netuno.

— Acabou—se! Jane tem de ser demitida. Vou cancelar o contrato dela hoje mesmo.

— Ah, Fauve... — gemeu Casey, pensando nos três meses de compromissos de Jane, no programa.

— Não. Jane abusou de nós um pouco demais. Como posso esperar que as outras garotas se comportem e trabalhem direito, se deixar Jane se safar com esta?

— Se você cancelar o contrato, ela vai trabalhar para a Ford ou para a Agência Wilhelmina. As pessoas vão suportar tudo para consegui—la .. só existe uma Jane — advertiu Casey, solene.

— Errado, Casey. Sempre haverá outra Jane, mais cedo ou mais tarde — disse Fauve, com calma. — Mas só há uma Lunel.

— Argumento válido. Argumento aceito. Mas não vai falar sobre isso com Maggy, primeiro? — perguntou Casey.

— Maggy? — disse Fauve, espantada. — Ela não deve vir hoje... é sexta

—feira.

Quando a avó se ausentava, em seus habituais fins de semana prolongados, Fauve era plenamente responsável pela Agência Lunel.

— Ela me disse que estava chovendo demais para ir para o campo, que só ia amanhã. A Chefe está no gabinete dela — informou—lhe Casey.

— Claro que vou falar com ela sobre Jane — disse Fauve, pensativa.
— Mais alguma emergência?

— Só uma, sobre a qual você não pode fazer nada. Pete está trabalhando nela agora — disse Casey, referindo—se ao homem que consertava os telefones e que passava a metade de todas as semanas desenredando as suas 100 linhas externas e dúzias de interfones. — O telefone de uma das contatos está enguiçado... ela está recebendo os telefonemas de um psicanalista e ele está recebendo os nossos. Ela está dizendo a todo mundo para chorar bastante, depois tomar uma chuvairada fria, duas aspirinas.. , e rezar.

— Mal não faz — disse Fauve, abrindo a porta do escritório e dirigindo—se para o grande gabinete de esquina, onde Maggy Lunel havia muito tempo reinava sobre o mundo dos modelos de modas.

Certas grandes beldades envelhecer com elegância; outras se agarram impiedosamente a um determinado período de seu passado e procuram manter—se ali, embora murchem um pouco a cada ano; outras ainda perdem sua beleza repentinamente, de modo que só pode ser reconstruída passageiramente na imaginação dos que as conhecem. Maggy Lunel envelheceu sem idade. A uma distância de cinco metros, ela ainda parecia aquela moça de 17 anos que um dia fora a mais linda modelo de pintores de Montparnasse. A puna distância de três metros ela era, evidentemente, a mulher mais sofisticada de Nova York, uma mulher que possuía no corpo esguio um élan que gerações de mulheres tinham procurado imitar. Mais de perto, tornava—se impossível Vidas — que ela estava na casa dos 60, pois seu encanto era forte demais para dar margem a esses cálculos mesquinhos.

— Magali! Que pena, o campo... Darcy ficou muito decepcionado?

Fauve correu para beijar a avó, chamando—a pelo verdadeiro nome de batismo, coisa que ninguém mais tinha o direito de fazer.

— Ele ficou meio emburrado, mas depois ligou para Herb Mayes e combinaram almoçar no "21 ", o que logo o animou — respondeu Maggy, abraçando—a. — Ontem o rádio deu que não havia energia elétrica, de modo que me recusei a ir... Parece que perco o meu famoso bom humor quando tenho de andar à luz de velas e tostar um cachorro—quente na lareira.

— Não acha que essa é uma atitude pouco romântica? Em todo caso, estou muito contente que esteja aqui. Resolvi despedir Jane...

Fauve olhou para Maggy com um misto de indagação e resolução.

— Eu estava—me perguntando quando é que isso iria acontecer. Loulou e eu apostamos nisso, há três meses.

. Fauve abriu a boca, espantada. Loulou, chefe das moças de contato e companheira especial de Maggy, nunca demonstrara nada a não ser resignação, diante do comportamento imprevisível de Jane.

— Quem ganhou? — balbuciou ela.

— Loulou, claro. Há 15 anos que tento e ainda não ganhei uma aposta de Loulou. Mas... um dia... — Maggy riu — se e deu de ombros.

Ela achou que Fauve estava especialmente encantadora naquela manhã sombria, com sua combinação louca de cores e os pés verdes. Qualquer dos Les Fauves, escola de pintura cujo nome ela herdara, teria ficado impressionado com sua neta. Aliás, na opinião de Maggy, qualquer homem ficaria impressionado com ela, se bem que não se pudesse dizer isso a Fauve. Não que ela fosse vaidosa, mas pareceria uma parcialidade normal de uma avó qualquer. Durante decênios, Maggy possuía o olho mais experiente do mundo para descobrir a beleza e era profundamente grata pelo fato de que Fauve jamais quisera ser modelo. Ela poderia ter sido a melhor de todas — a seu modo, desbancando até Jane — mas Maggy nunca desejara esse tipo de carreira para ela.

— Que horas são? — perguntou Fauve, de repente. — Deixei meu relógio em casa.. é nisso que dá a gente se vestir às pressas. E não quero perder o novo comercial de ricota que Angel fez.

— São quase 10:30.

— Bom, está bem na hora. Posso ligar sua TV? — Fauve fez um gesto para o aparelho de televisão que Maggy tinha para fiscalizar os vários comerciais em que apareciam suas moças. — Ou está ocupada? Posso assistir no meu aparelho, se estiver.

— Não, fique aqui, meu bem. Gostaria de vê-lo e não tenho assim tanta coisa a fazer hoje. Ouvi dizer que Angel está entrevistando empresários... ela decolou, como você disse que aconteceria

Fauve ligou o aparelho e sentou-se na cadeira diante da mesa de Maggy. As duas mulheres olharam para o vídeo e assistiram, enquanto Angel tentava convencer até a elas, durante 30 segundos espantosos, de que ricota de leite desnatado podia ser um motivo de adoração de gourmets.

Terminado o comercial, elas se apertaram as mãos, felicitando-se, rindo juntas, cada qual com o mesmo tom alegre e vibrante, livre de qualquer convenção, uma risada que fazia com que todos que a ouviam parassem para escutar e desejar ardentemente tomar a ouvi-la.

— Você teve razão em passar Angel para nossa Central Máxima — disse Maggy. — Esse anúncio deve figurar para sempre.

— Parece que estou vendo Angel tentando resolver se compra um prédio de apartamentos ou um rebanho de gado, com o lucro. Ela provavelmente vai se decidir por um Jaguar.

Quando Fauve estendeu a mão para desligar o aparelho, as palavras "F7ash do Plantão de Notícias" apareceram no vídeo. Ela deixou ligado, para ver o que tinha acontecido. Apareceu o rosto de uma locutora, falando rapidamente.

"Julien Mistral, considerado o maior pintor vivo da França, morreu hoje de pneumonia, no sul da França. O pintor tinha 75 anos de idade. Sua filha Madame Nadine Dalmas, estava com ele por ocasião de sua morte. Detalhes ao meio—dia."

Nem Fauve nem Maggy se moveram. O choque as prendeu em suas cadeiras, enquanto outro comercial se desenrolava. De repente, Maggy se levantou de um salto e desligou o aparelho, mas Fauve continuava sentada, imobilizada, extinta a luz de seus olhos. Maggy foi para junto dela, debruçou—se, passou os braços em volta de seus ombros e puxou a imóvel cabeça ruiva para o seu peito.

— Meu Deus, meu Deus, saber disso assim — murmurou ela, ninando Fauve nos braços.

— Não estou sentindo nada. Absolutamente nada. Devia sentir alguma coisa, não? — disse Fauve, quase baixinho demais para Maggy ouvir.

— É que foi tão de repente... também não sinto nada, mas vou sentir.

Por um instante, as duas ficaram caladas, agarradas, escutando uma sirene no tráfego na Rua 57, sem ouvi—la. Julien Mistral estava morto e o tempo parara para as duas mulheres, pois ambas o tinham amado.

Na mesa de Maggy havia uma fotografia num porta retrato. Como se a foto estivesse juntando—se a elas, em seu choque, cada qual se viu olhando Para aquela imagem de Teddy, a maior modelo de todos os tempos; a moça que fora filha de Maggy, amante de Mistral e mãe de Fauve.

Por fim, Maggy se levantou e soltou Fauve, enquanto seu espírito prático francês dominou suas emoções paralisadas e lhe disse o que tinha de acontecer em seguida.

— Fauve, o enterro... você vai ter de ir. Vamos... volto ao aparta mento com você. Vou ajudá—la a fazer as malas. Casey pode lhe providenciar a passagem de avião.

Fauve moveu—se pela primeira vez desde o comunicado da televisão. Foi a uma das janelas e olhou para a chuva lá fora. Falou sem virar a cabeça para

Maggy.

— Não.

— Como "não"? Não entendo. — Não, Magali, eu não posso ir.

— Fauve, você está em choque. O seu pai morreu. Sei que não falava com ele há mais de seis anos, mas claro que tem. de ir ao enterro dele. — Não, Magali, não vou. Não posso.

Capítulo 2

Paris estava *en fête*, apaixonada por si mesma. Era uma segunda—feira, em maio de 1925, e por toda parte os vizinhos concordavam que nunca, ao

que se lembrassem, os castanheiros se haviam carregado de tantas pirâmides cremosas de flores. Mas só paravam para notar o desfile de dias de céu azul e noites estreladas quando não estavam, ocupados com os mexericos, pois nunca, mesmo na história dessa capital de todas as capitais, o fermento dos mundos das artes, moda e sociedade tinha produzido um vinho tão pungente e embriagador.

Naquela manhã de maio, em seu ateliê, Chanel estava criando o seu primeiro costuminho preto; naquela manhã, Colette estava dando os toques finais no escandaloso manuscrito de *La Fin de Chéri*. O jovem Hemingway e James Joyce, meio cego, tinham saído naquela madrugada, bebendo juntos, enquanto Mistinguette estreara na véspera no Casino de Paris, provando novamente, tão certamente quanto um toureiro exige o aplauso do povo, que a arte de descer uma escadaria pertencia a ela. Os irmãos Cartier tinham comprado o colar mais maravilhoso do mundo, três fios de pérolas cor—de—rosa que haviam sido colecionadas durante dois séculos, e muita gente estava esperando para saber a quem o venderiam.

Maggy Lunel não se importava nada com colares de pérolas, de pé numa esquina de Montpamasse, chamada Carrefour Vavin. Ela estava devorando o seu segundo café da manhã, um punhado de batata frita quente que acabara de comprar de um vendedor de rua por quatro cêntimos. Chegara a Paris há menos de 24 horas e, aos 17 anos, estava achando que fugir de casa para procurar o seu destino era um negócio que dava uma fome infernal.

Os transeuntes da Rue de la Grande Chaumière se viravam para lhe lançar um segundo olhar e muitas vezes um terceiro, pois ela estava ali plantada como se fosse dona da calçada, alta, de pernas compridas, desinibida e aparentemente não se dando conta em absoluto do contraste entre seu rosto e suas roupas. Estava vestida segundo a silhueta atlética dos tempos, na última moda, com uma saia de lã azul—marinho pregueada que lhe cobria os joelhos e uma blusa de crepe branco, amarrada abaixo da cintura.

Mas numa época em que nenhuma dama, rica ou pobre, era vista na rua sem chapéu, ela estava de cabeça descoberta e seu rosto não se mostrava deformado e pintado na versão de uma boneca muito pintada, com rugas e boca em feição de coração, usada pelas mulheres em toda parte, de forma a ficarem todas parecidas. Tinha a beleza forte e ousada de um dia futuro, de uma era que só surgiria dali a um quarto de século. As maçãs do rosto pareciam cimitarras gêmeas sob a extensão alva de sua pele e ela mantinha a cabeça sobre o pescoço comprido como uma flâmula de guerra.

Numa época em que todas as mulheres tinham cortado os cabelos, os dela caíam longos, lisos e lustrosos, no tom laranja escuro de geléia de damasco, e suas sobrancelhas grossas, não depiladas, desobedecendo a moda, eram apenas um tom mais escuro, sobre olhos afastados quase demais. Estes eram francos, brilhantes e bem abertos, o branco fresco e luminoso, as íris do verde amarelado de um cálice de Pemod antes de ter sido diluído na água. Os lábios de Maggy eram tão cheios e bem marcados que se constituíam no foco de seu rosto, um sinal tão enfático quanto um sinal

luminoso.

Maggy Lunel, mastigando com pesar as últimas batatas, parecia um grande gato dourado andando ao vento. Nada, em sua pose confiante, revelaria sua idade ao transeunte, mas sua pele era macia e nova como as palmas de um bebê e onde se estendia sobre o nariz reto e bem-feito, era coberta por leves sardas.

Maggy limpou as mãos com o lenço e olhou em volta para o Carrefour Vavin. Ela estava a um passo do Boulevard Raspail. Do outro lado dessa larga avenida ficava o começo da Rue Delambre. Do ponto em que ela estava, na calçada, todas as outras ruas pareciam estar descendo. Ela teve a sensação de estar no topo de uma colina suave no meio de um grande lugar aberto, como se aquele cruzamento fosse a principal avenida de uma grande cidade, completa por si mesma. Em todas as direções, Maggy tinha extensos panoramas do céu fresco e ventoso da primavera, interrompido pelas copas dos castanheiros. Mas não havia nada de pacato naquela vista. O próprio ar estava carregado de centelhas de energia e até os pombos pareciam ocupados. Parecia—lhe que os passantes estavam quase correndo para chegar ao seu destino.

Ah, pensou ela, como desejaria abocanhar Paris com os dentes; e mastigar e mastigar, até possuir esta cidade, esse cofre de tesouros trancado, cheio de objetos desejáveis. Ela passou o peso do corpo de um pé para outro, impaciente por comelwr, batendo com o sapato de salto Luís XV abotoado de um lado, virando a cabeça para tentar olhar para dentro de cada táxi que passava, tão dominada pela curiosidade e ansiedade, que nem notou que ela mesma se tomara objeto da atenção de um grupo crescente de pessoas, que se juntara em torno dela. Era uma turma estranhamente variada: moças com roupas baratas, de cores vivas, velhas de avental e chinelos; velhos avós fumando e criancinhas puxando as mãos das mães, meninos e meninas que certamente deveriam estar no colégio, todos esperando com um ar de paciência resignada, o que fazia Maggy parecer uma potranca nervosa na largada de uma corrida.

Aos poucos, formaram um círculo fechado em torno dela e suas conversas pararam, enquanto olhavam para a estranha e se cutucavam.

— Está esperando alguém? — perguntou uma mulher gorducha de seus 35 anos.

Maggy levantou os olhos, espantada, olhou em volta do círculo e sorriu. — Espero que sim, madame. Estou no lugar certo, não? — Isso depende.

— A feira dos modelos? Não é aqui que devo esperar para arranjar trabalho como modelo de pintor?

— É o lugar certo — disse um garoto de 12, olhando para ela com muito interesse. — Eu sou do métier. Nem era nem nascido quando fui pintado pela primeira vez — gabou—se ele. — Mas minha mãe estava no último mês.

— Cale a boca, imbecil — disse a mãe e empurrando—o para trás dela. — Você não é modelo — disse ela a Maggy, acusando—a.

A *foire aux modeles* era uma instituição que começara em Montmartre

uns 75 anos antes, quando os modelos profissionais de pintores se reuniam para serem contratados em volta do chafariz da Place Pigalle. Quando os pintores passaram para Montparnasse os modelos os acompanharam, continuando a esperar trabalho de pé, no meio a da rua, todas as manhãs de segunda—feira.

Famílias inteiras tinham—se sustentado com esse ofício durante gerações e o aparecimento de Maggy no meio deles foi recebido com o profundo ressentimento que qualquer grupo de profissionais demonstra para com um evidente iniciante.

— Se alguém pagar para me pintar — retrucou Maggy — isso não me torna modelo?

— Então, está pensando que é só isso, é? Pois saiba que é um trabalho danado de duro, mocinha.

— Bom — disse Maggy, decidida, enfiando as mãos nos bolsos da saia e assumindo uma pose bem reta e segura em seus sapatos novos e apertados.

Os modelos que tinham—se juntado em tomo dela, para ouvir essa conversa, bloqueando a calçada, de repente se afastaram, quando todos se viraram para olhar para uma garota bonita, com um chapéuzinho verde jade sobre os cabelos escuros cortados, "à la garçonne" que vinha—se requebrando pela rua com um admirador de cada lado, de braços com ela. Ao avistar Maggy, ela a examinou de alto a baixo, com um olhar penetrante. Ergueu as sobrancelhas, surpreendida, e depois deu de ombros, em sinal de desprezo. Falando bastante alto, para que todos ouvissem, ela comentou:

— Então é esse o tipo de selvagem que nos chega das províncias hoje em dia, é? Aquele pé de feijão obviamente nunca viu uma tesoura. Duvido que tenha sequer ouvido falar de água e sabonete... sinto um forte cheiro de curral por aí.

Ela deu uma risada de desprezo, fingindo não ouvir a onda de risinhos abafados provocada por suas palavras e desapareceu pela rua.

— Quem é aquela... sujeitinha? — perguntou Maggy, indignada.

— Aquela é Kiki de Montparnasse. Você nem a reconheceu? Ora, aquela é uma modelo... a rainha entre todos nós. — A mulher sentiu prazer em frisar a ignorância de Maggy. — Todo mundo conhece Kiki e Kiki conhece todo mundo. Você está mesmo nos cueiros, nem há dúvida.

Quando Maggy ia responder, sentiu certa mão pousar em seu braço e fazê—la virar, de repente.

— O que temos aqui?

Dois homens estavam olhando para ela. O que falara era mais baixo do que ela e estava com uma roupa de almofadinha, paletó listrado e calças muito bem passadas, um alfinete na gravata e chapéu de palha meio caído de lado. Tinha olhinhos pequenos e espertos e um sorriso que mostrava dentes pequeninos e amarelos.

O segundo homem era tão monumental quanto o sólido tronco de árvore no qual se encostara. Os olhos, azuis como o alto mar, eram desconcertantes em sua firmeza e fixidez. Ele tinha 1,90m de altura e uni ar selvagem mas nobre, que era duplamente espantoso naquela cena de cidade cheia de

gente, por não parecer domado pelos costumes ou pela consideração urbana. Ele poderia ser um alpinista contemplando o mundo, do alto de um pico escalado, Tinha uma cabeça magnífica, arrogantemente sustentada por um pescoço grosso e forte, uma testa larga, nariz proeminente e confiante e uma boca larga. Os cabelos eram de um ruivo escuro, crespos e maltratados. Olhando para Maggy com uma expressão avaliadora, ele tinha o ar de um galante cavaleiro do passado a caminho da guerra, a despeito de suas calças marrons de veludo e camisa azul de gola aberta.

— Mistral — disse — lhe o mais baixinho — o que é que você acha? — Ele pôs a mão debaixo do queixo de Maggy e girou a cabeça dela devagar, de um lado para outro. — Muito interessante, hem? Os olhos... um colorido muito curioso. E, positivamente, há alguma coisa original... esquisita mesmo, nessa boca... um tanto canibal, você não diria? Van Dongen não faria grande coisa disso. — Ele pegou nos cabelos de Maggy, como se estivesse numa loja de fazendas, esfregando-o entre o polegar e o indicador. — Hum... pelo me nos está limpo e ela não o cortou.

Maggy estava rígida pelo choque. Homem nenhum a tocara daquela maneira, em toda a sua vida. Numa defesa maquinal, ela se focalizou num objeto neutro; três molhos de alho—poró que o homem mais alto estava carregando debaixo do braço, como se fossem um livro. Enquanto os dedos do homem mais baixo levantavam os cabelos dela de cima das orelhas, para que pudesse examinar seu perfil, ela deu um passo à frente, estendeu a mão e agarrou um alho—poró grande e branco, por suas raízes cabeludas e acinzentadas. Ela o levou à boca e seus dentes cortaram o vegetal em dois, de uma vez, as folhas grandes e verdes caindo na calçada. O homem de paletó listrado, Vadim Legrand, conhecido por todos como "Vaya", deixou cair a mão enquanto a via mastigar. Ela deu outra mordida.

— Você podia dizer "por favor" — disse Julien Mistral.

— Quando a gente olha para os animais no jardim zoológico, também tem de lhes dar comida — respondeu Maggy, as mandíbulas mexendo—se vigorosamente. Mistral não sorriu.

— Mistral — disse Vaya, com um ar de decisão — vou levá-la para a academia, para ver como ela é. Venha.

Ele fez um gesto indicando a Maggy que devia acompanhá-lo à academia de pintura de Ia Grande Chaumière, a alguns passos dali.

— Por quê? Já me olhou. O que mais quer? — perguntou Maggy.

— Quer ver seus peitos — disse o garoto, coth um ar de importância. — Lá dentro? Agora? — perguntou ela, intrigada. A mãe do garoto riu—se, com malícia.

— Vá andando, menina. Vá se despir numa sala de aula vazia, como todas nós. Pensa que está escondendo alguma coisa especial, que eles nunca viram? Ah, essas principiantes! Pensa que é feita de madrepérola?

— Vem ou não vem? Resolva — insistiu Vadim. — Na verdade, hoje não estou precisando de modelo.

— Vou — Maggy ouviu sua voz dizer. — Claro.

Ela se virou e o acompanhou depressa, querendo sair das vistas do grupo

de modelos antes que pudessem ver a onda de calor que sentia subir—lhe ao rosto, o rubor que lhe atormentava a vida.

— Espere aí, Vava. — Mistral passou por ela num passo e fez o pintor menor parar. — Vou ficar com essa garota.

— Eu a vi primeiro:

— Que diferença faie, diabos? Estará me confundindo com alguém que liga a mínima, Vava?

Vadim deu o seu sorriso amarelo.

— Com essa são uma dúzia de vezes que você já me fez isso.

— Quando eu quero alguma coisa, não é apenas pata te amolar.

— Ah, bravo! De sua parte, isso é quase uma dessas, Mistral. Pois leve— a. Leve— a! Tenho mesmo de trabalhar no retrato de Madame Blanche, Ninguém compra as suas obras, de modo que você tem tempo para satisfazer a sua curiosidade; mas me diga: está em condições de pagar a um modelo?

— Quem é que está? Mas tampouco posso me dar — ao luxo de perder tempo pintando retratos lisonjeiros de mulheres ricas — disse Mistral, com indiferença,

sem se importar se estava ou não insultando Vadim. — Venha — disse Mistral a Maggy, apertando a mão de Vadim depressa, se despedindo.

Ele pegou o canivete, cortou as raízes de outro alho—poró, deu—o a ela e foi andando pelo Boulevard Montpamasse sem ver se ela o estava seguindo. Maggy pegou o alho—poró, enfiou—o como um lenço no bolso do menino que tinha falado com ela e correu atrás de Mistral, assobiando um trecho da melodia do Java — uma música de dança, cativante e insistente, que ela ouvira na véspera, subindo até sua janela pela porta aberta do bal musette ao lado de seu hotel barato.

Julien Mistral estava de péssimo humor, ao cortar caminho em direção a seu estúdio, no Boulevard Arago. Fazia anos que vinha martelando sua pintura, como se fosse um presidiário acorrentado a quem tivessem dado uma rocha imensa e um martelinho, mandando que reduzisse a rocha a pó. Ele estava empenhado na luta que se tomara sua única meta desde o dia em que saíra de uma turma na acole des Beaux—Arts da Sorbonne e resolvera pintar ao seu jeito, pintar de acordo com seus sentimentos e não seu cérebro. Nos quatro anos decorridos desde esse dia, Mistral verificara que era quase impossível desligar a cabeça, escapar da prisão mesquinha de educação francesa, ir livremente além do classicismo que sempre dominara o centro da pintura francesa. Ele se consumia com a tentativa de pôr a tinta na tela sem o domínio de seu cérebro francês educado.

O homem alto andava depressa sob as árvores antigas do parque do Hospital Cochin, sem ligar para a moça, que tinha de correr para acompanhá—lo. Ele se esqueceu da existência dela, pensando com raiva na exposição que visitara com Vadim, mais cedo, naquele dia.

Mesmo aquele calhorda do Matisse, mesmo ele está metido no jogo de xadrez, e não na pintura. Usa o contraste de duas cores para criar uma

terceira. , , uma que simplesmente não existe, danem—se os olhos dele... por que não se intitula matemático e pronto? Ou um decorador? E quanto àquele maldito acrobata Picasso e seu amigo Braque, esse Braque sombrio, maçante, imitador, cacete, os dois não são em nada melhores... perseguindo a besteira do Cézanne de reduzir toda a natureza a um cone, um quadrado e um círculo, reduzindo tudo ao chão até esgotarem toda a vida, todo o ar... que vão todos para os quintos do inferno!

Ele estava tão zangado que passou o número 65 e só se deu conta de que tinha ultrapassado seu destino depois de andar meio quarteirão. Virou—se de repente, praguejando, e com Maggy bem atrás dele, entrou pelas portas abertas que davam para uma passagem coberta.

A *cité* dos pintores do Boulevard Arago, construída em 1878, parecia uma aldeia da Normandia. Urna rua de seixos rolados levava a duas carreiras de casas de dois andares, com telhados altos, de duas águas e paredes de vidro.

Compridos caminhos de cascalho bordejavam um jardim maltratado cheio de macieiras, malvas—rosa e gerânios. Cada um dos pequenos estúdios também tinha seu jardimzinho particular, cercado de buxo e portões baixinhos.

Maggy acompanhou Mistral, quando ele subiu três degraus íngremes e abriu sua porta da frente. Ele foi à sua cozinha desarrumada e olhou em volta, irritado, procurando um lugar onde pôr o alho—poró, enquanto ela ficou junto da porta de entrada, intimidada pelo silêncio dele e o seu modo de se projetar através do ar como se fosse um inimigo. Ela estava corada devido à caminhada longa e apressada e tinha o queixo bem levantado, para disfarçar sua timidez repentina e desacostumada.

Por fim, Mistral jogou o alho—poró no chão e passou ao grande estúdio, fazendo um sinal com a cabeça para Maggy acompanhá—lo. Ela olhou em volta, pasma. Por toda parte havia telas e por toda parte havia cores, cores como ela jamais vira, cores que ela nem imaginava existirem dentro das paredes de um aposento, cores em que ela sentia que poderia nadar como num grande rio. Havia arco—íris, nuvens, estrelas e flores gigantescas; havia crianças, circos e cata—ventos; havia soldados, mulheres nuas, bandeiras, cavalos saltando, um jóquei caído e sempre um rio de cores arrancadas do próprio sol.

— Lá é o quarto de dormir — disse—lhe Mistral, apontando. — Vá se arrumar. O roupão está lá.

Maggy viu—se num quatinho contendo pouco mais do que uma cama. Num gancho atrás da porta estava pendurado um quimono de seda vermelha, empoeirado, que Mistral tinha para as modelos.

Maggy tirou a saia e a blusa, dobrou—as com capricho e colocou—as sobre a cama. Ela parou, a boca seca. "Os pintores pintam a pele", pensou ela, em pânico, voltando—se para suas aulas de escola de arte, para se tranquilizar. "Rubens pintou montanhas de pele branca com manchas vermelhas. Rembrandt pintou pele verde amarelada. Boucher pintou pele rosa e branca. A pele é a substância mais pintada na história da pintura." Com dedos trêmulos, ela tirou as lindas meias novas de seda. "Os pintores

são como médicos... um corpo não passa de um corpo... um objeto, não uma pessoa", pensou ela, num gemido íntimo crescente.

Muitas vezes na vida, Maggy se metera em situações das quais só a sua autoconfiança, bem arraigada, pudera salvá-la. Ela sabia, quando resolveu fugir para Paris para ser modelo de pintores, que naturalmente teria de posar despida. Com sua bravata costumeira, achara que naturalmente poderia fazer isso e levava seus planos adiante.

Agora, numa ensolarada manhã de maio, viu que estava tremendo e suando ao mesmo tempo. Ela não levava em conta sua experiência de vida. Nenhum homem jamais a vira nua, nem mesmo um médico, pois ela nunca estivera doente na vida.

Ela tentou assobiar um trecho da melodia da Java da véspera, enquanto, com uma determinação frenética, baixava a alça da combinação; mas o medo deixara sua boca muito seca para assobiar, enquanto ia tirando aquela peça de roupa que só possuía há alguns dias, sua primeira peça íntima de adulto. Por baixo da combinação de algodão, ah, que vergonha, tinha apenas umas calcinhas brancas, novas, finas, de pernas largas, de acordo com a nova moda. Nada, nenhum poder no mundo, pensou ela, poderia fazer com que as tirasse.

— Por que diabo está demorando tanto? — gritou Mistral do estúdio, com rispidez.

— Já vou — respondeu ela, com voz fraca. O tom impaciente da voz dele a fez vestir o quimono sobre as calcinhas e apertá-lo em volta da cintura. O piso estava tão frio sob seus pés, que ela tomou a calçar os sapatos. Atrapalhada, mexeu nos botões, desistiu e saiu do quarto com as alças dos sapatos soltas e fazendo um barulhinho a cada passo. Parou a uns três metros de Mistral, que estava preparado diante de um cavalete, e aguardou instruções. Toda a luz do aposento foi absorvida pelo choque entre seus cabelos cor de laranja e a seda japonesa vermelha.

— Vá ficar junto da janela, com uma das mãos sobre as costas dessa cadeira.

Ela obedeceu e ficou muito quieta.

— Pelo amor de Deus, o quimono — disse Mistral, irritado.

Maggy mordeu o lábio e, com mãos trêmulas, desamarrou a faixa e deixou o roupão cair.

Maggy tinha ombros largos e a comprida curva vertical de seu pescoço, juntando-se à horizontal de suas clavículas, era forte e ardente. Os seios eram temos e vivos, tão jovens que quase pareciam cones, altos e bem separados, com bicos pequeninos, pontas firmes e salientes. A linha do corpo, das axilas à cintura, tinha uma tensão e uma nitidez perfeitas. A pele era tão polida, tão branca, que absorvia a luz envolvente e depois a refletia, de modo que ela luzia como que iluminada por dentro.

Instintivamente, Mistral reagiu contra a beleza dela. Ele estava acostumado com a nudez facilmente oferecida da modelo profissional, que usava sua pele com a mesma naturalidade que um vestido velho. A nudez para ele só tinha valor porque pintar o corpo nu era um negócio

intensamente sério. Maggy, postada ali resoluto, como Joana d'Arc na fogueira; tornou—se imediata e furiosamente erótica. Quando ele percebeu que ela o excitara, ficou zangado, em autodefesa.

— Que diabo você acha que isso é... o Folies Bergère? Desde quando uma modelo posa de calcinhas e sapatos? Hem?

Ele fitou Maggy, furioso. Ela tirou os sapatos e começou a desabotoar os botões que prendiam as calcinhas, na cintura. Uma lágrima de humilhação e raiva escorreu de cada olho.

— E agora, o que é? Um striptease? Isso é algum bordel? Acha que é para isso que a contratei? — berrou Mistral. — Basta, não se incomode!

— Não faz mal — murmurou Maggy, a cabeça abaixada. O botão resistiu aos seus dedos e ela lutou com ele.

— Fora! — ordenou Mistral. — Já disse que basta. Não posso pintar uma modelo que fica encabulada. Você é absurda, ridícula! Nunca devia ter vindo. Desperdiçou o meu tempo, diabos. Fora!

Ele fez um gesto tão raivoso como poderia ter feito para expulsar um gato que tivesse passado por cima de uma tela recém pintada, mandando— a correndo de volta ao quarto de dormir, o quimono embrulhado em volta do corpo, como uma manta.

— Idiota, idiota, idiota! — Maggy se amaldiçoava enquanto fugia, toda vestida, do estúdio de Mistral. Ela não ousara olhar de novo para ele antes de sair, mas, se tivesse olhado, o teria visto de pé junto da cadeira da janela, a imagem do corpo nu de Maggy gravado em sua mente, contra sua vontade.

Capítulo 3

Tremendo e furiosa consigo mesma, Maggy fugiu na direção dos Jardins do Luxemburgo e quase caiu no primeiro banco vazio que encontrou, sem dar atenção ao mundo barulhento das crianças brincando. No período da última meia hora, o sonho que a dominara durante quatro anos se transformara num tal sofrimento de fracasso que ela se abraçou protetoramente e baixou a cabeça, envergonhada.

Uma jovem mãe sentou—se ao lado de Maggy e se ocupou com seu bebê. Seus sentimentos de importância e orgulho se transmitiram a Maggy, mesmo no meio de suas emoções. Ela levantou a cabeça e olhou em volta, para um mundo pintalgado, em que os velhos tomavam sol enquanto os novinhos corriam, atentos a suas brincadeiras. Seu coração começou a se reanimar quando um menininho correu em sua direção e pôs uma bola de borracha grande no seu colo. Ela abriu os braços e rolou a bola pelo caminho, para ele. Ele a trouxe de volta, com a mesma esperança de um cachorro trazendo um pedaço de pau, e em breve ela se viu no centro de um grupo de crianças, atraídas pela novidade de um adulto condescendendo em brincar com eles, tão diferente de suas próprias mães, cujas palavras eram

uma ladainha da infância francesa: "Não peque; cumprimente direitinho; não se suje; não corra demais; tire isso da boca."

Maggy brincou durante uma hora, fugindo para um mundo de brincadeiras simples que tinham o sabor de seus primeiros anos de colégio, quando ela fora um capeta, uma garota levada, com um leque de cabelos rebeldes que voavam ao vento como as asas de um grande pássaro, a única menina no colégio que sabia jogar pedras melhor do que qualquer dos meninos, pegar qualquer bola, trepar em qualquer muro.

Logo depois que a última criança foi levada para casa, para almoçar, Maggy também saiu do parque. A fome a levou de volta ao Carrefour Vavin, mas todos os restaurantes por onde passou estavam cheios. Passava pouco do meio—dia e nas calçadas do Dome e do Rotonde não havia uma cadeira vazia. Os garçons corriam de um lado para outro, colocando cadeiras e mesas extras, mas rifo havia lugar onde os não iniciados se pudessem sentar, já que ninguém era tolo de deixar um lugar da primeira fila do teatro mais empolgante do mundo.

Maggy parou junto de um vendedor ambulante e comprou um cravo vermelho, que pregou na blusa. Seu ânimo voltou de repente e ela se virou para o Select, de cabeça erguida, na esperança de que esse café menor tivesse lugar para ela, lá dentro. Junto da porta, fez um zigzague para evitar o aglomerado de homens de pé diante do bar comprido e descobriu uma mesinha vazia no canto extremo da sala, junto da janela grande, com cortinas, um lugar abrigado e discreto.

Economicamente, pediu apenas um sanduíche de queijo e uma limonada e ficou olhando para o mundo de gente barulhenta, desordeira, displicente, vestida de modo bizarro e apinhando—se atrás das mesinhas de madeira do bar como se todos pretendessem passar o dia ali. O som de conversas rouquenhãs e altas, inchando como um rio na primavera, se avolumava em tomo de Maggy. A medida que o local se enchia de fumaça, ela percebeu frases em francês, falado em uma dúzia de sotaques diversos, pois aquela era a época em que os artistas estrangeiros dominavam Montpamasse, os dias de Picasso, Chagall, Soutine, Zadlne e Kisling, os anos de Chirico, Brancusi e Mondrian, de Diego Rivera e Fojita. Os pintores franceses, como Léger e Matisse, eram a minoria, enquanto os norte—americanos, alemães, escandinavos e russos acorriam ao quartier.

Feliz em seu anonimato, sentindo—se invisível porque não conhecia ninguém, Maggy nem notou os olhares interessados que lhe eram dirigidos. Ali, enfim, estava a cena exótica que ela esperara encontrar. Era essa a vida de que falara Constantine Moreau, seu professor de arte no ginásio. Pintor fracassado, ele enchera as mentes dos alunos com histórias fantásticas da vida cultural de Montpamasse, enchendo as cabeças deles com histórias meio verdadeiras de festas a que ele nunca fora convidado e brigas em que nunca estivera metido. O que lhe faltava em capacidade letiva, ele compensava com sua paixão pela vida artística, no triste exílio que ele transmitia, ao pintar vivamente o drama tempestuoso e violentamente pigmentado de uma Paris da qual ele tanto ansiava, em vão, fazer parte. Foi

Moreau quem deu à imaginação de Maggy o lar que ela procurava, quem fez de uma vida boêmia em Montparnasse sua fantasia onipresente, quem lhe garantiu que o próprio Renoir teria desejado pintá-la, mesmo ela sendo mais alta do que a maioria das outras mulheres do mundo. Quase boquiaberta de assombro, ela olhava para o desfile de excentricidade forçada dentro do Select. O paraíso deve ser assim, pensou ela. Se ela ao menos fizesse parte daquilo!

— Bem, pequena, então você é a novata, não? Deixe que eu lhe ofereça uma bebida.

Maggy virou-se, sobressaltada. Nem tinha notado uma mulher sentada à mesa ao lado, que a examinava atentamente, desde o laranja violento dos cabelos à audácia notável, e quase igualmente violenta, de suas feições.

— Bem, é ou não é? — perguntou a mulher.

— Ah, sou nova aqui, sim — disse Maggy, assustada, olhando para a estranha. Ela devia ter mais de 40 anos, pensou Maggy, mas ainda possuía uma beleza tão rosada, embora fosse mais do que gorducha, como uma das moças viçosas pintadas por Fragonard que tivesse chegado à meia-idade e engordado.

— Eu sou Paula Deslandes — declarou a mulher, com um ar importante. — E você?

— Maggy Lunel.

— Maggy Lunel — repetiu ela devagar, como se provasse o nome. Seus olhos míopes, com o tom castanho de um charuto caro, olharam atentamente I para Maggy. — Não é mau. Tem um certo encanto, um certo arrojo, brio... talvez sirva. Em todo caso, tem as duas sílabas essenciais e como não há outra Maggy trabalhando no quartier, que eu saiba, e eu sei de tudo que há para saber. Aprovo em essência, pelo menos no momento.

— Que sorte para mim. E se eu não merecesse a sua aprovação?

— Tens, bens! Ela senta e late. — O sorriso de Paula, que tinha o poder de dissipar qualquer desânimo, aumentou. — Você é atrevida, para uma provinciana.

— Uma provinciana! — explodiu Maggy. — É a segunda vez em um dia. Ah, mas é demais!

Embora ela nunca tivesse conhecido outro parisiense além de Moreau, sabia que o provinciano é assunto de troça constante e superior, para qualquer pessoa que tenha a sorte suprema de ter nascido em Paris.

— Mas isso salta aos olhos, minha pombinha — disse Paula, sem se desculpar. — Não importa. Cerca de 90% das pessoas do quartier são provincianas. Mas eu... eu sou a exceção.

Ela possuía um imenso orgulho de si, essa filha das ruas de Montparnasse, uma "for da calçada", como ela gostava de dizer com um suspiro romântico, filha de um fabricante de molduras que nascera e se criara a poucas centenas de metros do Carrefour Vavin. Tudo o que Paula Deslandes conhecia, ou queria conhecer, sobre a natureza estava encerrado dentro dos muros dos Jardins do Luxemburgo e tudo o que sabia da humanidade — e ela era imbuída do assunto como uma cereja no fundo de

uma garrafa de conhaque velho — ela aprendera durante os milhares de horas que passara posando nos estúdios de pintores ou sentada num café. Paula representava, com sua forma redonda, farta e roliça, a personificação da paixão da conversa fiada, conversa infinita, que estava tão profundamente fincada na vida artística de Montparnasse.

O encontro com Maggy colocou Paula na mais alta categoria dos três únicos estados de espírito a que ela se permitia. Ela tomava a sua temperatura emocional todas as manhãs e nunca reconhecia um estado de espírito que não fosse bom, melhor ou magnífico. Magnífico, havia muito, estava reservado para um acréscimo à sua lista de amantes — sempre houve e sempre haveria homens que apreciam uma mulher que encarna esse clássico trio de prazeres; bela, gorda e quarentona. Recentemente, ela descobrira que saber de uma notícia nova antes de qualquer outra pessoa do quartier tinha a propriedade de colocá-la num estado de espírito que merecia a designação de magnífico; e seu encontro com Maggy prometia um banquete de novidade.

As segundas-feiras, dia em que estava fechado o restaurante dela, La Pomme d'Or, Paula se regalava com uma volta por sua aldeia de Montparnasse, tendo as muitas meadas de conversas e mexericos que ela fora sabendo durante a semana de atividades. Todas as noites ela presidia aos jantares dos artistas e colecionadores de objetos de arte do mundo inteiro, que tinham tornado o seu restaurante tão lucrativo. Paula Deslandes era uma historiadora natural, sem instrução, que sabia facilmente juntar informações esparsas de modo a formarem uma trama social coerente.

— Bem, então, Maggy Lunel... então as coisas não deram muito certo hoje com Mistral, hem?

— Oh! — exclamou Maggy. — Como pode saber alguma coisa sobre isso? Nunca me viu na vida!

— As notícias se espalham rápido, nesse cantinho de Paris — respondeu Paula, satisfeita.

— Mas... quem lhe contou?

— Vava. Ele foi ver Mistral logo depois que aquele grande sacana pôs você para fora, coitadinha. E, sendo como é, Vava naturalmente não perdeu

tempo em espalhar a história. Ele parece uma velha, é o que digo sempre. — Ah, não!

Maggy martelou sua saia nova com os dois punhos, castigando seus joelhos rosados e ousados. Ela se sentiu mergulhada no seu rubor, outra vez intoleravelmente envergonhada, novamente exibida como uma pudica infantil da roça.

— Isso não tem importância — apressou-se Paula em dizer. — Você não deve levar isso a sério... todo mundo tem de começar em algum lugar.

Mas Maggy não estava mais prestando atenção. Duas mulheres e três homens tinham acabado de se apossar complacetemente de uma mesa no centro da sala. Uma das mulheres era Kiki de Montparnasse, que a fitou descaradamente, cutucou os amigos e apontou para Maggy e Paula. Seus

acompanhantes fitaram Maggy e levantaram os chapéus com uma cortesia satírica, enquanto as mulheres davam risadas.

— Aquela ali, de novo! Era só o que faltava! — murmurou Maggy, com raiva.

— O que é que a Kiki tem a ver com você? — indagou Paula.

— Ela me insultou hoje de manhã, quando passou por mim nas ruas.

— Ah, foi mesmo? — murmurou Paula.

— Não acho graça nenhuma — disse Maggy, não gostando do tom pensativo de Paula.

— Nem eu, eu lhe asseguro. Acho isso fascinante. . . aquela vaca é condescendente demais para se dar ao trabalho de insultar qualquer uma. Nesse caso, ela já reparou em você... bem, tenho de reconhecer que ela tem bom olho.

— Então você também a conhece?

— Conheço, sim. Vamos sair daqui. De repente esse café ficou fedorento. Vou—lhe convidar para um almoço de verdade. Venha... ontem à noite ganhei 300 francos no pôquer de Zborowski e Deus sabe que esse marchand pode perder isso. Pare de olhar para aquela vagabunda e seu rebotalho. Faça de conta que elas não existem. Vamos comer um chachlik no Dominique. Que tal?

— Chachlik? O que é isso? Uma coisa que se coma, espero... estou morrendo de fome... estou sempre com fome.

Maggy se levantou depressa, louca para ir embora, desdobrando—se em toda a sua altura de 1,75m. Paula apertou os olhos, ao olhar para cima.

— Meu Deus, quanto vai custar para encher você? Não faz mal, venha, lá deve estar cheio, mas eles nos arranjam um lugar.

Paula conduziu Maggy para fora do Select com a eficiência de um cão terrier, sem nem olhar para a mesa dos amigos de Kiki, que ficaram olhando as com malícia até chegarem à porta.

Dobrando a esquina, seguindo pela Rue Bréa, as duas entraram por uma porta que parecia levar a uma charcuterie. Mais além das vitrinas, cheias de horsd'œuvres russos, havia uma salinha de teto baixo e paredes vermelhas, com balcões de mármore e bancos altos.

Depois de se empoleirarem diante de um balcão e jaula ter pedido para ambas, ela voltou a suas perguntas.

— Conte tudo sobre você. E direitinho. Vou saber se omitiu alguma coisa.

Maggy hesitou, sem saber por onde começar. Ninguém, em seus 17 anos, lhe fizera essa pergunta. Em Tours, onde ela morara a vida toda, todo mundo sabia de tudo o que havia a saber sobre ela. Deveria embelezar os fatos? Alguma coisa nos olhos de Paula a levou a contar a verdade. Eram olhos infinitamente sábios, no entanto infinitamente bondosos, e Maggy precisava mais de alguém com quem desabafar do que propriamente de comida. Ela respirou fundo para tomar coragem e mergulhou, para acabar de contar a pior parte o mais depressa possível.

— A coisa mais importante a meu respeito sempre foi o fato de meu pai ter morrido uma semana antes do dia em que devia casar com minha mãe...

de varíola. Se ele vivesse, eu teria sido apenas mais uma filha prematura, mas, como foi... sou ilegítima.

— Evidentemente... mas essas coisas acontecem, mesmo nas melhores famílias.

— Mas não em respeitáveis famílias judias. Nunca acontecem. Sou a única bastarda em toda a comunidade judia de Tours e sempre fizeram questão de frisar isso.

— Então, por que é que sua mãe não saiu de Tours e foi morar em outro lugar, fingindo ser viúva, como tantas mulheres?

— Ela morreu quando nasci. Tia Esther sempre disse que ela morreu só para fugir do escândalo que caiu sobre ela.

— Encantador! Tanta compreensão! Foi essa tia agradável quem criou você?

— Não, vivi com minha avó até quatro meses atrás, quando ela morreu.

Maggy pensou com tristeza na velhinha suave que a criara com tanto carinho, na sua casinha, que ficara feliz com os sorrisos de Maggy, e cujo amor incondicional tomara Maggy valente, que sempre resistira à convicção irracional da Tia Esther de que, de algum modo, Maggy devia pagar pela vergonha de seu nascimento.

— Foi minha avó Cécile, mãe de minha mãe, quem me deu o nome de Magali. Ela sempre me chamava assim, embora todos me chamassem de Maggy, pois era um dos nomes de família de que ela mais gostava. Os Lunels foram da Provença para Tours depois da Revolução, e em provençal Magali significa "Marguerite".

— Então, no final das contas, você é do sul?

— Sim. E pelo lado de meu pai, também. O nome dele era David Astruc. Astruc significa "nascido sob uma boa estrela", em provençal... mas não para ele! Minha avó me contava histórias de minha família para me animar, quando os outros guris me chamavam de bastarda. Dizia que, embora os meus pais tivessem errado, eles eram de uma das mais antigas famílias judias da França... de muitas centenas de anos antes das Cruzadas... e que eu sempre devia me lembrar disso com orgulho.

Maggy fez um gesto com os braços compridos, num arabesco ardente, animada com as recordações das histórias que a avó tinha contado da vida em cidades com nomes melodiosos: Nimes, Cavaillon, Avignon.

— Mas o que aconteceu, depois que ela morreu? — perguntou Paula, comovida com o senão quase infantil de Maggy pela grandeza desaparecida.

— Ah, é por isso que estou aqui, por isso que tive de partir de Tours para nunca mais voltar. Minha tia não podia esperar para se ver livre de mim. Não acabou o enterro, começou a caça a um marido para mim. Não em Tours, claro... lá eu sempre seria a bastarda dos Lunels. . . mas em outras cidades. Por fim, ela encontrou uma família em Lille. Tinham um filho tão feio que não conseguiam encontrar uma garota nem para sair com ele, quanto mais casar... e combinaram o casamento!

Furiosa, Maggy afastou os cabelos de suas orelhas elegantemente posicionadas.

— Um casamento de conveniência. Nesses dias de hoje. . . sim, ainda fazem isso. Assim que eu soube, comecei a fazer meus planos.

Enquanto ela parava para comer o chachlik, lembrou—se do dia em que sua rebelião se transformara de um sonho inconseqüente em um ato necessário. O casamento proposto fez com que a idéia de fugir para Paris saísse do reino da fantasia. No decorrer dos anos, ela economizara 500 francos dos presentinhos da avó, gastando 300 nas lojas de departamentos da Rue Bordeaux, comprando uma mala barata e algumas roupas prontas. Sua única extravagância foram as meias de seda, três pares; mas como poderia enfrentar Paris com meias de algodão pretas?

— Então — Paula interrompeu seus pensamentos — em resumo, você é uma bela e virgem judia órfã.

Maggy riu—se diante dessa interpretação, num tom alto e alegre, mostrando o brilho de seus dentes perfeitos, os olhos amarelo esverdeados luzindo como o alvo de uma caça ao tesouro, na luz fraca do restaurante.

— Ninguém me qualificou exatamente assim antes e já me chamaram de muita coisa. Minha avó me mandava falar com o rabino de nossa cidade, o Rabino Taradash, para ele ralhar bem comigo, pois sabia que ela nunca poderia fazê—lo de modo convincente. E eu ia ter com ele para levar um sermão pelo menos uma vez por mês... assim ele variava, dizia ele, da preparação dos meninos para o bar mitzvah... e ele ficava tão envolvido na lógica de minhas explicações que, no final, apenas me fazia prometer que eu não ia mais fazer as coisas e ,eu não fazia mesmo. Fazia alguma coisa pior. Mas "bela"... não, só a minha pobre avó me chamava assim. Nem de "virgem", tampouco.

— Então, você é virgem?

— Claro que sou! — Maggy pareceu ficar sobressaltada. Ela passara a vida toda metida em encrencas por andar com uma porção de garotos levados, mas eram só companheiros, parceiros de travessuras.

— Melhor assim — disse Paula. — Pelo menos, por enquanto. Você ainda tem tudo pela frente e é o melhor meio de se começar, em Paris.

Paula já vira gerações de garotas de Montparnasse aparecerem e desaparecerem. Ela as vira partir em Bugattis, com milionários, para nunca mais voltar; e as vira morrer em uma semana de algum tipo violento de sífilis; vira as que se casavam com pintores e passavam a ser orgulhosas donas de casa e, mais freqüentemente, vira as que se casavam com pintores e se transformavam em megeras. Achava que nunca tinha visto uma garota que promettesse tanto quanto Maggy Lunel. Aquela moça, pensou ela, refletindo, era uma pessoa inevitável.

— Bem, é isso aí, é só isso sobre mim. Só que comecei da pior maneira possível.

Nem mesmo a barriga cheia, nem mesmo a novidade de uma ouvinte interessada como Paula, fizeram Maggy se esquecer de sua experiência com o pintor que ela sabia se chamar Mistral.

— Escute aqui, pequenina. Você tem de tirar da cabeça Mistral e o seu comportamento execrável. Vadim me diz que ele é um gênio, mas se for

verdade eu me pergunto, por que é que não vende seus quadros? Que tipo de gênio pode ser, se não tem dinheiro para poder comer no meu restaurante?

Evidentemente, era essa a medida de Paula para avaliar o sucesso do mundo.

— Aquela mulher, Kiki de Montparnasse, ela come no seu restaurante? — indagou Maggy, curiosa.

— Ela não ousaria pisar lá, aquela trouxa de ossos e pretensão com cara de bolacha. E o nome dela é Alice Prin. "Kild de Montparnasse", francamente! — O rosto de Paula ficou tão severo quanto o permitiam seus traços redondos. — Intitular-se assim, quando nem sequer nasceu em Paris... é revoltante demais.

— Mas me disseram que ela é a rainha das modelos...

— Contaram mentira. Não sabem de nada. Um dia, e não faz tanto tempo assim, eu é que era a rainha das modelos, mas Alice Pain nunca chegou aos pés do que eu era. — Os lábios de Paula se cerraram, numa linha que não perdoa. Ela não podia propriamente explicar à inocente Mau que aquela que se chamava de Kiki tinha roubado não apenas um, mas vários amantes seus e depois, não se contentando com essas vitórias, ainda se gabara disso em todo Montparnasse.

— Por que será que ela me insultou? Nunca lhe fiz coisa alguma.

— Porque ela é tão prosa e cheia de si que tem de zombar de toda mulher que vê. Mas aquele grupinho de adeptos dela não quer dizer nada. Escute aqui, Maggy, você não se parece com ninguém no mundo. Você nasceu para ser pintada.

— Nasci?

Maggy parou. As palavras de Paula, ditas com tanta autoridade, foram tão inesperadas que lhe roubaram a fala.

— Nasceu, sim, como um beija-flor nasce para procurar o néctar, como uma abelha nasce para picar, como a galinha nasce para ser assada. Mas esse negócio de se oferecer na rua, na *foire aux modeles*, isso, está de cogitação para você, entendeu? Vou-lhe apresentar aos pintores que podem pagar mais de 15 francos para uma pose de três horas... são, todos Meus amigos. Por falar nisso, Mistral lhe pagou alguma coisa? Não, claro que não... isso não me espanta. Mas, de agora em diante, você só trabalha ~ os maiores. Claro, primeiro vai ter de aprender algumas coisinhas, mas nada que eu não lhe possa ensinar. É tudo uma questão de se resolver a tirar as calcinhas... afinal, qual a grande dificuldade nisso? Sabe, é ofício do pintor saber como são feitas as mulheres. Pode pensar o que quiser, mas eles precisam de nós muito mais do que nós precisamos deles.

— É mesmo? — O tom de Maggy demonstrava o seu espanto.

— É mesmo. Imagine só, Maggy. Há 500 anos, desde o fim do Período das Trevas, que os pintores vêm correndo atrás dessa coisa comum, o corpo de uma mulher nua. Não há nada que exija mais a força do artista, nada que revele sua fraqueza tão depressa. Dê-me um homem que não sabe pintar uma mulher nua e eu lhe mostro um homem que não sabe pintar, de

verdade.

— Constantine Moreau nunca nos disse isso. Só disse... que, bem, que Renoir teria desejado me pintar.

— Talvez esse Moreau apenas quisesse conservar o emprego dele. O que é que vocês colegas teriam repetido em casa, eu me pergunto? Bem, que tal? Pretendo lançar você! E não é só pela bondade do meu coração, sabe? Quero que você vença aquela puta, aquela insuportável e intolerável Alice Prin, que tem a audácia de achar que, porque perdi a minha juventude, porque talvez eu tenha engordado um ou dois quilos, que ela tomou o meu lugar. Meu! Ela não sabe ver o futuro, mas eu sei, e um dia ela também vai perder a mocidade... como você também, minha pombinha de 17 anos... até você. Então, Maggy antes que a moça pudesse responder, Paula levantou a mão, em advertência.

— Tem certeza de que está disposta? Não quero perder o meu tempo, se não estiver. É um trabalho maçante, você há de estar sempre com muito frio ou muito calor e, acima de tudo, é bem mais difícil do que se pensa conseguir manter uma pose. Você pode querer chorar de dor, mas nunca deve deixar que o pintor o saiba. Quando terminar a meia hora, aí, e só então, é que você pode se mexer. E dez minutos depois, de volta ao trabalho. Assim. Vamos fazer Alice Prin lamentar o dia em que insultou você? Vamos atacar?

— Ah, sim... sim, por favor!

Maggy derrubou seu copo de chá, com seu gesto instantâneo de aceitação impaciente. De repente o velho sonho estava novamente ao seu alcance, mais precioso ainda diante do fiasco da manhã, de repente ela achou que bastava estender a mão para abraçar Paris. Que importava, afinal, que Renoir tivesse morrido?

Capítulo 4

— Escute aqui, Maggy Lunel — disse Paula, severa. — Um avo usa saias?

— Não os que eu conheço — respondeu Maggy, revirando os olhos, sem respeito. Em menos de uma semana, ela aprendera a gostar de Paula — e ela implicava com as pessoas de quem gostava.

— Não cometa o engano de não me levar a sério, menina! Você tem de imaginar, com toda a força que tiver, que o seu corpo é uma cesta de ovos, ovos de várias cores e tamanhos, os seus seios os ovos de um avestruz, seus pêlos púbicos o ovo pintalgado de uma gaivota, os bicos dos seios os ovos de um pardal subnutrido. Um ovo nu é a coisa mais natural do mundo. É tão básico, tão completo que nem Brillat Savarin jamais sugeriu que se enfeitasse uma casca de ovo.

— E os ovos de Páscoa russos? — protestou Maggy, porém, mais cedo do que imaginara ser possível, ela aprendeu a ficar realmente despreocupada ao expor seu corpo aos olhos dos pintores que começaram a dar—lhe

trabalho, como proteger de Paula, e logo se empenharam numa concorrência cerrada pelo tempo dela. Maggy aprendeu, ao sentir que um rubor ia traí-la, a esconder o rosto com os cabelos, durante os poucos segundos que levava para recapturar a imagem do ovo, mas em algumas semanas ela estava passando com facilidade de pose em pose, seu corpo apenas um objeto.

Pascin pintou—a com rosas no colo, um ícone de autoridade sensual; Chagall a retratou como noiva, voando assombrada por um céu roxo; Picasso pintou—a vezes e mais vezes em seu estilo neoclássico monumental e ela se tomou a odalisca preferida de Matisse.

— Você, *popotte* — disse—lhe ela — é O meu favorito. Não pelos seus belos olhos, mas pelo seu tapete oriental. Aqui, afinal, posso me sentar... é como uma semana de férias.

No dia seguinte ao em que conheceu Paula, Mamar se mudou do hotel onde estava para um quarto cora uma lareira, uma pia e bidê, no alto do prédio vizinho ao Pomme d'Or, restaurante de Paula. Custava 85 francos por mês, e o único móvel era uma cama grande, enfeitada de dourado. Maggy comprou roupa de cama nova. Paula lhe deu uma poltrona, ela escolheu uma mesa usada e um anuário velho numa loja de segunda mão, e, depois, de ter instalado tudo isso, não sobrou mais espaço a não ser um para um espelho acima da pia. Quando Maggy olhou da janela para as mansardas e chaminés dos telhados cinza esbranquiçados de Montparnasse, destacando—se contra os céus sempre mutáveis de Paris, não desejou nenhuma outra vista no mundo.

O prédio em que ela morava possuía aquela mais rara das criaturas, uma concierge bem—humorada e feliz. Madame Poulard ficava em sua loje escura, trabalhando o dia todo em sua máquina de costura Singer, dedos para cima, calcanhar para baixo, dedos para cima, calcanhar para baixo, a petite coutunère da vizinhança. Não tendo filhos, ela adotava todas as garotas para quem costurava, estudando *Le Journal des Modes* com Maggy em busca de modelos para copiar, pois as duas saias e duas blusas prontas que Maggy trouxera de' Tours não eram nada apropriadas para sua nova vida.

Em outubro de 1925, Maggy se firmara como a única rival de Kiki e embora Kiki ainda fosse "de" Montparnasse, Paula se vangloriava com o fato de que Maggy não precisava desse qualificativo depois do nome.

Era simplesmente como Maggy, a única Maggy, sempre com um cravo fresco na lapela, que ela andava de táxi, ocupada demais para ir a pé de um compromisso a outro; era como Maggy que ela dançava a noite toda no Le Jockey e no La Jungle, ao som de um tango ou um shimmy; era como Maggy que ela se movia à melodia insinuante do beguine no La Bal Nègre, onde ela se sentia tão estrangeira naquele mundo de dançarinos nascidos na Martinica e em Guadalupe, quanto se sentiam Cocteau e Scott Fitzgerald, que também dançavam lá.

Maggy foi convidada às lutas de boxe no arqué d'Hiver, sendo acompanhada por um grupo de admiradores para protegê-la do povo

rude; e foi muitas vezes às corridas de obstáculos em Auteuil, dando vivas quando seu cavalo saltava todos os obstáculos e depois gastando todos os lucros em champanha para os amigos. Ela nunca ia às corridas sem um palpite para um cavalo e raramente perdia, porque os palpites eram excelentes, dados em troca de um sorriso e um abraço repentino de seus braços fortes e esguios.

Quando Maggy chegava ao La Rotonde ou ao La Coupole, havia sempre uma cadeira para ela, enquanto se sentava primeiro numa e depois noutra mesa de seus copias. Montparnasse agora já parecia com sua própria aldeia e naquele outono ela comemorou seus 18 anos com uma festa no quarto. Maggy decorou o bidê, enchendo—o com ramos de cravos vermelhos, encheu a única mesa com garrafas de vinho e convidou 100 pessoas. Todos foram levando amigos, que ficaram bebendo e cantando nas escadas, até que afinal chegou a polícia.

De vez em quando ela passava uma noite sozinha em casa, em cima da colcha, olhando o céu da janela e procurando organizar mentalmente todas as coisas novas que tinha visto, todas as pessoas novas que conhecera. O Rabino Taradash teria reprovado muito, sorriu Maggy, se soubesse como ela estava ganhando a vida, aliás, ele nem acreditaria que fosse possível, mas ela achava que ele ainda a chamaria, como antes, de "minha pequena mazik", palavra hebraica usada para descrever uma criança querida que também é travessa e esperta.

Ela não tinha saudades de casa, embora ainda chorasse a avó, especialmente nas noites de sexta—feira, quando, na véspera do Sabá, a paz e alegria enchem a pequena casa, iluminada pelas duas velas sobre a mesa de jantar e a bênção da luz e do vinho. Nenhum dos Lunels tinham sido judeus especialmente praticantes ou piedosos, no entanto essa cerimônia semanal era reconfortante para Maggy e todo ano ela esperava ansiosa para poder acender mais uma vela no belo menorah (candelabro) de Chanukah da avó, dia a dia, até que todas as velas ardessem docemente em memória das chamas que um dia tinham ardido no Templo de Jerusalém durante oito dias, com apenas óleo para um dia. Agora tudo aquilo pertencia a uma vida que ela deixara para trás. Certamente, pensou ela, não sentia falta do seder da família, na véspera da Páscoa dos judeus, que sempre se realizava em casa de Tia Esther. De algum modo, os parentes reunidos de Maggy nunca deixavam de fazê—la lembrar—se de sua situação vergonhosa; todo ano ela tomava a sentir que sua própria existência era uma mancha no bom nome da família... não, pensou ela positivamente, não, eu não poderia ter suportado aquela vida nem mais um minuto e agora posso esquecê—la para sempre.

Maggy precisava dessas horas sossegadas de reflexão para equilibrar as muitas noites de dança, em que ela fugia da imobilidade de suas horas de posar, para a corrida integral para o prazer, cada vez mais prazer, nunca prazer bastante, que tomava Montparnasse o centro de tudo o que era louco, alegre e dissipado em Paris.

Como Paula nunca deixava de lhe mostrar, havia um aspecto tenebroso

na vida em Montpamasse, um mundo em que a bebida e os tóxicos eram uma constante. Mas mesmo sem suas advertências, Maggy teria dançado imune no meio da festa interminável das noites de Montpamasse. Teria sido apoiada por aquele véu que ardia tão rubro, iluminado pelas dúzias de boates e bares que atraíam toda Paris a suas luzes. Ela ainda era protegida por uma inocência essencial e intocável, legado de 17 anos em casa da avó.

Maggy muitas vezes dançava descalça, não só por ser mais confortável, mas também porque — ela era mais alta do que muitos de seus pares. Ela continuava a se recusar a cortar os cabelos. Antes de sair de noite, com um dos vestidos chemisier sem mangas e decotados, que Madame Poulard fazia de retalhos de fazenda que Maggy encontrava em liquidações no Le Bon Marché, ela repartia os cabelos ao meio e os enrolava sobre as orelhas, ou enrolava um lenço com lantejoulas na cabeça, amarrando—o de um lado e deixando cair sobre um ombro. Porém por mais que fizesse para imitar os penteados da época, depois de meia hora na pista de dança Maggy via que o lenço tinha caído, ou que as mechas apertadas do cabelo tinham—se soltado e sua cabeleira balançava de um lado para outro, como se estivesse galopando em campo aberto.

Não era apenas capricho que a levava a não adotar um penteado mais na moda; os pintores para quem posava preferiam os cabelos compridos, chegando a pagar mais alguns francos por causa dele. O prazer do artista numa mulher se baseia em sua carne em todas as suas manifestações, desde as unhas dos pés à coroa da cabeça, e, unanimemente, eles detestavam a moda que decretava que os cabelos das mulheres deviam ser cortados e lisos. No entanto, como a maior parte das outras mulheres do mundo ocidental, Maggy tinha adotado as linhas de roupas impostas pela moda, a cintura mal delineada nas cadeiras, os seios achatados. O espirituoso pintor Marie Laurencin protestou, dizendo que a mulher não era um pau, mas Chanel, Patou e Molyneux decretaram que ela devia procurar parecer com isso o mais possível e, dentro de seus recursos limitados, Maggy procurava acompanhar a moda.

— Não precisa se fazer de tão importante — disse ela animada a Picasso, ao ver como ele tinha distorcido o corpo dela em suas pinturas. — A idéia não é só sua, chouchou, pois nós mulheres também sabemos reinventar a anatomia. Notou o meu vestido novo, hem? E não se esqueça, eles pertencem exclusivamente a nós, esses seios, coxas e todas as outras partes com que vocês brincam. *Não tocar!*

Para o trabalho ela comprara um roupão de seda verde maçã e, durante seus minutos de descanso, muitas vezes se embrulhava nele e andava pelo estúdio do pintor, examinando a tela inacabada como uma garça.

— Então, é assim que lhe pareço, é? Bom, posso não ter um espelho grande no meu quarto, mas basta olhar para baixo para ver que os dois bicos de meus seios são da mesma cor. Não vê que fez um parecer uma framboesa e o outro um morango fora da estação? E os meus olhos... têm mesmo tantas formas diferentes? Já ouvi dizer que os esquimós têm 25 palavras diferentes para a neve... você então é da escola dos esquimós? No entanto, pode ser

que tenha algum talento. Quem sabe? Eu certamente não sou entendida.

Sobre os seus pintores, "fines popottes", Maggy despejava seu sarcasmo, sua generosidade e sua petulância incurável. A Paula ela dedicou um amor sólido, sem qualquer capricho, e que muito agradava à mulher mais velha. Ela considerava todos os triunfos de Maggy como se fosse seus e, vez por outra, quando as duas jantavam cedo na cozinha do La Pomme d'Or, Paula notava que a moça ainda não tinha encontrado um homem. Isso estava claro pelo seu apetite monstruoso, o apetite de quem nunca tivera um dia de sofrimento por amor. Havia tempo, pensou ela, aprovando.

Enquanto Maggy conquistava Montparnasse, Julien Mistral se viu frente a uma crise financeira. Durante anos, ele fizera durar com cuidado o modesto patrimônio que herdara por ocasião da morte da mãe, quase três anos antes, mas agora ele se deu conta, com um choque, de que estava quase acabado. No entanto, era impossível uma economia rigorosa no caso de um pintor que usava tinta e tela tão prodigamente quanto ele.

Ele sempre comprara em tal profusão que convencera Lucien Lefebvre, dono de Lefebvre Foinet, a loja de material de pintura na Rue Bréa, a lhe conceder um pequeno desconto. Havia tintas mais baratas, claro, mas só Lefebvre moía as suas tintas a mão e as misturava com óleo de semente de papoula, em vez de óleo de linhaça comum, de modo que tinham cheiro de mel e possuíam, Mistral estava convencido, uma riqueza de tom que as outras tintas não tinham. Mas mesmo com o desconto, ele estava com uma conta considerável a pagar. Mas limitar—se? Impossível!

Moderação, economia, controle de recursos, viver dentro de seus meios; todas essas virtudes Mistral praticava em sua vida diária, só bebendo um pouco de vinho tinto barato nos cafés e não pagando quase nada pelo aluguel e alimentação. As mulheres não eram despesa, pensou ele, ao se aprontar para sair na noite do baile a fantasia surrealista, ao qual fora convidado por uma moça americana, Kate Browning. Repletas em sua vida como carrapicho em cachorro, nenhuma jamais lhe custara um centimo.

Mistral espreguiçou—se e quase bateu com a cabeça no teto do quarto. Resolveu não se dar ao trabalho de fazer a barba nem pentear os cabelos ruivos emaranhados, pois sua única concessão à necessidade de uma fantasia: era um chapéu preto de abas largas, à moda antiga, que ele comprara numa loja de roupas de segunda mão. Não estava mais disposto a incomodar—se com os surrealistas, cuja definição da beleza, "o encontro casual de uma máquina de costura e um guarda—chuva numa mesa de dissecação", para ele era uma abominação.

Todos os "ismos" lhe eram igualmente odiosos e nesse grupo ele incluía os partidos políticos de todo tipo, todos os grupos religiosos, e qualquer pessoa que acreditasse em algum sistema de moral claramente formulado. A arte, não tinha nada a ver com palavras como moralidade ou imoralidade, estava acima da moral, acima de definições de beleza. Por que, ele se perguntava muitas vezes, as pessoas se atrapalhavam, envolvendo—se em idéias, em vez de se meterem com tintas?

No entanto, estava disposto a perder tempo e ir ao baile. Kate Browning poderia comprar outro quadro, em breve, pensou ele, e Deus sabia que ele podia usar o dinheiro. Ela não era feia, a seu jeito arrumado e severo, quase asceticamente bonitinha, loura e obviamente norte-americana. Nos últimos meses ele lhe vendera duas telas pequenas, o que a tornava ainda mais atraente para ele do que ela merecia, talvez — ele preferia um tipo menos austero.

Em todo caso, ele não ia economizar, nem poderia fazê-lo, com seu material. Mistral saiu depressa, fazendo uma bola da conta de Lefebvre-Foinet e jogando—a no jardim do vizinho. Não havia nenhum artista tão sério nem tão ocupado que não fosse a bailes a fantasia, nem mesmo Julien Mistral.

Houve mais bailes a fantasia em 1926 do que em 1925? Ou haveria mais em 1927? Ninguém podia ter certeza, durante aqueles belos anos festivos, pois ninguém podia manter a contagem. Cada semana havia outro baile, patrocinado por um grupo diferente. Naquela segunda semana de abril de 1926, os pintores russos já tinham realizado o seu "Bal Banal" e a internacional homossexual tinha realizado o seu "Baldes Lopes" na Cidade Mágica. Quando os surrealistas organizaram o "Bal Sans Raison d'Être", para comemorar coisa alguma e tudo ao mesmo tempo, todos concordaram que não se podia faltar a ele.

Um ano antes, os surrealistas tinham criado um grande escândalo num banquete oferecido na Closerie des lilas, que terminou numa tentativa de linchamento só impedida pela polícia. Livres-pensadores do tipo mais doutrinário, eles tomavam uma forte posição contra o governo, os militares, a igreja e, para completar, contra os negócios também, comprazendo-se com o seu apelido de "Terror do Boulevard Montparnasse Quando dois deles, Miró e Max Ernst, criaram os cenários do Ballet Russe de Diaghilev, dezenas de surrealistas interromperam o espetáculo soprando trompas, fazendo discursos e atacando os espectadores.

Diante de sua reputação empolgante, quem é que, tendo alguma pretensão a uma posição no mundo das artes, das letras ou da moda, poderia ficar em casa, naquela noite?

— Surrealista ou não — declarou Paula, uma semana antes — vou com a roupa que me ficar melhor, como sempre faço.

— Não a Pompadour? De novo! — perguntou Maggy. — Você é impossível... estou farta de suas fantasias e você também devia estar

— Só há um motivo para se ir a um baile a fantasia — disse Paula, serena. — Você vai para exhibir a parte de seu corpo que o acaso de viver nessa época banal a impediu de revelar, em suas roupas de todo dia. Não estou querendo ser espertinha... deixo isso para as que não têm nada de especial para mostrar, que não têm magníficos ombros brancos, meu delicioso par de seios, minha cintura que ainda é fina. Mas... só para variar vou como Du Barry, para mudar um pouco da Pompadour, não?

— Tão pouco, que nem importa. Mais uma vez, as suas saias largas de

tafetá rosa, o corpete apertado de cetim azul, um fichu de rendas, mais rendas nos punhos, sua cabeleira empoada e seu sinal preto... você me envergonha!

— Ah, eu sou sempre subestimada — suspirou Paula. — Em vez do fichu de renda vou usar uma serpente estofada presa no meu ombro direito, passando por baixo de meus seios nus e bem presa no meu ombro esquerdo, de modo que a língua do bicho me lamba a orelha.

— Seios nus?

— Mas claro... pensei que tinha explicado.

— Félicitations! Estou orgulhosa de você.

— É pouca coisa. É só pedir emprestado a serpente e estou preparada. E você?

— Vou de fruteira.

— Que horror! Limões nos cabelos e um vestido como uma maçã? Maggy, isso não é digno de você.

— Espere e verá.

Maggy mexeu o café e abaixou as pálpebras sobre os olhos. As pestanas espessas e retas, escurecidas de rímel, pareciam duas lagartas compridas e espigadas em suas faces.

— Com quem você vai... Alain?

— Alain e três amigos dele... quatro homens, para ser exata.

— Como sempre, há segurança na multidão, não é?

Maggy inflou os lábios e soprou um cabelo imaginário, como fazia quando estava encabulada, hábito infantil, causa de muita implicância no passado. Paula, como sempre, tinha razão.

Montparnasse parecia um jardim zoológico sexual superlotado. Todo tipo, variedade e sortimento de parceria sexual podia ser encontrado lá, às dúzias. Desde o lar doméstico do casal heterossexual, aos casos mais extremados de fetichismo, nenhum aspecto erótico era estranho ou antipático ao 4um?ier. Tudo era possível e permitido.

Nesse ambiente de permissividade ilimitada, e portanto assustadora, Maggy se achara, desde o princípio, mais confortável como espectadora do que como participante. Ela ralhava consigo mesma, com o correr dos meses, maldizendo sua virgindade, de que ninguém, a não ser Paula, desconfiava; mas a despeito de todos os argumentos que ela encontrava a favor de ter um d que continuava virgem, embora seu 189 aniversário já tivesse de todos o seu estado de castidade obstinada e fora de a lludia com seus ares de liberdade, a impertinência hoanens, suas respostas risonhas às importunações deles, sua nudez displicente. Como todos supunham que ela devia ter um amante, o fato de Maggy rejeitar as atenções de todos os homens quando se tomavam sérias, apenas lhe deu a reputação de ser a amante secreta e fiel de algum afortunado.

Alain e seus amigos levaram toda a tarde e parte da noite para criar a fantasia de Maggy, que era um trompe l'oeil. O seio direito foi pintado como um cacho de uvas verde pálido, o esquerdo como um pequeno melão de Carpentras, o tipo que é servido inteiro, com vinho doce na sua cavidade.

Os braços e ombros tomaram—se pencas de bananas, algumas maduras, outras ainda mostrando um toque de verde, e um abacaxi crescia abaixo de seus seios e sobre o umbigo, as folhas pontudas se perdendo em seus pêlos púbicos. Os quadris eram fatias de abóbora e as coxas talos de ruibarbo. Dos joelhos aos pés ela estava emaranhada em videiras pintadas e suas axilas continham maçãs.

O rosto ficou sem pintura, a não ser duas abelhas na testa, os cabelos presos para trás por uma guirlanda de flores. Ela se recusara a ceder aos protestos dos pintores, que insistiam em dizer que a faixa de gaze verde que ela pretendia usar como biquíni improvisado era incompatível com o espírito da ocasião.

Os artistas tinham construído uma fruteira oval, de madeira, de 1,80m, coberta com tinta prateada, onde pretendiam carregar Maggy, à altura dos ombros. Cada um dos homens usou cartazes sobre collants e suéteres pretos. André representava um Brie, Pierre um Camembert inteiro. Henri uma fatia de Roquefort e Alain uma metade de Chèvre... cada pedaço de queijo pintado de modo tão realista que parecia comestível. Os quatro pintores faziam parte de uma escola de pintores realistas e seu conjunto de queijo e frutas pretendia ser um protesto contra os surrealistas e suas distorções.

— Esperem — protestou Maggy, quando fizeram uma tentativa para levantar a fruteira. — Preciso de alguma coisa para as minhas mãos. Posso levar uma flor, ou alguma coisa?

— Não, isso estraga tudo. Fique só com a cabeça pousada num dos cotovelos, deitada absolutamente imóvel. E, pelo amor de Deus, não transpire. Que diabo, Maggy, por que não nos deixou usar óleo, em vez de aquarela?

— Porque não pretendo passar o dia amanhã tomando banho de terebintina — respondeu Maggy. — Assim mesmo, Alain, a tinta prateada está um pouco gosmenta. Não sei se secou bem. Algum rei não pintou os escravos com tinta dourada, uma vez? Acho que morreram disso.

— Conversa, conversa. Em todo caso, só vai sair na sua bunda, se é que vai sair. Agora vamos... o baile já começou há uma hora. Maggy, desça daí e venha a pé conosco. Quando chegarmos à Bullier, montamos esse milagre.

— Deixe pôr meu casaco e sapatos.

— Para quê? Está quente, lá fora — protestou Alain.

— Mas fica a três ruas daqui.

— Não ouse manchar nada — disse Pierre, apreensivo.

— Pensando bem, vou pegar um táxi... de casaco. Encontro vocês lá. — Ah, a burguesinha — zombou André.

Maggy avançou para — o pintorzinho, ameaçadora.

— Quer morrer, mosquito? Estrangulado por duas bananas? Retire o que disse.

— Você não se zangaria, se não fosse verdade — disse ele, fugindo de junto dela.

— Ei, não há tempo para namoros — gritou Alain. — Se chegarmos muito tarde, todo mundo vai estar alto demais para nos notar.. avante!

Todos para as barricadas!

Havia 500 pessoas apinhadas no Bullier, quando Maggy chegou. No meio do povo estavam Darius Milhaud, Satie e Massine. A Condessa de Noailles estava lá, bem como Paul Poiret e Schiaparelli, junto com Picasso, fantasiado de picador. Gromaire tinha vestido o hábito de um jesuíta espanhol, ao qual acrescentara calcinhas de mulher em forma de balão, debruadas com fitinhas de um rosa forte, e Brancusi se fantasiara de príncipe oriental, com contas até os joelhos e um tapete persa nos ombros. Pascin, acompanhado como sempre por seu bando de ciganos submissos, músicos de jazi e garotas bonitas, estava de preto, como sempre.

"Bravos" espantados soaram logo que Maggy apareceu no alto da grande escadaria. Ela fez sua entrada carregada no alto e perfeitamente equilibrada, durante a descida perigosa. Um por um, os músicos avistaram Maggy, no meio da fumaça, e com trombetadas e clangores de todos os instrumentos da orquestra anunciaram sua passagem lenta pelo imenso salão de baile, deitada ali imóvel sobre a fruteira de prata. Por onde ela passava, parte da multidão parava de dançar para se reunir em volta do grupo de realistas, aplaudindo e gritando sua aprovação. Maggy tinha sido pintada com tanta arte que só aos pouquinhos as pessoas foram — se dando conta de que, a não ser um pedacinho de gaze, ela estava inteiramente despida, o que só fez aumentar o rumor da aprovação.

— O que é que é aquilo? — perguntou Kate Browning a Mistral, de seu ponto de observação privilegiado numa das mesas elevadas que contornavam a pista de dança.

— Um manifesto realista — disse ele, dando de ombros. Reconhecera Maggy assim que ela surgira. Ninguém em Montparnasse jamais ostentara uma cabeleira de um tom alaranjado tão berrante, um tom do qual ele nunca se esquecera. Mas ele não conseguia conciliar a garota desajeitada, encabulada, que não sabia nada sobre o ofício de posar com aquela criatura revelada desavergonhadamente, deitada nua diante de mil olhos e rindo. Rindo!

Ele já ouvira falar dela por dúzias de pessoas, à medida que ela se tomava conhecida, e muitas vezes a avistara de longe, andando apressada pelas ruas. Mas eles nunca tinham trocado nenhuma palavra. Nos 11 meses passados desde o seu primeiro dia dela como modelo. Se ele fosse honesto, poderia ter confessado que a evitara, poderia até ter reconhecido que sentia vergonha por tê-la enxotado daquela maneira, mas esses pensamentos eram estranhos à atitude de Mistral diante da vida. Pensar duas vezes numa garota tola?... Não, a vida era muito curta, havia muito trabalho a fazer.

— Julien! Você sabe dançar? — perguntou Kate Browning, com o jeito calmamente imperioso que ela nem sabia ser seu, embora só tivesse 23 anos.

— Dançar? Claro que danço. Mas não muito bem, estou — lhe avisando.

Bem, não quer dançar?

— No meio de toda essa gente?

— Vamos, estou com vontade — disse ela, não admitindo ser contrariada.

— O que é isso que estão tocando? — perguntou ele.

— Mountain Greenery. É bonito e saltitante e você não pode ficar aí parado.

Com relutância, ele se levantou, alguns centímetros mais alto do que qualquer outra pessoa na sala, e acompanhou a americana elegante para a pista infernal, onde os corpos se comprimiam de tal modo que a sua falta de habilidade na dança não importava. Por alguns minutos, eles se movimentaram sem jeito quase na orla do povo, enquanto a música mudava para um compasso vibrante de ragtime. De repente, Mistral e Kate foram comprimidos de ambos os lados por dezenas de dançarinos, que se amontoavam para apreciar Maggy melhor, pois ela se aproximava carregada pelos quatro.

Maggy, em seu poleiro, estava envolta num delírio crescente, provocado pela onda quente de admiração e ovação que girava em volta dela. Havia uma liberação imensa em estar despida e no entanto coberta por tinta, como se ela fosse visível e invisível ao mesmo tempo. Ela se sentia como se estivesse pairando sobre o salão de baile, flutuando livre. De todos os lados, as mãos se estendiam para tentar toca-la, mas ela não tinha consciência de ameaça alguma, enquanto os pintores levantavam o oval prateado cada vez mais alto, para mantê-la fora do alcance.

De repente, no meio da multidão, uma voz gritou:

— Abaixo os realistas!

— Abaixo os surrealistas! — gritaram várias outras vozes.

A multidão, que apenas um segundo antes estava de bom humor, a despeito da pressão sufocante da pista de dança, meteu-se na briga, com vontade — era isso que estavam esperando, a noite toda. Kate Browning, alertada do perigo, habilmente livrou-se dos braços de Mistral e conseguiu chegar à orla do povo, deixando que Mistral a seguisse.

Acotovelando-se, empurrando, berrando lemas, os dançarinos cercaram os quatro pintores de Maggy, quase derrubando Alain e André. Pierre e Henri, O Roquefort e o Camembert, ainda lutaram com coragem. No entanto, sem o equilíbrio cuidadoso que os quatro pintores tinham conseguido, a grande plataforma de madeira se inclinou perigosamente e, com um sobressalto, Maggy percebeu que estava arriscada a cair e ser pisoteada. Ela de repente olhou em volta, atenta, sem perder a cabeça. Por toda parte havia uma massa de corpos, os homens se socando, as mulheres se abaixando e gritando. O lugar tinha virado um motim.

Agachando-se, Maggy se contraiu numa bola apertada e lançou-se da fruteira com um grande salto para o lado, dirigido para o único ponto no salão que parecia estável — o chapéu preto de Mistral.

Ele a apanhou com uma exclamação de surpresa, mas ficou firme, forte demais para perder o equilíbrio no meio do povo. Maggy ficou nos braços dele como uma criança num balanço, sem qualquer medo nem alarma nos olhos, ainda sob o encanto do momento, a despeito de seu salto instintivo para se salvar.

Ela enroscou os braços no pescoço de Mistral e deixou a cabeça cair no

ombro dele. Automaticamente, ele apertou os braços e a comprimiu, enquanto ela formava um oval compacto, dobrando os joelhos de modo que as pernas e pés protegessem a parte de trás de suas coxas e sua bunda nua, manchada de prateado.

Por fim, Mistral se mexeu. Havia uma porta para a rua a cerca de uns 30 metros dali e ele se dirigiu para lá, forçando o caminho no meio do povo, agarrando Maggy como se fosse alguém que ele tivesse salvo do mar. Quando ele chegou à rua, Maggy falou.

— Aonde vamos?

— Não é longe.

— Espero que seja um lugar simples.

— Ah, é sim.

Mistral atravessou a rua, dobrou a esquina e entrou num prédio grande, com uma fachada ornamentada num falso estilo marroquino.. Dentro havia um balcão, atrás do qual uma mulher esperava os fregueses.

— Boa—noite, monsieur. Para um ou dois?

Ela ao demonstrou espanto ao ver um homem carregando uma mulher multicolorida, despida.

— Um, por favor. Temos de esperar?

— Não, está com sorte hoje. Tenho alguma coisa livre... queiram acompanhar—me.

A mulher seguiu por um corredor cheio de portas em intervalos certos. Abriu uma das portas, mandou que entrassem e fechou a porta.

No meio do quarto despido havia uma banheira imensa cheia até em cima de água quente. Numa cadeira ao lado da banheira havia uma toalha, um sabonete e um esfregão. Ainda segurando Maggy, com um movimento rápido. Mistral abaixou—se e experimentou a água, com um dedo. Satisfeito, e sem deixar que os pés dela tocassem no chão, ele a mergulhou na água, molhando os braços até os cotovelos.

— Assassino! — balbuciou Maggy.

— Não é que não admire a sua fantasia, mas estava desbotando toda na minha camisa — disse ele, ensaboando o esfregão com força. — Dê—me isso aqui.

— Por certo que não. Isso é trabalho para homem.

Ele tirou o paletó úmido, enrolou as mangas molhadas e ajoelhou—se no chão ao lado da banheira. Maggy tentou levantar—se, mas não conseguiu se equilibrar na banheira funda. Debateu—se, levantando—se pela metade, mas escorregou e caiu de novo. Mistral não fez caso da reação dela e rapidamente aplicou o esfregão a todas as partes do corpo de Maggy que se apresentaram. Dentro de segundos a água transformou—se num cinza espesso.

Maggy começou a rir, indefesa. Recostou—se dentro d'água e ficou olhando sem reclamar, enquanto ele lhe esfregava os ombros e as pernas. Só quando ele chegou perto dos seios é que ela reclamou, com um golpe com as duas mãos, os dedos cruzados com firmeza, bem no pescoço dele. O chapéu de Mistral caiu na água e ele largou o esfregão, apenas pelo tempo suficiente

para ela apanhá—lo. Ela jogou o chapéu cheio de água ensaboada bem na cara dele e, enquanto ele praguejava, meio cego, a cara na toalha, enxugando os olhos como pôde, ela acabou de esfregar o resto da tinta de aquarela do corpo, rindo mais do que nunca ao vê—lo ajoelhado no chão, pingando água na camisa, os olhos vermelhos e ardendo.

Por fim, Maggy largou o esfregão no piso de madeira e ficou sentada dentro da água opaca que lhe chegava aos ombros, os braços dobrados na borda da banheira, o queixo pousado nas mãos. Os cabelos molhados colavam—se aos seus ombros, os olhos estavam molhados de lágrimas de riso, mas os lábios curvavam—se num sorriso travesso e ela colocara o chapéu encharcado de Mistral no alto da cabeça.

— Belo trabalho — felicitou ela. — Mas o que planejou para o resto da noite?

Mistral sentou—se nos calcanhares. O que, realmente?

— Estou ficando com frio e com fome — ameaçou Maggy. — E quando sinto frio e fome fico má. Quer arriscar—se? — Havia um desafio na voz dela, em seus olhos, na inclinação da cabeça; até suas sobrancelhas ruivas eram ameaçadoras. Ela podia estar nua e mergulhada, mas o modo como ela se apoderara do chapéu dele o desafiava.

— Não vá embora — disse Mistral, levantando—se de um salto e saindo do quarto, levando o paletó e a toalha molhada e fechando a porta.

— Ah, filho da puta! — exclamou Maggy, em voz alta. Ela olhou enojada para a borda da banheira, onde se formava uma risca cinzenta. Tentou fazer correr mais água, mas a torneira estava trancada. Ela deu de ombros e se levantou na banheira, jogando água sobre si com as palmas idas mãos. Ficou tranqüilizada ao ver que não tinha ficado cinzenta. Saiu da banheira com cuidado e se sacudiu com força, estremecendo como um cachorro grande, espremendo a água dos cabelos. Felizmente a noite estava quente e o quarto mais ainda, cheio do vapor do banho.

De repente, a porta se abriu e Mistral entrou de novo no quarto. Maggy endireitou—se, protegendo a parte inferior da barriga com o chapelão, um braço por cima dos seios.

— Você se esqueceu de bater à porta.

— Desculpe. — Ele lhe entregou duas toalhas limpas. — Enxugue—se... vamos... eu não olho. E aqui está o meu paletó... Vista—o, quando acabar. Tenho um táxi esperando.

— Espero que me leve para jantar num lugar agradável. — Tem tempo.

— Você sabe mesmo lidar com as garotas. — Maggy meteu—se no paletó dele. As mangas ficavam abaixo dos joelhos dela, escondendo as mãos. Desajeitada, ela se abraçou, para apertar o paletó. Estava toda coberta, só as pernas e pés aparecendo. — Bom, estou pronta, e bem imponente, mas você não está grande coisa. Sua camisa está toda molhada — reclamou ela.

— Acho que nós dois parecemos... limpos — disse Mistral, levando—a para a porta da frente da casa de banhos. — Contanto que estejamos limpos, o resto não interessa.

Andando descalça, Maggy o acompanhou à porta da ma. Eles deram

uma corrida para o táxi que estava esperando do lado de fora. — Boulevard Arago 65 — disse Mistral ao espantado chofer.

Ainda descalça, mas com o quimono vermelho que ela vestira com um sorriso de surpresa, ao encontrá-lo exatamente onde estava um ano antes, espanto por ele poder continuar pendurado no mesmo gancho como uma recordação distante, Maggy entrou no estúdio, fracamente iluminado, de noite, quando as luzes de trabalho estavam apagadas, e procurou um lugar para se sentar.

O estúdio era tão cheio de coisas quanto o quarto de dormir era vazio. Mistral tinha o costume de visitar os brocantes das vizinhanças, os vendedores de objetos que não podiam ser considerados antigüidades, mas que no entanto não eram novos, e escolher quinquilharias que chamavam sua atenção: uma imensa caçarola de cerâmica Quimper, com um buraco, uma carranca de navio, meio comida por bicho; o último remanescente de uma coleção de soldadinhos de chumbo coloridos, antigamente magnífica; uma cadeira vitoriana de cetim roxo, debruada de galão roído de traças.

No entanto, embora suas descobertas enchessem a sala, não chegavam a mobiliá-la. Maggy foi com cuidado para a cadeira vitoriana, que pelo menos parecia ter uma função definida, e sentou-se nela com um suspiro de prazer. Ela estava cheia de um misto de curiosidade e espírito de aventura. Nunca esperara tomar a estar ali e a noite parecia cheia de assombro de experiências.

— Sopa? — disse ela, para a cozinha pequenina, onde podia ouvir Mistral movendo-se.

— Está pensando que isso aqui é restaurante? Quando quero tomar sopa, eu saio. Você vai comer pão, queijo, chouriço e vinho. E dê-se por muito satisfeita.

— Você não é grande coisa como anfitrião.

— Não costumo receber muito — disse Mistral, olhando irritado para o chouriço que estava cortando. Tinha um ar de antigüidade. Ele arrumou, apressadamente, uma bandeja com alguns pratos que não combinavam, uma garrafa de vinho e dois cálices, um deles cascado, e levou isso para o estúdio. Parou de repente, ao ver Maggy na cadeira roxa, os cabelos cor de laranja espalhados sobre a seda japonesa vermelha. Parecia que tinham acendido um fogo no canto de seu estúdio.

— Você não pode se sentar aí.

— Por que não?

— Essa cadeira está—se desmantelando.

— O que você sugere, então? O chão?

— Tenho uma mesinha lá fora no jardim... pensei em comermos lá.

— Mas você também tem cadeirinhas lá fora no jardim? — perguntou ela, com um toque de riso na voz.

— Tenho, por estranho que pareça.

— Ah, bom, então quem pode resistir a tanto esplendor?

Maggy acompanhou Mistral ao jardim, onde lilases super crescidos, as flores brancas bem abertas, se penduravam brilhando sobre uma mesa de

madeira pintada de branco. Duas cadeiras de madeira recurvada estavam sobre a grama alta, os encostos em forma de coração e almofadas de algodão listra do nos assentos de madeira. Mistral acendeu uma vela alta num castiçal pequenino de cobre torcido, enquanto Maggy se debruçava sobre o prato e examinava o chouriço.

— Vá, coma um pedaço — insistiu ele.

— Falta — lhe... como direi?... certa juventude.

— É melhor não comer — disse ele, depressa, pondo o prato na grama.

— Acho que o queijo provavelmente não fará mal. Está com fome mesmo? Posso ir buscar alguma coisa... tem uma charcuteria que fica aberta até tarde... .

— Não, não. Estava implicando com você. Mas você jantou?

— Há...

— O que é?

— Estava tentando lembrar — me onde jantei.

— E?

— Foi com uma mulher... uma rica colecionadora Americana, que me convidou para aquela casa de doidos surrealistas.

— Nesse caso, ela tem graves motivos de queixa. — Maggy levantou o cálice de vinho, debruçando-se, séria, e fazendo um gesto para Mistral, para ele fazer o brinde. — À dama, vamos beber à dama que começou a noite com Monsieur Mistral. Quem sabe com quem a terminará? Eu lhe desejo boa sorte.

— Boa sorte — disse Mistral, tocando o cálice dela com o dele. Ao beber, todas as lembranças de Kate Browning desapareceram. Nada existia além daquele canto sossegado e apagado de um jardimzinho fragrante, esse espaço que parecia ter sido sonhado e passado a existir fora do mundo real, um espaço em que a música da voz de Maggy, petulante, grave e livre como a água corrente, o isolava de sua vida primitiva; um espaço em que seu jardimzinho parecia ter sido criado de novo, tão recente, secreto e escondido como se fosse o solo de uma floresta tropical.

Ele sentiu a sua vontade, sua vontade de confiança, intratável, fugir dele como uma peça de roupa pesada que ele tivesse usado por tempo demais. Sentia-se dez anos mais moço, sentia-se percebendo o ar quente de abril e o murmúrio rico da grama alta e o aroma doce do lilás e o gosto áspero do vinho. Maggy foi um choque delicioso. Ele não estava preparado para ela. Não a estava esperando. O que ela estava fazendo ali? Ele tornou a beber e a pergunta se dissolveu, não no vinho, pois ele não bebera muito vinho, mas à vista dela.

Sem qualquer luz, a não ser a da única vela, ela enfeitava a noite. Sua pele refletia a lua, quando ela se movia. A chama da vela provocava um reflexo cintilante no verde de seus olhos, uma centelha tão viva que fazia a lua de abril, enfiada no meio das árvores, parecer insignificante e distante. O som de sua voz parecia estar excitando — o a sentimentos de uma rebelião confusa... rebelião contra o que, ele não poderia dizer.

Quase com relutância, como que obedecendo a uma ordem, ele cedeu a

um comando desconhecido, porém irresistível. Atirou — se na grama e pegou os pés descalços de Maggy nas mãos, esfregando — os de leve.

— Pobres pés. estão frios — murmurou ele.

Ela não respondeu. O contato com as mãos dele, grandes, flexíveis, poderosas, o calor e a ligeira aspereza da pele dele, a fizeram tremer com uma emoção que ela não compreendia. Ela lançou a cabeça para trás e lhe pareceu que a névoa de estrelas estava sussurrando.

Então, os lábios dele estavam nas solas de seus pés, experimentando, indagando, mal roçando na pele. Ela prendeu a respiração, com medo de se mover, fascinada com as sensações que irrompiam de seus pés até às próprias raízes dos cabelos, sensações penetrantemente urgentes que pareciam uma língua estrangeira, ouvida pela primeira vez e misteriosamente compreendida. Ela mordeu o lábio quando a língua dele tocou no arco de seu pé, delineando, explorando, mais ousado a cada segundo. Ela soltou um gemido quando sentiu os dentes dele raspando seu calcanhar; debilmente, procurou puxar os pés desnudos dele, mas ele os apertou mais. Ela sentiu seus joelhos se afastando sob a seda japonesa, enquanto a língua dele subia por uma das pernas e depois a outra, encontrando aquela curva macia e íntima atrás dos joelhos.

— Pare — exclamou ela. — Por favor.

Mistral levantou — se, um vulto enorme, no escuro, e a pegou nos braços. Ele olhou para ela com a testa franzida, concentrado.

— Parar? Tem certeza? — Ele beijou — lhe os lábios, de leve, e recuou para poder ver seu rosto. — Ah, não tanta certeza, não toda a certeza — suspirou ele, beijando — lhe a boca, aquela suculência ao mesmo tempo carnal e inocente, beijando aqueles lábios que se salientavam em seu rosto pálido como uma flor opulenta.

A confusão de Maggy e seu susto repentino desapareceram com os beijos dele. Ela riu, não só de prazer, mas com uma nota nova na voz, a bandida que sempre vivera dentro dela subindo à tona. Seus lábios se tornaram lábios de bandida, suas mãos as de uma bandida, enquanto acariciavam o pescoço dele e se estendiam para sua cabeça crespa, para puxá — la para si de novo. Ela se desenroscou dos braços dele, ficando de pé, e ousadamente comprimiu todo o seu corpo contra o dele. Eles ficaram juntos por um momento prolongado, crescendo juntos como duas árvores altas, oscilando um pouco, os lábios entreabertos, depois quase imóveis ao se estirarem juntos, procurando um conhecimento além do conhecimento. Com um grunhido de desejo, Mistral abriu a seda pesada do quimono, louco para tocar no corpo que só conhecia com os olhos, louco para sentir a pele de Maggy, para segurar — lhe os seios nas mãos, para explorar os biquinhos firmes com as pontas dos dedos. Ela falou, num transe:

— Aqui não... lá dentro.

Tropeçando, desabotoando a camisa ao andar, ele a acompanhou ao quarto, àquela cama larga debaixo da janela, pela qual o luar caía sobre os lençóis. Em segundos, ele estava despido, ereto, esplêndido.

— Deixe — me olhar — mandou ela, num tom de uma curiosidade tão

urgente que ele ficou parado quando ela se aproximou, liberta de toda a sua inexperiência, enquanto passava os dedos delicadamente pelos ombros e peito dele, até a cintura, detendo—se nas formas e texturas, os músculos firmes dos braços, os bicos espantosamente duros dos mamilos que se escondiam no cabelo crespo do tórax. Só quando se satisfez, quando o corpo dele não era mais inteiramente estranho a ela, é que ela desfez a faixa do quimono e o deixou cair ao chão. Deitou—se na cama, esperando por ele.

Afinal, pensou Maggy, afinal. Ela não se submeteu às mãos dele, mas as encorajou. Arqueando—se e espreguiçando como uma gata, ela brincou com ele, segurando os seios nas mãos e oferecendo—os à boca dele, deixando que ele os devorasse até que, com um movimento rápido e ágil, ela recuou e se lançou ao peito dele, os lábios procurando os mamilos dele. Imitando—o, ela os chupou até que ele quase chegou a gritar, empurrando—a, não podendo suportar a excitação.

— Ah, então essa brincadeira não serve para os dois? — murmurou ela e logo teve sua resposta, pois, com mãos inseguras, ele abriu—lhe as pernas e se debruçou sobre ela, ajoelhado na cama, a boca quente e aberta procurando entre suas coxas, a língua palpitando. Um vasto silêncio parecia envolvê—los. Maggy estava imóvel, rígida, quase sem respirar, esperando, não mais brincalhona.

Ainda ajoelhado, sentado nos calcanhares, segurando a cintura de Maggy com ambas as mãos, Mistral se lançou àquele corpo. Ela estava tão molhada que ele pôde avançar vários centímetros antes de chegar a barreira. — Ele empurrou, sem compreender, e não foi adiante.

— O que...? — murmurou ele, consumido de ardor, olhando para baixo, para o escuro do triângulo em que estavam unidos. Ele tomou a empurrar, sem sucesso. Então, rompido o feitiço da inatividade, Maggy se munuiu de toda sua coragem e empurrou para diante, querendo abrir—se para ele. Todos os músculos de suas pernas compridas e fortes estavam tensos, os dedos esticados, as mãos agarravam o colchão e as costas se arqueavam enquanto ela empurrava a pelve para cima, para a espora de carne dele, saliente e quente, o único foco do universo. Houve um lampejo de dor, mas ela não fez caso, levantando—se de novo, encontrando a meio do caminho a poderosa penetração dele. De repente ele estava dentro dela, de repente a lança, ponta, haste e cabo, agora uma plenitude de carne mortal, estava envolvida pelo corpo dela e eles ficaram deitados quietos, ofegantes como dois gladiadores de igual valor, que param para se saudar antes de reiniciar sua luta.

— Eu não sabia — sussurrou ele, seu espanto tão grande que só tinha palavras triviais.

— Eu não contei. Faria diferença?

— Não, não.

Eles agora estavam deitados de lado, olhando um nos olhos do outro. Um dos braços de Mistral apoiava os ombros dela e, com a mão livre, ele delicadamente tocou no emaranhado úmido dos pêlos, encontrando a carne tenra que procurava e afagando—a de leve, constantemente, sem parar,

mesmo quando ela pediu, até ela se erguer para ele e gritar com um prazer perplexo. Só então é que ele gozou a sério, ainda com um cuidado incomum, acentuando a febre crescente que o chocou com sua força quando ele afinal a penetrou, potente como um grande touro.

Capítulo 5

Na primeira vez em que Julien Mistral pintou Maggy, na primeira vez em que ele foi atrás da sombra entre os seios dela, na primeira vez em que mergulhou o pincel, sem pensar, no vermelhão e pintou aquela sombra, ouviu um "Ah—ah!" cósmico abalar seu cérebro. Aturdido, quase derrubado, ele viu, viu como nunca tinha visto antes, viu core suas entranhas enquanto castigava a tela, o pincel voando quase fora de seu controle, os dedos dormentes com a descoberta, a temperatura de seu corpo subindo tanto que ele teve de tirar a camisa, a impaciência de perseguir sua visão tão grande que, por fim, ele largou os pincéis e espremeu a tinta na tela, diretamente das bisnagas.

Ele afinal estava pintando como sempre soubera que podia pintar, sem inibição, sem cálculo, com uma liberdade tão grande que era como se as paredes e o teto do estúdio tivessem sido arrancadas e ele estivesse de pé sob o céu azul.

Fascinada, Maggy olhava para ele, deitada imóvel num monte de almofadas verdes, sem ousar mover—se até que, muito depois de passada uma hora, ele afinal parou o seu assalto à tela e caiu ao lado dela, radiante, banhado em suor.

Num gesto que nunca sonhara fazer, ele enxugou as mãos manchadas de tinta nos pêlos dela, marcando—a com manchas de verde e vermelho ticiano como se ela fosse outro tipo de tela. Abriu as calças, sem tirá—las e penetrou violentamente, amassando—a nas almofadas com seu corpo grau quente e molhado, até encontrar um imenso alívio que ele saudou com um ruído que era um rugido de triunfo.

Durante várias semanas, Mistral pintou Maggy. Ele sabia que alguma coisa no modo da luz agir sobre a pele dela fora a inspiração para a sua liberação. Não era apenas uma questão técnica, um fenômeno que se podia explicar pela brancura translúcida da pele de Maggy, ou como os cabelos irrompiam em feixes de fogo, ou o fato de sua imaginação estar disposta, ele não sabia e nem perguntava por que, a agarrar as qualidades físicas dela e utilizá—las para dar o salto à frente. Ele também tinha a convicção espiritual de que a luz se derramava de dentro do corpo dela, emanando dele, de modo que, quando ele a pintava, a própria tela se tomava uma fonte de luz. Maggy sabia que alguma coisa de muito importante acontecera com ele, mas quando lhe perguntou a respeito, as poucas palavras que ele encontrou não foram suficientes. Corno a experiência não era intelectual escapava às palavras e Mistral sentia um assombro supersticioso que o

impedia de querer falar a respeito.

Desde aquela primeira noite em abril, aquela foi a primavera perfeita da vida de Maggy. Foi a primavera pela qual todas as outras primaveras seriam analisadas e levariam a pior; e ao vive-la Maggy também se observava vivendo. Ela sabia, na parte de seu cérebro que não sentia emoções, que apenas registrava e arquivava as recordações, que aquela era a sua idade de ouro. Sabia, com o conhecimento nato em todas as mulheres, que nada de tão maravilhoso dura para sempre. No entanto, à medida que os dias se sucediam, ela nunca pensava no futuro, nunca se perguntava o que ia acontecer no dia seguinte. Cada dia bastava, era redondo, pleno e completo como a esfera do sol.

Para Mistral também foi um período de alegria imensa, mas antes de ser homem ele era pintor e sua felicidade derivava mais do trabalho que estava fazendo do que da própria Maggy.

Nunca ocorreu a Julien Mistral, depois da noite do baile surrealista, que Maggy tivesse uma vida que a impedisse de posar só para ele, os sete — dias da semana. Ele tomava todo o tempo da moça, como um direito seu, esperando que ela conservasse a pose por períodos anormalmente demorados, pois era incansável e nunca parava, até que ela ficasse com tanta dor muscular a ponto de pedir um descanso. Ele supunha, com um egoísmo tão total que chegava a ser majestoso, que ela estivesse inteiramente disposta a largar sua própria vida, a abandonar seu quarto para partilhar o estúdio dele, a abandonar seu círculo de amigos, a passar sem divertimentos normais, a desistir de todo vestígio de liberdade pessoal. Quando ele largava os pincéis, era simplesmente natural que ela estivesse ali esperando para aliviar a tensão nervosa da criação, abrindo o corpo a seus atos de amor, famintos e violentos.

Maggy não discutiu nenhuma dessas convicções negligentes. Ofereceu-se a ele em todos os aspectos, com uma generosidade simples, como se ela fosse um campo cheio de flores altas e viçosas que só cresciam ali para serem colhidas ao bel—prazer dele.

Hora após hora, ela suportou com prazer a concentração do olhar de Mistral, sabendo que ele não estava pensando nela, nem mesmo vendo—a corno Maggy. O amor dela não pedia nada para si, a não ser a satisfação de vê-lo trabalhar. Ele era um homem dominado, um homem cheio de uma tal paixão criativa, que ela considerava aquilo sagrado. Os dois meses em que Mistral pintou os sete retratos de Maggy, a série que mais tarde veio a ser chamada apenas La Rouquine, "A Ruiva", foram meses que em breve ficariam isolados de tudo quanto Maggy ou Mistral conheciam de vida normal. Eles se tornariam tão lendários, cada um deles, como se tivessem sido um dia unidos em alguma aventura heróica, nunca antes tentada por homem algum. A série tornou—se um marco na história da arte, mas nenhum dos dois jamais discutiu isso.

Em fins de maio de 1926, Mistral sentiu—se suficientemente seguro de seus novos poderes para poder abordar novos temas. Depois de terminar o sétimo retrato de Maggy, ele abandonou sua concentração sobre o nu tão

repentinamente quanto começara. Voltou—se então para a natureza—morta.

Seu jardim abandonado, com as flores de junho; cada canto de seu estúdio cheio de quinquilharias, resplandecente de trapos como um mercado das pulgas; um jarro de flores roxas e brancas; um melão cortado ao meio — todos esses objetos se apresentavam à sua visão recém inspirada como se ele nunca os tivesse visto. Eles viviam, com tanta certeza quanto Maggy vivera. A luz caía sobre eles, que a aspiravam. O mundo era novo.

Mistral nada pintava senão a vida e, como sua mente dançava, ele mudou para sempre o modo de as pessoas focalizarem seus olhos. Com o ritmo de um bandido, a bravura de um pirata, ele libertou aquela sensação de divertimento, com que ele não tivera contato desde a infância. Saqueou as clareiras ocultas e seu espírito, abrindo—as ao sol, ar e vento, usando seus pincéis como se fossem uma trombeta em que ele poderia soprar e achar o caminho para os portais do céu.

O desaparecimento de Maggy com Mistral da vida do quartier provocara uma onda de fofocas e, quando Mistral a libertou de posar para ele, seu reaparecimento foi motivo de mais perguntas.

— Naturalmente — disse Paula — você fez tudo isso em nome do amor, não?

— Paula! — disse — Maggy, chocada. — Você não espera que eu peça dinheiro a ele!

— Não, infelizmente, acho que não posso esperar isso. Deus, que são as mulheres.

— Mas você não entende — disse Maggy, com brandura. Ela estava feliz demais para se zangar.

— Pelo contrário. Compreendo perfeitamente e reprovo totalmente. É la folie furieuse... é de se esperar. Mas não pense que vou felicitá—la. Pensei que você tivesse aprendido a ser uma profissional.

— Quanto a isso... sua velha clínica... Julien me deu o meu retrato favorito... o maior e melhor de todos e o que amo mais que todos... o primeiro que ele pintou de mim, nas almofadas verdes.

— Maravilhoso! Meses de trabalho e você possui uma obra de um pintor por cujos trabalhos não há procura! Ah, Maggy, nunca pensei que você ia acabar sendo a empregadinha de todo serviço de um pintor. Isso é para outras garotas, não para você — ralhou Paula, zangada demais para escondi o que estava sentindo. — E agora que ele parou de pintá—la, por ora, agora que tem tempo para voltar a trabalhar onde lhe pagam, imagino que lhe vá pagar o dinheiro que ganha posando para os outros, não?

— Isso não é justo — protestou Maggy. — Julien está trabalhando como um possosso e não tem um sou... naturalmente, estou ajudando e pagando coisas... nada mais natural, mas só até ele começar a vender, Paula.

— Diga—me uma coisa, o que é que Julien Mistral faz por você, além de pintá—la e trepar com você.

— Oh!

Maggy mal podia acreditar que Paula pudesse ter interpretado tão mal a

natureza dos laços que a prendiam a Mistral.

— "Oh", diz a boba — repetiu Paula, severa. — E quem é que cozinha e limpa o estúdio e leva a roupa suja para lavar... ou talvez, Deus nos livre, a lave ela mesma... e vê se há bastante vinho e sai de manhã para comprar os croissants e faz o café e aquela cama tão usada? Monsieur Mistral faz tudo isso em troca do dinheiro que você dá para a casa?

— Paula, como você pode ser ridícula. Claro que ele não tem tempo de fazer essas coisas. Ora, eu mal tenho tempo, tampouco... compro alguma coisa na charcuterie e fazemos um piquenique...

— Nem mais uma palavra! — disse Paula. Era pior do que ela pensava. As mulheres que ela conhecera, e havia muitas, que tinham vivido com os pintores, quase sem exceção acabaram mal. Os pintores, mesmo os maus pintores, tinham egos de bebês gigantes. Bebês monstruosos, cada qual era o centro de seu universo e as outras pessoas existiam em órbita em volta deles, só para lhes satisfazerem as vontades.

As vezes, quando Paula estava num estado de espírito caridoso, ela reconhecia que a luta para ser reconhecido como pintor num mundo em que, na sua opinião particular, o maior trabalho já fora feito, era tão tremenda que somente um homem com um ego imenso poderia se levar a sério a ponto de persistir. Talvez sem esses egos eles fossem levados a desistir e virar bancários. Talvez o seu ego fosse só o que houvesse entre eles e o pânico. Mas ela não ligava a mínima para o que os fazia pintar quando, no seu modo de pensar, que ela sabiamente mantinha oculto, uma visita ao Louvre faria com que cortassem os pulsos, em desespero. Ela não tinha um pingão de pena deles, quando se tratava do destino de uma mulher. As vezes, pois era preciso ser justo, às vezes um pintor se casava com a sua modelo e às vezes um pintor e a mulher até ficavam casados, como no caso do bom velho Monet, que pintava jardins e nenúfares porque a mulher ameaçara largá-lo se ele levasse uma modelo para dentro de casa. Mas isso fora há muito tempo.

Paula não tinha ilusões sobre Mistral. Não confiava numa beleza tão displacente e indiscutível num homem. Era perturbador e indecente. A beleza, dizia para si mesma, devia ser reservada para as mulheres que precisavam dela para lidar com o mundo. Ora, até mesmo ela, Paula Deslandes, que não gostava de Mistral, se pilhara olhando—o fixamente na rua quando ele passava, como um salteador, pensando como seria ficar deitada, quente e melada depois do amor, na proteção feroz daquele corpo imenso e musculoso; até mesmo a se pilhara pensando que, se ainda fosse jovem, havia de domá-lo, aquele emproado arrogante que, ela sabia com certeza, tivera breves períodos de paixão com uma dúzia de garotas nas vizinhanças de Montparnasse. Não, aquele não era um marido em potencial para ninguém. E como amante... ah, por que Maggy não podia ter encontrado um homem menos egoísta?

La Vie bohème, pensou Paula com o coração triste, nunca foi mais que uma fantasia de poeta. E lá estava a sua Maggy, a sua querida Maggy, ainda inocente, pensando que a estava vivendo.

— Não faz mal — disse Paula, arrancando—se de seu devaneio. — É que perdi 50 francos nos dados ontem e estou desconfiada da natureza humana, especialmente a minha. Não ligue, não, com sinceridade.

— Não estava ligando — respondeu Maggy,

Se Paula soubesse mais a respeito de Julien Mistral, poderia tê-lo compreendido melhor, mas não ficaria menos preocupada com o amor de Maggy por ele.

O pintor nascera e se criara em Versalhes, filho único. Se o pai e a mãe permanecessem em casa enquanto ele crescia, ele poderia ter tido um ambiente familiar normal, mas sua infância fora curiosamente estéril, sem risos.

O pai, engenheiro, construtor de pontes a serviço do governo francês, passava muito tempo fora, se não o ano inteiro, trabalhando nas colônias, e a mãe parecia bem satisfeita com esse arranjo. Ela provavelmente de eito qualquer modo de vida que a deixasse em paz para os trabalhos de agulha que eram seu único interesse verdadeiro. Ela bordava magníficas eclesiásticas com uma paixão que não tinha nada a ver com a religião, se bem que talvez tivesse sido mais feliz como freira. Se não tivesse na mão uma peça de bordado, ela logo ficava irrequieta, queixosa e acabava se zangando.

Madame Mistral tratara do filho enquanto ele era bebê, mas assim que Julien pôde ser mandado para a École Maternelle, ela o abandonara à própria sorte, com a consciência tranquila. O menino era sadio e bem-feito. Ela possuía uma empregada que lhe dava comida, cuidava para que ele estivesse limpo e o levava à escola.

Desde um tempo no passado, desde quando ele podia lembrar—se, Julien sempre soubera que a maior parte do que ele podia aprender no colégio não valia o trabalho que dava. Ele vivia para era um artista natural, tendo ao seu mesmo se dava. Como todas as crianças, era um artista natural, tendo ao seu dispor uma série básica de símbolos para representar pessoas, casas, árvores, o sol.

Ao completar seis anos, antes da época em que as crianças se apaixonam pelo realismo em seus desenhos, Julien já começara a usar os olhos para dispor os elementos que traçava num todo coerente, uma composição. Ele em breve estava vivendo para as folhas de papel que levava na pasta do colégio, os lápis preciosos que mantinha tão afiados, os creions coloridos em que gastava toda sua mesada. A medida que o desenho se foi tornando o ponto focal de seu ser, ele passou a ser menos falador, menos consciente da passagem do tempo, ao se dedicar aos problemas máximos: a forma das coisas; a relação de uma forma com outra e a relação de todas as formas com o mundo. A gramática, ortografia, matemática e até a própria leitura não tinham nada a ver com os problemas decisivos de feitio e estrutura de que se ocupava sua mente.

Quando os professores protestaram junto à mãe dele, ela concordou que a desatenção de Julien era deplorável. Mas nem mesmo o tremendo sistema educacional francês pode obrigar uma criança a se sair bem nos estudos

quando ele não liga para a opinião dos outros, quando o castigo não passa de um aborrecimento sem importância e quando a mãe se esquece de seus crimes assim que sai do gabinete do diretor.

Sem se importar, logo considerado um parvo pelos mestres, ele se manteve como último da turma até ter idade para sair do colégio. Há anos os colegas tinham desistido de tentar se comunicar com o menino ausente, cujo isolamento era tão total que já deixara de ser uma provocação. Se ele fosse tímido, poderia ter sido tiranizado, mas sua aparente falta de interesse pelos colegas o protegia deles, assim como sua altura e força descomunais.

Aos 17 anos, Mistral entrou para uma escola de pintura particular em Paris, onde trabalhou brilhantemente dentro da tradição acadêmica, até ser aprovado no exame para a École des Beaux—Arts. Depois de alguns anos na Sorbonne, ele começou a se sentir avesso a qualquer atitude tradicional quanto à arte. Primeiro só para si mesmo e depois abertamente, começou a dizer que a arte da pintura não pode ser ensinada.

— A técnica, sim; a cor, sim; a anatomia, sim... quanto ao resto, não. Ele abandonou a Beaux—Arts quando mal completara 21 anos e o d pai, a Argélia, sem protestar, lhe deu os fundos necessários para viver, até que morreu, um ano depois. Quando Mistral tinha 23 anos a mãe também morreu e, além de um legado à sua melhor amiga, ela deixou o pouco que possuía ao filho único.

Julien Mistral estava então com quase 26 anos e ainda era desconhecido no mundo das artes, a não ser pela reputação que conquistara entre alguns de seus contemporâneos. Para ele, todos os donos de galerias pertenciam à categoria de inimigos. Quando Mistral soube que Marcel Duchamp tinha chamado todos os marchands de "piolhos nas costas dos pintores", trovejou que Duchamp não tinha dito nem a metade.

— E Cheron, que pagou a Zadidne dez francos por 60 desenhos? Ele é o mesmo merdinha que jogou para Foujita sete francos e 50 centimos por uma aquarela! Só um piolho? Ele devia ser enforcado, tirado da forca ainda respirando e estripado. E 20 francos a Modigliani por um retrato... é inacreditável.

No entanto, a herança dele estava quase gasta e Kate Browning, a americana elegante e rica que o convidara para o Baile Surrealista, ainda não voltara para comprar outro quadro. Mistral pensou se deveria ter escrito, desculpando—se pelo seu desaparecimento. Ele pensou naquilo rapidamente, depois esqueceu—se e voltou ao seu cavalete.

Katherine Maxwell Browning, da cidade de Nova York, tinha certo talento. Um talento muito, muito pequenino; e, o que era infinitamente pior, ela quase sabia disso. Sua inteligência era viva, seu olho para o belo aguçado; nascera com a triste capacidade de apreciar o que é melhor, desejá—lo, mas não ter a habilidade de produzi—lo. Ela se dizia escultora e seus familiares, todos eles ricos corretores de valores, a consideravam com admiração e perplexidade, como verdadeira artista, pois nenhum tinha um conhecimento profundo da arte, nem queria ter. Até mesmo seus professores no Sarah Lawrence se haviam mostrado encorajadores. Ela

sempre conseguira disfarçar a verdade sobre o seu próprio talento, antes que isso lhe chegasse ao consciente.

Kate Browning chegara em Paris em princípios de 1925, para estudar com Brancusi, mas ele não quis saber dela. No entanto, o professor encarregado do ateliê na Beaux—Arts, onde Kate se apresentou em seguida, foi tolerante e deixou que ela entrasse na escola, mesmo depois que Kate lhe mostrou as fotos exigidas de seus melhores trabalhos na universidade. Ele esperava que, depois de ter pago a rodada obrigatória de bebidas para os outros estudantes, ela comparecesse a algumas aulas e depois largasse os estudos discretamente, como faziam tantos norte—americanos naqueles tempos.

A atitude dele foi ditada não por algum desejo nada francês nem tradicional de ser simpático para com os estrangeiros e sim por uma admiração muito francesa pela beleza imaculada da moça — uma aparência tão muda mente enfática quanto a força de vontade que levava aquela mulher essencialmente maldotada a se instalar no centro da vida artística do mundo.

Ela estava com 22 anos e tinha o tipo raro de crânio oval perfeito, que lhe permitia repartir ao meio os cabelos curtos, louros acinzentados, com impunidade. Sua testa alta se avultava sobre sobrancelhas depiladas e finas, e os ossos salientes das órbitas bem marcadas em volta dos olhos cinzentos davam ao seu rosto uma importância que talvez sem isso não tivesse, devido à rigorosa regularidade das feições. O nariz de Kate era fino, os lábios finos, o queixo pontudo; no entanto, eram essas arestas duras que, no conjunto de seu crânio maravilhosamente formado, faziam dela uma mulher interessante.

No princípio da primavera de 1926, Kate Browning, que falava francês, com uma fluência que compensava com o vocabulário o que lhe faltava em gestos, foi levada para visitar Mistral no estúdio dele, por um de seus colegas da Beaux—Arts.

Desde o primeiro golpe que as telas dele deram em seus olhos treinados, mas não rígidos, ela ficou consumida por um desejo ardente de possuir a obra daquele homem. Ela sabia. Olhou para a obra dele, deixou—se mergulhar no grande rio de cores e soube, de uma vez por todas. Nunca houve qualquer dúvida em sua cabeça, então ou depois, de que Julien Mistral era o maior pintor de sua época e que os outros acabariam concordando com ela.

No entanto, Kate era bastante inteligente e disciplinada para resistir ao impulso que sentia de comprar o máximo possível das obras de Mistral. No seu primeiro encontro, ela escutara calada, enquanto ele trovejava contra os colecionadores particulares.

— Já conheci uns que comprem tudo o que algum pobre coitado de um pintor lhes dê, levam tudo, a preços de pechincha, e esperam até que o mercado se equipare aos gostos deles. Então, pimba! Lucros imensos! Chegam a ser piores do que os marchands... pelo menos, com um vendedor a gente sabe quando é roubado.

Julien Mistral teria dado gritos indignados se alguém sugerisse que, enquanto ele falava, Kate estava—se vendo como sua futura patrona, a guardiã de seu talento, protetora de sua carreira. No entanto, desde aquele primeiro dia, ela se via acordando no meio da noite, pensando nele, planejando como poderia toma—lo famoso como sabia que ele merecia ser.

Sua natureza ávida tinha apenas um leve verniz de regras civilizadas. Ela era ladina, extremamente ladina, e tão tenaz quanto ladina. Havia forças primitivas sob a personalidade fria que ela apresentava ao mundo e ela dirigiu o fluxo desse poder para aguardar o momento oportuno. Cuidadosamente, escolheu uma das obras de Mistral e, um mês depois, comprou outra. Ela se controlou, pois compreendeu desde o início que a despeito das necessidades financeiras dele — de que fora logo informada pelas antenas receptivas os ricos — Mistral tinha desconfianças profundas de alguém que parecesse desejar possuir um pedaço dele. E o que era a obra dele senão ele mesmo, lançado cru na tela?

Ela conseguira convidar Mistral ao Baile Surrealista do modo mais natural do mundo e quando ele fugiu com Maggy, ela se limitou a murmurar "paciência", para si mesma, recusando—se a considerar o ato dele como um insulto.

Tal decisão da parte de Kate Browning se deveria ao fato que seu apreço pela obra de Mistral lhe permitia deixar de lado suas próprias habilidades inferiores, sem precisar de uma desculpa, mesmo para si? Teria sua origem nessa oportunidade perfeita de abandonar honrosamente a sua própria luta infrutífera para criar? Ou seria antes o próprio Mistral, e não sua obra, o prêmio que ela procurava? Aquele homem rude, desorganizado, distante, seria a parte mais essencial de seu interesse? Esse homem ruivo, cujo corpo se movia com uma graça de homem criado ao ar livre, cujo rosto era tão inesquecível em sua intensidade, sua força?

Ela nunca se fazia essas perguntas no meio da noite e nem as respostas interessariam. Tudo se concatenara para ela num instante de percepção e, com o seu modo frugal, predatório e completamente resoluto, Kate Browning se dedicou por toda a vida.

Maggy estava na cozinha do estúdio de Mistral, cantarolando e descascando batatas, numa tarde de sábado, em princípios de junho, quando ouviu baterem à porta. Ela olhou para o estúdio onde Julien estava trabalhando. Quando tomaram a bater, ele não ouviu. Maggy abriu a porta, sentindo uma leve curiosidade. Lá estava uma moça bem—feita de corpo, evidentemente senhora de si, que parecia elegante demais para aquelas vizinhanças. Estava com um imaculado vestido branco de crepe da China, todo recortado e cheio de bainhas abertas, e com um chapéu cloche da palha mais fina. O homem que estava com ela, pensou Maggy, tinha o aspecto de um fazendeiro vestido para uma visita à cidade grande, como se tivesse acabado de tomar um bom banho e metido seu único terno decente.

— Monsieur Mistral está? — perguntou a mulher.

— Sim, mas está trabalhando.

Maggy não ousaria perturbá—lo pelo capricho de uma visita ocasional.

— Mas ele está esperando por mim, mademoiselle — disse Kate, com um sorriso educado.

— Ele não me disse...

Maggy calou-se, enquanto Kate passava depressa por ela. Boquiaberta, ela viu o casal entrar no estúdio. Mistral largou os pincéis de má vontade, mas adiantou-se e apertou a mão de Kate, de testa franzida.

— Então! Você se esqueceu mesmo, Julien. Não importa... eu disse a Adrien que não achava que você estivesse nos esperando. Adrien, este é Julien Mistral... Julien, este é o amigo de quem lhe falei no meu bilhete, Adrien Avigdor.

Enquanto os dois se cumprimentavam, Kate deu uma risada social, uma risada de sala de visitas, uma risada que podia cobrir qualquer situação com sua nota característica de confiança total e segurança perfeita de que tudo o que a dona dessa risada fizesse ou dissesse seria correto.

Maggy tirou o avental e enxugou as mãos nele. Estava descalça, como sempre, e com uma bata de algodão estampado, sem mangas, que só usava na cozinha. Ela pôs os ombros para trás e entrou no estúdio com o seu andar ágil. Graças a Deus que sou alta, pensou ela, ao apertar as mãos de Kate Browning e Avigdor, ambos mais baixos do que ela. Por que Julien não lhe avisara que estava esperando visitas?, pensou ela. Devia ser isso que estava escrito no telegramzinho azul que ele recebera mais cedo e jogara de lado, com um grunhido de aborrecimento.

— Um cálice do tinto? — ela ouviu Mistral oferecer. — Sentem-se, em algum lugar — disse ele, fazendo um gesto vago. — Maggy, traga o vinho.

Procurando quatro cálices inteiros na cozinha, Maggy sentiu uma onda de calor subir de sua garganta à testa. Maldito, não lhe dissera nada. Aquele mulher tinha um ar de quem acabara de saltar de um iate... então era essa a americana que ele largara na noite do baile. Ele não tinha dito que ela era moça e bonita. E aquele vestido maravilhoso! Ah, que vestido! Por que eles estariam visitando aquele bairro pobre? Avigdor não podia ser namorado dela. . . parecia simples demais para sequeer conhecê-la... no entanto, o nome dele lhe parecia conhecido. Ela encontrou uma garrafa de vinho tinto quase cheia, resolveu-se por quatro cálices, desiguais, dois lascados e dois não — para o diabo esse negócio de ser copeira — e voltou ao estúdio.

Enquanto Mistral servia o vinho, Kate ficou falando, sua voz com o tom nasal americano formando um contraste interessante com a correção de seu francês. Adrien Avigdor olhou em volta do estúdio, notou Maggy, com a expressão desatenta de quem está pensando em seus legumes e se ia chover antes do anoitecer. Ele parecia mal estar escutando Kate, mas, assim que ela fez uma pausa em seus comentários, ele falou diretamente com Mistral.

— Vi os dois quadros que Kate comprou do senhor. Gostei muito.

— Foi o que ela me escreveu — respondeu Mistral, desatento, como se o elogio fosse insincero.

Ele maldito de novo, pensou Maggy. Se esse fazendeiro for um cliente em potencial, Julien podia pelo menos ser amável. O que é que ele pensa que vamos usar como dinheiro, quando eu for ao mercado? Os merceeiros não

me deixam comprar fiado, como ele compra as tintas dele. São os meus francos que estamos gastando.

— Posso dar uma olhada? — perguntou Avigdor, os olhos azuis francos e sem malícia brilhando com um bom humor sincero em seu rosto redondo. Ele tinha um ar de amabilidade confiante, um tipo de decência e bondade a que Maggy reagiu, a despeito de seu aborrecimento com aquela visita de surpresa.

— Olhe aqui, Avigdor, marchands como você não "dão olhadas" — disse Mistral, de repente furioso. — Você não vai visitar os pintores só para passar o tempo numa tarde de sábado, a não ser que seja para meter alguma coisa no bolso, não pense que sou idiota. Ora, são os vendedores como você que...

— Monsieur Mistral, o senhor está enganado — interrompeu Avigdor, delicadamente. — Não considere todos os marchands iguais, isso não é nada justo de sua parte, sabe? E Zborowski... ele afinal conseguiu elevar o preço de Modigliani para 450 francos o retrato, hem? E quem mais conseguiria interessar aquele americano, Barnes, em Soutine? E pense em alguns dos outros intermediários de pintura que são decentes. Que tal Basler, e Couquiot, e Francis Carco, o poeta... não me vá dizer que são todos desonestos, vai?

— Está bem, há alguns, um ou dois, talvez, que são exceções... mas, para mim, os marchands, como grupo, são ladrões, cafetões e merdas de primeira classe!

Arisada calma e cristalina de Kate recebeu as palavras dele.

— Falou bem, Julien! Mas, como lhe escrevi, Adrien é outra das exceções. Eu não teria ousado trazê-lo, se não fosse. Então, ele pode dar uma olhada? Aliás, eu posso? Há meses que não vejo o seu trabalho.

— Podem olhar, podem olhar, já que estão aqui, — resmungou Mistral, grosseiramente. — Mas não pensem que vou ficar aí olhando para vocês. Tenho horror em ouvir as pessoas dizerem as coisas que acham que devem dizer quando olham para quadros. Vou ficar no jardim até vocês acabarem. Venha, Maggy. E traga a garrafa.

Sozinho no estúdio, Adrien começou a andar pela sala, olhando atentamente para os quadros na parede.

— Não, Adrien — disse Kate, impaciente. — Vamos ver as coisas novas ... você pode ver o resto depois. — Ela começara a puxar uma tela grande que estava no chão, inclinada para a parede, a parte da frente escondida. — Ajude-me com isso.

Depressa, com perícia, Avigdor virou todas as telas que Mistral tinha encostado displicentemente à parede, para ficarem de frente para a sala. Não parou para olhar, enquanto as colocava lado a lado. Trabalhava com a rapidez de um ladrão de galinha, com medo de que Mistral mudasse de idéia e voltasse para o estúdio, a qualquer momento. Por fim, todas as telas estavam no lugar e ele e Kate ficaram ali rodeados por elas, cada qual calado, olhando, Avigdor ofegante do esforço, Kate tremendo de emoção, uma emoção que ela não conseguia identificar, uma emoção que a deixava zangada, furiosa.

Passando os olhos de um retrato de Maggy a outro, Adrien Avigdor achou que era como se ele próprio se comprimissem sobre uma carne viva, como se regalasse, se fartasse, chegasse a comer a juventude. Sentiu vontade de se rolar nas telas, percebeu, abismado; ele, que só confiava em seu julgamento calmo, ansiava por se jogar e rolar nelas e dar pontapés com uma excitação incontrolável. Os retratos da garota... ah, ele sentia vontade de trepar com ela! Empolgavam—no muito mais do que Maggy, em carne e osso.

Por fim, ele largou as sete telas grandes e se voltou para as naturezas mortas. Olhando para elas, sentiu como se estivesse ao ar livre, deitado no capim comprido e doce, pagão, feliz, inocente de tudo menos do manancial de seus sentidos. Como um cãozinho ávido atrás de um osso, ele corria de uma tela a outra, incapaz de contemplar uma delas por mais de alguns segundos, porque outra o chamava, pelo canto do olho.

Enquanto Kate o olhava, cristais de triunfo se solidificavam dentro dela. Embora tivesse tanta certeza do gênio de Mistral, ela aguardara, tensa, a reação de Avigdor. Na opinião de muitos, ele era o mais sagaz dos marchands avant—garde da época. Em apenas um ano, sua nova galeria na Rue de Seine patrocinara uma série de exposições de sucesso, mostrando as obras de um grupo de novos pintores praticamente inéditos e ele criara um mercado ativo para suas descobertas.

Ela deu as costas aos nus. Havia neles algo que a enojava inteiramente, pensou ela, algo de repugnante. Mas as outras obras! Ela ficou assombrada. Os trabalhos anteriores de Mistral, pendurados nas paredes, bem como seus dois quadros, tudo desaparecia comparado com a nova energia, a explosão de vitalidade que animava suas naturezas—mortas. Aqui uma única zínia imensa, com seu círculo duplo de pétalas duras e rosadas, pairava contra o céu, atraindo para si a essência de toda flor que jamais existiu. Ao lado da zínia, uma tela grande mostrava um canto do estúdio, em que cada objeto irradiava uma força vital tão poderosa que a tela aumentava o seu mistério enquanto ela a olhava, até que, afinal, apagava o que a rodeava e ela se sentiu tonta, aturdida, dominada. Por toda parte no estúdio ela sentia como se houvesse buracos furados em assombro.

— Então? — disse Kate finalmente a Avigdor, em inglês, que ele falava tão bem. Para ela, sempre seria essa a língua dos negócios e fora a negócios que ela o levava ali.

— Devo—lhe um obséquio, meu bem — disse ele vagamente, como que num sonho, voltando aos retratos de Maggy nas almofadas verdes.

— Adrien, preste atenção — disse Kate, aproximando—se dele e estalando os dedos abaixo do nariz dele. — Sei como se sente, mas não o trouxe aqui só para ficar olhando.

— Meu Deus, Kate, meus joelhos estão fracos, meus olhos espocando. Parece que fui atingido por um raio... deixe que eu me refaça. Estou quase sentindo o cheiro do trovão — disse Avigdor, com seu sorriso franco de homem da roça.

— Então — aproveitou Kate — você concorda comigo? — Sem reservas.

— Então, que tal uma exposição individual? Você disse que estava inteiramente comprometido para o ano que vem, que não tinha meios de encaixar mais outro pintor. . . o que me diz agora?

— De repente descobri um novo mês em 1926... vamos batizá-lo de outubro.

— O mês de inauguração da temporada? — As sobranceiras finas de Kate se levantaram.

— Mas claro — disse ele, com a simplicidade de um lavrador próspero discutindo o preço de beterrabas.

— Naturalmente — repetiu Kate, pasma com a magnitude de sua vitória. Ela comprava de Avigdor desde que ele inaugurara a galeria e seu respeito pela sagacidade dele aumentara, ao vê-lo tomar—se cada vez mais forte, nas águas perigosas do mercado de arte. Então, quando ela o viu tomar uma decisão com a mesma rapidez e dedicação com que ela trabalhava, compreendeu o homem melhor do que nunca.

Como ela agira bem em levar o homem lá, sem dar a Julien sequer a oportunidade de dizer que não queria vê-lo. Avigdor, como muitos marchands, comprava logo os quadros que pretendia expor. A diferença entre o preço que ele pagava e o preço pelo qual os revendia representava não só o risco que assumia, mas o seu potencial de lucro.

Ela sabia que ele pagaria a Mistral o mínimo possível, com a devida justiça, mas isso lhe agradava perfeitamente. A independência financeira de Mistral era a última coisa que ela desejava. Um pintor que pode controlar seu marchand não precisa de patrono, pensou Kate, e quando chegasse o momento, o que se daria breve, em que seus preços subissem, ela pretendia ser a agente dessa determinada boa notícia.

Eles ficaram ali num silêncio repentino, como conspiradores, mas com uma certa cautela, cada qual esperando que o outro falasse. Por fim, Avigdor disse:

— É melhor eu ir falar com ele. — Ah, não, Adrien.

— Mas, minha cara Kate, é preciso que uma coisa fique clara. Esse seu Mistral pode ser alérgico a falar em dinheiro, conforme você me disse, e a não ser que eu o faça assinar um contrato de exclusividade, não temos nada a tratar.

— Adrien, confie em mim. Hoje não é a ocasião certa para falar do contrato com ele. Hoje não é a ocasião certa para lhe dizer coisa alguma, a não ser que daqui a três meses você vai lhe fazer uma exposição individual. Até agora eu não me enganei, não é? — Kate, não posso dizer a esse homem que vou fazer tudo que puder para lançá-lo se não tiver a segurança absoluta de que ele não vai me largar para ir procurar outra galeria, um dia — disse Avigdor, com uma firmeza de um criador discutindo a taxa de cobertura de um touro premiado.

— Você tem a minha garantia.

— Você espera que eu me arrisque baseado só na sua promessa? O que a faz tão certa de que fala por ele?

— Pode acreditar na minha palavra — insistiu Kate, com calma.

Adrien a examinou um momento. Não tinha certeza de gostar de Kate Browning, mas a admirava. Ela possuía, em matéria de gosto, uma segurança notável para quem não era do ramo; e tinha classe. Será que Mistral, aquele gigante altivo, impaciente e grosseiro estava sob a influência dela? Não havia nada que o indicasse, no modo como ele a cumprimentara, porém... era impossível duvidar de Kate, quando ela falava com uma resolução tão clara. Era um risco que valia a pena correr. Aliás, ele não sabia como evitá-lo. O mesmo instinto que levava Avigdor a resolver inaugurar sua temporada com os quadros de um homem cuja obra recente ele só vira há pouco mais de uma hora lhe dizia que ele só poderia alcançar Mistral por meio de Kate. Ele fez um gesto de aceitação e virou-se para a porta do jardim.

— Quer que eu diga a ele, Kate, ou você diz?

— Adrien! Você, claro. É sua decisão, sua galeria.

A boca bem marcada de Kate se curvou num riso delicado.

Ah, sim, pensou Avigdor, ela era esperta mesmo. Um leve tremor passou —lhe pela espinha. Não admira que ela nunca o tivesse atraído fisicamente. Não gostava de mulheres tão espertas quanto ele. Ou mais espertas.

Capítulo 6

Adrien Avigdor só tinha 32 anos quando conheceu Julien Mistral, mas na verdade poderia dizer que passara a vida se preparando para o dia em que poderia modificar o futuro de um pintor num único momento de decisão.

Ele fora criado no negócio de antigüidades. "Nós", dizia o pai, com um gesto grandioso para a loja próspera no Quai Voltaire, Já vendíamos antigüidades Avigdors dades a eles antes de construírem a Notre—Dame." "Nós" eram eu pomposo judeus, e "eles" todos os demais da França. ele não tinha dito que os Avigpai, tanto quanto se ria dele, pensou por que dors vendiam antigüidades aos faraós enquanto eles construíam agpirâmides.

Em criança, Adrien viajou pelo interior compras. Muito rápido, que mais parecia estar bebendo do que aprendendo, o pequeno Adrien percebera a diferença entre o modo de pensar dos negociantes em antigüidades e o dos compradores de antigüidades. Quando tinha apenas oito anos, sabia avaliar as mercadorias ele próprio se imaginando vitrina da loja do pai e precisando ter um par de taças. Melhor ainda, aos dez anos, sabia facilmente distinguir o bule de chá ou caixa entalhada que nunca seria comprada, que seria admirada, até pegada e comentada por um quarto de hora, mas que, por algum motivo, estava fadada a nunca trocar de dono. Diante de umas duas dúzias de xícaras de Umoges, sua mão, como que por vontade própria, pegava e virava a única que tivesse uma lasquinha na base.

Quando o pai morreu, em vez de trabalhar no negócio da família com os dois irmãos mais velhos, Adrien abriu sua loja própria, na Rue Jacob, a apenas alguns metros da igreja de Saint Germain—des—1^{re}s. Ele estava

convencido de que as pessoas comprem mais numa loja construída à sombra de uma igreja, de preferência uma catedral. Quando completou 25 anos tinha feito sua fortuna e, coisa nunca vista num Avigdor, o negócio de antiguidades deixara de fasciná-lo. Ele percebeu que ter chegado a um ponto perigoso em sua vida, quando vendeu um aparelho de chocolate que talvez não tivesse pertencido à Imperatriz Josefina, mas que poderia e deveria ter pertencido a ela. Ele ganhou cinco vezes o que pagou pelo aparelho e mal conseguiu ficar acordado, durante a transação.

Nós, disse ele consigo, com cara de quem perdeu um dos porcos, lhos temos vendido os destroços dos séculos por tempo demais. Em uma questão de horas, resolveu mudar de métier. Passaria do mundo das antiguidades, em que tudo que se podia vender já existia, para o mundo das artes, que os lucros acenavam sobre obras ainda não criadas. Seus assistentes bem treinados podiam continuar a tratar do seu negócio, bastando uma visita ocasional de sua parte.

Toda a ameaça do tédio desapareceu quando Avigdor contemplou o desafio de abrir para si um lugar num ramo que já contava com gigantes como Paul Rosenberg, os imensos Bernheim, René Gimpel, Wildenstein. e, o mais rico de todos, Vollard, cuja fortuna se baseara sobre os 250 Cézannes que ele um dia conseguira comprar do pintor, por cerca de 50 francos cada. Não seria fácil, começando do zero, numa profissão dominada por negociantes de casas que lidavam com as obras dos mais importantes pintores modernos, como Matisse e Picasso, e que ao mesmo tempo sabiam atrair a clientela dos maiores fregueses, alguns milionários norte-americanos, devido à facilidade com que podiam produzir de seus quadros um Velasquez, um desenho de Goya, ou uma obra de um dos grandes Impressionistas.

A despeito da solenidade respeitável desses ' grandes negociantes, com suas paredes forradas de veludo cinza, Avigdor sabia que o mundo compacto deles era um Doce de serpentes de inveja e rivalidade despeitada e franca, que aumentava à medida que se espalhavam as notícias do sucesso das filiais dos grandes marchands franceses em Nova York. Quanto desespero houvera diante da notícia de que os Benheiras tinham conseguido 20 mil dólares por um Matisse e que Wildenstein tinha um Cézanne grande por 60 mil dólares, preços nunca vistos antes na França.

Evidentemente, calculou Adrien Avigdor, se pode ganhar esse dinheiro com homens que há 25 anos eram desconhecidos absolutos, deve haver um mercado semelhante pelas obras que por enquanto ainda não interessam à maior parte dos marchands. Só alguns colecionadores nababos podem se dar ao luxo de comprar os velhos mestres, para garantir sua imortalidade. Tampouco há muitos colecionadores que arriquem milhares em pintores com reputações recentes. No entanto, devem existir muitos pretensos colecionadores que arriquem importâncias menos vultosas do que as exigidas para possuírem um Matisse.

"Sim", disse ele consigo, caminhando pela Rue de Seine, onde a mais movimentada das galerias da Rive Gauche já estava localizada, "os

compradores podem ser de três tipos: os do tipo Andrew Mellon, que só querem pintores que tenham passado pela prova do tempo, os do tipo Picasso, na etapa média, e os do tipo Avigdor, que querem comprar o que está para vir, no andar do para as pessoas passeando pela rua, ele se deu conta de que o mundo tinha sido organizado de modo que homens como ele pudessem prosperar. Afinal, ninguém precisava possuir obras de arte para sobreviver. No entanto, a natureza humana é feita de tal forma que, uma vez garantida a sobre-vive uma vez estabelecido um nível de conforto, a posse de objetos não essenciais se torna um desejo imediato. O selvagem que acrescenta um segundo colar ao primeiro e John D. Rockefeller comprando as tardes do Unicórnio não eram assim tão diferentes, eram? E a mulher do lavrador que espera uma boa safra e logo compra um jarro enfeitado para adornar o topo de uma cômoda... em que ela é diferente de Henry Clay Frick, aquele mecenas de olhos frios, que gastou um milhão de dólares pelos 11 painéis de Fragonard que Madame du Barry, achando—os sugestivos demais, se recusara a aceitar de Luís XV? “Sim, num meio termo entre a mulher do lavrador e os Rockefellers, há uma porção de clientes em potencial por aqui”, foi o que Adrien Avigdor se disse, feliz.

Ele passou dois anos dedicando—se a aprender seu novo ofício. Exteriormente, parecia do desocupado quanto aquele personagem do século XVIII, o cavalheiro de lazer. Visitava e tomava a visitar cada uma das melhores galerias, onde era bem recebido, como um colega rico e culto do mundo das antiguidades. Ele sorria o seu sorriso bem—intencionado, embora provinciano, e falava que estava cogitando de colecionar quadros... sobre o que, infelizmente, ele se confessava um neófito total.

Na Gimpel, ele disse, encabulado, que não estava pensando em nada tão raro quanto um desenho de Gretze ou mesmo um pequenino Mario laurencin — muito rico, para ele — mas quem sabe alguma coisa de uma pessoa mais nova? Na Rosenberg, refletiu tristemente sobre Picasso. Admirava Picasso mas achava que não podia pagar tanto — 100 mil francos o quadro. Se ele ao menos pudesse pagar 300 mil francos pelo Monet, o do barquinho vermelho... mas, claro, a época de se comprar Monet já passara, não? Talvez um mais jovem? Na ZborowsId, ele confessou que estava seriamente tentado pelos Soutines. Era verdade que um ano antes não conseguiam se livrar dele e agora valiam 15 mil francos cada? Fascinante! Era o que ele tinha ouvido. Que coisa imprevisível era o mercado de arte, por certo.

Avigdor procurou os conselhos de uma porção de críticos de arte, cuidadosamente escolhidos, os que trabalhavam para publicações especializadas, com leitores que compravam quadros com regularidade. lisonjeando—os, ele pediu orientação para formar a sua coleção planejada. Alguns, conforme era costume, concordaram em aconselhá—lo mediante um honorário e outros ele pôde levar a negócios excepcionais em matéria de antiguidades. Qual o homem que não gosta de viver com um pouco de bela prata antiga, uma cadeira império, alguns pratos de Meissen? Eles se tomaram seus amigos e lhe desejavam sorte.

Com o tempo, ele mergulhou nos sórdidos pardieiros dos estúdios dos pintores em Montpamasse, passando por La Ruéhe, a cité de Denfert Rochereau e o número 3 da Rue Josephara, nem rejeitando nem aceitando, mas olhando, sempre olhando.

Em 1925, Avigdor, agora com 27 anos, estava pronto para inaugurar a galeria que alugara e reformara belamente na Rue de Seine. Ele escolheu sete pintores que o interessavam, homens que ainda tinham muita luta pela frente, e nisso teve sorte, foi brilhante, seus olhos funcionaram de modo sublime... e, novamente, teve sorte. Em um ano, passou a ser considerado um marchand apante de, discernimento excepcional. Em breve todo o mundo das artes vibrava com as notícias de todos os seus atos. Seus bons amigos entre os críticos aplaudiram, pois não lhe haviam ensinado tudo o que ele sabia? Ele não era um bom sujeito? Os críticos que não eram seus amigos o atacaram ferozmente e isso provocou mais vendas ainda, pois em Paris se a arte nova não provoca escândalo, nem vale a pena ser vista.

Com um alívio bem disfarçado, Mistral concordou com a exposição individual. Por algum motivo, uma vez resolvido isso, parecia relativamente pouco importante, conforme Kate lhe explicou, assinar o contrato de exclusividade. Era razoável que não se podia ter um sem o outro, disse ela, num tom natural que abreviou a conversa, especialmente porque ela lhe dissera que ele não tinha pedido preços bastante altos por suas obras.

— Deixe que eu barganhe por você com Avigdor — disse ela. — Todo mundo sabe que ninguém cobra bastante pelo próprio trabalho... é preciso uma pessoa que não esteja envolvida emocionalmente. E gosto de fazer isso... é o tipo de coisa em que somos bons, na minha família. Realmente, Julien, você estaria me fazendo um favor.

Mistral, que detestava a idéia de dinheiro e não via com prazer a perspectiva de discutir com Avigdor, pôs de bom grado seus assuntos financeiros nas mãos dela. Ele então poderia supervisionar com mais atenção aos preparativos de sua mostra.

Durante anos ele fora descuidado com as telas acabadas, impacientemente deixando—as sem esticar nem envernizar, encostadas nas paredes ou penduradas de um prego onde encontrasse lugar, mas agora o orgulho pelo trabalho realizado nos últimos meses era tão grande que nenhum detalhe era pequeno demais que não merecesse sua atenção plena. Ele passou os três meses que precederam a exposição quase ocupado demais para pintar. Maggy continuava a sustentá-lo, modelando, pois ele se — deixava interromper a qualquer hora por Kate, que ia lá freqüentemente, levando—o com ela em seu Talbot azul conversível para examinar as provas do catálogo, escolher o modelo aos convites para o Vernissage, ou se dor, para beber alguma coisa.

Kate estabeleceu excelentes relações profissionais com os fabricantes de molduras, que tinham de ser tratados com cuidado, pois sua sensibilidade de artesãos era conhecida. Mistral passou a depender cada vez mais dos serviços dela como intermediária entre ele e esses artesãos, que não admitiam reclamações de pintores impacientes, mas que pareciam gostar de

colaborar com aquela encantadora moça americana que lhes falava com um respeito tão apropriado.

Maggy esperou e esperou, com um pressentimento não confessado de muito sofrimento crescendo cada vez mais em seu coração. Ela rifo tinha armas a não ser o seu corpo e seu amor, mas a atenção de Mistral estava focalizada na exposição e ele a procurava cada vez menos. Quando eles faziam amor, havia sombras entre eles, as sombras de um ciúme riso reconhecido, as sombras dos sentimentos dele quanto à exposição, que mal tinham subido à tona.

Ele vivia num misto de exultação e preocupação, em que a ansiedade se misturava à esperança, a empolgação se ligava ao pânico. Por baixo de tudo havia um sentimento forte, crescente, aterrador, de vitória. Esse homem, que por tanto tempo tinha crescido de seus colegas pintores, que seguira o seu caminho, grosseiramente, que explodira com desprezo contra o mercantilismo do mundo das artes, agora se via desejando desesperadamente, com todo o poder de seu caráter bárbaro e esfaimado, assumir seu lugar nesse mundo e ser finalmente reconhecido.

À medida que se aproximava a data do vernissage, Mistral foi ficando cada vez mais agitado.

Sem se saber como, Kate, com sua convicção total do gênio dele, conseguia encontrar as palavras certas que ele precisava ouvir para sentir um conforto momentâneo, um alívio que ele cada vez mais freqüentemente pedia a ela, embora fingisse quase não fazer caso dela, quando ela falava.

Mesmo que Maggy soubesse o que dizer, ele não lhe teria dado atenção. Ela era muito jovem, muito ignorante para que sua opinião tivesse algum peso com Mistral. Naturalmente, Maggy achava o trabalho dele maravilhoso. Por que não? O que ela sabia de pintura, senão as migalhas que apanhava, como um pombo apanha migalhas na rua? Como é que a opinião de uma modelo de 18 anos lhe poderia dar o apoio que ele encontrava ao conversar com uma mulher de sociedade, culta, filha de gente rica que, aos 23 anos, conseguira rapidamente conhecer todos os membros que contavam nos círculos artísticos de Paris? Os dedos delicados de Kate pareciam feitos para tomar o pulso desse mundo e avaliar o seu estado.

Naquele mês de junho passado, Paul Rosenberg tinha exposto a obra de Picasso dos últimos 20 anos. No dia 5 de outubro de 1926, quando Avigdor expôs pela primeira vez as obras de Mistral, ficou evidente que acontecera o segundo grande acontecimento do afio. As pessoas convidadas para um vernissage são tão inclementes quanto desprovidas de falso orgulho. Se acham as obras desinteressantes, logo dão as costas às paredes e ficam conversando uns com os outros, bebem um cálice de vinho, se existir, e partem para ver coisa mais interessante, sem qualquer palavra de desculpas para o marchand.

Quando, porém, o trabalho lhes agrada, quando cheiram um talento novo, são capazes de se empurrarem para olhar melhor, com tão pouca educação quanto se estivessem pegando um último táxi numa noite de chuva. E quando resolvem comprar, uma onda de desejo começa a se criar

na galera, saltando de um espectador a outro, tão contagiosa quanto o histerismo, como se esses colecionadores bem vestidos fossem crianças mal-educadas numa festa de aniversário, abertamente gananciosos, agarrando a última fatia de um bolo delicioso, mas de tamanho errado, e no entanto essencial.

Avigdor, assediado, colocou uma etiqueta de "vendido" na última das 50 telas, menos de duas horas depois que os colecionadores e os apenas curiosos começaram a entrar na galeria, muitos alertados pelos críticos que sabiam que Avigdor lhes daria ocasião para um debate empolgante. Ele precisou de toda a sua paciência e bom humor para lidar com as reclamações de antigos clientes, irritados diante da impossibilidade de adquirirem os quadros que queriam.

— Volte amanhã — repetia ele, com um apelo confiante nos olhos bondosos — e vou ver se há alguma coisa que lhe possa ceder... mas não posso prometer milagres... há de ser coisa pequena. Perdão, meu amigo. Não, eu lhe garanto, não reservei nada para mim... sabe que nunca faço isso. Amanhã... sim, vou tentar encontrar alguma coisa.

Desse modo, pensou ele, ia se livrar de todo o trabalho anterior de Mistral.

Mistral meditava, uma ilha calada no meio da sala comprida e apinhada. Intelectualmente, ele compreendia o seu sucesso, mas em vez da glória que esperava sentir, havia um vazio, confusão. E havia algo mais. ... havia o pânico. O sucesso, desdenhado por tanto tempo, e depois buscado por fim com uma urgência tão intempestiva, o sucesso era uma mudança grande demais para ele aceitar. O território era desconhecido demais, a posição exposta demais, o prêmio rico demais.

Cada vez que um estranho se aproximava dele para cumprimentá-lo, as palavras pareciam significar menos e menos. As pessoas envolvendo-o animadamente, tagarelando com ele e umas com as outras, não se ligavam, na cabeça dele, com os quadros nas paredes. Ele não podia forjar um elo entre o trabalho dele, o trabalho que ele fazia sozinho, o trabalho que surgia de suas entranhas, com qualquer dos elogios que lhe estavam sendo feitos. Ele murmurou seus agradecimentos, mantendo os olhos focalizados acima das cabeças das pessoas que lhe falavam, distraidamente afastando os cachos ruivos da testa, que estava úmida do calor da sala.

Somente com Kate — deslizando facilmente no meio da multidão, voltando ao lado dele de vez em quando — é que ele conseguia olhar para baixo e esboçar um sorriso. Eles trocaram algumas palavras, comentários sem importância sobre o número de pessoas e o sucesso das molduras, mas quanto menos diziam mais íntima era sua comunicação. Mistral se fortalecia com Kate, que não sentia nada do medo que o estava envenenando. Para ela, a vitória era de segunda mão, bastante distante para estar controlada, mas bastante próxima para enchê-la de doçura de ter sido o instrumento de tudo aquilo.

Maggy estava de pé num canto, mantendo-se especialmente emperdigada e altiva. Um mal-estar feroz se apoderara dela, ao ver o povo

se agrupar empolgado em volta das sete telas que a exibiam em toda a sua nudez. Uma coisa era posar para um pintor, mas outra bem diferente era ser exibida para leigos, pensou ela. Se ela soubesse como se sentiria, nem teria ido ao vernissage, afinal. Ela se munuiu de toda a experiência daquele ano para poder aceitar com calma as felicitações que acompanhavam os apertos de mão convencionais, os olhares predatórios e avidamente inquisitivos e atentos.

Era quase, pensou ela, como se ela fosse um animal, um cavalo que acabava de ganhar uma corrida ou um cão que fora considerado o "melhor da exposição".

"Magnífico, mademoiselle" ou "Esplêndido, esplêndido mesmo", diziam — lhe e passavam logo adiante, como se ela não fosse um ser humano com quem se pudesse falar razoavelmente. dali a pouco, algum daqueles homens com certeza ia querer meter um torrão de açúcar em sua boca — esse perderia um dedo.

Se ao menos Julien ficasse perto dela, se ele ao menos encontrasse seu olhar... Mas ele estava tão imóvel em sua posição no centro da sala e tivesse sido plantado ali. Por que ele não fazia caso dela hoje, logo hoje?, perguntou — se e um sofrimento surdo se instalou por trás de seus olhos.

Até mesmo Paula, que a princípio tinha ficado junto dela, já se afastara para olhar o mundo de colecionadores, pintores e críticos, as mesmas pessoas que iam ao seu restaurante todas as noites. Era como se a festa fosse em homenagem a Paula, pois, se não fosse ela, nada disso estaria acontecendo. Se Paula Deslandes não tivesse lançado Maggy Lunel, Mistral ainda poderia ser um desconhecido, pensou ela, nada segura de estar satisfeita com sua generosidade. Ela estava olhando em volta com aquele ar indefinido de quem é de casa, a pessoa que entende, num acontecimento público, quando um homem que ela nunca tinha visto falou com ela.

— É um acontecimento extraordinário, madame, não concorda?

— Concordo, sim — disse Paula, com uma inclinação sutil da cabeça que Marquesa de Pompadour não teria achado indigna. Ela viu logo, por aquela única frase, que o homem era do tipo especial de norte-americano que fala um francês razoável, mas que ainda tem bastantes dificuldades com o idioma para não ter a pretensão insuportável de se considerar fluente.

— Madame é colecionadora?

— Em pequena escala — respondeu Paula, olhando para o homem com interesse. — E monsieur?

Como sempre, ela reagiu primeiro à virilidade dele, sua beleza. Depois, ela notou que ele estava excepcionalmente bem vestido; no entanto, usava suas roupas caras com uma franqueza americana, uma espécie de brusquidão imaculada que proclamava suas origens.

— Em pequena escala também... pode-se morar em Paris sem se colecionar alguma coisa?

— Há quem more. . . mas esses não me interessam — disse Paula, torcendo desdenhosamente seu nariz petulante.

— Permite que me apresente? Perry Kilkullen. — Paula Deslandes.

Quando eles se apertaram as mãos, ela examinou seu novo conhecido. Provavelmente ele estava perto dos 40 anos e sua aura de prosperidade contrastava agradavelmente com os espessos cabelos louros que começavam a ficar grisalhos nas têmporas e os olhos cinzentos que conservavam um entusiasmo juvenil. Ele era, pensou Paula, o tipo de americano esplêndido que os ingleses, com pesar, são obrigados a reconhecer como um gentleman, a despeito do lugar de seu nascimento.

— Comprou alguma coisa nessa exposição? perguntou Paula.

— Infelizmente, não. Os únicos quadros que eu realmente desejava já estavam todos vendidos.

— Quais o senhor teria escolhido? — perguntou Paula, com o seu beicinho mais encantador.

— Qualquer dos nus... acho que são a melhor coisa aqui.

— Monsieur tem gosto para o sublime — implicou Paula.

— Notei que a senhora estava falando com a moça — disse Perry Kilkullen, mostrando Maggy, do outro lado da sala. — Ela é modelo, não é?

— O senhor não está pensando que existem duas dela no mundo, não?

— Imagino que seja mulher do pintor?

— Deus nos livre!

— Amiga, então? — perguntou ele, delicadamente, dando à palavra "amiga" o ligeiro tom de pronúncia, um simples fragmento de tom que para os franceses indica um parceiro sexual.

— Certamente não — disse Paula, com ar protetor. — Maggy é modelo profissional de pintores... a melhor de Paris, como qualquer pessoa lhe poderá informar. Trabalha para muitos pintores.

— Maggy?

— Maggy Lunel... minha protégée — disse Paula, orgulhosa.

— Ela é tão linda. Uma moça diferente — disse Perry Kilkullen, com uma voz que fez Paula olhar para ele atentamente. Ele estava fitando Maggy abertamente com uma expressão de um anseio «o apaixonado, que Paula teria rido se seu amor—próprio não tivesse necessidade de uma fração de segundo para recuperar o equilíbrio. Ah, mas o que é que ela estava pensando de si? Seus 43 anos, embora viçosos, não pareceriam coisa alguma, comparados com os 18 deslumbrantes de Maggy, pensou Paula, dando—se uma sacudida mental.

De que modo ela é sua protégée? — continuou o estranho, não procurando esconder sua curiosidade.

— Ali, essa é uma história comprida — disse Paula, comum ar evasivo. Tinha de conceder a glória plena dos 18 anos, refletiu, mas não precisava se humilhar diante deles. Aquele bonito quem teria de se esforçar muito mais para descobrir alguma coisa que quisesse saber.

Maggy, ainda encurralada no canto, olhava para Mistral, que estava a uns seis metros de distância. Ali, aquilo era intolerável. Ela não podia suportar más um minuto sem ter algum contato com ele. Talvez ele — passasse o braço em torno dela, ou pelo menos pegasse na sua mão. Ela estava precisando de uma palavra de carinho, algum gesto. Por que em ao

infantil? Até mesmo um sorriso a ajudaria a passar por aqueles momentos. Maggy começou a lutar para chegar junto de Mistral. Teve o caminho impedido por Avigdor, que fora agarrado por um homem gordo, de cabelos tingidos de preto.

— Adrien, quem é o dono daquele nu, deitado nas almofadas verdes? Quero encontrar o sortudo do filho da puta e conseguir o quadro dele. É só questão de quanto ele quer pago qualquer coisa... seja bonzinho e me diga.

— Não está à venda — disse Maggy, delicadamente.

— Mademoiselle Lunel tem razão — concordou Avigdor. — Pertence à Srta. Browning.

— Que diabo! — disse o gordo. — Onde está ela? Quero falar com ela.

— Monsieur Avigdor está enganado — disse Maggy, com firmeza. Aquele determinado quadro é meu desde o dia em que foi pintado. Julien o deu para mim e não tem preço, porque nunca o venderei.

— O que é que você diz disso, Avigdor? — insistiu o homem, sem se impressionar.

— Parece haver alguma confusão... ah, talvez a Srta. Browning possa... eu não...

Avigdor parecia que estava vendo os céus se abrirem e o granizo estragar o seu feno.

— Olhe aqui, venha comigo — disse Maggy ao gordo.

Avigdor obviamente não sabia o que estava fazendo ou dizendo. Com dificuldade, ele abriu caminho até Mistral e agarrou o braço dele.

— Julien, seu vendedor acabou de dizer a esse senhor que o meu quadro não me pertence... explique a ele, por favor.

Mistral virou a cabeça e olhou furioso para os dois, as sobrancelhas cerradas. Sua boca, sempre posta em linhas severas, estava apertada de aborrecimento.

— Que tolice é essa, Maggy? Você parece tão louca quanto todos os outros desse raio de jardim zoológico.

— Julien, escute. É sobre o meu quadro, o primeiro que você pintou de mim nas almofadas verdes. Avigdor disse a esse homem que Mademoiselle Browning é dona dele.

— Isso é a pura verdade.

Kate falou com calma. Ela aparecera ao lado de Mistral, no momento em que Maggy o alcançou.

Mistral sacudiu a cabeça, zangado.

— Que diabo está acontecendo?

— É muito simples, Julien — declarou Kate, com sua voz sem paixão. — Reservei todos os nus para mim, antes de abrir a exposição. Obviamente, são importantes demais para serem vendidos separadamente. Eu queria ter a certeza de que seriam conservados como uma série... era o único meio de garantir isso. Do contrário, estariam dispersos nas mãos de sete pessoas diferentes, a essa altura.

Maggy largou o braço de Mistral.

— Não podia ter comprado o quadro para si, Srta. Browning. Nunca

estive à venda. É meu. Pergunte ao Julien! Julien, diga a ela! Você se lembra, tem de se lembrar. .

Mistral fechou os olhos, como que para apagar as palavras dela, e Maggy reviu, num lampejo, aquele momento em que ele tinha caído em cima dela naquela investida de posse absoluta, suas mãos grandes, ainda gosmentas de tinta, esfregando—se em seus pêlos numa vitória rude.

— Ele lhe pinta outro — disse Kate, sem levantar a voz. — Não é, Julien? Seja razoável, mademoiselle, acalme—se. Não pode esperar mesmo que ele cumpra uma promessa apressada que possa ter feito sobre aquela primeira tela... ela significa demais para o conjunto da obra dele. Tenho certeza de que todos estão de acordo.

— Julien! Por que não faz alguma coisa? Você sabe que me deu o quadro. — A voz de Maggy ergueu—se furiosamente, de repente descontrolada.

Mistral olhou de uma mulher para outra. O rosto de Maggy estava corado de angústia e descrença, ela estava imobilizada, incapacitada no meio do povo apinhado, e sua boca saliente se contorcia numa careta de emoção. Kate estava ali quieta, requintada e elegante, o oval puro de sua cabeça pousada no pescoço de um modo que indicava, como nenhuma palavra poderia fazer, que a justiça de sua posição era indiscutível.

— Pare de agir como criança, Maggy! — mandou Mistral, com brutalidade. — Kate tem toda a razão, os sete quadros têm de ficar juntos. Eu te compenso, que diabo! Você não vai morrer por desistir de um quadro, pelo amor de Deus!

Durante um momento prolongado, Maggy olhou bem para a cara dele. Ela ficara completamente imóvel e um controle rígido caiu como uma máscara sobre a sua indignação feroz, ao ouvir aquelas palavras. O barulho das vozes diminuiu em tomo dela, enquanto ela absorvia a posição de Kate e o significado do que Mistral dissera. Naquele caso ela sabia mais a respeito deles do que eles mesmos sabiam... talvez mais do que jamais saberiam.

Maggy sempre reconhecera que Kate era uma antagonista — ela agora via que a americana tinha olhos de texugo. Ela não comprara os quadros porque gostasse deles e sim porque os detestava, porque queria fazer com que desaparecessem. Mistral, em quem Maggy quisera confiar, porque não fazê—lo seria ir contra toda a sua natureza carinhosa, se voltara contra ela numa irritação simulada que chegava a ser uma mentira vergonhosa.

Ali, no que deveria ter sido seu momento de triunfo, pareceu a ela que ele tinha cheiro de algo furtivo e diminuído — um animal selvagem, preso numa armadilha, domado e engaiolado. Em Kate, Maggy sentiu uma implacabilidade cujas dimensões ela podia apenas começar a compreender. Ela estava ali impotente, sem amigos, numa arena em que não podia haver vitória, da qual não havia fuga a não ser uma retirada honrosa. Ela sentiu como se tivessem arrancado algum tampão vital de seu corpo. Se ela continuasse a encará—los ali, começaria a uivar numa dor abominável e indecente — e sem qualquer propósito.

Devagar, e agora com calma, ela falou com Kate.

— Já que deseja tanto o meu retrato, mademoiselle, que está disposta a

roubá-lo, eu o dou de presente. Não há preço. Guarde-o onde o possa ver sempre, mas lembre-se... nunca será realmente seu. — Ela se virou para Mistral. — Você não me pode "compensar" coisa alguma, Julien. Você me deu um presente, mudou de idéia, agora o tomou de volta... é tão simples que até mesmo eu, embora seja criança, posso compreender esse ato.

— Merda! Maggy, pare de exagerar..

— Adeus, Julien.

Ela fez um cumprimento cerimonioso a Avigdor e Kate, virou-se e saiu da galeria, dura como se suas pernas tivessem virado gelo, mas com a cabeça erguida na haste comprida do pescoço. Quando Maggy se moveu, numa dignidade fria, as pessoas abriram caminho para deixá-la passar, olhando para ela. Certamente, pensou mais de uma dessas pessoas, esta não é, afinal de contas, a mesma moça que serviu de modelo para aqueles quadros. Aquela modelo era uma criatura risonha, erótica, e tão jovem, tão suculenta. Mas esta era uma mulher austeramente bela, intocável, majestosa e, acima de tudo, adulta.

Capítulo 7

Quando Perry Mackay Kilkullen afinal se arrancou do vernissage de Mistral, sabia que devia tomar um táxi, pois estava atrasado. A distância é a mesma, em linha reta ou a pé, da galeria de Avigdor ao Hotel Ritz, onde estava hospedado, ou na outra direção, ao Carrefour Vavin. O coração do mundo das artes e o centro da grandeza da margem direita do Sena, estão ambos a uma boa caminhada da Rue de Seine. Estão mais perto ainda se a viagem for de táxi, mas Perry Kilkullen não se achou capaz de dar o salto físico da noite de Paris para o interior fechado de um dos táxis Renault, quadrados e de cor vermelha escura. O crepúsculo de princípio de outubro tinha um ar de sonho, um calor ainda embalado pelos aromas do verão, prenhes de promessa, que seria um crime perder.

Voltando a pé ao Ritz, a fim de trocar de roupa para um jantar de negócios, ele parou um minuto na Pont du Carroussel e olhou para o grande barco da Ilha de la Cité, aquela nobre ilha do Sena que sustenta acima a silhueta agachada da fachada de Notre-Dame. Ele deu as costas àquela recordação eterna de sua fé e olhou para oeste, para a distância cor de limão, pelo rio sinuoso bordejado pelos prédios altos, estreitos e cinzentos à esquerda e as sombras atraentes do jardim azul das 7uierias à direita, espetáculo que em geral o levava a concentrar-se com todos os sentidos para gravar de novo em sua memória a vista que ele considerava a realização máxima do homem civilizado.

Naquela noite, ele não viu nada a não ser a moça, uma moça alta como uma jovem rainha de cabeleira ruiva, com uma boca que parecia ter sido feita só para ele e um corpo que o levava a achar que morreria, se nunca o tocasse. Ele era só anseios e tormento, e mesmo na onda de sua emoção, lembrou-se da frase de Shelley, “o desejo da mariposa pela estrela”, e riu, feliz, por sentir uma emoção que nunca conhecera, uma emoção que ele achara ser descrita pelos poetas com maldade propositada, a fim de fazer inveja aos que não eram poetas.

Perry Kilkullen, aos 42 anos, era um exemplo da flor da aristocracia católica americana irlandesa. Aparentado com a família Mackay, da vasta fortuna da Mina Comstock, ele se casara jovem com uma moça do imenso e importante clã dos McDonnell, moça graciosa e intensamente piedosa, que podia provar que o seu determinado ramo da família grande e importante descendia em linha direta do próprio Lorde das Ilhas, e falava dos McDonnells do século XIII como se fossem primos em primeiro grau.

Com o correr dos anos, Mary Jane Kilkullen teve de substituir o amor da prole pelo amor da genealogia, pois ela e Perry foram quase os únicos entre seus contemporâneos que não tiveram filhos. Como seus muitos amigos, eles velejavam em Southampton no vedó, esquiavam no Lake Placid Club e iam a Pinehurst para o golfe na primavera, mas a ausência de filhos, que os teria unido como pais católicos, sólidos e realizados, não os levou a se procurarem em busca de consolo, como acontece tantas vezes com os casais sem filhos.

A princípio, a esterilidade do casal foi uma ausência decepcionante e inexplicável e depois, prolongando—se numa aceitação azeda, eles se afastaram de seu relacionamento pessoal, que se baseara sobre uma simples atração juvenil passageira, e se dedicaram, cada qual de seu lado, a assuntos que lhes garantissem alguma realização.

Mary Jane Kilkullen tornou—se indispensável à Sociedade do Pequeno Salvador, às Irmãs Católicas, ao Centro Católico para Cegos, e ao Hospital dos Enjeitados. Perry Kilkullen dedicou—se à sua firma de banqueiros internacionais e, em 1926, estava passando mais tempo em Paris do que no grande apartamento em Park Avenue 1008.

Paris se tornara o seu verdadeiro amor, seu consolo para a aridez de sua vida pessoal e Paris o conservava jovem, como faz com todos os que a amam de verdade. Assim como o amor por Londres dá brandura ao homem, o amor por Roma dá uma página da história, assim o amor por Paris garante um coração sempre aberto.

Perry Kilkullen tinha uma suíte de quatro peças dando para os jardins internos do Ritz e, embora sua vida parisiense fosse cheia de telegramas,

conferências, almoços de negócio e jantares de cerimônia com outros membros da comunidade bancária internacional, ele muitas vezes dispensava o chofer e saía a pé, a esmo, para caminhar pelas ruas sempre cativantes da sua cidade.

Agora as mulheres, muitas mulheres, olhavam para ele, caminhando apressado, já atrasado, para a Place Vendôme. Paula examinara sua voz, roupas e jeito, mas as mulheres que reparavam nele, embora não tendo essas indicações, assim mesmo sabiam que ele não era francês, ao verem o seu vulto alto, ao terem uma rápida impressão de flexibilidade e vitalidade, alguma coisa no asso dele, rápido, marcial, confiante, que parecia estar caminhando ao compasso de tambores; o brilho de seus cabelos louros, à luz dos lâmpões.

Perry Kilkullen não viu nenhuma delas ao se aproximar do Ritz e subir a escada correndo, para onde já havia muitos homens de casaca e mulheres de capas de brocado, suas muitas pulseiras chocalhando e se chocando juntas. Ele correu pelo saguão movimentado, perfumado, cinza e dourado, esqueceu—se de cumprimentar o concierge imponente, não se lembrou de sua palavra costumeira ao cabineiro de luvas brancas, passou sem uma palavra por seu criado de quarto, ignorou o punhado de cartas que o aguardavam e se enfiou em seu traje a rigor com apenas duas palavras martelando em sua cabeça. Maggy Lunel. Maggy Lunel!

Bastou meia hora de indagações, na manhã seguinte, para ele descobrir que Madame Paula Deslandes era a proprietária do La Pomme d'Or. Ela dissera que Maggy Lunel era sua protégée, pensou Perry Kilkullen. O que, exatamente, significaria aquilo?

Ele mandou que sua secretária lhe reservasse uma mesa para aquela noite e jantou sozinho, nem reparando na excelência do gigot malpassado ou a madureza do Brie, aguardando o momento em que Madame Deslandes lhe daria a honra de passar por sua mesa. Ela o cumprimentara

amavelmente quando ele chegara, mas, enquanto ela ia de mesa em mesa, em seu restaurante repleto, cada grupo parecia exigir uma atenção interminável. Pelo canto do olho ela o viu sentado ali impaciente, não comendo quase nada, enquanto ela conversava com os seus fregueses de todo dia, demorando—se mais do que de costume. Ele que espere, pensou ela, não sem um resquício pequenino mas inegável de orgulho ofendido. Quando ele estava tomando a segunda xícara de café, Paula se aproximou da mesa dele e o cumprimentou. Perry levantou—se de um salto.

— Aceita tomar um conhaque comigo, Madame?

— Com prazer.

Paula sentou—se defronte dele, apoiou os cotovelos gordos na mesa e, pensativa, pousou o queixo petulante sobre as mãos dobradas. De que modo, pensou ela, ele ia abordar o assunto que o levava lá, sem se tornar óbvio?

— Madame, preciso conhecer a moça.

Paula levantou as sobrancelhas, com admiração. O ataque direto. Nada mau, para um americano.

— Pode ajudar—me, Madame?

Ela levantou a outra sobrancelha, suas feições bem distribuídas dispostas num meio—termo de receptividade e hesitação.

— Madame, estou apaixonado.

Ela estalou os dedos, com pouco caso.

— Assim? Não é possível.

— Madame, sou um homem sério, não sou caprichoso, sabe, nem dado a fantasias. Coisas assim nunca me aconteceram... mas agora sim Sou banqueiro...

— Um banqueiro? Tiens... cada vez mais impossível.

— Eu lhe asseguro. . . por favor, não se ria... olhe, sou sócio do Kilkullen International Trust... eis o meu cartão... só peço uma oportunidade para conhecê—la.

Paula olhou para o cartão longa e seriamente, como se estivesse querendo ler o futuro nele. Maggy passara a noite no apartamento de Paula e haviam conversado até bem depois da meia—noite. Maggy tinha acabado com Mistral. Não interessava se ele fora para a cama com Kate ou não, dissera ela, e Paula reconhecera a verdade inelutável na voz dela. Era uma questão do orgulho de Maggy. Ela fora tratada como se não valesse nada. Fora rejeitada lentamente, durante semanas, e se recusara a ver o que estava acontecendo. Agora que ela sabia que Mistral a tinha em menos estima do que a americana, agora que ela afinal compreendia, nunca mais procuraria o menor gesto dele. Nada. Jamais, uma coisa era fazer papel de idiota por amor — isso podia acontecer com qualquer um — e não havia desonra nisso, mas era outra coisa bem diferente a gente fazer papel de idiota por si.

Paula a ouvira, tendo o cuidado de não encorajá—la, a princípio, pois sabia que uma mulher sabida não toma partido em brigas de amantes. Se Maggy voltasse para Mistral, depois de todas essas belas palavras, a concordância de Paula no fim seria usada contra ela.

Mas, com o passar das horas, ela viu que Maggy realmente fora longe demais para voltar atrás, que os acontecimentos lhe haviam ensinado lenta e inconscientemente, nas últimas semanas, uma compreensão do caráter de Mistral, apesar dela; que ela não tinha reservas de ilusão a esgotar, nem anos de emoções partilhadas a consolar com falsas esperanças.

Paula não duvidava que Maggy ainda amasse Mistral. Uma paixão, uma primeira paixão, como a que ela vivera com ele, marca a mulher para toda a vida. Nenhuma mulher realmente se refaz de um amor assim. No entanto, a perda do quadro, como nenhum outro fato jamais poderia ter feito, lhe mostrara a verdadeira natureza do homem. Era uma prova conclusiva de que Julien Mistral nunca se dedicara a Maggy como ela a ele. Ela nunca mais poderia amá-lo cegamente. A generosidade que ela dera a Mistral, de modo tão puro, dependia dela acreditar — não importa que isso tivesse sido apressado ou tolo ou até mesmo inteiramente falso — que ele a amava como ela o amava. Destruída essa idéia, não lhe restava nada a que se agarrar.

Maggy agora estava além da fase da raiva. Para ser justa, Julien nunca dissera que sentia o mesmo que ela. Ela supusera aquilo, com uma credulidade que agora parecia pertencer a uma pueril inocente que ela mal conhecia.

Ela estava de olhos enxutos, firme e decidida. Era o único meio de lidar com a situação. Chorar seria prejudicar—se mais ainda e isso teria sido insuportável.

Ela mandara um garoto buscar as coisas que deixara no estúdio de Mistral e, no momento, estava—se instalando de novo em sua casinha.

— Madame.

Perry Kilkullen achou que se ela ficasse mais tempo olhando para o cartão dele, este ficaria amarelado nas bordas é murcho, de velhice.

Paula levantou os olhos. Ele era um homem bom. Ela não poderia se enganar com uma coisa tão básica. Era rico — isso se notava em cada fio do paletó dele. Era sincero. Se ele podia realmente estar apaixonado por Maggy, sem ter trocado uma palavra com ela, era uma questão discutível, mas ele certamente achava que estava. O desejo — claro — mas amor era outra coisa. Ele provavelmente era casado, mas o problema não era esse. As feridas recentes de Maggy não deviam ficar sem um bálsamo e quanto antes melhor. Deus era testemunha que esse Kilkullen era maravilhoso de se olhar. Que melhor tônico se poderia desejar para ajudar Maggy a se refazer de uma trágica aventura com Julien Mistral do que um americano "bom, rico e bonito? Mesmo que ele fosse um pouco louco? Toda francesa deveria ter pelo menos um... pelo menos uma vez.

— Amanhã à noite, Monsieur Kilkullen, o senhor pode nos convidar para jantar com o senhor — disse ela, séria, sentindo—se um pouco como a ama de Julieta.

— Ah... — ele deu um suspiro de alívio. Estava disposto a procurar Avigdor, se Madame Deslandes se recusasse, mas sentia—se menos ridículo falando com uma mulher

— No Marius e Janette — continuou Paula. — Já que é tempo de ostras.

— E, pensou ela, já que Maggy não tem roupa para ir ao Maxim's. As criações de Madame Poulard só poderiam levá-la até lá... certamente não ao Maxim's.

— Como poderei lhe agradecer? — implorou ele.

— Não notando se eu pedir uma segunda dúzia de ostras... pedindo que eu aceite uma terceira... mas não me permitindo sobremesa. Não sou uma mulher difícil. Prefiro os prazeres simples.

— Quem me dera ter um irmão — disse ele, com admiração.

— Ah! E eu também!

Durante aquele primeiro jantar constrangido, enquanto Paula se dedicava a suas ostras — pois a gente pode aproximar as pessoas, mas depois disso elas têm de se haver sozinhas — Perry Kilkullen viu claramente que, por baixo da aparência tensa de Maggy, havia um sofrimento profundo e terrível, uma pesada carga de tristeza que ela mal conseguia tentar esconder. Isso o encorajou mais do que se ela estivesse alegre, pois mostrava que ela devia estar sofrendo e, fosse o que fosse, ele pretendia curá-la. A opereta de som que enchia o restaurante iluminado e movimentado, junto da Place d'Alma, era um fundo para o encanto grave e sensual da voz dela, triste, em que havia um tom de luto de que ela nem tinha consciência. Ele estava preparado para um encantamento, mas, com o correr do jantar, ficou abismado diante da turbulência de suas emoções, abismado e sem medo.

Nas semanas seguintes, ele lhe fez a corte como os cavalheiros cortejavam as damas quando ele ainda era solteiro, no princípio da década de 1900.

Apesar de jovem para os seus 42 anos, as maneiras de Perry Kilkullen eram marcadas por uma graça eduardiana, pela discrição de um período em que havia muito tempo para todas as coisas.

O apartamento de Maggy se encheu de cestas de flores que chegavam diariamente da Lachaume, mas ele não se permitiu lhe oferecer mais nada. Ele andava todo dia pela Rue de la Paix, quando saía do Ritz de manhã, e olhava, triste, para a entrada da Cartier. Gostaria de entrave lhe comprar... qualquer coisa, tudo!... mas sabia que era inteiramente impróprio. Sempre que ela aceitava, ele a levava para jantar. Numa época em que o traje a rigor era a regra nos grandes restaurantes, ele se curvava ao desejo dela de ir aos lugares mais simples, onde ela se sentia à vontade em seus vestidinhos e capa preta. Delicadamente, como se ela fosse uma ave rara e selvagem, ele a levou a contar sobre sua infância: a avó, o Rabino Taradash e o bando de peraltas de que ela fada parte até cerca de dois anos antes. Ele, por sua vez, lhe contou sobre seu parente lendário, "Honest Ned Kilkullen", que assumira o poder no Tammany Hall (Partido Democrático de Nova York) e vencera — por algum tempo — e lhe explicou a diferença entre os irlandeses e todos os outros imigrantes aos Estados Unidos.

— Adoram uma boa briga, Maggy, e adoram uma boa canção. São brigões, terrivelmente orgulhosos e fazem qualquer negócio para conquistar a liberdade e a justiça, de acordo com seus padrões. Acham sempre que estão certos, claro, mesmo quando estão errados, mas isso é só o fogo irlandês.

— Acho que gostaria dos irlandeses — disse ela, achando graça no ardor dele.

De repente, Perry viu sua mulher, em quem o fogo irlandês tinha sido apagado havia anos, se é que, aliás, a rigidez do litoral leste que lhe fora incutida pela governanta deixara algum fogo ardendo. Mary Jane Kilkullen se transformara numa mulher de comitês, seca, presa ao dever, cujo nome evocava imagens vagas de um apartamento grande, cheio de antiguidades, em que a prata valiosa estava sempre polida e os finos lençóis de linho bem passados; uma bola de golfe bem jogada; um coquetel feito com perfeição, mas não tinha nenhuma recordação de sentir os cabelos dela sob sua mão, do perfume de seus lábios. Tão depressa quando lhe veio à mente, a imagem desapareceu. A realidade era a curva do ombro de Maggy, o lampejo pintalgado e indomável dos olhos dela, tão afastados, em seu rosto, que tinham aquele dom especial sem o qual a simples beleza é vazia.

Passaram—se duas semanas dessa corte agradável e Perry Kilkullen, que conseguira ser tão direto com Paula, começou a se maldizer cada vez mais com o passar dos dias, ao perceber que ficava paralisado com os seus sentimentos por Maggy. Sentia que voltara a ser um tímido adolescente, que hesita até em estender a mão para a moça que ama, com medo de ser repellido. Como, ele se perguntava, enquanto abandonava sua correspondência e se esquecia de dar telefonemas, como é que ele permitira que se criasse entre eles uma situação em que ele estava—se comportando como um tipo de tio bondoso e dedicado?

Passou—se mais uma semana até que Maggy, que não podia deixar de notar que ele a tratava com carinho, e parecia gostar dela, começou a observá—lo procurando sinais daquilo que Paula, curiosa como uma concierge velha, chamava de "intenções" dele. Ela nunca imaginara que um homem pudesse ser tão gentil nem tão tímido. Uma noite, quando estavam terminando um jantar maciçamente gastronômico no Le Grand Velfour, Maggy repentinamente descobriu que estava com vontade de dançar. Era mais do que uma sensação, explicou ela séria a Perry; era uma necessidade física.

— Onde? — perguntou ele, encantado com uma interrupção do que parecia ser uma série interminável de refeições.

— Le Jockey — respondeu ela. Maggy não voltara a nenhum dos clubes, boates, bistros ou cafés de Montparnasse, desde o vernissage. Na margem direita do Sena era tão improvável encontrar Mistral ou algum de seus amigos mexeriqueiros quanto se tivesse feito uma viagem por mar, mas naquela noite, ao escolher o Jockey, aquilo foi uma prova de que não se importava com quem se encontrasse, pois era a boate preferida dos pintores, tão simples que eles muitas vezes iam lá com suas roupas de trabalho.

Perry e Maggy logo se viram comprimidos na sala estreita e escura, que talvez fosse o lugar mais barulhento de Paris. De propriedade de dois homens, um pintor, outro ex comissário de navio, as paredes e teto da primeira e mais famosa das boates de Montparnasse eram decorados como um bar do faroeste, cobertos por cartazes colados em todos os sentidos,

salpicados aqui e ali por quadros negros em que estavam escritos versinhos imorais em gíria americana. Lee Copeland, ex vaqueiro, tocava piano, acompanhado por dois guitarristas havaianos, e quando eles se cansavam uma vitrola tocava os mais recentes discos de jazz e blues dos Estados Unidos.

Um entusiasmo tribal e primitivo vibrava no pequenino Jockey, durante os quatro anos de sua existência breve e lendária, e toda noite limusines corno a de Perry paravam diante das paredes pretas do clube, em que tinham sido pintados índios e cowboys em cores vivas, e casais fugidos de bailes a rigor logo desapareciam lá dentro, para beber intermináveis copos de uísque e dançar em delírio a noite toda. Um disco estava tocando bem alto o Black Bottom, do Scandals de George White, do ano anterior, quando Maggy e Perry se sentaram. Na pista pequena os casais estavam—se debatendo como loucos.

— Diabos... não sei dançar essa! — disse Perry, exasperado.

— Nem eu. Há meses que não venho aqui. — Maggy bebericou seu uísque. — A pessoa pode até quebrar um braço ali.

Então, Lee Copeland passou à primeira frase de Someone to Watch Over Me e Perry sorriu, aliviado.

— Esse eu consigo... vamos?

Maggy levantou—se e, num ato reflexo, tirou os sapatos. Era a primeira vez que ele a tinha nos braços e a eloquência do corpo nunca foi tão imediata como naquele primeiro momento em que se tocaram. A compatibilidade física é urna questão de pele, antes e acima de tudo. Se o contato de uma pele com outra não é imediatamente agradável, então nada mais pode importar, mas se for, todas as coisas poderão seguir—se.

Urna das grandes simplificações da vida se deu quando se inventou o salão de danças. Não era por acaso que, durante anos, as matronas que viam longe se recusavam a deixar que as filhas dançassem valsa. Depois que se permite que um homem passe os braços em volta de uma mulher e se mova com ela ao som de música, uma infinidade de arranjos adicionais podem ser contemplados, coisa que não acontecia com as gavottes ou minuetos.

De todas as danças conhecidas do homem ocidental na década de 20, o fox trot, ou o slow, como é chamado na França, era o mais perigoso, muito mais fatal do que a precisão atlética do tango ou do shimmy exuberante. Um slow é apenas um abraço com um passo simples e o tamanho da pista de dança no Le Jockey tornava até esse passo simples quase impossível de ser dado.

Enquanto as guitarras havaianas gemiam a obra—prima de Gershwin, Maggy tornou—se magicamente acessível a Perry, e as restrições que o haviam aprisionado nas últimas três semanas simplesmente desapareceram com a melodia.

Sou um carneirinho perdido no bosque...

Ah, como queria tentar ser bonzinho.

O lirismo das palavras imortalmente banais seria para Perry motivo de uma felicidade irracional, enquanto viveu. Eles ficaram abraçados até a música acabar e quando o piano passou à canção seguinte, ficaram parados, abraçados e os olhos presos uns nos outros. Sem mover um músculo, Maggy dava a Perry a impressão de que estava em movimento, inclinada por um vento de primavera.

— Eu podia pedir para tocarem essa canção de novo — disse Perry, com anseios.

— Ou você podia me levar para casa — murmurou Maggy, com um tom pungente na voz.

Sem se largarem as mãos, eles pararam apenas o suficiente para deixarem dinheiro na mesa e para Maggy pegar os sapatos; saíram do Jockey e tomaram a limusine que os esperava, que os levou pelas poucas ruas até o prédio alto e estreito onde morava Maggy, ao lado do Pomme d'Or.

Maggy continuava a cantarolar a melodia enquanto eles, sem trocarem uma palavra, de mãos dadas, subiram as escadas velhas e mal iluminadas, até o quarto dela no quinto andar. Quando chegaram ao terceiro andar, tiveram de abrir caminho com cuidado entre as cestas de flores, ainda frescas, que tinham sido colocadas com cuidado em cada degrau da escada. O corredor para o quarto de Maggy estava cercado de mais cestas e quando ela abriu a porta, Perry soltou uma exclamação... a cama imensa, enfeitada de dourado no quarto dela, parecia suspensa, inteiramente desgarrada num mar de flores.

— Acho que exagerei — murmurou ele.

— Uma moça nunca pode ter flores demais.

— Não há lugar onde se sentar — disse ele, bestificado. — Nem lugar para eu lhe fazer um café.

— E não se pode chegar à lareira para tostar um marshmallow.

— E eu nem posso abrir a porta do armário para pendurar o seu sobretudo.

— Não estou de sobretudo.

— Ah, isso simplifica as coisas. Não ternos escolha, temos?

— Não. Temos de deitar na cama, ou ficar aqui de pé, a noite toda. — Meus pés estão doendo — dica — ela, queixosa. — Então a alternativa... a alternativa...

Na pausa antes de ele beijar os lábios que ela apresentou, naquele segundo vibrante em que tudo parecia possível, em que toda a felicidade se oferecia, ele pensou que se aproximava de um destino para o qual, sem saber, ele tinha viajado a vida toda. E quando ele abaixou a boca à dela, e sentiu seu hálito se misturar ao dele, viu que tinha chegado.

Eles ficaram ali de pé se beijando, num campo de flores, por muito tempo, até que seus corações passaram a bater tão tumultuosamente que os dois começaram a tremer.

— A alternativa? — murmurou ela e por fim eles se deitaram juntos, sobre a colcha e devagar, com dedos trêmulos e muitos beijos. Perry se despiu enquanto Maggy olhava, à luz pálida e dourada do lampião de rua

que se filtrava até sua janela. Despido, ele parecia incrivelmente jovem, sem o belo temo, o colete, as roupas de linho engomado, era um rapaz de cabelos louros espessos e revoltos e os músculos compridos e lisos de um esquiador.

Ele baixou as alças do vestido dela e o puxou para baixo, até a cintura. Com um dos braços ele a levantou, de modo que ela ficou meio recostada na cama, enquanto ele a acariciava do pescoço à cintura, sua mão quente se apossando do corpo dela aos pouquinhos, abaixando— a até ela ficar inteiramente descontraída, a cabeça jogada para trás no travesseiro. Ele então tirou—lhe o vestido, jogando—o sobre uma cesta de violetas. Em breve, ela estava tão nua quanto ele, o corpo febril, e cheia de uma promessa tumultuosa enquanto esperava,

propositada e deliciosamente passiva, pelo que ele faria depois. Ele olhou para a juventude perfeita e desembaraçada do corpo de Maggy. Depois, soldou—se junto dela, enquanto se deitavam lado a lado, de frente um para o outro, quase da mesma altura, lábios com lábios, peitos unidos, corações juntos.

— Maggy, eu te amo tanto. Vai deixar que eu te ame?

— Se não amar... se não amar — ameaçou ela, com um tremor na risada. Ah, sim, ame—me... querido Perry... ame—me... não faça mais perguntas.

Aprimípio houve uma dissonância nos ritmos deles. Maggy, acostumada com a brutalidade e urgência de Mistral, estava vários passos adiante de Perry, que dava um êxtase sério e lento a suas carícias, dando um passo de cada vez e se demorando nisso, mas, quando ela se viu intumescendo, pronta, ardendo e ansiando, e depois inchando com maior desejo ainda, Maggy se deu conta de que não precisava se apressar para um gozo rápido. Ela se adaptou a ele, abandonou a sua pressa por uma espera lânguida, quase prendendo a respiração, oferecendo—se às pontas dos dedos dele; e à sua boca, com uma curiosidade feliz. Cada momento se bastava a si, um fundindo—se no outro como notas de música. Ele tinha cheiro de mel, pensou ela, de passagem, quando ele afinal a possuiu, seguro de si, forte. Enquanto eles se estreitavam, juntos, ela de repente sentiu como se uma onda adejante de borboletas coloridas se tivesse libertado de seu corpo, nascendo numa surpresa suave entre suas coxas, lançando—se no ar vibrante.

Duas vezes, naquela noite perfeita, eles acordaram e se viraram um para o outro, intensificando e confirmando seu desejo.

Quando Maggy finalmente acordou, já era dia claro lá fora e Perry estava dormindo como se nada o pudesse despertar. Ela levantou—se da cama, calçou os sapatos de noite de pelica prateada e, despida debaixo da capa preta, correu escada abaixo à padaria da esquina, onde comprou seis croissants ainda quentes. Ele estava dormindo quando ela voltou e passou pelo chão com cuidado, no meio das cestas de flores, até o fogareiro, para fazer café e aquecer o leite. Maggy encheu duas xícaras enormes pela metade com o café forte, colocou—as numa bandeja com a leiteira com o leite esaldando, um açucareiro, os croissants, e fez lugar para a bandeja no chão, ao lado da cama.

Perry estava deitado de bruços e, em alguma hora de noite, tinha puxado o acolchoado tão para cima que estava todo escondido, menos o topo da cabeça e uma mão estendida. Ela devia puxar os cabelos dele, ou... Maggy abaixou a cabeça e lambeu os nós do dedo mindinho dele. Ele gemeu e voltou a dormir. Ela passou a língua entre a ponta do dedinho e o anular e continuou passando—a de um lado para outro, entre os dedos dele. Ele tirou a mão, mas ela a prendeu e chupou a ponta do indicador. A massa do acolchoado se levantou da cama como se tivesse tocado uma campainha em seu ouvido.

— Que diabo?... onde? Maggy, sua diabinha! — Ele a agarrou e jogou—a na cama. — Para que está de casaco? Tire! Beije—me! Beije—me!

Ela o prendeu e empurrou—a de volta no travesseiro, de modo que seus cabelos se espalharam como flâmulas rubras contra uma nuvem branca. Pareceu—lhe, sentindo os lábios dela se abrirem diante dos seus, que acordara criança de novo, e cada hora era cheia de possibilidades, cada momento se estendendo diante dele, livre e brilhante e pronto para se encher de seus sonhos, sem nenhum dia usado, nenhum estragado ou esquecido.

— O café! — ela conseguiu exclamar, afinal. — Vai esfriar.

— Por que você não disse café? — perguntou ele, largando—a. — Estou sentindo o cheiro, mas não estou vendo.

Maggy esgueirou—se até à beirada da cama e conseguiu levantar a bandeja com cuidado, de modo que nada se derramou.

— Meu Deus! De onde veio isso? — perguntou ele, servindo o leite quente nas xícaras. — Ontem à noite você disse que não havia lugar para fazer um cafezinho... hoje tem uma festa!

— De manhã certas coisas se tornam... mais importantes, de modo que pensei melhor. Coma outro croissant.

— Está tão bom. É a melhor coisa que já comi na vida. Onde os arranjou?

— Fui até à padaria, antes de você acordar — disse ela, com fome, comendo outro.

Depois que tudo na bandeja foi consumido, Perry deitou—se na cama e se espreguiçou. Ele olhou em volta e reparou de verdade no ambiente. A única beleza do quarto estava nas cestas de flores e as roupas dele, largadas tão às pressas, cobriam várias delas. As paredes eram forradas com um papel de parede desbotado e manchado, a cama dourada estava arranhada e manchada. O armário de Maggy, de décima mão, estava vergado no meio e o teto era baixo e acanhado, a despeito do sol entrar pelas duas janelas abertas.

— Posso usar o seu banheiro? — pediu ele.

— No corredor, segunda porta à esquerda.

— Você não tem um banheiro seu?

— Um para cada andar, meu senhor. Tenho uma pia e um bidê... só água fria... mas quando quero tomar um banho tenho de ir à casa de Paula. E quando quero ir ao banheiro, vou no do corredor.

— Você por acaso não se lembra do que aconteceu com as minhas calças?

— perguntou ele, olhando em volta do quarto.

— Devem estar por aí.

— Se não estiverem, vou ter de mijar no bidê — ameaçou ele, surpreendendo-se a si mesmo. Nunca falara tão livremente com Mary Jane, em 20 anos de casamento.

— Estão lá naquela rosas... não, deixe, eu pego.

Maggy engatinhou como uma gata no meio das flores, à vontade em sua nudez milagrosa, com uma falta de pudor total que fez Perry vacilar um instante entre o assombro e o choque. Nunca, em toda a sua vida de casado, sua mulher criada no convento andara assim.

Quando ele voltou do banheiro, Maggy já escovara os dentes, lavara o rosto e tinha juntado as roupas dele na cama, onde agora se empoleirava, coberta com seu robe de seda lilás.

— Maggy.

Ele se sentou na cama com o ar de alguém que vai fazer uma comunicação.

— O banheiro serviu?

— Muito bem. Escute, meu amor querido, você não pode ficar aqui.

— Mas por que não... tenho a melhor vista de Paris.

— Porque nós não podemos viver de café e croissants. Porque não posso suportar a idéia de que você não tem um banheiro. Porque há tantas coisas que quero lhe dar. Porque não posso dormir aqui toda noite e ir trabalhar de manhã sem ter de voltar ao Ritz para tomar banho e fazer a barba e trocar de roupa e não tenho tempo para isso. Porque não há bastante lugar para as suas flores.

— Dormir aqui todas as noites? — perguntou ela, agarrando—se à única frase usada por ele que realmente lhe chamou atenção.

— Você não me quer?

— Ah, sim, eu o quero!

— Toda noite? — Seus olhos cinzentos insistiam em pedir uma afirmação.

— Não tenho certeza se é toda noite. — Ela o segurou pela cintura e deitou—se no colo dele, olhando para os cabelos louros que lhe cobriam o peito. — Mas certamente esta noite, e amanhã, e depois de amanhã.. .

— Então, está vendo, minha linda, que você vai ter de se mudar. Aqui não há lugar para as minhas roupas.

— Nem o seu criado de quarto.

— Especialmente o meu criado de quarto. Você gostaria de morar no Ritz? Não, esqueça isso... dentro de cinco minutos todo o pessoal do hotel estaria falando a respeito e não sei por que alguém há de se meter em nossa vida. Maggy... quer deixar que eu arranje um apartamento para você? Quer deixar que eu tome as providências para que tenhamos um lugar direito?

— Mas você é tão direitinho — protestou ela. — Olhe só, você tem a oportunidade de ter uma aventura na verdadeira Paris, a parte de Paris que só os artistas e os franceses conhecem de verdade... o lugar que todos esses

outros americanos de visita estão tentando tanto possuir... mas você logo quer transformá-lo em outra coisa; um bom lugar onde morar, onde dormir, com empregados, sem dúvida, e a melhor carne do melhor açougue e todas as contas pagas na hora... esse "lugar direito" seria para mim ou para nós?

— Que diferença faz?

— Não vou me mudar para o apartamento, casa ou suíte de homem nenhum. Prefiro manter o meu quartinho aqui. Isso me agrada. Mas se for um lugar meu, um lugar de que só eu tenha a chave, o meu lugar só meu, particular, como este, eu poderia começar, apenas começar, sabe, a pensar. .

— Prometo! Só seu, completamente. Só uma chave. Vou marcar hora. Mademoiselle está livre hoje? Mademoiselle gostaria de receber Monsieur Kilkullen? Mademoiselle está disposta a receber uma visita de um cavaleiro? Mademoiselle deseja ser beijada na nuca, ou Mademoiselle tem desejos menos convencionais? Mademoiselle deseja ser tocada entre...

— Pare! — Maggy fugiu, esgueirando—se. — Mademoiselle não tem mais nenhum desejo, agora.

— Mas você promete, Maggy? Muda—se? Você ainda não disse que sim.

Ele olhou para ela, aflito. Ela era tão imprevisível, pensou, tão impossível de se possuir, que ele receava que ela pudesse preferir um modo de vida que lhe oferecesse liberdade total. Não havia um fio de cabelo domesticável na cabeça de Maggy. Mas ele não podia suportar a idéia de que ela morasse ali naquele quarto impossível, em que ele passara a noite mais linda de sua vida. A luz do dia não era favorável a esse quarto.

— Perry, o que você quer, dito claramente e sem rodeios — disse Maggy de repente séria — é me manter. Com minha chave ou sem, serei uma mulher sustentada, se concordar, não é?

— Que palavra mais sórdida! — disse ele, horrorizado. — Para que usar esses termos?

— Mas estou certa? Não é isso mesmo o que as outras pessoas diriam? O que mais seria, senão uma mulher sustentada, une femme entretenue? — continuou ela, impiedosamente.

— Ah, Maggy, você é impossível — disse ele, triste.

— E imagino que você há de querer que eu use roupas de alta costura... não há de achar que as minhas roupas sirvam... e há de querer me comprar jóias e peles..

— É, sim! Diabos, quero mesmo! O que há de tão horrível nisso? Droga!

Maggy pulou na cama e um vasto sorriso começou a aparecer em seus lábios, enquanto ela girava e girava, o roupão lilás rodopiando nas pernas nuas.

— Pulseiras de brilhantes até aos cotovelos? Chinchila até aos pés? Viagens a Deauville? Um carro só meu?

Perry olhou para a malícia no rosto dela.

— Pulseiras até aos ombros, se isso for possível... dez casacos de peles. . . uma carruagem com quatro cavalos. . . seis lacaios altos. . . um modelo de cada um da nova coleção de Chanel... e isso só para começar!

— Ah... ah! — Ela foi girando cada vez mais depressa, até cair em cima

dele. — Eu sempre desejei ser uma mulher sustentada! Foi o sonho de minha infância depravada... ah, que emoção... sustentada... tal e qual na Belle Époque. — Ela estremeceu, deliciada. — O que diria a Tia Esther, se soubesse?

— Não vamos contar a ela — disse Perry, depressa.

— Eu nem sonharia em fazer isso. Escute, querido... quando é que você pretende começar a me manter? Para dizer a verdade, quero deixar Montparnasse e nunca mais voltar aqui. Acabei com a minha vida aqui. Está terminado, esse capítulo, e acabado... tudo menos Paula.

— Hoje, esta manhã mesmo. Vou — lhe arranjar uma suíte no Lotti... fica a alguns passos do Ritz e vamos começar a procurar um lugar.

— Ah, sim! Eu sabia que ia ser uma maravilha... mas mantida por um americano rico, alto, bonito, generoso e maluco! — Maggy cobriu o rosto dele com uma chuva de beijos. — Ça, alors, ça c'est La vie, mon chér!... Ia bonne vie!

— Boa vida — repetiu Perry. — Sim, minha amada, prometo.

Capítulo 8

— Ele não está trabalhando — disse Kate, sentada com Avigdor num café. — Não consegui sequer pegar num pincel, desde a vernissage.

O marchand ficou rígido. O pintor que não pinta com regularidade, como se fosse a um escritório, pode revelar—se um investimento tão mau quanto uma mina de ouro que se esgota.

— É aquela maldita garota. Ela não voltou, não é?

— Não foi nada disso — retrucou Kate, asperamente. — Naturalmente, ele ficou furioso depois que ela armou aquela confusão estúpida... aquela ceninha revoltante que ela fez foi uma vergonha, mas ele não é propriamente do tipo de homem que fica chorando por causa de mulher. Ele não precisa mais dela, como modelo, e parece que só estavam juntos havia alguns meses... não é o suficiente para fazer um homem como ele parar de trabalhar. Na essência, ela não tem importância.

— Você é que sabe.

Avigdor, concordando, fazia certas reservas mentais. Uma moça sem importância poderia ter sido a inspiração para uma obra tão apaixonada? No entanto, alguma coisa na testa de Kate, um tom gélido na voz dela, lhe dizia para não fazer mais conjecturas, pelo menos em voz alta.

— Tenho uma teoria de que é um tipo de abatimento... tristeza pós parto. O vernissage foi um ponto tão alto que depois tinha de haver uma reação. Eu mesma tenho—me sentido um pouco... por baixo... de modo que posso imaginar como deve tê—lo afetado.

— Ele ao menos tentou pintar? — perguntou Avigdor.

— Tentou. É isso que mais me preocupa. Já se passaram duas semanas e ele fica ali diante da tela, olhando para ela, hora após hora, dia após dia,

enquanto a tinta seca na paleta. Cada vez que vou visitá—lo, eu o vejo ali, sem nada na tela. Depois, de noite, ele cai de bêbado, com o vinho tinto... ele nunca fez isso. E não quer falar a respeito. Adrien, ele parece... assustado... é a única palavra em que posso pensar para descrever os olhos dele. É quase como se estivesse numa espécie de pânico particular.. não posso compreender.

— Ele tem de sair um pouco daqui, ver alguma coisa além das paredes do estúdio. Não é o primeiro pintor que não consegue pegar num pincel, depois de um sucesso.

— Já sugeri que ele fizesse uma viagem, a algum lugar.

— E...?

— Ele diz que não está disposto. Diz que não é o tipo de homem que tira férias. Diz que há meses não trabalha decentemente, nem por um minuto, e que tem de insistir até conseguir começar de novo. — Quer que eu fale com ele?

— Gostaria, Adrien. Ele acha que você trabalhou bem na exposição.

Obrigado — disse Adrien, secamente. Ele tinha feito daquele homem a sensação da temporada. Mas se os marchands esperassem uma gratidão normal dos artistas, iriam dormir toda noite muito decepcionados. O negociante que estivesse nesse ramo por gratidão devia abandonar sua galeria e passar a ser criador de cães, dos grandes, simpáticos e babados.

Dois dias depois, cedinho numa manhã em meados de outubro, Mistral partiu para a Provença. Na noite da véspera, quando estavam bebendo alguma coisa e se despedindo, Kate, como que pensando nisso naquele momento, ofereceu — se para levá—lo de carro.

— Só conheço Paris e um pouco da Normandia. Também gostaria de ver Aix e Avignon, mas não gosto de viajar sozinha... e você não teria de ir de trem...

Mistral ficou ofendido.

— Você está—se fiando muito em mim, Kate. Está pensando que quero que você me leve para toda parte?

— Você pode dirigir... não me importo — disse Kate, irritada.

— Nem sei como isso é tão tipicamente americano, pensar que eu dirijo como se tivesse carro.

— Eu lhe ensino em meia hora, assim que estivermos no campo. Não é nada difícil.

Assim que passaram por Fontainebleau, Kate saiu da estrada principal e, depois das mais breves demonstrações e instruções, entregou o Talbot esporte de dois lugares a Mistral. Ela sabia que ele tinha reflexos instantâneos, que as reações dele eram rápidas como se ele estivesse em perigo, que sua concentração em qualquer coisa visual era prodigiosa, e estava curiosa para ver como ele se sairia desse desafio. Sem lhe oferecer uma palavra de orientação, ela ficou olhando as mãos dele, grandes e excepcionalmente alongadas, com os dedos bem articulados, lidando habilmente com a direção e a mudança.

Ele dominou o carro em dez minutos e voltaram para a estrada principal

e se dirigiram para Saulieu, seguindo para sudoeste por uma estrada quase deserta, a 90 quilômetros por hora.

Kate estava sentada calada, descontraída, com suas roupas de lã marrom e cor de ferrugem lindamente talhadas, luvas de couro macias e um chapeuzinho de feltro. Eles passaram pelo departamento de Yonne, muito plano, entre carreiras intermináveis de plátanos cercando campos em que o trigo já fora quase todo colhido. Era o tipo de dia de outono que não encerra nem um pouco de melancolia, o tipo de dia em que alguma promessa tentadora está quase visível na profundidade do céu e no vigor do ar, especialmente quando o viajante se dirige para o sul.

Em Avalon eles almoçaram ligeiramente e continuaram em sua carreira muda e rápida até que o destino que ela planejava para aquela noite ficasse para trás. Mistral parecia ter caído num transe de movimento em que o pensamento e a memória não tinham participação.

De vez em quando Kate olhava para o perfil dele e notava que a boca, normalmente de linhas dominadoras e peremptórias, se descontraía. Ela não via a expressão dele não porque seus olhos fossem tão tapados, mas porque não havia nada na pose imperiosa da cabeça dele que convidasse a conversa.

— Para onde vamos? — perguntou Kate, afinal, à medida que a tarde se acabava e ela começava a sentir o frio da noite no carro aberto, a despeito do costume pesado e do suéter.

— Até chegarmos a Lyon, onde o Saône se junta ao Ródano. Há muito tempo, era um lugar sagrado. Para mim, é o verdadeiro começo da Provença, se bem que qualquer provençal diga que é muito ao norte. Não vamos parar antes de Lyon.

— Mas são quase 200 quilômetros — protestou Kate.

— É, mas é tudo morro abaixo — garantiu Mistral. — O sul é sempre descendo.

Em Lyon encontraram um pequeno hotel, comeram muito bem sem gastar demais e foram para seus quartos, crestados pelo vento e exaustos. No dia seguinte, acompanharam o Ródano majestoso, esse rio veloz e imprevisível, venerado há milênios, passando por aldeias cujos nomes se seguiam como uma grande carta de vinhos, uma prodigiosa trilha de vinhedos, cada qual mais precioso, de Lyon a Valença, a Orange e por fira a Avignon. Lá atravessaram o rio para Villeneuve—le—Avignon, onde pararam, por fim quase à meia—noite, numa pensão onde Mistral estivera uma vez, numa viagem de férias quando ele ainda estudava na Beaux—Arts.

Madame Blé tinha comprado sua pensão de um senhor que era fazendeiro. O prédio original fora o palácio de um cardeal e depois um convento, de 1333 até à Revolução, quando voltou ao uso secular. No entanto, ainda estava banhado numa atmosfera de paz total. Era construído em forma de U contornando um pátio, onde as colunas de mármore do antigo claustro, cheias de musgo, montavam guarda no jardim escuro. Esse antigo convento não tinha nada de monástico, nada de eclesiástico. Sua

tranqüilidade calorosa era a de um refúgio do mundo, mas não dos frutos ou das alegrias da terra. O centro do pátio era marcado por uma escada que dava para uma adega tão velha quanto o palácio do Cardeal Amaud de Via e era esse o verdadeiro centro da construção.

— Tenho de arranjar uma espécie de livro guia para essa região — disse Kate no dia seguinte, ao café da manhã, que tomaram tarde.

— Por quê?

— Viajamos tão depressa que estou—me sentindo completamente desorientada. Não sei o que fica a leste nem a oeste deste lugar, mas sei que é muito histórico e não gosto de parecer ignorante.

— Histórico? — Mistral levantou as sobranceiras grossas, fingindo surpresa.

— Ah, pelo amor de Deus, Julien... cheio de ruínas, igrejas, museus, uma porção de coisas que devíamos visitar. Pare de parecer tão assombrado. O que é que há de errado em eu querer saber? Viemos de Paris quase ao Mediterrâneo em dois dias e quero saber por que você escolheu esse determinado lugar para parar, de todo o resto da França.

— E um livro lhe dirá isso?

— Bem... e por que não? Não podemos andar por aí sem saber.

— Não podemos?

— Obviamente, é possível, mas desse modo nós certamente não veremos coisas — disse ela, azeda.

— Você poderia ter dez guias e dez anos para segui—los e, ainda assim, perderia alguma coisa maravilhosa bem debaixo do seu nariz tão americano. Por que não descansa e olha em volta? Foi isso que vim fazer aqui... só olhar em volta.

Kate desistiu da discussão. Embora seu senão de ordem básico estivesse perturbado pela idéia de vagar por ali sem alguma autoridade a que recorrer, ela não queria discutir com ele sobre nada.

O resto do dia e no dia seguinte eles passearam por V lleneuve—les—Avignon a pé, explorando a cidade que surgira durante o século XIV, quando o papa se mudou de Roma para Avignon. Os dignitários da igreja tinham—se instalado em Villeneuve e criado uma cidade movimentada, com um grande mosteiro e um forte magnífico, uma cidade que agora se retraíra em alguns quarteirões fragrantos e sonolentos e várias ruas estreitas, de arcadas, onde ainda se distinguiam as últimas pedras dos palácios episcopais.

No terceiro dia, dirigiram—se para leste, passando por Avignon propriamente dito, e tomaram a estrada que levava à cidade mercado de Apt e dividia a bacia do Rio Apt, um vale rico e fértil que ficava encavado entre duas cadeias de montanhas separadas por uns dez quilômetros. Bem ao norte ficavam os Montes de Vaucluse e ao sul, quase bordejando a estrada, a Montanha de Lubéron. Era aquele lado da Lubéron, Le Versant Nord, que cativara Mistral em sua visita anterior. Ele nunca se esquecerá daqueles penhascos de calcário com uma erosão fantástica, nos quais uma vegetação escassa se agarrava tão ferozmente quanto as aldeias

aglomeradas, pousadas 300 metros acima da estrada principal, aparentemente inatingíveis até que Mistral encontrou a trilha de uma estrada de terra estreitinha que levava a cada uma delas: Maubec, Oppède —le—Vieux, Félice, Ménerbes, Lacoste e Bonnieux.

Na pré—história, o homem vivera no lugar onde agora estavam esses morros fortificados, cada um quase invisível da estrada pela qual os inimigos tantas vezes tinham chegado, marchando, no passado. Durante centenas de anos, tinham sustentado batalhas sangrentas contra a tirania do norte, aquelas aldeias pequeninas e adormecidas com ruas íngremes como escadas, cujas casas se aglomeravam, de um cinza suave e um ocre mais suave, envoltas em trepadeiras, salpicadas com o prateado esvoaçaste e mitológico de olivais e o coral fundo das flores da trepadeira chamada "dedos de fada". Dessas aldeias, de noite, elevava—se uma névoa, povoada, ao que se dizia, pelos espectros dos antigos habitantes, protestantes dissidentes implacavelmente massacrados por seus conterrâneos nas guerras religiosas. Estas aldeias, agora pacatas, era onde moravam os donos de lojas e artesãos, cujos negócios dependiam dos muitos sitiozinhos prósperos da bacia do Apt.

Mistral estava muito empolgado. Mal subiu às ruínas de mármore branco do castelo fortaleza de Oppède—le—Vieux e avistou daquele ponto alto um sítio especialmente interessante, bem abaixo, logo desceu correndo pelo caminho íngreme que ele e Kate tinham acabado de subir, arrastando—a atrás de si, sob muitos protestos. Entrou depressa no carro e voltou ao vale ondulante e bem cultivado, em busca da casa de fazenda que vira lá de cima. Cada grande casa de fazenda, ou mas, como era chamada no dialeto provençal, era uma coleção de prédios de pedra, construída mais ou menos em quadrado, em volta de um pátio central, com tantos anexos e torrezinhas ligados e tantas diferentes alturas de telhados e uma coleção tão dispa ratada e assimétrica de janelas com venezianas e arcadas de portas, que parecia uma aldeiazinha instalada no meio de uma profusão de campos e vinhedos, que cresciam até tocarem as paredes dos prédios de todos os lados. Mistral não fazia caso das placas que avisavam que a estrada para a mas era particular e dirigia por ela, saltava do carro e dava a volta à casa, perdido em sua admiração, sem ligar para os latidos dos cães da fazenda, até que uma camponesa saísse para investigar. Então, enquanto Kate olhava do carro, ele conversava com a mulher. Invariavelmente, ela convidava os dois para tomarem um cálice de vinho. Ele tinha um interesse apaixonado para entrar nessas fortificações rurais, das quais não havia duas semelhantes, como suas paredes de um metro de largura e lareiras tão grandes que se podia ficar de pé dentro delas.

A camponesa provençal, taciturna e desconfiada de qualquer foras Mo, normalmente nunca convidaria dois estranhos para entrarem em sua casa, mas a admiração e o interesse declarados de Mistral a encantavam tanto o seu aspecto, pois era um cavalheiro tão bonito, a despeito de suas roupas rudes de trabalhador. A desconfiança das camponesas era substituída por simpatia e curiosidade, pois sentiam, naquele homem alto do norte, com seus cabelos ruivos e olhos do azul do mar, uma relação emocional, uma

imensa sensibilidade para com o modo de vida delas, que o fazia parecer não inteiramente estranho, embora, à moda dos clãs, chamassem de estrangeiros até os vizinhos da aldeia próxima.

— Não existe lugar mais belo no mundo — disse ele a Kate, depois que passaram três dias passeando pelas montanhas e planícies da vertente norte da Lubéron, percorrendo os 40 quilômetros de volta a Villeneuve à noite, antes do jantar — Pelo menos, na minha opinião.

— Você já viu tantas partes do mundo que possa ser um juiz imparcial? — perguntou Kate, sem poder se impedir de fazer conjecturas.

— Não preciso. Algumas coisas são evidentes por si. O que mais você poderá pedir da natureza, Kate, e o que mais do homem, do que essas aldeias, esse céu, essas árvores, pedras e terra? Eu estava certo em querer voltar aqui. Em Paris eu me esqueci do horizonte... me esqueci do verde. Nada, Kate, nada no mundo é tão verde quanto as folhas de um vinhedo com o sol sobre elas.

Kate nunca o vira tão expansivo, com um prazer tão evidente. Ele parecia estar com todos os poros de seu ser inundados com a luz especialmente pura e forte do campo provençal, essa terra que o poeta Frédéric Mistral chamara de "O Império do Sol".

Ela mesma se sentia diferente. Aqueles dias passados ao ar livre, num ar que tinha cheiro de urzes, alecrim e tomilho, fizeram com que ela largasse a espessa capa de sofisticação dentro da qual em geral se movia. Os contornos duros de suas feições, que ela antes sempre encobria com pó de marfim claro, todos se suavizaram com o bronzeado que arredondou e aqueceu seu rosto. Os lábios finos, não mais retocados com cuidado com batom vermelho, pareciam mais cheios e macios contra o corado quente de suas faces. Sua testa alta estava coberta pelos cabelos furos, tão despenteados pelo vento no carro aberto que ela desistira de qualquer tentativa para conservar o seu caprichoso repartido no meio, esquecendo—se de usar o chapéu e deixando os cabelos esvoaçarem à vontade. A perfeição da forma de seu rosto foi acentuada com essa nova liberdade. Quando Kate procurava conseguir uma superfície suave, inteiramente irrepreensível, como fazia em Paris, endurecia o seu aspecto.

Agora, passando a um estado de espírito campestre, ela parecia menos temível e jovem, como devia ser aos 23 anos.

— Você tinha razão, quanto ao livro guia — confessou ela, quando acabaram de jantar, no jardim da pensão de Madame Blé.

— Mas Kate, pense no que você perdeu! Há o palácio do papa em Avignon... nós nem entramos lá e fica bem do outro lado do rio... e o Circo Romano em Arles e as fontes de Aix... ah, não se esqueça da Maison Carré, em Nîmes... cá está você no meio de 100 antiguidades famosas que os turistas vêm visitando há séculos e só viu algumas aldeias sonolentas e uma dúzia de sítios.

— Por que você fica implicando comigo, Julien? Já disse que você tinha razão; quer um pedido de desculpas oficial?

— Desculpas? De você, a altiva dama de Nova York, a americana rica e

elegante que anda por aí organizando as pessoas tão habilmente que elas mal se dão conta do que estão fazendo? — Ele lhe deu um sorriso condescendente.

— Ora, isso não é justo. Estou ofendida.

Kate falava com calma, mas sentiu raiva. Por que ele se voltava contra ela no minuto em que ela fazia uma concessão? O que o tomava tão birrento?

— Justo? Claro que é justo... você é que não se quer enxergar como é. Você aqui está diferente, concordo, mas em Paris está no seu elemento. Nunca vi mulher que consegue ter as coisas mais ao seu jeito. Você é notável, Kate. O que é que há de errado em ser rica e se vestir muito bem e olhar de cima e fazer a vida ser o que você quer? Há muitas mulheres que gostariam de estar no seu lugar.

— Diabos, Julien! Quem é você, para me dizer que tipo de pessoa você acha que eu sou? Não há nada, nem ninguém, que lhe importe, não é? Fora o seu trabalho, existe alguma coisa de que você realmente goste? Se houver, nunca vi. Você é um monstro.

Kate mal podia acreditar rias palavras que se ouviu pronunciar. Seu controle, seu senão de proporção, os pontos caprichados de sua fala normal, tudo desaparecera numa tempestade de fúria.

Mistral sorriu como um garoto provocando um gatinho.

— E você, Kate querida, naturalmente permite que todos pisem em você porque tem muito bom coração e não pode impedi-los. Kate Browning, a maléavel, de espírito mole, nada exigente, que só pede da vida a frutinha que cai da árvore aos seus pés.

Zangada demais para poder responder, ela ficou calada, mordendo os lábios, lutando contra uma raiva tremenda.

Ele falou com preguiça.

— Duas pessoas tão totalmente decentes, com um caráter tão magnífico como o nosso, poderiam dar uma combinação interessante. O que é que você diz, Kate? Vamos experimentar?

Kate se levantou da mesa e foi para o jardim escuro, fora do círculo de luz. Mistral a acompanhou e, com suas mãos fortes, virou-a para ele. Ela enrijeceu o corpo, resistindo, e virou a cabeça, o queixo tenso. Com uma das mãos ele a prendeu no lugar, com a outra forçou a cabeça dela para que o fitasse, mas ela não levantou os olhos. Se ainda estava ofendida ou não, ele não sabia e nem se importava. Ela começara a atraí-lo nesses últimos dias e certamente não insistira em acompanhá-lo nessa viagem só para ver as paisagens. As mulheres não fazem essas coisas, segundo a experiência dele. Nem mesmo americanas ricas, com roupas caras.

— Kate, vamos para o meu quarto. Quero ver você nua, deitada na minha cama.

— Julien!

— Não me venha dizer que está escandalizada. Fui franco demais para a Srta. Browning? Quer palavras bonitas, Kate? Eu quero te foder. Se isso não lhe agrada, basta dizer. Não torno a pedir. Então... sim ou não?

— Como é típico, como é romântico — murmurou ela.

— Eu disse "sim" ou "não".

Na pouca luz que havia, Mistral viu toda a fisionomia de Kate assumir uma expressão tão complexa, trêmula, de um anseio involuntário e no entanto irreprimível, que ele passou o braço em torno dela, sem dizer mais uma palavra. Enquanto subiam a escada em curva eles não se disseram nada, seu único contato uma leve pressão do braço dele nas costas da moça e a mão na cintura. Através de seus dedos ele sentia a rigidez de Kate, sua recusa em se encostar nele, sua insistência em andar tão controlada como se ele não a estivesse tocando. No entanto, Kate não vacilou nem resistiu a ele de modo algum. Era quase como se ela estivesse subindo os degraus para a cama dele sem pensar no que estava fazendo; no entanto, o silêncio dela estava carregado de algo tão tenso, tão secreto, tão mais forte do que a simples tensão sexual, que Mistral ficou intrigado.

Ele a largou para trancar a porta do quarto. Quando voltou para ela, viu que a moça se retirara para a janela e parecia estar contemplando alguma coisa no jardim, numa fascinação total. Ele atravessou o quarto e ficou atrás dela, roçando a nuca com um dedo. Ela não se sobressaltou nem se virou, mas suas mãos se agarraram ao caixilho da janela, com resolução.

— Kate, como podemos começar a experiência se você não quer nem se virar? — murmurou ele, provocando—a.

Ela não se mexeu, nem demonstrou que o tivesse ouvido. Mistral debruçou—se e roçou sua nuca com os lábios. Kate agarrou o caixilho da janela convulsivamente. Ele sorriu e, com a ponta da língua, tocou—lhe a nuca no ponto exato em que os cabelos cortados formavam uma ponta; depois, foi passando a língua devagar pelo pescoço, pela saliência delicada da coluna, até um lugar entre as clavículas. Lá ele colou a boca na pele de Kate e ficou respirando mansamente, com paciência, sem qualquer outro movimento, até ela deixar cair as mãos aos lados do corpo e se virar para ele, branca e trêmula.

— Você nem me beijou, Julien. Nunca me beijou.

— Um erro, Kate... um dos poucos que confesso — disse ele, abaixando e levantando o queixo da moça para ele. Os lábios de Kate estavam frios e tão apertados, sem ceder nada, que ele recuou, espantado. — Kate, você não é obrigada a ir adiante com isso... eu não insisto sobre mulheres que não estão dispostas.

— Não! Não, Julien, eu quero — insistiu ela, embora suas palavras fossem contrariadas pela timidez de sua voz. Ela se lançou sobre ele, jogando os braços em volta do pescoço dele e comprimindo os lábios nos dele em beijinhos rápidos e breves, que eram quase bicadas.

Por um momento, achando graça, Mistral deixou continuar aquele assalto sem jeito, mas logo a afastou.

— Não tão depressa e furiosamente, Kate.

— Jesus! Você não pára de fazer troça de mim?

Em resposta, ele a carregou e levou para a cama. Ainda com a moça no colo, ele se deitou ao lado dela.

— Vou confessar outro engano... eu me esqueci de como você é impaciente... . vou—lhe ensinar a paciência, Kate, você está necessitando muito aprendê—la. — Enquanto ela ficava ali deitada, rígida, ele passou as mãos de leve por seu corpo. Ela fez uma careta mas não protestou. — Não pretendo despi—la, Kate, só daqui a um bom tempo — murmurou Julien, curvando—se sobre os lábios dela. Fique quieta — mandou ele e beijou—lhe a boca fechada, concentrando toda sua curiosidade, toda a sua necessidade — pois havia semanas que ele não fazia amor com uma mulher — sobre os lábios bem feitos, até eles ficarem quentes e inchados e, por fim, se abrirem espontaneamente para deixar que a língua dele penetrasse. Ele se controlou, tocando só de leve na parte de dentro dos lábios dela, passando languidamente de um canto da boca ao outro, resistindo quando ela começou a querer prender a língua dele e puxá—la mais para dentro, depois deixando—a por um segundo, antes de tirá—la completamente e cobrir toda a boca de Kate com a sua, aquela boca que sempre parecia tão severa até se tomar quente e terna no amor. Brincando com ela, a língua voando para dentro e para fora dos lábios de Kate, avançando só por uma fração de segundo, ele sentia todos os músculos do corpo da moça começarem a se descontraírem, até que ela ficou ali deitada passiva, não mais contorcida numa expectativa aflita, todo o seu ser focalizado na boca dele e no que estava fazendo com ela. Em breve, essa fase de entrega passou e ele sentiu o retesamento gradativo de seus músculos dos braços, da perna e da pelve, à medida que ela passava a querer mais do que simples beijos, mas ele ainda se limitava aos lábios dela, rindo intimamente com a lição que a estava obrigando a suportar. Ela gemeu e rangeu os dentes, enquanto ele negaceava. Você há de implorar, prometeu ele a si mesmo, vai ter de implorar, sua fria puta americana, enquanto ele mesmo se sentia quase insuportavelmente excitado.

— Julien... — sussurrou Kate. — Tire minha roupa.

— Não, Kate.

— Julien... Por favor.

— Se você me quiser... vai ter que me despir — exigiu ele, atirando—se no acolchoado, tirando os sapatos e ficando deitado, bem parado. Kate olhou para o homem magnífico que se oferecia a ela de modo tão alucinador e, com uma fúria de resolução repentina, os dedos trêmulos, esquecendo—se de seu constrangimento, ela se atirou aos botões da camisa dele, quase arrancando—os. Ele a ajudou a tirar os braços das mangas e ela mal parou para passar as mãos pelo peito dele, antes de atacar a fivela do cinto. Mas aí chegou aos botões da braguilha e viu a forma grande e dura do pênis, tenso sob a fazenda. Ela foi tomada por uma incapacidade repentina de continuar e suas mãos lhe caíram aos lados.

— Você... Julien... abra você — implorou ela.

— Perdeu a coragem, Kate? — provocou ele, observando—a com cuidado, embora todo impulso de seu corpo lhe dissesse para atirá—la na cama e possuí—la como ela estava, os cabelos molhados nas raízes com o suor do desejo, os lábios machucados, os punhos cerrados.

— Não! Dane—se! — respondeu ela violentamente e respirou fundo, antes de começar a abrir a braguilha dele, revelando—o erguido e nu, pois ele não tinha nada por baixo das calças de veludo. Mistral estava tão ofegante quanto ela, enquanto Kate se obrigava a desabotoar cada botão. Quando ela chegou ao último, ele tirou as calças com um movimento rápido e a jogou de volta na cama.

— Muito bem, Kate... você foi paciente...

Ele grunhiu e, com dedos experientes, começou a tirar as roupas dela, descobrindo, como esperava, que os seios e quadris eram pequenos, a cintura fina e os pêlos púbicos louros e finos como os de uma mocinha.

Logo os dois ficaram inteiramente despidos e Kate estava deitada na cama, numa pose de tal pudor, controlado por simples força de vontade, que Mistral achou difícil deixar de rir.

— Kate linda — murmurou ele, agarrando o corpo esguio a abraçando—o, cobrindo a carne dela com a dele, o mais que pôde. Ele a segurou, aquecendo—a, quieto, com sua nudez, até sentir que ela estava começando a se descontraír, junto dele. Se ela fosse outra mulher, ele já a teria penetrado, mas Kate, essa mulher inexperiente e pouco sensual, lhe apresentava um desafio a que ele não queria resistir. Ela o queria... ah, sim, mas queria acabar com aquilo o mais depressa possível, sem se perder, e isso era coisa que ele não pretendia permitir.

Depois, quando o corpo dela estava tão quente quanto o dele, ele começou a traçar a espinha dela com as pontas dos dedos, continuando a apertá—lo junto ao corpo. Ele afagou—lhe as nádegas, quase de menino, com movimentos rápidos. Quando ela ficou tensa, ele murmurou:

— Paciência, paciência, Kate — e passou os dedos para as costas dela. Cada vez que sua mão voltava às nádegas, ele se demorava lá mais um segundo, até que por fim sentiu que elas se comprimiam contra as mãos dele, oferecendo—se. — Paciência... paciência — repetiu ele, encontrando um prazer inteiramente novo nessa excitação lenta, ele que nunca se dera ao trabalho de avaliar com tanto cuidado o estado de preparação de mulher alguma, que nunca explorara a dor deliciosa de auto flagelação, de se restringir quando a libertação estava às ordens. Com um dos braços ele imobilizou Kate, enquanto sondava entre as nádegas, encontrando—a espantosamente preparada, se bem que, quando os dedos dele as separaram, ela se afastasse, num protesto meio a sério. Ele então tomou—se impiedoso, enquanto os dedos compridos avançavam mais entre as coxas finas e encontravam o ponto preciso que estava buscando. O dedo do meio tomou—se ágil, delicado como a ponta de uma língua, enquanto ele voltava vezes e mais vezes ao ataque, ora apertando e se movendo devagar, ora disparando depressa e com propósito, todo o seu desejo focalizado naquela ponta de dedo e a carne que estava despertando com tanta habilidade.

— Julien... meu Deus... pare! — exclamou Kate, mas ele só respondeu "paciência" e, dali a pouco, sentiu—a se concentrando numa tensão e endurecimento inconfundível dos músculos pélvicos. Mais depressa, cada vez mais depressa, seu dedo dardejava até que afinal, ele a sentiu

estremecendo e saltando, descontrolada, seu grito de alívio abafado contra o pescoço dele. Os dedos dele não a soltaram até que o último espasmo lhe deixou o corpo. Ela se recostou, esgotada mas de olhos arregalados.

— Está vendo o que a paciência lhe faz ganhar, Kate? — murmurou Mistral, mas ela não mexeu a cabeça nem lhe sorriu. Ficou olhando para ele, séria.

— Isso nunca me aconteceu — murmurou ela.

— Então, a nossa experiência já é meio sucesso... agora, é a minha vez, Kate — respondeu Julien, entregando—se ao seu próprio domínio do corpo dela, pressuroso, aberto, maleável.

Mais tarde Kate, como alguém que sai de um transe, começou a cobrir a mão dele com beijos alvoroçados de gratidão. Só depois de muito tempo é que ela se deu conta de que Mistral estava dormindo profundamente.

Capítulo 9

Kate Browning estava num tormento. Toda noite, durante a semana seguinte, quando Mistral se afastava dela e adormecia, ela ficava acordada, o corpo bem—feito tinindo com uma paixão que ela nunca imaginara existir, pois sempre fora cautelosa demais, antes disso. As idéias dos prazeres que Mistral lhe ensinara penetraram em suas entranhas tão depressa, como flechas de mel, que ela nunca desejaria arrancar do corpo. Ela pôs os dedos entre as pernas, naquele botão de carne que era tão desconhecido ao seu toque. Ainda estava vivo, pronto para vibrar de novo. O dia todo ela o sentira se dilatando, ardendo, ansiando pelas mãos e lábios dele. As refeições, via essas mãos partirem o pão e cortarem a carne e via, com um espanto humilhado, que estava esfregando as coxas juntas debaixo da mesa. Ela gemia em voz alta diante da boca dele, agora tão firme, e que em breve seria tão quente e macia em sua pele. Os bicos de seus seios estavam doloridos e, no entanto, ela os roçou furtivamente no braço de Mistral.

Os alicerces de sua vida estavam mudando e ela se sentia pesada e cheia de inevitabilidade. Sua mente não tinha descanso, sondando a sua inacessibilidade íntima. Como ela podia ousar nadar, apenas flutuar naquele êxtase sem pensamento, quando o homem em si não lhe pertencia? Os únicos momentos em que Kate tinha certeza de ter toda a atenção de Julien eram durante o ato do amor. Mas, mesmo nesses momentos, ele nunca se dera inteiramente a ela, nunca traíra uma necessidade dela, nunca dissera que a amava. Ele estaria se controlando, como ela estava, pensou ela, ou ela seria para ele apenas um corpo de mulher numa cama?

— *Jet`aime bien*, Kate — disse ele. Essa frase displicente, com aquele cuidadoso qualificativo, aquele "bien" que transformava a palavra "amar" em "gostar". Ela estava louca para ouvi—lo dizer as palavras simples e necessárias, "*Jet`aime*", mas enquanto não as dissesse ela não as diria a ele. No entanto, a cada dia ela percebia que estava—se apaixonando cada vez

mais. Mistral se tomara o único prêmio que o mundo inteiro tinha para lhe oferecer. Havia em seus sentimentos uma totalidade insaciável e impiedosa que incluía tudo o que ela conhecia sobre ele; todas as dificuldades que ele apresentava; todos os defeitos que ela observava claramente nele; a mulher que ele tivera antes dela conhecê-lo. Isso não importava. Nada importava, a não ser uma obsessão ávida, viciada, que não aceitaria nada menos que a posse.

Kate era uma mulher de uma força imensa, orgulhosa, disfarçada e sutil, porém seus nervos estavam tão tensos pelo esforço de esconder suas emoções que ela chorou, deitada ao lado do corpo soberbo do homem que dormia sem nem pensar nela. Mas depois de chorar, ela ficou acordada e examinou a situação com a inteligência fria e de visão, que fogo nenhum poderia extinguir.

A frustração era uma coisa estranha à natureza de Kate. Ela não acreditava e nunca acreditara que pudesse existir alguma coisa que não pudesse possuir, se realmente a desejasse.

Durante a segunda semana na Provença, Mistral resolveu dirigir—se para oeste, para Nîmes, essa cidade madura que vem decaindo com uma serenidade deliciosa desde o reinado de Adriano. Lá ele e Kate passearam no parque, subindo os muitos degraus de pedra que afinal levavam à base da Tour Magne, ruína de uma torre de vigia romana que dominava um vasto panorama. Eles se deitaram na grama, agradavelmente cansados, observando os poucos cidadãos de Nîmes que tinham procurado aquele local alto, fresco, do qual, quase 2.000 anos antes, os soldados romanos podiam avistar a uma distância de 100 quilômetros. Depois de um silêncio prolongado, Mistral falou:

— Eu não poderia, nem poderia começar, nem sonhar em começar a pintar esta vista. É completa demais, vasta demais, responde a qualquer pergunta que eu lhe pudesse fazer, não precisa do homem.

— Você ainda não encontrou nada... nada que sinta vontade de pintar, na Provença? — perguntou Kate, com cuidado.

Era a primeira vez que ele falava em pintura, desde que tinham partido de Paris. Ela obedecera à regra não expressa do silêncio sobre o assunto.

— Não — disse ele. Não, pensou ele, eu não tenho desejado pintar... é isso que me apavora mais. Não querer, não precisar pintar... nunca conheci um vazio tal! Aquele jovem casal lá no banco, as mãos deles estão quase se tocando. . . não estão contemplando a vista, provavelmente se criaram aqui, provavelmente as mãos deles os trouxeram aqui durante anos, para brincar... e hoje eles compreenderam que o outro é um outro, um mistério, essa coisa mais estranha de todas, outro ser humano. Um dia.. , um dia eu poderia ter pintado as mãos deles, quase se tocando, pintado estas mãos uma dúzia de vezes, dez dúzias de vezes, sem nunca acabar de exprimir o que me fazem sentir, essas quatro mãos que não chegam a se tocar, que ainda não ousam se tocar, que se tocarão... e talvez... quem sabe? . . . modificarão o mundo. Mas não quero pintar essas mãos... não tenho de pintá-las. E se não sou pintor, para que estou viva?

— Imagino — arriscou Kate — que essa região já tenha sido pintada demais. Tudo é tão... pitoresco... que não lhe interessa?

— Uma coisa como essa, sim — respondeu Mistral, brevemente. Da última vez que estive aqui, pensou ele, eu não andava uma ma sem o meu bloco de desenho, estava louco de entusiasmo, nada parecia ter sido visto por alguém... e muito menos pintado... toda Provença estava—me chamando, até eu achar que ia enlouquecer, como Van Gogh. "Pitoresco", uma ova. Você não pode compreender, Kate, nem eu posso explicar. "Pitoresco serve tão bem como qualquer outra explicação, mas o fato é que eu o perdi, perdi, e nem mesmo a Provença pode trazer o meu dom de volta.

— Vamos, Kate — disse ele, abruptamente, levantando—se. — Essa grama ainda está molhada.

Cada vez mais, na semana seguinte, Mistral dirigia o carro para Félice, a aldeia que ficava no flanco norte de Lubéron, a leste de Ménerbes e oeste de Lacoste. Félice tinha uma atração com que ele estava ficando cada vez mais obcecado, enquanto a necessidade de pintar se recusava a voltar: o jogo de boules.

No único café da cidade, todos os homens que pudessem andar e pertencessem à aldeia se reuniam, toda noite, e todo meio—dia, para tomar um ou dois pastis. Agora, no outono, os grupos eram aumentados por muitos lavradores, que aproveitavam essa breve época de lazer do ano, depois das colheitas e antes de começar a temporada de caça. Depois de algumas rodadas, os homens todos iam para o terreno plano e sombreado atrás do café e jogavam partidas intermináveis de boules, o boliche que é o equivalente, em todo o sul da França, do futebol, corrida de bicicleta e bilhar juntos, um jogo tão complicado que seu regulamento abrange três páginas em letra miúda.

Um dos lavradores, um rapaz chamado Josephe Bernard, examinou Mistral de alto a baixo, da segunda vez que ele e Kate foram ao café.

— Joga boules? — perguntou ele, por fim.

— Sou turista — disse Mistral, desculpando—se.

— Não faz mal. Gostaria de experimentar?

A despeito das regras, o boules é basicamente tão simples que Mistral pôde se sair honrosamente com um mínimo de instruções. Sua coordenação e sua vista eram tão bem desenvolvidas que, embora ele nunca tivesse segurado uma das bolas de aço, dentro de uma hora estava tendo um desempenho respeitável e naquele primeiro dia conseguiu afastar a boule de outro homem de sua posição junto do alvo, encantando o seu patrocinador, que o convidou para tomar parte do jogo sempre que estivesse nas vizinhanças.

Mistral voltara muitas vezes, encantado com o drama do jogo, que envolvia discussões sem fim, cheias de espírito, insultos, risos e espertezas, bem como o prazer infalível de jogar bola, essa habilidade que todos os homens gostam de usar.

Kate ficava assistindo de fora, assombrada com a capacidade de Mistral

de se envolver num jogo que ela achava infinitamente cacete. Mas enquanto ele jogava, ela podia olhar para ele, sem que ele se desse conta. Como ele se adaptara com facilidade aos modos dos jogadores de boules, pensou ela. Ele lançava o braço ao ar com o mesmo movimento largo que eles, discutia com a mesma intensidade, ria igualmente alto, jogava sem notar a passagem do tempo e a cada dia o seu domínio de boules se tomava maior.

— Tem certeza de que não é dessa região? — perguntou Joseph Bernard

ao seu novo amigo. — A Provença deve estar no seu sangue... e no seu nome. Mistral... isso significa "vento mestre", em provençal. Tenho uns primos de nome Mistral, lá de perto de Mérindol, no lado sul da montanha... será que somos parentes?

— Talvez sim, mas não posso provar isso. Não sei de onde vieram os meus avós. Quem me dera saber, mas minha família já morreu toda e, quando eram vivos, eu nunca escutava. . . nunca me dei ao trabalho de perguntar.

— A maior parte dos forasteiros, quando tentam lançar uma boule, fazem papel de bobos. A coisa é fácil só na aparência. Se você praticasse mais algumas semanas, podia entrar para o meu time. Há um torneio, no último sábado de novembro.

Mistral passou o braço em tomo dos ombros do jovem fazendeiro e pediu uma rodada de bebidas para todos no café. Ele sabia o que significava uma proposta daquelas para um homem para quem cada torneio de boules era assunto a ser discutido com um interesse intenso durante anos no futuro.

— Gostaria de poder fazer isso, Joseph, mas tenho de ganhar a vida trabalhando.

"Mas como", pensou Mistral, "vou voltar a trabalhar?" O boules o fizera esquecer, por algumas horas, o boules o fizera parar de encontrar alguém que ele pudesse culpar pelo fogo que se extinguiu: Avigdor, porque era negociante e só queria produtos para vender; Kate, porque tinha feito acontecer a exposição e antes da exposição ele pintava com a mesma facilidade com que respirava; Maggy, porque era uma tola e uma criança e a única mulher que algum dia o abandonara; a própria exposição, porque abria seus olhos para a cupidez dos colecionadores que compram num minuto o que um homem leva meses para criar, colecionadores que não respeitam, não compreendem, mas apenas abrem suas carteiras e compram um pedaço dele. . . Ele se dera conta de que nenhum desses era culpado, mas ainda os repassava em sua cabeça, procurando encontrar o culpado.

— Nós também temos de trabalhar — respondeu Joseph — mas sempre há tempo para boules. . . se não, para que se dar ao trabalho de trabalhar?

Além do café e do jogo, Félice tinha outra atração. Abaixo da aldeia no vale, não muito longe da estrada principal, Mistral tinha descoberto uma mas deserta. Um dia, levado por um simples interesse, ele seguiu uma trilha com sulcos fundos que dava voltas num morro baixo, coberto por um pomar de preciosos carvalhos do tipo que são as únicas árvores em cujas raízes

crecem trufas. A sombra do pomar dava para uma alameda de ciprestes verdes, quase negros, pontudos e vivos, além dos quais havia um muro alto, rodeando uma mas.

Mistral parou o Talbot na faixa de campo que ficava entre os ciprestes e os muros da casa, um trecho ensolarado e seco de pequenos cardos amarelos e capim. Portas duplas, altas e trancadas, os impediam de ver o interior. Reinava o silêncio, pontilhado, como sempre, pelo som das cigarras, um estalido seco mas agradável, que era tão integrado no campo que já fazia parte do silêncio em si. Nenhum dos ruídos comuns de uma fazenda se fazia ouvir por trás dos muros que cercavam os prédios; nem cães latindo, nem barulho de cozinha, nem gritos de criança. A madressilva, crescida e enroscando—se pelas paredes, dava uma doçura intensa que era quase palpável, como se fosse visível; um enxame de borboletas vermelhas e cor de laranja pairava sobre a campina como uma pipa chinesa e um zumbido sonolento e cheio indicava que aquilo era um paraíso para as abelhas.

Juntos, Mistral e Kate deram a volta, tentando espiar para dentro. Mas os muros eram cercados, na base, por terríveis espinheiros e as gavinhas da madressilva cresciam no ar, bem acima da cabeça de Mistral.

Em certo ponto, o muro virava para o fundo de uma grande torre redonda com duas janelas sem venezianas, abertas bem acima deles, mas quem quer que tivesse abandonado a mas precaveria—se contra intrusos, pois não havia uma brecha em lugar algum. Dando a volta, eles viram cinco telhados inclinados de alturas diversas e os topos de alguns caixilhos de janelas. A mas murada constituía o eixo de uma roda de campos em forma de fatias, cada campo separado do outro por altos quebra ventos de ciprestes ou bambu. Uma das seções da roda era um olival, a seguinte uma extensão não cultivada de terra vermelha; seguia—se um vinhedo carregado e uvas não colhidas; e ao lado deste, um pomar de abricós, carregado de frutas apodrecendo; depois outro vinhedo e mais seções de campos não plantados, a terra em torrões, como se nunca tivesse visto um arado.

— É incrível! — explodiu Mistral. — Aqui, numa terra em que cada milímetro de solo bom é utilizado... não posso acreditar nessa vergonha! Olhe só as uvas, olhe as azeitonas! E os abricós! Cresceram e amadureceram e ninguém os colheu. É uma vergonha!

— Deve estar à venda — disse Kate.

— Não há nenhum cartaz. Só vi o nome na caixa do correio. La Tourrello... palavra provençal. Deve significar torre... torre pequena, ou coisa assim — disse ele, zangado. — Provavelmente faz parte de um inventário e os herdeiros estão brigando por ele. . . é o que acontece muitas vezes. Se não concordarem em vender a terra em lotes, vão ter de vendê—la em leilão.

— Por que não vamos descobrir? Devem saber, em Félice — sugeriu Kate. — Se estiver à venda, podemos pelo menos pedir para visitá—la.

— Não, não creio. Não quero entrar.

Mistral parecia estar perturbado.

— Você? Esteve dentro de todas as mas, desde Maubec até Bonnieux.

Por que não esta?

— Não posso explicar. É uma sensação.

Ele estava—se protegendo. Uma intuição lhe dizia que nunca se esqueceria do aspecto daquele domínio bem trancado, murado e valioso. Embora só tivesse visto o contorno da inclinação suave dos telhados do interior, sua geometria simples tinha tal correção que lhe tocara o coração. A mas no morro estava em perfeita união com a natureza e ele preferia não ver outra coisa que não o exterior, já que estava vazia e, portanto, disponível.

Mistral nunca tivera uma casa e, antes dessa ocasião, o desejo de uma casa, sentido pela maior parte da humanidade, nunca o tocara. Ele se contentara em olhar para as fazendas da Provença com a compreensão simples de que eram as únicas estruturas capazes de combinarem perfeitamente com esses campos maravilhosos. Era uma alegria estética, não estragada pelo desejo de posse; mas se desse um passo dentro daquela mas, estaria mudado para sempre.

— Muito bem — disse Kate, respeitando a vontade dele. Ela e Mistral eram muito parecidos na limitação das coisas que não queriam conhecer.

Na semana seguinte, eles voltaram quatro vezes à mas deserta e ela nunca repetiu sua sugestão, embora se irritasse quase insuportavelmente com a fascinação dele por aquele lugar. Ele está cortejando aquela velha casa de fazenda, pensou ela, com ciúmes, como se fosse uma mulher, rondando os muros como se fosse um adolescente enamorado. Entre o café, o boules e o namoro com essa fazenda ele consegue encher o dia, sem realizar coisa alguma. Quando é que vai recomeçar a pintar?

No café de Félice, dias depois, Joseph Bernard interrogou Mistral.

— Você diz que é pintor, hem, Julien? Já os vimos virem e irem, há anos... há sempre um pintor por aí. Mas nunca vi nenhum que fizesse alguma coisa além de pintar os campos. Eu digo que um pintor de verdade devia poder fazer um retrato de outro ser humano que se parecesse exatamente com ele. O que me diz disso?

— Nem todos os pintores fazem retratos, Joseph, e nem todos os retratos se parecem com o original, ou o modo que ele pensa ser, que nunca é a mesma coisa.

— Eu estava mesmo com medo que você me viesse com essas besteiras de alta classe — respondeu Joseph, a decepção evidente em sua fisionomia franca. — De modo que você não me poderia pintar, como eu pareço diante do espelho, é isso?

— Talvez, talvez não, mas posso fazer alguma coisa que o fará sorrir, meu amigo. — Mistral pegou um lápis do bar e desenhou rapidamente nas costas de um papel usado para o jogo de loto. — O que diz disso?

Ele mostrou o papel a Bernard. Em poucas linhas, em menos de um minuto, usando o jeito que tinha desde adolescente, um jeito em que nunca pensava duas vezes, tinha destilado a essência de Joseph Bernard numa caricatura.

— Diabos, sou eu! Narigão e tudo! — Bernard deu uma gargalhada. —

Agora faça o Henri... ele tem outra cara feia!

Ele agarrou um velho fazendeiro e o empurrou para defronte de Mistral, passando—lhe outro pedaço de papel. Em breve, Mistral estava rodeado pelos homens, todos pedindo suas caricaturas, disputando a vez uns com os outros, como colegas. Ele os foi fazendo com uma facilidade que espantou a turma.

Ora, isso era alguma coisa, eles se disseram, uma imagem que se parecia tanto com a gente que não poderia ser outra pessoa, e feito tão depressa que parecia mágica. Cada qual contemplava sua caricatura — como é que o pintor conseguira aquilo? Os que moravam perto do café correram para casa, para buscar as mulheres e filhos, todos esperando em fila por um daqueles assombrosos pedaços de papel. Era melhor do que uma partida de belotte. Logo Mistral teve de pegar outro lápis, e depois mais outro, quando as pontas foram—se gastando; mas nada parava os traços enérgicos de sua mão hábil. Por fim, não restava mais ninguém em Félice que não tivesse a sua caricatura feita e que não levasse consigo, cuidadosamente, um pedaço de papel de loto, para contemplar ao jantar e comparar, com muitos insultos amigáveis.

Era tarde, quase 19 horas, quando Mistral e Kate afinal partiram de Félice para voltar a Villeneuve. O coração dele estava tão cheio de graças que ele não queria falar. Caricaturas, um truque simples, de sociedade, que ele se esquecera que sabia fazer, caricaturas, pelo amor de Deus, lhe devolveram o demônio da criação. Seus dedos ansiavam por um pincel, seu nariz pelo cheiro de tinta a óleo e terebintina, suas entranhas vivas de novo como imagens que ele tinha de pôr na tela... e tudo porque ele pegara num lápis sem pensar e despejara tolices, para distrair aquela gente simples, de que ele tanto gostava. Eles tinham reagido com um apreço tão integral e as caricaturas tinham ido diretamente de suas mãos para as deles. Era a única recompensa que ele podia aceitar deles com facilidade, sem se sentir desligado do trabalho.

Pela primeira vez, Mistral teve aquela sensação de triunfo que não conseguia absorver na noite do vernissage. Cada músculo, cada nervo e tendão de seu corpo tinha renascido, tão cheio de poder como nunca estiveram. Mistral mal conseguia conter seu entusiasmo. Como podia esperar até de manhã?

Naquela noite, depois do jantar, Mistral saiu para caminhar sozinho. Estava sentindo uma energia louca, grande demais para ser contida sob um teto, e seu júbilo era a única companhia que ele queria, passeando pelas margens do Ródano, aceitando com prazer a sensação do frio do ar em sua pele, regozijando—se no farfalhar livre das árvores, o rumor das águas. Caminhando, ele compreendeu, com uma convicção — tão nítida que se assombrou que não lhe tivesse ocorrido antes, que nunca deveria sair da Provença.

"Nunca mais", pensou ele, nunca mais a solidão das cidades. Nunca mais o formigueiro de Montparnasse, onde gente demais falava línguas demais

em cafés demais; e falava tolices demais sobre governo e religião e escolas de pintura. Nunca mais o frio inverno de Paris, com a chuva triste matando a luz. Nunca mais um dia sem uma vista do horizonte.

Mesmo enquanto enumerava os motivos para não regressar, sabia que não precisava deles; não eram mais que a expressão exterior de um sentimento íntimo que o mantinha bem preso. "Ele não devia partir da Provença, porque ali podia trabalhar." Era como se tivesse tido uma revelação, como se tivesse tido uma visão, era mais forte do que qualquer superstição e mais claro do que qualquer lógica.

Ao amanhecer, ele acordou Kate.

— Acabaram—se as férias, Kate. Vou voltar ao trabalho. Kate piscou os olhos, aliviada.

— Dê—me meia hora... vou me vestir e arrumar as malas o mais depressa possível.

— Não, não se apresse, não há necessidade. Fique um pouco, se quiser. — Mas você disse que ia voltar ao trabalho. De que está falando? — Vou ficar aqui, Kate.

— O quê?

— Bem aqui. Madame Blé fica aberta o ano todo, o que resolve um problema, e há muitas casas vazias em Villeneuve, para alugar como estúdio. Assim que a loja abrir, vou telefonar para o velho Lefebvre e pedir que me mande todo o material de que preciso no próximo trem e mande a conta para Avigdor... nada mais fácil. Já planejei tudo.

— Imagino que esteja fazendo tudo isso a fim de entrar para aquele maldito time de boules — disse Kate, com maldade.

— Não seria mau motivo, mas não, tenho um melhor. — Mistral ficou andando pelo quarto, irrequieto, sem notar a cara de Kate, branca de choque.

— E este lugar, Kate, este lugar. — Ele não sabia explicar a ela a sua convicção e, percebeu, nem precisava explicar nada. — A luz daqui, você não entende?

— Entendo perfeitamente — disse ela, com calma. Não se conseguiria mais nada discutindo. Uma coisa em que Kate nunca se enganava era sobre a força da resolução de outra pessoa, e a de Mistral era uma força de um rochedo. — Vou ficar mais um ou dois dias, então.

— Você não precisa voltar correndo... fique quanto quiser, a não ser que se aborreça quando eu começar a trabalhar o dia inteiro. Eu gostaria de ter você aqui, Kate, muito.

— Vamos ver.

Será que ele estava pensando que ela ia se agarrar a ele que nem um gato?, pensou ela, furiosa. Kate se deu conta de que a comunicação dele a tinha arrancado de um estado de coma. O amor, escondido com tanta dificuldade, a tornara desatenta. Ela passara os dias sonhando, perigosamente desviada por seu corpo.

— Já que você vai ficar, não creio que eu deva fazer turismo hoje, Julien. Já vou ficar bastante tempo dentro daquele carro, na volta. Tenho de

arrumar umas coisas... e preciso ir a Avignon para comprar uns suéteres pesados para a viagem, ou um casaco decente, se é que têm isso aqui. Vou pegar o táxi para me levar à cidade.

— Não, pode levar o carro. Vou andar por aí e ver o que há para alugar. Ele nem procurou esconder seu entusiasmo.

Kate passou o dia todo fora, não voltando para o almoço. Quando afinal ela apareceu, de tardinha, Mistral estava impaciente. A distância até Félice era de uns 40 minutos de carro e ele estava louco para comunicar sua decisão aos amigos do café.

A um quilômetro na estradinha que levava a Félice, Kate pôs a mão sobre a de Mistral.

— Vire à esquerda — disse ela.

— Para quê? Vamos chegar atrasados para o jogo. Posso visitar La Tourrelle a qualquer hora, agora.

— Quero lhe mostrar uma coisa. Não vai demorar. Por favor.

Ele virou o carro para a trilha e parou, como sempre, na campina.

— Olhar pela última vez? — perguntou ele. — Eu não sabia que você gostava tanto disso.

Kate saltou do carro, foi até às grandes portas de madeira duplas no muro e pegou uma chave do bolso. Enfiou— a na fechadura e a girou, sem dificuldade. Enquanto Mistral olhava, espantado, ela empurrou uma das portas pesadas e a abriu toda. Acenou para ele e disse:

— Entre!

— O que é que você está fazendo? Onde arranjou essa chave? — disse ele, sem sair do carro. Não tinha intenção de entrar ali.

Kate voltou ao carro e estendeu a chave a Mistral.

— Tome. É minha. Ou melhor, é sua. Para ser precisa, é o meu dote.

Ele soltou um grunhido, espantado. Ela, sem dúvida, tinha a capacidade de surpreender as pessoas. E em que escala grandiosa! Não fazia nada pela metade e, de algum modo, pensou ele, olhando para os olhos dela, sérios e esperançosos, nunca era absurda, mesmo então. Distinta, séria, com propósito, ela tomava possível a sua proposta extraordinária, só pela suposição de que poderia acontecer.

— Quer casar comigo, Julien? — perguntou Kate.

Ele ficou calado. Sabia que Kate tinha mais a dizer e estava achando aquilo muito interessante.

— Eu o amo e você precisa de uma mulher. Precisa de um lar. Procurei o tabelião em Félice hoje e comprei esta fazenda. O antigo proprietário morreu e só deixou uma neta, que estava louca para vender. Na semana que vem, um jovem lavrador e a mulher vão se mudar para a ala da esquerda e vão começar a contratar gente para arrumar a terra, as alamedas, os pomares, os vinhedos. — Ela parou, mas como ele continuasse calado, ela prosseguiu, estendendo diante dele uma vida deliciosa, tão clara e nitidamente como se tivesse estendido uma toalha colorida na grama e nela colocado generosas travessas de boa comida e garrafas de vinho, convidando— o para uma festa. — Estou procurando um arquiteto para projetar o seu estúdio. Já

contratei um mestre pedreiro em Avignon. Vem se encontrar comigo aqui, amanhã. Um bombeiro e um electricista virão com ele... há muita coisa a fazer antes que a casa fique...

— Você poderia morar aqui... no campo... em La Turrelle? — interrompeu ele, afinal.

— Parece que não posso me imaginar vivendo feliz em qualquer lugar em que você não esteja, valha—me Deus. Curiosamente, não consigo voltar para Paris, deixando—o passar o inverno aqui, e voltar em fevereiro, fazendo de conta que quero ver as amendoeiras em flor.

— Mas nunca pensei em me casar — disse Mistral.

— Então, pense — disse Kate, com um lampejo de humor. — Está na hora de nos instalarmos, em nossas vidas. *Está na hora de trabalhar de verdade. Você começou bem, de modo que essa parte está resolvida, mas agora vem a parte mais dura, continuar indo em frente, ampliar e reforçar, ganhar território novo e torná—lo inteiramente seu... anos e amos de trabalho, que vão lhe tomar toda a força. Flaubert não disse aos artistas para serem regulares e comuns em suas vidas, para que possam ser violentos e originais em seu trabalho?

— Nunca li Flaubert — disse Mistral. "O importante, a única coisa", pensou ele, "é que quero tornar a pintar e não posso sair deste lugar.— Julien, imagine ter o seu estúdio aqui, olhando para Félice.

Ela não fez qualquer gesto. O tesouro inestimável que se estendia diante dos olhos dele falava por ela. O amor dela não precisava de outro adorno para se tornar evidente. Ele olhou em volta, viu um futuro de ordem, paz e prosperidade e soube que era possível.

— Pense — acrescentou ela, numa voz que dançava de nervosa, enquanto ele ficava calado. — Pense nos torneios de boules, os muitos torneios de boules, ano após ano.

— Você está querendo me subornar, Kate.

— Claro.

Ela se manteve firme, a chave ainda na mão estendida, o vento soprando seus cabelos, os olhos sérios aquecidos pela emoção que ela não escondia mais. Na sua expressão, sua fé cega nele se misturava à vulnerabilidade.

— Estou tentando pensar num só motivo. . . para dizer que não — disse Mistral, devagar.

— E...?

Ele saltou do carro e pegou a chave da mão dela. Agarrou—a com força, sentindo o ferro pesado e liso apertado em sua palma. Uma aceitação o invadiu. Esse pedaço de terra, essa mulher... eram o seu futuro. Eles se riram juntos, um riso cúmplice, e não pela primeira vez. Tinha sido assim, desde o primeiro dia em que se conheceram.

— Mas como a vida é estranha! — exclamou ele, assombrado.

— "Ame—me pouco, para me amar muito tempo" — murmurou ela, em inglês.

— O que quer dizer isso, minha americanazinha esperta e mandona? —

perguntou ele, tomando— a nos braços.

— Um poeta, há muito tempo... um dia eu conto... um dia você há de compreender.

Capítulo 10

— Não, positivamente não! Impossível, inteiramente impossível. Está fora de cogitação — declarou Paula, parecendo mais escandalizada do que Maggy imaginaria possível para uma mulher que, como ela reconhecia, já tinha visto de tudo.

— Dois motivos catastróficos. Sua roupa de baixo e seus sapatos. Não servem! Ah, Maggy, olhe só para isso. Dá vontade de chorar.

Paula fez um gesto desesperado para o montinho de roupas de baixo que tinha tirado do armário de Maggy e espalhado na cama e pegou três combinações, com um ar tão acusador com se fossem panos de pó.

— Esta está remendada, esta esfarrapada na bainha, a esta falta a metade das fitas, pelo que vejo. Você não tem nem um jogo de lingerie em condições de uso — continuou ela, esquentando o assunto — e onde, posso perguntar, estão os seus corselettes e soutien—gorges? Só vejo aqui ligas descasadas, meias consertadas, calcinhas que deve ter trazido quando veio de casa, e essas combinações horrorosas. Reconheço que estão limpas, mas é só! — Ela levantou as mãos.

Maggy soprou o cabelo de cima dos olhos.

— Ah, por que está bancando uma duquesa? Não está pensando mesmo que eu ia me preocupar com tudo isso? Será que preciso disso em meu trabalho? Ou para dançar? Pelo contrário! E quanto às minhas combinações, estão perfeitamente boas, se der um ponto aqui, outro ali... Madame Poulard pode arrumá—las num instante.

Paula sentou—se na cama, com um ar decidido.

— Maggy, você deve estar maluca. Como pode esperar que a tratem com respeito, quando for a Patou ou Molyneux, se a virem com esses trapos? O que diria Mademoiselle Chanel, diante de uma mendiga dessas? Não importa quanto dinheiro você tenha para gastar, nenhuma vendeu—se, nem quem lhe faz as provas, jamais vai levá—la a sério a não ser que você tenha uma lingerie decente, sapatos bons e um bom chapéu, também.

— Bem, lá se vai a minha gloriosa carreira de mulher mantida. Acabada antes mesmo de começar. Não tenho roupa decente nem sequer para poder ir comprar roupas decentes, portanto, como posso me mudar para uma suíte no Lotti? Será que posso dizer a Monsieur Patou que estive num naufrágio e perdi tudo? Ou convencer Mademoiselle Chanel de que fui roubada por ciganos, que ficaram com toda a minha roupa e me devolveram ilesa? Como é que as pessoas conseguem comprar roupas feitas sob medida, quando nunca as compraram antes? É pior do que um xadrez chinês.

Maggy sentou—se no chão do quarto, cruzou as pernas nuas e se

inclinou para a frente, rebelde, o queixo apoiado nas mãos.

— Tudo parecia tão simples, hoje de manhã, e agora você fez tudo tão complicado que nem quero mais pensar nisso. Há um ano você estava me ensinando a tirar as calcinhas, e agora quer me pôr em coletes! Vou dizer a Perry que temos de ficar aqui mesmo e para o diabo com o criado de quarto e os negócios dele. Se não gostar de mim como sou, azar. Os coletes que vão para o diabo.

— Ora, vamos — disse Paula, depressa. — Não é tão insolúvel assim. Acalme-se, pequenina. Só exige pensamento e planejamento, como todos os fatos importantes da vida. Para a lingerie, começamos do princípio. Tudo tem de ser novo. Há uma loja, perto da Rue St. Honoré, dirigida por três imigrantes russas, todas damas da nobreza, de grande discrição e compreensão e... o que é muito importante — presteza. São especialistas em casos como o seu... .

— O quê! Então sou um "caso", é? — disse Maggy, indignada.

— Nesse assunto determinado, é — continuou Paula, imperturbável. — Se elas receberem um pedido hoje à tarde, e eu explicar a natureza da emergência, você poderá ter uma lingerie maravilhosa dentro de uma semana. Quanto aos sapatos, há um excelente bottier italiano que conheço, que não fica longe da casa delas. Rue St. Florentin, segundo andar, um endereço de muita confiança. Para ele, não é preciso se incomodar com a lingerie, de modo que podemos ir lá hoje.

— Eu podia dar um pulo até o Raoul...

— Raoul? Aquele lugarzinho horroroso na arcada, com sapatos de 80 francos, que lhe estragaram os pés? — Paula estava horrorizada.

— É o que venho usando o tempo todo e você nunca reclamou.

— Esqueça-se do que já suportou antes. Não quer que o Perry se orgulhe de você?

— Ele já se orgulha.

Maggy ficou pensativa, puxando sua tenra plumagem cor de laranja em volta do rosto, quase o escondendo. Sua fantasia romântica da vida de uma mulher mantida estava—se desmoronando rapidamente, diante do espírito prático de Paula. Parecia trabalho e trabalho do tipo mais maçante: provas intermináveis; dias passados correndo de um ateliê especial a outro; coletes, tudo só para poder impressionar uma vendedora que provavelmente ia entender tudo sobre ela, de todo modo. Ela já odiava aquela vendedora, pensou, deprimida.

De repente, passou—lhe pela cabeça a imagem de Kate Browning, corpo estava da primeira vez que foi ao estúdio de Mistral, Kate Browning, tão segura de si, de seda branca fresca, um vestido do qual todos os pontos tinham de ser feitos a mão, Kate Browning, com suas luvas brancas imaculadas, que sempre parecia tão elegante, tão confiante e segura, que era impossível duvidar de que ela tivesse saído nas pontas dos pés do ventre da mãe diretamente para um par de sapatinhos perfeitos e um maravilhoso chapéu de Rose Descat.

Galvanizada, Maggy levantou—se de um salto, tão de repente que Paula

teve um sobressalto.

— E as luvas? — indagou ela, pegando Paula pelos ombros e sacudindo — a. — Mulher boba, será que já está naquela sua cozinha há tanto tempo que não sabe que sem luvas nenhuma dama está vestida para a rua? Enquanto fica aí falando bobagens de coletes, esqueceu — se das luvas. Como posso começar a minha vida nova sem pelo menos seis dúzias de pares de luvas, já que não pretendo usar um par mais que uma vez, uma vez, está ouvindo?

Ela soltou Paula e dançou pelo quarto, pegando uma meia aqui, outra ali, examinando — as para ver cerzidos e afinal pegando duas que estavam intactas. Todas as outras, jogou na cesta de papéis.

— Duas dúzias de meias de seda, antes do almoço! Depois, para as aristocratas russas... estou louca por lingerie; tudo de crepe de seda e maravilhosas aplicações de renda; crepe de chine cor de pêssego; cintas ligas, combinações curtas com calças, soutien gorges para achatar meus peitos, calças largas em verde claro, lilás e café, camisolas de gaze vermelha... o que mais? Pijamas chineses! Mas nada de coletes!

Maggy parou de dançar pelo quartinho, defronte do espelho que pendurara acima da pia. Ela se examinou atentamente, sacudindo os cabelos. Puxou tudo para trás das orelhas, depois os levantou nas duas mãos e empilhou em cima da cabeça. Sacudiu a cabeça devagar, de um lado para outro, em reprovação.

— Preciso cortar os cabelos.

— Claro. Não pode usar chapéus direito com todo esse cabelo e sem os chapéus certos...

— Não me diga, já sei. Sem os chapéus certos, nenhuma vendeu — se que se preze vai me deixar sequer entrar no salão. Agora, me diga uma coisa, Paula. Tenho que ir cortar os cabelos antes de ir cortá — lo no Antoine, ou Antoine se dignará a cortar o meu cabelo no seu atual estado lamentavelmente fora de moda?

Paula arregalou os olhos. Antoine era o cabeleireiro mais famoso do mundo. Vinte anos antes, ele tinha inventado os cabelos curtos, quando a grande atriz, Eve Lavalliere, o deixou sacrificar seus cabelos à tesoura dele, experiência que o deixou tão nervoso que ele só tentou de novo depois de seis anos. Ele agora reinava supremo em seu salão à Rue Didier, que inaugurara com um baile para 1.400 convidados, todas as mulheres vestidas de branco. Todas as mulheres da França sonhavam em apresentar sua cabeça diante do mestre.

— Antoine — exclamou Paula, com respeito.

— Mas claro — disse Maggy. — Ele há de saber, só de olhar para mim, que mereço a tesoura dele, embora tenha sido pobre e esteje provisoriamente entre uma calcinha e outra.

— Como é que você vai conseguir uma hora?

— Vou lá falar com ele, só isso. Ele vai poder resistir à oportunidade de cortar esses cabelos?

— Não vejo como — disse Paula, com sinceridade. Antoine era

tão impulsivo que, havia pouco, tinha oferecido 5.000 francos num leilão de caridade por uma luva doada por sua cliente, a poetisa Viscondessa Marie—Laure de Noailles.

— Então, vamos andando, querida. Está pensando que vou sem você? — Eu não a deixaria ir... e se mudasse de idéia no meio do caminho? — É exatamente o que eu penso.

Com mão carinhosa, Maggy tocou em seus cabelos. Tinham de ser cortados, isso era evidente, mas ela não estava tão corajosa quanto parecia, diante desta idéia. Aliás, seu coração estava batendo de um modo que lhe dava vontade de dar gritinhos de angústia. Mas ela pôs suas melhores roupas de sair e meteu Paula num táxi, antes de ter a oportunidade de mudar de idéia.

Nunca foi mais difícil a mulher ser bonita do que na década de 20. A moda não favorecia a ninguém, a feminilidade em todas as suas manifestações estava truncada, escondida, distorcida. Os chapéus escondiam a testa e os olhos; as sobrancelhas eram depiladas artificialmente, os corpos forçados impiedosamente em formas de menino; os cosméticos eram mal aplicados. Só existiam três tons de batom e os penteados eram tão feios que só mesmo a beleza mais autêntica podia vencê—los.

Naquela época, um corte de cabelo podia fazer ou destruir uma mulher. As mulheres que, apenas dez anos antes, eram consideradas lindas com seus drapeados eduardianos e as nuvens flutuantes de seus cabelos com penteados complicados, foram despidas e expostas à luz cruel do dia, sem lhes restar qualquer graça ou encanto... tudo em nome da moda. Mulheres que antes teriam sido beldades dominantes, foram reveladas como espantelhos, com cabeças escalpadas como botões no topo de ombros desgraciosamente gordos. Um crânio malfeito podia estragar o futuro de uma moça.

Maggy sentou—se na cadeira diante do' espelho de Antoine, enquanto o cabeleireiro pairava atrás dela, cercado por um grupinho de aprendizes e a4C1\$tentés, Paula estava sentada, séria de um lado.

— Meu Deus... o contorno de seus cabelos — disse ele, empolgado, no seu francês com sotaque polonês.

— O que é que há de errado nele? — perguntou Maggy, pronta para explodir. Qualquer desculpa servia, se ao menos ela pudesse sair dali com dignidade. Sair agora, antes que ele começasse. Ela olhou em volta, em pânico, tonta. As paredes do salão eram feitas de grandes placas de vidro, as próprias escadas eram feitas de vidro, as cadeiras e mesas do salão e a decoração e as luzes; tudo feito de vidro, para agradar àquele polonês alto e páldio que morava numa residência de cristal acima do salão e dormia num caixão de vidro que, dizia ele, o protegia de perigosas radiações elétricas do ar noturno.

— Como é que pôde esconder isso por tanto tempo? — perguntou ele, com ar de recriminação. A elegância começa com o contorno do couro cabeludo, madame, e o seu é... um poema. Isto — disse ele, passando um dedo comprido e fino no alto de sua testa — é a forma essencial, sem a qual

nenhuma outra elegância importa, sem a qual nenhuma verdadeira elegância pode começar. Tem de ser exposto.

— Como quiser — murmurou Maggy, fechando os olhos, ao vê-lo pegar a tesoura. Esta fez um barulho horrível, como um grito surdo, faiscando pelas asas dos cabelos dela, cada mecha dos quais era cuidadosamente segura antes de cair ao chão, por um assistente cuja tarefa era guardar os cabelos compridos para deles fazer tranças, coques e viradas que a cliente tosada poderia prender, de noite. Maggy abriu um olho e viu que estava com a cabeça encolhida dentro dos ombros, agarrada na sua cadeira.

Ela se sentou direito, com coragem, pois agora era muito tarde para bancar a covarde, e forçou-se a sorrir. Aquele seria o seu pescoço, aquela coisa branca, incrivelmente comprido? Aquelas suas orelhas, aquelas pobres salienzazinhas rosadas? Antoine então molhou a cabeça dela e pegou uma navalha, que brilhava impiedosamente, enquanto ele aos poucos ia moldando a cabeça dela numa touca reluzente, curta como a de um menino de escola pública da Inglaterra, o corte extremado chamado "Eton", que só as mulheres mais lindas podiam usar. Era penteado bem para trás, repartido bem do lado, e defronte de cada orelha a touca formava uma ponta insinuante na face. Na nuca, os cabelos eram cortados à le garçonne, de modo que se via claramente a bela forma de todo o seu crânio. Os olhos grandes de Maggy, de um verde amarelado e colocados tão separados, pareciam ter o dobro do tamanho e seus maxilares bem curvos tinham agora de concorrer com a coluna comprida e flexível do pescoço, totalmente revelado.

Ela tirou a toalha que a cobria e se levantou, olhando-se no espelho, virando-se de um lado para outro para poder se enxergar de cada lado e de costas.

Fez-se um silêncio no meio do grupo de espectadores. Nem mesmo Antoine falou, enquanto Maggy olhava ansiosamente para a nova personagem que a encarava nos espelhos.

Ela estava-se sentindo fraca. Sua cabeça parecia bem separada dos ombros, como se tivesse sido destacada e a deixassem voar para cima, como um balão. A mulher no espelho era ousada; a mulher no espelho era mais velha do que Maggy e inteiramente senhora de si, a mulher no espelho era supremamente chique, embora estivesse com o vestido de Maggy e os tristes sapatos de Maggy. A cabeça, aquela cabeça lisa e magnificamente tosada, tão brilhante onde parecia pintada, como um magnífico sinal de interrogação, dominava o salão.

Maggy ficou ali, sem expressão. Paula prendeu a respiração. Devagar, Maggy foi-se aproximando mais e mais do espelho, os olhos não o deixando. A imagem que ela viu se avolumou e ela a olhou, interrogando, até seus olhos se fundirem e seu nariz tocar no espelho. Ela ficou ali um segundo, embaçando o espelho com seu hálito, e depois, com um movimento decisivo, beijou o espelho, com sua boca grande e deliciosa.

— Ah! — Todos os espectadores respiraram, aliviados.

— Madame está satisfeita — declarou Antoine, com um ar de

proprietário.

— Madame está encantada! — Maggy agarrou o polonês espantado, abraçou—o com força e beijou a orelha dele. — De hoje em diante, madame será tratada como Monsieur. — Ela pegou o cravo preso em seu paletó e o pôs atrás da orelha de Antoine. — De um monsieur a outro, eu te amo — disse ela.

Perry Kilkullen não sabia nada a respeito de manter uma mulher. Tudo parecia tão fácil a frase soava tão natural; afinal, os homens vinham mantendo mulheres havia milhares de anos, Perry se tranqüilizou. Os antigos gregos e romanos mantinham mulheres ou rapazinhos, dependendo de seus gostos. Talvez ambos? Quem sabe? A história de todo país é cheia de famosas mulheres mantidas e as fileiras da aristocracia aos poucos se enchem com seus filhos. Como é que faziam os vários Luíses... XIV, XV e XVI? Como é que faziam os arranjos?

Sentindo—se mais americano do que se sentia havia anos, em Paris, um pouco abatido mas infinitamente resolvido, ele foi procurar um corretor de imóveis. Um lugar onde morar tinha de ser o primeiro passo para um Kilkullen, assim como para um Luís. Ou será que eles apenas colocavam a moça numa série de quartos vagos no palácio?

— Em que bairro monsieur deseja morar? De quantos salões de recepção monsieur necessita? Quantos quartos de dormir? E de quantos membros será a criadagem? Monsieur prefere uma casa ou apartamento?

— Olhe, eu não sei, até ver. Mostre o melhor que tem aí.

Ele viu uma dúzia de casas e apartamentos nas zonas elegantes da margem direita do Sena e recusou todos, por um motivo ou outro. Não levou Maggy nessas visitas porque queria fazer—lhe uma surpresa. Por fim, na Avenue Velasquez, ele entrou num vasto apartamento de segundo andar que dava diretamente para o retângulo belo, verdejante e irregular do Parc Monceau. Como se fosse uma pessoa de audição perfeita ouvindo o acorde certo, Perry sentiu—se à vontade nas salas vazias.

Ele a levou lá naquela tarde, ao crepúsculo, e a fez percorrer o apartamento. Ela ficou pasma, enquanto ele orgulhosamente lhe mostrava aposentos e mais aposentos.

— Ah, meu Deus! — exclamou Maggy, por fim.

— Não gostou? — perguntou Perry, aflito.

— Já contou os quartos? — perguntou ela, meio frenética.

— Não, não propriamente. Pareceu—me que serve.

— Há 11 peças e pelo menos duas dúzias de armários. Só Deus sabe quantos banheiros, e isso sem contar a cozinha e copas, lavanderia e quartos de empregados, que você disse serem lá no sótão — disse ela, trêmula.

— É grande demais? — Ele não pôde deixar de mostrar seu desapontamento.

— Qualquer coisa com mais de dois quartos é grande demais, para mim. Sendo que um deles devia ter uma banheira nele.

— Mas... mas você disse que sonhava em ser mantida com classe.

— Ah, Perry — exclamou ela, aconchegando—se a ele — estou tão

apavorada! Sei o que eu disse, mas isso foi uma fantasia e isso aqui é a realidade. Só quero voltar para a Rive Gauche e arranjar um quartinho num hotelzinho, me meter na cama, puxar as cobertas por cima da cabeça e nunca mais sair de lá! Nunca!

Perry a puxou para si e a acariciou com a firmeza e delicadeza que teria tido com um animal grande a apavorado. Ele se deu conta, ao abraçá-la, que se criara no meio de ricas mulheres de Nova York, que sempre esperaram que um dia viriam a dirigir casas grandes; mulheres que tinham passado a vida aprendendo a se mover sem esforço, com uma autoridade tranqüila, por aposentos muito maiores e mais numerosos do que aqueles no Parc Monceau. Mas o que é que Maggy, sua pequena maravilhosa, seu primeiro e único amor, sabia dessas coisas? O fato dela se apavorar com um apartamento de 11 peças só a tomava mais preciosa para ele, essa garota que tivera a coragem de fugir de casa aos 17 anos, que aceitava os perigos com naturalidade e que no íntimo ainda era quase uma garota traquinas.

— Olhe — murmurou ele, como se estivesse falando com uma criança — se você quiser, vamos continuar a morar em hotéis, não se preocupe. Mas por que não experimentar este lugar? Você não vai ter de se mudar para cá amanhã, meu bem. Vai levar tempo para ser mobiliado e depois de pronto, se você tiver a menor dúvida, se ainda achar que é grande demais, eu me livro dele. O que me diz disso?

Ao falar isso, ele viu que queria muito fazer uma casa de verdade para Maggy, não num hotel, mas ali, naquele lugar lindo, onde poderiam ficar sempre juntos, só os dois.

Maggy sentia a voz abafada, porque sua cabeça estava apertada contra o casaco dele.

— Quantos meses vai levar? — perguntou ela, desconfiada.

— Ah, muito tempo — garantiu Perry — muito tempo mesmo.

Ele se perguntou: como é que as pessoas mobiliavam mesmo os apartamentos? A mulher dele e a sogra e a mãe todas tinham estado num frenesi feminino, por algum tempo antes do casamento dele, havia tanto tempo, e ele imaginava que fossem as coisas do apartamento que as fizessem correr tanto, mas ele não prestara atenção àquilo. Os apartamentos, para os homens da geração dele, já vinham mobiliados e decorados, novos, claro, mas, não sabia como, de acordo com o gosto deles. Tudo isso era providenciado... será que isso era uma das coisas em que as mulheres passavam o tempo?

Durante os seis meses seguintes, pareceu a Maggy que ela aprendia um número extraordinário de coisas novas, todo dia. Primeiro, o inglês. Ela se resolvera a aprender inglês porque não era justo, ao seu ver, que Perry ficasse sempre em desvantagem quando eles conversavam, e, em todo caso, onde quer que fossem, ao Bal Tabarin para assistir ao cançã, ou jantar no Maxim's, ou comer pato assado em Frederick's, em volta dela ouvia falarem inglês e era irritante não compreender as piadas.

O poder aquisitivo do dólar americano era tão alto que Paris estava cheio de exilados vivendo bem com 15 dólares por semana. Eles interessavam

Maggy, com sua displicência sua alegria desenfreada, seu jeito de se lançarem irreverentemente a Paris, como se a cidade fosse o maior pátio de recreio do mundo. Quem, senão americanos, haviam de jogar tênis dentro da boate de Josephine Baker, com raquetes e bolas de papel? Quem senão americanos podiam se juntar aos músicos de Bricktop's e tocar um jazz tão louco como ela nunca ouvira? Não falar inglês em Paris, em 1926, era perder a melhor festa jamais dada pela história.

Todo dia de manhã, logo depois; do café, Maggy tomava aula de inglês com uma mulher séria, de Boston, casada com um escritor americano que parecia incapaz de terminar o romance que estava escrevendo. Uma das primeiras expressões que Maggy aprendeu foi "bloqueio de escritor" e, pelo resto da vida, sempre que ouvia essas palavras, elas lhe lembravam a sala de estar com caros cortinados de cetim azul claro de sua suíte no Lotti.

Perry contratara Jean Michel Frank, o mais célebre dos decoradores da época, chefe dos profissionais de Les Arts Décoratives, para trabalhar no apartamento e enquanto ele tratava de seus assuntos, Maggy tratava dos dela.

— Você tem alguma idéia, Paula — perguntou ela, briguenta — de como uma mulher mantida tem de trabalhar? É um emprego e tanto. Puxa, você não pode sair de casa de manhã sem estar vestida com um costume de O'Rosen ou Chanel, não ousa mostrar—se de tarde se não estiver usando um Patou, não pode simplesmente tomar um coquetel, tem de se vestir para isso, em alguma coisa de Molyneux com alcinhas e uma bainha de lenço...

— Espero que não esteja reclamando — disse Paula, com severidade. — Todo métier tem o seu preço.

— Ser mantida parece significar passar um por cento do tempo nua na cama e trocar de roupa os outros 99% — disse Maggy, pensativa. — Não existem métiers que lhe permitem usar a mesma coisa da manhã à noite? E os chapéus, Paula... um chapéu para cada conjunto e três provas para cada chapéu, toda essa importância que dão ao virado da aba ou a largura da fita... quem poderia adivinhar isso?

— Eu podia ter—lhe avisado — disse Paula — mas tinha medo de que você desistisse de tudo, enquanto ainda estava em tempo.

— Agora é tarde — disse Maggy, recuperando seu ânimo.

— Entrevistar um mordomo? — disse ela, incrédula.

— O apartamento ficará pronto no mês que vem — respondeu Perry, com razão. — Temos de ter empregados e empregados significam um mordomo. Ele lhe pode ajudar com o resto das entrevistas.

— Como é que vou saber o que perguntar a ele? — retrucou Maggy, indignada. — O que é que eu sei dos cuidados e alimentação dos charutos, da vida amorosa das caixas de vinho, o protocolo de anunciar o jantar ou a maneira certa de arear as pratas? Ou a maneira errada, mesmo? Se quiser um mordomo, tem de arranjá—lo sozinho e isso se aplica ao resto dos empregados. Ainda não sei bem se um dia vou me mudar para lá.

— Você ainda nem foi ver o que estão fazendo... não tem curiosidade? — Não — mentiu Maggy.

Em momentos esparsos de cada dia, ela se pilhava pensando no que exatamente Monsieur Frank estaria fazendo, mas não queria ser envolvida no processo, pois assim que exprimisse um gosto ou uma preferência, isso seria a mesma coisa que concordar em morar naquele apartamento imenso, muito alarmante, opressivamente imponente que Perry comprara. A vida de hotel, mesmo de alta classe como o Lotti, tinha alguma coisa de deliciosamente irresponsável. Os elevadores viviam cheios de casais amorosos que não podiam ser casados, o saguão ressoava com música e risos, as camareiras estavam sempre prontas para conversar um instante, e quanto aos imponentes concierges, liam os programas das corridas com ela, todo dia.

— Bom, então eu faço — disse Perry, resignado.

— Já sei... deixe a Paula. É o tipo de coisa que ela faz muito bem. Aquela sabe ver o caráter das pessoas... não se pode enganá-la. Pelo menos, eu nunca pude. E não se esqueça do último shiddach que ela fez.

— Shiddach?

— Uma apresentação... como no nosso caso... bem, só que usado em sentido lato. Na verdade, é um casamento de conveniência, como o que a minha Tia Esther queria que eu fizesse. Vem de palavra hebraica, shiduk — disse Maggy, com ar de conhecedora.

— E esse bocadinho de história, suponho, vem do Rabino Taradash?

Perry ficava encantado com o uso raro que Maggy fazia das expressões judaicas. Pareciam — lhe provocantes e animadas como o cravo vermelho de sua lapela.

— Não me faça lembrar do meu pobre rabino, querido. Uma mulher mantida, vivendo em pecado com um católico? Ah, nem posso imaginar o que ele havia de dizer.

— Ele explodiria?

— Explodiria de raiva, se partiria de irritação, arrebentaria de sofrimento... pode escolher. Mas ele não iria compreender, assim como o seu padre não compreenderia, se você tivesse um padre. No entanto, eu me recuso a me sentir culpada! O Talinude diz: "Quando o homem se vir face a face com o seu Criador, terá de prestar contas dos prazeres da vida que deixou de experimentar." Essa é uma parte do Talinude que conheço e com que concordo plenamente. Provavelmente é negado em outra parte... basicamente, sou ignorante em matéria de religião e, quanto a nós, não acho que tenha importância.

— É só por isso que você não se sente culpada quanto a mim? — perguntou ele, de repente sério.

— Ah, não, meu querido. Não me sinto culpada porque te amo tanto.

Não havia jeito de lhe dizer de verdade, pensou ela, o que ela sentia por ele.

Era um amor sem mistérios, livre de surpresas, ou aspereza, um amor que nunca poderia feri-la. Os braços de Perry eram uma proteção contra ela jamais ser ferida de novo. Com ele ela estava inteiramente segura e ela agora conhecia o valor da segurança.

Havia momentos, ela reconhecia, em que era inundada por recordações de Julien Mistral, em que tomava a sentir como a linha severa da boca dele ficava terna sob seus lábios. Mas aí ela punha de lado essa lembrança indesejável e pensava em tudo o que tinha de bom. E se ela tivesse vivido vários anos com Mistral? Se ficasse saturada dele, o coração inteiramente maculado por aquele homem obcecado pela pintura, que não se importava com ninguém? Seus breves meses com Mistral a haviam deixado muito machucada, mas ela acreditava que tinha um centro em que ele nunca tocara. Ela curvou a cabeça para as costas das mãos de Perry e roçou a face sobre elas, tão delicadamente que sentiu os pelinhos louros fazerem cócegas em sua pele.

— Quanto àquele mordomo... — murmurou ela.

— Vou tratar disso.

— Eu sabia que trataria.

— Feche bem os olhos e prometa não espiar. Vou levá-la ao salgo... quero que veja isso primeiro — disse Perry a Maggy. Era o mês de abril de 1927 e eles estavam à porta da frente do apartamento do Parc Monceau. — Mas que bobagem. No entanto, por que não? Tudo isso é ridículo. Maggy fechou os olhos e pegou o braço de Perry. Pareceu-lhe que eles andaram muito, até que ele disse, a voz tomada de emoção: — Agora pode olhar.

Ela abriu os olhos sobre uma das primeiras salas realmente modernas do século XX. Sentiu como se uma brisa fresca a tivesse soprado para um mundo novo, um mundo dourado, bege, marfim e branco, em que o maior luxo era expresso nas formas mais puras. Nada se parecia com nada que ela já tivesse visto. As paredes tristes que, ela se lembrava, tinham painéis de madeira escura, haviam sido despidas do chão ao teto e cobertas com centenas de quadrados de pergaminho, cada qual ligeiramente diferente de todos os outros. Não interrompidos por um único quadro, eles formavam, em seu conjunto, uma obra de arte propositada e magistral, que luzia, de um dourado pálido, à luz das lâmpadas de gesso de formas ousadas.

A sala, que lhe parecera incrivelmente grande da primeira vez em que a vira, agora a envolvia, em sua festividade inesperada. Enquanto ela andava por ali sobre os tapetes brancos, percebeu que estava — se movendo num tipo de espaço novo, um espaço em que nunca imaginara pessoas morarem, um espaço difuso com frescor e amplitude, que logo fez todos os outros interiores parecerem apinhados, complicados e antiquados. Maggy passou os dedos pelos encostos das poltronas simples, estofadas com a seda giarfin mais simples e pesada possível, acariciou os tampos das mesas baixas, de laca dourada, e depois, aturdida, jogou — se num dos grandes sofás. Fitou estirada no couro natural macio, bege; com os olhos semicerrados, contemplou as formas essenciais de tudo na sala.

— O que você acha? Não é formidável? — perguntou Perry, aflito, as palavras se precipitando. — Os abajures foram desenhados por Giacommetti, — há 40 camadas de laca nas mesas, os tapetes são feitos a mão, em Grasse...

— Não me amole com detalhes, meu amor — disse Maggy. — Venha se

deitar aqui comigo, parece que estou flutuando.

Eles se mudaram três dias depois. Jean Michel Frank, encantado com o seu cliente americano, pois um homem só, rico, generoso – especialmente quando está apaixonado – é sempre o cliente mais desejável que qualquer artista pode ter, tinha dedicado seu grande talento a tornar o apartamento de Parc Monceau uma expressão total de sua visão revolucionária, uma visão que continuaria fresca e significativa meio século depois.

Na primeira noite no apartamento novo, Maggy não conseguiu dormir. Sem fazer barulho, ela se levantou da cama e se enrolou em seu negligée de plumas. Andando pelo apartamento, tinha a impressão de que faltava alguma coisa, alguma coisa não estava bem certa. Mas Monsieur Frank não se esquecera de detalhe algum.

Nunca, pensou Maggy, passando pelos armários de roupa de casa e de pratarias, ela sonhara que alguém pudesse possuir tantos objetos. Ela levaria semanas para se acostumar com o seu conteúdo. Não faltava nada que pudesse tomar a vida supremamente confortável e por toda parte reinava uma limpeza extrema, um asseio que fazia o luxo de cortinados de cetim de sua suíte no Lotti parecer mesquinho e até sujo, em comparação.

Maggy entrou no salão e ficou junto das portas envidraçadas que davam para o parque. Do segundo andar, ela via grande parte daquele mais divertido dos jardins de Paris, as colunas clássicas, o lago oval e a pirâmide que o Duque de Orléans mandara levar para lá em 1778. O parque, agora vazio, cercado por complicadas grades de ferro batido com pontas de flechas douradas, parecia um cenário de teatro, pensou ela, pronto para uma representação de máscaras ou alguma diversão de um tipo arcaico. Parecia estar à espera de uma procissão de deusas de vestes gregas ou um bando de fadas fantásticas, da imaginação de um poeta. Mas ela sabia que nada aconteceria no parque trancado até que as crianças, essas crianças bem comportadas daquele bairro elegante, chegassem de manhã com suas amas. Inquieta, ela andou de quarto em quarto, mas a despeito de sentir cada vez mais que faltava alguma coisa que devia estar ali, não conseguiu encontrar nenhuma necessidade humana que não tivesse sido prevista. Por fim, Maggy voltou para a cama e caiu num sono agitado, cheio de fragmentos de sonhos.

No dia seguinte, ao entardecer, Maggy entrou no apartamento, pela primeira vez usando sua chave nova. Rosada com o frio da tarde de abril, ela nem se deu ao trabalho de tirar o casaco, ao atravessar o hall de entrada e quase correr pelo corredor comprido, para a sala de jantar. Debaixo do braço levava um embrulho grande e volumoso, envolto em jornal.

Ela passara a tarde procurando em certas lojas da Rue des Rosiers e o embrulho continha o objeto que procurara, a única coisa, ela se deu conta, ao acordar de manhã, que faltava ao apartamento. Maggy postou—se diante do aparador, coberto de velino, no qual estavam dois candelabros pesados, de prata e lápis lazúli, desenhados pelo famoso prateiro Jean Puiforcat, especialmente para aquela sala. Combinavam com a grande terrina coberta de prata e lápis, que estava sobre a mesa de jantar. Maggy

pegou os dois candelabros do aparador e os colocou sobre a mesa, um de cada lado da terrina. Depois, com cuidado, desembalhou o jornal e revelou um candelabro de bronze grande, meio amassado, com sete braços.

— Pronto! Agora sim — disse ela, em voz alta, colocando o menorah no lugar de honra de sua casa.

Capítulo 11

Perry Kilkullen não estava ligando a mínima. Nem a mínima atenção ele dava às cartas escandalizadas da mãe, das irmãs e irmãos. Nem a mínima ao que a igreja já tinha dito, continuaria a dizer, estava dizendo no momento. Nem a mínima à reprovação muda de seus sócios e os mexericos empolgados das mulheres deles. Nem a mínima para a onda de cochichos no Turf and Field, no Piping Rock ou no Iate Clube de Nova York. Nem a mínima para a opinião de qualquer pessoa que ele tivesse conhecido ou mesmo amado antes de conhecer Maggy. Ele era inteiramente indiferente àqueles vultos vagos, que um dia tinham parecido importantes, e ao que eles pensavam sobre o assunto que era tão essencialmente dele. Ele tinha 43 anos, já vivera mais da metade dos anos que qualquer homem pode esperar viver e só agora é que compreendia o que significava estar vivo. Maggy. Sem ela ele teria sido uma aproximação de homem, sem o saber.

Ele continuava a exercer suas funções bancárias com precisão; ninguém podia acusá-lo de abandonar a firma, mas quanto ao resto separou-se de sua vida passada propositada e eficientemente. Não aceitava mais convites para jantar de seu círculo de amigos dentro da comunidade bancária de Paris; quando seus colegas de Yale iam a Paris com as mulheres, ele os evitava. Ele arrumou os negócios com cuidado, para não ter de passar tempos em Nova York, onde a mulher, cheia de sua dignidade e suas convicções religiosas, esperava com aparente serenidade que ele passasse por aquela fase da vida, pela qual, lhe garantia a mãe, muitos homens de bem já haviam passado. Mary Jane McDonnell Kilkullen era orgulhosa demais para dar aos amigos alguma indicação do que sentia sobre o escândalo de Perry ter uma amante francesa, abertamente. Ela continuou na sua roda—viva de obras de caridade, uma mulher esguia elegante, cheia de jóias, que se recusava, com a sua pose brusca mas branda, a permitir que alguém se apiedasse dela. Nada jamais a faria baixar à vulgaridade de agir como uma mulher ultrajada e traída.

No outono de 1927, Maggy fez 20 anos. Ela parecia mais experiente do que sua idade justificava, como sempre parecera, com as pálpebras delicadas e boca ousada que a tomavam, em qualquer grupo de mulheres, a mais fascinante de se olhar, mesmo não correspondendo ao ideal de beleza da época. Ela não era, nem nunca fora, uma "coisinha jovem", bonitinha, nem se adaptava à moda de melindrosas infantis e frágeis. Nos últimos meses, em que pudera satisfazer o seu gosto pessoal, alcançara uma

elegância eterna, enigmática, nunca fora de moda.

Para comemorar o aniversário dela, Perry a levou ao Marius e Janette, onde tinham jantado juntos pela primeira vez, e depois foram à sua boate de Montmartre favorita, Chez Josephine, onde o absurdo da cabra e do porco (os estranhos bichos de estimação de Josephine Baker, que andavam pela casa, sendo mimados pela realeza de uma dúzia de países europeus) nunca deixava de divertir Maggy.

Naquela noite, porém, ela se sentia estranhamente pensativa. Vinte anos era muito diferente de 19. Era uma idade de mulher, e não de garota. Sua meninice tinha acabado, refletiu Maggy, sem saber se devia ficar deprimida ou feliz. Ela suspirou e torceu o colar de pérolas de duas voltas que Perry lhe dera de aniversário.

— Há alguma coisa, meu amor? — perguntou ele.

— Nunca mais serei jovem... jovem de verdade. E não ouse me dizer que estou sendo tola.

— Ser jovem "de verdade" foi assim tão maravilhoso?

Ela sacudiu a cabeça, vendo que ele não tinha entendido o que ela queria dizer.

— Significava que eu tinha tudo pela frente. Que eu não tinha de pensar no futuro, porque estava tão distante. Não sei por que, as opções que eu fazia não tinham importância de verdade. Nada era definitivo, porque tudo ia mudar, mesmo. Mas agora, agora me sinto tão... tão — ela fez um gesto inútil e sacudiu a cabeça, porque as palavras desapareceriam quando ela procurava encontrá-las.

— Como se tivesse de tomar decisões? — perguntou ele, com ternura.

— Uma coisa assim. Como se eu estivesse dentro do meu futuro... Como se a minha vida devesse se dirigir para algum ponto.

Ela sorriu, meio triste, e sacudiu os ombros com um ar de desalento nada típico.

— Você vai se dirigir para algum ponto. Vai se casar comigo. Maggy levantou as mãos, sem poder acreditar.

— Não diga isso! Você sabe que é impossível! Como pode dizer isso, mesmo de brincadeira? Nunca pensei nisso!

— Sei que não pensei, mas eu pensei. É só no que tenho pensado, quase desde o dia em que a conheci... o plano teoricamente inimaginável de conseguir um divórcio, casar com você e viver com você o resto da vida. Nada mais natural, certo ou verdadeiro. Nós nos pertencemos, temos de estar juntos.

— Você é católico e é casado! — refutou Maggy, numa consternação louca. Maggy concordara com todas as providências que ele tomara com relação a ela, compreendendo que nunca seria possível algo mais que isso. Entre eles havia todas as barreiras; era tão pouco provável que ele se casasse com ela quanto se fosse o Príncipe de Gales; e ela o amava bastante para aceitar a situação.

— Eu e minha mulher estamos praticamente separados há anos... você sabe disso. Não temos filhos que nos unam...

— Ah, para que é que você foi falar nesse assunto? — exclamou Maggy.

— Você sabe que não pode conseguir um divórcio.

— Foi isso que disseram a Henrique VIII — disse Perry, com um sorriso.

Era verdade que os católicos não se deviam divorciar. Mas isso não queria dizer que não se divorciassem de fato, em raras ocasiões, graças ao uso de uma infinita força de vontade, paciência, muito dinheiro e prestígio. Naturalmente, esses católicos não eram o que a família dele ou qualquer pessoa que ele conhecesse considerariam bons católicos. Ele mesmo não consideraria um católico divorciado um bom católico.

No entanto, para se casar com Maggy, Perry Kilkullen estava disposto a se tornar um mau católico. Tinha verificado que sua fé não era tão forte quanto o seu amor. Uma vez que a sua imaginação começou a funcionar, uma vez que ele viu como sua vida era árida, o casamento apenas a continuação estéril de algo que morrera havia muito, não mais do que uma conveniência social e teológica, ele ficara impaciente com as leis da igreja. Um regulamento que exigia que ele fosse falso para com suas necessidades mais profundas poderia estar certo? Ele seria obrigado a desistir de todos os anos bons que restavam de sua vida como homem em favor de uma trama de "deves" e "não deves" decretados por Roma? Cada vez que ele fazia amor com Maggy, segundo o dogma que aprendera, estava pecando. No entanto, quando ele estava deita do dentro dela, sentia—se consagrado. Os seios dela, a barriga, as coxas — tudo era uma bênção. Algo tão belo não podia deixar de ser abençoado. — Ah, como é que pode sorrir assim? Não sabe o que está dizendo? — exclamou Maggy, muito chocada. — Você ficou maluco.

— Você não gostaria de se casar comigo, se fosse possível?

Perry afinal sentiu a reação dela. Tinha esperado o espanto, confusão, mas não essa recusa a ficar feliz com os planos dele.

— Não quero ser motivo de uma porção de problemas para você — disse Maggy, obstinada.

— Eu estava ressequido, antes de te conhecer! — disse Perry, com violência. — Estava morrendo de sede e você me salvou. Podia ter continuado durante anos e acabado mirrado, seco, descorado, vazio de seiva como um pedaço de madeira lançada à praia.

— Mas não vai haver problemas? Problemas graves? — insistiu Maggy.

— Problemas grandes, graves, terríveis. Ele sorriu, aliviado. Era só isso que a perturbara. — Quase o maior problema que você possa imaginar. Mas há de valer a pena, cada minuto, se você estiver disposta a se casar comigo e se disser que me amará sempre, por mais que demore.

— Você sabe que sim — disse ela, devagar. Aquela necessidade premente dele dissolveu seus temores.

— Mesmo não sendo mais jovem de verdade? Tem certeza de que não está muito velha para tomar essa decisão? Afinal, pode levar até alguns anos e você não vai querer se arriscar a ficar solteirona.

— Posso estar alcançando a maturidade — disse Maggy — mas ainda não estou velha demais para me arriscar.

— Então, está resolvido? — disse ele, ansioso.
— Entre nós, sim, meu querido. Quanto ao resto...
— Vou partir para Nova York no próximo navio — prometeu Perry.
— Mas por enquanto... enquanto ainda sou bastante jovem, vamos dançar.

Menos de dez dias depois do 20o. aniversário de Maggy, Perry e a mulher se defrontaram na biblioteca do apartamento da Park Avenue. Durante duas horas, Mary Jane nem uma vez levantou a voz, com raiva, ou deixou que uma palavra imprudente escapasse de seus lábios. Ela escutara calada e sem interromper tudo o que ele tinha a dizer, as pernas bem-feitas cruzadas nos tornozelos, o rosto bonito quase sem expressão, as mãos calmamente no colo. Nem sequer remexeu em seus muitos anéis. Não estava dificultando as coisas para ele, pensou Perry, enquanto expunha todos os seus argumentos, todos os motivos, todo o pesar diante do que tinha de fazer a eles dois. Ela parecia estar escutando, escutando mesmo, o que ele estava falando. Talvez também ela estivesse querendo fazer uma vida de verdade para si. Talvez, durante todo o tempo que ele passara fora, ela tivesse encontrado alguém que pudesse amá-la como toda mulher deve ser amada. Por fim: ele parou, rouco de tanto falar. Agora não havia nada que ela não soubesse, nada que ele não tivesse confessado e tentado explicar.

Fez-se um silêncio, que durou tanto que ele quase recomeçou a falar, a se repetir. Então ela disse, delicadamente e tão baixinho que ele mal podia ouvi-la.

— Um divórcio? Eu não lhe poderia fazer isso, Perry.

— Mas você não faria nada. Eu sou inteiramente culpado.

— Eu não poderia abandoná-lo, Perry. Como você podia esperar que eu fosse tão cruel? — disse ela, com um olhar de compaixão.

— Mary Jane, pare de torcer as coisas. Você não estaria me abandonando, eu é que a abandonei.

— Você não fez nada que não se possa endireitar, Perry — disse ela, com tanta bondade quanto usaria para tranqüilizar uma criança assustada. — Você... ah, imagino que as pessoas diriam que você se "desgarrou"... as pessoas adoram dizer essas coisas, eu acho... mas, a meu ver, você só errou. É grave, mas nada irreparável. Felizmente a igreja compreende, a igreja o receberá de volta, quando isso terminar.

— Pensei que você estivesse escutando, diabos!

— E estava. Ouvi todas as palavras. Mas Perry, pobre Perry, você parece se esquecer de que tem uma alma imortal.

— Mary Jane, sou um homem adulto. Tenho 43 anos... deixe que eu me preocupe com a minha alma.

— Você está pedindo uma coisa impossível, Perry. Cabe a mim decidir que lhe será negada a outra vida? Se eu concordasse, se você conseguisse um divórcio, se casasse com essa moça enquanto eu fosse viva, você seria excomungado. E isso seria por minha culpa, tanto quanto por sua culpa.

— Estou disposto a correr esse risco, Mary Jane.

— Mas eu não estou disposta a condená-lo. E você sabe que não tem o

direito de pedir isso.

Ele olhou bem para ela. Haveria a mais leve sugestão de que ela estivesse brincando com ele, escondendo—se por trás da piedade? Mas na fisionomia de Mary Jane ele só viu a convicção e resolução e tranqüilidade, uma calma fatal que lhe dizia que não havia esperança. Ela existia num mundo paralelo ao dele e não havia uma ponte de palavras que pudesse ser tecida entre eles. A crença dela negava a existência da paixão dele. Maggy e o amor dele por ela não eram reais para Mary Jane. Eram apenas uma abstração, um "estado de pecado" do qual ele poderia ser redimido pela confissão, a penitência e a volta a ela. Ele sabia que tinha perdido, mesmo enquanto continuava a raciocinar, a argumentar e suplicar.

Por fim, Perry partiu, derrotado. Mary Jane olhou para o relógio e franziu a testa. Tinha perdido uma reunião da Associação do Pequeno Salvador, que deveria ter presidido. No entanto, nada podia ser mais importante do que levar Perry a compreender que não havia circunstância alguma que a levasse a fraquejar e condená—lo a uma eternidade sem salvação.

Pegando o telefone para ligar e se desculpar por sua ausência, ela disse consigo mesma que quase chorava por ele, por sua triste ilusão ao pensar que poderia ter um só dia de felicidade fora da igreja. Pobre Perry, iludido, corrompido, desonrado, tão perdido que chegava a ser capaz de imaginar que Mary Jane McDonnell algum dia se permitiria ser a primeira na longa história de seu clã a se divorciar. Isso, pensou ela, enquanto o telefone tocava, mostrava mais do que tudo, até que ponto ele estava afundado no erro.

Perry ainda ficou umas três semanas em Nova York, procurando convencer membros da família dele que tinham influência com a mulher para que advogasse a sua causa. Fracassou totalmente. As fileiras dos Kilkullens e dos McKays estavam cerradas, no que dizia respeito à questão do divórcio. Quando ele tentou falar sobre Maggy, só uma de suas irmãs se mostrou disposta sequer a escutar e esta sempre fora a maior mexeriqueira de todos, que não conseguiu reprimir sua curiosidade. Ele se afastou dela, podendo facilmente imaginar o que ela repetiria, num sussurro horrorizado e encantado, a um e outro dos parentes.

— Uma modelo de pintores de 20 anos, meu bem... sabe o que isso significa.

Como ele poderia transmitir—lhes a essência pura de Maggy? Como poderia esperar que eles algum dia compreendessem? Alguns de seus parentes do sexo masculino não se mostraram antipáticos quanto ao problema dele, enquanto isso se limitou a ser apenas que ele estivesse louco por alguma garota que não fosse sua mulher. Isso também já lhes acontecera. Com a maior parte deles, aliás. Mas nunca levaram ao divórcio, nem mesmo a qualquer idéia de divórcio. Por que, perguntaram vários deles, ele não estava disposto a deixar as coisas continuarem como estavam antes? Muitos católicos tinham uma garota clandestina, então, por que diabo ele estava fazendo tanta onda?

Passaram—se quase oito semanas, até que Perry conseguiu se livrar das

exigências de negócios feitas por seus sócios, já que ele se encontrava em Nova York. Ele estava ganhando tempo, escreveu a Maggy. Levaria pelo menos um ano sem precisar de voltar aos Estados Unidos, talvez mais.

Ele providenciou para que seu advogado em Paris, Maitre Jacques Hulot, se encarregasse das despesas da casa, para ela não ter de se preocupar com isso. Hulot pagava aos empregados, verificava e pagava todas as contas da casa e ainda se encarregava das contas pessoais de Maggy. Um dos funcionários do escritório do advogado entregava uma provisão de dinheiro a Maggy toda semana, pois nenhuma mulher francesa podia ter conta bancária em seu nome. Ele não sabia em que ela poderia querer gastar dinheiro, escreveu Perry, mas queria que a bolsa dela estivesse sempre cheia, para poder satisfazer qualquer loucura e capricho. O único assunto que ele não contou nas cartas diárias ao seu amor foi o resultado de seu encontro com a mulher e Maggy, em suas cartas, não o importunou pedindo detalhes.

Ela estava animada, garantiu—lhe Maggy. Via Paula freqüentemente, tinha encomendado um casaco de zibelina, conforme ele insistira antes de viajar, recomeçara as aulas de inglês e estava começando a falar correntemente; sim, ela sentia muitas saudades dele, mas como ele era a única pessoa com quem ela realmente queria estar, não era a mesma sensação que se sentir só, não era como se ele não fosse voltar assim que pudesse.

Relendo as cartas de Maggy em seus aposentos no Yale Club, Perry Kilkullen deu graças a Deus por ser rico. Tão, tão rico que não precisava se incomodar com a aprovação do resto do mundo. A família lhes abria as portas, socialmente, mas não podiam impedir que ele criasse seu próprio mundo com Maggy, um mundo doce, alucinado e todo desejo poderia ser satisfeito, a não ser o de um casam arranjo permanente, do tipo que os franceses têm o jeito de entender. Maggy nunca acharia que ele era menos que um verdadeiro marido para ela, com divórcio ou sem divórcio. Naturalmente, ela ficaria terrivelmente decepcionada com o que ele afinal lhe contaria, mas era francesa, de modo que aceitaria a realidade.

E quanto à outra vida e sua alma imortal, com a qual Mary Jane estava tão preocupada, ao pensar em Maggy, Perry Kilkullen sabia que era indestrutível. Sua alma imortal podia se arrumar sozinha.

Maggy foi esperá-lo em Cherburgo. Enquanto Perry esperava que berrassem a bagagem, ele a viu do outro lado da cancela, o rosto tenso, abatido de empolgação. Aquele era o momento com que ele sonhara, vez, mais vezes, durante os dias compridos da tumultuosa travessia do oceano. Agora, de repente, a segundos dali, estava o fim das dolorosas semanas separação, mas embora ele ansiasse, impaciente, por torná-la nos braços, vi que preferia que ela não tivesse ido a Cherburgo, deixando que ele tomasse o trem para Paris. Essa viagem de trem, aquelas quatro horas monótonas de um progresso suave, certamente o teriam inspirado para encontrar as palavras precisas com que apresentar o futuro a Maggy, à sua melhor luz. A

recusa de Mary Jane ainda não se concretizara numa explicação certa, otimista mas final, por mais que ele se esforçasse por encontrá-la.

De repente, Maggy passou por baixo da cancela e correu para ele, lançando-se nos braços dele, cobrindo o rosto dele com beijos. Ao inspetor da alfândega Maggy disse alguma coisa numa gíria tão rápida que Perry não entendeu, mas que deixou o homem dando risada, ruborizado e inesperadamente indulgente.

— Ah, meu querido, tenho uma notícia! Não pode esperar, não pode mesmo! Levantei às quatro da madrugada para ter certeza de chegar aqui a tempo... ah, Perry!

— Ela parou de repente e calou — se.

Ele mal percebeu as palavras dela, sentindo-se entrar no círculo de encantamento que ela criara para ele, desde o primeiro momento em que a vira. Maquinalmente, ele voltou ao estilo provocante deles, como se estivessem continuando uma conversa que acabasse de ser interrompida, enquanto ele apertava a cabeça de Maggy entre as mãos, afagando as faces com carinho.

— Se não pode esperar, por que não me conta?

— Sou muito encabulada — disse ela, o rosto aparecendo de dentro da gola alta das peles fofas, sedosas e escuras, como um ramo de violetas brancas.

Desde quando você é encabulada? perguntou ele. Ele se tinha do de como a pele dela parecia jovem, sob as pontas de seus dedos, ele, distraído.

— Eu sempre fui muito encabulada, só que não, parece. As pessoas não entendem isso de mim porque não tenho ar de encabulada, sou alta demais — Maggy, depressa, nervosa.

— Foi pata isso que você se levantou tão cedo, para me dizer isso? m assunto fascinante, a sua altura, mas perder meia noite de sono por causa disso...

— Adivinhe — disse ela, recuando um pouco e pondo um dedo nos lábios dele.

Você despediu a cozinheira?

— Fale sério — pediu ela.

— Querida, não a vejo há quase dois meses e suas cartas não insinuaram o menor mistério. Espere. . . já sei! Encontrou uma pérola na sua ostra, ontem no Prunier, e mandou fazer um alfinete de gravata para mim?

— Está quente, bem quente — murmurou ela.

— Você descobriu uma brilhante costureirinha que ninguém ainda conhece em Paris; ofereceram-lhe um papel num filme com Valentino e você vai me deixar para ir para Hollywood; você encontrou um pequeno châteaueu no campo que podemos comprar para os fins de semana; você aprendeu a patinar no gelo, ganhou um torneio de tango... tenho de continuar, ou posso beijá-la de novo?

Maggy respirou fundo e passou do francês para o inglês. — Vou ter um bebê. Não, nós vamos ter um bebê. — Impossível!

— Já estou enjoando de manhã — disse ela, com um orgulho tímido. —

Maggy, você não pode estar grávida... eu nunca consegui ter um filho...

— Quando você troca de mulher, troca de possibilidade.

Ela estava sorrindo com a boca, mas os olhos estavam muito aflitos.

— Não posso acreditar — disse ele, aturdido.

— Então, não está contente? Ah, eu estava com tanto medo que você não ficasse contente, ah, Perry, sinto muito...

— Não! Meu Deus, não! Não sinta, nunca diga isso... é a coisa mais incrível, mais. . . ah, querida, Maggy, você não pode imaginar como sempre quis ter um filho. Perdi as esperanças há tanto tempo... é a notícia mais maravilhosa... Jesus, nem posso começar a lhe dizer. . .

Lágrimas de alegria lhe subiram aos olhos e caíram pelas faces e quando ela as viu, seu rosto branco tomou um pouco de cor.

Maggy passara semanas presa de terror e exultação, uma empolgação louca e um milhão de receios. No entanto, ela não ia ser mulher dele? Só quando Perry partiu para os Estados Unidos é que ela começou a pensar que estava grávida. Por algum motivo, não teve coragem de escrever a respeito. E se estivesse? E se não estivesse? Tinha esperado até algumas semanas antes para consultar um médico, como se, não sabendo ao certo, toda a situação pudesse desaparecer. No entanto, agora Maggy já estava quase com três meses de gravidez, ao que ela e o médico tinham podido verificar.

— Dê graças a Deus que isso não tenha acontecido antes — dissera Paula, ao saber da notícia. — Se Mistral, que Deus a livre, lhe tivesse feito um filho, minha pequena, eu lhe aconselharia a se livrar dele. E não pense que não conheço uma dúzia de médicos bons que fariam o serviço. Mas Perry é um homem em quem você pode confiar, um homem honesto, um bom homem, garanto. Certo, esse problema do divórcio é inconveniente, mas tudo há de se arrumar, mais cedo ou mais tarde, não duvido... os americanos se divorciam a três por dois, dia e noite, ao que eu saiba. E depois pense, Maggy, um bom marido e um bebê também. Ah... um bebê é a única coisa boa que não tive na vida, o único pesar que tenho. Mas você, minha pequenina, vai ter tudo... e com tanta classe! Tenho de confessar, eu a invejo.

Maggy agarrou — se às palavras de Paula, desejando que fossem verdade. Ela agora pôs a cabeça no ombro de Perry.

— Abrace — me, abrace — me, você nem sabe como precisei de você. — Só quando o chofer estava dirigindo o grande Voisin para Paris é que ela conseguiu perguntar, com uma displicência forçada! — Então? O que aconteceu, com sua mulher?

— Vai dar tudo certo, querida — respondeu ele, imediatamente. — É só uma questão de tempo, é o único problema.

— Não se pode talvez convencer o Vaticano a correr? Só um empurrãozinho?

— Está querendo saber se estarei divorciado quando nascer o bebê?

— Acho... eu estava esperando isso — admitiu ela.

Ele hesitou antes de falar.

— Acho que isso será impossível. Mas Maggy, não há nada,

absolutamente nada com que se preocupar... juro, prometo. Quando o nosso bebê tiver idade para saber as coisas, isso já será história antiga... seremos apenas mais um casal de velhos. O importante é cuidar de você para que não aconteça nada de mau.

— Mau?

— Quero tanto esse bebê, Maggy.

Em maio de 1928, nasceu Théodora Lunel. O nome significa "Dádiva de Deus", em grego, e tanto Maggy como Perry o acharam perfeito. Foi um bebê ajuizado desde seu primeiro dia no mundo, um bebê que quase não chorava, mamava bem, dormia de modo muito satisfatório e acordava sem um momento de irritação. E era extraordinariamente bonito. As pessoas que acham que todos os bebês são bonitos devem passar por um berçário de casa de saúde para ver que, embora todos os bebês possam ser enternecedores, por sua pequenez e desamparo, quase nenhum é bonito. Teddy, cujas feições já estavam dispostas num padrão clássico de excelência, cujos cabelos ruivos claros eram encantadoramente cacheados, cujos membros eram retos e perfeitos em todos os sentidos, era o assombro do berçário.

Perry Kilkullen sentia—se maravilhosamente justificado. Aquela necessidade integrável, atávica, de uma continuação de sua própria existência, que ele reprimira por tanto tempo, irrompeu com maior poder do que qualquer emoção que ele jamais experimentara, até ele conhecer Maggy. A magia humana e profunda de um bebê, o seu bebê, o absorveu tão completamente que Maggy, presa ao leito por duas semanas, prazo considerado necessário para uma mãe de primeiro parto, quase chegou a ter ciúmes; depois se envergonhou, reconhecendo a origem de sua irritação.

Os momentos de que ela mais gostava eram no meio da noite, quando a deixavam sozinha para amamentar durante 20 minutos de cada vez.

— Bastardinha — dizia ela à criança, num cochicho baixo e terno — Bastardinha adorável, como é que você pode ser tão contemplativa? Tanta dignidade, uma expressão de tal meditação em seu rosto, mesmo enquanto esvazia o meu seio, qualquer um há de pensar que você nasceu herdeira de um trono. Ah, mas você se leva a sério, hem? Nem pensa na sua velha mãe. Bastarda, é o que você é; e filha de bastarda... bastardinha dupla. Bastarda prestar mais atenção. Veja só todo o trabalho que você deu, para vir ao mundo. Exijo certo respeito. Mas o que lhe importa isso? Eu não tive mãe para me amamentar, mas sobrevivi. Você é um bebê de mais sorte, em todos os sentidos, mas... não obstante... bastarda.

Quando Maggy e Perry estavam juntos, nunca falavam sobre o fato de que o bebê tinha o nome de Maggy. Tudo isso, conforme Perry lhe assegurava repetidamente, se modificaria assim que eles se casassem. No entanto, aquilo incomodava o espírito de Maggy, de um modo que chegou a espantá-la. Ela não pensara muito mais em sua ilegitimidade, depois que tirada da cabeça Tours e todos os que conheciam seu passado, mas o ato de dar à luz trouxera tudo de volta, como se ela ainda estivesse no cruel pátio da escola, brigando com alguém que a provocasse com uma tal ferocidade que até os mais fortes aprenderam a deixá-la em paz. Parecia—lhe que, se

ela chamasse Teddy de bastarda, ninguém mais o faria. Ela estava sugando o veneno antes que ele tivesse oportunidade de circular nas veias do bebê.

A única pessoa a quem ela revelou seus receios e ansiedades foi Paula. Pouco depois de levarem o bebê para casa, Paula, que muitas vezes a visitara na casa de saúde, foi tomar chá com ela e criticou — a bastante.

— Para uma francesa, você é uma bobona, menina, preocupando-se com uma coisa que você sabe que será regularizada. Regularizada, estou dizendo!

Temos um talento nacional para a regularização, nós, franceses. Ora, olhe em volta... o que podia ser mais solidamente luxuoso, mais perfeitamente organizado, mais comme il faut em todos os sentidos, do que esse seu magnífico estabelecimento? Eu, pessoalmente, não consigo encontrar o menor defeito, desde a babá inglesa de Theodora até essas pérolas lindas que você usa no pescoço com tanta naturalidade. Olhe em volta, Maggy. Você está cercada por tudo quanto uma mulher pode querer para se sentir segura, por todas as provas de que Perry pretende fazer de você mulher dele. Você devia até ter vergonha de pensar na palavra "bastarda" como referência a essa menina maravilha. Todos esses detalhes legais se endireitam num piscar de olhos, quando chegar a ocasião. É a sua infância infeliz que a deixa tão nervosa, só isso. — Ela se serviu de mais um ecler de chocolate em miniatura. — Ora, você tem até um chef de pastelaria sem rival, bem na sua cozinha, sua ingrata.

— Como você é materialista, Paula — protestou Maggy, rindo.

— Claro que sou. E o que há de errado nisso? Agora, onde está escondendo aquele tico de gente delicioso? Quero dar só uma mordida nela. Você me deve pelo menos isso.

Teddy tinha nascido num ano privilegiado, um ano em que foi assinado em Paris, por 15 nações, o Pacto Antiguerra Kello.4:— Briand, o pacto que proscovia a guerra para sempre. A sensação do salão de 1928 foi um nu de corpo inteiro de Josephine Baker. O público francês acorria ao cinema para assistir a filmes de Mary Pickford, Charlie Chaplin e Gloria Swanãon, a casa Hermes fez a primeira bolsa útil que as mulheres jamais haviam usado, e Coco Chanel tomou — se amante do Duque de Westminster, o homem mais rico da Inglaterra. Jean Patou, que tivera a idéia de importar jovens americanas bonitas para exibir suas roupas, estava tendo grande sucesso com a criação de um corte bem enviesado e um novo tom neutro, chamado greige tomou — se a cor das mulheres elegantes.

Foi um ano tão suave e próspero que Maggy se esqueceu de suas apreensões e se entregou à vida absorvente e divertida de uma jovem mãe mimada. O mundo em geral parecia não ter nada a ver com ela. Perry lhe lia as notícias dos jornais em voz alta, enquanto ela ficava deitada vendo Teddy realizar a façanha incrível de se sentar, e ela respondia com um ruído distraído ao fato de que dois americanos tinham dado a volta ao mundo no tempo recorde de 23 dias, 15 horas e três segundos, de navio e avião. Ela parecia ter deixado de se interessar pela presteza do divórcio dele, foi o que Perry concluiu, escutando — a cantando enquanto dava comida ao bebê, no

dia de folga da babá. Maggy podia esperar com placidez que o divórcio saísse, certa de que as rodas se moviam misteriosamente, mas com segurança, no Vaticano. Mas ele não se iludia a ponto de partilhar o otimismo pelo qual era o responsável.

O divórcio era a primeira coisa em que ele pensava ao acordar de manhã e diariamente resolvia tomar alguma providência. Mas depois, quando o dia progredia, ele se lembrava da rejeição total com que Mary Jane respondera à proposta e permitia—se ser seduzido à imobilidade, porque estava levando a vida mais feliz que qualquer homem pode esperar levar.

Passou—se o primeiro aniversário de Teddy e ele ainda não fizera nada, num transe de paz. No verão de 1929, Perry e Maggy pegaram o bebê, a babá e a criada pessoal de Maggy para passarem seis semanas num grande hotel balneário em Concarneau, onde o ar fresco da Bretanha era reconhecidamente bom para as crianças em crescimento. Teddy já sabia andar, não com passinhos vacilantes, mas como uma criaturinha que corria depressa e milagrosamente se mantinha de pé até alcançar o objetivo de sua corrida encantadora.

Um dia, na praia, Perry estava jogando uma bola para ela, quando notou um grupo de quatro pessoas sentadas numa manta, ali perto, sob um guarda sol grande. Ele olhou para eles e, no instante em que o fez, elas desviaram os olhares. Quando Teddy correu para ele, com a bola, e caiu em seu colo com um grito, rindo e dizendo "Papa, papa!" ele sentiu o coração gelar. Sobre a manta estavam dois de seus companheiros de negócios e suas mulheres. Ele tornou a olhar para eles e viu que se tinham colocado de tal modo que nenhum estava de frente para ele. A despeito de lhe darem as costas, Perry sabia que eles só podiam estar pensando nele com a criança, que quando saíssem da praia só iam falar de Perry Kilkullen com sua filha natural.

Ele pegou Teddy no colo e saiu da praia, agarrando—a, protegendo—a de tal modo, que ela se debateu. Amargamente, selvagememente, ele se amaldiçoou, xingando—se de covarde. Ah, ele comprara a felicidade, sim, ele a comprara por quase dois anos, à custa de mentir para Maggy cada minuto de cada dia, embora ela não o soubesse. Sim, ela estava disposta a viver com ele antes de se falar sequer em casamento. Mas lembrar isso não o ajudava a se sentir menos ignóbil. Maggy exercera seu direito de escolha. Mas que direitos Teddy tinha? Que futuro havia para ela? Que tipo de pai ele era para sua filha, sua única filha, a filha do seu coração?

Perry foi consultar o advogado, Jacques Hulot, antes de voltar e retomar a luta com Mary Jane, em Nova York. Se houvesse a menor possibilidade de alguma trama legal de que ele se pudesse aproveitar, tomando—se cidadão francês, ele estava disposto a trocar de nacionalidade. Hulot, pomposo, comunicou que não poderia ajudá—lo, ele não poderia usar a lei francesa para sua conveniência. Quando Perry se levantou para sair, o advogado se inclinou sobre sua imensa escrivaninha.

— Um momento, Monsieur Kilkullen — disse ele, levantando a mão, com um gesto de comando.

Durante mais de dois anos ele' supervisionara o pagamento de somas

vultosas que aquele americano rico e voluntarioso gastava tão facilmente para manter o que devia ser uma amante suculenta e experiente. Ele se ressentira por ter sido usado para facilitar a vida particular do sujeito, para que ninguém de seu mundo americano soubesse como e com quem ele vivia. Que audácia do Kilkullen, que podia se dar ao luxo de dissipar quantias tão vastas sem pensar duas vezes, ter a presunção de discutir a cidadania francesa! Por que não usava a sua própria cidade de Reno, Nevada?

— Somos os dois homens experientes, não somos? — disse Hulot, com satisfação. — Isso, afinal, não precisa ser considerado uma tragédia. Hoje o senhor deve estar achando que tudo conspira contra o senhor, para que lhe seja negado o seu desejo de se casar com Mademoiselle Lunel. No entanto, dentro de dez anos, ou cinco até, talvez, o senhor não será grato à igreja e ao estado, que possuem mais sabedoria do que o senhor pensa e que o impediram de fugir para essa ligação impetuosa? Quando chegar o dia em que encontrar uma ... amiga... nova, diferente... não ficará satisfeito com as restrições...

Ele parou, vendo que Perry dava a volta à mesa e o agarrava pelas lapelas até ele ser levantado da poltrona.

— Nunca, nunca mais tome a falar de Mademoiselle Lunel!

Ele soltou o advogado. Até poder contratar outro, ainda precisava dos serviços do maldito homem. Hulot tinha nas mãos todo o controle financeiro da casa. Perry Kilkullen saiu correndo do escritório de advocacia e caminhou, enraivecido, pelas ruas de Paris. Rajadas perfumadas de um ar insinuante esvoaçavam, tentadoras, em cada esquina. Quando, perguntou — se, num desespero raivoso, quando os franceses cínicos, mesquinhos, de coração duro, cumpriam todas as, promessas que tornavam implícitas pela beleza total de seus céus e a embriaguez perdida de sua cidade? Quando um homem e uma mulher que não se deviam apaixonar, se apaixonavam, como tudo que era francês os convidava a fazerem, então, que Deus os ajudasse.

Assim que foi possível, depois de sua conversa com Hulot, Perry tomou a partir para Nova York, resolvido a arrancar de Mary Jane um consentimento para o divórcio. Ela só concordou em recebê-lo em meados de outubro. Ele a encontrou mais magra do que nunca e parecendo muito mais velha do que seria justificado pela passagem dos anos. Era uma mulher de meia-idade, grisalha, agora apenas vagamente bonitinha, pensou ele, com surpresa, enquanto ela o olhava com seus olhos azuis claros, notando, com um lampejo de amargura, que ele estava parecendo positivamente jovem. Ela via demais nele o homem com quem se casara. O tempo o tratara bem. Injusto, ah, injusto.

— Mary Jane, tenho uma filha.

— Você está pensando que isso é novidade para mim, Perry? Acho que não tenho uma amiga no mundo que não tenha conseguido me dar essa informação. Espera que eu o felicite?

— Será que a existência dela não muda a situação, pelo amor de Deus?

Não se trata mais apenas de suas convicções religiosas ou a minha excomunhão, é uma questão do futuro de minha única filha. Se estou disposto a arriscar o fogo do inferno e a danação eterna e todo e qualquer castigo que a

igreja me prometa, por que você não concorda?

— Não sinto responsabilidade alguma pelo futuro dela. Foi concebida no pecado e nascida no pecado e não é nada para mim. Mas a lei de Deus é clara e eu, pelo menos, pretendo obedecê-la.

— Mary Jane, não posso acreditar que você esteja falando sério. Você não é uma mulher dura...

— Como — é que você sabe? Como pode saber que tipo de mulher me tornei? Há quantos anos já você me largou? Vá embora, Perry. Você e a bastarda me enjoam!

Ela deixou Perry sozinho na biblioteca, olhando para as pedras cinzentas e antipáticas de Park Avenue, tocando no bolso as fotos de Teddy que levava consigo para amaciar o coração daquela mulher e que, ele agora percebia, só serviriam para inflamá-la ainda mais. Ele estava satisfeito ao ver que Mary Jane afinal se enraivecera. Agora que ela manifestara parte de seus verdadeiros sentimentos, que tinha desistido de sua pose de santa que só pensava na salvação dele, certamente eles podiam arranjar um meio de resolver a questão. Ele voltaria, dentro de uma semana, duas semanas, toda semana durante um ano, se fosse preciso. O essencial era não desistir. Com o tempo, ela haveria de ceder. Ele voltou ao Yale Club e procurou exorcizar sua frustração na quadra de squash. Era isso ou uivar.

Duas semanas depois, no dia 29 de outubro de 1929, a bolsa de valores quebrou. A "prosperidade Coolidge" desapareceu, enquanto 17 milhões de ações eram vendidas por preços cada vez mais reduzidos. Durante as frenéticas semanas seguintes, Perry não teve mãos a medir para ajudar a controlar o pânico dos investidores, cujo dinheiro ele e seus sócios manuseavam. Ele não via possibilidade de deixar Nova York num futuro próximo, de modo que escreveu a Maggy para partir de Paris e ir para os Estados Unidos com Teddy.

— Graças a Deus que aprendi a falar inglês — disse Maggy a Paula, dirigindo a arrumação de uma de suas seis malas de navio.

— Esse problema financeiro americano afetou a fortuna de Perry? — perguntou Paula, preocupada. Em poucas semanas, o número de seus fregueses americanos esbanjadores, no restaurante, tinha—se reduzido a quase nada.

— Não sei, mas acho que não, ele afinal é tão esperto. Nunca falei de dinheiro com ele. Tem sido como um tapete mágico... muitas vezes até esqueço de perguntar o preço, quando compro alguma coisa.

— Não!

Paula estava horrorizada. Uma coisa era ser mantida no estilo de uma duquesa, mas não perguntar o preço não era nada francês.

— Sim. — Maggy riu—se. — Como uma dessas turistas americanas. Estou tão contente que afinal te escandalizei. Eu sabia que devia haver

alguma coisa que conseguisse esse efeito.

Paula fungou, fazendo pouco caso. Na verdade, não estava acreditando em Maggy... era exagerado demais para ser verdade, pensou ela, olhando para Maggy, que estava segurando uma torrente, um rio de luxo vaporoso, como mercúrio, as sedas e veludos e brilho metálico de seus vestidos farfalhando e reluzindo, macios, pendurados de seus braços.

Maggy largou as roupas na cama, foi para junto de Paula e abraçou — a.

— Por que não vem comigo? Eu a convido. . . você nunca saiu de Paris, querido rato de esgoto.

— Não, obrigada. Estou muito velha para me deslocar. Para que hei de viajar para ver arranha—céus, quando consegui resistir à tentação de ver o Monte St. Michel? Paris sempre será suficiente para mim. Mas quando é que você volta?

— Não posso saber ao certo... assim que tudo isso se acalmar.

— Espero que seja logo — resmungou Paula. — É ruim para os negócios, essa besteira de bolsa de valores.

Nove dias depois, Maggy desembarcou em Nova York. Ela desceu a rampa de desembarque segurando com firmeza a mão de Teddy, procurando controlar o seu entusiasmo e expectativa vibrantes. Atrás dela vinha a babá Butterfield, a simpática inglesa que ainda cuidava de Teddy. A viagem tinha sido calma e sem percalços, o navio cheio de passageiros preocupados e calados, muitos deles americanos que voltavam para ver o que acontecera com os investimentos que lhes permitiam morar na Europa. Perry combinara esperá—las no cais e levá—las diretamente para o apartamento mobiliado que alugara.

Maggy ficou ali debaixo de uma enorme letra "L" no galpão comprido e escuro da alfândega, olhando em volta com seus olhos grandes e sorridentes. Ela se vestira com o maior cuidado para aquele reencontro. O véu de seu chapeuzinho de cetim verde chegava até à ponta do nariz. O casaco estreito de lã verde, com gola de zibelina, tinha uma capa curta, pregada, debruada com mais uma tira larga de zibelina escura... nada podia ser mais romântico, pensou ela, e no entanto ela não pôde deixar de tremer no vento de Nova York, um vento frio, sujo, que tinha um cheiro tão desconhecido. O sorriso dela afinal desapareceu, quando um funcionário da alfândega eficiente insistiu para que ela abrisse todas as malas e valises. Teddy estava choramingando e a babá Butterfield estava querendo dar—lhe o almoço. Onde estaria Perry? Por que não estava ali, para tomar conta das coisas? Em torno dela as pessoas estavam mandando os carregadores colocarem as bagagens nos carrinhos. O galpão escuro já estava quase vazio quando Maggy teve licença de partir. Três carregadores empilharam sua bagagem e um deles perguntou:

— Para onde, senhora? Tem um carro à sua espera, ou precisa de um táxi? Tudo isso não vai caber em menos de dois táxis.

— Tenho de telefonar — disse Maggy, aflita, procurando por toda parte o vulto alto de Perry.

— Bem aqui.

Ela já estava na cabine telefônica quando se deu conta de que não tinha dinheiro americano na bolsa. Como é que Perry podia ter—se atrasado tanto? Era indesculpável. Maggy voltou ao carregador.

— Podia fazer o favor de me emprestar a moeda para o telefone? E, por favor, pode também me mostrar como funciona?

— Claro, moça. Sua primeira visita, é? Venha comigo.

Ele colocou o níquel na fenda para ela e deu à telefonista o número que ela lhe deu, o do escritório de Perry em Wall Street. Depois, fechou a porta da cabine e ficou esperando do lado de fora, pensando se ela pretendia dar —lhe a gorjeta em francos.

— Posso falar com o Sr. Perry Kilkullen, por favor?

— Há, a senhora pode falar com a secretária dele. Quem devo dizer que está ligando?

— A Srta. Lunel.

— Um momento.

Quando atendeu outra voz de mulher, Maggy disse, impaciente:

— Por favor, aqui fala a Srta. Lunel. Pode me dizer onde está o Sr. Kilkullen? Ele devia ter—se encontrado comigo há horas.

— É alguma cliente do Sr. Kilkullen? — perguntou a mulher, a voz insegura e cautelosa.

— Por certo que não — disse Maggy, cada vez mais irritada. — É amiga dele, Srta. Lunel?

— Sou, claro — retrucou Maggy. — Agora posso falar com ele? Isso é absurdo!

— A senhora não sabe — disse a voz, sem expressão. Não era uma pergunta, mas também não era uma declaração.

— Sei... sei o quê?

— Sinto ser eu que... é muito... todos aqui estão tão perturbados... O Sr. Kilkullen teve um ataque do coração jogando squash, há quatro dias. Receio que ele... não sobreviveu.

— O Sr. Perry Kilkullen? — disse Maggy, maquinalmente. — Deve ser um dos parentes dele, um dos outros Kilkullens. — O bocal do telefone parecia escancarar—se para ela, como um órgão vital cortado em dois. O sangue deveria jorrar dele.

— Sim. Sinto muito. O enterro foi ontem, os jornais noticiaram. Há mais alguém aqui com quem deseje falar? Posso fazer alguma coisa para ajudá—la? — Não, não, não.

Capítulo 12

Se não fosse a babá Butterfield, perguntou Maggy a si mesma, quando conseguiu tomar a pensar de modo coerente, como ela poderia ter vivido os minutos seguintes, as horas e dias seguintes? A sensata inglesa tinha tomado conta de tudo, tratando de todas as necessidades práticas, enquanto Maggy ficava muda e desvairada de choque e quase paralisada com uma dor incrível, uma angústia dilacerante que lhe cortava a carne e os ossos como as lâminas de metal de uma armadilha armada para algum animal incauto.

A babá Butterfield procurou o comissário de bordo e trocou os francos de Maggy em dólares, pediu o nome de um hotel e fez com que elas se instalassem em dois quartos contíguos no Dorset, pondo Maggy na cama com o auxílio do médico do hotel. Durante os dias seguintes, ela tratou a mulher arrasada como se tivesse a idade de Teddy, convencendo—a a comer alguma coisa e ficando com Maggy até ela cair num sono dopado.

Quando Maggy acordou de manhã, foi com uma dor brutal, tão forte que ela não conseguiu ficar debaixo das cobertas, por causa dos pensamentos que a assaltavam ali. Tremendo de frio, por mais quente que fosse seu roupão, ela se postou diante do espelho do banheiro, com medo de enfrentar sua imagem, as lágrimas correndo de seus olhos para a pia durante vários momentos, até ela conseguir fazer os movimentos necessários de escovar os dentes e lavar o rosto. Cada detalhe da higiene parecia um pingo de gelo por sobre o qual ela tinha de arrastar o fardo de seu corpo machucado e dolorido.

Vestir—se era impossível. Maggy passou a semana de camisola e roupão, andando pelo quarto superaquecido, olhando para as paredes, obcecada, como se suas superfícies creme e neutras pudessem apagar o que era insuportável. Durante horas a fio, com as cortinas bem cerradas e as lâmpadas acesas o dia todo, Maggy caminhava, tremendo, os ombros encolhidos, para a frente e para trás, como se fosse morrer de tormento se ousasse parar o seu movimento incessante. Tinha medo de ir para a cama, até cair nela, exausta.

Só quando estava esgotada é que a babá levava Teddy, para que ela afagasse a menina um pouco, Maggy segurava a criança, cansada e apagada, até que Teddy, animada e se aborrecendo com facilidade, se soltava dos braços dela e ia brincar. Sua filhinha era a única coisa quente no mundo, pensou Maggy, seu cérebro trabalhando lentamente. Suas mãos estavam geladas mesmo quando as punha debaixo dos braços, para aquecê-las. Os pés viviam gelados, embora aquecidos em seus chinelos forrados de pele. Ela parecia alguém que estivesse patinando, sem medo e ágil, num lago prateado e ensolarado, até que, num instante, tivesse caído pelo gelo no frio mortal da água ártica. Afogada... afogada. Mas Teddy estava quente. Não podia se afogar, não devia se afogar, porque Teddy ainda estava quente.

— Vamos voltar para Paris, madame? — perguntou a babá Butterfield, ao ver que Maggy estava pronta para enfrentar o futuro. — Quanto

dinheiro ainda tenho?

— Uns 300 dólares, madame.

— Tenho de telegrafar ao Maitre Hulot pedindo mais... isso não basta para as passagens — disse Maggy, sem animação.

O telegrama dele em resposta chegou no dia seguinte.

SINCEROS PÉSAMES SUA PERDA; SR. PERRY KILKULLEN NAO DEIXOU INSTRUÇÕES DESEMBOLSAR DINHEIRO ALÉM DE PAGAR CONTAS CASA E PESSOAIS BASE MENSAL. TUDO ISSO ACERTADO. NAO PODEMOS ADIANTAR MAIS IMPORTANCIAS. ENTREGUEI TODOS ASSUNTOS INVENTARIO AO ADVOGADO DELE NOVA YORK SR. LOUIS FAIRCHILD 45 BROADWAY. ACONSELHO PROCURA—LO PARA AUXILIO FUTURO.

MAITRE JACQUES HULOT

— Olhe para isso — disse Maggy, entregando o telegrama à babá Butterfield, chocada demais para se indignar

— Ele está lavando as mãos de nós — disse a inglesa, de modo franco.

— É bom eu ir procurar o Sr. Fairchild — disse Maggy, desanimada.

— Isso mesmo. E breve. . . — Ela olhou para Maggy, pálida como um lençol, os olhos feridos e vermelhos, o rosto inchado das lágrimas infindáveis e inúteis. — Por que não lhe escreve e marca uma hora? E a senhora hoje devia mesmo se vestir e dar um bom passeio comigo e Teddy. Está muito agradável no parque e vai ser uma mudança para a senhora. O tempo está ótimo, bem fresquinho.

— Ah, não, não posso.

— Mas precisa mesmo — disse a outra, com a autoridade branda que nenhuma criança e poucos adultos jamais tinham discutido.

Três dias depois, Maggy estava diante de Louis Fairchild, no escritório dele. Ela passara horas todo dia no parque, com Teddy, e naquela manhã fora ao salão de Richard Block, onde conseguiram penteá-la quase tão bem quanto Antoine a penteara, em uma outra vida. Maggy pusera o seu batom vermelho mais audacioso, para aquela entrevista.

— Obrigada por me conceder uma hora — disse ela ao homem grisalho, de ar preocupado.

— Em absoluto. Devo dizer que fiquei espantado quando recebi sua carta...

— Mas sabe quem eu sou? — perguntou ela, ansiosa.

— Claro, mas o coitado do Perry não me disse que viria para Nova York. Permite-me dizer que sinto muito, muito mesmo. Foi um bom amigo, um amigo muito querido. Ainda não posso acreditar... um rapaz tão moço e sem qualquer antecedente de... .

— Sr. Fairchild — pediu Maggy — por favor, pare. Não posso falar a respeito. Vim aqui lhe pedir conselhos. Queira ler esse telegrama e me dizer, o que devo fazer

Ele olhou para o papel por alguns minutos, pensando, e depois sacudiu a

cabeça.

— Eu disse a Perry para fazer um testamento! Disse uma dúzia de vezes, mas ele nunca chegou a fazer. Como a maioria dos homens da idade dele, achava que tinha todo o tempo do mundo.

— Não compreendo... diga—me, por favor, qual a minha situação?

— Situação? Receio que a senhora não tenha situação... alguma.

— Mas ele estava—se divorciando! Íamos nos casar! — exclamou ela.

— Ele morreu casado, Srta. Lunel. Legalmente, a senhora não tem direito a nada. Infelizmente, não há nada no papel.

— Mas Teddy, a nossa filha! E ela? Ela não tem direitos? — A voz de Maggy soava incrédula.

— Sinto muito, mas não tem.

Louis Fairchild pensou que se Mary Jane Kilkullen não estivesse tão amarga, ele poderia conseguir convencê-la a dar alguma coisa à criança, por pouco que fosse. Mas era por causa da bastarda, insistia ela, que o marido morrera num estado de pecado mortal, aquela francesa e sua bastarda.

— Mas ele prometeu. . . — Maggy parou. A única emoção que ela sentira desde que chegara a Nova York era perda, uma perda infundável. Agora a raiva lhe deu um nó na garganta. Ela se viu como devia estar naquele momento, sentada ali, gemendo e dizendo "ele prometeu", como milhões de outras mulheres, desde o início dos tempos. Mulheres tolas, mulheres infantis, mulheres vítimas, mulheres estúpidas, imperdoavelmente, criminalmente estúpidas, que acreditavam em seus homens, esses homens displicentes que pegavam o que queriam, esses homens amorosos que não tomavam as providências mais banais pelas mulheres que deviam ter protegido. Homens que mentiam e mentiam. Julien Mistral e Perry Kilkullen. Ela se empertigou na cadeira e olhou para o pesaroso advogado.

— Por favor, Sr. Fairchild, o que exatamente eu possuo no mundo?

— Sua propriedade pessoal, como jóias, peles e outros presentes específicos que o Sr. Kilkullen lhe tenha dado, um carro, talvez? — O nosso apartamento em Paris?

— Será vendido, com todos os pertences, antes de se resolver o inventário.

— Vendido — disse Maggy, a fúria tomando sua voz calma e prática. — Espero que alguém tenha—se lembrado de pagar aos empregados.

— Maitre Hulot se corresponde comigo quanto a isso.

— Espero que eles recebam alguma compensação por serem despedidos sem aviso prévio. Isso é o correto, não é? E, felizmente para eles, só perderam seus empregos. Iyens, eu devia ter tomado aulas para fazer alguma coisa útil.

— O que pretende fazer? — perguntou Louis Fairchild. Ele não queria saber, na verdade não queria ficar ali contemplando o futuro daquela mulher deslumbrante mas completamente esbuhada. No entanto, jim simples espírito de decência exigia que ele procurasse ser útil.

— Ah, isso é uma coisa que terei de considerar com cuidado.

Maggy se abrigou em suas peles de raposa prateada e começou a calçar as compridas luvas cinzentas.

— Se eu puder lhe aconselhar em alguma coisa...

— Talvez me possa dar o nome de um joalheiro honesto. Acho que seria sensato dispor de algumas peças que não tenho jeito de usar — disse Maggy, com toda a displicência que pôde. No fim da semana, teria de pagar de novo a conta do hotel.

Fairchild rabiscou um nome em seu cartão.

— É a esse sujeito que procuro sempre, no aniversário de minha mulher. Diga que é minha amiga. Olhe... — ele hesitou, constrangido, sem saber propor um empréstimo à mulher mais desejável que já vira na vida — se precisar de algum dinheiro, terei prazer em servi-la...

— Obrigada, é muita gentileza, mas não será necessário — disse Maggy, com um reflexo de orgulho. Havia certas coisas que ela não podia fazer. Pelo menos por enquanto.

Louis Fairchild a acompanhou ao elevador e depois voltou à sua mesa, infeliz. Que mixórdia desgraçada. Ele supunha que ela ia voltar para Paris e encontraria um marido. Garotas como ela sempre encontravam maridos. E, para ser sincero consigo mesmo, ele não culpava Kilkullen. Se ele tivesse a oportunidade de ter uma garota como aquela, também a teria aproveitado. Só que teria o bom senão de fazer um testamento. Pelo menos, esperava que sim. Uma garota assim podia fazer a gente se esquecer de uma porção de coisas que devia fazer.

Naquela noite, Maggy abriu seu estojo de jóias pela primeira vez, desde que pisara nos Estados Unidos. As peças bonitas, reluzentes, pareciam brinquedos de infância, há muito esquecidos. Pensativa, ela fez um monte das jóias verdadeiras. Em outro monte, muito maior do que o primeiro, pôs as jóias fantasia, que ela preferia, por serem mais interessantes; os cliques de lapela e colares que ela comprara de Chanel, que ditava: "Use o que quiserem, contanto que pareça fantasia."

Não obstante, ali devia haver o suficiente para mantê-las por muito, muito tempo, pensou. Perry adorava levá-la ao joalheiro, sem motivo algum, quando estavam passeando pelas redondezas da Place Vendôme, e pedia que ela escolhesse alguma coisa para comemorar a simples alegria do momento.

— Para comemorar o quarto dente de Teddy — explicava ele, como motivo. Ou então: — Porque você tem os bicos de seio mais rosados de Paris.

Resolvida, ela tirou do estojo de veludo todas as jóias verdadeiras, com exceção das pérolas — uma mulher tinha de ter pérolas — e sua pulseira favorita e as meteu na bolsa. Não podia ser sentimental e, além disso, estava farta, farta mesmo, do sentimento, farta de uma emoção que levava, mais cedo ou mais tarde, a uma fraqueza mortal.

Maggy achava impossível perdoar-se. Tinha sido uma 'pote', aquela clássica e ridícula figura francesa, a crente idiota verdadeira, o alvo das brincadeiras de mau gosto, a pessoa que só falta pedir para que se

proveitem dela. Desde a sua entrevista com Louis Fairchild, Maggy se sentia como se tivesse envelhecido e endurecido séculos. Nunca mais acreditaria num homem, era o que Maggy sabia, em seu íntimo; e quando essa certeza a invadiu, ela se sentiu aquecida, fortalecida e estranhamente alerta. Não era uma coisa feliz de se descobrir, aos 22 anos, que não se podia confiar em homem algum, quer ele a amasse de verdade ou não. Não era uma coisa feliz perceber afinal que só podia confiar em si mesma. Mas era uma compreensão clara, sem a possibilidade de interrogações ou exceções. A água de inverno, gelada e suja, em que ela se debatia, recuou, deixando— a em terra firme, terra estéril e adversa, talvez, mas tão menos assustadora agora que ela entendia que só tinha os seus dois pés para sustentá—la. Já passara antes por essa situação e sobrevivera — era um território conhecido.

Maggy se empertigou toda e se olhou no espelho, com severidade. Você só pode ir em frente, disse ela a si mesma, e com firmeza começou a planejar a roupa perfeita para vender as jóias. Primeiro o vestido preto de Vionnet, de corte severo. Depois, o casaco preto de Schiaparelli, uma transformação completa da temporada anterior, com seus ombros largos, acolchoados, e silhueta de jaquetão, como soldado de madeira. Parecia marcial como cia queria sentir—se, severo, ousado e, acima de tudo, inteiramente novo. Com isso ela ia usar um sóbrio chapéu preto de feltro de Caroline Reboux, sua linha angular bem definida. Parecia viúva? Por certo, era esse o efeito de todo aquele preto — mas não uma viúva patética, que pudesse ser levada a um erro de julgamento.

No dia seguinte, vestida com sua armadura arrogante, Maggy entrou calmamente no Tiffany's, em busca do vendedor cujo nome Louis Fairchild lhe dera. Ele se animou, quando ela se apresentou.

— Estou com umas jóias que riso me servem mais — disse Maggy, com displicência. — O Sr. Louis Fairchild me disse que o senhor poderia me ajudar a dispor delas.

O vendedor mostrou o seu desapontamento.

— Quer dizer, comprá—las de volta da senhora?

— Não foram compradas aqui. Foram feitas em Paris.

— Mas madame, não compramos de volta nem mesmo nossas jóias, é norma da companhia.

— Os outros joalheiros americanos adotam as mesmas normas? — perguntou Maggy, com displicência, permitindo—se parecer levemente espantada.

— Ao que eu saiba. Especialmente nesses dias de hoje, madame. Há tantas senhoras que estão descobrindo que têm mais jóias do que precisam...

— Realmente? Ah, bem... que... maçada.

Ele vacilou, suspirou e depois lançou—lhe um olhar rápido, de esguelha, francamente conspirador e malicioso. Tossiu discretamente.

— Olhe, pode ser que tenha mais sorte numa loja menor. Esses pequenos joalheiros são mais maleáveis. Trabalham por conta própria, de modo que estão sempre à procura de um bom negócio.

— Há algum que o senhor recomende? — perguntou Maggy, num tom de voz malicioso e suplicante, que o fez desejar matar dragões por ela.

— Recomende? Não, gostaria de poder chegar a tanto. Mas há um sujeito na esquina, na Madison, a uns dois quarteirões daqui, que tem uma lojinha ... Harry C. Klein. Mas é apenas uma sugestão, não uma recomendação, sabe.

— Claro. E eu lhe fico muito agradecida. O senhor ajudou muito.

— Olhe, foi um prazer. A senhora foi a primeira pessoa com quem falei, o dia todo. Mas esse pânico na Wall Street não pode durar. Assim, quando estiver no mercado outra vez, volte para me procurar. Tiffany's ainda estará aqui.

Ele ficou olhando para Maggy, com um desejo melancólico. Daria quase qualquer coisa para vê-la usando aquele novo colar de rubis e brilhantes, com brincos combinando. E mais nada, não, nem mesmo um par de sapatos de salto alto.

Harry C. Klein tivera uma manhã ruim. Uma antiga freguesa o procurara para mandar fazer uma nova montagem para um anel de safira que ele lhe vendera vários anos antes e tinha insistido em ficar "esperando" enquanto faziam o trabalho, para não trocarem a pedra por uma de menos valor. Paranóica! Todo mundo estava ficando louco. Ele quase lhe dissera para ir embora e procurar um joalheiro em quem ela pudesse confiar, mas, com os negócios como estavam, concordara. O pessoal da oficina ia ficar furioso. E agora aquela mocinha acabava de despejar um monte de peças no balcão. Ela pensava que ele era Papai Noel? Ninguém em seu juízo perfeito, estava interessado em aumentar o estoque. Ele olhou para os cliques, brincos e pulseiras com um olho prático.

— Estou vendo que a senhora, positivamente, não é uma cavadora de ouro — suspirou ele para Maggy. — Uma pena. Melée... é o que tem aí.

— Melée... mas em francês isso significa uma briga, uma luta na multidão — disse ela, intrigada.

— Para os joalheiros, significa uma porção de pedrinhas. — Melancólico, ele virou um par de cliques grandes, cheios de brilhantes pequeninos. — Vê, não tem pedras grandes.

— Mas as pedras grandes não têm interesse! — exclamou Maggy. — Eu só queria usar peças divertidas, as graciosas. As pedras grandes são para as velhas princesas na ópera ou para as Dolly Sisters... são sérias demais para mim.

— As pedras grandes são para a revenda — disse ele, agitando um dedo de advertência na cara dela.

— Nunca pensei em jóias como investimento — disse Maggy, em voz baixa.

Ela tirou da cabeça os alegres almoços no Ritz, seguidos pela busca despreocupada de uma loucura reluzente na vitrine de um joalheiro. Então, mesmo aí, ela fora uma poire — Perry lhe teria dado qualquer coisa que desejasse, alqueires daquelas grossas pulseiras de brilhantes que ela desprezara como sendo "galões de posto".

— Minha senhora, não sabe que as jóias só são um investimento se pretende guardá—las por 50 anos? E, mesmo assim, é uma loteria. Claro, a gente pode costurar no forro da saia e fugir do país. Mas para onde havia de ir? Estou falando de revenda, moça, não de investimento. Estou falando de conseguir uma coisa aproximada ao que pagou por isso. Revenda significa pedras grandes e mesmo assim se forem de boa qualidade, boa água. Melhor um rubi de dois quilates com o bom brilho de morango do que um rubi de cinco quilates que é um pouco fora disso.

— Mas veja esses desenhos, esse trabalho! — exclamou Maggy, zangada. Será que todos os seus tesouros seriam sem valor? Esse homem devia estar querendo roubá—la.

— Isso não quer dizer nada. Só o que vale é o peso das pedras e o valor das montagens e metal, quando se vende uma Melée. Olhe, tenho um cofre cheio de pedras soltas, lá em cima, pedrinhas como estas, talvez não tão boas, mas bastante razoáveis. Comprei por atacado. Não lhe poderia oferecer nada a não ser bem menos do que por atacado, pois com as suas peças trabalhadas, graciosas, é preciso muito trabalho só para desfazê—las e tirar as pedras. Em todo caso, não posso comprar porque o meu negócio é estritamente uma questão de oferta e procura e, desde a crise, a procura desapareceu. — Ele olhou para as pérolas dela e meneou a cabeça, com pesar. — Essas pérolas custaram uma fortuna, não é? Birmanesas, não é? E depois os japoneses aprenderam a cultivá—las e agora...

Ele suspirou com pena, olhando aqueles objetos reluzentes, antes cobichados, que mesmo Maggy sabia serem impossíveis de vender.

— Então — suspirou Maggy, repetindo o estado de espírito dele, tocando em suas fantasias lindas e desvalorizadas. — Bupkis... nada.

— Bupkis? — disse ele, espantado. — Você é judia?

— Mas claro. Isso faz de minha Melée, um grande rubi valioso?

— Nada disso. Mas o que é que uma garota judia linda com você está fazendo sem o seu solitário de brilhante, essencial? — perguntou Harry C. Klein, com severidade. — Como é que não consegui, pelo menos, a sua safira boa, ou seu rubi importante? Esperta você não foi.

— Esperta eu não fui — concordou Maggy, enfaticamente, sorrindo apesar de tudo, diante da indignação dele. Ela desfez a fileira de grandes pregadores de cortinas de metal que Schiaparelli usava em lugar de botões no casaco e puxou as mangas estreitas. A loja do Sr. Klein estava superaquecida e ela já percebera que só com o vestido preto ela parecia até mais positivamente viúva do que de casaco. Talvez aquele homem simpático tivesse um ponto fraco por viúvas judias. Valia a pena tentar vender a sua Melée, mesmo por quase nada.

— Espere um minuto... o que é isso?

Ele pegou o braço dela e olhou para a pulseira que ela resolvera guardar para si.

— Mais melée, imagino, mais algumas esmeraldas.

— Essas esmeraldas parecem interessantes. Tire a pulseira, para eu ver melhor... com a sua sorte, pode haver algo de errado nelas. — Ele examinou

a pulseira, com sua lente de joalheiro, olhando cada esmeralda separadamente. Por fim, com um grunhido satisfeito, ele a devolveu a Maggy. — Boa, muito boa. Por essas esmeraldas, não me importo de abrir uma exceção. E daí, mesmo que eu não possa vendê-las por muito tempo?

— Quer dizer que comprar a pulseira?

— Positivo. E eu lhe darei o melhor preço possível. Mande avaliar primeiro, se ficar mais satisfeita, não faça cerimônia.

— Mas, Sr. Klein — disse Maggy, esperta — não quero vender só a pulseira, quero vender tudo. A pessoa que comprar a pulseira terá de ficar com as outras peças também.

Inteiramente burra ela não era, pensou Harry C. Klein, com um misto de prazer e tristeza. As probabilidades de um pequeno joalheiro como ele algum dia poder comprar quatro esmeraldas perfeitamente iguais de dois quilates cada eram remotas. Mesmo um joalheiro importante podia ter de esperar algum tempo, para poder conseguir uma coleção dessas. Podia-se fazer dois pares de brincos maravilhosos delas, ou até mesmo um colar... não, dois colares, com duas esmeraldas em cada um, cercadas de brilhantes. Se pedras assim algum dia perdessem o seu valor, então nada que se tivesse cavado, desde os dias do Rei Salomão, valeria alguma coisa. Mesmo que ele tivesse de passar anos sentado, esperando para vender as esmeraldas, não poderia deixar passar essa oportunidade.

Maggy tornou a pôr a pulseira e pegou o casaco.

— Aonde vai?

— Arranjar alguém que compre o lote.

— Está bem, está bem. Não comece a andar por aí, só vai lhe confundir a cabeça. Vamos fazer negócio... não tenha tanta pressa.

Ela olhou para ele, desconfiada, e depois sossegou. Não era preciso que ele lhe dissesse que as esmeraldas eram boas... mas primeiro ela ia mandar avaliá-las.

Quando Maggy concluiu a venda de suas jóias a Harry C. Klein, eles tinham-se tomado bons amigos. Ele passou a conhecer a sua triste história: o marido francês, o bonitão David Lunel, que tinha investido com tão pouca prudência nos Estados Unidos e, enquanto investigava o vulto de suas perdas em Nova York, morrera num desastre de automóvel, deixando-a desamparada com a filhinha. Conhecia o Rabino Taradash e a avó e até a receita secreta da avó para o pot—au feu, mas não sabia de nada sobre as febris noites de Montpamasse, ou um pintor chamado Mistral ou uma garota engraçada e displicente que tirava o roupão de seda verde de cima do corpo, sem preocupações, diante de qualquer pessoa que lhe pagasse para pintá-la. Quando chegou a ocasião do pagamento dos 12.000 dólares que as jóias de Maggy afinal lhe renderam, sendo a parte do leão paga pelas esmeraldas, Harry C. Klein mostrou um particular interesse no futuro dela.

— Vai pegar a menina e voltar para casa? Talvez fundar um pequeno negócio? Hoje em dia pode-se fazer muita coisa com todo esse dinheiro.

— Ainda não me resolvi.

Maggy foi andando devagar pela Madison Avenue, absorta em seus

pensamentos, seu cheque metido em segurança dentro do sutiã. Tinha seu pé de meia, o suficiente para se sustentar e a Teddy por uns quatro ou cinco anos, em conforto relativo, se encontrasse um apartamento pequeno num bairro que não fosse elegante, em Paris. Mas quando acabasse o dinheiro, o que faria? Que tipo de negócio modesto ela poderia fundar, sem preparo nenhum? E se o negócio fracassasse e ela perdesse todo o dinheiro? Arranjaria um emprego de vendeu-se, talvez, numa dessas lojas em que costumava esbanjar o dinheiro de Perry, sem perguntar o preço?

Ela olhou em volta e cheirou o ar. Faltavam algumas semanas para o Natal: o dia azul e brilhante ajeitava em tomo dela como uma bandeira. Nova York estava vibrantemente viva com um estalido de promessa, um movimento irresistível de vitalidade que fazia Paris parecer antiquada, cheia de tradições, nada atraente. Por que não romper com tudo? Por que não ficar ali, onde era a Sra. Lunel, viúva, em vez de voltar para uma terra em que gente demais sabia a seu respeito? Empolgada, ela se virou e só faltou correr no percurso de dois quarteirões até a joalheira.

— É tarde para mudar de idéia. Concordamos num valor justo, do mercado — disse o Sr. Klein, levantando os olhos quando ela entrou de repente, o rosto afogeadado.

— Tenho de arranjar um trabalho! Aqui em Nova York! Acabei de resolver que não vou voltar para a França...

— Fazendo o quê?

— Não sei. Tem alguma idéia para mim?

— Uma pequena que nunca trabalhou na vida... está brincando? — Bem, já fui modelo, um pouco.

— Que tipo de modelo?

— Para... figurinistas.

— Ah.

Ele a olhou com atenção. Não entendia nada sobre manequins, mas sabia ver quando uma garota era sensacional.

— Tenho um amigo que está no negócio de modas, jogamos pôquer duas vezes por mês, é um italiano. Ele se deu muito bem... era um garoto do bairro antigo, mas hoje ninguém diria. Alberto Bianchi... jogávamos beisebol com bola de borracha e hoje é muito importante. Vou ligar para ele, para ver se arranjo alguma coisa.

Ele foi para o escritório dos fundos, para telefonar, e voltou sorridente.

— Pode ser que tenham uma vaga para uma garota... pode ser. Uma das modelos dele fugiu com o marido da melhor freguesa. O sujeito resolveu se dar um presente de Natal, para variar. Vá depressa... esses serviços não ficam vagos muito tempo. Aqui está o endereço e aqui — disse ele, dando um beijo rápido no rosto de Maggy — um beijo para lhe desejar boa sorte.

Maggy estava nervosa como um peixe de aquário, ao chegar à entrada do escritório de Bianchi. As portas de vidro da Rua 55 Leste eram foscas e não havia vitrines dos lados, apenas os tijolos discretos de uma casa modernizada.

Ela entrou pelas portas e, pela primeira vez desde que chegara a Nova

York, sentiu—se logo à vontade. Chocada, ficou parada e respirou fundo. Em volta dela, o pulso do estabelecimento batia com um ritmo tão conhecido que ela o reconheceu em seu sangue, o ritmo de um *maison de couture*. Os ruídos eram seus conhecidos: as vozes por trás das portas de salas de provas, as das vendedoras respeitosas e imperturbáveis, as vozes agudas das freguesas indecisas e mimadas. Os cheiros eram os mesmos; os perfumes misturados de uma centena de mulheres ricas pairavam no ar, misturados ao fumo de seus cigarros, com um fundo dos aromas pungentes de tecidos novos e peles.

Seu coração deu um salto enquanto ela absorvia o ambiente, aquela destilação especial, aquela intensidade que sobe à cabeça das mulheres como um raio, composto dos milhões de fantasias que tinham sido levados àquele lugar; fantasias de como a mulher poderia aparecer, se encontrasse aquele vestido certo e perfeito; de como aquele vestido perfeito a transformaria; fantasias que davam mais crédito ao poder das roupas do que estas jamais poderiam realizar.

Era a Lourdes da vaidade, pensou Maggy. Elas iam lá não para se curarem, mas para se transformarem nos sonhos que tinham de si; mais jovens, mais belas, mais magras, mais desejáveis. A força concentrada dessas fantasias parecia bastante forte para poder fazer explodir as paredes do costureiro e, no entanto, reinava uma calma controlada na sala de recepção de veludo cinzento, cheia de espelhos.

Patricia Falkland, mulher de meia—idade, de cabelos escuros e muito bem vestida, estava sentada atrás de uma mesa reluzente, em que havia apenas um vaso contendo uma rosa branca. Ela trabalhava para Alberto Bianchi há anos, dirigindo todo o pessoal de vendas e fazendo o papel por demais necessário de mediadora entre as vendedoras e as freguesas. Nunca agia como vendedora, pessoalmente, mas era responsável por aconselhar freguesas vacilantes e tinha de lidar com todo o pessoal da casa. Avaliar as freguesas novas era sua especialidade.

A Srta. Falkland sabia distinguir uma mulher mal vestida de meia—idade, a mulher de um grande dono de frigorífico de Chicago, que poderia gastar milhares de dólares, com a mesma facilidade com que distinguia a jovem de sociedade, vestida na última moda, com todos os sinais de luxo, e que nunca pagaria as contas. Conhecia todas as mulheres ricas de Nova York que preferiam procurar Bianchi para comprar suas cópias brilhantemente adaptadas de Chanel, Vionnet e Lanvin, em vez de ir comprar roupas em Paris. Durante a década de 20, embora a moda fosse positivamente ditada por Paris, havia muitas americanas que se recusavam a dedicar vários meses de cada ano cheio em viagens à França e a se submeterem à movimentação exaustiva de desfiles e provas.

Quando Maggy entrou, Patricia Falkland apertou os lábios num assobio imperceptível, aquele assobio de aprovação irrestrita que poucas mulheres provocavam nela. Maggy personificava um ideal que nem as mulheres mais ricas podiam adquirir. Patricia Falkland, examinando depressa, como era seu hábito, de baixo para cima, absorvendo todos os detalhes do conjunto de

Maggy, desde os sapatos maravilhosos, perfeitamente engraxados, até ao chapéu feito com arte, viu que estava olhando para uma pessoa vestida com os originais das roupas que Alberto Bianchi reproduziria para suas clientes, alguém trajando o verdadeiro, aquela essência inconquistável de Paris, que nunca poderia ser duplicada, por mais que copiassem tecido por tecido, costura por costura, botão por botão. "Como é que esses sacanas conseguem isso?" Ela sempre se fazia essa pergunta quando via a costura parisiense no seu auge e continuava a ser a única pergunta para a qual não tinha resposta.

Por um segundo, nenhuma das mulheres falou. Maggy ficou ali, olhando em volta da sala de recepção, com aquele ar inimitável de uma cliente em perspectiva que a atmosfera da sala provocara nela, aquela pose; avaliando, julgando, porém inteiramente segura de ser bem-vinda, coisa que ela aprendera durante os dois últimos anos de luxo. Era uma pose que nunca poderia ser adquirida pela prática, nunca poderia ser assumida por alguém que não estivesse acostumada a gastar muito dinheiro. Provinha de uma atitude interior, inconsciente, para com as roupas. Dizia, como se ela tivesse falado em voz alta: "Não há nada que tenham para me vender que eu não possa comprar, se quiser. Mas comprarei? Cabe a vocês me tentarem. E, mesmo então, posso estar tão saturada que me recuse a ser tentada. Mostrem-me o que têm de melhor. Se eu quiser, eu o comprarei. Ou talvez não... cabe a mim decidir."

O momento de silêncio passou e Patricia Falldand se levantou, com respeito, e se dirigiu para Maggy.

— Posso servi-la, madame? — disse ela, na voz que reservava para as melhores clientes.

— Espero que sim — respondeu Maggy.

— Se quiser se sentar, já vou chamar uma vendedora.

A Srta. Falkland sorriu, como que para se desculpar porque uma vendedora não tinha surgido do chão, à chegada de Maggy.

— Não, por favor, não se incomode. Eu gostaria de falar com alguém sobre um trabalho de manequim.

— Um trabalho? — repetiu a outra, o sorriso desaparecendo.

— Soube que estão precisando de uma manequim. Gostaria de me candidatar.

— Isso é inteiramente impossível — disse a Srta. Falkland, com rispidez, uma nota de irritação evidente em sua voz. Que audácia daquela mulher, entrar no salão com ares e pose de uma cliente, quando estava procurando emprego! Era uma afronta. Era imperdoável. Nunca se ouviu falar nisso. Seu coração se endureceu para com Maggy, que a levava a cometer um erro de julgamento, coisa de que ela tanto se orgulhava. Era irritante ser pilhada com as suas maneiras mais obsequiosas para uma simples candidata a emprego.

— Meu amigo, Sr. Harry Klein, me informou que a Casa Bianchi está precisando de manequim. O Sr. Klein falou no telefone com o Sr. Bianchi pessoalmente, há mais ou menos um quarto de hora, de modo que vim

imediatamente.

— O Sr. Bianchi está procurando uma modelo profissional, uma moça que trabalha, não uma diletante. Pagamos 35 dólares por semana, o que não daria para comprar nem um pé dos seus sapatos. E as nossas moças trabalham como animais por esse dinheiro, do contrário não durariam nem uma semana. Nem sequer pensaríamos em alguém sem experiência.

— Por favor, dê-me uma oportunidade — insistiu Maggy. Essa mulher não vai se livrar de mim, pensou ela. Não sou mais uma garota chorona, que é pudica demais para tirar as calças. — O Sr. Bianchi disse ao Sr. Klein que estava precisando...

Patrícia Falkland ouviu e notou a resolução e obstinação na voz de Maggy. Havia anos que ela lamentava a aberração masculina que levava o patrão a continuar a sua ligação com os amigos da roda de pôquer do seu passado, mas ela sabia muito bem como ele era sentimental nisso. Ela se curvou diante do fato de que não podia livrar-se de Maggy sem criar problemas com Bianchi.

— Pode me acompanhar — disse ela, com brusquidão. — Mas é uma perda de tempo.

Ela subiu uma escada e entrou numa sala, vazia no momento, onde os novos modelos franceses estavam pendurados em cabides junto das mesas que as manequins usavam para sua maquiagem. Escolheu um vestido de baile de cetim branco, com um complicado corte enviesado, tão decotado na frente e nas costas que era difícil distinguir qual era qual. Tendo um babado franzido, projetando-se entre o quadril e o joelho, talvez fosse o vestido mais difícil de se usar que Madame Jeanne Lanvin tivesse criado. Ela o entregou a Maggy, sem dizer uma palavra, e voltou à sua mesa.

Diabo de criatura, pensou Patrícia Falkland, furiosa. Ela sabia que podia usar o nome de Klein, como uma espada, mas não tinha o bom senão de ver que não estava nada apta a exibir roupas. A última coisa que uma manequim deve fazer é parecer que está concorrendo com a cliente. Por mais bela que seja, não pode provocar qualquer sentimento de inveja na cliente, nunca deve parecer que está no mesmo plano social ou econômico da freguesa. Esta deve ser encorajada a sentir-se superior. Isso era uma coisa, profunda, entendida por todos os que vendiam roupas.

Ela ainda estava absorta nos seus pensamentos irritados quando Maggy apareceu no alto da escadaria, envolta numa capa de arminho que pegara de outro cabide na sala das manequins. Sua cabeça descoberta revelava cabelos parecendo uma fogueira cuidadosamente tratada, ainda repartida do lado, conforme o primeiro penteado que Antoine fizera, mas agora com os cabelos mais compridos e bem ondulados sobre as orelhas. Como uma estátua viva, ela se adiantou com um passo sutil, deslizante, nem lento nem rápido, um passo calculado para deixar que a espectadora absorvesse os detalhes daquilo que ela usava com facilidade, e no entanto seus olhos, olhando serenos para uma distância média, não permitiam qualquer contato pessoal. Aquele ar de desafio inconsciente, privilegiado, com que Maggy entrara na sala de recepção tinha desaparecido, como se nunca tivesse

existido. Em seu lugar estava um porte que indicava claramente que ela estava lá unicamente para dar prazer e para servir aos outros.

Olhem, olhem para mim, ela parecia dizer, mas olhem para o que estou usando, pois, se agradar, poderá ser de vocês. Sou apenas o meio que lhes indica como poderão realizar seus sonhos. Sou neutra, as roupas é que são tudo. E não são lindas? Tenho orgulho de usá-las, por alguns minutos. Mas não me pertencem. Pense como você podia ficar maravilhosa dentro disso.

Maggy chegou ao último degrau e atravessou o salão de recepção. A Srta. Falkland, contemplando—a com olhos antipáticos e impassíveis, notou que ela arranjara um par de sapatos de noite de cetim branco, das coisas de alguma manequim. Mas qualquer pessoa, até mesmo uma desmazelada nata, podia se embulhar em arminho e criar algum efeito. Não havia uma só manequim trabalhando para Bianchi que não lutasse para exibir aquela pele; e todas ficavam bem com ela. O teste tinha sido deturpado e ela não estava impressionada.

Maggy se virou diante da mesa e voltou ao pé da escada. Lá, devagar, com um gesto em que empregou tudo quanto aprendera sobre a fascinação, num gesto que mostrava tudo o que se poderia jamais aprender sobre o trato das peles, ela jogou a capa para trás, desdobrando—a com uma facilidade tal que poderia ser feita de organdi, e a deixou pendurada de uma das mãos, enquanto ela se revelava no vestido de cetim branco que, depois que ela o vestira, se tornara extremamente desejável.

Um dos dois cliques de imitação de brilhantes que Maggy tinha comprado em Chanel marcava o ponto mais baixo do decote, na frente; e quando ela se virou de novo, outro estava pregado no V do vestido atrás, de um modo que ninguém em Nova York jamais vira. Ela deu a volta à sala, o arminho sussurrando no tapete, e então um leve sorriso sonhador lhe aquecia o rosto, o suficiente, justo o suficiente, para provocar na espectadora o prazer sensual de usar um vestido daqueles, um sorriso que garantia a tentação. Ela não olhou para Patricia Falkland, procurando aprovação ou reprovação, ao andar; mas se tivesse olhado, teria visto os lábios da mulher se apertarem, severos.

— Quem é esta? — perguntou uma voz de homem.

A Srta. Falkland deu um salto, mas Maggy ficou parada, imperturbável, esperando, oferecendo—se inteiramente, mas sem perder a distância que guardava.

— Alguém que quer um emprego de manequim, Sr. Bianchi — disse ela.

— Não creio que sirva.

— Talvez deva mandar examinar sua vista, Patsy. Como se chama, senhorita?

O ar neutro e inexpressivo de Maggy desapareceu, enquanto ela exibia o seu encanto não autorizado.

— Magali Lunel, mas no ramo me chamam apenas de Maggy.

— É você a moça de quem Harry falou no telefone? Eu não esperava. quando pode começar?

— Quando quiser. Amanhã, se lhe convier.

— Que tal agora? Patsy, a Sra. Townsend acabou de ligar. Mudou de idéia sobre a viagem para Palmi Beach e está louca por roupas novas para as festas de Natal em Tuxedo Park. E estamos com falta de pessoal.

— Agora é melhor ainda do que amanhã — disse Maggy.

Ela gostou do aspecto do Sr. Bianchi, que antes fora um moleque to velho bairro de Harry Klein. Ele tinha uma aparência muito bem cuidada, camisa linda, um cabelo lustroso e arrumado que era mais continental do que americano. Era gorducho, os olhos vivos como os de um menino, e evidentemente era mestre em seu ofício. Ela entendia um homem como aquele. Seria um demônio se ela o decepcionasse, irias seria bondoso, generoso mesmo, se lhe desse a perfeição que ele esperava.

Várias horas depois, depois de ter modelado dúzias de vestidos, costumes e casacos para a Sra. Townsend, Maggy saiu da casa de Alberto Bianchi com um emprego que lhe daria 40 dólares por semana. Seu coração deu um salto quando ela pensou, alegre, que, afinal, fora treinada para alguma coisa útil. Anos de tirar as roupas o mais depressa possível para os seus pintores, seguidos de anos de observar os desfiles de modas — e a capacidade de imitar as melhores manequins de Paris — se combinaram para formar uma mercadoria vendável. Ela agora estaria ganhando o suficiente para pagar a babá Butterfield e ainda lhe sobriariam 15 dólares.

Maggy chegou à esquina da Quinta Avenida com a Rua 57 e parou para olhar em volta, para absorver a promessa quase tangível feita pela avenida comprida, brilhantemente iluminada no crepúsculo do inverno: Uma outra Maggy, a garota de 17 anos que um dia ficara no centro de Montparnasse na primavera, esperando impaciente que sua vida começasse, pareceu juntar — se a ela, postando — se ao seu lado e dizendo "Coragem". Como você sabia pouco, na época, sussurrou Maggy a si mesma. Como ainda sei pouco. Quanto, quanto vou aprender. Pensou onde podia encontrar um florista. Tinha de comprar um cravo vermelho para sua lapela.

Capítulo 13

Qual a explicação para o domínio de Lavinia Longbridge sobre os membros mais jovens da sociedade de Nova York? Até mesmo as matronas que jogavam bridge no Southampton Beach Club se animavam a fazer essa pergunta. A Sra. Condé—Nast fez a pergunta à Sra. William de Rahm, e Cecil Beaton, em suas visitas frequentes a Nova York, tomara conhecimento do poder dela, a ponto de perguntar à Sra. Herbert Weston se ela compreendia o motivo daquilo.

Um cínico disse que em toda a natureza só havia 14 padrões diferentes em que os objetos, dos cristais aos abacaxis, se poderiam empilhar, mas que em cima de cada pilha era certo encontrar — se Lally Longbridge. No entanto, essa resposta era simples demais, se bem que tivesse sido observado esse fato pela primeira vez quando, como Lavinia Pendennis, ela se tornou a

debutante mais festejada do ano, sua entrada para a sociedade sobrepujando de tal modo a concorrente seguinte que todas as outras moças pareceram passar a um grupo não diferenciado.

Quando ela se casou com Comwallis Longbridge, poderia ter passado a assumir o papel tradicional de mulher jovem e rica, mas ela se recusou a isso, conservando, numa era de casais, uma identidade separada, de modo que Corme Longbridge se tornou outro, embora o mais favorecido, de seus súditos.

Lally era tão linda quanto era pequenina, com olhos e cabelos negros que envolviam seu rosto branco e delicado como uma coroa sobre os braços, ombros e costas mais brancos de Nova York, e os lábios mais vermelhos, o único toque de cor que ela se permitia; mas havia muitas moças bonitas na sociedade: Mary Taylor, Isabel Henry, Helen Kellogg, Justine Allen e Alice Doubleday, todas tinham seus admiradores, como rainhas da beleza.

Não, não eram apenas a estima geral e a beleza que explicavam sua enorme influência — era a maneira generosa com que dedicara a vida a se divertir. Pois o único meio de Lally se divertir era se dedicar aos outros.

Em Lally Longbridge, a alegria irresponsável da grande festa dos anos 20 tinha dançado bem para dentro do primeiro ano assustador dos anos 30. A fortuna de Comic Longbridge era segura e a vida dela era seriamente dedicada a receber de modo pouco sério; a casa dela era uma fogueira tranquilizadora, — que garantia aquecer todos os que se aproximassem. Lally era considerada a melhor entendida em bar da cidade e ela certamente conhecia os melhores contrabandistas de bebidas. Ela inventou o jantar tipo bufe; as refeições em sua casa tinham sempre o encanto de piqueniques; e seu gosto variado pelas pessoas era o tempero que fazia suas festas terem um sucesso incrível. Lally convidava a suas festas músicos de jazz e jornalistas, pugilistas profissionais e sapateadores dos espetáculos da Broadway, compositores de rua e, cochichavam as anfitriãs invejosas, até mesmo gangsters, o que tornava as festas ainda mais empolgantes. Ela os fundia a todos numa só unidade, com seu riso e simpatia.

Muitas vezes, depois que uma festa se animava, Lally passava à penumbra de uma alcova e ficava olhando, por uns minutos, os grupos novos e inesperados que ela formara, sentindo-se como a mais bem sucedida diretora de cena. Suas recepções eram tão freqüentes quanto espontâneas, nunca sendo planejadas com mais de um ou dois dias de antecedência. Sabendo que sua casa estava organizada em função da hospitalidade, ela escolhia empregados capazes de lidar com grupos grandes, com o mesmo cuidado que teriam se ela fosse uma embaixatriz.

Lally Longbridge fazia roupas de Bianchi desde o seu debut. Ela era uma dessas mulheres baixas, extremamente raras, que possuem o dom de se vestirem de um modo que as faça parecerem altas. O segredo era que Lally nunca se via como sendo pequena — ela achava que todos os outros é que eram grandes demais. Até Maggy ir trabalhar em Bianchi, ela nunca encontrara uma modelo que entendesse isto e lhe mostrasse de bom grado vestidos que, teoricamente, só mulheres altas podiam usar.

No último período de um ano e meio, ela passara a se interessar cada vez mais por Maggy. A Sra. Lunel, evidentemente, estava longe de ser a manequim comum, mas qual seria o mistério daquela viúva francesa, que não podia ser levada a falar de si? Todas as pessoas por quem Lally se interessava tinham de contar a Lally tudo sobre si... era mesmo muito curioso, quase aborrecido.

Um dia, na primavera de 1931, ela espantou Maggy, convidando— a para uma festa na noite seguinte.

— Diga que vai, Maggy, diga! Depois do jantar vamos ter uma gincana e vai haver um prêmio fabuloso, para a equipe vencedora... vai ser muito divertido.

Maggy hesitou. As manequins da casa nunca se misturavam com as clientes. Havia um abismo social que as separava, reconhecido por todos.

— Ora, não seja complicada! Sei o que você está pensando e é muita tolice. Há muitas mulheres que trabalham, hoje em dia... está virando moda. Isso não quer dizer que você esteja proibida de se divertir.

— Eu gostaria muito de ir — disse Maggy, resolvida. Ela merecia uma diversão qualquer. Durante o último ano e meio, levava uma vida de disciplina e muito trabalho, à disposição de Bianchi e suas clientes durante até dez horas por dia, raramente deixando de ficar de pé por mais de alguns minutos de cada vez.

Mas era um trabalho de recuperação, que a impedia de pensar no passado, um trabalho exaustivo que a fazia dormir profundamente, só acordando de vez em quando, sonhando com Perry Kilkullen, o que a fazia chorar, e acordando muitas vezes sonhando com Julien Mistral, o que a deixava furiosa. Como ainda podia sonhar com um homem que ela detestava? Ela se fazia essa pergunta com raiva, procurando negar o orgasmo profundo que a despertara. Em dias assim, ela ficava especialmente contente por correr para um trabalho que não lhe dava tempo para uma introspecção incômoda.

Maggy agora era a principal manequim de Alberto Bianchi e todas as outras a olhavam com consideração. Até mesmo Patricia Falldand fora obrigada a reconhecer, embora só para si, que ninguém podia exhibir e vender um vestido como Maggy. Nos poucos momentos que as manequins tinham para se juntar na sala de vestir, as outras garotas pediam conselhos a Maggy e não havia nada sobre o que ela não exprimisse sua aprovação ou reprovação firme e imediata, desde a linha de um novo penteado até o tom de um par de meias. Sem saber como, Maggy se viu acalmando as moças quando ficavam nervosas ou tinham queixas ou brigavam entre si. Ela escutava as histórias de seus muitos romances e dava doses duras mas compadecidas de conselhos ajuizados, em que sua própria experiência, conquistada a duras provas, se misturava com bocados das bem lembradas advertências de Paula. Ela se pilhou até ralhando com as moças que engordavam meio quilo ou um quilo e aconselhando a maneira de pôr ruge e sombra de olhos.

Os desfiles de caridade se haviam tornado a mania em Nova York e a

Casa Bianchi era sempre convidada a participar. Em breve, Maggy passou a ser solicitada pelos organizadores desses desfiles, que eram todos amadores. Ela era capaz de dirigir bem as manequins, a maior parte mulheres da sociedade agitadas, nervosas e desajeitadas, que nunca tinham andado numa passarela.

Devido a esse trabalho extra, o ordenado de Maggy passou a 50 dólares por semana. Ela tivera de mexer em seu precioso pé—de—meia para mobiliar o apartamento pequenino, perto do Central Park West, na Rua 63, que alugara para sua pequena família.

Não obstante, o ordenado de Maggy era apenas o suficiente para sustentar Teddy e a babá Butterfield. Suas despesas pessoais eram mínimas; suas roupas de Paris ainda estavam na moda, pois tinham sido escolhidas de figurins avançados, que encorpavam idéias ainda novas aos olhos americanos — não que isso tivesse importância, pensou Maggy, pois não tinha ocasião de se vestir bem, de verdade.

Nos primeiros tempos que passou trabalhando em Bianchi, as outras manequins a convidaram para sair com elas, aos bares clandestinos e boates — sempre havia rapazes que queriam conhece—la. Mas ela se recusara, todas as vezes, e acabaram deixando de convidá—la. Ela nunca falava disso em suas cartas a Paula, que, ela sabia, teria reprovido muito. Assim que acabava de trabalhar, Maggy ia logo para casa, para jantar cedo, com Teddy, e banhar os pés.

Agora, reagindo à surpresa agradável do convite de Lally Longbridge, ela sentiu que tinha suportado ao máximo um período sem uma noite de folga, só uma noite de divertimento puro. A Idade do Jazz tinha acabado, liquidade pela Depressão, mas uma audácia não subjugada em Maggy lhe mostrou como ela ainda ansiava pelo som de um saxofone, o dedilhar de uma guitarra. Ela sentiu voltar aos seus lábios a melodia da Sweet Georgia Brown, esquecida havia seis anos. Vestindo—se para a festa, ela se deu conta de que, numa tarde de maio, até mesmo Nova York, aquela cidade solitária e tensa, de metal e concreto, podia tornar—se elétrica e rosada de expectativa.

Terminado o negócio impulsivo de fazer os convites, Lally dedicou uma hora de concentração à composição das equipes de sua gincana. Não interessava juntar o mesmo tipo de pessoas, pessoas que já se conhecessem — uma gincana só tinha graça se os membros da equipe se divertissem.

Maggy Lunel, pensou ela, era tão inteligente que devia ficar na mesma equipe de Gay Barnes, que só pensava tolices na sua cabecinha louca e esfuziante. Gay tinha sido amais famosa das coristas da "Vanities" de Earl Carroll, antes de se casar com Henry Oliver Barnes, que devia ter uns 35 anos mais do que ela. Lally, que se interessava em ver como os outros acondicionavam suas personalidades, percebeu que Gay conseguira dominar a emprouada sociedade de Nova York por dois meios simples: era extremamente decorativa e tinha uma maneira incrivelmente engraçada de nunca parecer saber quando um homem fazia um comentário picante — comentários que ela mesma tinha provocado.

Quais homens com aquelas duas mulheres? Ela mordeu o polegar, pensando. Por que não Jerry Holt? A coluna sobre diversões que ele escrevia para World era lida por todos na cidade e ele era tão espirituoso quanto era dúbia a sua reputação. E... sim... bem feito, por ele ser tão difícil de se agarrar, o outro seria Darcy, Jason Darcy, que todos chamavam pelo sobrenome.

Como seria divertido ver a indignação daquele wunderkind de 29 anos do negócio editorial quando se visse na mesma equipe que uma ex corista, uma manequim de alta costura e um colunista que provavelmente era bicha.

Era o tipo de equipe que faria com que Lally se divertisse muito. Em cada festa ela arrumava pelo menos um grupo assim tão eclético, um jogo secreto dela, para seu próprio deleite.

Horas depois, após o jantar, as dez equipes se reuniram na sala de Lally, decorada, segundo a moda, em cromo e vidro, cheio de tulipas. Houve gemidos e protestos contra as listas, quando ela as distribuiu.

Uma debutante desta temporada, sé valem as bonitas Um dos sapatos da Srta. Ethel Barrymore

Um cão, tem de ser branco puro

Um programa de Smiles assinado por Adele e Fred Astaire

Uma toalha de mesa do Colony Restaurant

Um mordomo inglês — nada de falsificações

Um exemplar novinho em folha de Adeus às Armas

Uma única luva amarela

Um capacete de policial da cidade de Nova York

Um paletó de garçom de Jack e Charlie's

— Isto é diabólico — gemeu Gay Barnes. — Nunca podemos vencer, nunca.

— Quanto tempo temos? — perguntou Maggy.

— Duas horas — explicou Jerry Holt. — Ganha a equipe que trazer o máximo no prazo dado.

— Tive uma inspiração! — declarou Gay Barnes. — Não diz aqui que a gente não se possa separar, diz? De que adianta nós quatro irmos atrás das mesmas coisas? Acho que Jerry e eu devemos ficar corri os cinco primeiros itens e vocês dois podem pegar os outros. Que tal?

— Só sei é que, em algum lugar, devo ter uma luva amarela, sou uma mulher de muitas luvas — disse Maggy, pensando, por que motivo, se ela estava planejando ficar sozinha com um homem, a loura tinha escolhido um pede.

— Como quiserem — concordou Darcy. — Mas vamos andando... já perdemos cinco minutos.

Embaixo, na Park Avenue, Darcy fez Maggy entrar numa limusine.

— Rua 52 Leste nº 21 — disse ele ao chofer, sentado na frente, aberta. — Eu já estava desconfiado de que Lally ia arranjar outra gincana, de modo

que mandei o cano ficar esperando — disse ele a Maggy.

O imenso Packard azul—marinho, que teria parecido adequado ao próprio J. P. Morgan, era apenas uma das maneiras pelas quais Jason Darcy se distinguia dos outros rapazes de sua idade. Filho único do rico proprietário da companhia de seguros Hartford, ele fora considerado um dos alunos mais brilhantes de sua turma em Harvard, diplomando—se aos 18 anos. Nos dez anos decorridos desde então, ele tomara dinheiro emprestado da família para lançar três revistas, cada qual tendo um sucesso imediato, naqueles anos de prosperidade.

Tendo rapidamente pago suas dívidas, Darcy usava suas vultosas rendas para viver como um paxá com direito a exibir três caudas de cavalo em sua insígnia. Tinha casos amorosos com uma percentagem espantosa de todas as mulheres mais bonitas de Nova York, as quais ele se limitava a dividir em duas categorias, tratando as damas da sociedade como coristas e as coristas como damas da sociedade, coisa que, por algum motivo, garantia o prazer de todos. Nenhuma mulher tinha conseguido agarrá—lo e o bando cada vez maior de suas paixões desiludidas e temporárias chegou a conclusão, para poupar seus egos, de que ele estava casado com o trabalho.

Jason Darcy era um homem realmente influente, que se arriscava a se tomar cheio de si. Infelizmente para o caráter dele, nunca desejara nada que não conseguisse obter; nem a admiração de seus companheiros, nem seu amor—próprio. No momento, Maggy era o brinquedinho que ele resolvera adquirir. Por duas vezes, durante o jantar, ele encontrara os olhos dela, embora estivessem sentados em mesas diferentes. Gay Barnes, débil como era, demonstrara um tato muito conveniente, ao separar a equipe, se bem que, se não houvesse o pretexto da gincana, ele teria tomado providências mais diretas.

Maggy ficou chocada ao se lembrar do Voisin cinzento de Perry, quando se recostou no estofamento macio do Packard. Já se esquecera de como um carro daqueles a fazia sentir—se mimada, um objeto raro, feito de metais preciosos, encaixados num ninho de veludo. Nada, nenhum perfume que ela conhecesse, tinha o aroma sensual do interior de uma limusine.

Ela olhou para Darcy com um leve interesse. Tinha um rosto comprido e magro, de grande distinção, um rosto de cientista ou de filósofo, pensou ela, a despeito de sua juventude. Era um rosto que tinha um ar penetrante, com uma curiosidade fria, porém parecia que nunca poderia se espantar. Movia—se com uma economia de elegância; tinha um olhar direto, experiente, em que, ela achava, devia pairar algum humor, uma boca reta e dura que parecia capaz de grande desprezo. Os cabelos escuros eram grudados à cabeça e ele era seguramente alguns centímetros mais alto do que ela. Um homem como uma navalha, pensou ela, tirando—o da cabeça. A limusine era uma empolgação muito mais poderosa do que um simples homem poderia ser.

Ela ficou decepcionada quando a viagem terminou depressa demais e eles entraram no carnaval permanente de Jack e Charlie's, a boate clandestina mais cara e parecida com um clube de Nova York, uma caverna

com painéis de madeira, cheio de gritos alegres e um desafio aberto do Ato Volstead, que abria para o almoço e só fechava ao amanhecer. Aquele era o ponto preferido diário de uma alegre mistura de estudantes das universidades mais esnobes, cronistas esportivos e corretores de valores, e ressoava com os ruídos complexos, entusiasmados, que só podem ser feitos por uma porção de gente feliz bebendo, comendo, rindo e namorando numa sala superlotada.

Eles foram logo levados a uma mesa e Darcy pediu champanha, confabulando um instante com o garçom. Maggy, ainda querendo voltar para a limusine, ficou sentada, irrequieta, até que o garçom serviu o champanha.

— Isso não é um desperdício? — perguntou. — Não podemos beber toda a garrafa. Olhe só essa lista: o mordomo inglês, o capacete de policial... que horas são?

Seu espírito de luta começava a se manifestar. Aquele não era bem o momento para ficar por ali, preguiçosamente, bebericando bebida contrabandeada, por mais autenticamente francesa que fosse.

Darcy lançou—lhe um olhar complacente, um pouco superior demais.

— Acabei de alugar o nosso paletó de garçom. Vou ligar para casa e dizer ao meu mordomo para nos esperar na calçada de Lally com o meu exemplar de Hemingway... Charkson trabalhava para o Duque de Sutherland... e na volta podemos pegar aquela luva amarela que você disse que tem.

— É isso que você chama de esportividade? — disse Maggy, de cara fechada: Aquele homem estava tirando toda a graça da coisa, com sua complacência e exibicionismo.

— Chamo a isso uma sabedoria básica. Não fizemos um juramento de sangue de vencer... só de participar da brincadeira. Em todo caso, você não acha essas gincanas mortalmente aborrecidas?

— Por certo que não! Nunca participei de nenhuma O que lhe dá o direito de transformar essa noite em um encontro para beber champanha a dois? — retrucou ela, com rispidez. Como os odiava, esses homens que acham que podem dominar as mulheres.

Ele não respondeu e ficou bebendo o champanha, olhando atentamente para o mundo de seus olhos verdes, zangados e desafiadores. Sentia—se reagindo à natureza dela, que lhe parecia ser indomada, no sentido mais profundo, mas no entanto bem controlada. Não sabia de nada a respeito dela, mas ela nunca poderia ser anônima.

— Onde é que Lally a descobriu? — perguntou. — E por que não nos conhecemos antes?

— Trabalho na casa de Alberto Bianchi — disse ela, lacônica. — O que é que faz lá?

Então, ela era outra dessas mulheres que jamais tinham trabalhado na vida, que aceitaram um "empreguinho engraçado" para mostrar que não estavam acabrunhadas com a Depressão.

— Sou manequim de vestidos., as outras mulheres os compram. — Tenho minhas dúvidas quanto a isso.

— É verdade, mesmo.

— Você quer dizer que é mesmo vítima da Depressão, trabalha para viver?

— Por 50 dólares por semana. Estou indo muito bem, por falar nisso.

— Conte tudo — convidou ele, certo de que não havia nada de que ela gostasse mais. Qual a mulher que não gostaria?

— Tudo? Você é um bocado grosso, sabia disso? Por que eu havia de lhe contar alguma coisa? Acho que nem ouvi direito o seu nome, seja qual for. Você estragou a minha gincana e agora está ficando completamente presunçoso. O que é mais, nem sequer me perguntou se eu gostava de champanha, antes de pedir.

— Você tem toda a razão — disse ele, agastado. — Peço mil perdões. Gostaria de beber outra coisa?

Isso já basta, obrigada — disse Maggy. Ela olhou em volta, não lhe dando mais atenção.

— Sra. Lunel, sou Jason Darcy, tenho 29 anos e nasci em Hartford, Connecticut, de uma família respeitável. Nunca estive preso, não roubo no pôquer, adoro animais, minha mãe fala bem de mim e em geral sou mais educado do que posso tê-la feito imaginar.

— Isso é "tudo" mesmo? — perguntou Maggy, permitindo-se dar-lhe um leve sorriso.

— Sou editor, *Mode*, *Women's Journal* e *Country Living*.

— Tiens, bens, três revistas para um homem só — disse ela. — O que, exatamente, é que faz um editor? Além de ser desagradavelmente curioso diante de senhoras desconhecidas?

— Exatamente? Sou o patrão.

— Que explicação tão pouco elucidativa. De quem é patrão? E por que é patrão? Seja mais preciso, por favor.

Ele olhou para ela, percebendo a zombaria mal disfarçada. — Não podia ficar um pouco mais impressionada? — Deveria ficar? Não tenho idéia do que faz um editor.

— Eu inventei as revistas, resolvi como deviam ser, fiz mira no meu público, estabeleci os padrões e formas. Os redatores me prestam contas, bem como os departamentos comerciais e todos os que produzem as revistas, fisicamente.

— Isso é um império editorial? — perguntou Maggy. Como o império editorial do Sr. Hearst, por exemplo?

— O meu é mais um reino do que um império — reconheceu Darcy.

— Quanta modéstia, Sr. Darcy.

— Não sente um prazer especial em tomar champanha com um editor bastante importante?

— Já estou muito velha e sabida para um prazer surpreendente, Sr. Darcy.

— Darcy.

— Darcy. O pouco que já vi do mundo me deixou blasée, esfalfada, estragada e, pior que tudo, com fome.

— Logo depois do jantar?

— O jantar é uma refeição que sempre me deixa com fome. — Que tal picadinho de galinha? É a especialidade da casa. — Sobras, que barbaridade infantil.

Maggy não se sentia tão impulsiva, tão para—o—diabo—com—tudo, tão inebriantemente esplendida desde que chegara aos Estados Unidos. Ah, mas era divertido tomar a fazer um homem de bobo, pensou ela. Os homens foram inventados para fazerem papel de bobos... era só para isso que prestavam, mais nada. Paula já tinha dito isso e Paula tinha razão.

Jason Darcy não podia parar de olhar para Maggy. Ela lançava mais chamadas do que uma opala negra, com aqueles olhos dourados esverdeados e os cabelos cor de laranja, reluzindo sobre a forma linda de seu crânio, abrindo—se em ondas logo abaixo do queixo — tinha o brilho corado de uma criança correndo às soltas na primeira neve do inverno. Quem era Maggy Lunel, que diabo? Não era uma corista nem mulher de sociedade. No entanto, ele achava que sabia tudo de todas as mulheres mais bonitas da cidade.

— Já sei! Você é a nova garota Powers.

— E o que é que será isto? — perguntou Maggy, curiosa. Recentemente, ela ouvira essa expressão ser muito usada, mas nunca tivera o tempo nem o interesse de perguntar por esse estranho americanismo.

— Um modelo fotográfico, da Agencia John Robert Powers. Vamos, pare de fingir que não sabia.

— É verdade, não estou metida nesse mundo. Apenas modelo cópias dos originais de Paris e ajudo a organizar os desfiles de modas da sociedade. A casa de Bianchi nunca usou uma garota de Powers.

— Bem, é uma questão de tempo, pois Powers está crescendo cada vez mais. Ele montou o negócio há uns dois anos e desde então todas as agencias de publicidade e revistas começaram a usar fotografias, em vez de desenhos. — E quanto ganham essas garotas Powers, quando trabalham?

— Ao que eu me lembre, começaram por cinco dólares a hora, nos primeiros tempos, mas agora as melhores estão ganhando 15.

— Quinze dólares por hora! Isso é uma fortuna! — Maggy estava assombrada.

— Isso mesmo, especialmente se a garota trabalha muito. E elas estão cada vez mais ocupadas, a despeito da Depressão. Hoje um negócio tem de anunciar ou afunda. E não há nada melhor para vender um produto do que uma garota bonita.

— E o Sr. John Robert Powers, quanto é que ele ganha? — Ganha dez do que os modelos ganham.

— E quantos modelos tem trabalhando para ele? — persistiu ela.

— Não tenho certeza... acho que uns 100, inclusive os homens e crianças. Se você for mesmo apenas uma manequim de modas que ganha 50 dólares por semana, devia estar trabalhando para ele.

— Obrigada — disse Maggy, distraída.

Jason Darcy ainda não estava nada convencido de que Maggy fosse o

que dizia ser, não porque alguma coisa que ela lhe tivesse dito fosse impossível, mas porque havia nela alguma coisa tão rara, na experiência dele, que ele ficava desconfiado.

Maggy Lunel não estava procedendo normalmente. Não havia nada no jeito dela, seus olhos, ou suas palavras que indicassem que ela estivesse procurando atraí-lo, e isso, para Darcy, era uma coisa incrível. Ele sabia, tão bem — ou melhor — quanto qualquer um que era um dos melhores partidos nos Estados Unidos. Tinha tudo: em primeiro lugar, aos 29 anos apenas, já tinha adquirido tanto prestígio que seria bom partido mesmo que fosse um gnomo. Além disso, ele era livre e rico, o que faria dele bom partido mesmo que fosse um lobisomem. Mas ele não era nem gnomo nem lobisomem, era um homem que reconhecía, cada vez que olhava no espelho, que era bonito, um acidente de genética que certamente não era de se desprezar.

Então por que, e como, essa mulher podia ficar ali bebendo o champanha dele, fazendo perguntas sobre a Agencia Powers, como se ele não passasse de uma fonte de informações?

Talvez ela estivesse amando? Era a única explicação razoável. No entanto, fora à festa sozinha. Ele sentiu em si um furor para saber mais a respeito de Maggy, enquanto ela parecia fazer um desenho no ar, com o gesto de suas mãos eloquentes.

— E onde está esse tal de picadinho de galinha? — perguntou ela, de repente. — E por que a minha taça está vazia? Vamos dançar?

Ela falava com naturalidade e não com provocação, notou ele, novamente assombrado. Mas a vivacidade dela era um triunfo.

— Mas e a gincana de Lally?

— Mas esse é um costume americano ridículo e aborrecido... não é o que você acha?

— Aonde gostaria de ir? O St. Regis Roof, o Embassy, o Cotton Club?

— Au Jockey — murmurou Maggy.

— O Jockey? — disse ele, intrigado.

— Eu disse isso? Não importa, já está fechado há anos. Vamos para o Harlem.

Adrien Avigdor estava pisando em terreno firme. Desde que Julien Mistral tinha ido morar em Félice, cinco anos antes, desde aquele casamento disparatado com Kate Browning, ele tivera três exposições individuais em Paris, todas totalmente vendidas, cada qual um triunfo maior do que a anterior.

Agora, na primavera de 1931, chegara o momento de ele expor em Nova York. Sua produção de quadros era pequena, ou melhor, ele pintava muito e expunha pouco. Mistral exercia ao máximo o direito legal de todo artista francês de obter, escrevendo uma simples frase nas costas de um quadro — Ne pas à vendre — o direito de impedir a venda de qualquer tela ou mesmo proibir a exposição da tela, embora tivesse um contrato com Avigdor para todos os quadros que ele efetivamente concordasse em vender.

Todos os anos, quatro meses antes da exposição planejada, Avigdor ia à Provença e passava uma semana exaustiva e difícil, hospedado em La

Tourrello, discutindo com Mistral sobre o seu novo trabalho. Uma vez, em 1928, Mistral não estava satisfeito com nenhum de seus quadros e no outono daquele ano não houvera exposição, lembrou—se Avigdor, com tristeza. Mistral destruía as obras de que não gostava numa fogueira anual, saltando em volta dela e jogando telas e mais telas dentro das chamas, como um demônio tirado de Hieronymus Bosch, um homem que, impiedosamente, alegremente, convidava Avigdor a assistir enquanto centenas de milhares de francos de pintura maravilhosa se transformavam em fumaça oleosa.

— Isso é para o caso de eu morrer de repente, Adrien, e você pôr as mãos em coisas que eu nunca quis que alguém visse. Quem havia de garantir que você não as venderia, hem?

Ele era desconfiado como os camponeses entre os quais morava e não confiava em ninguém, só em Kate. E só confiava nela até certo ponto. Obviamente não ao ponto de acreditar que ela obedecesse is proibições que ele rabiscava em letras grandes nas costas de centenas de pinturas.

Era uma agonia para Avigdor assistir is fogueiras monumentais de Mistral, mas havia certa satisfação ao perceber o fato de que, embora ele nunca tivesse algum Mistral a mais para vender, terminada uma exposição, nenhum outro negociante em Paris jamais tivera um único quadro do pintor. Ao que Avigdor soubesse, nenhum colecionador que comprasse um Mistral o revendia. O próprio Mistral sempre conservava os seus favoritos.

Os preços do homem tinham subido além de tudo o que Adrien planejava, por causa da escassez de suas obras disponíveis. Mas, afinal, pensou Adrien, só havia 36 Vermeers no mundo; será que Mistral sabia talvez o que estava fazendo?

Em todo caso, não devia ser permitido que os artistas se casassem com mulheres ricas, pois isso lhes dava liberdade demais. Não importa; Mistral afinal concordara em fazer uma exposição em Nova York, de obras novas e seleções de sua produção desde 1926. Vários colecionadores americanos iam emprestar seus quadros, de modo que a exposição seria grande. Muitos críticos de arte de jornais e revistas americanos já estavam em contato com Avigdor. Vanity Fair encomendara um artigo extenso sobre ele e Man Ray fora a Félice, fotografar Mistral em seu estúdio. Mark Nathen, cuja galeria era a melhor de Nova York, estava planejando um vernissage que atrairia todo o mundo social e artístico de Nova York. A exposição seria um dos principais acontecimentos da primavera de 1931, pois todos, no pequeno mundo restrito das artes, estavam incrivelmente curiosos para ver o trabalho daquele homem, que vivia como um ermitão, metido no Lubéron, indiferente à sua fama crescente, cada vez mais lendária.

— Antes de jantar, acho que podíamos passar pela estréia da nova exposição de Nathen — propôs Darcy a Maggy, ao telefone.

— Que exposição? — perguntou ela, sem interesse. Ela não tinha tempo para se manter a par da variada vida cultural da cidade.

— Mistral, o pintor francês. Deve ter ouvido falar dele.

Ela ficou segurando o telefone numa das mãos, enquanto com a outra se firmava contra o consolo da lareira, sentindo o seu coração martelar

cruelmente contra os seios. O choque do nome de Mistral, pronunciado tão inesperadamente, transformara sua mente numa pedra de gelo. Seu estômago se contraiu, de medo. Por que medo, pensou ela? Maquinalmente, ela disse:

— Sim, sei quem ele é, mas não me sinto bem para sair hoje a noite.

— Maggy, o que é que há?

— Estou tão cansada que não consigo me mexer, cansada demais para me vestir... acho que estou ficando gripada.

— Estou muito, muito decepcionado — disse ele, sério.

— Eu também.

Nas três semanas desde que conhecera Maggy, Darcy a convidara para sair muito mais freqüentemente do que ela estava disposta a ir. Cada vez que ele a via, ficava mais perplexo diante da sua reserva profunda, sua recusa delicada, mas obstinada, a falar de si. Parecia que ela lhe contara tudo quanto jamais lhe contaria, naquela noite da gincana. Sempre insistia em se encontrar com ele num bar clandestino ou num restaurante. Nunca lhe ofereceu hospitalidade alguma e quando ele a deixava no elevador de seu prédio, pois não o convidava para subir, Maggy lhe apertava a mão rapidamente, sem ao menos se aproximar o suficiente para ele arriscar um beijo rápido.

Na limusine, ela se sentava longe dele, as mãos dobradas no colo; ela dançava com uma tensão no corpo que impunha uma cerimônia delicada mas insistente, que transformava uma canção como A Noite Foi Feita para o Amor numa sátira. Ela seria frígida, estaria com medo, estaria sofrendo de um raio de neurose francesa de que ele nem ouvira falar? Teria alguma coisa a ver com ela ser viúva?

Darcy pensava sobre ela com uma curiosidade obcecada, pois sua viuvez e a existência de Teddy eram dois dos poucos detalhes de sua vida que ela deixara escapar. Ele examinou o pouco que sabia sobre ela com tanta fascinação como se fosse um pedaço de um mapa que levaria a um tesouro escondido, mas ela continuava mordaz, distante, serena e misteriosamente impossível de conhecer. O pior, diabos, é que ela era tão intocável como uma princesa numa torre de marfim. De vez em quando, quando ele falava com ela, tinha a desconfiância mais insuportável de que alguma coisa que ele tivesse dito a estava fazendo passar por uma agonia educada de riso reprimido, mas ele nunca a pilhara nisso. Que audácia colossal tinha aquela mulher!

— Olhe, eu ligo amanhã, mas cuide—se bem, não vá ficar doente. Vai se deitar cedo? — perguntou ele, aflito.

— Vou — concordou ela, sem expressão. — Vou sim, prometo.

Jason Darcy, vagando desconsolado pela Galeria Nathen, pilhou—se pensando que, pelo menos, Maggy Lunel devia gostar dele. Darcy, requestado, figurinha difícil, poderoso, orgulhoso, começou a rever suas virtudes para compensar o fato de que nunca conseguira sequer chegar perto dos lábios dela. Então, depressa, como um homem que mexe na gravata para ter certeza de que está na posição certa, ele disse para si

mesmo que estava sendo muito absurdo, empilhando um bem terreno sobre o outro, relacionando suas revistas, sua casa bem organizada, seu diploma Summa Cum Laude de Harvard, sua juventude, sua saúde, sua mesa cheia de convites e solicitações de todas as partes dos mundos tocados por suas publicações, como que para provar que ele tinha valor bastante para ser admitido aos jardins ocultos do mundo particular e bem guardado de Maggy Lunel.

Ele olhou para a multidão na Galeria Nathen, surpreso ao ver a variedade de pessoas de Nova York que estava vendo ali. Conhecia muitas delas e, escutando o rumor endinheirado das conversas, pensou que parecia mais o Metropolitan Opera no intervalo do que um acontecimento artístico. Ele supunha que o número despropositado de mulheres da sociedade que ele reconheceu estivesse ali porque a exposição fora organizada em benefício do Hospital das Crianças; era raro encontrar os Whitneys, os Ochs, os Kilkullens, os Gimbels, os Jays, os Rutherfords e os Vanderbilts todos misturados com as caras mais famosas de Greenwich Village e de Southampton.

Então, enquanto Darcy começava a olhar para os quadros, seu leve interesse pela composição do grupo ali presente desapareceu. Teve a sensação repentina de ter sido carregado por duas mãos grandes e fortes e depositado num novo horizonte. Cada um dos quadros parecia um passo por um caminho para um outro mundo, um mundo alternativo, um mundo melhor. O raciocínio, a deliberação, a lógica, o tempo e o próprio espaço em si, tudo se dissolveu numa radiância sem qualificativos, um esplendor de pintura que tinha a estrutura de uma substância viva, que respirava.

No entanto, perguntou—se Darcy, o que é que esse homem escolheu para pintar? Uma mesa de um café e suas cadeiras, sob um toldo cor de laranja, um bosque de choupos vibrando no calor, uma cesta de feira cheia de pão, rabanetes e um ramo de dalias, uma mulher abaixada num jardim de manhã... os temas mais simples, nada que não tivesse sido pintado por mil pintores, antes de Mistral.

No entanto, a emoção do artista, olhando para seus temas, de tal modo se misturara com as imagens que ele usara na tela que fora criada uma transparência, através da qual era lançada uma ponte do mundo em que Mistral sentia para o mundo em que o espectador vivia, de modo que, por um momento, Darcy passou a existir com os olhos de Mistral, Darcy entrou na visão de Mistral.

Assombrado, pensando, animado com o desabrochar de seus sentidos, sentindo—se como se tivesse saído de Nova York e entrado numa terra aberta, ensolarada, cheia de nuvens, Darcy percorreu a grande galeria, sem reparar, ao entrar na última sala, que esta se encontrava anormalmente cheia e zunindo com as conversas.

Maggy! Ele teve um tremor violento, seus cabelos se eriçaram na nuca, ao se defrontar com as grandes telas de Maggy em todas as paredes, nua e tão largada, oferecendo a glória de sua pele, exposta, sem pudor, mais feliz do que ele jamais sonhara que ela pudesse ser, à disposição de todos os

olhares, Maggy, mais erótica, mais violentamente e generosamente sensual do que ele jamais vira, pintada ou em carne e osso.

O desejo, o desejo palpável como a fumaça, um desejo pungente, faminto e cru tremia nas telas de Maggy, com as pernas esparramadas, deitada numa cama desfeita, um dos braços pendurado para o chão; Maggy com os cabelos molhados, lavando entre as pernas com um pano ensaboad; Maggy atirada num monte de almofadas verdes, rindo, os bicos dos seios ternos e inchados, os pêlos captando um raio de luz, de modo que cada filamento ruivo parecia vivo e destacado.

De pé ali, imóvel, congelado, incapaz de desviar o olhar dos quadros, ele percebeu as palavras no meio das conversas da sala. Havia uma excitação deliciosa, aguda, mal reprimida na algazarra que recebe qualquer escândalo declarado.

— Manequim de Bianchi, meu bem, aquela francesa... amante... Per— Kilkullen, claro., que pele... eu os vi juntos no Maxim's... você disse Bianchi?... viúva uma ova... seios incríveis... não tiveram um filho?... eu a conheci em casa de Lally, sim, tenho certeza... um filho, por certo... como é que o comitê do hospital deixou passar isso, nunca hei de saber... os Kilkullens vão... um escândalo... não seja tão provinciana... escândalo... pintados quando, você diz?... Manequim de Bianchi... coitada da Mary Jane... o que, de Perry?

Por que diabo não os pintara com esperma?, pensou Darcy, por que simplesmente não foder a tela? Ele se sentiu sacudido por um riso incontrollável. A vida nunca o atacara tão inesperadamente. Aquela donzela pura, aquela princesa controlada e arredia... ah, como o tapeara lindamente! Que mulher formidável ela era! Sua admiração por Maggy cresceu dentro dele, como uma grande risada, enquanto olhava as caras de todos os homens na sala, os olhos avidamente percorrendo as telas — apostava que a metade estava tentando controlar os paus endurecidos, pelo menos ele estava. Ah, Maggy, Maggy querida, então 'você ouviu falar de Mistral', não é? E quantas vezes ele parou de pintar para trepar com você? Como, aliás, ele conseguia dar atenção à tinta e pincéis? O homem devia ter a concentração de um cortador de diamantes, para conseguir fazer algum trabalho, nessas circunstâncias. Ah, Maggy, nenhuma mulher jamais me surpreendeu assim... sinto—me de novo virgem, como se tivesse 15 anos. Bravo!

Ao meio—dia no dia seguinte, Maggy estava desempregada. Ela não culpava Bianchi; evidentemente, ela não teria mais utilidade para ele. Ele recebera uma dúzia de telefonemas indignados, antes de pedir que ela fosse falar com ele e, se nenhum deles chegara a usar a expressão "mulher perdida", foi só porque sabiam que era antiquado. Evidentemente, Maggy nunca mais poderia organizar um desfile de sociedade e, quanto ao serviço normal de manequim da casa, a fama dela atrapalharia os vestidos. As pessoas iriam ver a causa do escândalo, mas nem sonhariam em encomendar os vestidos que ela usasse. O simples fato dela vestir um vestido o tornaria inútil.

Despedindo—se de Maggy, dando—lhe um cheque para duas semanas

de ordenado, Alberto Bianchi sentiu duas emoções: pesar por perder essa manequim valiosa e uma impaciência ardente para correr até a Galeria Nathen, para ver pessoalmente como Maggy era inteiramente nua... Deus sabe, ele tinha perdido bastante tempo imaginando.

Darcy tentou falar com Maggy na Casa Bianchi assim que saiu da Galeria Nathen, mas não conseguiu. Telefonou várias vezes para a casa dela, mas Maggy se recusou a atender ao telefone, mesmo para Lally, que também ligou várias vezes. Pediu à babá Butterfield que atendesse ao telefone e dissesse que ela estava fora e não voltaria tão cedo.

Quando não conseguiu falar com Maggy por telefone, Darcy foi ao apartamento dela, mas o porteiro tinha ordens severas para não deixar subir ninguém, a não ser as suas encomendas. Ele mandou flores duas vezes por dia, com bilhetes pedindo que ela lhe ligasse, para o escritório ou para casa, noas ela não fez nada disso. Ele se postou, impaciente, na esquina do prédio dela, durante horas, mas ela nunca apareceu. Ele fez tudo, só faltando se disfarçar de mensageiro. Mal podia acreditar que estivesse procedendo daquela maneira, mas não conseguia sossegar.

Quatro dias depois da inauguração da exposição de Mistral, Darcy telefonou mais uma vez, de tardinha, na esperança de que ela agora pudesse estar disposta a sair de seu isolamento. Maggy estava no banheiro quando o telefone tocou, a babá Butterfield estava preparando o jantar de Teddy e foi Teddy mesma quem ousou atender ao telefone, coisa que lhe era proibida.

Ela estava com três anos, idade áurea para as meninas, uni de seus anos de glória. Teddy já estava acostumada com as exclamações dos estranhos no jardim, — que viam a stia beleza pela primeira vez, e já sabia que havia certas regras que ela podia desobedecer sem ser repreendida, só por causa de seu físico. No entanto, essas regras ainda se aplicavam em casa; a babá e Maggy procuravam ser severas com ela, porque tinham a convicção mútua de que seria fatalmente fácil mimá-la. Um telefone tocando já era objeto de uma veneração ávida para Teddy. Ela pegou o fone com um prazer culpado e disse um alo abafado.

— Quem é que está falando? — perguntou Darcy, pensando que tinha ligado o número errado.

— Teddy Lunel. Quem é você?

— Um amigo de sua mãe. Olá, Teddy.

— Olá, olá, olá. — Ela deu uma risada e esticou o pescoço. — Tenho uns sapatos vermelhos novos.

— Teddy, sua mãe está aí?

— Está, mas não quer falar comigo? Como se chama?

— Darcy.

— Olá, Darcy, olá, Darcy. Quantos anos você tem?

— Olá, Teddy... tenho... ah, não tem importância... sua mie está aí?

— No banheiro... não, está aqui... maniac, telefone para você.

Teddy deu depressa o fone para Maggy, que olhou em volta aflita, procurando a babá Butterfield, quase recolocou o fone no gancho, mas afinal

estalou os dedos, irritada, e disse, com rispidez:

— Pronto.

— Maggy, graças a Deus, pensei que você nunca mais ia sair de seu esconderijo.

— Não estou — me escondendo! — disse ela, furiosa.

— Hibernando, então. Sua filha parece um amor, muito mais simpática do que você. Que tal jantarmos hoje à noite? — Positivamente não. Não vou sair.

— Mas você é a sensação de Nova York.

— Darcy, você nunca foi maldoso.

— Estou dizendo a verdade. A galeria está cheia de gente que ouviu dizer como você é deliciosa. Você é considerada a beldade da década.

— Um succès de scandale... você acha que estou atrás disso?

— Isto é Nova York, Maggy, e qualquer sucesso é sucesso, ninguém se importa qual a base, contanto que se fale da gente — disse ele, procurando fazer com que ela se sentisse melhor, do único jeito que sabia.

— Se fosse assim, eu ainda teria o meu emprego — respondeu Maggy, magoada com o materialismo dele. Não compreendia como ela estava constrangida, humilhada?

— Isso é outro assunto. Bianchi tem de apaziguar suas freguesas, mas elas não são tudo, nessa cidade... ah, pensam que sino, mas não contam mesmo, a não ser no mundo delas.

— Não obstante, Darcy, eu ganhava a vida era nesse mundo, fosse o que fosse.

— Maggy, lembra—se do que eu disse de você ser uma garota Powers... por que não vai procurá—lo?

— Não! — exclamou Maggy, com aspereza. — Nunca mais vou ser modelo, por motivo algum. Já fui modelo de pintor e modelo de modas... tinha 17 anos quando comecei e agora estou com 23 e desempregada... ,e jamais consegui ganhar mais de 50 dólares por semana. Não, obrigada, isso não é para mim, não me tem adiantado muito, tem? Por outro lado... bem... acho que deve ser tolice minha... — ela parou, sem querer continuar.

— Diga, Maggy, vamos.

— É uma idéia tola. Não, não... talvez não inteiramente tola... você se lembra de ter dito que Powers tinha 100 modelos trabalhando para ele e que ele recebia dez por cento do que elas ganhavam?

— Claro que me lembro. E daí?

— Estou acostumada a dizer aos modelos o que fazer e como fazer. No Bianchi, todas as garotas me procuravam, para pedir conselhos... é uma coisa que pareço saber com as pontas de meus nervos. Não tenho idéia de que os fotógrafos exigem de uma pequena, mas não pode ser assim tão diferente do que os pintores esperam, de modo que, bera... pensei que eu podia experimentar... abrir uma agência para mim! — concluiu ela, num tom de desafio.

— Concorrer com John Robert Powers? — perguntou ele, duvidando.

— E por que não? O que é que um homem faz que eu não poderia fazer?

E talvez até melhor? Ele é apenas outro tipo de negociante, e já conheci dúzias.. pode crer, não há nenhuma magia neles. — Ela continuou, incentivada pela reação de dúvida dele. — Acontece, Darcy, que tenho um pouco de capital para arriscar.

— Maggy, você é mesmo maravilhosa! Você quer parte do negócio de Mode, Women's Journal e Country Living?

— Claro que sim! Ah, Darcy, poderia acontecer, poderia acontecer mesmo, não?

— Já aconteceu! — Como ele sentira falta daquela risada de Maggy! Fazia o mundo dançar. — Maggy, venha comigo esta noite para comemorar... champanha para batizar a nova agência?

— Com uma condição... você tem de deixar que eu pague.

— Por que, pelo amor de Deus?

— A Agência Lume! deseja oferecer champanha ao seu primeiro cliente.

Ah, merda, pensou ele, merda! Ele se deu conta, muito tarde, muito tarde mesmo, que adorava essa mulher impossível, que ele praticamente tinha iniciado num negócio próprio.

— Você tem razão, Maggy — disse Darcy, com tristeza. — Você não tem mesmo muita coisa a aprender.

Capítulo 14

A s Garotas de Maggy, como todos chamavam as modelos da Agência Lunel, a princípio eram apenas um punhado escolhido, mas em breve suas fileiras passaram a contar com várias dezenas; moças requintadas, moças que eram tão mais glamourosas, tão evidentemente mais sofisticadas do que suas únicas rivais, as "Beldades Americanas de Hastes Longas" de Powers, muitas vezes sadias mas provincianas.

As Garotas de Maggy atravessaram a década de 30 como se não existisse a Grande Depressão. Usando grandes orquídeas roxas pregadas a seus vestidos de baile sem alças, de saias largas, elas afastavam a realidade, dançando no Stork Club e no El Morocco, acompanhadas de pelo menos dois homens em cada braço. Personificavam o escapismo para milhões de americanos que enchiam os cinemas para ver filmes sobre gente rica, em cujas vidas todos os telefones eram brancos. Conforme dizia a séria reportagem da Vogue, de que os novos chapéus tinham "abafado as discussões sobre a Bolsa de Valores e a ascensão do Sr. Hitler", as Garotas de Maggy enchiam a necessidade ávida do público de se divertir, ainda que indiretamente. Uma enquête do New York Daily News perguntou às mulheres se elas preferiam ser estrelas de cinema, uma debutante ou uma das modelos da Lunel e 42% disseram que prefeririam trabalhar para Maggy.

Enquanto Maggy prosperava em Nova York, Julien Mistral pintava, numa febre de energia, em Félice. Ele entrara em seu "Período

Intermediário", que deveria durar mais 20 anos. Não pintava mais, como fizera na década anterior, cenas ou objetos que lhe chamavam a atenção ao acaso. Ele agora se dedicava, por dois ou três anos de cada vez, a um assunto só e dessa concentração dos milhares de estudos e esboços que fazia, e depois destruía, surgia uma série de quadros, por vezes só uns 12, de outras vezes até 35.

Défense d'Afficher, sua série de quadros de muros cobertos por cama das e camadas de cartazes descascados, foi o primeiro dessa série histórica.

Depois veio Vendredi Mana, imagens da fartura da feira semanal que se realizava em Apt. Stella Artois, série que teve o nome da cerveja favorita de Mistral, iluminou como nunca a intensa vida interior dos homens da aldeia, que passavam as tardes no café de Félice, bebendo, jogando, conversando. Jours de Fête, a mais importante das séries do Período Intermediário, foi inspirada pelas comemorações em cada aldeia do Lubéron no dia de seu santo padroeiro, um dia de montanhas de algodão—doce e crianças tontas montadas nos cavalinhos de pau, procissões e fogos de artifício, superexcitamento e nascentes paixões campestres.

Mistral passava todos os dias no seu estúdio, desde a hora do café da manhã' ao jantar. Levavam—lhe carnes frias e uma garrafa de vinho, numa bandeja, e ele devorava tudo de pé diante de uma tela; sem saber o que estava comendo. Kate aproveitava a oportunidade dada pela renúncia do marido a tudo que não fosse seu trabalho, para controlar cada vez mais os negócios dele. Ela é que tratava de todos os contratos com Avigdor, fazia a correspondência com as galerias em muitos países que queriam expor as obras de Mistral, era ela quem tinha nas mãos as rédeas da administração da fazenda.

Uma vez por ano, por ocasião da colheita, Mistral largava o seu estúdio e trabalhava nos campos com os homens, mas quanto ao resto, vivia num mundo só dele. Não tinha tempo para ler jornal. As mudanças políticas na Europa não lhe interessavam mais do que a cauda de penas de galo no último modelo de vestido de baile de Paris. Quanto ao torneio de boules em Félice, isso sim, ainda lhe significava alguma coisa, mas o incêndio do Reichstag foi um acontecimento inteiramente desprovido de interesse. Se ele visse que estava na décima bisnaga de umbra crua, ele se enraivecia, mas quando soube, por seus amigos do café, da catástrofe de Dust Bowl, aquilo não o afetou, nem o levou a dar uma palavra de comiseração. Ele se interessou tão pouco pela agressão italiana à Etiópia quanto por um herói de história de quadrinhos.

Julien Mistral estava no auge de suas faculdades, em paz consigo mesmo, afinal, e seu egoísmo natural só era reforçado pela certeza de que nunca pintara tão bem. Como é que alguma coisa que estivesse acontecendo no mundo podia ter importância, se ele acordava de manhã com uma necessidade imperiosa de se postar diante de seu cavalete ardendo em todas as células de seu corpo? Nenhum destino humano, nenhuma corrente da história, tinha o poder de afetá-lo, enquanto ele soubesse que nada podia impedi-lo de passar o dia em seu estúdio.

Kate Mistral, ao contrário, nunca perdia o contato com a vida além de Félice. Ia a Paris várias vezes por ano, para ficar em contato com o mundo das artes e comprar roupas, pois, embora morasse no campo, continuava bem vestida em todas as ocasiões. Trabalhava intimamente com Avigdor, para as exposições de Mistral, como fizera com a primeira, e representava o marido nas vernissages a que ele sempre se recusava a comparecer. De vez em quando, ela o deixava só por um mês e ia a Nova York, visitar a família. Ele quase nem notava essas ausências.

Em consequência da Depressão, Kate não era mais rica. Com uma percepção tardia, ela tivera sorte por utilizar tanto do seu capital para comprar a propriedade de La Tourelle. Embora tivesse cumprido a promessa, para conquistar Mistral, e lhe tivesse dado posse da terra com seu dote, fora um excelente investimento. O marido não tinha a menor idéia de como estavam ficando ricos. Os muitos hectares férteis que cercavam a mas estavam cheios, organizados e agradáveis, repletos de frutos e legumes destinados aos atacadistas de Apt. Tinham belos porcos, bandos de galinhas e patos, alguns cavalos, a última palavra em maquinaria agrícola e muitos braços para cultivarem as safras. Sempre que apareciam à venda mais terras novas, adjacentes, Kate as abocanhava. A fazenda em si podia sustentá—los confortavelmente, pensou ela, com satisfação, enquanto contava e recontava as importâncias cada vez maiores da venda de quadros, que ela depositava no banco em Avignon.

Embora a conta do banco, naturalmente, estivesse em nome de Mistral, ele tinha tanta aversão a se aborrecer com assuntos de dinheiro que deixava todas as suas finanças nas mãos dela. Isso compensava, em muitos sentidos, a falta de comunhão íntima da qual Kate tinha uma vaga percepção no centro de sua vida com Mistral. Ele raramente lhe falava de seu trabalho, nunca pediu para pintá—la, por causa do que ele explicou ser um acabamento fosco na pele dela, que impedia que a luz entrasse nela, e quase nunca a convidava para visitar o estúdio. No entanto, Kate se tomara unia dona de casa famosa. A mas era extremamente confortável e todos os que ela ou Mistral conheciam em Paris foram convidados para passar fins de semana prolongados. Kate tinha orgulho da casa e adorava exibir La Tourelle.

Durante os períodos do ano em que os jogadores de boules se juntavam ao ar livre, atrás do café, Mistral quase sempre ia ter com eles, depois de acabar de pintar, só voltando para jantar quando terminava a última partida. No inverno, quando fazia muito frio para jogar boules, ele trabalhava o dia todo e ia se deitar cedo, como u n lavrador exausto. No entanto, ela possuía o corpo dele, aquele corpo maciçamente apaixonado e sempre faminto, e a avidez rude e franca com que ele freqüentemente se voltava para ela e se satisfazia sempre era o suficiente para lhe dar um orgasmo, pois Kate existia num estado de excitação imediata, provocado por viver dentro de um campo de sensualidade sempre que ela pensava no marido. Bastava ele murmurar "paciência, Kate, paciência", e ela estava preparada para ele.

Ela continuava tão viciada em Julien Mistral como sempre estivera, percebeu Kate, sentada no andar de baixo, sozinha junto à grande lareira, depois que ele foi para a cama. Ela não lamentava ter perdido a vida mundana que levava antes de conhece-lo. O pouco de Julien Mistral que não pertencia ao seu trabalho era inteiramente dela, tinha certeza. Ela sorriu para as brasas, segura dentro dos muros grossos de La Tourrelle, enquanto as folhas de outono voavam lá fora e uma lua baixa e vermelha se erguia sobre os campos gelados e vazios, as vinhas despidas.

Kate se envolveu o mínimo que pôde com a Guerra Civil Espanhola, em 1936 — "espanhóis contra espanhóis", disse ela, preservando sua paz de espírito, pois ela, ao contrário de Julien, lia os jornais. No dia 30 de setembro de 1938 foi assinado o acordo de Munique, e milh5es de franceses, bem como ingleses e alemães, se disseram, com alívio, que não haveria guerra.

No verão de 1939, Kate, que há dois anos não via a família, foi fazer uma visita a Nova York. Sua cidade natal estava especialmente alegre devido à Feira Mundial, com seu tema "O Mundo de Amanhã".

Dois meses antes, Hitler ocupara a Tchecoslováquia, mas diariamente 28,000 pessoas, para quem esse acontecimento distante não tinha nenhum significado especial, faziam fila para visitar o "futurama", onde assistiam à versão maravilhosamente convincente da General Motors do ano de 1960. Seria, uma era em que os automóveis a diesel, custando 200 dólares cada e em forma de gota de chuva, correriam em estradas livres de acidentes; haveria uma cura para o câncer; leis federais protegeriam todas as florestas, lagos e vales; todos teriam dois meses de férias todo ano e as mulheres teriam uma pele perfeita aos 75 anos.

— Kate, você tem de voltar para casa — disse Maxwell Woodson Browning, o tio preferido de Kate, que fora diplomata de carreira antes de se aposentar. — Vai ser perigoso ficar na Europa.

— Tio Max, por que é tão pessimista? E o Pacto de Munique? Hitler com certeza já tem o que quer. E ele não há de fazer a tolice de tentar alguma coisa contra a França... temos a Linha Maginot, e os soldados de Hitler não passam de uma pobre rale mal equipada... todo mundo sabe disso. Os alemães não têm armas, nem mesmo as fardas deles são feitas de lá verdadeira.

— Propaganda! Não acredite no que ouve.

— Que bobagem! Por que os jornais e o rádio da França hão de estar cheios de propaganda? Não são livres para publicar o que acreditam?

— Kate, a situação é mortalmente séria. Estou em contato com uma porção de homens que acreditam, como eu, que é apenas uma questão de tempo até que Hitler tente invadir o resto da Europa. Você poderia facilmente ficar presa lá, durante uma guerra.

— Mas, Tio Max, ninguém quer uma guerra, ninguém quer lutar de novo, você não está sendo alarmista?

— Kate, você ficou uma boba!

Diante dessas palavras de parte de um homem que ela sempre tinha admirado e respeitado, Kate Mistral começou a prestar atenção ao que ele

estava tentando lhe dizer. No fim da noite, ela estava tão convencida que imediatamente escreveu para Julien, a fim de que ele fosse para os Estados Unidos.

Quando Mistral recebeu a primeira carta, largou — a de lado, sem relê-la. Uma tal aberração nem valia o selo posto na carta. Ele estava ocupado, criando um conceito para uma nova série de quadros de olivais. Nessas ocasiões, ele se tornava extremamente protetor quanto aos seus processos mentais. Nada devia se intrometer nessa fermentação lenta e firme. As cartas seguintes de Kate, cada vez mais frenéticas, por fim o obrigaram a responder. E ele escreveu, zangado e sucintamente, que ninguém na aldeia achava que haveria uma guerra. Hitler não tinha coragem de enfrentar o exército francês. Os parentes de Kate não sabiam que os ingleses tinham arrumado as coisas com um bom senão surpreendente, pelo menos uma vez na vida?

Kate então resolveu tomar conta da situação e começou a procurar, ao norte de Danbury, o tipo de fazenda em que Mistral pudesse ser feliz. Tinha certeza de que, quando os fatos fossem se tornando mais sinistros, ele veria que ela estava com a razão, como sempre estivera, em toda a sua vida em comum. Conhecendo Julien, ela sabia que era da máxima importância arranjar — lhe um estúdio confortável, antes de poder esperar que ele se mudasse. Mas então ele a acompanharia, como sempre, relutando até o final. Ela voltaria a Félice para levá-lo de volta, assim que tivesse instalado um estúdio.

No dia 1º de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polónia e, dois dias depois, a Inglaterra e a França, comprometidas por um tratado a defender a Polónia, relutantemente declararam guerra à Alemanha.

Ainda havia tempo para Julien Mistral sair da França, se ele realmente o quisesse, e foi o que milhares de franceses fizeram, mas ele agora tinha começado a pintar de verdade a série que seria chamada *Les Oliviers*. A luz passara a ter aquele colorido dourado profundo que significava que o verão tinha acabado e o vento, aquele mistral rude, gelado e estimulante que ele amava, tinha soprado todo o fulgor para longe dos bosques de oliveiras, e ele estava mergulhado numa concentração cega e inclemente. Mistral estava tão incapacitado de pegar suas coisas e se mudar de Félice quanto estaria uma mulher nos últimos estágios de um parto.

Durante todo o inverno, em seu estúdio, Mistral pintou as oliveiras de verão, aquelas árvores estranhas e mitológicas, hermafroditas, com seus troncos antigos e masculinos, retorcidos, brutais, quase feios, acima dos quais surgiam ramos e folhas femininos, prateados e esguios, juntando — se num diálogo constante com o sol.

Quando Mistral ia a Félice, achava os ânimos calmos no café. Depois da denota da Polónia, não houvera mais agressões, de lado a lado e todos concordavam em achar que certamente deveria haver um meio que não fosse a luta real para se sair dessa drole de guerra, que os próprios alemães tinham chamado de *Sitzkrieg*. Mas, enquanto Mistral não pensava em nada senão suas oliveiras, os alemães, refeitos e descansados, dominaram a

Europa. No dia 17 de junho, 1940, Pétain, o velho marechal do exército, agora primeiro—ministro da França, pediu um armistício ou trégua, ou rendição ou um cessar—fogo, dependendo das convicções políticas de cada um. A armadilha estava fechada.

"Por que agora", praguejou Mistral, com violência, maldizendo sua má sorte. "Por que agora, quando tenho tanto a fazer! Por que agora, quando não posso perder um segundo, por que agora, quando estou pintando como nunca, por que agora, essa interrupção nojenta? Continua a não haver uma loja de tintas decente em Avignon. E o que é que vou fazer para obter telas novas?"

Ele andou pelo estúdio, esbravejando, empilhando as telas novas e contando, com ar sombrio, quantas restavam. Havia meses que não recebia encomendas de Paris. Ele, como todos os pintores, fazia estoque de tintas, mas quem sabia quando ia precisar de mais? E, como se isso não bastasse, se isso já não fosse bem rialdito, um diabo de problema para preocupá—lo, ainda havia a questão da mas. Desde que Kate partira em sua viagem aos Estados Unidos, a fazenda começara a deteriorar constantemente.

Jean Pollison, o jovem lavrador que Kate contratara antes do casamento deles para cultivar a terra, sempre contratara muitos homens a mais para ajudá—lo, durante a época do trabalho pesado, na primavera e outono; mas desde a primavera anterior não havia mais homens a contratar; ou tinham sido convocados e estavam agora nos campos de prisioneiros alemães, ou eram necessários em seus próprios sítios, para substituir outros homens que tinham ido servir o exército. Pollison fizera o possível, sozinho, ajudado pela maquinaria agrícola que Kate comprara e que os outros fazendeiros da região tanto invejavam. Mas agora ele fora procurar Mistral — chegara a interromper o trabalho dele, pensou Mistral, sem poder acreditar — dizendo que estava com medo de haver falta de gasolina para fazer funcionar as capinadeiras. O novo governo de Vichy estava começando a racionar tudo.

— Que merda, Pollison! Isso é lá comigo? — trovejou ele.

— Desculpe, Monsieur Mistral, mas achei que devia preveni—lo, já que Madame não está aqui.

— Pollison, faça o que puder, mas nunca mais me perturbe no meu estúdio, está entendendo?

— Mas Monsieur Mistral...

— Pollison — berrou ele —. Basta! Arranje—se sozinho, é para isso que está aqui.

Retirando—se rapidamente do estúdio, Jean Pollison pensou que, por mais que Monsieur Mistral fingisse fazer parte da vida da aldeia, por mais que fosse campeão de boules da região, por mais que pagasse rodadas de bebida para todos do café, ainda assim era um estrangeiro de Paris e nada jamais modificaria isso.

Cinco dias depois do cessar—fogo do dia 5 de junho, de tardinha, Marte Pollison bateu timidamente á porta do estúdio de Mistral. Ela em geral deixava a bandeja do almoço dele do lado de fora do estúdio, mas naquele dia, sua missão era tão importante que dominou o pavor que tinha que

enfurecê—lo.

— O que é? — gritou ele.

— Monsieur Mistral, preciso lhe falar.

— Entre, diabos! Que diabo é que você quer?

— Chegaram pessoas num carro cheio de bagagem, pedindo para passar a noite. Monsieur e Madame Behrman, com os três filhos. Eu disse para esperarem lá fora, até poder falar como senhor. Estão—se dirigindo para a fronteira, a fim de passar para a Espanha. Ele disse que não é mais seguro os judeus ficarem na França.

Mistral bateu com o punho grande na palma da mão, com raiva. Charles Behrman e a mulher, Toupette, eram velhos amigos. Ele conhecia Behrman, que era escultor, desde os tempos de Montpamasse. Eles alugavam o estúdio ao lado do dele, no Boulevard d'Arago, e muitas vezes davam comida a Mistral, quando ele estava duro. Mas eles agora tinham três filhinhos, e quando Kate os convidara para passar um fim de semana, vários anos antes, Mistral achara as crianças irritantemente levadas. Mistral pensou depressa. Era intolerável Behrman achar que podia aparecer assim de repente, com toda sua família irritante, esperando ter casa e comida. E quem sabe lá quanto tempo podiam querer ficar, depois que se instalassem? Se ele queria fugir para a Espanha porque era judeu, isso era problema dele. Afinal, a guerra tinha acabado e o cessar—fogo estava estabelecido em toda a França.

— Você disse que eu estava aqui? — perguntou ele a Marte Pollison.

— Não disse bem isso, só disse que teria de lhe perguntar antes de deixar eles entrarem.

— Volte e diga que não me encontrou, que eu saí e não sabe quando vou voltar. Diga que vote não tem licença para deixar que passem a noite aqui, sem minha permissão. "Livre—se deles, de qualquer jeito." Não os deixou entrarem pelo portão?

— Não, estava fechado.

— Bom. Faça com que eles vão embora, fique de olho neles até passarem da floresta de carvalhos.

— Sim, Monsieur Mistral.

No dia seguinte àquele em que os Behrmans tinham sido recusados em La Tournello, Mistral foi ao café em Félice e ofereceu uma rodada de passos aos amigos. Escutou com uma atenção desusada as palavras dos horneas no bar. Uma antipatia e amargura reais tinham começado a dividi—los pela primeira vez, desde que ele os conhecia. Homens que gostavam de discussões políticas bem—humoradas, compridas, havia anos, agora tinham —se colocado em duas facções zangadas: os que achavam que o cessar—fogo de Pétain tinha salvo a França e os que achavam que ele era um traidor.

Só havia um assunto em que todos pareciam concordar, que era a invasão irritante do interior pelos nortistas desgraçados, gente que tinha fugido da zona ocupada para o sul, antes de se fechar a linha de demarcação, e os outros, em números de pasmar, que ainda conseguiam se infiltrar pela linha, clandestinamente. Os forasteiros estavam por toda parte, despreparados, muitas vezes em pânico, desesperados para conseguirem

alimentos e gasolina, dominando as autoridades locais com sua presença, uma peste e uma praga para as aldeias e fazendas. O ressentimento era grande contra essas turbas, que não podiam ficar em paz no seu lugar.

Mistral voltou para casa, pensativo. Conhecia gente demais em Paris. Conhecia judeus demais. Devido a Kate e sua hospitalidade constante, os anos que ela passara exibindo a sua satisfação na mas, eram numerosos demais os amigos que tinham aprendido o caminho de La Tourrelle. Eles sabiam quantos quartos de hóspedes tinham, como seus campos eram ricos, como a propriedade se tomara auto-suficiente. Deveria haver muitos outros visitantes inesperados como os Behrmans e não havia meios de saber quando chegariam, nem em que condições de necessidade.

Ele convocou Marte e Jean Pollison, na cozinha.

— Pollison — disse ele ao homem — quero que você faça uma cerca alta, onde a estrada para a mas se bifurca da estrada para Félice. Não quero que ninguém venha aqui perturbar o meu trabalho. O país inteiro está cheio de gente que vai procurar se aproveitar e não posso ser atrapalhado por eles.

— Sim, Monsieur Mistral.

— E, Madame Pollison, não quero mais ser interrompido em meu trabalho. Se alguém não fizer caso do portão e se aproximar pelos bosques, não me venha avisar. Diga que há tempos não estou aqui e que a senhora não pode recebê-los. Não abra o portão para ninguém, em nenhuma circunstancia, só use a portinhola do correio. Para ninguém. Está entendendo?

— Sim, monsieur.

Nos dois anos seguintes, vários amigos e conhecidos de Mistral havia anos, fariam a viagem perigosa, difícil, chegando a La Tourrelle apavorados, às vezes ajudados por franceses que arriscavam a vida para ajudá-los. Todos esperavam apenas um abrigo de uma noite, contra aqueles que os caçavam com tanta eficiência e inclemência. Muitos desses refugiados desesperados e perseguidos desrespeitavam a cerca e conseguiam chegar à mas, porém os grandes portões de madeira eram sempre mantidos bem trancados e Marte Pollison respondia séria e negativamente aos toques frenéticos da campainha da cozinha.

A maior parte dos que iam lá eram judeus e apenas alguns sobreviveram à guerra.

Em junho de 1942, acompanhando o pequeno cortejo fúnebre da mãe, Adrien Avigdor se deu conta de que agora estava livre para partir de Paris... se livre fosse uma palavra que se pudesse usar, afinal, numa época daquelas. Ele se certificou de que a estrela de Davi, amarela, grande como a palma de sua mão, com bordas pretas e a palavra Juif escrita em letras pretas, estivesse claramente visível em seu paletó. Em toda Paris mulheres estavam sendo presas por carregarem as bolsas de modo a tapar a estrela, um homem ainda na véspera fora preso por usar uma estrela que não estava bem presa, na semana anterior uma senhora que morava perto dele fora presa e levada embora ao sair de casa para pegar a correspondência de roupão, esquecendo — se de que não tinha estrela. Três estrelas para cada judeu, decretava a

ordem de 29 de maio de 1942, e ele fora obrigado a ceder talões de seu cartão de racionamento de têxteis para cada uma.

Ele não tinha previsto isso, ninguém o tinha previsto, quando Avigdor resolvera ficar em Paris. A mãe estava por demais afetada pela artrose para poder se mudar e, juntos, naquelas semanas quentes de junho, dois anos antes, eles tinham assistido ao êxodo por trás das venezianas cerradas do apartamento de Avigdor, no Boulevard Saint—Germain.

Noite e dia, eles olhavam o rebanho mudo, apavorado, lutando para ir para o sul. A maior parte de Paris, aldeias inteiras, a norte e a leste, centenas de quilômetros de campos, foram abandonados ao inimigo que avançava. A população foi para as estradas nos veículos que podiam arranjar, para abandoná—los quando acabava a gasolina, e continuavam a pé, carregando as crianças infelizes, guarda—chuvas e chapéus domingueiros, empurrando carrinhos de bebês cheios de tesouros de casa, patéticos, inúteis; os fazendeiros levavam galinhas em gaiolas e tocavam vacas que mugiam de sede.

— Vá, Adrien, vá! — implorara Madame Avigdor. — Sou uma velha. Você não deve ficar comigo... Madame Blanchet, a vizinha, se ofereceu para me buscar o que eu quisesse. Parta agora, Adrien, enquanto ainda pode!

— Maman, não seja tola. Olhe só para essa gente — esfarrapada, hipnotizada, uma turba... Eu lhe garanto que não tenho intenção de me juntar a eles. Como posso abandonar os meus pintores, como posso largar a minha galena?

Ele não disse que desconfiava das promessas da vizinha e não podia mesmo deixá—la sozinha, para enfrentar a chegada dos alemães. E era bem verdade que ele estava muito ocupado, empenhado em salvar as centenas de quadros a ele confiados por muitos que tinham resolvido fugir. Esses quadros eram as melhores obras dos pintores que ele representava e cabia—lhe verificar que fossem bem escondidos. Quem sabia lá o que fariam os alemães, quando chegarem. Hitler detestava a nova arte. Até mesmo o velho Picasso era um "degenerado" aos olhos nazistas. Alguém tinha de ficar...

Agora, dois anos depois, ele só podia sorrir com tristeza diante da sua valentia e, no entanto, hoje tomaria a mesma decisão. Tinha conseguido tornar suportáveis os últimos anos da vida da mãe e estava contente por ela não ter vivido muito tempo, depois do decreto que tornava obrigatório o uso da estrela de Davi para todo judeu francês com mais de seis anos de idade.

No entanto, ela vivera o suficiente para precisar ser ajudada a ficar em fila, com suas pernas aleijadas, para se registrar como judia na Prefecture de Police; o suficiente para ver a palavra Juif escrita em letras grandes em sua carteira de identidade, o suficiente para saber que todos os judeus que não eram franceses tinham sido arrebanhados e mandados embora.

Graças a Deus ela não vivera o suficiente para saber, como ele sabia, que agora todos os judeus franceses, mesmo os que moravam na França havia séculos, estavam proibidos de exercerem qualquer profissão, de trabalhar em qualquer negócio, de usar o telefone, de comprar um selo, de ir a

restaurantes, cafés, bibliotecas e cinema. Mesmo de se sentarem nas praças públicas. Não, obstante, conservamos um direito, disse Avigdor para si mesmo, com um humor negro, podemos comprar comida durante uma hora em cada dia, das 15 às 16 horas, quando a maior parte das lojas já fechou.

Os trens ainda funcionavam de vez em quando e os civis viajavam, mas não sem o ausweis, a autorização alemã. Avigdor, pensando nas possibilidades que se lhe apresentavam, percebeu que, em toda a França, milhões de pessoas estavam viajando para casamentos, enterros e batizados, visitando parentes doentes ou se mudando para outra parte do país, por motivos de saúde ou de negócios. A vida sob os alemães continuava, para a maior parte dos franceses, nas condições mais mesquinhas e miseráveis, em termos do ponto de vista de alimentação, aquecimento, racionamento e restrições de todo tipo; mas, apesar de tudo, permitia—se que tentassem sobreviver.

Soutine, ele sabia, tinha—se refugiado em Touraine, Max Jacob em Saint-Benoît—Sur—Loire, Bracque estava em l'Isle—sur—la—Sorgue, seu amigo, o marchand Kahnweiler, morava em Limousin, sob o nome de Kersaint, Picasso ainda estava trabalhando ativamente em Paris, bem como os colaboracionistas Vlaminck e Cocteau.

A galeria, de Avigdor tinha sido confiscada e entregue, por ordem dos alemães, a um negociante não judeu, que agora fazia negócios ativos com o inimigo, vendendo borrões de pintores de décima categoria. Durante os últimos meses, Avigdor procurara informar—se sobre o melhor meio de fugir de Paris, se bem que a grande fonte de todas as informações valiosas, Paula Deslandes, tivesse morrido, vários meses antes, de um enfarte e o La Pomme d'Or estivesse fechado definitivamente.

Desde os primeiros dias da Resistência, Paula trabalhara ativamente, ajudando as pessoas em perigo.

— Passei a vida treinando para isso — dissera ela a Avigdor, alegre. — Eu sabia que havia muitos motivos para não sair de Paris e agora encontrei o melhor de todos: fico quieta e arranjo meios de fazer os outros saírem.

A maior parte dos parisienses tinha voltado para sua cidade, depois do primeiro susto; as mulheres bonitas usavam chapéus novos e as que tinham dinheiro podiam comer abertamente nos restaurantes do mercado negro, sem se sentirem culpadas, já que dez por cento da conta iam para a caridade nacional. Nos cafés os intelectuais ainda conversavam, as pessoas continuavam a se apaixonar e iam à igreja e as mulheres davam à luz. Apesar disso, não havia ninguém cuja vida não tivesse sido profundamente modificada.

Cada francês reagia de modo diferente a presença dos alemães e Avigdor, que antes usara a sua compreensão da natureza humana para vender antigüidades e quadros, agora passou a usar seus instintos aguçados para resolver a quem poderia procurar, com segurança, para obter uma carteira de identidade falsa e um ausweis. Tudo podia ser obtido, todo tipo de cartão falso, inclusive o cartão falso "verdadeiro", que vinha da polícia, até às falsificações mais lamentáveis e óbvias.

Enquanto cuidava da mãe doente, Adrien Avigdor observava as idas e vindas em sua vizinhança. Como quase todos os outros franceses, Avigdor conseguira não morrer de fome recorrendo ao Marché Parallèle, instituição que poderia ter sido chamada de 'mercado negro', só que quase todos os que pudessem pagar para usá-lo o usavam. As rações permitidas pelos alemães eram simplesmente insuficientes para manter a vida e, em todo caso, não podiam ser encontradas.

Ah, ele tinha seus recursos, tinha seus amigos, e os estava reservando havia muito tempo, para essa eventualidade. Graças a Deus, tinha o dinheiro para poder pagar a fim de fugir a prisão que era Paris.

Mais de duas semanas depois, armado de um cartão de identidade que não continha a palavra Juif, os indispensáveis cartões de racionamento para alimentação e roupas e um ausweis válido, Adrien Avigdor, com os traços azuis de um lavrador e agarrando uma bicicleta preciosa, foi metido num vagão de trem apinhado, rumo ao sul. Ele estava viajando havia dias, a maior parte do tempo esperando um trem em várias estações miseráveis e superlotadas, cheias de gente cujos trens, sem horário, ainda não tinham aparecido e que espera yam pacientemente, exaustos, sentados em suas trouxas e pacotes, a noite toda. Quando soavam as 21 horas, o toque de recolher prendia a todos nas estações, até a manhã seguinte.

Por várias vezes, os alemães tinham percorrido os trens, examinando seus documentos, metodicamente, verificando seu rosto, comparando—o com a foto. Aberta, amável, franca, não muito esperta, sua cara comum de lavrador nunca despertara a menor suspeita e seus novos cartões, habilmente "envethe eidos", que the haviam custado tanto quanto uma casa de campo, estavam impecáveis. Avigdor estava a caminho de se comunicar com o grande núcleo da Resistência que estava funcionando nas montanhas perto de Aix—en—Provence, mas resolvera primeiro parar para ver Mistral.

Quem sabia se ele algum dia tornaria a ver o pintor? Ele tinha de verificar se o homem estava a salvo. E se tivesse sido mandado para a Alemanha, para trabalhos forçados, como tantos outros? Eles não se comunicavam desde a queda da França. E se Kate, que sempre conservava sua cidadania americana, tivesse sido arrebanhada e deportada? Avigdor se mantivera em contato o mais possível com o que acontecera com a maior parte dos artistas sob a Ocupação — de algum modo, as notícias se infiltravam — mas ficara muito preocupado com a falta de qualquer tipo de informação sobre Mistral.

O percurso da estação de Avignon a Félice, de bicicleta, era comprido e fatigante, mas Adrien Avigdor o apreciou. Estar no campo aberto depois de anos de uma vida confinada na cidade era uma alegria pura. Ele viu que teria sorte se chegasse a La Tourrelle antes do toque de recolher, enquanto subia a estrada da aldeia de Beaumettes. Por toda parte via os campos por lavar, os vinhedos abandonados. Em cada canto da França, o regime de Vichy, que, desde o armistício, fizera o trabalho dos alemães para eles, na zona não ocupada, tinha levado embora os homens válidos para

trabalharem nas fábricas alemãs, substituindo os soldados alemães. No entanto, a produção de alimentos era sempre uma necessidade e Avigdor ainda via muita gente nos campos, mulheres e crianças, bem como homens de sua idade, velhos e meninos.

Exausto, ele empurrou sua bicicleta pelo morro que levava a mas, pela floresta de carvalhos, atravessou a campina e bateu nos portes altos, que conhecia tão bem. Depois de longa espera, Madame Pollison abriu a portinhola de madeira e olhou para fora, com um ar proibitivo.

Avigdor sorriu para o rosto conhecido, que passara a conhecer tão bem em suas visitas dos últimos anos.

— Então, está pensando que está vendo um fantasma, é? É ótimo pousar os olhos na senhora, Madame Pollison, é maravilhoso! Espero que ainda lhe reste uma garrafa de vinho na adega, para mim. Bom, pode abrir. Onde está Monsieur Mistral?

— O senhor não pode entrar, Monsieur Avigdor — disse a mulher.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ele, imediatamente alarmado com a expressão dela.

— Ninguém pode entrar, monsieur.

— De que é que você está falando? Vim de bicicleta desde Avignon. Está com medo de alguma coisa, Madame Pollison?

— Nada, monsieur, mas tenho minhas ordens a cumprir. Não podemos receber ninguém.

— Mas tenho de falar com Monsieur Mistral!

— Ele não está.

— Madame Pollison, a senhora me conhece! Quantas vezes já não me hospedei aqui, pelo amor de Deus? Sou um amigo... mais do que um amigo. Vamos, deixe-me entrar... o que é que há com a senhora?

— Isso foi antes. Monsieur Mistral não está e não posso deixá-lo entrar.

— Onde é que ele esta? Foi levado para os campos de trabalho? Onde está, madame?

— Já lhe disse, ele saiu. Madame ficou na terra dela. Au revoir, Monsieur Avigdor.

A caseira se afastou da porta e fechou a portinhola de madeira na cara dele.

Avigdor ficou ali, sem poder acreditar. A mas estava tão trancada quanto uma aldeia fortificada da Idade Média. Aquela mulher ignóbil! Ele não gostava dela, mas era incrível que ela não o recebesse bem. Sabia perfeitamente como ele era íntimo da família. Aonde Mistral poderia ter ido? O que faria com ela, quando descobrisse que o tinha despachado? Ele começou a bater na porta outra vez, mas primeiro olhou para o céu. Ainda estava claro, mas o escuro e o toque de recolher estavam próximos. Havia apenas o tempo suficiente para voltar a Beaumettes, com sua única hospedaria de interior.

Furiosamente, praguejando, Avigdor dirigiu depressa a bicicleta morro abaixo, mas antes de entrar na floresta de carvalhos, parou, virou-se e olhou para a mas pela última vez, sem poder acreditar.

Lá, na janela alta do pigeonier, estava uma cabeça maciça, inconfundível. Julien Mistral estava ali, olhando sua partida. Com sua vista aguçada, Avigdor podia até ver a expressão feroz, resoluta e firme no rosto do pintor. Ele parou, tão de repente quanto se tivesse levado um tiro e soltou um grande grito de alívio. Seus olhos se encontraram por um minuto que se prolongou, através da distância. Mistral saiu da janela e Avigdor, com o coração disparado, correu de volta ao portão, onde ficou esperando que ele fosse abri-lo. Era tudo culpa daquela burra da caseira. Ela agira por sua conta, sem nem consultar Mistral.

Passaram—se minutos no silêncio do crepúsculo, minutos demorados, em que o silêncio da mas se tornava mais sólido, minutos compridos, até que Adrien Avigdor afinal compreendeu e tornou a montar em sua bicicleta. Ele não chorara quando os alemães marcharam pelos Champs Elysées, não chorara ao costurar sua estrela amarela, nem chorara quando a mãe morrera, mas agora ele chorou.

Cinco meses depois que Avigdor começou a trabalhar com a Resistência, os Aliados desembarcaram no norte da África e os alemães se apossaram de toda a França. A zona não ocupada não existia mais, uma grande guarnição alemã, com seu ramo inevitável da GESTAPO, foi instalada em Avignon e foram postadas tropas a cinco quilômetros de Félice, em Notre Dame—des—Lumieres.

Durante quase dois anos, Julien Mistral trabalhou nos campos. Até mesmo ele fora forçado a admitir o fato de que, a não ser que trabalhasse oficialmente para a produção de alimentos, como todos faziam na Provença, estava arriscado a trabalhos forçados. Em todo caso, se quisesse comer, tinha de cultivar a terra. Os merceeiros de Félice não tinham quase comida alguma a vender, por preço nenhum. O lavrador agora era quem comia, se não o que quisesse, pelo menos melhor do que os moradores das grandes cidades, que a cada dia morriam de fome enquanto as safras, a manteiga, o leite e a carne da França iam para os alemães.

Mistral dava o seu trabalho do dia pela promessa de pintar de noite, as venezianas do estúdio bem fechadas, para não revelar a fraca iluminação que ele conseguia com as velas armazenadas por Kate antes da guerra, Kate, que acreditava tão firmemente quanto qualquer chatelaine numa despesa bem provida, Kate, dona de casa esmerada, que tinha empilhado barras de sabão como se fossem barras de ouro; que, para grande escárnio de Mistral, tinha enchido os armários de cobertores e dúzias de lençóis pesados, de linho tecido a mão, que nunca tinham sido usados.

Agora esses lençóis, tratados com uma espécie de goma, feita da fervura de ossos de coelho, lhe serviam de telas. Eram preciosos, seus bens mais valiosos. Ele lamentou amargamente as fogueiras dos anos anteriores. O que não daria para ter de volta aqueles quadros, para poder pintar por cima deles? Com um desespero crescente, ele via o seu estoque de tintas diminuir, embora se racionasse o mais severamente possível. No entanto, quando estava trabalhando, às vezes se esquecia e, perdido no transe da criação, usava a tinta como sempre usara. Então, quando as velas se

apagavam, Mistral era dominado pela tristeza mais profunda, ao contemplar as bisnagas meio vazias, que estavam cheias poucas horas antes.

Algumas semanas depois que os alemães chegaram a Avignon, um Citroën preto parou defronte dos portões da mas de Mistral. Um oficial alemão, com sua farda verde, saltou, acompanhado por dois soldados com metralhadoras engatilhadas. Rígida e pálida. Marte Pollison apressou-se a abrir os portões, para eles poderem entrar com o carro.

— Esta casa é de Julien Mistral? — perguntou o oficial, num francês passável.

— Sim senhor.

— Vá chamá-lo.

Nenhum francês atendia ao chamado de um oficial alemão sem temor, nem mesmo Mistral, que não tinha nenhum rádio escondido, sintonizado com a BBC, que não participara de qualquer esforço da Resistência, que estava perfeitamente em regle com as autoridades de Vichy.

O capitão se apresentou, com um floreio.

— Capitão Schmitt.

Ele estendeu a mão e Mistral a apertou. O alemão fez um gesto para os soldados e eles abaixaram as armas.

— É uma grande honra conhecê-lo, Monsieur Mistral — disse Schmitt.

— Há anos que admiro seu trabalho. Aliás, também sou um pouco pintor... só amador, claro, mas, não obstante, tenho grande amor por todas as artes.

— Obrigado — respondeu Mistral.

O homem parecia uma das dezenas de borradores que ele tivera o cuidado de evitar, no passado. A farda dele parecia estar inteiramente em desacordo com suas palavras amáveis.

— Servi em Paris, até bem pouco, e tive o prazer de visitar Picasso, o estúdio dele. Estava com esperanças de que, se não fosse incômodo, o senhor me permitisse ver seu estúdio... já li tanto a respeito.

— Por certo — respondeu Mistral.

Ele mostrou o caminho à ala do estúdio da mas. Schmitt olhou com atenção para as telas que Mistral tinha empilhado contra as paredes. Suas exclamações de prazer eram preceptivas e inteligentes e mostravam um bom conhecimento do principal da obra de Mistral. Antes da guerra, explicou ele, tomando-se mais falador, tinha ido a Paris anualmente, no outono, para ver as exposições e fazer a ronda dos museus. Em sua casa, perto de Frankfurt, tinha seu próprio estúdio, e até mesmo agora, em Avignon, sempre que tinha tempo, trabalhava em seu cavalete portátil.

— Não posso resistir à pintura, é o meu fraco. Pintei em Paris todos os fins de semana, durante dois anos, o senhor sabe como é. — Perfeitamente.

O capitão deu uma ordem aos soldados e um deles correu para o cano preto e voltou um minuto depois, com uma garrafa de conhaque.

— Pensei... — disse o oficial, com uma certa timidez, oferecendo a garrafa a Mistral. — Queira permitir... eu ficaria honrado.

Mistral olhou bem para aquele homem educado, entusiasta, culto, que era a única pessoa que vira suas pinturas, em dois anos e meio. Pinturas que

eram o seu corpo, o pulsar de seu coração, o seu hálito, todas as suas funções vitais. Os soldados tinham desaparecido.

— Sente—se — disse Mistral. — Vou pegar uns copos. Vamos beber.

O Capitão Schmitt passou a ser um visitante regular, aparecendo de duas em duas ou de três em três semanas. Na sua primeira visita, ofereceu —se para levar bisnagas de tinta a Mistral, o que este aceitou prontamente.

Mais tarde, naquele ano, quando a Organização Todt, que estava rapidamente passando a ser o maior empregador da França, passou pelo Lubéron, convocando milhares de lavradores para construir bases para submarinos, casamatas e campos de pouso, Schmitt pegou o dossiê de Mistral e o marcou de tal modo que ele ficou isento do trabalho que finalmente o teria obrigado a largar o estúdio.

Se seus vizinhos se preocupavam com sua amizade — pois era isso que se tornara — com um oficial alemão, Mistral nunca soube disso, pois não freqüentava mais o café de Félice. O ambiente lá estava fechado, desconfiado e triste, não havia nada para beber e só alguns velhos e meninos se aventuravam a jogar boules.

Um dia, quando estava voltando tarde de suas couves, Mistral encontrou Madame Pollison berrando de raiva.

— Eles vieram e levaram tudo! Tudo. A última galinha, os nabos, a geleia, os talões de racionamento... revistaram a casa, os jovens bandidos, até me revistaram a mim! Ah, Monsieur Mistral, se o senhor estivesse aqui...

— Quem é que veio? — perguntou Mistral, com rudeza.

— Não sei, nunca os vi, não é ninguém daqui... jovens selvagens, bandidos criminosos... foram para Lacoste, pelos bosques...

— Entraram no estúdio?

— Entraram em toda parte, não houve uma porta que não abrissem... Mistral correu ao estúdio e o examinou depressa. Saiu berrando: — Onde estão meus lençóis?

— Levaram. E os da casa também e todos os cobertores... — Todos os lençóis?

— O que eu podia fazer, monsieur? Eu lhe pergunto — exclamou ela, a indignação misturando—se à raiva. — Já lhe disse que eram bandidos.

Quando o capitão apareceu, no dia seguinte, numa de suas visitas regulares, levando, como sempre, uma pintura que completara para Mistral ver e criticar, encontrou o pintor abatidíssimo.

— O que é que há? Aconteceu alguma coisa? — Fui roubado — respondeu Mistral, sério.

— Foram alemães? Se foram, vou investigar, pode ficar descansado.

— Não, não sei quem foi... jovens bandidos, diz a minha caseira. Um bando de vagabundos.

— Os maquis?

— Só sei é que eram forasteiros, ela nunca os vira antes.

— O que é que levaram? — perguntou Schmitt, preocupado com o desespero na fisionomia de Mistral.

— Muitas coisas, sem importância, malditos que se danem nos quintos

do inferno. Mas por que haviam de levar os meus lençóis? Como posso trabalhar? Não me resta uma única tela. Dá vontade de matá-los! Miseráveis! Ralé! — Para onde foram?

— Não sei .. Madame Pollison disse que foram na direção de L acoste, na estrada da floresta. Mas a essa altura podem estar em qualquer lugar.

— Vou ver o que posso fazer para lhe arranjar umas telas... não é fácil, quase não existem, em lugar algum, mas vou tentar.

Dois dias depois, Schmitt voltou com o carro cheio com os lençóis de linho.

— Nada de telas... mas consegui reaver seus lençóis — disse ele, sorridente.

— Como...?

— Encontramos os ladrões nos bosques, perto de onde você disse que eles tinham ido... um ninho cheio deles... estavam cheios de coisas... tinham andado "requisitando" por toda parte, ou era o que parecia. Maquis.

— Não eram maquis!

— Ah, eram, sim, Julien. Vinte. Não se preocupe, os porcos nunca mais hão de aborrecer alguém.

Capítulo 15

É a altura, pensou Teddy bine!, com um anseio triste, esperançoso, olhando em volta de sua turma. Deve ser a minha altura.

Tinha havido tantas ocasiões assim, nos últimos sete anos passados em Elm School, uma pequena escola particular junto de Central Park West, que ela afinal concluíra que sua falta de aceitação pelas outras devia ser provocada por um ou outro fator que a tomava diferente das outras.

Ao contrário de todas as outras meninas, ela não tinha pai nem família. A mãe dela, ao contrário das mães das outras, trabalhava o dia todo. Tinha pulado a terceira série e era um ano mais moça do que as colegas. Aos poucos, Teddy chegara à conclusão de que devia ser por causa de sua estatura que era relegada às fileiras das estranhas, o punhado de garotas classificadas como intocáveis pelas garotas aceitáveis, que resolviam, com tanta seriedade como se estivessem elegendo o papa, quais eram as mais solicitadas, quais as seguintes, até àquela linha fatal que excluía Teddy para sempre.

Ela nunca fora convidada para uma festa de aniversário, a não ser quando alguma mãe excepcionalmente democrática insistisse em convidar toda a turma. Durante a hora do almoço, nenhum grupo jamais lhe guardava um lugar na lanchonete; quando se formavam os grupinhos no recreio, para se rirem dos segredos, Teddy nunca era incluída, nem a chamavam para participar de sua intimidade preciosa.

Essa exclusão parecia remontar ao primeiro dia da primeira série, não havia apelo a ser feito para modificar isso, ninguém a quem ela pudesse

recorrer para procurar uma explicação — apenas existia, com uma finalidade misteriosa.

Não havia ninguém com experiência dos modos de meninas que pudesse dizer a Teddy que a sua beleza extraordinária era, na idade dela, uma calamidade que a colocava num lugar à parte; não havia quem lhe dissesse que suas colegas não eram capazes de tratar com uma beleza tão decidida, tão inelutável, que fazia com que ela parecesse pertencer a uma espécie diferente. Quando os adultos a elogiavam, e poucos resistiam a isso, ela dava um desconto total ao que diziam, pois eles não sabiam que, fosse qual fosse o seu aspecto, ninguém gostava dela.

Assim como Teddy não se podia olhar no espelho e saber que ela já era uma beleza clássica, tampouco podia fugir à situação e compreender os costumes da escola. Como é que uma menina de 13 anos poderia filosofar quanto à necessidade existente nas crianças, como existe em todos os outros grupos sociais, de se formarem em camadas de espírito de clube e que para qualquer dessas camadas pareçam finalmente desejáveis, deve sempre haver um grupo a que nenhuma delas pertença?

Esse mesmo fenômeno funciona nas colônias de leprosos, entre as prostitutas, nas cadeias e nas calçadas de Calcutá. Saber disso tudo em nada consolaria Teddy Lunel que, aos 13 anos, já alcançara toda a sua altura de 1,79m sendo 7cm mais alta do que o Sr. Simon, seu professor da oitava série.

Maggy ignorava a situação de Teddy como uma das párias da sua turma. Teddy nunca fora capaz de confessar isso à mãe, que a amava com tanto orgulho, um amor que fazia uma exigência implícita de que Teddy fosse feliz, fosse excepcional, fosse tudo com que Maggy nunca sonhara em criança. Teddy ficava apavorada com a possibilidade de arriscar sua posição como alegria da vida da mãe, se diluísse esse amor com a realidade de sua triste, solitária confusão. Ela escondia suas mágoas de Maggy como se tivesse feito realmente algo tão horrível que as merecesse. Ela aprendeu bem cedo na vida a enganar, descobriu logo que podia criar uma fantasia de um dia des preocupado, em que Maggy pudesse acreditar e achar tranquilizador.

Maggy muitas vezes achava que Teddy carecia de uma vaidade natural. Mas talvez fosse melhor assim, considerando—se como a filha era nova, concluiu ela, sentindo—se sabida e cuidada, pois para Maggy, cujo negócio se baseava sobre a beleza das mulheres, parecia que Teddy fora criada por feitiçaria. Era uma criatura dos contrastes mais românticos, os cabelos de um ruivo escuro, os fios crespos contendo uma confusão de tons do quase castanho ao quase dourado, a pele tão clara que, quando se ruborizava, parecia passar a um momento de uma febre apaixonada, sua boca delicada era tão móvel, com um contorno tão fume, de um rosado natural tão turbulento, que parecia que ela estava de batom. Sob sobrancelhas maravilhosamente bem—feitas, tinha os olhos do pai, azuis, verdes e cinzentos, variando, mas eram tão afastados quanto os de Maggy. O nariz era maravilhoso, um nariz de verdade, pensou Maggy com orgulho, um nariz bonito, bem—feito e firme, que dava a Teddy um ar meio altivo. Talvez, de fato, fosse um nariz importante demais para um rosto sem

pintura, um rosto de criança, mas isso o tempo corrigiria. Maggy nunca realmente via Teddy como uma criança no meio de outras crianças, pois o seu olhar experiente, alerta para descobrir a beleza, via a mulher em que ela se tornaria, e não a menina alta demais, altiva demais, diferente demais que era.

Embora Maggy não tivesse idéia de que Teddy de bom grado trocaria a sua beleza por um ser pequeno e engraçadinho, sempre se preocupara com o fato da filha não ter nenhuns parente no mundo, nenhuma família a não seria.

Nos primeiros dias da Agência Lunel, quando Maggy ainda trabalhava em casa, ela via com gratidão os seus modelos tratarem Teddy como se fosse irmãzinha delas. Em breve, quando Maggy passou para uma série de salas no prédio. do Carnegie Hall, cada ano adquirindo mais linhas telefônicas, mais assistentes e mais espaço no escritório, ela pedira à babá Butterfield, e depois Mademoiselle Gallirand, que a substituíra, para levar Teddy ao escritório para brincar depois do colégio, várias vezes na semana.

Mais, tarde, quando Teddy tinha de fazer deveres de casa, arrumaram uma mesinha especial para ela, num cantinho sossegado, e as garotas l unes, que agora já eram 120, entravam no "escritório" de Teddy para abraçá-la às pressas, mostrar uma foto delas, reclamar dos pés doendo ou pedir uma maçã de uma pilha que Maggy sempre tinha numa cesta em cima da mesa de Teddy. Era uma turma maravilhosa de parentes honorárias, pensava Maggy, desafiadora, enquanto fazia compras, aos sábados, quando a agência fechava, no Saks e no De. Pinha, escolhendo mais suéteres de cashmere em tons pastéis e mais lãs caras, importadas, ou saias de flanela para Teddy usar na escola.

A Elm School ficava perto do apartamento grande e alto que Maggy alugava no belo San Remo, na Rua 74 e Central Park Oeste, com vista para o parque. As torres da Quinta Avenida se erguiam diante delas, separadas delas por toda a largura do parque, e era exatamente essa separação que levava Maggy a se resolver pelo apartamento, se bem que ela pudesse facilmente pagar uma moradia na parte mais elegante das ruas 60 ou 70 leste e mandar a filha para uma das escolas mais conhecidas e elegantes. No lado leste, porém, Teddy estaria correndo o perigo constante de esbarrar num Kilkullen, num McDonnell, num Murray ou num Buckley: o lado leste era o quartier dos católicos da sociedade e depois que Maggy perdeu seu emprego em Bianchi, depois do escândalo da exposição de Mistral, ela procurou manter a filha a distancia. É ridiculamente fácil, em qualquer cidade, sair do pequeno círculo de bairros e escolas da moda. Especialmente, pensou Maggy, quando nunca se fez parte delas.

Teddy passeava pelo San Remo como se fosse um feudo seu. Não havia nenhum dos cabineiros negros cuja história ela não conhecesse; ela era a queridinha dos porteiros, sempre prontos a lhe emprestarem um giz para brincar de amarelinha na calçada, na qual, com suas pernas compridas, ela era uma campeã natural. Quando não estava no colégio, era uma garota animada, tagarela, sempre em movimento, patinando, de bicicleta, ou

descendo os morros do parque em seu trenó, de barriga, no inverno. Como o Flautista Mágico, ela muitas vezes conduzia uma fila alvoroçada de crianças muito menores do que ela e quando elas se cansavam de brincar, Teddy lhes contava histórias complicadas de florestas tropicais e viagens em jangadas pelo Rio Amazonas.

Havia outros dias, geralmente na primavera, quando caía uma chuvinha fina e as primeiras fortíssimas espalhavam sua promessa amarela sobre o parque cinzento, em que Teddy se refugiava sozinha no jardim de Anne Hathaway, ao pé de uma velha tone de pedra. Lá, sua imaginação se inflamando, suas esperanças bailando, ela sonhava os sonhos de amor, vagos e maravilhosos, pensando quando, ah, quando isso aconteceria com ela?

Quando Teddy, aos 13 anos, se formou na oitava série, foi ela a primeira da fila a entrar no auditório, decisão adotada depois de meia hora de discussão entre os professores, sobre se sua altura seria menos notada se ela fosse a primeira ou a última da fila, pois, obviamente, não se podia nem pensar em colocá-la no meio.

Quando ela atravessou o palco, com seu vestido branco, para receber o diploma, houve palmas da platéia. Maggy convidara Darcy, os Longworths, Gay e Oliver Barnes e uma dezena de modelos favoritas para irem ver a filha concluir o curso primário. As 12 maiores garotas capas de revista de 1941, com seus melhores chapéus, deram vivas e assobios ao verem Teddy, olhando para baixo, para não tropeçar, andar com uma graça que algumas delas nunca conseguiriam aprender.

— Meu Deus, Doe — disse uma delas, que acabava de completar 24 anos — não seria ótimo voltar a ser jovem?

— Eu ainda sou, querida — respondeu Doe, mas de repente uma pontinha de dúvida invadiu seu coração. Ela também tinha 24 anos.

No ginásio, Teddy, decidida, forjou uma aliança com algumas das outras garotas menos populares. Sally era a estudiosa, de óculos grossos e que suava demais; Harriet era gaga e usava sapatos ortopédicos, Mary—Anne era a queridinha da professora, sempre sentada na primeira fria de todas as aulas, pronta para acenar com a mão, triunfante, quando as outras não sabiam as respostas; mas as três se tornaram suas melhores amigas.

Teddy parou de ir ao parque ou a Agência Lunel, depois das aulas, para fazer os deveres de casa com as novas aliadas. As quatro se reuniam nas respectivas casas e acabavam os deveres o mais depressa possível, para poderem tratar do negócio sério dessas tardes, a discussão, com detalhes sempre fascinantes, de seus sonhos românticos. Não tinham em mente nenhum rapazinho determinado, mas apenas uma vaga noção de alguém masculino, em algum ponto do futuro distante. A questão mais palpitante de que falavam era a da noite de núpcias. Como se podia usar uma camisola, como as que as mães delas tinham? Afinal, podia—se ver através dessas camisolas — todas já tinham remexido nas gavetas das mães, tendo levantado essas coisinhas bonitas e elegantes, certificando—se desse fato incompreensível, assustadoramente estranho. Como se podia ir do banheiro

à cama usando uma roupa que era quase transparente? Como poderiam, supondo que usassem um roupão sobre a camisola, obter o roupão? Será que chegariam a se deitar na cama por baixo das cobertas? Ou só se deitariam por cima? E então, o quê? Nesse ponto, todas paravam de falar, numa agitação de risadas, e iam à cozinha, comer bolo e beber Coca Cola.

Um dia, Teddy tentou contar a elas o que acontecia em seguida.

— O pai pega o pênis e o coloca na vagina da mãe e saem sementes que nadam...

Ela foi interrompida por um coro de gritos e guinchos indignados. As amigas não queriam saber de detalhes tão repugnantes e não podiam acreditar que a mãe de Teddy — mesmo trabalhando — algum dia se tivesse sentido com ela e contado essas coisas horríveis. Mal tendo completado 14 anos, elas ainda não se tinham referido bem do choque de sua primeira menstruação e aquilo que Maggy chamava de "fatos da vida" era pouco romântico e inteiramente clínico demais para elas suportarem.

Então, pensava Teddy, o que elas diriam se soubessem de toda a verdade sobre ela? Se nem podiam ouvir como era feito um bebê, o que diriam se soubessem que ela era bastarda? Ah, a mãe usara um outro termo, claro, mas isso não alterava a verdade.

Ela não se lembrava de que idade tinha quando Maggy, achando mais fácil se explicar no francês que elas falavam juntas do que no inglês que falavam com as outras pessoas, lhe contara que ela era un enfant naturel — mas isso já fazia tanto tempo que ela tivera de crescer para assimilar a idéia, aos poucos compreendendo exatamente o que significava, muito depois de ter ouvido as palavras pela primeira vez. Como é que Maggy a fizera saber que suas origens eram uma coisa que ela não devia pesquisar? Como ela aprendera a dizer, de um modo que evitasse todas as perguntas, que o pai movera? Ela não sabia explicá-lo nem mesmo a si, mas já fazia muito tempo e ela o aceitava inteira mente.

Como um nativo da Melanésia diante de um prato de alimentos sagrados, consagrados ao uso dos sacerdotes, Teddy se afastava imediatamente, protegendo-se, do assunto proibido. Era uma proibição tão forte, tão total, que ela não ousava perguntar nada a Maggy sobre o assunto. Esse tabu, colocado bem no centro de sua vida, mantinha Teddy afastada de suas amigas. Nenhuma delas tinha segredos de verdade. Aliás, o principal objetivo de sua amizade era de partilhar os segredos, confiar, tranquilizar umas às outras, serem companheiras e camaradas no difícil ofício da puberdade.

Maggy dera a Teddy poucos detalhes sobre o pai dela. Quando ela achou que Teddy já tinha idade de compreender, disse-lhe que ele era um irlandês católico que, antes de morrer de um ataque cardíaco, fora impedido de se casar com ela, pelas leis da igreja dele. O modo de Maggy dizer essas poucas palavras vacilantes foi forçado, tenso e tão proibitivamente triste que teria evitado qualquer pedido de maiores informações, mesmo que Teddy ousasse pedi-las.

Teddy adorava a mãe, mas a temia um pouco. A maior parte das pessoas a

temia.

O hábito de mandar, de ser inteiramente responsável por um negócio próspero e crescente, tinha dado ao caráter de Maggy uma proporção formidável, que faltava a quase todas as outras mulheres de década de 40. Era uma dimensão que, se não facilitava a pessoa pensar nela como maternal, tomava fácil pensar nela como "A Chefe", como a chamavam todas as moças, a não ser quando ela estava zangada. Então, elas cochichavam umas às outras que "Maria Antonieta" estava à solta. Nesses dias, qualquer garota que tivesse engordado até mesmo meio quilo inventava desculpas para não ir à agência, cada modelo que tinha ficado até tarde no Stork Club ou no El Morocco tomava cuidados especiais com sua maquiagem e ninguém, positivamente ninguém, se atrasava nem um minuto para qualquer compromisso.

Aos 34 anos, Maggy tinha o ar de bravura autenticamente livre da beldade famosa que era. Aos 17 anos, ela parecia ter vários anos mais do que sua idade; ela agora parecia mais jovem do que suas companheiras. O tempo só acentuara mais a linha ousada dos ossos sob sua pele esticada e ainda luminosa. Ela adquirira uma confiança em si, em seus movimentos, e as centelhas de seus olhos cor de Pemod foram avivados pelo espírito e experiência.

No escritório, Maggy se vestia com costumes pretos ou cinzentos e, no verão, costumes brancos, com um corte de uma perfeição quase desumana de Hattie Carnegie. As pérolas birmanesas que ganhara ao fazer 20 anos estavam sempre em tomo do seu pescoço, bem como um cravo vermelho fresco preso à lapela. Titania, do Saks da Quinta Avenida, desenhava os chapéus encantadores que ela usava, mesmo sentada à sua mesa, como faziam a maioria das redatoras de moda mais importantes da época. Maggy era amiga de todas; muitas vezes almoçava com uma ou outra, no Pavilion, onde Henri Soulé reservava uma de suas melhores mesas para ela, todo dia. Se por acaso ela não pretendesse ir lá, mandava a secretária telefonar, liberando a mesa.

E de noite, havia sempre Jason Darcy, seu melhor amigo, seu amante de muitos anos, seu companheiro de conspirações, o homem com quem nunca se casaria. Isso era uma coisa que nem mesmo Lally Longworth, sua melhor amiga, pudera compreender. Ela tentara explicar, Deus sabia, quando Lally a interpelara, anos antes.

— Você está inteiramente louca, Maggy Lunel? — perguntara ela. — Darcy está louco para se casar com você. O que é que a impede de aceitar?

— Ah, Lally, Lally, eu nunca posso depender de um homem. Se nos casássemos, sei muito bem o que ia acontecer. Aos poucos, inevitavelmente, eu teria de passar cada vez menos tempo no trabalho, até que um dia acabava largando o negócio e passaria a ser dona de casa para Darcy, viajando com ele e cuidando de nossas casas e empregados e nossos jantares... talvez até nossos filhos. Eu estaria em poder dele, Lally, e não quero que isso aconteça, jamais. Não posso depender de um homem para me sustentar.

Maggy tinha largado o copo e quase sacudido Lally para fazê-la compreender.

— E se descobrissemos que não podíamos ser felizes juntos e nos divorciássemos? Então, diga, onde é que eu estaria? Não se pode construir um negócio como o meu e depois largá-lo e esperar que esteja às suas ordens, quando você voltar... não é possível. É muito melhor continuar como estamos... Darcy sabe que ele me tem, não há outro homem de quem eu goste. Se isso não basta para ele, sinto muito, mas não há outro jeito.

— E eu que ia dar-lhe o casamento de presente — disse Lally, num tom de decepção exagerado. Mas no íntimo ela estava horrorizada com a triste idéia que Maggy fazia do casamento. Deus do céu, se todas as mulheres pensassem com tanta nitidez sobre o divórcio antes de se casarem, a raça humana desapareceria em uma geração.

Maggy sabia que Teddy devia fazer conjecturas sobre o seu relacionamento com Darcy, mas se ela não conseguia explicá-lo bem a uma mulher de sociedade e experiente como Lally Longworth, não ia tentar torná-lo compreensível a uma adolescente. Ah, havia tanta coisa que ela não podia explicar direito a Teddy, pensou ela, com um sentimento conhecido de culpa e temor. Maggy nunca contara a Teddy que ela também era ilegítima. Inventara uma história de ter ficado órfã pequenina. Teddy, que estava absorta no Morro dos Ventos impantes, cuja bíblia passara a ser *O Vento Levou* e que vira *The Philadelphia Story* uma dúzia de vezes, estava por demais aturdida pelo alto romance para interrogar a mãe com muitos detalhes.

Depois, havia o problema da falta de uma religião definida para Teddy. A identidade judia de Maggy nunca dependera da prática religiosa, embora ela tivesse vivido numa comunidade judaica bem rigorosa, em seus primeiros anos, e o Rabino Taradash tivesse sido seu exemplo da dignidade e sabedoria do judaísmo. Desde sua fuga de casa, não sentira qualquer necessidade pessoal de continuar as tradições específicas que, para ela, pareciam um tanto desnecessárias.

Ela sentia que era judia..., mas não sentia obrigação de ser praticante. Ela nunca mandara buscar o menorah que tinha deixado em Paris e não tinha coragem de substituí-lo.

Com anos de atraso, depois de passar a época em que teria valido a pena, ela mandou Teddy para a escola dominical da Sinagoga Espanhola e Portuguesa, no Central Park Oeste. Teddy passou uma manhã confusa, descobrindo que todos os outros pareciam pertencer àquilo e se interessando pelo que estavam aprendendo. Ela resolveu que nada a obrigaria a voltar a um lugar que fazia até as implicações da Elm School parecerem agradáveis, em comparação. Assim que teve idade para andar de ônibus sozinha, aventurou-se a entrar na Catedral de São Patrício, sentou-se num banco discreto e olhou em volta, com uma curiosidade assustada.

Essa imensidão de pedra, essa caverna com leves murmúrios, de luzes azuis, vermelhas e douradas, aquelas fileiras de velas, as muitas pessoas sérias, controladas, tratando de seus afazeres com tanta confiança... o que

teriam a ver com ela? Nada mais do que a sinagoga, concluiu ela não era mais católica do que judia — nem mais nem menos. A Maggy ela declarou que achava que era panteísta, ou talvez pagã, aquele que sentisse mais fortemente ao ver macieiras em flor, as irmãs Brontë, os chorões, gatos siameses, os cachorros quentes em Jones Beach e a barca de Staten Island.

— Patsy Berg tocou na coisa de um garoto! — disse Sally, com um ar de incredulidade.

— Não acredito! — disse Mary—Anne, pasma.

— Se tocou, ele deve ter forçado ela a fazer isso — disse Harriet, com o ar de alguém com uma superioridade de conhecimentos.

Teddy não disse nada. Ela daria quase qualquer coisa só para ver a coisa de um garoto. Tocar era sonhar demais. Ela percorreu os corredores do Metropolitan Museum, procurando em vão uma estátua que tivesse um pênis que fosse mais do que um arabesco de mármore, insignificante como uma decoração num bolo de aniversário. A maior parte estava quebrada, como os narizes das estátuas gregas. Ela sabia que devia ter mais, nesse mistério todo, do que revelava o museu.

Mas ela já estava com quase 16 anos e até então só um garoto a convidara para sair, Melvin Allenberg, primo em segundo grau de Harriet. Melvin era baixinho, quase pequenino, e usava óculos grossos, mas estava no último ano do colegial e, quando ele sonha, ela se dizia que havia algo no sorriso dele que lhe lembrava, por uma fração de segundo, Van Johnson, só que ele não era louro, nem alto nem bonito. Mas, por outro lado, não tinha espinhas. Quando o pequenino Melvin Allenberg tornou a convidar Teddy para ir ao cinema ela aceitou.

Desde o momento em que Melvin vira Teddy, sua imaginação viva a agarrara de um modo em que se misturavam a veneração e o anseio. A altura de Teddy só lhe parecia mais uma coisa maravilhosa nela. Sua fantasia era morar numa ilha só povoada por mulheres altas e belas, que fariam tudo o que ele pedisse.

Antes do encontro, Teddy raspou os pêlos finos e dourados das pernas, a primeira entre as amigas a fazer isso. As outras ficaram olhando, numa depressão tristonha.

— Os pêlos vão tomar a crescer, como a barba dos homens... grossos e espetantes — avisou Mary—Anne.

— Agora, você vai ter de fazer isso todas as semanas — disse Sally, com maldade — durante o resto de sua vida.

— Não posso acreditar que você está fazendo isso pelo chato do meu primo em segundo grau, Melvin, mesmo que ele tenha 18 anos... você está maluca, Teddy Lunel — disse Harriet, que era a que mais reprovava. — Sabe o que é que a mãe dele contou a minha mãe, sobre ele? Ele é esquisito, é isso. Dizem que ele tem esse Q.I. formidável, mas ele diz que não quer ir para a universidade, não se interessa por esportes, não liga para nada a não ser aquela câmara burra e aquele quarto escuro que arrumou no closet... Tia Ethel não consegue ter uma empregada decente porque Melvin está sempre importunando as garotas para posarem para ele... a empregada, pelo

amor de Deus... isso é esquisito, Teddy. Um dia a minha tia encontrou uma dúzia de revistas indecentes no quarto dele. É bom tomar cuidado com ele. Pode ser que ele só chegou aos seus ombros, mas quem sabe lá o que se passa na cabeça dele?

Teddy sorriu para Harriet e começou a raspar a pema esquerda. Elas estão todas é com inveja, pensou. Nenhuma delas jamais saiu com alguém.

Ela passou o filme todo — See Here, Private Hargrove — sem ter coragem de enfrentar os olhos de Melvin, mas de vez em quando sentia que ele estava olhando para o seu perfil com algo de pensativo e sério, na atitude de sua cabeça redonda e cacheada.

Quando estavam comendo Waffles, depois do cinema, Melvin disse, com ar solene:

— Você é mesmo a garota mais linda do mundo, Teddy Lunel. — Eu sou? — exclamou ela.

— Sem dúvida alguma. — Os óculos dele brilhavam. — Sou conhecedor reconhecido de beleza feminina, pode perguntar a qualquer um no colegial. — Não acredito!

— Não interessa o que você acredita. Não tem nada a ver com o caso. Teddy corou, seus ouvidos zuniram e ela teve medo de ficar com lágrimas nos olhos. Nenhum dos elogios que ela já recebera dos adultos tinham significado alguma coisa, mas aquilo! Era impossível não saber que Melvin estava falando sério. Ele falava como se estivesse fazendo uma declaração acadêmica documentada, havia na voz dele um tom de avaliação e ela viu que, por trás dos óculos, ele tinha olhos azuis, muito grandes, muito vivos e límpidos. Todo o seu rostinho engraçado estava firme numa expressão de uma convicção total. Ele parecia um tipo de ave concentrando—se numa minhoca especialmente gorda.

— Resolvi chamar você de "Ruiva" — continuou ele. — Toda mulher bonita precisa de um apelido que a impeça de ser muito intimidante e Teddy me faz pensar em Theodore Roosevelt. Quando um cara olha para você, Ruiva, ele vê uma coisa que não acreditava que existisse, a não ser talvez numa tela de cinema, de modo que ele fica apavorado, pensando que não vai ter nada de interessante para lhe dizer. Esse vai ser um dos seus problemas, fazer com que as pessoas a tratem normalmente... fazer um contato humano comum... aliás, vai ser meio impossível. Todas as mulheres mais belas sofrem da mesma coisa. É preciso um tipo de homem especial para compreendê—las.

— Você está maluco, Melvin Allenberg.

Teddy estava dominada pelas coisas íntimas e lisonjeiras que ele lhe estava dizendo com tanta naturalidade, com tanta autoridade.

— Pense nisso, Ruiva, pense nisso — disse ele, com calma. — Um dia, quando nós dois formos ricos e famosos, você há de me dizer que eu tinha razão.

Teddy não conseguiu responder. As palavras dele, aquele displicente "um dia", tinham agido sobre ela como se fossem um raio de luz que iluminava o futuro, paisagens nem sonhadas, em que Teddy Lunel era outra

pessoa que se movimentava levemente num mundo em que o impossível se tornava possível. Teddy olhou para baixo e, devagar, traçou linhas no mel, com o garfo. Com a primeira provocação calculada de sua vida, ela perguntou:

— O que é uma revista indecente, Melvin?

— Ah, então a Harriet lhe contou. Nem posso fazer uma coleção de fotografias artísticas, que a minha família logo acha que sou um velho indecente. Ruiva, eu lhe pareço um velho indecente?

— Harriet não disse que você era um velho indecente — disse Teddy depressa, defendendo a amiga. — Nem nunca falou de você, até você me convidar para o cinema.

— Bom, ela também nunca falou em você, de modo que isso está certo. Em todo caso, eu nunca a vejo., as nossas mães têm um pacto pelo qual se evitam mutuamente.

— Harriet nunca lhe falou sobre a minha família., o meu pai? — Não... devia ter falado?

— Bem., ele foi membro da Brigada Abraham Lincoln., morreu lutando contra os fascistas, na Espanha., foi um grande herói.

Melvin piscou de emoção.

— Deus, mas você deve se orgulhar muito dele!

— E me orgulho, sim. Minha mãe... ela nunca se refez disso. Ela se afunda no trabalho... suportando. É francesa, sabe. A família dela era nobre houve um marquês que foi degolado na Revolução Francesa... depois todas as terras e dinheiro deles foram confiscados... mas o orgulho permanece. Mamãe é a última descendente... ou melhor, eu — disse Teddy, com uma voz sonhadora.

Melvin engoliu três vezes, assombrado. Não admira que Ruiva fosse diferente de qualquer garota que ele conhecesse.

— Você costuma sair muito? — arriscou ele, depois de um silêncio que pareceu um tributo conveniente ao infeliz marquês.

— Mamãe é muito severa. Só me deixa sair duas vezes por semana, às sextas e sábados. No domingo, tenho de ir dormir cedo, por causa do colégio.

Lembrando—se da hora, Melvin olhou o relógio.

— Vamos, Ruiva. Ela disse para estar em casa às 23:30. Não quero que se meta em encrencas.

A porta do apartamento de Teddy, Melvin Allenberg olhou para Teddy, que ficara estranhamente calada enquanto iam a pé para casa.

— Você já viu Jane Eyre? — perguntou ele. Podia ser baixinho e esquisitinho, mas acreditava em sempre pedir o que queria, por difícil que parecesse.

— Não — disse Teddy, que já vira o filme três vezes.

— Gostaria de ir, no sábado que vem? Se já não tiver compromisso?

— Hum... não podia ser na sexta—feira? Acho que no sábado já estou comprometida.

— Combinado — disse ele, sorrindo. Mais uma vez o seu método direto, desconhecido da maioria dos rapazes de 18 anos, lhe permitira conquistar

seu objetivo.

— Obrigada por uma noite muito agradável — disse Teddy que, de má vontade, aprendera essa frase ritualística com as três amigas.

Melvin esboçou o seu sorriso tipo Van Johnson, tranqüilizado pelo convencionalismo.

— Espero que tenha—se divertido tanto quanto eu. Olhe, estou vendo que você não é do tipo de garota que deixa um camarada beijá—la antes do terceiro encontro, mas não acha que faria bem a sua alma abrir uma exceção?

Teddy não vacilou. Tirou os óculos dele e passou os braços compridos em volta dele, apertando o rosto dele em sua clavícula, com uma gratidão apaixonada. Ele se livrou dela.

— Assim, não, Ruiva! Ande, abaixe—se e fique quieta. — Ele pôs um beijo casto nos lábios dela. — Pronto! Agora, não deixe que ninguém lhe faça isso. Promete?

— Prometo — sussurrou Teddy. Os lábios masculinos eram diferentes dos femininos, espetavam nas pontas. Quem diria? Com o seu primeiro sorriso consciente de namoradeira, ela oscilou para a frente e o beijou de leve, antes de devolver os óculos. — Não conte a ninguém — murmurou ela — isso estragaria a minha reputação.

Capítulo 16

Você disse o que?

Bunny Albott, companheira de quarto de Teddy em Wellesley, estava espantada. No momento em que ela achava que já estava acostumada com as extravagâncias incríveis que fizeram de Teddy um mito instantâneo entre as 400 calouras que tinham entrado para a universidade com ela, no outono de 1945, aparecia outro capricho.

— Eu só menti por três centímetros e disse que media 1,82m — repetiu Teddy, com calma, voltando do telefone no corredor. — Quando eles escutam isso, de repente perdem o interesse, a não ser que tenham 1,88m ou 1,90m. Isso elimina os nanicos.

— Por que é que você ainda aceita encontros com desconhecidos? — perguntou Bunny. — Você nem tem mais lugar na sua agenda.

— Ah, é que eles me divertem... é como abrir um presente de Natal.

Teddy falou com displicência, porque sabia que nunca poderia explicar os sentimentos de uma paixão constrangedoramente violenta que sentia por tudo na sua nova vida, cada detalhe da universidade, desde os encontros com desconhecidos até cada garota do seu dormitório. Desde o primeiro dia de aia chegada a Wellesley, ela, renascera numa embriaguez tão inesperada que de noite ficava acordada na cama, procurando explicar e explorar plenamente as dimensões da alegria sem limites que a possuía.

A vida de Teddy se tornara um intenso espetáculo de popularidade. Todas as tardes o telefone do dormitório tocava pelo menos uma dúzia de vezes para ela e a garota que atendia chegava ao fim do corredor e gritava "Lanei", com uma resignação irônica, mas sem qualquer traço de ressentimento. Em Wellesley, Teddy afinal encontrara a arena milagrosa, em que era aceitável ser diferente.

A turma dela tinha seu quinhão de garotas brilhantes, que passavam metade da noite estudando; outras garotas se dedicavam a conquistar um lugar na guarnição que remava contra Radcliffe; havia as pequenas que chegavam na universidade claramente já concorrendo à presidência da turma; moças que só ligavam para pintura, música ou filosofia e outras ainda que jogavam bridge seriamente a tarde toda, enquanto tricotavam meias de xadrez. Se Teddy Lunel se interessava quase exclusivamente pelos rapazes, quem ia se importar, contanto que ela não fosse reprovada? Ela se mostrara capaz de ser admitida em Wellesley, de modo que automaticamente era uma delas, e sua identidade era, acima de tudo, a de ser membro da turma de 1949.

O campus de Wellesley era o proscênio nobre para a epidemia de encontros marcados que se alastrou depois da distribuição do Manual da Caloura, livrinho vermelho que continha fotos de todas as alunas da turma acima de seus nomes e cidades de origem. O manual foi impresso para ajudar as calouras e a se conhecerem, mas antes de decorridas 24 horas de sua publicação, os exemplares chegaram às mãos de todos os rapazes dos

campos da Nova Inglaterra, agora avolumados com a volta dos veteranos da Segunda Guerra Mundial, além dos calouros de costume.

Na segunda semana do primeiro ano, Teddy foi convidada para todos os principais fins de semana de futebol das grandes universidades, até às férias de Natal; tinha uma escolha de nove rapazes para o Dartmouth Winter Carnival e, se seus estudos o permitissem, poderia ter ido jantar fora com um estudante diferente de Harvard, ali perto, todas as noites da semana.

Quando ela foi passar as férias de Natal em casa naquele ano, Maggy se deu conta de que a filha alta se tomara uma moça que atraía e tentava, mesmo quando estava parada. Na geladeira havia um monte de orquídeas de ramalhetes, cartas de amor chegavam pelo correio todas as manhãs, Teddy saía todas as noites e dormia até ao meio-dia. No entanto pensou Maggy, era melhor ser a rainha do baile dos estudantes e, ao que ela observara, uma namoradeira inteiramente sem coração e inclemente, do que ser uma moça de quem um homem poderia se aproveitar porque ela imaginava amá-lo.

Teddy passou os primeiros anos da universidade valsando, amorosa, fantasista, vaidosa, memorável como um primeiro beijo e igualmente impossível de recapturar. Ela passava de romance em romance, mudando como as marés, criando uma autêntica afetação de personalidade, enquanto sentia o seu poder crescer. Ela começou a adquirir um sábio tipo de autoconfiança que se traduzia num ar de felicidade encantador, como se nada no mundo jamais a tivesse perturbado ou alterado. Ela passou a entrar em todas as salas com uma certeza animada de ser bem-vinda, aceitava todas as modificações como se tivessem sido planejadas para diverti-la, em seu mundo parecia não haver qualquer desapontamento, nenhum potencial para expectativas reduzidas.

Não acredito que isso esteja me acontecendo, murmurava ela para si, vezes e mais vezes, mas nunca o dizia em voz alta, pois sob todos os seus triunfos havia sempre o medo de poder de repente tornar a ser a intrusa, assim como ela de repente conseguira realizar suas fantasias de popularidade.

A realidade nunca bastava para Teddy. De algum modo, a realidade nunca conseguia penetrar em seu inconsciente de um modo que lhe permitisse tornar-se um rochedo de experiência sobre o qual pudesse basear suas emoções. Ela não passava de uma criança de apenas seis anos, quando aprendeu a transformar a realidade numa coisa mais bela, contando sua vida na escola a Maggy. Agora a realidade era tão colorida quanto ela poderia ter imaginado, mas ainda não a satisfazia. O sucesso exterior não se poderia traduzir plenamente numa imagem interior que lhe desse paz. Aos poucos, a fantasia que vivia dentro de Teddy, que lhe inspirara inventar um pai que morreria na Espanha e uma família francesa nobre para Melvin Allenberg pôde crescer e desabrochar.

Numa partida entre Harvard e Yale, Teddy disse ao seu pai:

— Meu pai foi de Harvard, sabe. Antes de morrer, ele me levava a todas as partidas de Harvard que fossem jogadas perto de Nova York. Ele estava

fazendo montanhismo no Tibete quando morreu... mas conseguiu salvar todos os outros.

Em Princeton, num grupo que estava falando sobre os projetos para o verão, ela ficou nostálgica.

— Quando eu era criança, passava todos os verões no château de minha família, na Dordogne... os Lunels moram na Dordogne desde tempos imemoriais... o château tem 100 aposentos, a metade em ruínas... não vou lá desde que meu avô morreu.

No Dartmouth Carnival, ela confiou ao par:

— Você se importa se eu não for aos saltos de esqui? Sabe, meu pai morreu bem na frente da minha mãe... saltando de esqui nos Alpes, treinando para as Olimpíadas... ela nunca mais foi a mesma.

Quando a conversa passou às férias de Natal, Teddy se lembrou das suas.

Nós íamos á casa de minha avó, em Quebec. Ela sempre tinha a árvore mais alta que já vi... um pinheiro vivo, pelo menos com 10 metros de altura... e eu dançava em volta dela com todos os meus priminhos... devia ter duas dúzias deles., não, não os vejo mais... minha mãe brigou com a família de meu pai, depois que ele morreu. Eles a culparam por deixar que ele se juntasse aos Franceses Livres, quando a França foi invadida. Ele foi morto quando derrubaram o avião dele... estava numa missão secreta especial para o General de Gaulle... ninguém nunca soube o que era, até hoje.

As histórias que ela contava nunca eram postas em dúvida; uma garota com um aspecto tão extraordinário certamente devia ter tragédia e romance em sua vida e ela só dizia essas coisas aos rapazes que não pretendia ver em Nova York, quando poderiam conhecer Maggy, quando fossem buscá-la para sair.

Maggy fazia questão de verificar os acompanhantes de Teddy, sempre que podia. Ficava tranqüilizada com o desfile sempre diferente de rapazes de sobretudos caros, que parecem ter caras tão limpas, ser tão respeitosos e essencialmente inocentes. Não passavam de crianças, pensou ela, e inofensivos.

— Não há dúvida de que há segurança nos números — disse ela a Lally Longworth. — Fico mais feliz por ver Teddy sair com dezenas de rapazes, em vez de um ou dois. E ela os trata a todos tão mal... Não a compreendo mais... se é que algum dia compreendi. Sei que agora é tarde, ela já saiu de casa para ir para a universidade, mas não me sinto tranqüila, é como se eu tivesse perdido contato com ela... como se faltasse uma batida de coração... Fico pensando que devia haver alguma coisa que eu devesse ter feito para ser mais íntima de Teddy, conhece-la melhor. Ela me intriga, Lally, e no entanto dei-lhe tudo o que podia... teve o meu amor, tem uma casa confortável, sempre foi muito bem tratada, eu lhe comprei as melhores roupas... ah, não sei mesmo...

— Metade das mães que conheço diz o mesmo das filhas — disse Lally, complacente, falando de dentro da fortaleza imperturbada de sua vida sem filhos, coisa que pouco lamentava, e que lhe dava o direito de aconselhar as amigas sobre o modo de educar os filhos. — Depois que vão para a

universidade, passam a ser estranhas. Você tem certeza mesmo de que não há ninguém de sério na vida de Teddy? Ela vai fazer 20 anos breve. O que é que você estava fazendo com essa idade, eu me pergunto?

— Passava os dias provando roupas... e vivendo como mulher — disse Maggy, pensativa. — Na França, a gente ficava adulta tão mais depressa. Ou talvez fosse a década dos 20... não sei, mas todos os rapazes que saem com ela me parecem que mal deixaram os cueiros. Ainda estão tateando na vida. Teddy me garante que esses rapazes nem sequer esperam... quanto mais tentam... fazer amor com ela. Você acha que isso é verdade mesmo?

— Claro que é! De que é que você está falando, Maggy Lunel? Rapazes direitos nunca esperam fazer amor com garotas direitas.

Tudo depende de sua definição de direito, pensou Maggy, lembrando—se de como o frenesi das guitarras havaianas mexiam com o seu sangue, lembrando—se da loucura do céu vermelho de Montparnasse, lembrando—se da melodia de uma Java que tinha o dom de fazer com que uma garota de 18 anos ficasse encabulada com sua virgindade, lembrando—se de uma noite de primavera em que 500 pessoas tinham uivado de prazer ao ver o seu corpo nu.

Mas Lally Longworth tinha razão, pelo menos quanto à segunda metade da década de 40, aquele período profundamente conservador. Uma grande maioria das moças da turma de 1949 de Wellesley ficaram virgens até o casamento e, nessa época da provocação, Teddy Lunel foi responsável por mais dores na virilha do que qualquer outra garota dos arredores de Boston. Ela fora mais influenciada do que pensava pela profunda desconfiança que Maggy tinha dos homens.

Alguns de seus namorados preferidos tinham o direito de passar horas beijando—a, esfregando—se nela freneticamente nos bancos de trás dos conversíveis ou nos sofás de salas escuras em clubes ou grêmios, procurando atingir o orgasmo através das roupas que separavam os dois corpos, pois Teddy nunca permitia que qualquer deles abrisse a braguilha, ou enfiasse a mão por baixo de suas saias. Ela triunfava sobre o desejo deles recusando—lhes qualquer alívio, a não ser o que podiam conseguir sem ela parecer notar. Nenhum deles tinha a calma necessária para perceber que Teddy também tinha um orgasmo, com facilidade, sem um som ou movimento que pudesse perceber, produzido magicamente apenas pela pressão de um pênis rígido preso dentro de um par de calças, um orgasmo secreto que podia acontecer até numa pista de dança. Ela nunca lhes concedia a intimidade que o conhecimento disso provocaria e, por sua crueldade com eles, recebeu o tributo de seus pedidos de casamento.

Teddy não era indiferente aos homens que a amavam, mas em algum lugar dentro dela havia uma profunda falta de interesse pelo sofrimento deles. Ela estava tão apaixonada pela idéia de sua popularidade que nunca se apaixonou por nenhum homem individualmente. Essa sensualidade inacessível, despreocupada, distante, era como algumas gotas d'água para homens que queriam saciar a sede; aquilo os deixava alucinados, muito mais alucinados do que se ela lhes tivesse recusado os beijos que dispensava com

tanta generosidade. Sentir os bicos de seus seios através do vestido, abraçar tanto a sua fragrância desarrumada, fazer seus lábios incharem com beijos demais, mas parar aí como que diante de um muro de ferro...

— Eu só espero, Teddy Lunel — dissera um deles, com raiva — que um dia alguém a faça sofrer como você me faz sofrer.

Ela assumiu um ar digno e de pesar, mas sabia que isso nunca poderia acontecer.

Embora o sexo antes do casamento fosse raro, nas grandes universidades nos fins da década de 40 beber era normal. Na primeira partida de futebol americano a que Teddy compareceu no estádio de Harvard, ela fora iniciada, com um copinho de papel do forte ponche de rum que era contrabandeado para as arquibancadas num dos baldes vermelhos de incêndio, que em geral ficavam nos corredores de Elliott House. Os baldes deveriam ser enchidos de areia para jogar em cestas de papéis em chamas, mas a maior parte das vezes serviam como coqueteleiras ou poncheiras.

Depois do jogo, todos foram de festa em festa, provando as várias misturas fatais e suculentas, baseadas no gim mais barato existente, servidas em cada suíte. A bebedeira era uma maneira normal de se acabar uma noite de sábado, nas universidades principais, mas Wellesley era um campus inteiramente da lei seca. Uma vez houve boatos de uma única festa com cerveja, em Munger, oferecida por uri grupo conhecido como As Onze Nojentas, mas ninguém acreditou, pois o risco era grande demais; expulsão imediata para quem bebesse no recinto da universidade.

Teddy adorava beber. Adorava mesmo. Havia poucas sensações melhores do que a mudança de perspectiva que só o álcool podia produzir, aquela sensação repentina de que o mundo afinal era compreensível e que estava ao alcance de suas mãos. Teddy estudou, porque isso era essencial, passou e bebeu durante os três anos na universidade, cada qual mais memorável do que o anterior.

Numa tarde de domingo, no outono de seu último ano, cinco membros de um conjunto vocal de Harvard, os Dunster Funsters, foram para Wellesley de carro, a fim de visitarem Teddy. Foram passear pelo campus famoso por sua beleza e, depois que resolveram não dar a volta ao lago a pé, Teddy lhes mostrou o Arboretum, uma coleção de árvores raras, escondida, pouco explorada, atrás do prédio de ciências. Parte do Arboretum é um bosque de pinheiros, maravilhosamente aromáticos, o solo coberto por centímetros de folhas caídas, escorregadio e macio. Instintivamente, eles abaixaram as vozes e diminuíram o passo. Pareciam ter chegado a um lugar que não era mais Wellesley, que não era ligado às tones góticas, nem ao forte sentido de propósito que sempre pairava sobre aquele belo campus, por mais preguiçoso que fosse o dia.

— Quer beber, Theodora? — perguntou um dos rapazes, puxando um frasco do bolso e sentando—se debaixo de uma árvore.

— Harry! Você está maluco?

— Nada como uma boa genebra no ar puro., ande, aqui não tem ninguém, só nós, e você sabe que somos inofensivos, que pena.

— Não ouse! — gritou ela, mas os rapazes já estavam passando o frasco. Da primeira vez que lhe ofereceram, Teddy recusou, mas logo, sob a influência calmante do aroma das folhas de pinheiro e a suavidade temporã do ar de princípios de outubro, ela ousou aceitar um golezinho. Depois outro e depois um terceiro. Harry tinha toda a razão quanto a beber ao ar livre, aquilo estimulava os sentidos que não eram exercidos direito, se a pessoa não fizesse parte da natureza. E, ah, que felicidade, que felicidade mesmo é fazer parte da natureza, pensou ela, tomando um bom gole de uísque de um segundo frasco.

— O gin tem um cheiro ruim, o bourbon é forte demais, o rye é horrível, mas quem inventou o uísque escotes foi um homem bom e verdadeiro — declarou ela. Sentia que tinha feito uma descoberta importante.

— Robert Garves sobreviveu às trincheiras da Primeira Guerra Mundial bebendo uma garrafa inteira de uísque escocês, todo dia — disse—lhe Luther, companheiro de— quarto de Harry. — Eu me arrango com menos de metade disso.

— E você nem sabe escrever — disse Harry.

— Mas sei cantar, não sei, Harry?

— Luther, você sabe cantar, nós todos sabemos cantar, diabos, nós todos devemos cantar, diabos!

E cantaram mesmo, a princípio baixinho, harmonizando suavemente. com baladas antigas, as vozes tão baixas que ainda se ouviam os pássaros. Teddy deitou—se e ficou escutando, numa nuvem de prazer. Como era bom! Uma por uma, cantaram todas as especialidades dos Funsters. Realmente, pensou ela, não seria mais que justo que Harvard me desse um diploma, quando esses rapazes se formarem... sou tanto parte da turma deles quanto eles. Quando começaram a cantar canções de futebol americano, nenhum notou que suas vozes agora estavam soando fortemente no bosque de pinheiros. Teddy cantou com eles, mas sua voz era abafada pelas vozes dos rapazes, de modo que ela se levantou e fez uma daninha maluca. Os cinco Funsters aplaudiram, com entusiasmo.

— Mais, Teddy, mais!

— Cantem a canção de Yale... aí eu danço mais.

— Nunca.

— Traidora... você é uma traidora do Rubro, Theodora.

— Cantem a canção da Notre—Dame — insistiu Teddy, saltitando maldosamente.

— Que diabo... não jogamos com os irlandeses... dêem a Notre—Dame à moça... sem essa, Teddy, sem essa!

As vozes deles se ergueram na canção de guerra de Notre—Dame e Teddy pulava como uma estrela cadente, um demônio cativante de bermudas, arrepiantemente graciosa e muito, muito bêbada.

Foi durante o seu bis de Baco, executado num estrondoso final da Marinha, *Beat the Army, Beat the Army Grey!*, que o professor de Filosofia de Teddy e a mulher, passeando por ali, entraram no bosque de pinheiros.

Dois dias depois, Teddy partiu de Wellesley, de vez. O caso dela fora

investigado e resolvido com as devidas formalidades, mas nunca houve dúvida alguma quanto ao desfecho. O pecado era grave demais.

Na estação de Back Bay, Teddy acenou pela última vez a todos os Funsters, tristes e culpados, que tinham ido se despedir dela na estação. Mas quando o trem aumentou de velocidade, nos arredores de Boston, ela enfiou a cabeça quente e dolorida nas mãos e pensou: sua vaca burra, vaca burra, VACA BURRA! "Minha culpa, inteiramente e positivamente minha culpa, eu sabia! Estava pensando que podia me safar com qualquer negócio? Pensei que era invulnerável? Idiota, idiota, idiota maldita, idiota! Perdi tudo, tudo perdido, tudo, chutada do paraíso para todo o sempre... nunca mais serei feliz." Ela teria gemido alto, mas estava no carro salão repleto de passageiros. Ela nunca sentira um desamparo tão paralisante. Todos os temores que a haviam assediado, todos os presentimentos de que a vida era boa demais para ser verdade, que nada de tão maravilhoso podia durar, se juntaram num bolo que se avolumou em seu peito e lhe subiu à garganta.

Teddy ficou sentada quieta durante três horas, atormentada pelo sofrimento, mergulhada em recriminações enquanto o trem viajava pela estrada que ela percorrera em tanto triunfo para ir a Brown, Yale e Princeton. Durante todo o percurso para Hartford, ela ficou olhando pela janela, sem ver. Por fim, animou — se o suficiente para pedir um sanduíche e café. Enquanto comia, olhou em volta do carro salão pela primeira vez, desde que entrara ali.

A princípio seu olhar foi indiferente, sem pensar, sua mente não processando o que seus olhos viam; mas, depois de alguns minutos, ela focalizou a vista, reduziu sua concentração. O carro salão estava cheio de homens de negócio e para onde quer que olhasse encontrava aprovação. Mais do que aprovação, havia um interesse intenso, havia um convite franco, havia fascinação. Teddy sentiu o primeiro ligeiro alívio da dor que estava sentindo desde aquele momento no bosque de pinheiros, em que o Professor Tompkins tinha parado de repente e dito, sem poder acreditar:

— Srta. Lunell!

Alguns instinto fez com que Teddy se levantasse e caminhasse pelo vagão até ao banheiro. Ela empurrou a porta, impaciente, e olhou para seus olhos no espelho rachado sobre a pia. Fosse o que fosse que estivesse sentindo por dentro, não se achava nada diferente do que como se sentia dois dias antes. Ela se firmou contra as paredes, balançando com o trem, enquanto cada quilometro a levava mais para perto de Nova York e a confrontação com Maggy, que ela receava com um medo tão grande que nem podia começar a encarar.

Você tem de fazer alguma coisa, disse ela para si, séria, olhando — se no espelho. Não pode apenas aparecer e dizer que três anos entraram pelo cano. Tem de ter algum plano para o futuro, alguma idéia de como pretende levar a vida. Três anos para um diploma de História não adianta, no mercado de trabalho... mas não posso chegar em casa sem um plano. Não me resta nada senão o meu rosto, é só isso. Mas estarei certa?

Mentalmente, Teddy repassou todos os comentários que jamais ouvira

Maggy fazer, enquanto olhava as fotos dos modelos, de noite, em casa. Havia já sete anos que Teddy deixara de passar muito tempo na agência da mãe, sete anos em que estivera absorpta em si mesma, sete anos em que toda uma geração de modelos se retirara, sendo seu lugar tomado por caras novas, sete anos em que ela mal olhara as revistas de moda, a não ser para ver os exemplares anuais dedicados à moda "volta a escola". Mas nunca se esquecera dos requisitos indispensáveis para um rosto de modelo. Quantas vezes ela ouvira Maggy repeti-los, enquanto abandonava fotos e mais fotos?

Olhando-se no espelho, desesperadamente, ela correu a lista, o coração batendo cada vez mais depressa. Maçãs do rosto definidas; olhos afastados; um nariz com uma forma definida, mas nem grande nem pequeno demais; cabelos com que se pudesse fazer qualquer coisa; pele boa; dentes perfeitos; um pescoço bem comprido; queixo pequeno, bem definido; maxilares largos; testa sita; boa linha de cabelo; um rosto não apinhado... sim, ah, sim, tinha tudo isso. Sabia que era mais do que suficientemente alta, sempre tinha sido bem magra... mas seria fotogênica?

Teddy sabia que só a câmara podia decidir aquilo. A pergunta importante, se a soma de todas as partes, por melhor que fosse, daria um rosto interessante, em duas dimensões, sem a terceira dimensão da profundidade e sem o auxílio do colorido, nunca poderia ser resolvida só pelo olho. Maggy nunca se permitia ser otimista demais com o potencial de uma modelo nova, até ver as fotos de teste, pois muitas garotas não saíam tão bem nas fotografias quanto eram pessoalmente, assim como algumas das melhores modelos eram estranhamente pouco interessantes em carne e osso.

"Não, não posso ter certeza mesmo", pensou Teddy, voltando ao seu lugar, "mas pelo menos é alguma coisa a tentar, alguma coisa que mamãe pode aprovar... ah, sua burra idiota, a quem é que você está enganando?"

Se ela quisesse que eu fosse modelo, por que não havia de mencioná-lo? Para que havia de me mandar para Wellesley?" Mas era melhor se agarrar a uma paina do que a nada.

Depois de sua decepção, depois de sua raiva, Maggy de repente se fez uma pergunta. Por que filha fora tão castigada? Fora uma tal vergonha beber no campus, quando, com a idade de Teddy, ela estava vivendo em pecado com um homem casado e tendo uma filha natural? Um pouco de perspectiva histórica, por favor, disse ela consigo mesma, séria. Disso, como dizia o Rabino Taradash, as criancinhas não morrem. E seria uma boa disciplina para Teddy experimentar o trabalho de modelo.

As garotas Lunel eram um regimento de infantaria, trabalhadoras, motivadas e não estragadas. Ninguém, olhando para as fotos de modas e anúncios para que elas posavam, poderia adivinhar a imensa fibra, energia e disposição para suportar o desconforto que representava essas imagens frívolas.

Com algumas exceções caprichosas, toda modelo de sucesso ia dormir cedo, para descansar oito horas e se preparar para o dia difícil que teria pela frente. Sem tolices, profissional, e com o bom humor possível, ela se

levantava cedo, para estar pronta pontualmente para o primeiro compromisso; a pontualidade era de importância vital para os redatores, clientes e fotógrafos, que esperavam que todas as modelos chegassem, maquiadas e prontas para trabalhar, na hora certa. O senão de responsabilidade era a virtude irmã da pontualidade; uma modelo não cancelava um compromisso por nada menos do que uma internação em hospital, e mesmo que se sacudisse de fadiga entre as tomadas, nunca deixava isso transparecer quando a câmara estava apontada para ela. O tédio era coisa que ela aceitava como parte do dinheiro que ganhava: agora até 40 dólares por hora para algumas das melhores.

Quarenta dólares por hora. A quantia ainda espantava Maggy, embora ela lutasse para aumenta—la ainda mais. Em Montparnasse, quando ela chegara lá, a modelo de pintor comum trabalhava pelo equivalente de 60 cents, por três horas de pose. Claro, depois que Paula cuidara dela, tinha ganhado o dobro, 40 cents por hora por ficar nua num estúdio sem calefação, no meio de um inverno parisiense. Ela conseguira viver com isso, até pagar o aluguel, comprar roupas, usar um cravo fresco todo dia... até mesmo sustentar Julien Mistral durante uma primavera perfeita e inesquecível. Maggy parou e procurou se imaginar de volta na pele daquela moça. Em que ela pensava, como é que ela se sentia? Os lampejos da recordação eram vívidos, o resto estava perdido.

Ela deu de ombros. Ainda devia haver modelos de pintores, coitadas, mas as suas garotas que posavam para fotos de lingerie ganhavam o dobro do que as que só trabalhavam em moda, embora pagassem caro por isso, em perda de status. Suas melhores garotas se recusavam até a posar de camisola e roupão. Pelo menos nenhum Julien Mistral da fotografia podia mandar que Teddy tirasse as calcinhas. Nisso havia algum consolo.

Maggy pensou na questão do fotógrafo a quem Teddy devia ser mandada para suas fotos de teste. Normalmente, ela não se preocupava mais com esse tipo de decisão. Tinha 22 funcionários e entre eles havia seis que podiam ter resolvido o assunto com um telefonema. Maggy sabia, claro, que estava sendo superprotetora, mas essas fotos eram vitais. Se fossem decepcionantes, o futuro de Teddy como modelo desapareceria. Se fossem boas, seriam usadas para o primeiro "composto" de Teddy, uma colagem de fotos de 20 x 25cm, que seria seu cartão de visitas, passaporte e documento de identidade provisório até ela conseguir com esforço, durante meses, construir uma pasta de uma série de fotos, o seu "livro" que levaria para toda parte, para poder ser mostrado a redatores de revista, agências de publicidade e fotógrafos.

De repente, Maggy, que estava acostumada a endurecer seu coração para as ambições, esperanças e sonhos de mil garotas por ano, Maggy, que nunca adotava o ponto de vista da modelo até ter as fotos para ver, que falariam mais alto do que qualquer voz humana, viu que estava tão ansiosa para tem as fotos como se ela mesma estivesse tentando entrar no negócio. Ela se imaginou folheando as fotos de teste de Teddy, imaginou—se pensando e considerando os méritos de Teddy com os de... ah, digamos, aquela grande

modelo, Sunny Hamett, que tinha o queixo e nariz muito salientes para beleza, que, vinha a boca larga demais, mas que possuía um sorriso que levava a pessoa liem para a página com ela, um sorriso de uma alegria tão pura que se transferia ao leitor; Sunny Hamett projetara uma rajada louira de elegância de Souampton, que parecia estar ao ar livre e correndo atrás de uma bola mesmo quando estava sentada. Teddy teria essa energia? Maggy, com toda a sua perícia, viu que a única coisa prática que podia fazer para ajudar Teddy era trabalhar em sua maquiagem precária, que servia para a universidade, mas nem de longe para a fotografia.

Com, Toni Friseli, Horst, Rawlings, Bill Helbum, Milton Greene, Jimmy Abbee, Roger Pringet — ela poderia pedir um favor a qualquer desses grandes fotógrafos, mas enquanto revia os nomes deles, mentalmente, ela sabia que não ia poder resistir a pedir a um dos três fotógrafos que considerava mais talentosos no mundo: Avedon, Falk ou Penn. Mas era a temporada das coleções em Paris e nessa estação, especialmente Avedon, cuja estrela subira tão depressa nos últimos anos, estava lá, representando Bazaar, e Penn estava em Paris, pela Vogue. Assim, teria de ser Falk, pois Maggy não podia suportar esse suspense, mesmo que Teddy pudesse.

Aquilo era como estar numa carreta a caminho da guilhotina, pensou Teddy, ou de pé na borda do trampolim mais alto, olhando para o círculo de fogo na água embaixo. Ela ficou parada, gelada de constrangimento, do lado de fora de uma cocheira reformada onde ficava o estúdio de Falk, entre a Lexington e a Terceira Avenida. Já passava das 17:00, numa tarde de Sexta feira, e a rua estava cheia de gente saindo apressada de seus empregos, com o fim de semana acenando.

Estava fazendo um tempo de futebol, percebeu Teddy, tremendo ah na brisa, e ela devia estar a centenas de quilômetros de distância dali, vestindo — se para um encontro — ah, Dunster, Leverett, Winthrop e Eliott! Ela murmurou uma fórmula cabalística dos nomes das famosas residências de Harvard no Rio Charles — era ali que ela deveria estar! Em vez disso, estava toda emproada e polida, escovada, pintada e vestindo roupas novas, desde os sapatos até o penteado, tão perfeita como a mãe conseguira torná-la. Nunca estivera mais bonita e sabia disso, mas saber não a ajudava.

Suas pestanas estavam cobertas de rímel, que lhe era estranho, a pele coberta de pó, base e ruge, aplicados com perícia, e os cabelos tinham acabado de ser penteados por Elizabeth Arden. Maggy tinha preparado Teddy na elegância adulta e impecável do New Look de Dior, escolhendo um costume de flanela cinza, apertado, de jaquetão, com lapelas de veludo preto. O casaco era bem apertado na cintura, os quadris exageradamente arredondados por um forro de entretela sobre uma saia reta que chegava a poucos centímetros acima dos tornozelos. Teddy estava com sapatos pretos de antílope, de saltos altos, um chapeuzinho de veludo preto com um véu que chegava até debaixo do nariz, e luvas de pelica cinza claro. Debaixo da blusa nova e cara, a despeito do antiperspirante que aplicara afita três vezes, desde de manhã, ela estava começando a suar, nervosa. Ela tocou a campainha. Talvez o movimento a fizesse ficar enxuta.

Falk concordara em tirar as fotos de teste da nova garota de Lunel, contanto que ela fosse depois que ele tivesse acabado com as tomadas da semana. Se Dora Mazlin, a principal contato, da agência de Maggy, não tivesse telefonado pedindo esse favor pessoal à secretária de Falk, ele nem se teria dado ao trabalho de arranjar uma hora, mas essa secretária devia um favor a Dora, por sua ajuda em emergências anteriores. Todos só fotógrafos, mesmo os solicitados como Falk, de vez em quando precisam de um excelente modelo em cinco minutos e Dora era o canal competente.

A porta foi aberta, quando Teddy tocou, por uma mulher pequena e alegre.

— Você é a nova garota de Lunel, certo? Pode entrar.

Teddy olhou em volta da sala de espera. Havia um ambiente de um conforto displicente, mas não existia nada de excepcional na sala, a não ser as fotos nas paredes.

— Posso olhar? — perguntou ela à secretária, pois estava nervosa demais para ficar parada.

— Claro, á vontade.

Teddy foi de uma foto a outra, ficando mais tensa a cada minuto. Ela sempre dava um pouco mais de atenção a fotografias de moda do que as outras moças da sua idade, mas aquelas fotos eram como sonhos que revelam um outro mundo que se parece com o real, porém místicamente acentuado, mais significativo, cheio de um poder mágico. Ela reconheceu vários rostos, a maior parte das modelos era da Lunel, mas certamente nenhuma das moças que ela conhecia jamais fora tão interessante. O olho da câmara apanhara um milésimo de segundo de uma revelação de personalidade. Por trás das belas feições, Teddy podia captar o ser íntimo de cada modelo. Aquelas não eram simples fotos de modas, eram retratos plenamente realizados de mulheres pensando seus pensamentos mais pessoais.

— Escute — disse a secretária, de repente — se eu demorar mais, vou — me atrasar para o meu encontro. O telefone hoje não vai mais tocar, de modo que vou embora. Pode dizer a ele que eu o vejo segunda de manhã, bem cedinho?

Ela pegou o casaco e saiu, batendo a porta atrás de si, acenando rapidamente.

Teddy sentou-se na beira de uma cadeira na sala de espera vazia. Além da porta aberta, ela via uma parte do estúdio bem iluminado. Durante 20 minutos, quase insuportáveis, não aconteceu nada. A coqueira estava sossegada, com aquele silêncio especial do fim de tarde da sexta-feira, que diz tão claramente que o trabalho está terminado por aquela semana. Poderia haver algum engano? Será que ela estava ali sozinha?, pensou Teddy, afinal.

Por fim, vacilando a cada passo, Teddy se levantou, rígida, e se arriscou a entrar no estúdio, parando pouco depois de passar pela porta. Procurou tirar as luvas apertadas, que pareciam estar grudadas em suas mãos. Não havia onde sentar, nada na sala a não ser um clarão intenso de luzes, à

espera, uma câmara sobre um tripé e uma folha de papel virginalmente branco, estendido por uma das paredes e espalhados no chão. Transpiração, sim, positivamente mais transpiração, pensou ela, com horror, escorria pelos lados de seu corpo, por baixo de sua nova cintinha de cintura. Ela se deu conta de que não estava respirando e respirou fundo duas vezes.

— Há alguém aí? — perguntou ela, numa vozinha trêmula. Não teve resposta. De repente a porta do quarto escuro se abriu toda e um homem saiu, com uma folha de papel na mão e olhando para ela. Ele a olhou de relance. — Já vou atende-la — disse ele, olhando para o papel de testa franzida.

Depois, tornou a levantar os olhos e largou a foto molhada, olhando bem para ela do outro lado do mar de papel branco.

— Ruiva?

Teddy deu um salto e apertou os olhos, mas não podia vê-lo claramente.

— Ruiva!

A expressão do rosto de Teddy mudou e se tomou tão complicada como o momento que precede uma tempestade de primavera. Ela pisou com firmeza no papel imaculado e deu um grande passo à frente, protegendo os olhos.

— Só uma pessoa na vida me chamou de Ruiva e foi um pulha de um filho da puta que me levou a sete cinemas, me ensinou a beijar enfiando a língua e depois me largou sem uma palavra de explicação.

— Ruiva... posso explicar.

— Ah—ah! — Galvanizada, esquecendo—se de sua aflição e nervosismo, Teddy deu cinco passos rápidos para a frente e agarrou a camisa dele. — Morri de chorar por sua causa, seu chato! Pensei que era um fracasso total, durante meses fingi para minha mãe que estava farta de você, disse a sua prima que você tinha—se metido a engraçadinho... por que nunca mais me ligou, Melvin Allenbert?

— Você sentiu mesmo? — perguntou ele.

— Ah, mas que merdinha você ficou! Agora quer se deleitar com o meu sofrimento. Isso é nojentto! Em todo caso, o que você está fazendo aqui?

— Serão.

— Então, consegui arranjar trabalho num estúdio de fotografia, afinal... a ovelha negra dos Allenbergs... aposto que a sua mãe ainda está furiosa.

— Ela se adaptou.

— Onde está esse Falk? Já estou aqui há meia hora — disse Teddy, autoritária.

— Eu sou Falk.

— É merda nenhuma.

— Está vendo mais alguém aqui?

— Prove.

Melvin Allenberg começou a rir.

— Ah, Deus, Ruiva, você não muda.

Teddy não tinha largado a camisa dele e então tentou sacudi-lo, mas

por mais que tentasse, não conseguiu fazê-lo mexer. Sólido como um toucinho, ele deu gargalhadas diante dos esforços dela, enraivecendo—a tanto que ela ficou com lágrimas nos olhos. Ele levantou os braços, puxou os dela para baixo e os prendeu ao lado do corpo.

— Vamos subir., moro por cima da loja. Vou—lhe dar todas as provas que quiser.

Ele soltou Teddy e saiu depressa do estúdio para a ante-sala. Ela o acompanhou, começando a acreditar nele por causa do jeito como se movia. Na segurança displicente de seu andar, havia o gesto inconfundível que revela a propriedade e quando ela subiu a escada atrás dele e viu a sala grande, que parecia ter sido feita de todo o segundo andar da coqueira, viu logo que ele estava em casa. A sala assentava a Melvin Allenberg. Era desarrumada e completamente tomada pelas enormes ampliações de fotos de mulheres lindas, algumas nas paredes, algumas pelo chão, outras empilhadas nos cantos. Havia dúzias de livros abertos, uma mesa continha um monte de revistas de um metro de altura e os sofás e poltronas baixos eram todos estofados em couro verde—escuro.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou ele, indo para junto de uma bandeja repleta de garrafas e copos, sobre uma velha arca.

— Uisque com gelo, mas isso não vai melhorar a sua situação, Melvin Allenberg.

— Melvin Falk Allenberg.

Teddy apertou os olhos, sem comentários, de um modo que o deixava saber que estava sob suspeita. Ele serviu as bebidas para os dois e sentou—se numa poltrona ao lado do sofá, debruçado para a frente, os cotovelos nos joelhos e as mãos dobradas sob o queixo. Olhou para Teddy, calado, durante um tempo.

— Tire o chapéu — disse ele, por fim.

— O que?

Ela estava indignada.

— Tire o chapéu... não gosto desse véu, não posso vê-la direito.

— Eu ainda nem sei se vou ficar — disse ela, com o que esperava ser um sorriso inteiramente sem vida, um sorriso como nunca esboçara na vida, nem conseguiria fazer no futuro. Ela recuperara a valentia que três anos de brincadeiras, sem oposição, com os maleáveis corações masculinos lhe tinham dado. — Ainda nem sei se vou permitir que cite minhas fotos de teste. Tudo depende do motivo pelo qual você nunca mais me procurou. Não me importa a mínima que seja rico e famoso, seu sacana, tal e qual você disse que seria. — Eu disse que nós seríamos — respondeu ele.

— Lembra—se? Depois de cinco anos?

— Lembro—me de tudo. Quando nos conhecemos, você estava entrando em sua fase destruidora. Embora eu só tivesse 18 anos, vi isso acontecendo, certo como o nascer do sol, e não quis ser a sua primeira vítima... já era bem ruim ser o seu primeiro triunfo. Portanto, dei o fora quando vi que mais um encontro, mais uma daquelas sessões de beijos alucinados, de pé junto à sua porta, me liquidariam e provavelmente para

toda a vida. — Ele se calou, depois acrescentou: — Não é preciso dizer que eu estava errado. Já era tarde demais para minha própria preservação.

— Humm.

Teddy já tinha ouvido antes esse tipo de declaração, em todas as suas variações, mas havia nas palavras dele uma paciência sofrida e um tipo de aceitação calma mais convincentes do que as frases mais apaixonadas. Ele continuou a examiná-la, enquanto ela tirava o chapéu com cuidado e passava os dedos com arte pelos cabelos, redistribuindo as ondas bem-feitas, até a luz dançar no meio daquela confusão de vermelhos.

Teddy bebericou seu uísque, que teria sempre o gosto do perigo, e retribuiu o olhar fixo dele. Melvin Allenberg tinha amadurecido bem. Ainda conservava a cara de pássaro, com seu nariz bicudo e óculos enormes, mas seus olhos grandes e vivos dominavam o rosto com uma inteligência impregnada com o tipo de energia que é a essência do próprio encanto. O rosto dele era um rosto completo: os anos apenas confirmariam sua forma, o queixo firme, a testa larga, o halo crespo de cabelos escuros. Ela nunca se esquecera da boca dele, a primeira que ela beijara. A inteligência e a fantasia estavam estampadas em seus lábios bem formados, como se ele fosse um feiticeiro.

— Imagino... — começou ela, com um tremor nos cantos da boca que mostrava que estava disposta a perdoá-lo. Então ela parou, afetada por uma recordação repentina. — E eu que estava pretendendo convidar você para a festa de formatura, da próxima vez que estivesse com você. Ah! Quando você nunca mais apareceu, fui orgulhosa e não lhe liguei.

— E todos aqueles outros caras com quem você saía?

— Resolvi não convidar nenhum deles... e não fui. Perdi a festa — respondeu ela, triste.

Ele de repente se levantou, cobriu o espaço entre eles, sentou-se no sofá, pegou-a com firmeza e a beijou na boca.

— Ah, minha Ruivinha, meu amorzinho, desculpe... devia ter telefonado, mas o que é que eu podia dizer? Naquela época, não havia como explicar... eu era burro demais para saber as palavras certas.

Com ternura, ele tirou o batom dela com o lenço e tomou a beijá-la. Nos braços dele, ela sentia que ele era sólido como uma árvore, os lábios dele eram conhecidos. Os lábios de Teddy tinham sido beijados mil vezes nos últimos anos, mas a memória senhorial recapturou o seu contato, gosto e calor especiais; no entanto, ele estava tão mudado, diferente, de um modo que ela repentinamente entendeu, com alegria. Ele era um homem e a beijava como homem, não como garoto. Teddy chutou fora os sapatos e se deitou no sofá, de olhos abertos, olhando para a luz rosada de um crepúsculo de Tiepolo refletida no teto. Ela suspirou, deliciada, e deixou que ele levantasse seus cabelos da nuca e a beijasse atrás das orelhas. Eles nunca tinha-se beijado sentados, pensou ela e, como criança caprichosa, fugiu dele e esfregou o nariz no dele, com força.

— Amigos? — perguntou ele, ansioso.

— Eu te perdôo. Só por causa dos velhos tempos — resmungou Teddy,

satisfeita.

Ele passou as mãos pelo paletó elegante que ela usava, uma peça tão forrada e com barbatanas que ficava em pé sozinha.

— Tantos botes — reclamou ele, começando a desabotoá-los com cuidado — entre mim e a minha pequena.

Para Teddy, a tentativa de desabotoar um único botão era como um sinal de alarme imediato, mas ela o permitiu porque a blusa debaixo do paletó a protegia com mais uma fileira dupla de botoezinhos de tafetá. Dali a pouco ela estava deitada no sofá, com sua blusa complicada e saia nova, flutuando, se elevando e se fundindo sob o tumulto dos beijos dele. Ela ficou sem respiração. Essa coisa tão repentina, essa falta de preparação, de namoro, essa brevidade; a percepção de estar sozinha na casa com ele, não num grêmio, rodeada por uma dúzia de casais se beijando, de repente lhe pareceu perigosa, até ela olhar para o rosto de Melvin. Então, se descontraíu de novo. Ele tinha tirado os óculos e lhe parecia tão querido e tranqüilizador, que ela voltou a mergulhar no rio de suas carícias, gostando da inebriante sensação de poder que sempre sentia quando o homem que a estivesse beijando ia—se excitando cada vez mais, quando o ritmo de sua paixão se acelerava e suas pulsações também. Mas Melvin então fez uma coisa que nunca lhe acontecera em seus três anos de bolinação dedicada. Ele a levantou do sofá, sem qualquer aviso prévio, e a carregou com facilidade por uma porta que ela não notara antes e que dava para seu quartinho de dormir.

— Melvin! — protestou ela, esperneando como louca. — Pare com isso! O que pensa que está fazendo? Eu nunca me deito nas camas dos rapazes!

— Há sempre uma primeira vez e eu não sou rapaz — disse ele, a voz abafada de amor mas decidida.

Teddy lutou para se levantar de cima da colcha, mas ele era tão forte que era como lutar contra uma corrente enquanto dos, ele ficou beijas, do onde podia, as pontas dos dedos, o queixo, a raiz dos cabelos, os olhos, um hábil incendiário acendendo mil fogueiras. Muitos minutos depois, quando ela estava ardendo da cabeça aos pés, ele começou a desabotoar os boiões da sua blusa. Ela fez um protesto débil. Suas muralhas de feno de confiança, além das quais nenhum homem podia penetrar, pareciam ter desmoronado e Teddy viu—se sem barreiras.

Isto não está acontecendo, pensou ela, enquanto ele lhe tirava a blusa e abria o cós da saia, puxando—a pelos pés. Quando as mãos quentes dele desabotoaram a cintinha de cintura e libertaram seus seios, quando { a quente se colou aos bicos, esses bicos virgens, imaculados, q sido tocados em sua nudez, ela pensou, de novo: não, não está acontecendo. Mas logo, quando ele os reduziu a pontinhos brilhantes de sensação com sua boca, ela pensou: talvez afinal esteja acontecendo, sim. Quando viu Melvin Ailenberg, despido, comprimindo todos os centímetros rijos de seu corpo nu, quando sentiu o pênis dele, saltando como um peixe, na sua barriga, ela viu que afinal, e positivamente, devia estar acontecendo, e que, mesmo sem acreditar, ela estava preparada. Deitados, eles se encaixavam como se

fossem da mesma altura. Melvin foi supremamente lento, tremendo para se controlar, incrivelmente paciente, mas impiedoso. Ele a possuiu centímetro por centímetro, possuiu Teddy Lunel tão completamente que a deixou sem segredos. E, afinal, aliviada de sua bagagem de castidade rígida, ela ficou deitada ao lado dele, contente e agradecida.

Capítulo 17

Eram 150 vestidos de primavera de Molyneux, cada qual com suas luvas pintadas para combinar. Estranho, os detalhes que lhe vinham à mente sempre que ela estava nervosa, pensou Marietta Norton, enquanto o Constellation Lockheed atravessava as nuvens e o sol aparecia — isso devia ter sido em 1933.

A sócia principal da revista *Mode* respirou aliviada, quando o avião se equilibrou. Ela nunca confessava a ninguém, mas tinha pavor de andar de avião e a decolagem de Idlewild tinha sido difícil, naquela ventosa manhã de setembro de 1952. Ela pensou com saudades nos tempos em que publicar uma revista de modas ainda era um processo razoavelmente civilizado, aqueles anos em que todo mundo embarcava no Normandie para ir à França, ver as coleções: de primeira classe, cinco dias de patê, caviar, champanha e uma oportunidade de refazer o espírito. Mas agora ela precisava andar aos trancos e barrancos pelos céus horríveis, como se não fosse nada de especial.

Aquela viagem à França, por exemplo, para ver as roupas de férias do ano seguinte, que apareceriam em 12 páginas do exemplar de janeiro — poderia ter sido feito perfeitamente nos Hamptons, em sua opinião; afinal, todas as roupas eram de desenho americano. Mas não, Darcy insistira numa produção em grande escala.

— Marietta — dissera ele, com aquele seu ar de *grand seigneur* que nunca deixara de aborrecê-la — estamos sempre adiante da *Vogue* e *Bazaar* porque não temos medo de fazer as coisas com toda a força. Parece que *Vogue* está cobrindo as férias em Portugal e você vai à França por *Mode*. Não vamos mais falar a respeito.

Marietta Norton tinha dado de ombros. Era uma velha discussão entre eles e ela não ganhava nunca.

No entanto, ela sabia que era a redatora de modas mais experiente do ramo e Darcy a admirava do único jeito que ela queria ser reconhecida, que era pagando—lhe generosamente num setor em que os ordenados em geral eram reduzidos. Deus sabia que, depois de 30 anos no mundo na moda, ela só trabalhava pelo dinheiro que lhe permitia mandar as quatro filhas para os melhores colégios e não pelo prazer do trabalho. No que lhe dizia respeito, a graça desaparecera havia muito, tão completamente quanto o abrigo de rigor de Lanvin, com ombros cheios de raposa prateada, e os almoços para duas pessoas por dez dólares no Colony, e a festa de circo de Cobina Wright,

e vestidos compridos para as corridas de tarde, e a Sra. Harrison Williams fantasiada de crinolina como a Duquesa de Wellington para o Baile da Ópera de Chicago.

Tinha havido coleções de Paris demais e páginas de roupões de Natal fotografadas em julho, e viagens de táxi aos solavancos para a Sétima Avenida, e almoços que a faziam engordar com os fabricantes que anunciavam em *Mode*, e dias em que tinha de procurar as palavras certas para comunicar que a moda virara outra página e agora as mulheres tinham de jogar fora o velho e adotar o novo, em que a própria Marietta Norton não ligava a mínima para o que usava e, o que era pior, isso era aparente e ela bem o sabia.

Como muitas das melhores redatoras de modas, Marietta Norton era desmazelada e não se envergonhava disso. Passara a maior parte da vida examinando todas as roupas do mundo ocidental e decretando quais eram as melhores; tinha um instinto para a escolha que, se fosse de uma mulher jovem, esguia e muito rica, teria garantido para essa mulher um lugar na lista das Dez Mais Elegantes, mas Marietta Norton nunca tinha tempo, interesse nem energia para gastar escolhendo coisas para si. O pior, refletiu ela, é que era baixa e gorducha, o tipo de mulher que os ingleses sempre diziam que "parecia uma cozinheira", embora nem os ingleses, aparentemente, tivessem mais cozinheiras.

No entanto, ela contava com essa viagem para produzir páginas de férias que fariam com que o material da *Vogue* em Portugal parecesse sem graça, se é que não aparecesse alguma das pragas que costumam atormentar as viagens ao exterior.

Bill Hatfield, o fotógrafo esguio e irreverente, era, na sua opinião, um dos rapazes de mais bom gosto no ramo. Berry Banning, sua assistente, parecia de uma eficiência fora do comum até então, embora ela não pudesse ainda pôr a mão no fogo por ela, até voltarem para Nova York sem incidentes. Muitas vezes as garotas de seu ambiente endinheirado, de Locust Valley, Bar Harbor, Spence—Chapin, não tinham os predicados necessários para vencer no mundo das revistas.

O único detalhe que não estava inteiramente satisfatório, para Marietta, era o corte de cabelos da modelo. Ela lançou um olhar raivoso para as costas da cabeça de Teddy. A incomparável Srta. Lunel, com seus malditos olhos maravilhosos, se recusara firmemente a deixar que lhe cortassem os cabelos no novo estilo de pétalas de crisântemo. Era o penteado da década, Marietta estava convencida disso, mas quando é que Teddy Lunel fazia alguma coisa contra sua vontade?

Ela nunca tivera de ceder, desde o primeiro dia em que começara a trabalhar, quatro anos antes. Assim como Norman Norell e Mainbocher, os dois astros dos figurinistas que tinham tanto poder que só deixavam suas roupas serem fotografadas se lhes fossem dadas quatro páginas — inteiras, com exclusividade, a cada um. Teddy Lunel era a fanica modelo viva que nunca era fotografada com outra modelo. No entanto, provavelmente era melhor assim, pensou Marietta, perdendo a Teddy sua teimosia quanto aos

cabelos, já que mesmo a melhor das outras modelos parecia... bem, talvez "diminuída" fosse o melhor meio de exprimi-lo, ao lado de Teddy.

Aquela era a sexta vez que Marietta tinha usado Teddy para a Europa.

Ainda na primavera anterior, elas tinham ido juntas a Paris para as Coleções de Outono, e se algum dia alguém tivesse parecido tão supremamente linda, de quebrar os corações, como estava Teddy no chapéu de filó preto e rosas de Balenciaga, o filó esvoaçando no preto como açúcar cande, ela queria muito saber, pois teria sido um milagre. E onde é que estava a comissária de bordo com o seu martini, perguntou-se ela. A viagem de Nova York a Paris, um vôo de 18 horas, com paradas para reabastecimento em Gander, na Islândia, só Deus sabia onde, e de novo em Shannon, era pelo menos uma viagem de oito martinis... se ao menos alguém não lhe tivesse dito que os momentos mais perigosos são a decolagem e o pouso, ela poderia ter-se contentado com uns dois ou três.

Bill Hatfeld não precisava beber. Fora piloto da marinha na guerra e podia embarcar em qualquer aviso comercial, adormecer antes da decolagem e acordar a tempo do pouso.. , contanto que estivesse com seus três amuletos, aqueles que mantinham o aviso no ar. Ele estava contente porque Marietta, mulher sabida, como ele nunca vira, o tinha contratado para aquela viagem. As coisas estavam engrossando, lá no estúdio. Sue afinal se mudara e, se cumpria a promessa, estava providenciando para que o advogado dela se encontrasse com o dele para resolverem o divórcio. Tudo muito bem. Mas Monique estava pretendendo mudar-se para lá e Elsa também. Será que ele teria mesmo sugerido isso a ambas? Elas pareciam achar que sim. O único problema em ser fotógrafo de modas eram as garotas. Garotas formidáveis, ele nunca conhecera uma de quem não gostasse — era essa a dificuldade. Mas pelo menos durante essa viagem, ele não estaria correndo perigo — já tivera sua oportunidade com Teddy Lunel.

De soslaio, ele a observou, debruçada num livro. Tinham sido os seis meses mais maravilhosos de sua vida, quando ela deixou de ser namorada de Falk, três anos antes, mas com Teddy, quando acabou, acabou mesmo, estava terminado, morto, sem brasas nem lembranças. Ela não olhava para trás, aquela. Ele se perguntou quantos casos ela tivera, depois dele. Amistade da promiscuidade sexual era como uma capa de veludo em que ela se envolvia com um sorriso que podia mandar o sujeito para o inferno. No entanto, ele sobrevivera... ou quase.

Ele pensou nas outras modelos que poderiam estar fazendo essa viagem com a turma da Mode. Havia Jean Patchett, cujas sobranceiras eram desenhadas por um mestre em caligrafia, cujo sinalzinho de beleza redondo e preto, logo acima do olho direito, era o sinal de beleza mais famoso na história da fotografia. O aspecto de Patchett era a sofisticação levada aos limites extremos... errada, para o tipo de fotos que ele pretendia bater. Dovima, com seu rosto ardente, cabelos pretos e olhos azuis, teria sido uma boa escolha para vestidos de baile, mas ele não podia imaginá-la usando roupas de férias. Lisa Fongsegrievs, com sua beleza lunar, seu rosto de princesa de porcelana, aquele narizinho arrebicado espirituoso e cabelos

louros e cacheados... sim, ela teria sido maravilhosa... mas ainda assim, um pouco menos perfeita do que Teddy. A fanica outra possibilidade fora Suzy Parker. A pessoa pensava que não era possível nascer uma garota mais linda do que Suzy... até olhar para Teddy.

Estranho como a beleza se divide em dois planos. Havia os 150 modelos em Nova York, que eram a nata das moças mais bonitas em todo o país, e havia a meia dúzia entre essas 150 que se haviam separado da turma e estavam isoladas, cada qual uma campeã maravilhosa, com sua própria beleza especial, e depois havia Teddy Lunel. Ele nunca ouvira melhor descrição dela do que uma de que se lembrava ter lido na universidade: "Ah, tu és mais bela do que o ar da noite, trajando a beleza de mil estrelas", uma frase de Marlowe que, por algum motivo, ficara em sua cabeça, observador profissional da beleza que sempre fora, mesmo antes de ser fotógrafo. Podia—se somar todas as peças, mas ainda não se podia exprimir a harmonia misteriosa de sua beleza sem recorrer à poesia.

Bill Hatfeld estava satisfeito por trabalhar com ela, embora não houvesse nada da camuflada corrente de potencial sexual entre eles, que certamente haveria se ele estivesse trabalhando com uma modelo com quem ele ainda não tivesse dormido.

Teddy tinha um jeito de nunca parecer a mesma, que tornava o trabalho dele uma aventura em criatividade mútua, em vez de um processo técnico. Cada vez que trocava de roupa, Teddy assumia a vida de outra mulher, uma mulher que um dia compraria aquele determinado vestido e com ele encontraria um homem que se tomaria o grande amor de sua vida, uma mulher que se lembraria, até morrer, o que estava usando naquele determinado momento.

Como é que ela conseguia fazer aquilo ele nunca entendera. Uma sensação de existência autêntica, nada menos, é o que Teddy produzia para a câmara. No entanto, afinal era para isso que ela ganhava 70 dólares por hora, mais do que qualquer modelo no mundo. E valia todos os cents.

Onde, pensou ele, estava a comissária com o seu martíni? O bom de se voar em avises comerciais era que a gente podia beber sem se preocupar com sua coordenação. Pousar num porta—aviões com álcool na corrente sanguínea nunca fora coisa recomendável... embora já tivesse sido feito, e por ele mesmo, pensando bem.

Berry Banning estava empolgada demais para notar a instabilidade do ar, quando eles decolaram. Para ela, aquela era a missão mais importante, desde que entrava para Mode, três anos antes. Nunca estivera numa viagem de trabalho no exterior, na Europa, e suas responsabilidades eram apavorantes. Marietta resolvera as roupas, claro, e todas tinham sido experimentadas em Teddy, antes de partirem, mas Berry era a encarregada de todos os detalhes, dali em diante.

Ela fizera toda a arrumação complicada, de referencia, de 12 malas grandes, de modo que cada conjunto estava com a grande variedade de sapatos, bolsas, jóias, lenços, chapéus, meias de náilon e óculos escuros que Marietta Norton exigia para uma pose de modas.

Como Diana Vreeland, da Bazaar, e Babs Rawlings da Vogue, Marietta Norton encarava cada fotografia como se fosse uma forma de arte. Mesmo quando pretendia fotografar apenas um chapéu, fazia questão de que a modelo estivesse usando um perfume que completasse o estado de espírito do chapéu, estivesse com sapatos que lhe servissem perfeitamente, luvas brancas impecáveis e meias novas. Sabia amarrar uma echarpe para insinuar cem variações de moda, com um gesto transformando qualquer modelo de uma apache a uma Gainsborough. Brincava com os acessórios como um decorador de teatro, mas Deus que ajudasse sua assistente se Marietta não tivesse escolha suficiente. Se perdesse uma única mala... Um deslize desses, mesmo que fosse culpa do carregador, e nunca mais ela confiaria em Berry. Marietta Norton, a quem ela idolatrava, sem dúvida poderia improvisar alguma coisa, pois nunca houvera uma viagem de Marietta Norton ao exterior que não fosse um sucesso, mas a sua carreira morreria antes de chegar a nascer direito e não havia na vida nada que ela desejasse a não ser um futuro no mundo da moda.

Desde menina, Berry Banning tinha guardado todos os exemplares da Vogue, Mode e Bazaar e, recentemente, da Charro, Glamour e Mademoiselle, estudando suas páginas como se fosse seu único livro de orações e ela fosse uma freira num convento.

Nunca lhe ocorrera que o modo de vestir de uma mulher pudesse ser uma expressão legítima da própria personalidade da mulher, que dependia de seu ponto de vista sobre a vida. A moda, para Berry, era a lei e os seres mais felizes eram aqueles, como ela, que tinham dinheiro suficiente para viver sob essa lei, que se podiam dedicar a realizar todas as variações sutis de seus ditames maravilhosamente inconstantes. Ela nunca parava de tentar ser digna da alta moda. Ela passava horas olhando—se no espelho de corpo todo, infeliz, sem conseguir atingir a expressão gelada e eternamente irônica de um distante amor—próprio que aparecia nas páginas das revistas, como se as modelos estivessem perguntando: "Eu sirvo?" e dando a resposta secreta: "Claro que sim" Todo vestido dela era exatamente o que ditava Mode; um triunfo de arquitetura, construído com o mesmo cuidado que uma ponte, insistentemente feminino, criando uma linha de cintura fina, decotada, de saia larga, que parecia natural desde que a pessoa não estivesse presa dentro dela.

Mas, infelizmente, Berry Banning tinha cabelos de menina rica, castanhos e sem direção, o tipo de cabelo que só fica bem puxado para trás e preso por um diadema. Pior, tinha membros de menina rica, formada por genes de gerações de Bannings atléticos, e era forte demais para as elegâncias de boneca de papel quase vitorianas do New Look. E, pior, que tudo, tinha obstinadas feições de menina rica, boas mas simples, bastante agradáveis, mas francas demais para se prestarem a modificações pelo uso de cosméticos.

Ela sempre tinha a mesma cara, pensou Berry, com um desespero conhecido, fizesse o que fizesse. Ela evitava olhar para Teddy, que estava sentada apenas uma fila adiante. Já ia ser bem ruim ter de olhar para ela

durante dez dias inteiros de trabalho. Ela já trabalhara várias vezes com Teddy, embora só um dia de cada vez, em vários estúdios de Nova York, e já conhecia a terrível enxaqueca que sempre tinha depois de um dia desses, quando voltava para casa e via o próprio rosto no espelho.

Não era que tivesse inveja de Teddy nem ciúmes, disse para si mesma, escrupulosamente — aliás, gostava realmente dela — mas apenas não parecia justo que duas garotas da mesma idade tivessem as mesmas coisas no rosto, como olhos, narizes e lábios, mas com resultados tão completamente diferentes. Era como se Teddy pertencesse a uma forma de vida totalmente diferente. Como podia ser, quando ela acordava de manhã, e se olhasse no espelho para aquele rosto — e saber que era dela? Oh, onde estava a comissária como seu martíni?

Sam Newman, assistente de Bill Hatfield, estava observando Berry Banning, disfarçadamente. Cristo, mas ele adorava aquele tipo de mulher! Peitos bonitos e cheios, pernas lindas, compridas e bronzeadas do verão, o tipo de risada que continha a segurança em si que nascia nos ossos, uma risada rica como ela mesma. Na sua vasta experiência, não havia trepada tão satisfatória como a com uma garota rica parecia que elas gostavam mais, decerto porque não importava muito quando trepavam com o assistente e não com o próprio fotógrafo, de modo que elas se soltavam e se divertiam. Ele tivera casos com garotas ricas das equipes de todas as publicações do ramo e também dos departamentos de modas de todas as revistas femininas e as preferia às modelos; já tivera muitas modelos também, embora, claro, nada como Teddy Lunel.

As moças ricas eram muito menos neuróticas do que as modelos, por exemplo: preocupavam-se menos em ter de dormir cedo; apreciavam mais a comida; bebiam melhor; muitas vezes insistiam em pagar a nota, porque sabiam perfeitamente que ele ganhava pouco, e todas se sentiam culpadas porque nenhuma tinha, de viver do ordenado que ganhava. Ah, mas ele gostava das roupas de baixo delas, imaculadas, e dos sapatos bem-feitos e os cabelos limpos e sem complicações, e de seus corpos fortes e ardentes, desenvolvidos com anos de aulas de natação, esqui e equitação. Um dia ele teria o seu estúdio e se casaria com uma garota boazinha, feia, grata e rica e tema um monte de filhos ricos. Enquanto isso, que diabo, onde é que estava a comissária com o seu martíni?

Teddy largou o livro, recostou-se e fechou os olhos. Deixou sua mente encher-se com o ruído forte do avião, aquelas vibrações barulhentas e conhecidas que ainda lhe davam uma grande sensação de liberdade, embora ela já tivesse ido à Europa de avião uma dúzia de vezes, desde que começara a trabalhar de modelo. Num certo plano, ela se sentia como se ainda estivesse trabalhando em Nova York, sua cabeça cheia dos pensamentos vagos dos detalhes que constituíam a trama de sua vida.

Havia os táxis, até 12 ou mais num dia. Metade dos choferes de praça de Manhattan a conheciam, por ser generosa nas gorjetas e porque seu vulto, sempre correndo de um prédio para o meio-fio, numa pressa terrível, carregando sua imensa sacola Lederer, já era notório; e paravam

imediatamente quando ela dava seu assobio que penetrava pelo tráfego.

Dentro do táxi, com o espelho de aumento agarrado com firmeza entre os joelhos, ela punha uma maquilagem diferente, ou um par de pestanas postiças, entre um compromisso e outro. Se tivesse um minuto sobrando, tentava arrumar a bolai da qual ela vivia. Esta certamente fazia tudo menos dar leite, pois estava ehela de seu estojo de cosméticos, suas perucas, seus três tipos de sutiã, sua coleção de combinações para usar sob qualquer tipo de vestido, seu próprio sortimento de echarpes, luvas, e jóias para as poses de publicidade em que não houvesse redator de acessórios, seus três pares de sapatos de feitiço e altura de salto diferentes, para a ocasião em que ninguém se lembrasse de arranjar sapatos do tamanho de seu pé.

Claro que para um trabalho como o dessa viagem ela só tinha de levar um batom e suas próprias roupas, pois Marietta e Berry tinham fornecido tudo o mais, mas o dia normal de trabalho sempre tinha pelo menos uma emergência. Com o sol batendo em seu rosto, pela janela do avião, Teddy lembrou—se de uma viagem a Nassau, com Micheline Swift, a maravilhosa modelo suíça, e John Rawlings, o fotógrafo. Ele apostara com as duas que, se pudessem relacionar o conteúdo de suas bolsas sem olhar, ele daria 100 dólares a cada uma e, como vantagem, permitia que se esquecessem de 30 artigos. As duas tinham perdido longe.

Ela suspirou e tentou se esquecer da rotina de sua vida, mas o sol em suas pálpebras só a fazia pensar nas luzes de um estúdio. Sempre que ela olhava no espelho era para fazer um exame de rotina da textura de um tecido usável. Seu rosto não era mais do que uma máquina que ela possuía, uma máquina que só tinha um espaço de vida certo e limitado.

Ela teria dançado até tarde demais no St. Regis Roof, na véspera? Se tivesse, naquele dia teria de ir para cama às 21 horas, sem considerar o que tivesse programado. Ninguém continuaria a pagar 70 dólares por hora a Teddy binei se houvesse a mais leve sugestão de fadiga sob seus olhos.

Alguém que tivesse inveja será que algum dia pensava no custo de conservar a fachada? As horas de tratos, o despertador tocando todo dia às 630, os hambúrgueres frios que tinham de ser comidos às pressas, por causa do poder que lhe davam de se manter sobre suas pernas cansadas até dez horas por dia? Era a exaustão que afinal acabava com essa vida, a exaustão que levava a pessoa a esperar sem muito medo aquela primeira ruga. Mesmo que uma modelo tivesse perdido o pai, se estivesse se divorciando, ou se acabasse de descobrir que estava grávida, quando não deveria estar, ainda assim ela tinha de estar plenamente presente para a câmara. Só a câmara interessava. Será que alguém compreendia, além de uma outra modelo, que não pode haver narcisismo num negócio que exige uma concentração total sobre o que modo que fotógrafo quer de você, além de uma falta total de constrangem você se esquece de si durante horas, dando o seu ser a ele, movendo—se constantemente enquanto despeja energia pura? Era quase como uma dança, quando ia bem, mas, Deus do céu, era tão infinitamente cacete!

No entanto, comprava a liberdade. Seu ordenado semanal era de quase

3.000 dólares, havia vários anos; ela se mudara de seu primeiro apartamentozinho, onde pela primeira vez escapulira do controle de Maggy, para uma elegante série de aposentos na Rua 63 Leste e se ela se conservasse em forma, não havia motivo por que não continuasse a trabalhar nesse ritmo por mais uns três ou quatro anos, ou talvez mais, dependendo de como o seu rosto agüentasse.

"Mas seria isso que ela queria?" Quando é que ela se comprometera com aquilo? Teddy fizera 24 anos na primavera anterior e, ao que soubesse, não havia uma colega do tempo de universidade que não estivesse casada a essa altura, sem pelo menos um filho. Ela não queria isso, pensou Teddy, ou pelo menos não exatamente isso, não um monte de filhos nos subúrbios. Mas também sito queria acabar como a mãe, ainda consumida, começando a sentir—se um pouco ameaçada por algumas das novas agências abertas no fim da década de 40, como Ford, Francês Gill e Plaza 5.

Quando o ruído dos motores mudou e se estabeleceu, Teddy desejou estar fazendo essa longa viagem sozinha. Ultimamente nunca parecia haver tempo para ficar sentada, olhando para o céu, sonhando. Os dias se sucediam tumultuados, inteiramente cheios de obrigações e compromissos. Toda noite, quando ela voltava do último compromisso, telefonava para a agência para saber o que faria em cada hora do dia seguinte.

Então, se não estivesse tão cansada que precisasse ir dormir cedo, ela se apressava para tomar banho, vestir—se e sair para o Stork Club ou "21" ou l'Aiglon ou Voisin, para jantar com algum dos 20 homens que podia chamar à última hora. Não havia ninguém com quem ela tivesse vontade de fazer amor, havia, ah, uns dois meses ou mais, pensou ela, desanimada. Por que os homens eram todos tão iguais?

Naquele verão, ela passara vários fins de semana em Connecticut ou Long Island, onde todos os grupos pareciam ser os mesmos, no fim das contas. Teddy não achava mau perder esses fins de semana quentes na cidade, se bem que pudessem ter seu encanto especial... ah, mas só se você estivesse amando e a cidade parecesse se esvaziar só para você. Ou melhor, só se você pensasse estar amando, refletiu Teddy, com tristeza. Ela quase acreditara estar amando algumas vezes em sua vida, mas isso nunca se realizara, nem mesmo com Melvin, seu querido Melvin, de quem ela ainda gostava, mas por quem nunca se apaixonara, por mais que tentasse.

Aquilo tinha durado um ano inteiro e não havia amigo mais querido, nem amante mais terno, mas Melvin nunca se encaixara em seu sonho, embora se aproximasse afritivamente, tanto que, quando ele se deu conta de que o tipo de amor dele e o tipo de amor dela nunca iam combinar, ficara tão terrivelmente infeliz que tiveram de se separar.

Cada vez que ela se envolvera a sério com um homem, pensou Teddy, houvera um momento em que ela se dera conta de que parecia uma estranha num país estrangeiro, que quer pagar com uma moeda que não é aceita. As moedas de suas emoções, de que pretendia viver, se revelavam sem valor. Ela podia procurar nos bolsos, esvaziar a carteira, como—se estivesse num pesadelo, mas nunca parecia encontrar a quantidade certa

de... ah, de fosse o que fosse que era preciso para estar amando, de verdade. O seu maior medo, tão profundo que ela nem o articulava, era que alguma coisa dentro dela, algum vazio incurável, já a tivesse condenado a inspirar o amor, mas nunca senti-lo.

As fantasias mais exageradas de Teddy já tinham sido realizadas, várias vezes. Ela tivera tudo o que o alto mundo da moda poderia oferecer, mais adulação e atenção numa média de oito horas de trabalho do que qualquer noiva no dia do casamento. Mas, cada vez mais, ela sentia vir à tona uma criança há muito abandonada mas não satisfeita, uma menina tímida que queria que tomassem conta dela, que ansiava por um homem vagamente percebido mas todo poderoso, de quem pudesse depender. Teddy escarnecia do seu próprio absurdo. Ela ganhava mais dinheiro do que quase todos os homens que conhecia... mas, recentemente, vários de seus dias pareciam uma longa e aborrecida tarde de domingo.

Ela se levantou de repente, alisando o casaco branco de pele de cabra, cortado exatamente como uma camisa de homem, usada por cima de calças de flanela cinza. Ela olhou para as outras fileiras de cabine da primeira classe do Constellation, e sacudiu a cabeça para os companheiros de viagem, com ar severo.

— Imagino que vocês todos nem se importam — disse ela — mas eu gostaria de saber o que aconteceu com o meu martíni. Vou procurar em comissária. Alguém deseja alguma coisa, já que estou de pé?

Julien Mistral estava pousado na borda do trampolim. Seu corpo vigoroso e bronzeado só era dividido pela faixa fina, de biquíni elástico que os homens vinham usando, na Europa, nos últimos, quatro anos. Ele estava com 52 anos e suas proporções heróicas eram as de um homem de 30. Tinha os músculos de pintor, as pernas firmes e sólidas de um homem que passa a vida de pé diante de uma tela ou andando pelo estádio, e os braços o costas bem desenvolvidos de qualquer homem que maneje um instrumento, seja um pincel ou uma enxada.

O ar de um cavalheiro treinado no andar de cavaleiro, que ele adotara com tanta altivez em sua juventude, não mudara com os anos de uma fama sempre crescente e uma competência maior. Porém a arrogância que demonstrara com a pose da cabeça, aquele ar de conquistador, não era mais vista como arrogância, e sim o sinal evidente de um gênio reconhecido. O pescoço se tomara um tanto mais grosso, havia rugas fundas em volta dos olhos e outras que iam do nariz adunco à boca; no entanto, o extraordinário clarão azul que fora aprisionado em seus olhos não mudara de fixidez nem intensidade. Seus cabelos espessos, de um ruivo escuro, eram cortados curtos, nas têmporas estando quase grisalhos, e a boca continuava dura, dominadora, intransigente. Mistral tinha uma cara de chefe de bando.

Ele parou antes de mergulhar na piscina, construída dois anos antes, e olhou em volta, as mios nos quadris. Franziu a testa e pareceu se esquecer do convite da água, naquele dia quente de setembro de 1952, enquanto escutava os ruídos em volta. O silêncio cheio de zunidos, aquele paraíso de abelhas que antes rodeava La Tournalle, tinha desaparecido há muito, quase

desde o primeiro dia em que Kate comprara a fazenda e organizara um batalhão de construtores, bombeiros e eletricitas.

Agora, novos ruídos invadiam o ar da Provença; a um quilometro de distância, os carros passavam com frequência na estrada para Apt, onde antes eram raros; um trator roncava e moía num campo distante, onde há pouco tempo os homens trabalhavam com as mãos; de vez em quando o avião de Paris a Nice passava bem em cima; na cozinha da mas as vozes dos três empregados se elevavam numa disputa repentina, preparando—se para o jantar que Kate planejava para aquela noite. A porta do Citro6 de Kate se fez ouvir, do outro lado da casa, quando ela a bateu com força e deu uma partida rápida, indicando que, como de costume, descobrira antes da festa que algum detalhe fora esquecido, tomando necessária uma viagem de última hora para acertá—lo. Enquanto Mistral estava ali, concentrando—se sobre todos os barulhos que estavam correndo a paz de seu campo, não ouviu os passos leves que se aproximavam cautelosamente pelo trampolim.

— Papai! — gritou uma voz de criança, bem atrás dele.

— Merde! — Sobressaltado, Mistral deu um pulo, escorregou, desequilibrou—se e caiu na piscina.

Três meses depois de voltar para a França, Kate Mistral descobriu que estava grávida de novo. Ela tivera vários insucessos durante o casamento, mas Mistral não ficara especialmente decepcionado. Jamais quisera um filho, como outros homens querem. Os filhos, ele teria dito, se tivesse pensado a respeito, perturbam, tomam tempo, provavelmente nos decepcionam e são certamente motivo de interrupções imperdoáveis.

Ele tinha ficado ressentido diante da necessidade de se preocupar com a nova gravidez de Kate, com a idade ridiculamente velha de 43 anos. Ele queria toda a atenção dela, para restabelecer a ordem na mas. Nunca mais pretendia lidar com coisas práticas e quando Kate chegou, na primavera de 1945, suas duas valises cheias de sabonete Ivory, Kleenex, papel higiênico, café solúvel, agulhas, linha, lanternas elétricas e açúcar branco, luxo inimaginável na França havia cinco anos, ele respirou aliviado. Ele só queria desaparecer em seu estúdio ao raiar do dia e se esquecer dos aborrecidos problemas da existência diária. Um filho complicaria sua vida... mas ela, com certeza, ia abortar de novo. Os homens comuns precisam de filhos para provarem a si mesmos que existiram e deixaram alguma coisa sobre a face da Terra. Mistral sabia que ele era imortal e que um filho não acrescentaria nada ao seu lugar na história da arte.

No entanto, quando Kate deu à luz, em fevereiro de 1946, uma menina magrinha, solene e de cara meio azeda, ela ficou tão orgulhosa de si que até mesmo Mistral sentiu certa sensação de participar da felicidade dela. Kate chamou a menina de Nadine e tranqüilizou Mistral, desmamando—a logo e se restabelecendo em poucas semanas.

Nos anos seguintes, a capacidade de organização de Kate foi posta a duras provas. Jean Pollison voltou da Alemanha sem vários dentes, esquelético de desnutrição, mas recuperou—se depressa e La Turrello foi a

primeira fazenda do Lubéron a tornar a florescer, graças ao dinheiro de Mistral, que Kate gastou tão prodigamente, assim que houve alguma coisa à venda depois da guerra. Foi importada uma ama suíça para tomar conta de Nadine, enquanto Kate tratava da nova explosão de interesse por Mistral.

Já em 1946, a França estava novamente cheia de negociantes americanos loucos para ver o que tinha sido feito durante a guerra e o estúdio de Mistral continha mais telas que ele considerava dignas de serem vendidas do que jamais contivera: todas as pinturas que ele fizera durante os cinco anos depois de completada a série *Les Oliviers*.

— Já teve notícias de Avigdor? — perguntou Kate a Mistral, logo depois de sua volta.

— Não, resolvi trocar de agente — respondera Mistral. — Aquele homem sempre se interessou mais em descobrir novos talentos do que em conseguir os melhores preços para os artistas a quem deve seu sucesso. Por que é que ele nunca abriu uma filial americana, eu lhe pergunto? Só imo já me custou muita coisa. Meu contrato com ele expirou durante a guerra... aproveite—se disso.

Conforme Mistral sabia que aconteceria, Kate obedeceu sem mais perguntas. Desde o princípio de seu casamento, Mistral percebera que, desde que ele permitisse que ela tivesse poder em certos setores, Kate ficaria satisfeita. Qualquer negociante teria de ligar com Kate antes de chegar sequer perto de Mistral. Ele não estava abdicando de sua autoridade, permitindo que Kate escolhesse uma nova galeria, pois era o tipo de negócio necessário que ele detestava, no mesmo plano de ter de lidar com os fazendeiros vizinhos, que estavam começando a formar uma cooperativa à qual todos venderiam suas uvas. Um pintor escolhendo um marchand, disse ele a Kate, era como um elefante tirando um piolho de estimação. O negociante por quem Kate afinal se resolveu, Étienne Delage, de Nova York, Paris e Londres, logo descobriu que Julien Mistral era a exceção da regra de que a maioria dos pintores só ficam ricos na cova.

Quando o Museu de Arte Moderna de São Paulo fez sua grande exposição de Mistral, em 1948, ele não se deu ao trabalho de fazer a viagem, se bem que Kate fosse para lá com semanas de antecedência, para supervisionar a instalação das telas. Um ano depois, ela foi a Nova York, para a inauguração da grande retrospectiva de Mistral, no Museu de Arte Moderna, porém, mais uma vez, Mistral preferiu ficar em casa. Em 1950 e 1951, ele afinal deixou—se convencer a comparecer às importantes exposições do Stedelijk Muscum, de Amsterdã, do Kunsthhaus de Zurique, o Palazzo Reale de Milão, e as comemorações de dois meses do 259 aniversário de sua primeira exposição comemorado com unia mostra que ocupou toda a Maison de la Pensée Française, em Paris.

Uma vez terminado isso, Mistral declarou que nunca mais iria a outra exposição em museu, por mais importante que fosse. Detestava o tipo de confraternização e etiqueta nessas ocasiões, detestava os montes de estranhos que achavam que, como gostavam da obra dele, tinham o direito de lhe falar sobre suas reações a determinadas obras.

— Picasso, aquele charlatão, aquela praça pública de todo tipo de arte, sem excluir painéis, ele que anime os bajuladores. Eu tenho mais a fazer do que agir como mestre de cerimônias num circo.

Ele manteve—se firme em sua resolução, mas cada exposição — e cada grande leilão de arte — marcou um aumento impressionante em seus preços.

Étienne Delage descobriu, como Adrien Avigdor descobrira antes dele, que a própria raridade dos quadros de Mistral tomava—os excepcionalmente valiosos. Depois de vendidas as suas pinturas do tempo da guerra, ele passou a ficar com a maior parte de suas obras novas que sobreviviam à sua fogueira anual, mas, apenas em 1951, ele ganhou o equivalente a um quarto de milhão de dólares, em moeda americana, sem precisar se desfazer de mais de meia dúzia de telas.

Em fins da década de 40 e princípios da de 50, cada vez mais jornalistas iam a Félice e entre as muitas dezenas a quem era negada a entrada a La Tourrelle, houve um tão importante que Kate afinal conseguiu convencer Mistral a conceder uma entrevista, relutante. Os historiadores de arte que estavam escrevendo livros sobre ele, turistas que queriam seu autógrafa, estudiosos que estavam fazendo monografias sobre a obra dele, colecionadores que achavam que poderiam convence-lo a lhes vender um quadro quando Delage não tinha nada a oferecer — todos esses visitantes não convidados à mas teriam sido igualmente aborrecidos a Mistral, e ela o protegia deles. Mas não havia nada tão perturbador, que desviasse tanto a sua atenção, quanto o interesse crescente de Kate em receber.

Talvez fosse a piscina, construída por uma companhia especial de Cannes, pensou Mistral, que a lançara, mas o fato é que nos últimos dois anos ela se tornara a rainha social da região. Aristocratas da Inglaterra tinham comprado um chateau perto de Uzès, um grande especialista americano em Cézanne se instalara em Ménerbes, os Gimpels, negociantes de arte há muitas gerações, tinham comprado outro chateau não longe de Félice, e agora todos eles e outros como eles estavam recebendo uns aos outros e sendo recebidos por Kate.

Julien perdera todo o interesse pelo corpo de Kate, logo depois do nascimento de Nadine. Do contrário, ele a teria impedido — o que lhe interessava conhecer estranhos, por famosos que fossem, que interesse ele podia ter em escutar suas conversas absurdas e empolgadas sobre os novos expressionistas, chamados abstratos, um esgoto cheio de rebotalho de idiotas desgraçados e babados, todos eles, sem qualquer talento, vomitando suas últimas refeições e chamando a isso de arte, como se uma maçã pudesse ser abstrata, ou uma lua cheia, ou uma mulher nua — para que perder tempo falando sobre isso, ou contando histórias maldosas sobre aquele pobre farsante Picasso e o seu ridículo envolvimento com os comunistas, que o utilizavam para pintar retratos de Stalin, para propaganda, mas nunca compreendiam o que o trabalho dele estava tentando fazer.. não que ele jamais tivesse conseguido isso. — Não, a única coisa em que concordava com Picasso era sobre Dubuffet. Picasso o detestava tanto quanto Mistral o

odiava. E o único ponto em que concordava com Dubuffet era quanto a Monet — ambos gostavam dele. Regas tivera a idéia certa, pensava Mistral. Quando viu que estava morrendo, disse a um pintor amigo, Forain, que não queria oração fúnebre, mas "Se tiver de haver uma, você, Forain, se levante e diga: 'Ele gostava muito de desenhar. Eu também.' E depois vá para casa." Isso é que era homem!

Degas, porém, não tinha uma mulher americana, com quem ele fazia amor cada vez menos. Havia nisso uma certa culpa, ele reconhecia, a ponto de ele achar que Kate tinha o direito de ter o prazer de jantar com Charlie Chaplin e a Duquesa de Windsor.

Sim, a ambição chega à mulher quando a vida do corpo lhe passa a ser negada, pensou ele. Ele tinha suas mulheres, claro, agora em Avignon, por decência, moças jovens e dispostas, uma depois da outra, não mais importantes do que um par de cordões de sapatos, no entanto tão indispensáveis como cordões de sapatos, quando não se os tem.

Mas Kate parecia estar satisfeita com sua lista de convidados cada vez mais extensa e com Nadine, que estava cada dia mais tagarela. Uma ou duas vezes ele tentara deixar que Nadine se sentasse quieta num canto do a uca st porque ela lhe pedira que a deixasse vê-lo trabalhando, mas a criança a ficar calada.

— Para que está usando todo esse vermelho, papai? Aquela coisa amarela grande é uma pêra, papai? Você sabe pintar um passarinho, papai? Pinta um cachorro para mim! — E até mesmo, Deus o ajudasse: — Por que você está tão parado, papai... é porque está pensando?

Não! Era demais, insuportável. Ele a proibiu de entrar no estúdio, se bem que o queixinho tremesse e ela fizesse beicinho, do jeito que os empregados achavam adorável, e puxasse os cachinhos louros, muito triste.

Nadine, aos seis anos, já sabia de uma porção de truques para conseguir o que queria. Muitas vezes Mistral a pilhava mentindo, especialmente contra os empregados. Quando ele insistia para que ela fosse castigada, Kate se zangava.

— Ela só tem imaginação, ou sensibilidade demais. Na idade dela não se pode esperar que saiba o que é certo. Não seja tão moralista, Julien.

Mistral não pensava assim. Como todos os adultos, ele sabia como é fácil mentir e desconfiava muito de uma criança que, tão cedo, aprendera a mentir tão bem. Mas Marte Pollison, que não tinha filhos, conspirava com Kate para mimar Nadine, a despeito da disciplina que a ama tentava incutir, em vão. Quando Mistral falava sobre isso com Kate ela ria e dizia que era tipicamente francês esperar que as crianças fossem como pequenos adultos. Ele não entendia que a filha não era uma criança comum? Ela era especial e tinha uma mente maravilhosamente indagadora.

Nadando debaixo d'água, depois de cair na piscina, Mistral pensou, sério, que, indagadora ou não, ele lhe ensinaria a não chegar sorrateira por trás dele no trampolim, mas quando ele subiu à tona, ela prudentemente tinha desaparecido. Ladina. Ela já nascera ladina e manobrando, disse para si mesmo e tirou aquilo da cabeça.

Julien Mistral, flutuando em sua piscina, pensou sobre o seu trabalho. Já fazia seis meses que ele estava Tateando para iniciar uma série de pinturas inspiradas nas formas das videiras no inverno. O chão de seu estúdio estava cheio de esboços e estudos, mas ele só sabia que, ao acordar de manhã, não sentia mais aquela ânsia terrível de levantar da cama e pintar até que a luz sumisse. Só ele sabia que ficava debaixo do acolchoado da cama com o gosto do medo na boca, o estômago apertado, com um desejo fraco e desprezível de tornar a adormecer, para não ter de encarar o fato de que o seu fogo estava ardendo cada vez mais baixo. Não obstante, Mistral desenhava o dia todo, todos os dias, perambulando por seus vinhedos e os dos vizinhos, cada traço do carvão baseado no medo da morte. Ele trabalhava para manter a morte a distância, cada movimento de seus dedos um protesto inútil contra o simples pensamento da morte.

Desde que completara 50 anos, ele estava obcecado com essa idéia. O que vinha primeiro?, ele se perguntava. A idéia da morte ou a perda daquele ímpeto de pintar, que era o mesmo que a própria morte? Mistral nunca se importara a mínima com as vidas ou as opiniões dos outros pintores, mas ele se pilhou pensando se algum deles alguma vez passara pelo árido trecho de areia e pedras que ele estava percorrendo. Não que ele não pudesse pintar., tecnicamente, ele tinha tal maestria que poderia continuar a pintar enquanto vivesse, mas desaparecera alguma coisa do seu trabalho e ele não podia negar isso a si mesmo, mesmo que o público fosse enganado — quem não conseguiria enganar aqueles cretinos crédulos?

Ele procurou o motivo. Os nervos de seus olhos estavam alerta como sempre; ele via com a visão que sempre o possuía... mas não era impelido a registrar o que via, a não ser pelo medo de morrer, se parasse. Onde estava o fracasso, pensou ele, onde a falta de relação, não, não... não falta de relação, mas falta de apetite. Era isso, era isso mesmo.

Julien Mistral estremeceu, embora a água em que flutuava estivesse morna, pois ele sabia que havia muitas coisas na vida que se podia aprender e muitas que se podia conseguir por um trabalho duro, mas que o apetite tem de brotar de dentro do homem e jorrar sem o seu esforço consciente. Assim como nenhum médico sábio jamais conseguiu explicar por que, ao cabo de nove meses, o ventre começa o trabalho de expelir a criança, ninguém conhece a causa do apetite divino dos artistas, ninguém pode dizer que tentação lhe deve ser apresentada para levá-lo a satisfazer o seu apetite, dia após dia. Se esse apetite faltar, se esse apetite se esgotar... Se acreditasse em Deus, Julien Mistral teria rezado.

Capítulo 18

— É a coisa mais estranha — disse Marietta Norton a Bill Hatfield — mas acho que estou ficando um pouco apreensiva. Não fico apreensiva desde que ouvi a notícia de Pearl Harbor.

— Apreensiva, diabos, eu estou apavorado... os últimos três caras que tentaram conseguir uma foto de Mistral voltaram de mãos vazias... a única coisa que tinham no filme era as costas da cabeça dele. Mas eles não tinham a nossa arma secreta: La Bella Theodora.

A redatora de modas e o fotógrafo se recostaram nas almofadas do velho táxi Renault, cheio de malas, que tinham tomado para ir a La Tourrelle, do Hotel Le Prieuré — antes a pensão de Madame Blé — em Villeneuve les Avignon, onde tinham passado a noite anterior. Atrás deles, em outro táxi, estavam Berry, Sam e Teddy. Já estavam na França há quase dez dias e depois do trabalho daquela tarde, estariam prontos para voltarem para Paris, regressando um dia depois para Nova York, tendo cumprido seus objetivos.

A intenção de Marietta Norton fora fotografar as suas modas de férias nos estúdios dos três grandes pintores que viviam na França, Picasso, Matisse e Mistral, e por intermédio das relações de Darcy no mundo das artes, tivera permissão dos três.

Em um dia, em Vallauris, Bill Hatfield tinha feito 15 filmes de Picasso e Teddy. Lá, no Chemin du Fournas, Picasso alugava dois grandes estúdios num prédio que ele dividira pelo meio, uma parte dedicada à escultura e a outra à pintura e gravura.

No estúdio de escultura, Berry tinha metido Teddy num vestido de organdi de seda preto, sem alças, estampado com imensos laçarotes brancos.

Equilibrando—se de leve em suas sandálias pretas, furas e de saltos altos, ela posou no meio da montanha de peças de metal sobressalentes que Picasso colecionava para sua escultura: correntes e guidons de bicicleta, rodas e roldanas de todo tipo, qualquer pedaço de ferro velho que ele encontrasse jogado num monte de lixo, alguns dos quais seriam transformados em suas cabeças de animais, formas femininas e a grande Cabra, enquanto Picasso, um Pa envelhecido numa sala de máquinas, namorava, encantado, enquanto ela tentava não rasgar as meias nos pregos e arame farpado. Teddy trocou de roupa depressa, pondo um vestido de seda estampado com centáureas, e toda a comitiva passou para o estúdio de pintura, onde Picasso, espiando por trás de um fogão bojudado, apontou, com orgulho, as grossas teias de aranha que ele encorajava a penderem por toda parte, na sala de 12 metros. Bill Hatfield ficou louco de entusiasmo, procurando captar as expressões do rosto de Picasso, enquanto ele falava com Teddy. Sempre que ousava, tirava fotos e mais fotos do próprio estúdio anarquizado, cheio de potes de tinta, instrumentos, latas velhas e equipamento de todo tipo, dos quais ele destilava a feitiçaria.

De Vallauris, tinham ido de carro a Nice, para encontrar Matisse, de cama, em seu alegre quarto de hotel no Regina, vivendo numa misturada magnífica de plantas, pássaros cantando, bombos arrulhando e a brilhante fantasia dos recortes de papel brilhante que ele fazia, agora que não podia mais pintar.

Matisse os recebera com a sua famosa amabilidade, encantado com Teddy, no seu vestido de harém vivo, de um xantungue rosa—shocking com estampados cor de laranja, os lindos braços nus fazendo um arabesco que,

segundo ele, nenhuma de suas odaliscas poderia igualar. As roupas de Teddy foram trocadas tantas vezes que dariam para encher oitos páginas da Mode com os novos estampados da primavera. Agora, nos domínios de Mistral, Marietta Norton pretendia concluir o trabalho com fotos das roupas práticas de viagem que poderia ir a qualquer lugar, no inverno seguinte, mais quatro páginas de fotos, ao todo.

No segundo táxi, Teddy estava sentada no banco da frente, junto do motorista. Ficou contente por deixar o banco de trás para Berry e Sam, que pareciam estar conseguindo um relacionamento interessante, a julgar pelo estado aturdido e esgotado em que Berry voltara, na noite da véspera, para o quarto em que dormia com Teddy. Você é que é feliz, Beny, pensou Teddy, eu a invejo. Isso é uma terra para amantes.

Quando o táxi passou pela L'Isie sur la Sorgue, com suas antigas rodas d'água ainda girando nos canais que cercavam a cidade, Teddy consultou o mapa. Pelo menos mais meia hora para chegar a Félice, pensou, e seu esto mago se apertou numa bola de nervos. Será que os — outros sabiam que a mãe dela tinha posado para Mistral?, perguntou — se ela, outra vez. Os sete quadros que constituíam a série de La Rouquine nunca mais tinham sido expostos em público, desde a exposição de 1931, mas qualquer pessoa com algum conhecimento da história da arte moderna devia tê-los visto em inúmeras reproduções. No entanto, quantas pessoas, em 1952, os relacionariam com Maggy? Teddy estava na universidade, num auditório escuro, no prédio de artes, quando passaram na tela um slide colorido de um quadro da série. Ela nunca prestara muita atenção ao quadro, mas então, enquanto o professor falava sobre Mistral, ela examinara o rosto da modelo e percebeu, com um lampejo de certeza retrospectiva, que a moça descontrada, ruiva, que se exibia com uma sensualidade tão madura, tinha as mesmas feições que sua mãe reservada, prática, bem penteada, incapeavelmente vestida.

Nas férias seguintes, Teddy tomou coragem e se arriscou a perguntar a Maggy a respeito do quadro, mas só conseguiu algumas palavras dispendentes.

— Posei um pouco para pintores, quando era muito mocinha... foi há tanto tempo que me esqueci dos detalhes. Naturalmente, todas posávamos despidas... pensei que você soubesse disso — dissera? Maggy, de um modo que mostrava claramente que não tinha intenção de falar a respeito de sua vida em Paris com maiores detalhes. Teddy estava intimidada demais para tentar descobrir mais alguma coisa. Por algum motivo, a vida da mãe, antes de ir para os Estados Unidos, era quase tão tabu quanto o mistério de seu próprio nascimento, as perguntas que nunca, podiam ser feitas a respeito do pai dela.

Maggy teria alguma noção da frustração magoada, intrigada, muda, que Teddy sentira pôr tanto tempo? Ou, para ser justa, disse Teddy para si mesma, ela própria não era uma covarde? Por que não pudera enfrentar Maggy com suas perguntas, insistindo em obter respostas, por mais que tivessem envergonhado a mãe? Ah, o velho dilema, os dois lados da

discussão que tinha consigo mesma, durante todos os anos em que estava ficando adulta.

Nos últimos quatro anos, vivendo à própria custa, financeiramente livre de Maggy, ela quase se esquecera das perplexidades atormentadas e tortuosas de sua infância. Elas tinham passado a parecer cada vez menos importantes, à medida que sua vida se tomava mais cheia e egocêntrica. Era só porque em breve ela estaria em presença de Mistral que aquilo estava novamente enchendo sua cabeça. Sim, toda essa viagem não fora uma espécie de busca?

Maggy tentara impedi-la de aceitar o encargo da Mode, assim que imaginara o que significaria, mas Teddy tinha insistido. Ela esperou para ver se Maggy afinal chegaria a dizer por que não queria que Teddy fosse a Provença, mas Maggy dera uma porção de motivos que não tinham nada a ver com Mistral e, por vingança, Teddy resistira a todos os seus argumentos.

De que é que Maggy poderia ter medo?, pensou Teddy, o coração batendo mais depressa, quando o táxi saiu da estrada para Apt. Que segredo ela poderia ter, que ainda chocasse alguém, depois de todos aqueles anos? Ela poderia ser tão ingênua a ponto de imaginar que, porque ela um dia tinha posado nua para um pintor, que já devia estar bem na meia-idade, que isso deixaria horrorizada sua filha experiente da vida?

— Berry — disse ela, baixinho — estamos quase chegando. É bom pôr um batom, antes de Marietta olhar para você.

— Desculpe fazê-la esperar — explicou Kate Mistral a Marietta — mas Julien ainda está trabalhando e não tenho coragem de ir dizer a ele que vocês estão aqui.

— Espero que a luz não vá embora — disse Bill Hatfield, aflito.

— Não se preocupe. Eu o fiz prometer pararás 17 horas e no café da manhã tornei a lembrar. Ele raramente concorda em fazer esse tipo de coisa, sabe, mas quando consigo que ele diga sim, em geral cumpre a palavra — Nós lhe somos muito gratos — disse Marietta, esperando que mais uma expressão de gratidão pudesse apressar o aparecimento de Julien Mistral. Picasso lhes concedera um dia inteiro, mas Mistral só concordara em ceder as últimas horas da tarde.

— De jeito algum... fui leitora da Mode a vida toda... eu recebo a revista aqui, pelo correio — disse Kate, sorrindo, amável, muito em seu papel de mulher do grande pintor. Ela lhes mostrara toda a mas, com sua profusão de aposentos de teto alto, de estuque branco e traves escuras, elegantemente simples e com seu piso reluzente de azulejos hexagonais de terracota. Aqui e ali havia cestas de alfazema seca, entre as belas antiguidades campestres. Nos fundos da casa, duas grandes alas — construídas de pedra antiga e ligadas por um alto muro de pedra que as protegia dos ventos — se defrontavam tendo no meio uma piscina central, cercada de grama. Uma das alas era o estúdio de Mistral, com as portas fechadas, e a outra o novo pavilhão da piscina, onde havia um quarto preparado para Teddy trocar de roupa. Eles esperaram durante quase uma hora, bebendo copos de limonada temperada com cássias, à sombra de uma treliça de videiras.

Kate Mistral não se interessou por nenhum deles, além de Marietta Norton. Tinha a capacidade infalível de perceber a pessoa mais importante de qualquer grupo e, quanto a ela, a única pessoa daquela turma com quem valia a pena conversar era a redatora de modas. Não só ela poderia se pôr em dia com as atividades das pessoas — cuja amizade ela cultivava com cuidado — como também poderia lançar as bases de uma ligação com Marietta que um dia lhe poderiam ser valiosas.

Kate vira com repugnância a atenção do mundo das artes voltar—se para os pintores novos, especialmente os da Escola de Nova York, e embora não receasse a queda de posição de Mistral no estrelato que crescera depois de 1926, era lúcida demais para não notar que Picasso, tão bem entronizado quanto Mistral, não era mais considerado relevante quanto ao que os novos pintores estavam fazendo e que era atacado de todos os lados pela jovem geração de críticos de arte.

Para Kate, não bastava que os principais museus do mundo se disputassem para patrocinar exposições de Mistral, que os historiadores de arte mostrassem grande interesse por ele, que ele vendesse todos os quadros que permitia exhibirem. Ela queria uma publicidade continuada, em especial a das publicações mais em moda, que impedisse qualquer diminuição do interesse do público por Mistral.

Ela sabia que Mistral nunca se importara a mínima com a questão de saber se sua arte estava na moda — ela nem ousaria pronunciar essa palavra diante dele, falando de outra coisa que não fosse um vestido — mas ela, Madame Julien Mistral, não pretendia jamais ser mulher de um pintor por quem o mundo elegante tivesse perdido o interesse. Os impressionistas tinham ignorado o grande Delacroix e o público os acompanhara. Os novos abstracionistas nunca poderiam ousar desprezar Mistral. Essas páginas da *Mode* ajudariam — toda publicidade de primeira categoria ajudava, embora "publicidade" fosse uma palavra que ela temesse usar, mais ainda do que "na moda", ao falar com Julien.

Enquanto Kate conversava efusivamente num sofá de vime com Marietta, o resto do grupo da *Mode* estava sentado a certa distância. Só Teddy é que ficou de pé o tempo todo, em seu vestido sem mangas, de jérsei branco, de Anne Fogarty. O corpo do vestido era bem modelado e com pregas finas, cruzando—se sobre seu busto num decote profundo e abrindo —se numa saia larga de bailarina que descia a menos de 25 centímetros do chão.

Para frisar a ilusão de que Teddy fazia parte de um corpo de baile invisível, Marietta acrescentara um cinto como um anel dourado apertado, sapatilhas de balé douradas de Capezio e um aro dourado que prendia sua cabeleira ruiva para trás da testa. Teddy parecia tão diáfana quanto uma bolha de sabão indecente, com o vestido que, em teoria, não se amassava. No entanto, Berry não queria arriscar—se a deixar que ela se sentasse com ele, pois debaixo havia oito crinolines bem engomadas, para armar a fazenda leve. Teddy se inclinou com cuidado e tomou um gole de líquido de um copo que Berry lhe deu. Era o que o faltava, derramar limonada sobre o

vestido, pensou ela. Era ridículo o modo como suas mãos estavam trêmulas. Porque é que ele não aparecia, diabos?

— Espera nos bastidores — murmurou Berry, com pena era estranho ver Teddy visivelmente nervosa. Ela tratara Picasso e Matisse como se fossem velhos namorados, de seus tempos de escola de dança. Teddy.

— Como estão as minhas sobrancelhas. — Perguntou Teddy.

A moda de 1952 exigia sobrancelhas pesadas, arqueadas, colocadas a meio caminho entre o lugar normal das sobrancelhas e da testa de qualquer pessoa. Nenhuma modelo, nem mesmo Teddy, podia se desviar dessa convenção de maquiagem, mas, ao contrário de outras modelos, Teddy se recusara a raspar ou depilar suas sobrancelhas ruivas. Ela as cobrira com maquiagem e riscara com o lápis outras falsas acima delas, um processo delicado e difícil que levava pelo menos meia hora para se fazer com perfeição.

— Ainda estão bem — garantiu Berry.

— Tenho uma impressão terrível de que estão caindo. Não se preocupe, eu digo se estiverem.

As portas altas do estúdio se abriram e Julien Mistral se dirigiu para eles devagar, pelo lado da piscina, limpando as mãos num trapo manchado que ele enfiou no bolso das calças de veludo. Kate o apresentou a Marietta Norton e depois pediu à redatora de modas para apresentar os colegas. Marietta, atrapalhada pela pose marcial de Mistral, o seu ar inconfundível de um homem que preferia estar em outro lugar, apresentou—os o mais depressa possível, só usando os nomes de batismo. Quando Mistral pegou a mão de Teddy, ele olhou para ela com um pouco mais de atenção do que para os outros.

— Venham para o estúdio — disse ele, em francês. — Vamos acabar com isso.

Eles compreenderam. Berry aprendera francês na escola de aperfeiçoamento; Marietta com as Coleções de Paris, Teddy com a mãe e Bill Hatfield falava francês de fotógrafo.

Dentro do grande espaço do estúdio, todos se calaram. Ali reinava uma espécie de desordem sublime que tornava a mixórdia do estúdio de Picasso parecer quase banal.

Só Bill, maldizendo baixinho a necessidade de escolher entre olhar para os quadros e bater suas fotos antes que o sol baixasse, é que conseguiu se mover. Os outros ficaram ali, mudos e tímidos como colegas sem coragem de arriscar uma palavra, porque qualquer coisa que dissessem pareceria inútil, enquanto olhavam de uma tela grande para outra. Cada tela era uma meditação num mundo em que o comum se tornava maravilhoso, cada tela uma meditação sobre uma visão humana que podia articular o comum de modo que ele fosse percebido pela primeira vez.

Por fim, Bill escolheu o lugar.

— Venha, Teddy — disse ele, pegando o braço dela. — Vá ficar ali perto dele e faça de conta que está se divertindo.

Mistral esperava, impaciente, diante do cavalete, onde estava uma tela

vazia. Recorrendo a todo o seu profissionalismo, Teddy se dirigiu para ele, as saias de seu vestido estilo Rainha dos Cisnes balançando enquanto ela se movia levemente em suas sapatilhas. Ele era tão alto que ela teve de esticar o pescoço em toda a extensão de seu flexível arco de marfim para olhar para ele. Ela nunca se sentira tão pequena junto de homem algum, pensou Teddy, ao levantar o queixo bem-feito, a cabeça puxada para trás pela massa pesada dos cabelos. Seus olhos mutáveis estavam de uma cor sem nome, que continha em si o encantamento de mil crepúsculos. Seu sorriso era uma aventura Mistral pegou o queixo dela na mão e o virou para um lado e outro, com expressão. Seus olhos azuis, ardentes conflagrações gêmeas, examinaram o rosto dela. Ele pegou do bolso o trapo em que limpava as mãos. Tinha cheiro de terebintina, foi só o que Teddy pôde pensar, antes de perceber que ele estava segurando a cabeça dela com firmeza numa das mãos e com a outra estava limpando suas sobrancelhas. Em conjunto, Marietta guinchou, Berry gritou, Bill praguejou e Sam deu uma vaia.

— Assim está melhor. Você usa pintura demais — disse Mistral tão baixinho que só Teddy o ouviu. — Tal e qual sua mãe. — Ele sorriu, pela primeira vez. — Mas você é mil vezes mais bonita.

Depois que o rebuliço se acalmou, todos da equipe da Mode voltaram para o quarto em que Teddy trocara de roupa e Marietta Norton examinou os danos. Ela mandou que todos ficassem esperando, enquanto coisas. Encontrou Kate com a cozinheira. — disse ela, séria.

— Madame Mistral, estamos com um problema

— Ah, não... há alguma coisa que eu possa fazer?

— Monsieur Mistral, infelizmente, tirou as sobrancelhas de minha modelo.

O que!

— Elas estavam traçadas a lápis e ele as limpou. Também parece que estragou a base da maquiagem na testa dela. Ela vai levar pelo menos uma ora para fazer a parte de cima do as fotos coloridas. cora a de baixo... e a essa altura a luz já será insuficiente para fotos coloridas.

— Mas por que é que... ?

Kate estava furiosa com ele. Como é que ele podia ser tão bárbaro... e depois de todas as suas combinações cuidadosas?

— Não tenho a menor idéia... com certeza uma decisão artística. Mas o caso é que nos põe numa situação crítica... temos de encher quatro páginas e não sabemos como.

— Nem lhe posso dizer como sinto isso... não posso imaginar o que ele achava que estava fazendo. Olhe eu nem pensaria em decepçiona—la, depois de terem vindo de tão longe... vou falar com ele. Se ele lhes puder dispensar tempo amanhã de manhã, isso daria certo, ou terão de estar em algum outro lugar?

— Não vamos a lugar algum — disse Marietta, inflexível.

— Deixe—me oferecer—lhe um giro tônica e vamos resolver isso tudo.

— Não se incomode com a tônica — disse Marietta com um suspiro alívio. Ela entendia o tipo de mulher que era Kate Mistral. Ambas e que

igualmente profissionais. Ela conseguiria suas quatro Páginas e era só o que interessava.

No dia seguinte, depois do café da manhã, quando voltaram de carro para La Tourrelle, Teddy estava mais confusa do que jamais estivera em toda sua vida. Aquele momento, aquele breve instante em que Julien Mistral lhe segurara o queixo, estava incrustado em sua mente como se ela tivesse levado um tiro entre os olhos e a bala ficasse alojada ali. Ele não lhe dissera mais uma palavra — houvera um pandemônio — mas ela não pensara em outra coisa, desde que acontecera. Era como se sua vida fosse um filme e quando Julien Mistral a tocara, o diretor tivesse gritado: "Corta." Até que o visse de novo, a tela tinha de ficar vazia, esperando.

Assim que Teddy viu Mistral fechar a cara, impaciente, diante da invasão de seu estúdio por eles, notou que ele estava esperando por ela com a mesma ansiedade com que ela esperara por ele. Não podia haver dúvida alguma, quanto a uma certeza tão apaixonada. Ela foi para o cavalete, prendendo a respiração. Ele estendeu a mão e ela a pegou; suas mãos se apertaram por um segundo prolongado, até que ambos se lembraram de que deviam estar—se cumprimentando com o aperto de mãos tradicional da França.

— Bonjour, Mademoiselle bine!. Dormiu bem?

— Bonjour, Monsieur Mistral. Não dormi.

— Nem eu.

— Teddy — disse Bill Hatfield — vire um pouco... não podemos ver o vestido.

"Tenho de tocar no rosto dele", pensou Teddy, virando—se alguns centímetros para a direita. "Tenho de pôr as mãos de cada lado da cabeça dele e sentir o lugar nas suas têmporas onde o cabelo começa a nascer e a pele parece tão lisa."

— O queixo um pouco para baixo — disse Bill — como se estivesse olhando para a tela.

"Quero beijar os olhos dele. Quero sentir suas pálpebras com meus lábios", pensou Teddy, olhando para a tela com olhar vazio.

— Teddy, podemos ter um pouco mais de animação? — pediu Bill.

"Quero pôr meus lábios no peito dele, onde a camisa está desabotoada, e no pescoço. Quero desabotoar a camisa e deitar a cabeça no peito dele e depois tomar a abotoar a camisa para ficar dentro dela. Quero respirar com a respiração dele, quero que o meu coração bata com o dele."

— Teddy, de novo para mim, por favor... estou olhando o vestido de costas, outra vez.

"Quero fazer a boca dele ficar doce. Quero senti—lo rir sob a minha boca, quero implorar seus beijos. Quero que ele me implore meus beijos." — Que diabo, Teddy.

Bill estava mais surpreendido do que impaciente. Teddy nunca precisava desse tipo de direção.

— Ele não está feliz, o seu fotógrafo — disse Mistral, com calma. — A felicidade dele não me interessa.

— Mas ele não vai parar até ter as fotos que deseja. — Não, você tem razão.

— E quanto antes ele parar, mais cedo podemos conversar.

— Sobre o que vamos conversar?

— Teddy! Você sabe que não posso fazer nada se você mover os lábios, pelo amor de Deus!

— Sobre o que vamos conversar — repetiu ela?

— O resto de nossas vidas.

— parto amanhã para Nova York.

— Você vai ficar aqui comigo. — Isso pode ser verdade?

— Você sabe que é.

Monsieur Mistral, isso não vai dar certo.

— Olhe, pessoal, quero dizer, E se vocês forem para a mesa no meio da sala e o senhor mostrar a sua paleta a Teddy? — disse Bill, com uma calma exagerada.

— Onde podemos conversar? — perguntou ela.

— No restaurante Hiely, em Avignon. Hoje às 20:30. Entendeu?

— Entendido que ele passou o resto da vida lamentando não ter posto num filme e começou as suas poses tão te quanto um animal bem treinado, a cabeça inclinada de modo a poder olhar para Mistral sem encontrar os olhos dele, pois se os encontrasse, não conseguiria ficar de pé.

Todos estes anos, pensou ela, todos esses longos anos sonhando e sonhando e caindo e caindo no sonho para este lugar, este minuto. Ninguém jamais foi real, antes. Ninguém jamais será real de novo.

Assim que Teddy se dedicou a trabalhar a sério, Bill Hatifield conseguiu as suas as suas fotos depressa. Kate Mistral, que voltou de Félice quando eles estavam acabando, convidou a todos para ficarem para almoçar, mas Marietta recusou, pois tinha medo de perder o trem da tarde para Paris e ainda tinham de apanhar toda a bagagem em La Prieuré.

— Você já arrumou as malas? — perguntou Berry, por cima do ombro.

Teddy estava deitada no quarto confortável que as duas ocupavam, as paredes forradas de um tecido amarelo—claro, com um estampadinho de flores provençal.

— Eu vou ficar.

— Por favor, Teddy, vos sabe que eu não tenho nenhum senão de humor com alguma coisa a ver com as providências.

— Não vou voltar com vocês.

— Você viu a minha lista por aí? Estou com todas as valises, mas, ah, meu Deus, não consigo encontrar a lista. Por que você está aí deitada?

— Você não estava escutando... vou ficar na Provença... por enquanto. Nunca vi um lugar de que gostasse tanto quanto este.

— Mas você não pode fazer isso assim, sem mais nem menos! — Por que não?

A voz de Teddy mantinha—se calma, mas cheia de uma espécie de necessidade febril e ela estava com uma mancha rosada sob as maçãs do rosto. Berry olhou para ela, aflita.

— Você está doente? Não se sente bem, para fazer a viagem?
— Claro que não. É um capricho... você nunca tem caprichos, Berry?
— Claro que não. Não poderei me dar a esse luxo antes de uns 12 anos, mais ou menos. Bem, está certo... entro, fique... Já encontrei a lista... Deus deve ter ouvido. Sua passagem de volta está aqui... vou deixá-la na cômoda. Você podia ter dito antes, só isso.

— Eu não sabia antes — disse Teddy, numa voz de sonho. — Vou mandar um telegrama para a agência, para saberem antes de você chegar.
— E sua mãe? Não vai gostar disso, vai?

— Ah, ela há de compreender — disse Teddy, devagar. — Tenho a impressão de que ela vai compreender melhor do que todos.

Numa cidade francesa de tamanho médio, o melhor restaurante da cidade muitas vezes é caracterizado por uma falta de decoração franca que anuncia claramente que lá tudo está focalizado na boa comida.

O restaurante Hiely, em Avignon, estava localizado em uma sala retangular grande mas desprezível, com painéis de madeira simples, as mesas confortavelmente grandes forradas de toalhas amarelas lisas, o piso de parquet bem encerado. Numa mesa de centro havia um presunto defumado inteiro, rodeado de fruteiras com frutas frescas e travessas de lagostas cozidas e garrafas de vinho deitadas em cestinhas individuais. No entanto, não havia outras mostras, as janelas não tinham cortinas, não havia flores nas mesas e as cadeiras de madeira não estofadas estavam colocadas em volta da mesa de um modo digno e razoável, que indicava que aquele lugar era dedicado à gastronomia, com uma filosofia de uma concentração total.

Quando Julien Mistral e Teddy Lunel se sentaram, cara a cara, numa mesa sossegada numa alcova da janela, Teddy se perguntou por que ninguém jamais lhe avisara que o amor à primeira vista ia deixá-la muda. Veterana de mil primeiros jantares, ela nunca se vira tão sem assunto. Eles já se tinham dito tanta coisa, diante de outras pessoas e protegidos de suas conseqüências pelo fato de estarem em público, embora ninguém os ouvisse, que agora que afinal estavam juntos, sozinhos, ela estava sem poder falar, reduzida a algumas palavras banais sobre a comida.

Julien Mistral, que nunca hesitara em exprimir a sua opinião, um homem para quem a timidez era um estado dos mais desconhecidos, viu que estava quase tão mudo quanto Teddy. Um desempenho lamentável, disse ele consigo mesmo. Ele estava sufocado com coisas que tinham de ser ditas, mas também mal conseguia ciscar a comida. Por onde começar? Não pelo princípio, pois isso já começara há muito tempo; ontem parecia uma outra era de sua vida. Não podia começar pelo meio, pois aquele jantar estranhamente solene, sem jeito, era o meio. Afinal, eles não se conheciam e, no entanto, ele não conseguia ver o futuro algum Para eles que não fosse uma continuação. A presença necessária daquela mulher nunca lhe podia ser tirada.

Para Teddy, a luz um tanto comum do lugar pareceu tremer tanto quanto suas mãos, enquanto ela tentava fingir que estava comendo.

Estranhamente, não estava com vontade de utilizar nenhuma de suas armas de sedução, tão facilmente empregadas. Sb queria tocar em Mistral, segurá-lo. Não tinha qualquer impulso para flertar, pois eles tinham ido além do flerte no instante em que se confessaram que não haviam dormido na véspera.

O rosto de Mistral, aquele rosto famoso, tão mais belo do que ela jamais imaginara, estava sério. Ele não tentou pilheriar, parecia estar pensando, e os comentários sem importância que ela poderia ter usado para atravessar aquele momento ficaram presos em seus lábios, antes de serem expressos. As perguntas que ela queria fazer eram sem importância ou importante demais. Não havia meio-termo. Teddy tinha de saber tudo sobre Julien Mistral, desde o dia em que ele nascera — a vida dele era densa, complicada, estrangeira — e, no entanto, alguma coisa lhe informava que só o mais tênue dos véus os separava e impedia que se conhecessem melhor do que qualquer deles jamais conhecera alguém.

Quando estavam quase acabando o jantar, Teddy levantou os olhos do seu cálice e enfrentou o olhar de Mistral, abandonando até um arremedo de conversa. Uma lágrima solitária, de alguma ela não ousava classificar escorreu devagar por sua face. Ele a tocou com o dedo, deixou que que fosse se absorvida pela sua pele e em torno deles armou — se uma teia de alegria confusa, vacilante, tão bela e feroz que ele se viu libertado para afinal.

— Na semana passada — disse ele — eu tinha certeza de que nunca mais me sentiria jovem. Eu olhava para o céu que antes amava e o sol estava abri hiante através de uma camada fina de nuvens; a luz tinha uma pele plana de desesperança total. Eu disse comigo que era o estado humano e que o que havia de errado comigo é que eu tinha tido o ego de pensar que o estado humano nunca se poderia aplicar a mim.

— E agora? — perguntou Teddy séria.

— Eu me sinto como se nunca tivesse sido jovem na vida, nunca tivesse sabido o que era se todos os anos de minha juventude tivessem sido passados numa espécie de vazio. Eu pensava que estava vivo porque não podia imaginar coisa melhor. Eu não era infeliz... trabalhava e vivia como qualquer outro homem e não me fazia perguntas porque estava pintando e sempre pensei que era a única coisa que queria. Não posso dizer que senti falta de você, porque não sabia que você existia. Só agora é que compreendo como eu era incompleto.

— Mas durante a metade de sua vida eu nem existia — disse ela, sorrindo suavemente.

— Isso lhe parece até remotamente possível? Sei que é verdade, mas não consigo me fazer sentir isso.

— Nós devíamos ter nascido no mesmo dia — exclamou Teddy, apaixonadamente. — Devíamos ter crescido juntos! Você podia ter estado sempre comigo... ah, toda a vida esperei por você. Naquelas horas em que eu me sentia infeliz, e só meia pessoa... ah, tantas horas., era porque você não estava lá. Eu tinha medo de que isso nunca me acontecesse — disse ela, liberada por uma grande rajada de alegria. — Nunca esperei ser uma moça

assim.

— E eu — disse Julien Mistral, incrédulo — nunca esperei ser um homem assim... é tão... completo... isso me faz entender os outros homens, homens que largam tudo por uma mulher, homens que eu antes desprezava tanto... isso me faz sentir humano, como qualquer outro.

— Isso é um golpe? — disse Teddy, seu riso uma promessa.

— Teria sido, até ontem. Agora é um... alívio tão extraordinário...

Ao falar, ele se ouviu e se assombrou. Ele nunca falara assim com uma mulher, nunca sonhara que fosse possível, nunca soubera que essas palavras podiam aflorar aos seus lábios, nunca se imaginara poder ser dominado por uma emoção que se anunciava claramente como o sentimento mais importante que ele jamais experimentara, um êxtase.

— Não posso sobreviver sem você.

A declaração dele era um misto de assombro e certeza. — Não será preciso.

— Você não vai me deixar.

Era uma ordem exultante, não uma pergunta.

— Como eu poderia fazer isso? — perguntou Teddy. Toda a sua fisionomia estava iluminada por uma declaração de amor tão incondicional, que parecia que ela pegara seu coração e o tivesse colocado nos olhos, para ele ver.

— Não poderia.

Juntos, eles se viram como deuses pagãos. No espaço de cinco frases, tinham concordado em banir o mundo exterior, tinham afastado todos os problemas que enfrentariam, resolvidos, mesmo ao verem as conseqüências, pois nenhum dos dois era tão tolo a ponto de pensar que lhes seria permitido escapar, que nada poderia detê-los. O caos fora aceito, a loucura... essa folie á deux que domina os amantes., seria o seu pão de cada dia.

— Venha comigo agora — disse Mistral.

— Para onde?

Por um instante, Mistral não teve idéia. Pensou no Hotel Europe, a antiga residência magnífica de um nobre do século XVI, construída em torno de um pátio com chafarizes. Fora transformado em hotel ele om loa antes. época do ano, teriam quartos vagos. No dia sega a como providencias, permanentes, mas por aquela noite, o Europe os abrigara acolhera tantas vezes outros amantes naquela cidade profundamente sensual, onde a corte papal tinha conhecido muitos alegres pecadores.

— Venha comigo — disse ele a Teddy. — Vou tomar conta de você, não sabia disso?

Ela corou com um novo tipo de felicidade. Nenhum dos homens de sua vida pareceram saber que ela queria que lhe dissessem o que fazer, sim até que a mandassem fazer as coisas. Melvin chegou quase a compreender... um pensamento dele passou por sua cabeça e depois foi completamente extinto.

Ela se levantou e saiu do restaurante com ele,

Sem notar que dúzias de franceses lhe prestaram a homenagem máxima, de pararem de comer e beber para poderem olhar para ela sem se distraírem.

Irrevogável. A palavra bateu na mente de Julien, quando a penetrou pela primeira vez. Irrevogável. Uma vez dentro do quarto do hotel, eles tinham caído na cama juntos, sem um segundo de hesitação, sua loucura de desejo sendo demais para deixar tempo para uma aproximação convencional e ritualista. Quase inteiramente vestidos, eles fizeram amor com uma falta de jeito, uma urgência que era final e necessária. Tinha de ser feito depressa, o seu pacto selado por aquele ato final.

Só quando acabaram é que ele a despiu, tirou suas próprias roupas e a fez deitar—se quieta nos travesseiros, enquanto a tocava de leve com suas mãos compridas, sentindo—a tão lentamente e propositadamente como se fosse cego e só pudesse conhecê-la pelas pontas dos dedos.

Teddy então se deliciou em ser dócil, tendo um Prazer raro em não gemer nem se mexer, como se ele lhe tivesse ordenado para quieta e esperar. Agora que ela pertencia a ele, tinham todo o tempo que quisessem. Ela deixou que ele passasse as mãos de um lado para foca outro, com um cuidado infinito, nunca chegando bem àquela carne tenra que ficava entre suas pernas, até ela arder demais para suportar. Ela se levantou e cobriu o corpo dele com o seu, descobrindo que ele tinha a urgência de um rapazinho.

Irrevogável. Ele se moveu vigorosamente dentro dela, enchendo—a de um modo como ela nunca tinha sido cheia. Ela o agarrou bem dentro dela, cada um de seus sentidos se espalhando até que ela viu que tinha flutuado, livre além de seus próprios limites, que se tinha dissolvido e ele se dissolvera e juntos tinham formado um só ser. Para sempre, pensou ela. Para sempre.

Capítulo 19

Mesmo no meio do inverno há uma alegria especial que sempre reina em Avignon. Teddy estava andando apressada pela Rue Joseph Vernet, a caminho do cabeleireiro, bem agasalhada contra o frio seco que dominava o sul da França. Mas um sol festivo brilhava de um céu límpido sobre todas as pedras antigas da cidade, pedras de prata, pedras como açúcar mascavo, pedras do dourado do champanha, pedras rosadas e de um violeta desbotado. Rue Joseph Vemet, curva e estreita, era tão chique quanto uma rua de Paris, bordejada por casas de cidade, cujos andares térreos tinham sido transformados em salons de coiffeurs, floristas, antiquários e elegantes butikues de roupas. Teddy tinha hora marcada na manhã de sexta—feira, para fazer o cabelo, a única hora marcada nas suas semanas todas, pois Teddy l unel e Julien Mistral tinham feito uma vida juntos que existia fora do tempo comum.

Desde a primeira noite que passaram juntos, não se haviam separado uma vez sequer. Ele nunca voltara a La Tourrelle, abandonara tudo como se sua casa, seu estúdio, sua mulher e filha fossem um pé de meia usada, e

tinham vivido juntos num estado de felicidade espantada que, nos últimos quatro meses, os havia isolado das realidades da vida cotidiana. Estavam tão livres das considerações normais que, juntos, pareciam um navio velejando, levado por um vento forte e constante, dirigindo—se infindavelmente para uma ilha rósea.

Depois dos primeiros dias passados no Hotel Europe, eles tinham descoberto um apartamento grande, para alugar, dentro dos muros medievais daquela cidade soberana, com sua opulenta luz toscana, sua centena de campanários, sua história de pompa, aparato e júbilo datando dos dias em que sete papas tinham ali sua corte faustosa, tomando sob sua proteção, a certo preço, aqueles que não se sentiam seguros fora dos limites da cidade: judeus, contrabandistas, prisioneiros furtivos e, imaginava Teddy, muitos outros amantes como eles. Avignon, animada, próspera, rindo dentro de suas muralhas douradas, continha tudo que pudesse tornar a vida deliciosa, pensou ela, recostando—se e sentindo as mãos experientes da assistente que lhe escovava os cabelos, para desembaraçá—los.

O apartamento que eles ocupavam formava todo o segundo andar de uma mansão do século XVIII, que antes pertencera a um rico comerciante do elegante Quartier Préfecture. As janelas altas davam para os canteiros de flores e gramados, cheios de pavões, do Museu Calvet. Mistral fizera do aposento maior um estúdio e ao lado ficava o quarto de dormir, onde tinham instalado uma enorme cama de dossel, com reposteiros de veludo azul rei, borda da internamente com cenas de uma caça ao veado. Nas noites frias, os reposteiros podiam ser fechados para proteger a cama, de todos os lados.

Não havia aquecimento central e cada um dos grandes aposentos tinha uma lareira, onde, a partir do princípio de novembro, ardiam grandes fogos de fragrante eucalipto e pinheiro, o dia todo e a noite inteira. O estúdio, era mais aquecido do que todas as outras peças, graças um fogão vienense barroco, de porcelana branca, parecendo um monte de creme batido, mais alto do que o próprio Mistral, que ele comprara de um antiquário para manter Teddy aquecida, enquanto ela posava para ele, o que fazia quase todas as tardes.

Nunca na vida, disse ele a Teddy, ele ficara acordado até tão tarde, sentado com ela presa em seus braços diante da lareira no quarto de dormir, conversando e rindo pela noite adentro, partindo nozes, assando castanhas e bebendo o conteúdo de garrafas compridas, de gargalo fino, dos conhaques sem cor destilados de frutas, que ela comprava encantada com seus nomes irresistíveis: *pnmelle de buissons*, *mure sauvage*, *églangine* e *myrtille* dos bois. Tampouco ele jamais dormira até tão tarde. Agora, ao acordar, ficava deitado, olhando Teddy dormir, até ela abrir os olhos. Depois, muitas vezes, eles se amavam num voluptuoso esquecimento de tempo e espaço. Depois, Teddy descobria que se perdera de tal modo que nem sabia onde estava, no instante, quando olhava para a floresta bordada com seus caçadores correndo, cães saltando e flores silvestres de pétalas pequeninas.

— Madame deseja outra ensaboada? — perguntou a assistente. Teddy

fez que sim e se descontraiu mais ainda, contemplando os detalhes de sua nova vida. Eles viviam como soberanos, seguros no redemoinho de seu amor, contentes em se beijar e olhar um para o outro, sabendo que estavam certos.

Todo dia, antes do almoço, eles iam tomar um apéritif no Café du Palais, onde nunca se cansavam do espetáculo da Place de l'Horloge, uma praça grande e aberta, cercada por fileiras de venerandos plátanos com sua casca variegada, malhada, cheia de bandos de pombos esvoaçantes e animada com os cidadãos de Avignon, que sempre passeavam ali ao meio-dia, enchendo os muitos cafés. Ao crepúsculo, muitas vezes eles iam ao topo do Rocher des Doms, onde encontravam um parque cheio de rosas que florescia até o Natal. As vezes, quando havia um filme com Gérard Phillipe, Jean Gabm ou Michele Morgan, eles iam a um dos cinemas locais e, no intervalo, quando os sorveteiros vendiam suas mercadorias nos corredores, Teddy comia dois "Esquimós" e Mistral quatro.

Parecia a Teddy que, embora ela às vezes visse as pessoas olhando—os na rua ou num restaurante, ninguém em Avignon se preocupava com eles. Mistral era um vulto que eles já estavam habituados a ver, havia anos, indo e vindo, e se ele agora aparecia com uma moça, seria indiscreto e grosseiro ficar olhando.

Eles não fizeram nenhuma amizade a não ser com o médico e a mulher que ocupavam o rez de chaussée logo abaixo deles. Dois amigos Ihes bastavam, pois Julien Mistral tinha dolorosos sentimentos primitivos. Queria montar guarda sobre Teddy e nunca deixá-la longe de suas vistas. Escondia o seu sofrimento cada vez que ela saía do apartamento para fazer alguma coisa, escutava de noite para ouvi-la respirar, quando os homens olhavam para ela ele gostaria de ranger os dentes, se pudesse. Ela era toda mulher para ele, sua noiva, sua filha, às vezes tema como uma mãe ou brincalhona como a irmã que ele nunca tivera, sempre o seu tesouro, que não podia ser conhecido por ninguém, só por ele.

Sob o seu turbante de espuma de sabão, Teddy fez uma cara feia, ao se lembrar da carta que recebera de Maggy naquele dia. Fora conciliadora, muito diferente das primeiras cartas cruéis e raivosas que Maggy mandara depois que Teddy lhe escrevera contando sua nova vida com Julien. Agora, escreveu Maggy, sua única preocupação era o futuro de Teddy. Ela estava apavorada de que, de algum modo, a história se repetisse e que a intenção de Julien de conseguir um divórcio, não tivesse mais sucesso do que tivera a idéia do pai de Teddy.

Como é que ela podia comparar os dois casos, perguntou—se Teddy? Kate Mistral era protestante e não católica e ela se casara com Julien numa cerimônia civil e não religiosa. Teddy tentou conciliar a Kate Mistral que sua mãe descrevia — uma mulher que, disse Maggy, ela temera assim que a vira, uma mulher que, segundo ela, tinha uma força de vontade maior ainda que a de Mistral — com a mulher que tinha conhecido: desbotada, meio frágil, de meia-idade e se derramando toda com Marietta Norton.

Não, Teddy se garantiu, enquanto lhe faziam uma leve massagem na

cabeça, a mãe estava errada, estava vendo fantasmas. Os tempos tinham mudado. Será que alguma mulher, hoje, se agarraria a um homem que tivesse perdido inteiramente?

A cabeleireira levou muito tempo para enxugar e escovar os cabelos compridos que Teddy não se dava mais ao trabalho de ondular. Tampouco ela usava mais maquiagem, a não ser rímel. Ela parecia mais jovem do que quando começara a ser modelo e seu rosto estava corado, devido ao tempo que passava com Mistral ao ar livre. Toda a comida e bebida, todo o preguiçoso desfile de seus dias, em que o único trabalho que ela fazia era posar durante três ou quatro horas, deleitando-se no calor do fogão vienense, a fizeram engordar. As saias Korrigan que ela comprara, depois de se resolver a ficar na Provença, estavam ficando apertadas e as calças que usara no aviso vindo de Nova York estavam custando a fechar.

Eu hoje nunca trabalharia para Mode, pensou Teddy, caminhando para o Café du Palais para se encontrar com Mistral. Marietta Norton teria um chique se me visse agora. Ela parou num mercado para comprar um pote de mé1 de alfazema Mont, Ventoux, uma bisnaga comprida de pão quente, um cilindro de queijo de cabra brancogiz e meio quilo de manteiga amarela de fazenda. A única refeição que — Ia preparava era o café da manhã, as outras eles faziam em restaurantes ou compravam da charcuteria, Comiam em fôrma de piquenique na sala de jantar, onde a única mobília consistia de duas poltronas fundas, estilo bergére, estofadas com um brocado amarelo desbotado e uma mesa de jogo velha, com incrustações complicadas, sobre a qual estavam quatro castiçais de prata pesados, descombinados. Depois da casa organizada e imaculada de Kate, Mistral se deliciava com aquela quase boêmia.

Teddy olhou para o relógio e começou a andar depressa para a Place de Morloge. Enquanto balançava a bolsa de compras de rede, que continha suas poucas compras. Viu Mistral se apressando pela rua para se encontrar com ela, o topo de sua cabeça crespa e ruiva, inclinada com o mesmo estilo de cavaleiro de sempre, claramente visível a distância acima do povo. Espantando os pombos na rua, na sua ânsia, Teddy começou a correr.

Kate Mistral estava de pé, pensativa, no grande aposento sem janelas, à prova de fogo, junto do estúdio de Mistral, em que tinham sido instaladas prateleiras de metal para guardar suas pinturas. Lá, em carreiras e mais carreiras, protegidas da luz do dia e da poeira, esticadas, datadas e envernizadas, mas riso assinadas nem emolduradas, estavam as melhores obras dele, de um período de mais de um quarto de século. Mistral nunca vendera os quadros que considerava os de mais sucesso de cada ano de trabalho. Em alguns anos ele conservara meia dúzia de telas, em outros só uma ou duas, outras vezes até 20. Kate conhecia de memória cada tela, sabia em que prateleira estava, sabia com uma precisão de quase um cêntimo quanto daria, se algum dia Étienne Delage tivesse permissão de vendê-la. Ela acendeu todas as luzes e foi andando pelos corredores, que tinham sido criados para um acesso fácil às telas, e puxou uma prateleira dos fundos do depósito. Nela estava o quadro de Maggy, despida na pilha de

almofadas verdes, o mais famoso da série Rouquinne. Desde 1931, Kate não olhava para aquele quadro, quando ele voltara da exposição de Nova York, mas nunca se esquecera de que estava ali, junto com os outros seis, como uma substância radioativa mortífera e em desenvolvimento, dentro de um recipiente de metal, invisível mas vivo.

"Ah, sim", pensou ela, "é fácil compreender. Afinal, qual o homem que resistiria? Carne nova, todos eles o desejam, na idade dele, e se pudessem, todos fariam fila no mercado para comprá-la, aos quilos. Julien não é diferente. Talvez até seja mais suscetível do que os outros, eu sempre soube que nada lhe importa tanto quanto o aspecto das coisas, aquilo que seus olhos podem ver, superfícies, nada a não ser as superfícies. Mas que tolo ele é, que grande tolo, infantil, tipicamente de meia-idade. Agente não se casa com isso, não se joga fora a vida pela carne!"

"Quanto tempo ele levou para entender isso, no caso da mãe? Uns meses, apenas. Como eu a odiava, aquela garota judia mal-humorada, sem nada a não ser uma boca de beicinho e um corpo maduro, aquela moça que nunca entendeu o que um gênio como Julien precisava de uma mulher. Ela ficou com a boca azeda de nojo, ao pensar em Maggy. Aquela garota gananciosa e vagabunda devia ter tido muitos amantes, depois de Julien, pois evidentemente essa americana era uma bastarda, do contrário, por que havia de ter o nome da mãe?"

Será que Julien via a mãe, na filha? Será que o homem pensava que podia viajar para trás no tempo e se tornar jovem de novo, só por se enterrar de novo em carne jovem? Ela cerrou as mãos num esforço para não rasgar a tela, não atacá-la com um dos instrumentos afiados que estavam no estúdio, a apenas alguns metros.

Com brusquidão, ela tornou a empurrar a prateleira para o lugar. Nos sete anos depois da guerra, as sete Rouquines tinham triplicado de valor, como o mais belo exemplo dos primeiros trabalhos de Mistral. Fora o melhor investimento que fizera, pensou ela com amargura, e ela venderia as telas no dia seguinte, se não tivesse certeza de que poderia triplicar ou mesmo quadruplicar de valor de novo, nos próximos dez anos. Ela não tinha nada a ganhar, desfazendo-se delas agora, por qualquer preço. Mas se resolvesse vender, se afinal resolvesse que não podia mais suportar a presença delas em sua propriedade, mesmo escondidas no depósito, gostaria de fazê-lo por meio de Adrien Avigdor. Já que tinha de fazer negócio com judeus — e no mundo das artes era impossível não fazê-lo — era melhor tratar com o mais sabido deles.

Kate se lembrou de sua viagem a Paris, depois da guerra, e sua última entrevista com Avigdor. Ela tivera necessidade de vê-lo, pois ele ainda estava com uma rena de quadros de Mistral, que guardara num lugar seguro antes da Ocupação. Ela receava que ele ainda insistisse em seus direitos de vender os quadros, embora o seu contrato com Mistral já tivesse expirado. Mas o homem estava mais que disposto a entregá-los a Delage.

Ela não tinha entendido, até que ele lhe contou — por que nunca mais queria ter negócios com Mistral. Expulso de La Tourrelle, é? Bem... e daí?

Qualquer francês que abrigasse judeus o faria arriscando a vida, Avigdor não sabia disso? É o que lhe importava que ele tivesse descoberto que o mesmo acontecera com outros judeus que tinham procurado ajuda com Julien? Ela não ligava a mínima se fossem uma dúzia, 100 ou só um judeu.

Que direito tinha eles de pôr Julien em perigo?, perguntou ela a Avigdor, sentado severo atrás da mesa, na sua suntuosa galeria, com a fita da Legião de Honra na lapela, conseguida, ele não deixou de dizer a ela, por suas atividades na Resistência. Ela lhe perguntara, zangada, se ele achava que um gênio como o marido tinha de viver segundo as regras que Avigdor fazia para si. Ele conhecia tão pouco os artistas, depois de todos esses anos, que achava que eles iam se preocupar com a política, a não ser que isso atendesse a suas necessidades temáticas? Avigdor também era um tolo, disse ela consigo, e se esqueceria dele. Já servira o seu propósito.

Kate foi andando pelos corredores, a esmo, parando para puxar uma tela grande, de uma macieira em flor, a voz oculta do quadro falando de uma atmosfera tão densa de primavera que ela poderia ouvir até a seiva correndo pelos ramos, se olhasse com alguma atenção. Mas Kate olhou aquilo sem ver, lembrando—se de uma conversa que tivera com um tabelião que ela fora procurar em Nice, uma semana atrás. Uma de suas poucas amigas em Félice era mulher do tabelião e como desconfiava que a amiga poderia saber de coisas por intermédio do marido, ela fizera a longa viagem da Alta Provença até a grande cidade, onde ela por certo encontraria um tabelião que não soubesse quem ela em.

A visita em si não levou muito tempo e as respostas a suas perguntas foram simples. Ele lhe garantiu que a instituição do casamento civil era respeitada na França como em poucos países do mundo. Desde 1866, o divórcio só era possível pour faute. Ele se recostara em sua cadeira, em expectativa, sabendo que ainda não merecera seus honorários.

— Pour faute? — perguntara ela, habilmente escondendo sua ansiedade.

— Depois da apresentação de fatos que constituam violações graves e repetidas, minha cara senhora, dos deveres e obrigações do casamento, que tornem intolerável o prosseguimento da vida conjugal.

Ele, evidentemente, estava apreciando o ritmo sonoro de suas palavras, ao pronunciá—las.

— Não compreendo bem — dissera ela. — Isso significa que se o meu marido me der motivo de divórcio, se ele estiver em erro, eu posso me divorciar dele?

— Sim, senhora. É apenas uma questão de tempo. E de provas.

— Mas se eu não quisesse lhe conceder o divórcio, a despeito do erro dele?

— Então, o divórcio não seria possível.

— Não? Mesmo que ele quisesse se divorciar de mim?

— Nunca, madame, seria completamente impossível.

Ela agradecera ao tabelião, pagara e tomara a estrada comprida e sinuosa de volta a Félice, subindo aos poucos pelas campinas despidas do inverno.

Ela não precisava se preocupar, nem agir, nem responder. Estava protegida pelo peso de quase 100 anos de Direito francês.

Aquele imbecil desprezível, seu marido, saberia disso? Já teria sabido da verdade através de tabelião? Ela não tencionava contar a ele.

Ele que descobrisse, ele que aprendesse os fatos e aos poucos compreendesse — pois a princípio, não acreditaria, ia se enfurecer e berrar e dizer que nada o impediria de conseguir o que quisesse — ele que se desse conta de que estava inteiramente impotente, inteiramente sem poder, pela primeira vez na vida.

Ela quase podia ter pena dele, se quisesse. Mas isso ela não queria. Ele devia ter—se esquecido de como ela era paciente, ele realmente não devia estar lembrado de que ela não desistia nunca.

Não o deixei ir embora quando eu era jovem, pesou Kate, quando podia ter qualquer homem que quisesse, quando poderia ter tido a vida que quisesse levar, quando podia ter dirigido o meu futuro para onde bem entendesse, e escolhi você, Julien. Será provável que, depois que passei a vida moldando a sua carreira, que vou deixá-lo escapar agora? Ah, sujeito desprezível, para que se deu sequer ao trabalho de escrever, pedindo isso? Como ousa imaginar que eu algum dia o darei a essa garota ladina e ladra, que veio e o levou embora? Será que me compreende mesmo tão pouco? Você me pertence. Eu o possuo, assim como possuo estes quadros. Paguei por eles, ainda tenho o recibo da compra, são propriedade minha. E, queira você ou não, você também é.

Mistral largou os pincéis de repente e ficou muito quieto. Teddy continuava a olhar, sonhadora, para as decorações do teto do estúdio, os olhos meio fechados pousados nas guirlandas de flores, os arcos e cupidos que ela passara a conhecer tão bem durante as horas de poses. Será que ainda não estava na hora do intervalo? Parecia—lhe que ela acabara de se deitar no tablado dos modelos., mas talvez ela tivesse cochilado, coo fazia às vezes, depois de um almoço pesado. Ele foi para junto dela e ficou olhando —a, distraído..

— O que é, meu amor? — perguntou ela. — Não me diga que eu estava roncando.

Ele se agachou e estendeu a mão, traçando uma linha no seu corpo despido, desde entre os seios até abaixo da barriga.

— Não. Roncando, não... você nunca ronca, mas está engordando.

— Eu sei. É essa boa vida. Um dia vou ser uma Rubens. Mas parece que eu não me importo, mesmo,.. você se importa?

— Não... não... claro que não.

Ele parecia estar um pouco incerto. Talvez ele na verdade quisesse que ela continuasse magra como nos tempos em que era modelo. Talvez a sua nova voluptuosidade, que ela achava tão agradável, a estivesse tomando nos própria para ser pintada, por algum motivo. Os franceses se preocupavam sempre com la ligue — as mulheres francesas, em todo caso. Mistral pegou cada um dos seios dela em suas mãos grandes e os afagou, pensativo. Depois, pôs as mãos na cintura dela, os polegares se tocando, os

dedos longos rodeando sua cintura. Ele parecia estar escutando alguma coisa.

— Ei, o que é que está acontecendo? — riu-se Teddy. — Suas mãos estão frias.

— Você está grávida — disse ele, com uma voz de uma alegria incrédula.

— Ah, não estou, não!

Ela se sentou, os olhos arregalados, alarmados.

— Ah, está, sim. Isso não é gordura, não do jeito que está distribuído... pode crer, conheço a diferença. — Ele mergulhou o rosto no estômago dela e beijou a pele, num entusiasmo louco. — Meu Deus, meu Deus, você nem imagina como estou feliz. — Você! Você! — gaguejou Teddy. — Julien, você está me assustando... coo é que pode saber?

— Não é possível? Pense, Teddy. Não é possível, sim. Ah, — Não!... sim... imagino que sim... ah,

merda, não, não pode ser!

— Estou certo — disse ele triunfante. — Eu sabia.

— Julien, o que vou fazer?

Teddy puxou um xale para cima de si, cobrindo-se o mais que pode.

— Fazer... por que havia de fazer alguma coisa?

— Julien! Você ainda nem está divorciado, pelo amor de Deus...

— Teddy, eu vou me divorciar. Prometo isso pela minha vida, pelo meu

— Teddy, eu vou me divorciar amor por você, o meu trabalho, tudo o que você considere sagrado. Vou me divorciar! Especialmente agora que você está grávida. Quando Kate souber do bebê, ela há de ver que nada adianta se agarrar a mim. Eu sei como é que ela pensa, conheço—a suficiente bem para dizer exatamente o que, se passa na cabeça dela. Ela sabia das outras garotas de que lhe falei, mulheres sem importância, um sexo fácil, melancólico, sem significado. As noites em que eu não voltava para casa foram demais, para que ela não percebesse. Seria pior se eu tivesse mulheres de Félice... nessas cidades pequenas, não há nada mais vergonhoso do que ser traído publicamente. Mas ela ainda não entendeu o que se passa entre nós. Existe algum meio dela saber que você é única mulher, se a única pessoa, que eu já amei, em toda a minha vida? — Ele se levantou e olhou para Teddy, encolhida em seu xale. — Eu ainda estou assombrada com isso, que abençoô todo dia que vejo você na cama comigo! E quando nós formarmos uma família, quando eu registrar a criança na prefeitura e disser ao mundo sobre ela, quando a notícia se tornar pública, o orgulho de Kate não permitirá que ela fique passiva. Ou muito antes, mesmo, assim que ela souber que o bebê está a caminho, ela vai agir, com calma, sensatamente..., por causa de Nadine, por causa do seu próprio narre, para impedir que as pessoas falem. Li, é isso que vai acontecer, estou convencido.

— Você sabe de que me faz lembrar? — perguntou Teddy, com violência.

— Das histórias que eu lia na National Geographic sobre certas tribos em que os homens nem sequer consideram uma mulher como esposa em potencial até ela engravidar e provar que não é estéril. — Teddy levantou a voz, com violência. — Julien, você está falando de mim, Teddy Lunel, que

vai ter um — bebê ilegítimo! "Registrar um filho... e na prefeitura, nada menos... isso é bárbaro! Sou de Nova York e não uma camponesa. Ganho 70 dólares por hora! Ganho três mil dólares por semana!... Ah, Julien, você não entende... — ela parou e rompeu num pranto apaixonado, agarrando—o corro uma criança, sentindo os braços dele a abraçarem e a moldarem com firmeza e posse o seu corpo.

Enquanto ela chorava, deu—se conta de que não era mais a Teddy Lunel que ganhava 70 dólares por hora — essa Teddy Lunel que atravessava a Rua 57 e só faltava fazer parar o tráfego — ela se tomara outra pessoa, uma mulher que amava um homem, uma mulher que estava grávida desse homem, uma mulher que se tornara parte da história desse homem.

Os seus pensamentos dançaram, enquanto ela imaginava como seria fácil fazer um aborto. Havia uma dúzia de modelos em Nova York a quem ela podia telefonar pedindo certo endereço bem conhecido na Suécia. Seriam duas horas de avião do aeroporto de Nice, um fim de semana numa clínica impecável de Estocolmo e estaria de volta na terça ou quarta—feira. Mas enquanto pensava nisso, sabia que não o faria. Julien compreenderia, se o fizesse, a felicidade dele com ela não dependia de use filho para ser completa.

Não, era outra coisa, uma emoção que ela sentira só uma vez antes, uma sensação de inevitabilidade que cresceu dentro dela. Ela já se sentia mudada, uma mulher de verdade agora, não mais uma garota. Era a mesma sensação que ela tivera naquela primeira noite, no Hotel Europe... era irrevogável tão irrevogável quanto seu amor por Mistral e, portanto, tinha de ser igual mente certo.

De mês em mês, Teddy viajou pelo inverno e primavera de 1953, seu destino aproximando—se cada vez mais. O bebê devia nascer em junho, disse—lhe o obstetra e, desde o momento em que ela aceitou o bebê, viveu dentro de um círculo de harmonia encantada. Ela sabia que Mistral estava —se esforçando muito para conseguir o divórcio, mas ela se recusava a preocupar—se com os detalhes das negociações que, ela supunha, estavam —se realizando numa atmosfera desagradável. Nada de desagradável podia tocá—la, agora. Para garantir que Maggy não partisse para lá de repente, de avião, ela simplesmente não contou sobre o bebê, nas cartas mensais que mandava para Nova York. Havia tempo para dar essa informação quando ela também pudesse comunicar o dia de seu casamento.

Julien agora insistiu para que arranjassem empregados, que morariam em vários dos quartos vazios do apartamento. Teddy escolheu um Casal jovem, não por serem especialmente habilitados carro caseiro e cozinheira, mas e estavam tão visivelmente apaixonados. Teddy, obediente, cedia a todo o instinto protetor dele, deixando até que ele fosse ao médico com ela todo mês, se bem que ela nunca tivesse estado com mais saúde. Ela era um ralo de um animal sadio, foi como ela felicitou sua imagem, admirando—se como nunca fizera, quando se sentava diante dos espelhos dos quartos de vestir dos melhores fotógrafos do mundo. Sua única queixa era que nunca podia deixar de adormecer ao tomar a sua eau de vie de noite e Julien tinha de

carregá-la para a cama, com carinho, levantando-a com facilidade, a despeito de seu volume.

De manhã eles davam longas caminhadas e de tarde Teddy ainda posava. Mistral nunca ficara tão cativo de um tema como ficou com o corpo dela. O trabalho dele nunca fora inatingível ele vivia embriagado com a forma e cor, mas agora, quando ele pintava Teddy, aos poucos ficando grande com o filho, ele começou a interpretar, a pesquisar, a pensar na tinta, a penetrar a superfície mais profundamente do que jamais o fizera. Antes, a maternidade não era um assunto que lhe interessasse. Quando Kate estava grávida, ele ficara vagamente repugnado diante do modo como o ventre parecia se estufar, sem simetria como resto de seu corpo magro, como se fosse uma protuberância, em vez de uma parte orgânica do corpo. A gravidez esgotara o rosto de Kate de energia e colorido e, embora ela a suportasse sem reclamações, a criança dentro dela era uma estranha para ele.

Teddy, porém, florescia tão extasiadamente: os seios, antes pequenos, segundo a moda, desabrocharam num viço sem constrangimento; as velas azuis apareciam claramente na brancura translúcida de sua pele; os bicos dos seios se alastraram e ficaram mais rosados e macios; os braços e pernas estavam menos angulosos, mais delicadamente arredondados. O corpo dela era um milagre de beleza e, em seu volume que se expandia, ele sentiu o poder da natureza como nunca o sentira em qualquer paisagem. Nenhuma tempestade, nenhum céu ou noite estrelada, nenhum pomar maduro ou vinhedo carregado jamais o comovera assim. Era um tema inexaurível, um pintor e poderia nunca não pintar mais nada a não ser aquela maravilhosa curva da barriga, que a mesma, de um dia para outro. Muitas vezes ele terminava um quadro em uma semana e em breve o estúdio estava cheio de telas encostadas à parede, mais telas ao mesmo tempo do que jamais ele tivera, desde que pintara Maggy pela primeira vez.

Em meados de junho, Teddy entrou em trabalho de parto. Julien a levou à maternidade próxima e, conforme a tradição antiga da Provença, permitiram que ficasse com Teddy, enquanto ela dava à luz. Teddy se agarrou à mão dele, mas o parto só levou seis horas e ela o suportou com facilidade e com coragem. Quando o bebê saiu, o médico teve de lhe dar várias palmadas para ele começar a chorar e, quando afinal chorou, foi com uivos de indignação. Uma enfermeira o embrulhou logo em uma das mantas cor-de-rosa especiais para os recém-nascidos e o apresentou a Mistral.

— Uma menina, monsieur — disse ela, com tanto orgulho como se tivesse sido ela a dar à luz. Mistral, aturdido, subjugado, ficou olhando fixamente para o embrulho assombroso. Um rosto roxo, de onde continuavam a sair enérgicos gritos de raiva, cabelos cor de laranja, tudo enrolado em lâ corde rosa. Ele examinou a filha com atenção e depois teve um rugido de prazer.

— Uma Fauve, por Deus. Minha querida, você teve uma ferinha selvagem. É assim que a chamaremos, não? Fauve? Gosta do nome?

Teddy concordou com a cabeça, mas a enfermeira protestou.

— Monsieur Mistral, isso não é nome de santa... não vai seguir os costumes?

— Nome de santa? Que diabos! Fauve é filha de um pintor!

Capítulo 20

Maman — gemeu Nadine — Arlette disse que eu tenho uma irmãzinha nova. Eu disse que ela era mentirosa. Nunca mais vou brincar com ela, ela é malvada e eu detesto ela.

— Por que ela disse isso? Vamos, Nadine, lembre—se.

— Ela disse que a mãe dela soube isso pela irmã, que trabalha num hospital em Avignon.

— Quando foi que ela lhe disse isso?

— Hoje, em Félice, quando fui com o Monsieur Pollison para apanhar um embrulho no correio. Arlette contou a todo mundo.

— Ela mentiu, Nadine. Você não teve uma nova irmã, nunca terá uma nova irmã. Mas o seu pai teve uma filha bastarda. Diga isso a Arlette da próxima vez que ela disser alguma coisa.

Nadine arregalou os olhos e puxou os cachos com as duas mãos. Ela sabia o que era aquela palavra, qualquer garota de sete anos das redondezas sabia o que queria dizer, pois os filhos naturais não eram coisa desconhecida em Félice e os filhos do pessoal da aldeia eram criados ouvindo as conversas dos mais velhos desde que tinham idade de ficarem no colo, na hora das refeições.

— Não compreendo, maman.

— Você se lembra de quanto tempo faz desde que seu pai foi embora? Enquanto ele esteve fora, viveu com uma mulher má e agora essa mulher teve uma filha. Essa filha é bastarda.

— Quando é que o papai vai voltar?

— Você sabe muito bem que eu não tenho certeza, mas, se você tiver paciência, ele há de voltar mais cedo ou mais tarde.

— Ele vai trazer a mulher má com ele?

— Ora, você está sendo boba, Nadine.

— Ele vai trazer a bastarda? — perguntou Nadine, com ciúmes, ousando pronunciar a palavra porque a mãe a pronunciara.

Todos em casa a tinham mimado tanto, desde que Mistral desaparecera, que ela parara de pensar no pai. Ele sempre tinha visto a verdade, nas mentiras dela — ela o achava apavorante. Enquanto ele esteve fora, ninguém corrigia seus modos à mesa, nem lhe dizia para parar de tagarelar. Mas muitas de suas amigas do colégio tinham irmãozinhos bebês e ela sabia que, depois que nasce um bebê, espera—se que os mais velhos cedam lugar aos pequeninos, nos carinhos dos pais.

— Claro que não! Nadine, não diga besteiras!

Kate levantou—se de um salto e largou a filha que começava a choramingar, sem tentar consolá—la. Ela correu para o quarto, trancou a porta e sentou—se na sua poltrona preferida, olhando para a frente, sem ver nada. Estava esperando ter essa notícia a qualquer momento, mas nunca pensou que teria a notícia da boca da própria filha. Quantos outros mexericanos Nadine teria ouvido, dos quais nunca falara?

Evidentemente, os mexeriqueiros de Félice, a maioria dos quais era aparentada, de uma maneira ou de outra, com as pessoas de cada aldeia e cidade num raio de 80 quilômetros, funcionavam com maior eficiência do que o seu advogado de Avignon. Ela soubera, por Julien, da gravidez da mulher Lunel, seis meses antes, chegara até a cumprir a formalidade de se encontrar com o advogado dele e estabelecer o seu ponto de vista, de uma vez por todas. O marido era vítima de uma aberração, uma ilusão, uma loucura temporária que um milhão de homens da idade dele experimenta, disse ela ao homem. A posição dela era inflexível.

Julien, porém, nunca aceitara isso. Continuava a lhe mandar cartas urgentes, iludidas, alucinadas, procurando convence—la de que ela não tinha nada a perder concedendo—lhe o divórcio, pois ele nunca mais seria marido dela.

Nada a perder? O desprezo dela por ele era tão total que tinha até vontade de rir. Ela, Madame Julien Mistral, que recebera o maior respeito em todo o mundo internacional das artes, cujo poder era lendário porque controlava Mistral; ela, a quem os curadores dos museus procuravam para implorar; ela que podia fazer a fama de qualquer galeria, emprestando quadros para uma exposição de Mistral; ela, a ca que podia recusar ou conceder licença para reproduzir um dos quadros Mistral; ela, que tinha de ser conquistada antes que algum estudioso ou jornalista pudesse se aproximar de Mistral; ela que tinha o controle absoluto de todos os seus negócios complexos... ela não tinha nada a perder?

E se ela nunca tivesse levado Avigdor para ver as obras dele? Com o ódio que Mistral tinha pelos negociantes, ele bem poderia nunca ter tido a sua primeira exposição. Quantos outros pintores tinham sido enterrados muito antes de sua obra ser apreciada? Perdia—se a conta. Ela é que lhe dera aquela primeira oportunidade indispensável e foi o dinheiro dela que pagou por La Tourrello; e mais tarde foi o seu controle cuidadoso que lhe tomou possível trabalhar durante o último quarto de século numa total ausência de preocupações, coisa com que nenhum outro pintor poderia sequer sonhar. Ah, não, ela não pretendia renunciar, jogar fora tudo isso, para deixar que uma putinha de modelo assumisse a sua situação. Ele lhe devia a vida.

Kate fez um ruído inarticulado, um rangido de raiva, e começou a andar de uma janela para outra. Como é que um homem podia pensar que uma gota do seu esperma no corpo daquela vaca de Lunel podia levá—la a desistir de tudo por que trabalhara? Como ele a conhecia pouco, na verdade. Não havia nada que pudesse torná—la mais disposta a se agarrar a seus direitos do que o nascimento dessa filha bastarda. As cartas de Julien lhe ofereciam tudo: La Tourrello, que ela um dia lhe dera como dote; todos

os quadros; o dinheiro de suas contas nos bancos; como se fosse apenas uma questão de encontrar o preço justo para pagar lhe, para ela desistir de sua identidade. Ela era Madame Julien Mistral. Nada jamais poderia modificar isso.

Kate alisou os cabelos e destrancou a porta. Tinha agido mal com Nadine. Se a menina repetisse suas palavras, isso só Poderia piorar a situação. O escândalo, sem dúvida, já dera ao pessoal da aldela o melhor divertimento que tinham tido em muitos anos. Eles viviam para falar sobre os vizinhos e de nenhum com um interesse tão maldoso quanto dos que na verdade não pertenciam à aldela.

Kate encontrou Nadine sentada triste num canto da cozinha, enquanto Marte Pollison dirigia a cozinheira e sua ajudante na preparação da refeição avantajada que os trabalhadores dos campos esperavam encontrar no fim do dia.

Ela levou a menina de volta ao seu quarto e a pôs no colo.

— Nadine, meu bem, o que eu te disse há pouco estava errado. Não de atenção. Mamãe estava sendo boba... às vezes as maca também são bobas, sabe, como as outras pessoas. Não quero que você diga nada a Arlette, se ela lhe perguntar alguma coisa sobre o seu pai ou sobre mim — tudo vai dar certo breve, papai vai voltar para nós, mas não é boa idéia falar com as pessoas sobre isso. Elas confundem tudo e não é da conta delas. Não diz respeito a elas. Não quero que você vá a Félice, por algum tempo...

— Mas, manam, a escola só fecha em julho.

— Eu sei, meu bem, mas vou falar com sua professora e ela há de entender. Você vai tão bem nos estudos que não fará diferença. Nós vamos nos divertir, as duas, vamos dar passeios no carro grande da mamãe. Você vai comer nos restaurantes comigo, ver coisas bonitas e todo dia eu lhe compro uma surpresa especial, uma coisa bem bonita. Não vai ser divertido?

Nadine não pareceu se convencer. Se eu a pudesse levar para Paris ou Nova York, pensou Kate. Se ao menos eu pudesse sair desse maldito vale, em que todo mundo sabe de tudo. Mas não posso ir, não mais do que por algumas horas de cada vez. Se Julien soubesse que nos tínhamos ido — e ele saberia no mesmo dia — haveria de pensar que eu tinha desistido. Não, tenho de agir como se nada tivesse acontecido, como se eu não tivesse sabido de nada, como se não houvesse nada para eu saber. Não posso reagir, tenho de continuar como sempre. Ele não pode me provocar à menor ação. Um dia isso acaba e será uma história antiga, confusa, sem importância. Mas agora ninguém, ninguém pode ter pena de mim.

— Em que está pensando, maman? — perguntou Nadine.

— Estou resolvendo o que usar hoje à noite. Há uma grande festa nos Gimpels... o que você acha, meu bem, o meu costume branco, ou aquele vestido de que você gosta tanto, o azul?

Teddy e Julien estavam tomando pesos antes do jantar, no terraço do Sennequier, em St. Tropez. Um ano antes, Vogue tinha descoberto a "vida feliz, o lazer fácil, a calma de lótus" daquela pequena aldeia de pescadores, mas ela ainda não estava estragada. Assim que Fauve completou duas

semanas, eles a tinham arrumado, com a ama, e ido para o litoral e tomado uma suite no Hotel I' Aioli, para passar o verão.

— Estou agitada, Julien — disse Teddy, de mau humor.

— Eu sei, minha querida, sinto isso saltando aos meus olhos. Eu demorei muito no jogo de boules, esta tarde? Desculpe... O só que esses velhinhos daqui são muito bons. Por que será que nunca me lembrei de vir aqui? Têm sido umas férias perfeitas.

— E por que não? — disse Teddy, num rompante de irritação. — Mesmo que Fauve não fique quieta por muito tempo, ela e eu somos as melhores modelos que você poderia desejar. A amante do pintor e sua filha natural... um tema clássico, não é? Você já deve ter bastantes telas nossas para pelo menos

três de suas séries.

— Teddy!

— Já sei, já sei, a culpa não é sua,, não o estou acusando de nada, pelo amor de Deus, mas por quanto tempo isso ainda vai se arrastar? Detesto essa situação, Julien!

— Querida, seja razoável. Fauve está só com dois meses. Você não acha mesmo que Kate pode resistir, durante anos e anos, não é? Um dia ela há de compreender como está sendo estraga prazeres, como não há esperança... basta nós suportarmos.

— Você faz a coisa parecer a retirada de Napoleão de Moscou. O que é que eu vejo pela minha frente, Julien? Escute só! No ano passado, eu estava num estado de passividade induzida pelos hormônios... eu estava hibernando, enfada naquele apartamento assim, comendo, dormindo e sonhando, os meses inteiros, como uma espécie de mamãe urso. Isso é um artifício da natureza, mas agora já voltei ao normal e não posso suportar não ter idéia do que me espera.

— Você recebeu outra carta de sua mãe — gemeu ele.

— Isso mesmo. E estou começando a me perguntar se ela afinal não terá razão. E se a história se estiver repetindo mesmo? Ela nunca conseguiu se casar e a maior parte das pessoas hão de concordar que ela é uni bocado mais inteligente dó que eu.

Mistral pegou as duas mãos dela e apertou seus lábios nas palmas.

— Não fale essas coisas, amor, isso só faz piorar...

— Teddy! Teddy Lunel! Eu positivamente não acredito! — gritou uma voz de garota.

Sobressaltada, Teddy puxou as mãos e olhou para cima. Ali na calçada diante do café, estavam dois homens e duas mulheres. Peggy Arnold, que a reconhecera, tinha sido uma estrela das modelos da Agência Lunel, nos dois últimos anos. Teddy levantou—se de um salto e lhe deu um grande abraço. Teddy ficou assombrada ao ver como se sentiu feliz ao ver um rosto conhecido. De repente, Peggy Arnold parecia ser sua melhor amiga.

— Então é aqui que você estava escondida! Todo mundo estava perguntando, por tanto tempo, que já iam desistir, achando que você estava perdida. Sua mãe disse que você se tinha apaixonado pela França, mas, meu

Deus! Teddy, esta é Ginny Maxwell... ela também é da Lunel... e Bill Clark e Chase Talbot... estamos todos aqui, para o fim de semana.

Mistral se levantou e se aproximou deles.

— Este é Julien Mistral — disse Teddy, a posse evidente em sua voz. A sombra salpicada de sol, do Sennequier, de repente passou a parecer um palco de teatro, enquanto ela via Julien apertar as mãos dos quatro americanos bronzeados, vestidos de branco, espantados, que de repente tinham ficado encabulados, duros — positivamente com respeito por ele. Aquilo a fez lembrar do dia, 14 meses antes, em que ela conhecera Mistral; e olhando para ele agora, ela se comoveu de novo com sua cabeça heróica, sua altura magnífica e a força controlada de seus olhos. Ela estava orgulhosa e contente porque alguém de sua vida antiga afinal os vira juntos, e, por Deus, ela queria exibi—lo.

— Ah, Peggy, tenho um bilhão de perguntas a te fazer! — exclamou Teddy. — Escute, vocês quatro não podem jantar comigo e Julien esta noite?

— Não podemos, benzinho, vamos a uma função de gala em Monte Carlo. Mas escute, Chase está com seu barco a vela, ou iate, ou seja o que for o nome quando tem 23 metros, e está bem ancorado aqui no porto... por que vocês dois não vêm dar um passeio conosco amanhã e almoçam a bordo?

— Nós adoraríamos, não é, Julien?

— Nada nos daria maior prazer — disse Julien a Peggy Arnold. Naquele momento, ele agradecia qualquer distração. Estava convencido de que Kate acabaria cedendo, mas estava começando a se dar conta de que levaria mais tempo do que imaginara e não ousava partilhar suas desconfianças com Teddy. A cada dia que se passava, estava tendo mais dificuldade em tranqüiliza—la.

No dia seguinte, Teddy e Julien embarcaram no Lhe Baron, o iate fretado por Chase Talbot, às 10 horas. Urna tripulação de quatro pessoas, inclusive cozinheiro, fora contratada para levar o iate num cruzeiro, calmo de um porto a outro, pelas costas da França e Itália.

Quando o Lhe Baron se moveu tranqüilamente do porto de St. Tropez para o Mediterrâneo, os seis passageiros se recostaram em almofadas, ao sol, junto da proa do barco. Teddy deixou sua mão cair ao acaso sobre o braço de Mistral, enquanto conversava com Ginny e Peggy, voltando com prazer às notícias do mundo que abandonara sem olhar para trás.

Ela sentira falta de amigas do tipo dela, foi o que percebeu, enquanto conversavam. Ela e Julien tinham vivido numa solidão tão propositada que era bom, por pouco tempo, voltar a um ambiente em que a diferença entre Bem Zuckerman e Norma Norell era, se não crítica, pelo menos reconhecida, um mundo cheio de suposições e referências que um dia lhe haviam parecido importantes e que ainda era importante para elas.

Enquanto elas conversavam avidamente, pondo—se em dia com as notícias de Nova York, com um dedo ela acariciava os músculos rijos do braço de Julien. Só esse leve contato a fez compreender que nada que sua vida antiga algum dia lhe oferecera fora mais do que um simples fac—símile de existência. Ela largou a conversa e semicerrou os olhos. A realidade era

Julien Mistral, o homem que tomara a sua vida inteira, o homem que a transformara de uma moça que temia nunca poder amar em uma mulher que sabia poder amar para sempre. A realidade era Fauve, a filha a quem ela estava ligada por um sentimento tão diferente, em estrutura e força, de tudo quanto ela jamais concebera como amor. Quando ela pegava a filha no colo, nua, só de fralda, e encostava Fauve em seu pescoço e sentia aquele corpinho sedoso, gorducho, macio e incrivelmente forte se descontraír numa confiança absoluta junto dela, aí Teddy conhecia uma emoção que não encontrava palavras para exprimir.

A realidade era Julien e Fauve. A realidade era o fim dessas férias e a viagem de volta a Avignon. A realidade era se instalar para o outono e inverno naquela cidade cor de champanha, procurando nos antiquários mais móveis para o apartamento, levando Fauve para passeios no parque, buscando uma grande provisão de lenha, indo ao mercado... ah, a realidade era tão cheia de coisas lindas para fazer e comer, beber, cheirar e tocar! E se a realidade pudesse incluir outro filho, Teddy disse para si, rindo, Kate teria de se confessar vencida. Por que ela não tinha pensado nisso antes? Era uma idéia brilhante.

— Vamos lançar a âncora do almoço — sugeriu Bill.

— O que é isso? — perguntou Teddy, despertada de seu devaneio.

— É uma âncora leve, uma Danforth. Nós a usamos quando só queremos parar por uma hora, mais ou menos, para nadar e comer. A outra, a Plough, é muito trabalhosa de usar, a não ser que se queira passar a noite. É uma desgraçada grande e pesada e eu a mantenho presa debaixo da proa o mais que posso. Sou um marinheiro médio, preguiçoso.

— Ah.

Os iatistas sempre contavam mais do que a gente precisava saber, pensou Teddy, recordando seus verões nos Hampton.

— Vamos nadar, beber ou ambos? — perguntou Chase Talbot ao grupo.

Como está a água? — perguntou Ginny.

— Ótima. Se quiserem nadar, agora é a melhor hora.

O iate estava a vários quilômetros ao largo do litoral, em águas calmas. O sol estava quente, no convés, e todos preferiram nadar primeiro e depois beber. Durante mela hora, os seis se revezaram, mergulhando do púlpito, uma estrutura cromada em forma de U acima da proa, de onde pendiam dois cabos salva—vidas. O convés do Lhe Baron estava a apenas 1,50m acima do Mediterrâneo, de modo que o púlpito, que se erguia a mais um metro acima da proa, dava uma boa plataforma de mergulho.

Há dois anos Teddy não tinha oportunidade de mergulhar em águas profundas, mas, depois de algumas tentativas, toda a sua memória muscular voltou, enquanto ela subia usando os cabos salva—vidas e enroscava os dedos dos pés com perícia em volta do corrimão do púlpito até chegar o momento de largar o estai de proa e mergulhar no mar.

— Gim tônica para toda a tripulação — gritou—lhe Peggy, quando Teddy tomou seu lugar na proa. Ela olhou para trás. Todos os quatro americanos tinham caído, rindo, nas almofadas do convés, reunidos em volta de uma

bandeja de copos levada por um dos tripulantes. Ela olhou para o mar. Auns oito metros, Julien lhe acenou de dentro d'água.

— Só mais um, rápido — disse ela. Ia nadar para onde estava Julien, pôr os braços nos ombros dele, ficar boiando lá com ele, beijá-lo e lhe sussurrar sua nova idéia maravilhosa.

Um grande pesqueiro, que eles não perceberam com sua algazarra, passara por trás da popa do Lhe Baron, momentos antes. No instante em que Teddy largou o estai de proa, preparando-se graciosamente para mergulhar, a pesada marola do pesqueiro bateu no iate. Todo o barco jogou fortemente.

Teddy se desequilibrou, pairou no ar por uma fração de segundo e deu uma cambalhota desajeitada. Havia duas garras de aço pontudas, de una 20 centímetros, que se projetavam da grande âncora Plough, presa logo abaixo da proa. Quando Teddy caiu, sua cabeça bateu de lado numa dessas pontas cruéis. Mistral mergulhou tão logo viu que Teddy tinha batido. Ele a encontrou quase imediatamente, apanhou—a com facilidade debaixo de um braço e a levou para a tona com uma forte braçada do braço livre. Chase e Bill o ajudaram a levar Teddy para o convés. Ela não estava afogada. Não houve tempo para isso. Teddy estava morta antes de entrar na água.

Três dias depois, no cemitério americano em Nice, Teddy foi sepultada. Maggy e Julien Mistral foram os únicos que compareceram. Mistral proibira a ida dos quatro americanos do iate e eles estavam temerosos demais da sua angústia monstruosa para insistirem.

Maggy ainda não tinha olhado de frente para Mistral e ainda não conseguia se forçar a isso. Ela estava sentindo um ódio tão extremo por ele que era quase impossível pronunciar sequer algumas palavras necessárias. Ela sabia que devia manter a calma suficiente para convence-lo a lhe entregar a neta. Ele já matara sua filha.

— Quero levar Fauve comigo — disse ela, por fim. — Claro — murmurou ele.

— Entendeu o que eu quis dizer?

Ele não podia ter entendido. Decerto não ouvira.

— Naturalmente, deve levá-la Não há mais ninguém. Não tenho um lar para ela, nunca voltarei a Avignon, nunca mais quero ver La Tournallo... vou embora, não sei para onde, não sei por quanto tempo...

— Se eu a levar agora, se você concordar, não vai poder mudar de idéia — disse ela ferozmente, a voz severa, ameaçadora.

Mistral levantou — se com um movimento tateante, hesitante, quase sem ver, seu corpo monumental desengonçado, as mãos trêmulas e hesitantes. O rosto dele estava coberto pela barba por fazer, grisalha, pois ele não se tinha barbeado, dormido nem comido durante os três dias após o acidente. Seus olhos não estavam vermelhos, pois não conseguira chorar, mas o fogo azul que sempre tiveram desaparecera inteiramente. Ele era um velho 'de olhos mortos.

— Volte para casa, Maggy. Não posso falar mais. Vá.

Ele saiu no saguão do hotel, vacilante, e, um minuto depois, Maggy o ouviu partir no carro.

Ela ficou imóvel por um momento, sem ousar se mexer, com medo de ouvir o carro voltar. Então, galvanizada, foi à recepção e fez uma reserva no primeiro avião para Paris, mandou chamar um táxi e foi para o quarto, arrumar as malas.

— Madame?

Era a ama, entrando no quarto nas pontas dos pés.

— Arrume uma valise com as coisas do bebê. Tem uma receita de mamadeira para ela?

— Ela bebe leite comum, madame, há duas semanas já. Mas não se esqueça de aquecer a mamadeira.

— Obrigada, mademoiselle. Disso eu ainda me lembro.

Um dia depois, acompanhada por um jovem concierge do Ritz que fora incumbido de acompanhá-la ao portão de embarque, Maggy atravessou o Aeroporto de Orly, a fim de tomar o avião para Nova York. Fauve estava em seus braços. Quando ela passou por uma banca de jornais, parou de repente, apertando Fauve com tanta força que o bebê começou a chorar. Uma pilha de números da nova Paris Match acabara de ser colocada no balcão. A foto da capa, em preto e branco, fora tirada a bordo do Lhe Baron. Ali, olhando—se dentro dos olhos, estavam Teddy e Julien Mistral. Estavam rindo, na mais completa felicidade, inteiramente absortos um no outro. Uma mecha dos cabelos molhados de Teddy estava caída no ombro musculoso dele e Mistral a estreitava ao peito nu, num ar possessivo, com ambos os braços.

Quantos minutos, naquele momento, perguntou—se Maggy, Teddy ainda teria de vida? Ela se sentiu como se uma membrana vital de dentro de seu peito tivesse sido arrancada.

— O que foi, madame? — perguntou o jovem concierge, alarmado, ao ver o rosto dela.

— Por favor, me compre um número da Match — disse Maggy, tensa.

Ela teria de enfrentar a história. Não podia fingir que não existia, quando todo mundo leria uma ou outra versão dela.

Maggy ficou sentada na sala de espera da primeira classe, segurando Fauve com um braço e mexendo na revista, as mãos tremendo tanto que era quase impossível virar as páginas lisas. A manchete da capa dizia `La Mort de la Compagne de Mistral' — pelo menos chamaram Teddy de sua companheira, não sua amante, pensou Maggy, aturdida.

Parecia não haver outra grande história no mundo, naquela semana, ou pelo menos nenhuma que agradasse tanto aos sagazes redatores da grande revista francesa, pois tinham dedicado 12 páginas de fotos e texto a isso.

Estando além da surpresa, ou era o que ela pensava, mas não além do desespero, Maggy virou as páginas. Havia três fotos eletrizantes que Bill Hatfield tirara de Teddy e Mistral no estúdio, não as fotos que Mode tinha publicado, mas fotos deles se falando, ignorando a câmara, já extasiados, já perdidos. Havia três páginas de fotos tiradas em La Tourrelle, de Mistral, Kate e Nadine, o pintor e sua família dedicada, apenas dois anos antes.

Entre as grandes fotos de Teddy, tiradas enquanto ela era modelo, havia um retrato sério de Maggy, cercada de suas modelos mais famosas, que fora tirado para Life três anos antes e, sim, ali, como ela supusera, estava uma reprodução daquele mais famoso da série La Rouquinne, a própria Maggy, naquelas malditas almofadas, espalhada em duas páginas. Ela não tinha de ler a legenda para saber o que diria. Match raramente perdia a vez.

Ela olhou o essencial do texto, prendendo a respiração numa apreensão medrosa. Até então, não houvera revelações da existência de Fauve, em lugar algum. A própria Maggy só soubera do nascimento de Fauve três semanas depois de ocorrido... Teddy tinha esperado até terem chegado a St. Tropez para escrever a ela. Ela ficara por demais chocada, indignada para se obrigara responder àquela carta. Agora não havia necessidade, ela se deu conta, com um sofrimento tão profundo que lhe deu a força da perda total, que lhe permitiu procurar a história da Match.

Lá, no segundo parágrafo, estava o relato da investigação do registro de nascimentos na prefeitura de Avignon. Fauve Lunel, *Enfant Adulterin*, era o status civil de sua neta. O bebê era filha de um adultério, que, segundo o Direito francês, teria de permanecer para sempre não reconhecida, bem diferente do status de *enfant naturel*, apenas filho ilegítimo cujos pais são livres para se casarem, se quiserem, e cujo pai lhe pode dar o nome, mesmo sem se casar com a mãe.

Teddy, havia muito, tinha adquirido cidadania americana, na mesma ocasião em que Maggy se tomara cidadã, mas Maggy sabia que se os jornalistas tivessem conseguido procurar no registro certo em Paris, teriam descoberto mais outro fato: o registro do nascimento de Théodora Lunel: *Enfant Adulterin*. Mas a célebre exatidão da Match não funcionara com toda a sua eficiência. Isso, peio menos, eles não tinham descoberto.

Maggy deixou a revista se fechar sem terminar a história. Afinal, que diferença fazia?... por que é que uma coisa tão pequena havia de importar, agora que Teddy não existia mais nesse mundo? Teddy se fora, sua menina linda, sonhadora, irresponsável, querida, e nada do que ela temera que lhe acontecesse chegava aos pés da realidade.

O bebê no colo de Maggy acordou. Os olhos, de um cinza delicado, como fumaça, tinham uma profundidade sem fim. Ela olhou bem para Maggy, com uma nitidez chocante, para uma criaturinha tão pequena. Piscou uma ou duas vezes, sob sua cabeleira de cenoura, e quando nada aconteceu, fez um barulho pequenino, mas positivamente de fome. Maggy, procurando na bolsa a tiracola a mamadeira que tinha de ser aquecida, lembrou — se de um ditado que toda criança francesa repete depois de dois fatos imprevisíveis de qualquer tipo: dois tinteiros derrubados, dois tombo no pátio de recreio, duas farpas no mesmo dedo. "Jamais deux sans unis." Nunca dois sem três. Magali Lunel. Théodora Lunel. E agora... Fauve Lunel.

O bebê uivou tão alto que todos os passageiros da sala se viraram para olhar para Maggy. Ela olhou de volta, furiosa. Não tinham nada melhor para fazer? Esperavam que ela desse leite frio à neta?

— Escute aqui, sua bastardinha — murmurou ela a Fauve — cale—se, já

vem, já vem. — A criança parou de gritar imediatamente. — Então, prefere escutar a comer? Isso, pelo menos, é um sinal de inteligência. Talvez você seja uma terceira de sorte.

Fazendo um sinal para que o servente da sala de espera aquecesse a mamadeira, ela estreitou bem o bebê e, o mais baixinho que pôde, lhe cantou uma canção de ninar. De onde teria vindo essa canção? Era em francês e ela nem tinha idéia de como a conhecia. Devia ser de sua própria avó, pensou Maggy. Sua boa avó, Cécile Lunel.

Capítulo 21

— Como é — perguntou Maggy a Darcy — que você espera que uma criança que ainda nem aprendeu a andar brinque com um ursinho que é duas vezes do tamanho dela?

— Foi irresistível... eu estava passando por F.A.O. Schwarz e estava ali na vitrine...

— Aquela espelunca... ora, provavelmente vendem mela dúzia todos os sábados.

— Não, este é o protótipo, não tem nenhum maior em toda a loja — disse ele, com orgulho. — Mandei verificar.

— Bom, eu o coloquei no cercado e desde então não ouvi nenhum barulho do quarto dela, de modo que ela obviamente gostou. Isso nos deu quase mela hora de paz, hoje. Vamos aproveitar, enquanto dura.

Passara-se um ano desde que Maggy voltara da França, com Fauve. Ela e Darcy estavam sentados no grande salan de seu magnífico apartamento na Quinta Avenida, sala decorada de propósito para simular que devia certamente dar para um vasto parque pertencendo a uma nobre mansão em estilo georgiano, nos confins de Devonshire. No entanto, ocupava um espaço ainda mais caro do que vastos hectares ingleses, meio andar de um dos prédios mais indiscutivelmente impecáveis de Manhattan, um edifício de apartamentos do East Side possuidor de um pedigree que praticamente garantia a origem de toda pessoa que pudesse morar nele.

Maggy resolvera que, para criar devidamente um bebê cujas origens adúlteras, além de ilegítimas, tinham sido tab extensamente documentadas pela imprensa mundial, ela teria de fazê-lo com a mais alta classe, no estilo mais franco e grandioso. Todos os seus impulsos que a tinham levado a esconder Teddy no relativamente deselegante West Side, que a tinham feito mandar a filha para a pouco conhecida Elm School, deviam ser invertidos, no caso de Fauve. Ela ia estabelecer a neta, desde o princípio. Todos sabiam tudo o que havia a saber sobre ela. Bom! Já que Mistral era pai dela, que isso se tornasse uma vantagem. Filha de um dos maiores pintores do mundo, neta e única herdeira de Maggy Lunel, da Agência Lunel — Fauve se tornaria uma personage, ainda no berço!

Ela podia ter-se poupado o trabalho, pensava muitas vezes. A não ser que ela fosse uma avó mais coruja do que achava, Fauve era uma criança que poderia criar-se sozinha. Quando ela agitava os braços e dava o seu gorgolejo espantosamente profundo, as coisas aconteciam, as pessoas corriam, até estranhos faziam as vontades dela. Ela não gostava que a agradassem por muito tempo, o seu corpinho firme se libertava dos braços de Maggy, enquanto ela continuava a sua exploração infundável do seu universo; gostava, mais que tudo, de uma cara nova debruçada para vê-la, ou um objeto estranho, qualquer objeto estranho. Se estivesse nas proximidades de uma cobra grossa ou um cão grande e perigoso, ela se teria lançado a eles, gritando de prazer.

Ela não tinha qualquer senão de medo e detestava as restrições. Aos 14 meses, Fauve muitas vezes ficava furiosa porque caía ao tentar andar e a locomoção impedida era a pior restrição de todas. No seu cercado, ela sacudia as grades como um gorila zangado, gritando todas as palavras que conhecia, pois tinha um vocabulário extenso. Quando a punham no chão, ela engatinhava com uma velocidade espantosa e uma falta de discernimento impressionante, derrubando mesas, lâmpadas, vasos e cinzeiros em tomo dela e rindo muito diante dos lindos barulhos que fazia. Mesmo quando era atingida por um objeto caindo, só chorava por um segundo. A vida era interessante demais para as lágrimas, a não ser que fossem lágrimas de raiva, e mesmo essas só duravam até que ela encontrasse uma coisa nova e fascinante para olhar.

Fauve tinha uma ama. Fauve teve uma porção de amas, que, uma a uma, se despediram, não conseguindo acompanhar a energia dela. Elas adoravam o bebê, explicavam a Maggy, mas ficavam tão cansadas. Maggy compreendia e contratava outra ama.

Mais uma vez, ela estava procurando não cometer um dos muitos erros que, estava convencida, devia ter cometido com Teddy. Passava muito tempo com Fauve, reorganizando a Agência Lunel para poder fazer isso. Tinha contratado três pessoas altamente eficientes para fazer grande parte do trabalho que ela antes achava que devia supervisionar pessoalmente e a agência estava prosperando e se desenvolvendo como nunca.

Sábado, aquele dia, era um dos dias de folga da ama e Maggy e Darcy tinham—se acostumado a levar Fauve para passear no parque, no carrinho. Como o "21" não admitia bebês, mesmo um ligado a Darcy, seu estimado freguês desde os tempos da Lei Seca, eles se dirigiram para o Russian Tea Room, na Rua 57. Lá, podiam beber alguma coisa em um dos pequenos compartimentos de couro vermelho, de frente do bar comprido, enquanto Fauve bebia suco de laranja espremido na hora. Todos os garçons, com suas túnicas de cossaco, todas as garçonetes russas, idosas e maternas, concorriam para levar o suco para aquela criança resplendente, que chamava pela dúzia deles pelo nome:

— Katya! Rosa! Gregos! — dizia ela, imperiosamente. Não chamava ninguém tantas vezes quanto Sidney Kaye, proprietário do Tea Room, que lhe contava histórias engraçadas com apartes em ídiche, o que ela escutava atentamente, olhando para ele, de seu carrinho, com seus olhos cinzentos arregalados de assombro e as sobrancelhas vermelhas levantadas, gorgolejando quando ele acabava a história, como se, de um modo misterioso, ela o tivesse entendido.

— Eu tenho cara de avó? — perguntou Maggy a Darcy, de repente, quando eles estavam sentados, aproveitando o raro sossego do momento.

Maggy estava com 46 anos e durante uma semana ou um mês, de nenhum outro modo notados entre os 40 e 41 anos, ela perdera o ar de ser mais jovem do que era, que conservara durante a casa dos 30. Um dia, ela acordou e descobriu uma mulher no espelho, que chegara àquela idade de onde nunca é possível recuar, aquela "certame age" como todo francês o

exprime, com galanteria mas de modo desanimados.

Ela era uma mulher espantosamente bem conservada, disse Maggy a si mesma. Mas, depois que alguma coisa é descrita como "bem conservada", a sua essência original evidentemente foi perdida. Era a diferença, pensou ela, entre um vestido de baile na noite em que é usado pela primeira vez por uma donzela vitoriana, valsando, e o mesmo vestido, em estado excelente, exposto numa vitrine de um museu de roupas.

Nos seis anos seguintes, as modificações tinham sido gradativas mas inconfundíveis, para uma pessoa com o olho crítico e inclemente. Ela nunca poderia ser uma dessas mulheres que só olha para os seus melhores traços no espelho, evitando, inconscientemente e tão espertamente, os lugares que mostram idade. Maggy sabia exatamente a frequência com que tinha de mandar retocar seus cabelos ruivos, para que não aparecesse um traço de grisalho na raiz dos cabelos. Ela olhava para sua boca, aquela flor ainda viçosa e saliente, e via claramente que havia algumas rugas verticais acima do lábio superior. A linha do queixo estava frouxa e um pouco indefinida. Ah, ela estava na meia idade e não havia noite bem dormida, nem férias, nem cirurgião plástico que lhe pudesse devolver aquele frescor incondicional, aquela nuvem de novidade que proclama a juventude. Aquilo era, resolveu ela, tão inevitável e merecia tão pouca luta quanto o nascer do sol, ou o fato de que todo abricó que não é comido um dia perde o seu frescor.

Ela não via as outras modificações ocorridas nela, já no ano que se seguiu à morte de Teddy. A beleza de Maggy era ainda profunda como os ossos, sua superfície estava brilhantemente mantida, e no entanto, de vez em quando, ela adquiria um ar de vulnerabilidade. Ela nunca soube que o sofrimento com que vivia podia ser notado numa expressão de pesar amargo que lhe velava os olhos quando, distraída por um momento, ela parecia estar espiando para uma distância grande e temível.

Sua atitude nos negócios, que nunca tinha sido fácil, estava mais ríspida, mais impaciente do que jamais fora. Suas novas assistentes sabiam que, embora a Chefe nunca fosse injusta ou irracional, era bom elas terem um motivo sólido e defensável para todas as decisões que tomassem. A maior parte das modelos Lunel estavam francamente petrificadas por ela. Maggy sabia. As vezes isso a aborrecia, de outras vezes a divertia e, mais freqüentemente, ela achava que era um estado sadio para elas. Melhor do que a indolência.

— Tenho cara de avó? — repetiu ela.

— Você nunca vai ter cara de avó respondeu Darcy.

Ele não se importava nada com as modificações nela — nem as via. Os olhos verde dourados que inicialmente o cativaram nunca o haviam libertado. Ela continuava a ser a mulher magnífica que ele jamais conseguira fazer completamente sua, desde a primeira noite em que a conhecera na gincana de Lally Longbridge. De um certo modo que ele aos poucos passara a prezar, e não a lutar contra, ela conservara um centro enigmático. Havia coisas relativas a Maggy que eram inexplicáveis: enigmas, partes de sua vida

que ela nunca lhe confiara, por mais íntimos que se tivessem tomado, coisa que aumentava a cada ano. Por fim, Darcy se contentava em nem sequer tentar adivinhar. Embora ela nunca quisesse ser mulher dele, era sua amante e sua melhor amiga e isso passara a ser suficiente.

Ele sabia que o caso eterno deles irritava a certas pessoas. Já que Maggy e Darcy vão ficar juntos — e tão desgraçadamente fiéis, tão dedicados — resmungavam uns para os outros, por que não se casam, como todo mundo? Porque nós não somos como todo mundo, lhes diria Darcy, se eles ousassem lhe fazer a pergunta diretamente. Ele não sabia bem o que queria dizer com isso, mas ele sabia que possuía de Maggy tanto quanto qualquer homem poderia jamais ter. A não ser que ele a tivesse conhecido antes de Julien Mistral. Ela deixara algo de essencial naquele relacionamento distante, algo que só permanecera na tela — ou talvez na recordação dela — se bem que ele procurasse nunca considerar essa possibilidade... e quase conseguisse.

Maggy lhe lançou um olhar rápido. Não, ele estava falando sério. Respondera á pergunta dela com aquele olhar duro, sombrio, aquele olhar de lince que pela primeira vez chamara a sua atenção. O rosto fino de Darcy estava ainda mais destacado do que fora, havia tanto tempo; os cabelos estavam ficando distintamente grisalhos, mas o seu olhar indagador de filósofo tinha — se acentuado e não ficara mais branco com a maturidade; e a expressão indiscutível de autoridade se firmara mais em seus lábios. Ela estendeu a mão para ele, com amor. Como estivera certa em não se casar com aquele homem.

Urna cascata de livros caiu ao chão atrás deles, com uma longa série de baques fortes. Eles deram um salto e olharam para trás. Fauve chegou — se a eles, correndo em seus pezinhos gordos, tão desequilibrada como se estivesse dançando em bolhas, os braços bem abertos para se equilibrar, uma expressão extasiada de realização no rosto.

— Urso — gritou a nova pedestre, felicitando—se, dirigindo—se para Darcy, que fornecera os meios de sua fuga da prisão. — Trepei urso!

Veneza, Londres, Alexandria, Oslo, Budapeste — as cidades não prestavam para nada. O campo não era melhor: os Alpes suíços, a Toscana, a Guatemala. Tampouco eram possíveis as ilhas, Isquia, as Cícladas da Grécia, Fidji — todas estavam vazias daquilo que ele procurava, e por fim Julien Mistral compreendeu que mais valia voltar para casa.

Ele não tinha pintado nada, nos últimos três anos, mas havia bebido uma quantidade enorme de qualquer que fosse a bebida alcoólica mais forte existente no lugar em que se instalava, por uma semana, um mês ou um dia. Ele às vezes se hospedava num hotel e saía de lá uma hora depois, sem qualquer motivo. De outras vezes, ficara numa cidade muito depois dela lhe apresentar qualquer novidade, numa imobilidade que era tão profunda quanto sua agitação. Como estava cansado demais para ir a qualquer lugar, a não ser para trás. Félice era um lugar melhor do que qualquer dos outros que ele tinha encontrado.

Os portões de La Tourrello estavam fechados, quando Mistral chegou.

Ele estacionou o carro de um lado da campina e ficou ali sem buzinar nem tocar a campainha que soava na cozinha. Era a hora do almoço: todo o pessoal da casa devia estar reunido dentro de casa e ele queria adiar o momento inevitável do encontro. Ele seguiu pelo caminho, agora quase todo cheio de mato, que seguia ao lado dos muros que protegiam a mas, chegando à pequena porta dos fundos do estúdio. Existia uma chave para aquela porta, que ainda permanecia no bolso dele. Era a única coisa que ele levava consigo, além da roupa do corpo e o carro em que estava, quando fora se encontrar com Teddy Lunel para jantar no Hiely, em Avignon, numa noite de setembro quatro anos antes.

Ele abriu a porta e entrou. O estúdio estava às escuras, a não ser por alguns raios de sol que entravam pelas frestas das venezianas. Mistral puxou os cordões que controlavam o toldo pesado que cobria a vidraça e num minuto o estúdio ficou banhado com a luz forte do meio-dia. Nada fora tocado, desde que ele partira. A tela vazia, junto da qual ele posara com Teddy, ainda estava no cavalete. Numa mesa desarrumada viu a paleta que ele estava segurando na ocasião, agora com uma crosta de tinta seca.

Mistral olhou pelas paredes, devagar. Lá estavam as pinturas, pendura das tão juntas que algumas delas quase tapavam um canto de outras, que tinham emudecido de tal modo os visitantes da Mode. Ele olhou demoradamente de uma pintura para outra, sem se mover nem um centímetro para junto de nenhuma. Tanto quanto se lembrava de ter tido idéias racionais sobre o ato de pintar, ele achava que estava tentando pôr na tela aquilo que via do modo mais direto possível, sem deixar que o processo intelectual se interpusesse entre os seus olhos e a tela. Agora, numa percepção crescente, ele entendeu que tinha pintado o que sentia no momento em que via. Os quadros eram um equivalente visual de suas emoções. Neles tinham sido registradas as ondas do coração e não a atividade do cérebro.

Essa compreensão deu-lhe o primeiro consolo que se permitiu, desde que se ajoelhara no convés do Lhe Baron e vira que o corpo que segurava nos braços com tanta força estava morto, que Teddy o abandonara. Os quadros eram a prova de que Julien Mistral tinha vivido, que ele um dia se interessara, sentira. Ele cambaleou, vencido pela fadiga e o choque de deixar que um sentimento o tocasse. Mistral fugira do sentimento com uma concentração tão absoluta, nos últimos três anos, que qualquer emoção, mesmo uma boa, o deixava tonto com o receio de poder ser acompanhada de uma dor tão aniquiladora, que ele se mataria para fugir dela.

No canto do estúdio havia uma velha poltrona de mogno e couro. Feita muito tempo atrás para um cultivador de fumo da Martinica, ela se abria, de modo engenhoso, possibilitando que a pessoa se estendesse ao comprido. Mistral sentou-se nela e deu um grande suspiro de alívio. Dentro de minutos, estava dormindo.

Horas depois, Kate foi à piscina para o seu banho da tarde, e notou que o sol estava brilhando através do vidro do telhado do estúdio. Quanto ao resto, o estúdio estava inteiramente fechado, como estivera durante quatro

anos. Ou a lona caíra ou um vândalo ou ladrão tinha arrombado e entrado pela porta do lado da casa. Movendo—se sem fazer barulho, ela seguiu pelo lado da piscina e se aproximou do estúdio. Uma das grossas venezianas de madeira estava um pouco vergada, na dobradiça, e ela podia ver uma linha dentro do estúdio. Só viu uma parte da mão de um homem, imóvel, pendurada. Kate virou—se logo, voltou para a casa, sem fazer barulho e entrou na cozinha.

— Marte, diga à cozinheira para ir matar outra galinha para o jantar — ordenou ela. — Mande o jardineiro buscar mais alface, tomates e uvas. Você vá pessoalmente abrir o quarto de monsieur e ponha lençóis limpos na cama. Veja que não haja poeira nenhuma, toalhas no banheiro, um sabonete novo na pia e na banheira... para que está aí parada?

— A senhora não me disse que estava esperando visita, madame — respondeu Marte Pollison, com dignidade. Ela não gostava de preparativos de última hora, apressados.

— Monsieur voltou.

— Oh, madame!

— Não há motivo para surpresa — disse Kate. Ela se virou depressa, para Marte não ver o seu sorrisinho calmo, triunfante. — Eu o estava esperando.

Numa tarde do fim da primavera, quatro anos depois, em 1961, Maggy estava—se vestindo para jantar quando Fauve entrou de repente no quarto dela, sem bater. Ela se virou do espelho, mas as recriminações que pretendia fazer morreram em seus lábios, quando viu sua neta maravilhosa dançar no tapete claro.

Fauve estava com quase oito anos, as roupas, como sempre depois de um passeio ao parque, esfarrapadas, os joelhos esfolados, os sapatos cobertos de pó, a blusa rasgada por fora da saia de algodão, da qual um dos bolsos estava pendurado por um fio. Pelo menos naquele dia ela não estava com um dos olhos preto, pensou Maggy, nem o nariz estava sangrando. Fauve, conforme se queixavam todos os garotos da turra dela, "não brigava como menina". Não havia um só que ela não tivesse esmurrado, em uma ou outra ocasião, mas ainda assim eles não a deixavam em paz. Atraídos irresistivelmente por ela, eles manifestavam sua fascinação com perseguições e astúcias de garotos de oito anos. Se ela usasse trancinhas, eles teriam arranjado tinteiros para mergulhá—las.

Fauve tinha uma beleza perturbadora, imprudente, que brotava em parte de uma exultação tão forte que os adultos temiam as lágrimas que tal estado de espírito teria produzido numa criança normal. No entanto, Fauve só chorava, conforme ela explicou a Maggy um dia, se houvesse um final feliz num livro que ela lesse ou filme que visse, mas ela não sabia por que chorava e assim procurava esconder essas lágrimas.

O colorido dela ofuscava; a penugem cor de cenoura com que nascera se transformara num ruivo sem nome, porque continha vários tons de vermelho e saltava da cabeça numa desordem espessa, que hipnotizava a vista com sua energia elétrica; suas cores tão misturadas sob algumas luzes

formavam padrões mais rosados do que bronzeados, sob outras, mais acobreados do que dourados. As íris cinza claro de seus olhos eram cercadas por um círculo do cinza mais escuro. Quando ela estava séria, seu olhar era grave e equilibrado e se Maggy examinava os olhos dela, sentia como se estivesse olhando para uma névoa cerrada, que só se abria para revelar outra cortina de névoa, atrás da qual havia mais névoa ainda. Mas, naquele dia, os olhos de Fauve estavam tão ardentemente brilhantes, que Maggy pensou que ela parecia estar à beira de algo como histeria.

— O que é que você andou fazendo? — perguntou ela, aflita.

Indomável, mais ativa do que dez crianças, curiosa, rebelde e voluntariosa como era Fauve — todas características normais que, Maggy se dizia sempre, seriam de esperar numa criança bem dotada — nunca havia meios de se prever o que ela faria em seguida.

Fauve levantou uma das mãos atrás das costas, implicando.

— Tenho uma surpresa, a surpresa mais maravilhosa, a melhor surpresa do mundo, Magali, Magali!

A voz de Fauve estava rachada, com o esforço de não dizer logo o que era. Maggy se recusara a ser chamada por qualquer variação de avó, no entanto Maggy parecia íntimo demais, de modo que Fauve a chamava pelo verdadeiro nome de batismo, que ninguém usara, desde que a avó dela morrera. Maggy quis pegar a mão escondida, mas Fauve recuou.

— Não é um bicho? — perguntou Maggy. Era uma velha luta.

— Eu prometi, não foi.?

— Vegetal ou mineral?

— Também não é — declarou ela, arrebatando de informação. — Então, desisto.

— E o meu pai! — explodiu Fauve, mostrando uma folha de papel e colocando-a na mão de Maggy. Nela estava um desenho inconfundível de Fauve sentada num banco do parque, o queixo sobre a mão.

Enquanto Maggy olhava para aquilo, muda de choque, as palavras de Fauve foram jorrando tão depressa que ela mal podia acompanhá-las.

— Estávamos todos brincando no parque quando chegou um velho com uma barba e se apresentou à Sra. Bailey e à Sra. Summer... elas ficaram tão espantadas e empolgadas... e depois ele chegou perto de mim e disse que eu devia ser Fauve Lunel e eu disse que sim e ele perguntou... perguntou se eu sabia quem era o meu pai. Eu disse que era filha de Mistral, claro, todo mundo sabe disso. E então, Magali, ele disse que era meu pai, era Julien Mistral! Por um segundo não acreditei, porque no retrato que tenho ele está tão mais moço e não tem barba, mas aí eu soube, senti e dei um abraço bem grande nele, Magali, o maior abraço, mais forte que posso, e ele disse que eu era exatamente como ele achava que eu seria. Aí, pegou minhas mãos e beijou e ele parecia que não sabia mais o que dizer... foi aí que a Sra. Bailey e a Sra. Summer foram falar com ele, mas ele não queria falar com elas, então pediu para eu ficar quieta um minuto, enquanto ele desenhava o meu retrato. Ele fez tão depressa, mais depressa ainda do que eu, Magali, e você sabe como eu desenho depressa. Depois, ele escreveu uma carta para você e

me fez prometer que te entregava. Meu pai! Ah, Magali, estou tão feliz! Eu queria que ele viesse para casa comigo, mas ele disse que não podia, ainda não... ah, olha a carta dele.

Ela pegou um pedaço de papel dobrado do bolso que ainda restava na saia.

— Fauve, vá para o seu quarto agora, lave as mãos e o rosto e vista uma roupa limpa — disse Maggy, baixinho.

— Mas eu quero ver você ler a carta.

— Vá, querida, e volte daqui a dez minutos. Lembre—se, hoje é o Sabá e vou acender as velas daqui a pouco... você não pode estar desarrumada para isso.

Então aconteceu, pensou Maggy, sem abrir o papel. Houvera um único dia, nos últimos oito anos; em que ela estivera livre da expectativa daquele minuto? A princípio ela se dissera que era só uma questão de tempo, até que ele aparecesse, não importa o que tivesse prometido. Depois, quando Fauve foi crescendo, ela quase se convenceu de que talvez estivesse enganada; talvez aquele homem que não obedecia lei alguma, só as dele, resolvesse ignorar uma filha inconveniente. Mas agora ela não sentia surpresa alguma. Desdobrou o papel.

Querida Maggy,

Pensei que pudesse vê—la apenas uma vez e ir embora. Tive de vir a Nova York e, uma vez aqui, não pude resistir. Agora tenho de vê—la e falar com você. Eu lhe telefono amanhã para o seu escritório... ou para casa, se o escritório estiver fechado. Perdoe—me, mas sei que você há de compreender.

Julien

Perdoar a ele? Seria tão impossível perdoar a ele, disse Maggy para si mesma, quanto seria impossível não compreender. Como ele bem sabia.

Julien Mistral nunca compreendeu que não foi nenhum de seus argumentos razoáveis que convenceu Maggy a permitir que Fauve passasse o verão em La Tourrelle, nunca soube que podia ter—se poupado a entrevista com ela.

Durante os anos seguintes à morte de Teddy, ela fora assaltada, vezes e mais vezes, por um monólogo triste e inútil, que repetia a história em seu cérebro. A vida de Teddy não teria seguido um rumo diferente se ela tivesse tido um pai? Mistral era tão mais velho do que Teddy... não seria apenas a busca de um pai que a atraía a ele? E se Maggy conseguisse falar sobre Peny Kilkullen... isso não teria feito Teddy sentir que tivera um pai, embora nunca chegasse a conhecê—lo? Pior que tudo, se Teddy tivesse sabido de tudo sobre o relacionamento de Maggy com Mistral, sabido como ele tomara friamente tudo o que Maggy tinha a dar — sua virgindade, todo o seu coração, até mesmo o seu dinheiro — e depois a largara, sem um pensamento e o menor escrúpulo, por uma americana rica, isso não teria levado Teddy a odiá—lo desde o berço? Quantas oportunidades ela perdera

para modificar o rumo dos acontecimentos? Até que ponto ela era culpada?

Com o tempo, Maggy se obrigaria a esquecer essa ladainha atormentadora de erros e a se ocupar de maneiras práticas de garantir que, acontecesse o que acontecesse, num plano prático a vida de Fauve seria diferente da de Teddy. Fauve devia ter tradições, resolveu ela, e comprou um monorah para substituir o de metal amassado que ela deixara havia tanto tempo, em Paris. Desde o tempo em que Fauve podia — se lembrar de alguma coisa, havia uma imagem de Maggy acendendo as velas do Sabá — era o primeiro fogo que o bebê via e ela gritava por ele, fascinada com sua mágica. Cada um dos oito dias de Chanukah era comemorado com a sua dádiva, acendendo — se primeiro uma e depois uma vela adicional para cada noite das festas. Desde que atingira a idade para decorar, se não para ler, Fauve sempre fazia as quatro perguntas da Páscoa festiva (Seder), que Maggy agora celebrava todo ano, verificando que nunca houvesse crianças mais novas presentes, para reivindicarem esse privilégio.

Ela passava horas com Fauve, todo dia, e muito antes que a menina pudesse entender o que as palavras significavam, Maggy lhe disse que ela era sua muito querida neta natural, assim como os pais de filhos adotados usam a palavra "adotada" para criar uma aceitação desde os primeiros momentos da compreensão da criança. Quando Fauve teve idade de compreender, Maggy lhe contou a história de sua família, desde os fragmentos muito enfeitados que a avó Cécile lhe contara da história antiga dos judeus da Provença, até a tragédia de Teddy e Julien Mistral. Antes de Fauve completar quatro anos, já sabia a respeito de Maggy e Perry Kilkullen, conhecia a triste história do valente David Astruc, pai de Maggy, e da mãe de Maggy, que tinha morrido de parto.

Fauve tinha sido até bem iniciada nas advertências do Rabino Taradash. As vezes, Maggy se perguntava se estava certa, enchendo a cabeça da criança com tanta história de família judia — uma menina que só tinha uma avó judia, de quatro — m W ú que mais ela tinha para dar a menina? Não sabia nada sobre os Kilkullens, nada sobre os Mistral, mas quanto às mulheres Lunel, infelizmente, ela era especialista.

— Por que rugiu pai nunca vem me ver? — perguntava Fauve e era a (mica pergunta que Maggy nunca podia responder direito.

— Ele é casado., mora longe, muito longe, está trabalhando muito, é um homem que não viaja...

Que tipo de respostas eram essas? Ela chegara a pensar em escrever a Mistral, para lhe lembrar a existência da filha, mas nunca se dispusera a fazê-lo, pensando que Fauve era uma criança tão feliz que essa única tristeza teria de ser suportada. Mas agora que Julien afinal se dispusera a ver Fauve, Maggy trincou os dentes e deu seu consentimento para Fauve ir visitar a Provença, no verão. Só a idéia de Kate Mistral é que a deixava nervosa.

— Maggy, eu lhe asseguro que Kate quer o que eu quiser — dissera Julien, impaciente. — Ela me aceita como eu sou, sempre aceitou. Uma criança de oito anos não será ameaça para ela. Pense, Maggy, estou com 61 anos, ela quase 60, estamos casados há 34 anos... você não pensa que ela vá

ter ciúmes de uma menininha, vai?

— Acho que ela teria ciúmes de um canarinho, se você resolvesse ter um de estimação.

— Maggy, você nunca foi racional, com relação a Kate.

— Kate não é uma mulher com relação a quem me foi possível ser racional. Se ela concordasse num divórcio, para você poder se casar com Teddy...

— Podíamos ter saído naquele barco de qualquer maneira, Maggy. Quem pode olhar para trás e saber que combinação de circunstâncias dá a oportunidade ao destino?

— Nunca pensei ouvir você falar no destino.

— É a, única explicação que suporto.

— Você não acorda de noite se perguntando o que é que você fez para que as coisas dessem errado? Não se culpa?

— Sempre hei de me culpar. Eu convivo com a culpa, mas isso ajuda? Qualquer pequena modificação nos fatos podia ter mudado o que aconteceu. Se o barco pesqueiro tivesse passado um minuto depois, ou se eu não tivesse acenado para Teddy, ou se ela não tivesse largado a corda quando largou, se os americanos não tivessem ido para St. Tropez, se não estivéssemos sentados no Sennequier, se... não há fim para os ses. Só o que posso fazer é pintar, Maggy. Isso, pelo menos, é alguma coisa, mas culpar-me não é coisa alguma. Estou errado?

— Não.

Maggy calou—se. Era perigoso confiar Fauve a Julien Mistral, mesmo durante os curtos meses do verão. Confiar qualquer pessoa a ele era um perigo. Mas ela teria alguma escolha, de fato?

— Não — repetiu Maggy, em voz alta, mas não estava falando com Mistral. Era ainda mais perigoso não permitir que Fauve tivesse um pai.

Capítulo 22

Num dia de junho de 1969, na Gare de Lyon, Julien Mistral e Fauve, sua filha de 16 anos, tomaram o expresso de luxo que vai de Paris a Marselha. Todos os meses de junho, havia oito anos, Mistral viajava para Paris, vindo de Félice, para receber Fauve no aeroporto, passar uma noite em Paris com ela e depois seguir para a Provença, a fim de passar todo o verão. Em todos esses anos, Fauve nunca deixava de se empolgar com o nome do trem: Le Mistral.

Na primeira vez em que viajou nesse trem, ela supusera que o nome era em homenagem ao pai e ainda não sabia bem quando é que tivera de reconhecer, afinal, que o trem tinha o nome do vento dominante na Provença. O mistral, esse infernal vento frio e seco, só sopra quando o céu está de um azul bem vivo e o sol ardendo ou, dependendo da pessoa com quem você fala a respeito, que torna o céu branco e esconde o sol, esse vento

mais uma vez, dependendo da opinião individual — que sopra durante um período de três dias ou seis dias ou nove dias, sem parar; um vento que obriga todas as árvores da Provença a se inclinarem para o sul; que faz com que todas as casas sejam construídas sem janelas em sua parede norte, um vento como um dragão que se esconde, quieto, quando os campos quase se esqueceram dele e depois salta, berrando, dos Alpes ao Mediterrâneo, a 80 quilômetros por hora, penetrando nos aposentos mais fechados e dando aos moradores da Provença uma desculpa para qualquer mal, desde uma dor de cabeça a um assassinato.

Fauve adorava o mistral, para ela era um vento intensamente pessoal e ela era íntima dele. Ela o chamava por seus nomes provençais: Le Mistral ou Le Vent Terrau, e ficava alucinada e exultante quando ouvia o barulho impetuoso, roncando, que fazia nos galhos das árvores em volta de La Tourrelle. Para Fauve, era o espírito da terra.

Os vagões de primeira classe do Le Mistral são divididos em cabines com duas fileiras de três aposentos, um diante do outro. Fauve logo pegou dois lugares junto da janela, cobertos por um tom especialmente feio de verde musgo, enquanto o pai se ocupava com o garçom do vagão restaurante, comprando bilhetes cor—de—rosa que lhes reservariam lugares para o almoço.

— Lyon, Diou, Valence, Avignon — murmurou ela baixinho, pensando, como sempre, como ia ter a paciência de esperar as seis horas que levariam para chegar. O percurso entre Valence e Avignon era o mais decepcionante, pois ela via a paisagem mudar dramaticamente, à medida que se aproximavam. Ah, como seu coração saltava ao ver os primeiros ciprestes escuros, esgalhados, lhe dando as boas—vindas, a embriaguez que sentia ao ver os primeiros olivais, as primeiras carreiras compridas e baixas das videiras!

— Fauve, você não quer um apéritif antes do almoço?

Mistral interrompeu os pensamentos dela, de pé ali diante dela, quando o trem saiu da estação. Ela se levantou de um salto e o acompanhou pelas portas pesadas que se abriam por célula fotoelétrica, para o vagão restaurante, onde os garçons com seus paletós brancos já estavam arrancando as rolhas das garrafas de vinho e servindo uísque e Perrier aos passageiros de primeira classe. Esse aperitivo antes do almoço era outra tradição que começara com sua primeira viagem a Félice. Ela sempre tomava duas garrafinhas de suco de abacaxi e depois, diante de alguma insistência, mais outra, pois eram garrafinhas muito pequenas mesmo.

— Um xerez, por favor — disse Fauve.

— Ah, então você agora já bebe, é? — Mistral pôs a mão sobre a dela.

— Só em ocasiões especiais — disse ela, rindo para ele, encantada com a paixão do amor que sentia se transmitir da mão dele para a dela. Ele era, pensou ela, o homem menos domesticado do mundo e, no entanto, ela sabia que qualquer coisa referente a ela lhe importava mais do que tudo, em sua vida.

— Um xerez para a minha filha — disse ele — e me traga um partis.

Mistral examinou o rosto dela, procurando, como sempre, com um misto doloroso de esperança e medo, traços da beleza clássica e catastrófica de Teddy. Mas, a medida que Fauve ia crescendo, parecia—lhe que ela possuía uma beleza que não devia nada à da mãe, a não ser a altura e a cor dos cabelos. Era, refletiu ele, procurando a palavra certa para descrever direito aquela menina que ele tanto adorava, uma beleza inteligente. Havia sempre alguma coisa fascinantemente pensativa na expressão de Fauve, alguma coisa que lhe dava vontade de saber exatamente o que se estava passando pela cabeça dela, a cada minuto, alguma coisa que o impedia de se satisfazer bem com qualquer dos muitos retratos que fizera dela. Havia, em seus olhos cinzentos quase impossíveis de pintar — o que Leonardo teria feito com ela? — um mistério valente e absorvente, uma seriedade que pairava nos cantos de sua boca fascinante, até o momento em que se curvava num sorriso de feiteira.

Mistral nunca conseguira concentrar por muito tempo o olhar nos olhos ou na boca de Fauve; tinha de olhar para o rosto dela como um todo, porque, para ele, era como uma paisagem num dia variável da primavera. Nenhum estado de espírito durava muito tempo, cada momento tinha um novo encanto, uma nova percepção. Não, ele nunca conseguira captá-la direito na tela.

Fauve, tomando o seu xerez, percebeu que Mistral a estava observando com atenção. Era sempre a mesma coisa, durante a primeira semana de cada visita, enquanto ele estudava as modificações que um ano fizera nela. Ela se sujeitava ao exame dele com a resignação contente que adquirira, tendo crescido sob o olhar vigilante de Maggy. Alguma outra adolescente do mundo tinha de ser examinada todo dia pela mulher mais entendida no assunto do rosto feminino e depois, nas férias de verão, ser o objeto de uma atenção detalhada de um pai que via tudo?

— Rímel — comentou Mistral, num tom neutro. — Pensei que vote nem ia notar.

— Imagino que isso combine com o xerez, não?

— Isso mesmo. Magali disse que é perfeitamente próprio, aos 16 anos, se eu o aplicar direito. Ela mesma me ensinou a pôr. Gosta?

— Não muito, mas já que, quanto ao resto, vote tem um aspecto bastante agradável, para que hei de reclamar, especialmente se sei que não vai adiantar nada? Sobrevivi a quatro anos de minissaias, que parecem estar cada ano mais curtas, passei pela era de botinhas de plástico branco, mal pisquei quando vote mandou fazer um corte de cabelos geométrico... Sassoon, não foi?... ou a metade, pelo menos. Portanto para que hei de me preocupar com um pouco de preto em suas pestanas, que sem dúvida há de sair antes de acabar o dia?

— Que papai tão filosófico e paciente e querido que eu tenho.

— Você sempre zombou de mim, mesmo quando era pequenina. Você é a única pessoa que zomba de mim, sabia disso?

— A única que viveu para contar a história?

— A única que sequer tentou.

— E a minha mãe? Ela com certeza viu como vote é engraçado?

— Não, não... ou talvez, sim, mas nunca zombou de mim... não era como vote. Fauve. Ninguém tem o seu topete.

— Choupa, papai, é isso que Magali diz que é. E não é um elogio. Significa audácia, em hebraico.

— E o que há de errado com a audácia? A gente não consegue nada no mundo sem ela.

— Bom, significa também uma imprudência descarada e desfaçatez... acho que Magali gostaria que a minha audácia fosse um pouco mais bem-educada. Mas estou melhorando. Este ano não me meti em nenhuma briga de murros, fui a uma porção de festas horríveis com vestidos bonitos e conversei bobagens com garotos horrorosos e aborrecidos...

— Ninguém que lhe interessasse, nem um só?

— Eu teria dito nas minhas cartas, vote sabe disso. Não, papai, você tem uma filha que acha o sexo masculino muito menos interessante do que a levaram. a crer que seria.

— Mas você só tem 16 anos! Por que haveria de achá—los interessantes, na sua idade? Há muito tempo para isso, quando vote crescer.

— Dezesseis anos supostamente já é ser crescida — disse Fauve, séria, mas Mistral apenas sacudiu a cabeça para ela. Dezesseis anos era ser criança, era ser um bebê. Ele estava com 69 e 161he parecia tão jovem que ele nem se lembrava de como era; e certamente não queria se lembrar de que a avó de Fauve só tinha mais um ano do que ela quando ele viu pela primeira vez o seu corpo nu.

Ele pensava em Maggy o mais raramente possível. Queria que Fauve lhe pertencesse exclusivamente, que fosse só dele, filha de Mistral e mais nada; no entanto, havia Maggy, tão amada por Fauve, a quem ele agora se achava ligado para sempre, ligado pelo sangue. Os netos dele seriam bisnetos de Maggy, e quem, entre eles, faria alguma distinção de gerações, naquele futuro inimaginável? Ele se ressentia quando Fauve às vezes usava uma palavra hebraica ou iídiche, ressentia que ela observasse as festas judaicas, sobre as quais ela lhe escrevia, ressentia o modo como Maggy lhe ensinara a história judia da família... O que Fauve tinha a ver com tudo isso? Ela não era judia!

No entanto, ele não ousava criticar Maggy, pois era o meio certo de fazer com que Fauve se virasse contra ele, furiosa. No ano anterior, ela descobrira um poema em provençal, pelo poeta Frédéric Mistral — uma canção, aliás — feita para ser cantada ao som de uma melodia napolitana, e ele nunca disse como era enlouquecedor, quando ela cantava:

Mai, o Magali
Douto Magali,
Gaio Magali,
Es tu que m'as fa trefouli.

— Espere só até que ela ouça isso: "Mas oh, Magali, doce Magali, viva

Magali, é você que me fez tremer de prazer"... que tal isso, não é sexy, papai?

— Deve agradar a ela — dissera ele, com cuidado.

— Não me cubra de elogios., ah, está bem, então não sou amurada, mas pelo menos estou aprendendo o provençal.

— E que utilidade tem?

— Na Provença, pelo menos, é mais útil do que qualquer outro idioma.

Estou pretendendo usá-la para convencer Monsieur Hugonne e Monsieur Piano para me deixarem organizar um time de boules de meninas...

O quê!

— É o que todos dizem, como se eu tivesse pedido para chegar até ao bar e tornar um gole da garrafa de Pernod! Félice não é exatamente um trampolim para os esportes de equipe femininos, mas não vou desistir. O maior problema são as meninas.... ainda ficam tão chocadas quando eu sequer falo nisso. O que há de tão sagrado numa bola de metal, afinal de contas?

— Fauve, não procure modificar costumes que já têm centenas de anos. As garotas jogam futebol, nos Estados Unidos?

— Velho, as garotas fazem tudo nos Estados Unidos.

— Não me chame de "velho" — foi a única resposta que ele pôde dar à sua sugestão escandalosa, refletiu ele, debruçando-se sobre o cardápio prix fixe que o garçom acabara de colocar diante deles.

O vagão restaurante de primeira classe de Mistral tem uma cozinha numa das extremidades, em que dois chefs preparam uma comida surpreendentemente boa, ao nível de bistro superior. Fauve e Mistral pediram lotte, esse peixe que só se encontra na França, e o ensopado de coelho com batatinhas e salada, seguido de queijos sortidos e bombe glacê, sobremesa de sorvete que Fauve passava o ano esperando, ansiosa.

— O que você está pintando agora? — perguntou Fauve.

Com o passar dos anos, Mistral estava pintando cada vez mais devagar, tornando-se mais crítico, terminando menos telas e destruindo uma percentagem maior das que completava.

— Não interessa o que eu faço... em que você está trabalhando? Ainda está naquele curso natural?

— Claro. Ah, papai, há tanta coisa a aprender. Nunca chega o dia em que a gente acha que já aprendeu tudo de uma coisa, só uma coisa, de uma vez.

— Nunca chegou para mim... não "de uma vez", portanto, por que há de chegar para você? Cada tela deve levar a um novo problema, você deve acordar todo dia pensando o que vai descobrir, o que vai se ensinar, que coisas novas você não sabia hoje e que saberá esta noite... mas quantas vezes eu já lhe disse isso, minha Fauve? Você algum dia vai começar a acreditar em mim?

— Eu fico pensando que devia ser melhor — resmungou Fauve.

A pintura era o único setor em que ela ficava cada vez mais perplexa, sem poder fazer progresso devido a uma insegurança e frustração

crescentes.

Quando era pequenina — e agora, olhando para trás, parecia um paraíso de inocente — Fauve tinha tanta audácia, não conhecia limites para o que tentava desenhar ou pintar, mas a cada ano a responsabilidade de ser-filha de Mistral se tomava mais pesada. Ela às vezes desejava não ter talento artístico nenhum — isso tomaria a vida tão mais simples, não querer trabalhar no mesmo ramo que o pai.

Liquidando o seu peixe, Fauve se lembrou daquele primeiro verão em La Tourrelle, quando, depois de pensar por um ou dois dias, Mistral permitira que ela entrasse o estúdio dele, sob a condição de que ela ficasse inteiramente quieta, enquanto ele trabalhava. Ele lhe dera uns pedaços de carvão, papel e depois, pensando melhor, algumas bisnagas de tinta já quase vazias, alguns pincéis gastos e tela, instalando—a num canto.

A princípio ela só sou olhando para ele, mas ele andava pelo estúdio por tanto tempo, entre cáfila ataque relâmpago do pincel, que ela logo perdeu o interesse por seus movimentos estranhos e se voltou para o material que ele lhe dera.

Em casa, em Nova York, ela só tinha lápis, creions grudentos e pastéis, que logo se quebravam, e estojos de aquarela, com que ela tentara, durante anos, copiar ilustrações de alguns de seus livros de histórias favoritos, mas ninguém jamais pensara em deixá-la junto de tintas a óleo.

O cheiro das bisnagas foi para ela imediatamente embriagador, ela se lembrava claramente do instante em que tinha esfregado a tinta nos dedos e cheirado, extasiada. Depois, imitando o que vira Mistral fazer antes de começar a trabalhar, ela espremeu uma bolota de tinta de cada bisnaga e as dispôs num semicírculo na tabuinha que ele lhe entregou. E depois, pensou ela, enfrentando a primeira tela em branco de sua vida? Ela queria perguntar ao pai, mas não ousava interromper o trabalho dele. Não havia livros por ali, para ela procurar ilustrações para copiar, nem flores numa jarra, nem frutas numa fruteira. Os quadros imensos nas paredes em torno dela eram muito confusos, complexos demais para ela sequer sonhar em copiá-los, de modo que Fauve acabou mergulhando o pincel na tinta mais escura, um azul profundo, e começou a esboçar o objeto mais central no estúdio, o cavalete do pal.

Ela franziu as sobrancelhas vermelhas, unindo—as numa linha reta, enquanto se concentrava naquilo, com liberdade e audácia, sem se perturbar com o problema de perspectiva, já que não sabia o que era perspectiva, e só via o que estava mesmo diante dos olhos. Ela trabalhou firme e tão quieta que se passou uma hora, até que Mistral se lembrou dela. Ela estava tão absorta que nem notou quando ele se chegou por trás dela e olhou o que ela estava fazendo. Os pêlos dos braços dele e de sua nuca se eriçaram, num choque de reconhecimento. Ela vê do modo que um pintor vê, pensou ele, sem precisar de se explicar o que queria dizer com aquilo. Ele não fez comentários naquele dia, mas no dia seguinte deu a ela um raminho de capim num vaso para ela trabalhar; e no dia seguinte a esse uma maçã.

— Regarde! Regarde, Fauve... use os seus olhos, pequenina, você tem de

aprender a ver... veja essa maçã... parece redonda, não é? Mas se você olhar... se olhar de verdade... verá que a parte de cima é mais alta no lado esquerdo... não é nada redonda, é? E por que é que não rola como uma bola, essa maçã? Porque é quase chata embaixo... você vê isso com os seus olhos, minha pequenina? E essa marquinha na casca da maçã... pode me dizer onde começa e onde acaba? De que cor é a marca, Fauve? É quase branca? Regarde! Você vê como o vermelho da maçã é tingido de amarelo? E vê onde o amarelo fica mais forte, bem no lado? Agora, diga—me, você vê onde, em sua tabuinha, colocou essas cores, esse vermelho, esse amarelo? Está tudo aí, Fauve, se você usar os seus olhos.

Então, como ele estava ardendo por fazer desde o primeiro dia, num momento que os dois nunca esqueceriam, ele afinal estendera a mão imensa e a pusera bem sobre a mão de Fauve, dirigindo—a com seus dedos poderosos de modo que o pincel dela se movia sob sua direção, sua força passando para os dedos dela. Ela descontraiu a mãozinha, mas continuou a segurar o pincel com firmeza, deixando que seu pulso, seus ossos e tendões se inclinassem aos dele, como um bom dançarino acompanha um par forte, nem cedendo demais nem rígido demais, e enquanto ela via seu pincel fazer traços e mais traços, ia bebendo o conhecimento com seus músculos, bem como sua mente.

É assim que se deve sentir, a mão dele informava a mão dela, é assim que é. Por mais original que um pintor se deva tomar, Mistral acreditava que na arte, bem como na linguagem, há uma gramática básica que tem de ser aprendida antes que seja possível a verdadeira linguagem. E foi nessa gramática que ele treinou Fauve.

Aquele verão em que Fauve tinha oito anos, o verão em que começaram suas lições de pintura, foi também o ano em que Mistral recomeçou a freqüentar o café de Félice. Depois de uma ausência de 20 anos, ele começou a levar Fauve lá com ele, antes do jantar, todo dia, só para poder pedir uma bebida "para a minha filha, Fauve". Pouco a pouco, os homens da cidade, que quase nunca o viam desde que a guerra interrompera todas as suas vidas, começaram a se agrupar em volta deles, admirando a menina, enquanto ele lhes oferecia rodadas e mais rodadas com uma jovialidade que não conseguia conter, uma simpatia que eles começaram a aceitar, a princípio devagar e desconfiados, mas conquistados pela criança animada, curiosa e simpática.

Mistral nunca levava sua filha Nadine a Félice. Mesmo se ele quisesse, Kate o teria desencorajado. Quando ele voltou de suas peregrinações, em 1957, descobriu, sem qualquer pesar, que desde os oito anos Nadine fora mandada para um colégio interno na Inglaterra.

A despeito dos quatro primeiros anos que Nadine estudara na escola da aldeia, Kate sempre achara fora de cogitações que a olha fosse criada por muito tempo no interior, pois ela deveria ser cidadã do grande mundo em que Kate morara antes de conhecer Mistral.

Nadine era muito pequena quando aprendeu a considerar Félice como uma esquisite sem importância e antiquada, na sua própria vida

importante.

Existia como um cenário, pintado num estilo caprichoso e ingênuo, um Breugel vivo, que punha em realce, de modo valioso, as qualidades de Mademoiselle Nadine Mistral. Kate permitia que a filha considerasse a própria La Tourrelle como uma escolha de residência encantadora e pouco convencional, ditada pelo capricho de um pai famoso, e que portanto podia ser excêntrico.

Nadine, ao crescer, descobriu por si que La Tourrelle era muito útil na sua ordem das coisas pois era famosa em todo o mundo, e quando ela falava da casa às amigas, o nome era acolhido com a mesma reverência como se fosse um castelo. A mas tornou—se um lugar de exibição que ela de vez em quando mostrava a amigas prediletas, antes de ir com elas passar os verões nos lugares mais civilizados e desejáveis freqüentados por elas.

Nadine, a linda Nadine, com seus olhos frios, de um azul água, os cabelos louros e lisos, compridos até aos ombros e aquele eterno sorrisinho que não era um sorriso, e sim a forma do lábio superior de sua delicada boca rosada, não era nada querida em Félice.

Da primeira vez que Mistral levou Fauve ao café, no verão de 1961, ninguém se preocupou muito com as possíveis reações de Mademoiselle Nadine diante da chegada de uma meia irmã que tinha aparecido do nada, ou melhor, do magnífico escândalo que eles conheciam tão bem, pois não aparecera em todos os jornais e revistas e não era o tipo de história que a pessoa não esquece?

Tampouco as emoções de Kate mereceram simpatia, na torrente de mexericos que inundou Félice por ocasião da chegada de Fauve, mais um capítulo nas conjecturas interminavelmente discutidas, deliciosamente suculentas sobre a vida doméstica de Mistral, que ocupavam os aldeões por muitas horas agradáveis, no correr dos anos. Kate Mistral fazia todas as suas compras em Apt ou Avignon, desprezando as lojas da aldeia, um traço detestável e imperdoável em uma pessoa que morava nas vizinhanças, e que lhe granjeou um grau de inimizade sempre crescente. Kate mal se dignava a parar no posto de gasolina da aldeia para abastecer o carro. Mas o que se podia esperar de uma mulher que se achava melhor do que os outros?

Nenhuma das outras famílias ricas que tinham comprado casas no Lubéron era alvo das conjecturas do povo local, como acontecia com a de Mistral. As residências dos outros eram usadas para as férias de verão, eram apenas visitantes, evidentemente não pertenciam ao local. Mas a situação de Mistral era ambígua, desde o dia em que se estabeleceu em Félice, em 1927. Ele se tomara quase, mas não de todo, parte da aldeia nos anos em que foi o principal esteio do time de boules, aqueles anos antes da guerra em que Kate se contentara em viver numa relativa tranqüilidade, recebendo demais, era verdade, mas, afinal de contas, ela era americana.

Depois da guerra, o próprio ambiente da aldeia mudou; oito homens de Félice tinham sido mortos e uma dúzia pássara anos na Alemanha, em trabalhos forçados, enquanto que muitos dos mais jovens tinham lutado na

Resistência.

No café, onde antes as discussões mais animadas eram méritos relativos dos campos de boules de outras aldeias, agora se discutiam política a sério e a conversa às vezes tomava um tom feio; os adeptos de De Gaulle se recusavam a beber com os homens que votavam nos comunistas. Mistral, com seu horror à política, evitava o café e sua ausência era interpretada como um sentimento de superioridade, opinião bem comprovada quando Kate mandou construir a piscina. Nenhum de seus atos isolados poderia aliená-la mais completamente dos vizinhos, cuja renda dependia, basicamente, da quantidade de chuva anual.

A distância que tanto Mistral quanto Kate tinham colocado entre eles e a vida da aldeia, depois da guerra, nada fez para parar o falatório sobre eles; bem ao contrário, pois não continuavam ali, como que desafiando os vizinhos?

Tampouco ajudou o fato de Marte Pollison não poder resistir de dar certos detalhes sobre a vida em La Tourrelle aos primos que eram donos da loja de ferragens de Félice. Em breve, todas as donas de casa da cidade sabiam exatamente quanto Madame Mistral gastava com champanha nas festas que dava, quantos quilos de patê de fole firas e salmão defumado eram entregues pela melhor mercearia de Avignon antes de uma grande recepção, quantos empregados extras Marte supervisionava durante a movimentada temporada de verão.

Nada poderia surpreende—los, diziam eles uns aos outros, sobre aquela mulher que tinha mandado instalar cinco banheiros com água quente e banheiras em La Tourrelle, quando fora morar lá, numa época em que muitos dos fazendeiros mais ricos do vale ainda nem tinham instalado água encanada em suas casas. Que loucura! Os Mistral não sabiam que o delegado fiscal não podia deixar de reparar neles?

Não fazia diferença alguma se o povo de Félice soubesse que, em 1960, em Parke—Bernes, em Nova York, um Mistral primitivo tinha sido vendido por meio milhão de dólares. Eles já tinham bastante dificuldade em acreditar nos detalhes da decoração do quarto que foi preparado pára Fauve, nas seis semanas que se passaram desde o momento em que Maggy concordou em deixar que ela fosse passar o verão lá, em 1961, e o dia em que ela chegou.

Um pedreiro, empregado no projeto de restaurar o quarto superior da torre circular, no pigeonnier, pode silenciá—los com o seu relato da decoração.

— Mas sim, eu garanto, as paredes são cobertas de fazenda, do teto ao chão, em dobras fundas como uma cortina, mas indo de uma janela a outra, centenas e centenas de metros, num estampado de flores brancas e lilás. A caseira me disse que vinha da fábrica de Monsieur Demary, em Tarascon.

— Ele parou, para ver se todos estavam prestando atenção. — E a cama — continuou, satisfeito com a platéia — tem um dossel da mesma fazenda e uma cabeceira entalhada como uma das velhas arcas do Hotel de Ville, digna de uma princesa. Azulejos no chão, claro, mas também um tapete

branco que Marte Pollison disse ter vindo da Espanha, e uma gaiola branca com periquitos dentro. Sim, eu os vi. Sabe aquele banheiro que Mistral mandou o bombeiro instalar tão depressa? Pois bem, as paredes do banheiro também são recobertas de tecido!

Foi esse detalhe final que fez com que a maioria das donas de casa de Félice deixassem de acreditar na história dele, pois nem mesmo Madame Mistral podia ser tola a ponto de fazer uma coisa dessas.

Tinham toda a razão. Não fora Kate e sim o próprio Mistral, quem apoquentara os trabalhadores, febrilmente; ele resolvera reformar o pombal, pois sabia que um quarto de torre romântica havia de encantar uma menina; ele é que pensou em usar o tecido com o padrão tradicional, para garantir que o mistral frio do verão, que soprava às vezes, não entrasse assobiando pelas velhas pedras, embora tivessem sido novamente cobertas de estuque; ele que realizara o impossível, conseguindo que os artesãos provençais terminassem o trabalho no prazo estipulado, com uma eficiência inaudita em todo o Midi.

Quando Fauve chegou a La Tourrello, naquele primeiro verão, ela se apaixonou pelo quarto desde o momento em que entrou nele. No entanto, quando começou o verão, passou muitas horas tristes lá, pensando nos motivos do ódio que ela sentia emanar de Nadine e de Kate.

Seria, pensou ela, porque o pai estava—lhe ensinando a pintar que Nadine a tratava com uma inimizade tão distante, tão repleta de rejeição, que ela nem podia apreender nem lutar contra ela? Será que a meia irmã a teria odiado, em qualquer circunstâncias?

Seria o fato dela ser bastarda que levava Kate a ter por ela uma animosidade que não era sentida por ninguém, salvo Fauve? Pois Kate era esperta demais para não saber que qualquer coisa desagradável que pudesse dizer ou fazer à menina lhe custaria muito mais dissabores de parte do marido do que valeria a pena. Kate tinha o cuidado de parecer generosa e sem rancor, porém o seu ódio existia mesmo no modo de insistir com Fauve para tomar mais geléia de abricó feita em casa, no gesto que ela fazia para encher o copo de Fauve com leite, no sorriso que acompanhava a sugestão de que Fauve poderia gostar de ter uma bicicleta, para poder ir à aldeia.

Por fim, o orgulho de Fauve se afirmou. Já que Kate e Nadine a detestavam, ela ia ignorá-las e tratar de sua vida. Ia procurar as crianças de sua idade em Félice e travar amizade com elas.

Ela nunca desconfiou de como a comunidade unida de meninas de oito anos a tinham encarado com suspeitas, aquela menina americana alta, com roupas esquisitas, os cabelos ruivos esvoaçando, que vinha de bicicleta do "château", como chamavam La Tourrello, uma menina sobre cujo quarto enfeitado tinham ouvido tanta coisa. Fauve lhes falava num francês do norte, da cidade, mas cometia muitos erros de gramática; e não entendia que tinha de apertar as mãos de todos, nem que não devia jogar no fliperama com os meninos, essa garota de nome tão pouco civilizado, que não tinha nem um dia de sua santa para comemorar.

Elas tinham inveja do modo como o pai de Fauve passeava com ela pelo

café, como se ela fosse um bebê que mal soubesse dar os primeiros passos, em vez de uma menina desengonçada, da idade delas; tinham inveja da sua bicicleta nova e reluzente e de suas roupas bonitas. Quem era ela, para aparecer junto de seu grupinho e querer penetrar nele?

No entanto, nenhuma delas conseguiu resistir muito tempo a Fauve, nenhuma conseguiu resistir à sua intenção borbulhante, franca e ardente de gostar delas. Ela se ofereceu para ajudá-las a cortar capim para os coelhos que criavam para o mercado e se ofereceu para tomar conta dos irmãozinhos pequenos, enquanto elas brincavam de pegar. Fauve lhes ensinou a jogar beisebol e convidou—as todas à sua casa para muitos suntuosos gouters, a merenda da tarde, de pão, brioche, chocolate e três tipos de geléia, que constitui a refeição preferida das crianças francesas. Depois, ela as levou ao quarto, onde se esparramaram todas na sua espantosa cama de dossel, enquanto ela lhes contava sobre o seu colégio em Nova York, onde, evidentemente, ninguém estudava nada, comparado com o que se esperava delas na escola da aldeia. Então, no inverno, ela escrevia cartas a cada uma delas, de modo que quando voltava no verão, era como se uma velha amiga estivesse de regresso.

Havia duas meninas em especial que se tinham tornado as duas melhores amigas de Fauve: Sophie Borel, morena, bonitinha, que Fauve apelidara de "Pomme" (maçã) por causa de suas faces rosadas como maçã, e Louise Gordin, apelidada "Épinette", ou "espinho", por causa de seu gênio forte, que formava um contraste tão marcante com seu rostinho de anjo. Pomme, humorista e encrenqueira nata, era uma grande fonte de informações, pois o pai dela era o carteiro local. Épinette, a tempestuosa, foi uma das primeiras defensoras de Fauve. Quase desde o início, ela defendia Fauve diante de outras meninas que ainda não tinham sido conquistadas pela presença da estrangeira em sua comunidade isolada e chauvinista.

Ela mal podia esperar para rever Pomme e Épinette, pensou Fauve, enquanto o almoço continuava e os garçons, ágeis como acrobatas, equilibravam as travessas do bem temperado ensopado de coelho, servindo a todos no carro restaurante com movimentos rápidos e graciosos, enquanto o trem, viajando a alta velocidade, oscilava sempre de um lado para outro no sinuoso leito da estrada.

Nem Pomme nem Épinette eram boas correspondentes e, enquanto Fauve estava afastada de Félice, sempre se preocupava pensando que poderia acontecer alguma coisa para modificar a aldeia que ela tanto amava. E se alguém construísse um supermercado, ou um Monoprix, ou um cinema?

Félice lhe parecia muito bonita assim como era. Era tão pitoresca como qualquer cidade nesse planeta poderia ser, pensou Fauve, mas pitoresca

não era a palavra certa para uma coisa tão modestamente, tão inteiramente natural, um local de moradia humana que não assumia qualquer fantasia para atrair o visitante, um mundo privado em que o modo de vida não mudara, basicamente, durante centenas de anos.

Muitas vezes Fauve refletia sobre a diferença de atitude quanto ao seu

nascimento ilegítimo, segundo Nova York e Félice. Em Manhattan, quando ela foi crescendo e aparecendo mais, muitas vezes sentia uma onda camuflada de atenção desagradável e maldosa, quando saía em público com Maggy e Darcy ou com Melvin Allenberg, que se tornara seu guia no mundo da arte. Havia um tipo de olhar alerta, francamente curioso, que se desviava depressa de seu rosto; um tom inconfundível nas vozes abaixadas discretamente numa mesa próxima, num restaurante, uma expressão impessoal e vazia, nada natural, que conseguia raspar por toda a sua superfície e absorver todos os detalhes de seu aspecto; todos sinais de reconhecimento que lhe diziam inconfundivelmente que alguém tinha acabado de cochichar para outra pessoa:

— Olhe, lá está aquela garota, a filha natural de Mistral.

Nesses momentos, sem saber que o fazia, Fauve se endireitava em toda a sua altura de 1,78m, punha os ombros esguios para trás e abria bem os olhos, sem piscar, olhando para as pessoas que a haviam notado com um olhar o de um orgulho tão severo e franco que não ficaria mal no rosto do pai, um olhar capaz de fazer as pessoas se calarem, assustadas.

— ilegítima — dissera Fauve um dia a Maggy. — Por que as pessoas não preferem ser originais? Procurei no Lhesaurus do Webster e eu podia ser chamada de tantas outras coisas... natural, filius nullius, filha da puta e filha espúria... prefiro filha espúria, você não?

— Realmente... , uma pena que mais pessoas não tenham um vocabulário mais vasto — respondera Maggy, secamente.

Mas em Félice, quando havia conseqüências de sexo antes do casamento, a opinião geral era que a única culpa cabia aos pais, por não terem tido o devido cuidado. Nenhum dedo era apontado para uma criança que crescia na ilegitimidade. Em Félice, Fauve sentia que era plenamente filha de Mistral, de um modo perfeitamente terreno e natural, aceita como o produto inocente de uma paixão culposa, mas aceita.

Ela olhou para fora, pela janela do trem, com impaciência. Ainda não tinham chegado a Lyon e o almoço estava quase acabando.

— Há alguma notícia da aldeia? — perguntou ao pai. — Nada de novo, desde a aia última carta?

— Novidades? Nada, a não ser que você conte essa ralé maldita, sem gosto, essa turma inominavelmente imunda de decoradores de Paris que estão comprando as casas velhas em todo o vale., pintando—as de verde, amarelo limão e até de roxo, por Deus, contra toda a tradição, reformando— as no interior e vendendo—as aos estrangeiros e parisienses imundos e decadentes por dez vezes o seu valor., é uma praga! — resmungou Mistral.

— Em Félice? — perguntou Fauve, alarmada.

— Não mais do que antes, só alguns de fora nos descobriram, mas em fiordes e Roussillon está cada vez pior. As aldeias já perderam toda a aia atmosfera, estão do jeito que deve ser a aia Disneylândia, nojentamente pitoresca, com as casas antigas enfeitadas como prostitutas num casamento, e enxames de centenas de fotógrafos, só Deus sabe que tipo de bárbaros, que chegam de ônibus de excursão, tomam Coca Cola nos cafés, compram

cartões postais às dúzias, nem fazem caso da aldeia em si, voltam aos ônibus e seguem para o próximo local., u n dia para ver todo o Lubéron!

Ele está mais parecido com um conquistador valente e heróico do que nunca, pensou Fauve, enquanto Mistral esbravejava. A medida que ela ia ficando mais velha, ele lhe parecia mais jovem, talvez porque ela tivesse aprendido a olhar de verdade para ele, talvez porque ele tivesse raspado a barba que a impedira de reconhecê-lo no primeiro dia. O nariz grande estava mais saliente do que nunca e a boca mais apertada, a tifo ser que ele estivesse olhando para ela, mas a colocação ousada e aventureira da bela cabeça não mudara; ele parecia, como sempre, mais forte, mais reto, tão maior do que qualquer homem que ela jamais vira. Ele é um prodígio, pensou ela, usando sua palavra nova favorita. Tenho um pai que é um prodígio.

Capítulo 23

— Pervertida! — berrou Pomme. — Depravada... debochada... você esta doente, Fauve Lunel, é o que está!

— Roceira... medieval... — Fauve exclamou, no meio de lágrimas de riso, enquanto Pomme a sacudia com toda a força. — Você está vivendo em outro século, coitada.

Quando ela colocara um disco de Three Dog Night cantando Easy to be Hard, sabia que as amigas não estavam nada preparadas para isso. Antes ela as conquistara para Johnny Cash e Engelbert Humperdink, se bem que elas ainda preferissem os Bee Gees. Mas Fauve não resistira à idéia de implicar com elas. Elas gostavam disso tanto quanto ela.

As adolescentes da Provença eram alucinadas pela dança, a despeito do fato de seu gosto musical estar atrasado, com relação a Nova York. Cada aldeia tinha duas festas de dança públicas todo ano, de modo que no Lubéron quase não havia noite de sábado em que não se pudesse ir a uma festa numa região acessível de carro ou de ônibus.

Aos 14 e 15 anos, Fauve tinha licença de ir às festas com um grupo de garotas acompanhadas por um dos pais, mas agora, aos 16 anos, todas tinham atingido a idade em que lhes era permitido — aliás, era de se esperar — ir a uma festa com um par.

Depois que Pomme e Épinette, com relutância, foram embora para jantar em casa, Fauve guardou os discos, pensativa. Ela não deixara de perceber que houvera uma modificação básica em suas amigas, desde o verão anterior.

Naquele dia, elas quase tifo falaram de outra coisa a não ser a festa que ia haver em Uzès no sábado, à qual cada uma fora convidada por um garoto da região. Elas garantiram a Fauve que ela estava convidada para ir à festa com os quatro, num carro do pai de um dos rapazes, mas, chegando lá, Fauve se perguntou: o quê?

No ano anterior, tinha sido perfeitamente possível ficar no canto das "garotas", com um bando de amigas, às risadas, e, se nenhum rapaz se apresentasse, dançarem umas com as outras. A maior parte das moças de Félice iam com seus pares, segundo a informação de Pomme, que era tão oficial quanto qualquer comunicado gravado.

Mal—humorada, Fauve pensou nas festas provençais. Na Salle des Fêtes as garotas e os rapazes migravam para seus setores separados, assim que chegavam, olhando—se de esguelha o mais secretamente possível, mas não se comunicando, mesmo que tivessem ido juntos. Os primeiros a dançar eram sempre os pares que não se importavam com a opinião dos outros: o animado açougueiro com sua filha de cinco anos; uma garota de nove anos que tinha agarrado o irmão de seis, num aperto de que ele não conseguia se livrar; dois primos que tinham feito uma aliança divertida; talvez um ou dois pares recém casados, exibindo—se para os vizinhos.

Aos poucos, cada garoto ia procurar seu par, se tivesse, mas sem qualquer expressão de graça ou prazer. Por que todos tinham tanta loucura pela dança, ela se perguntou, resmungando, se pareciam tão tristes quando dançavam? Na Provença as pessoas dançavam como marionetes, cujas pernas se mo. viam independentes de seus torsos rígidos. A expressão adotada durante a dança era a de um desespero fixo. A conversa, ou mesmo um sorriso entre os pares, estava fora de cogitação. Quando a dança acabava, o par se separava, tão bruscamente quanto se tivessem estado abraçados numa luta de pugilismo, e voltavam para seus cantos respectivos, onde, afinal, podiam comunicar—se com os membros de seu sexo. E chamavam aquilo de dança!

Por que tinha de se sujeitar a isso? Ela podia ficar em casa, nas noites de sábado, sem provocar comentários de ninguém. Kate estava esperando uns amigos ingleses para o fim de semana e ninguém em La Tournalle sabia da festa de Uzès, nem se perguntaria por que ela não estava lá. No entanto, Fauve se lembrou, ela resolvera participar da vida da aldeia de Félice e se faltasse a uma festa isso seria interpretado, com razão, que estivesse se afastando de suas amigas. A falta de um par não era desculpa. Todas as garotas de todas as aldeias num raio de 100 quilômetros, que conseguissem condução, estariam presentes, pois essa rede de festas fornecia o único meio pelo qual elas acabariam arranjando um companheiro.

Ah, se fosse o verão passado, pensou Fauve, com uma onda de nostalgia, se ao menos todo. esse negócio de pares ainda não tivesse começado! Pomme e Épinette, que antes não pensavam em nada senão escapulir das mães e se meter em encrencas com ela, agora estavam empolgadas demais com seus pares para a noite de sábado.

Dentro de dois anos, elas provavelmente ficariam noivas ou estariam casadas e então, antes que Fauve percebesse, já seriam jovens mães, exibindo—lhe orgulhosamente os seus bebês, sua liberdade inteiramente sacrificada, uma liberdade que seria quase esquecida e provavelmente nem mesmo lamentada, a não ser por algum instante de recordação.

Da maneira mais básica, Pomme e Épinette já se tinham ido para sempre,

pensou ela, estremecendo, com um pressentimento. Suas amizades de verão, que no ano anterior pareciam eternas, agora se revelavam efêmeras — tinham sido substituídas, na passagem de um único inverno, pela sombra do fim da adolescência, tão inconfundível quanto mal recebida. Por que tinha de acabar?

Fauve jogou — se na cama com um impulso de uma pureza apaixonada. Quem precisava de garotos? Por que é que Pomme e Épinette tinham de se importar com eles? Não podiam ter esperado mais um ano? Mas ela sabia que já era tarde. Ambas se haviam lançado no mar do romance, a julgar por um tom de uma ternura desacostumada que Pomme, normalmente uma fonte de zombaria, tinha usado ao mencionar Raymond Binard, o jovem electricista de Apt. E onde estava a rispidez previsível, encantadora, de Épinette, quando ela declarou com orgulho que Paul Alouette, seu "amigo" que estava de licença do serviço militar, pedira emprestado o Citroën novo do pai, para aquela ocasião? Que tipo de realização era essa, pedir um cano emprestado?

Em Nova York, Fauve fazia parte de um grupo de colegas na Dalton School, garotos e garotas, que tinham freqüentado a mesma escola de dança e agora se juntavam para concertos de rock e festas. Ela sabia que eles eram considerados atrasados, numa turma em que outros fumavam maconha e faziam experiências sexuais, mas nenhuma de suas amigas estava com pressa de se lançar no complicado jogo de homem mulher que elas viam começar a ser jogado ao seu redor.

Se ao menos o tempo pudesse parar! Se nada tivesse de mudar, jamais!

Espantada ao se ver quase chorando, Fauve deu um suspiro profundo que, sem compreender, era o seu primeiro sinal de maturidade, um suspiro que reconhecia a passagem do tempo e a noção amarga e inútil de que não há nada que se possa fazer a respeito.

Aos poucos, Fauve começou a se sentir reconfortada, em seu quarto. Pelo menos aquilo era uma coisa que ela podia contar que nunca mudaria. O quarto da torre estava á espera de que ela voltasse para ele, todo ano, possuía uma vida interior sua, que, ela sabia, só cedia a ela. Antes de ser usado como pombal, fora um moinho de vento e ela quase podia ver as grandes velas que tinham feito os círculos lentos do lado de fora das janelas, um século antes; quase podia ouvir o rufiar das asas de gerações de pombos que tinham feito os ninhos onde estava sua cama hoje.

Nos últimos oito anos, Fauve fora enriquecendo o seu quarto, até que era agora um museu de seu desenvolvimento. Gerações de bonecas estavam sentadas direitinhas contra as paredes, fotos de Fauve e Mistral, juntos, tiradas todos os verões, estavam penduradas nas paredes com cartões — postais antiquados que ela encontrara nos antiquários locais e flores que tinha prensado e enquadrado, bem como cartazes anunciando fêtes de aldeias no passado, os bailes dos bombeiros voluntários e outras ocasiões que lhe eram caras. Ela nunca tirava nada dessas coleções de recordações, nem nunca levava nada de Félice para Nova York. Instintivamente, conservava seus dois mundos separados um do outro, como eram na realidade.

Deitada ali, num devaneio, Fauve de repente ouviu a voz de Kate no pátio. Como parecia com a voz de Nadine, Nadine que, graças a Deus, só visitava La Tourrelle uma ou duas vezes no verão, agora que estava casada com Phillipe Dalmas e morava em Paris.

Nadine tivera algum pesar, um segundo sequer, quando passara de menina de 15 anos, fria, controlada, superior, a uma de 16 anos, com pose e experiente? Fauve duvidava disso. Se Nadine, ou qualquer uma de sua turma, algum dia tivesse ido a uma festa da aldela, teria sido para ficar de lado e se divertir, como se aquele fosse um espetáculo especialmente engraçado de folclore. Se tivesse se dignado a participar das danças, seria apenas para fazer daquilo uma história engraçada, que mostrasse como o pessoal do local era pitoresco.

Pensando em sua meia irmã, Fauve cerrou os punhos e se levantou da cama de um salto, sua melancolia desaparecendo num ímpeto de luta, que se traduziu na pergunta eterna que pode fazer qualquer criatura do sexo feminino se esquecer de questões tão profundas como a brevidade da juventude, e de como o tempo passa rápido.

Que roupa ia pôr?

— Cinco dias depois, Fauve estava no canto das garotas da Salle des Fetes de Uzès, movimentada cidade de mercado de muitas torres medievais, que é a vivenda de campo do Duque de Uzès, o principal duque da França. O ano de 1969 foi um ano especialmente confuso para os enfeites pessoais, mas mesmo no Lubéron a minissaia marcou sua presença. Fauve passara horas, a semana toda, experimentando e largando vestido após vestido. A seus olhos de repente conscientes de si, todos lhe pareciam ou muito enfeitados demais, como se ela estivesse esperando uma ocasião mais importante do que uma festa de aldela, ou simples demais, como se ela não se tivesse dado ao trabalho de vestir o que tinha de melhor, como sabia que as outras garotas fariam. Ela ainda, estava ali de pé, indecisa, vestida só de calças cor de tangerina, quando Marte Pollison bateu à porta do quarto, para dizer que as amigas estavam esperando lá fora, no carro.

Num súbito impulso de desafio, Fauve meteu —se num vestido mini, rosa shocking, com uma faixa comprida, larga e geométrica de fita roxa. Ela deu mais uma escovadela nos cabelos ruivos. Cada flor comprido e vivo flertava com o ar. Meteu os pés num par de sapatilhas verde forte de Capezzio e desceu correndo a escada de sua torre particular, sem ir ao salão para se despedir.

Se Kate reprovasse o seu sentido de cores, ela não queria saber. Nunca — e especialmente não naquele momento.

O canto das meninas na sala estava fervilhando, mas Fauve não ouvia as conversas. Estava vendo dois rapazes se aproximando dela, do canto deles, cada qual com a intenção clara de convidá-la para dançar. Um era Lucien Gromet, de cujo mau hálito ela ainda se lembrava, do ano anterior, e o outro, Henri Savati, era o tipo de dançarino que só consegue se arrastar ao som da música. Aflita, ela pensou se não devia convidar uma das meninas mais novas para dançar e assim evitar os dois.

Os dois rapazes estavam—se aproximando à mesma velocidade, nenhum dos dois querendo parecer estar concorrendo com o outro. Estavam a poucos passos quando, de repente, foram empurrados bruscamente para o lado por um terceiro vulto masculino, que parou, derrapando, diante de Fauve. Ele se virou para os dois outros, com um floreio.

— Mil desculpas, caros amigos, mas mademoiselle me prometeu todas as danças do carne dela, esta noite.

Lucien e Henri ficaram boquiabertos, diante dessas palavras. A maneira aceita de convidar uma garota para dançar era murmurar alguma coisa para ela, fazer um sinal com o dedo em direção à pista de dança e se dirigir para lá, sem nem olhar para ver se ela estaria olhando. Carne de danças!

Fauve piscou duas vezes.

— Ah, Roland, eu estava começando a pensar o que lhe teria acontecido — disse ela, dando o braço a ele. — Pensei que talvez tivesse tido de parar para dar comida aos rouxinóis.

— Não, hoje foram os pavões... meteram—se num briga indecorosa por causa da pavoá. Vamos valsar?

— Eu não gostaria de outra coisa, mas, infelizmente, a orquestra não está de acordo.

— Então, vamos ficar sentados durante esta dança?

— Talvez fosse conveniente, Roland.

— Meu nome é Eric — disse ele — mas você pode me chamar de Roland, se preferir, por algum motivo.

— Meu nome é Fauve.

Em geral os rapazes das vizinhanças, ao ouvirem o nome dela pela primeira vez, faziam algum comentário bobo. Ela esperou, mas ele não disse nada, examinando—a calmamente com uma expressão de franca fascinação. Ela pensou que não se lembrava de ter visto nenhum homem — pois ele era um homem e não um rapaz — que parecesse tão à vontade dentro da própria pele. Eric tinha bem mais de 1,82m e havia nele alguma qualidade notável de que Fauve tinha uma forte noção, mas ela não conseguiu determinar o que era, olhando para ele. Não era apenas a boa aparência, embora ele fosse excepcionalmente bonito, com feições fortes, rudes e bem formadas, a pele muito bronzeada e cabelos castanhos grossos, que se levantavam desordenadamente de uma mecha sobre o olho direito e caíam sobre a testa, de ambos os lados. O lábio inferior era cheio e deprimido no centro, o foco de seu rosto, dando—lhe uma expressão divertida e generosa. Mas o que seria, pensou Fauve, que lhe parecia ser um aspecto fora do comum e importante naquele estranho?

— Você está—me olhando fixamente — disse ele, rindo.

— Você é que está — disse ela, indignada.

— Prefere dançar?

— Talvez seja melhor.

A orquestra tinha começado a tocar La Ve en Rose, quando Eric a tomou nos braços. Fauve, que estava preparada na pose normal de dança da região,

viu que estava sendo apertada contra o peito dele e levada de modo dominador no que era, para seus pés que reagiram de imediato, positivamente uma valsa. Talvez a orquestra não estivesse tocando os necessários compassos ternários, um, dois, três, de uma valsa vienense, mas, não obstante, eles estavam valsando magicamente, e com tanta graça que o chefe de orquestra, observando-os, fez sinal para que o conjunto tocasse Danúbio Azul, em seguida. Quando a valsa acabou, eles pararam de repente, ambos abismados ao se verem no centro de um círculo de outros bailarinos que os observavam com tanta curiosidade com se Ginger Rogers e Fred Astaire se tivessem materializado na pista de dança.

— Foi maravilhoso! — disseram os dois ao mesmo tempo, suas palavras se chocando no meio da frase.

— Vamos beber alguma coisa gelada. Descobri três coisas importantes sobre você e pretendo impressioná-la com a minha inteligência — disse Eric, levando-a para fora do círculo. Havia um café ao lado da Salle des Fêtes, onde os acompanhantes se juntavam para jogar cartas. Fauve e Eric ocuparam uma mesa e pediram Coca Cola.

— Primeiro — disse ele — você é estrangeira, segundo, é pintora e terceiro, tem um perfume melhor do que qualquer outra garota no mundo. — Mas eu não uso perfume — protestou Fauve.

— É isso mesmo que eu disse.

— Ah. — Ela pensou naquilo um instante e descobriu que estava corando, aquele rubor desastroso que tinha sido transmitido em linha direta de uma Lunel para outra. — Como é que você sabe que sou estrangeira? — disse Fauve depressa, passando com facilidade para o sotaque do Midi.

— Tarde demais para tentar esse truque e, em todo caso, também sei fazer isso. Você dança valsa como estrangeira... divinamente, para ser franco a única pequena da Provença que poderia tomar o Arquiduque Rodolfo de Maria Vetsera. Não foi aqui que você aprendeu isso.

— Ah! — Fauve tinha visto uma reprise de Mayerling na televisão e seu rubor se acentuou. — Como você sabe que sou pintora? — perguntou, nervosa.

— Porque só um pintora podia usar essas cores propositadamente... o vestido com os seus cabelos poderia ser só para ser notada, mas depois as melas collant laranja e esses sapatos...

— Eu me interesso pela pintura — disse Fauve, vagamente.

Ela nunca contava às pessoas que pintava. Só a família e Melvin Allenberg e alguns amigos íntimos sabiam que ela pintava e assim mesmo nenhum deles tinha idéia de como ela possuía um sentimento profundo por seu trabalho.

— "Interessa-se pela pintura?" — disse ele. — É só isso? Só um interesse?

— Vou a muitas galerias e museus. Nova York é a capital mundial da arte, afinal.

— É o que os nova-iorquinos gostariam de achar — disse Eric, na defensiva. Nenhum francês admitiria que depois da guerra o centro do

mundo das artes, efetivamente, se mudara para os Estados Unidos.

— Ora, vamos, você sabe que é. Aos sábados à tarde você pode ver mais arte moderna, só entrando e saindo das galerias da Madison Avenue do que poderia ver em Paris, sem falar nos museus. Meu amigo Melvin e eu saímos para ver, duas ou três vezes por mês — respondeu Fauve.

— O seu amigo Melvin? Ele é especialista? — perguntou Eric, eriçado.

— Melvin é positivamente brilhante! É um assombro quanta coisa ele sabe... e é um amor.

— Esse paradigma... com certeza também é bonito?

— Bem, talvez não de uma maneira óbvia, mas é extraordinário o número de garotas que se apaixonam por ele. Primeiro elas ficam cativadas pelo cérebro e talento dele, depois se dão conta de como ele é atraente e simpático. As vezes eu acho que não há ninguém no mundo com quem eu possa conversar como converso com Melvin... é como se eu pudesse dizer tudo a ele e contar com a compreensão dele.

— Está até parecendo que você também está apaixonada por ele — disse Eric, com ironia.

— Apaixonada? Ah, Eric, que idéia maravilhosa! — riu—se Fauve.

— O que é que há de tão maravilhoso nisso? Acho de um mau gosto horroroso você ficar aí sentada só falando do Melvin, brilhante, bonito, um amor, com quem você partilha tantas tardes artísticas.

— E noites, também, Eric. Há todas as inaugurações das galerias, sabe, e vernissages, e a minha avó me deixa ir às mais importantes com ele — disse Fauve, com um sorriso maldoso.

— Ah, isso é demais! — Eric acabou sua Coca e bateu com o copo na mesa. — Vou voltar para a festa.

— Eric!

— O que é? — disse ele, bruscamente, olhando para ela furioso.

— Melvin é um velho... ancião... deve ter pelo menos 43 ou 44 anos. É como meu tio ou coisa assim... ele saía com a minha mas, pelo amor de Deus.

— Que idade você tem, afinal? — perguntou ele, sentando—se de novo, mal escondendo o alívio.

— Tenho 16 anos — respondeu Fauve. De repente, 16 anos parecia absurdamente jovem. Sua nostalgia por seus 15 anos tinha desaparecido e só tornaria a aparecer decênios depois.

— Eu tenho 20.

Eles se sorriram, por motivo nenhum e por todos os motivos. Fauve se deu conta do que a impressionara no rosto de Eric, desde o momento em que o vira. Ela confiava nele. Ela confiara nele de modo absoluto e imediato. Parecia estranho ter determinado isso como qualidade dominante naquele rosto. Como é que ela podia confiar num estranho total, à primeira vista? E um que era tão bonito? Pomme e Épinette diziam que homens assim são mimados e cheios de si, e devem ser evitados a todo custo. Pois bem, Pomme e Épinette não entendiam tanto quanto pensavam.

— Além de saber de tudo sobre a pintura, graças ao caduco, bondoso e

aniso, o Melvin, imagino que também saiba de tudo sobre arquitetura? — perguntou Eric.

— Nada, a não ser as coisas que a gente aprende andando por aí. Sou mesmo desinformada.

— Bom, graças a Deus — disse Eric, encantado. — Sou arquiteto, ou melhor, em breve serei.... estou na Beaux—Arts.

— Por que fica tão satisfeito por eu ser ignorante?

— Quero ter alguma coisa para lhe ensinar — respondeu ele. — O. K. Pode começar.

— Não quero dizer agora, quero dizer amanhã, depois de amanhã, na semana que vem, o verso todo... você não tem romance dentro de si?

— Não tenho certeza... quero dizer, como se pode saber? — perguntou Fauve, séria, juntando as sobrancelhas, em sua concentração.

— Então você também é uma analfabeta em romantismo? Isso é melhor ainda. Venha, Fauve, vamos valsar mais um bocado e depois deixe—me levá—la em casa. Ou veio com alguém? É impossível saber, nessas festas. — De repente ele parecia inseguro.

— Vim com umas amigas, mas elas não se importam se você me levar em casa.

— Onde é que você mora?

— Perto de Félice.

— Isso não é bem ali na esquina — ele parecia feliz.

— São uns 50 quilômetros — disse ela, em tom de desculpa.

— É disso que eu gosto. Agora, Fauve, você tem de parar de corar, quando lhe faço algum elogio. Vou treiná—la, como um cachorro. Um elogio a cada dez minutos, por umas duas horas, e você vai se esquecer como é que se cora... não, talvez não seja boa idéia, afinal. Acho que gosto do seu rubor... dá um tom de rosa tão interessante a todos os outros.

As festas na Provença nunca começam antes das 21:00 e raramente terminam antes das 2:00, mas Fauve insistiu em sair logo depois da meia noite, pois sua casa era longe e o pai sempre esperava por ela.

Perto de Remoulins, onde tomaram a Route Nationals 100, que se dirigia quase para leste, para Félice, Eric procurou convencê—la a dar uma volta rápida para ver a Pont du Gard ao luar.

— É uma das maiores maravilhas da antigüidade, quase intacta depois de 2.000 anos... você nunca há de entender os romanos se não vir esse aqueduto, é... não, tem certeza? Você pode mesmo existir mais um dia, sem um aqueduto? Bem... teremos de voltar aqui.

Em Villeneuve—les—Avignon, ele deu outra sugestão.

— Vamos até à casa de meus pais, para cumprimentá—los... nunca estão dormindo tão cedo, e a vista que têm do terraço sobre o Fort St. André é a melhor que você jamais verá... pode bem ser o melhor exemplo de uma fortificação com tones geminadas... nem isso? Você não gosta de uma bela fortaleza? Está bem, está bem... Vou atravessar o rio, sem olhar nem para a esquerda nem para a direita, se bem que você esteja cometendo um erro em não dar uma espiada ao Palácio do Papa hoje... de dia não presta.

— Para casa, Eric — insistiu Fauve e, depois de passarem por Avignon, correram através da planície fértil, Eric propondo e rejeitando uma dezena de programas para o dia seguinte. Ele estava sentindo uma grande responsabilidade por escolher a primeira experiência de Fauve com a arquitetura. Como os arredores ali possuíam as ruínas de uma cidade fenícia fundada seis séculos antes de Cristo e mais cem maravilhas de todas as eras desde então, o que deveria escolher, como ponto de partida? Até que ponto uma ruína deveria ser uma ruína? Qual o seu plano de tolerância para pedras?

Fauve percebeu que mal o ouvia quando se aproximaram de Félice. O pai nunca a vira com um rapaz especial antes daquela noite, pensou ela, apreensiva. O que ele havia de pensar, vendo—a partir de noite com um grupo de amigos e voltando para casa com um rapaz estranho, que tinha conhecido na festa? Será que isso devia acontecer com as outras garotas, o tempo todo? Ele devia ficar satisfeito por ela não ter sobrado, pensou ela, mostrando a Eric a estrada para La Tourrelle. Ele devia ficar satisfeito por ela ter conhecido alguém que estava estudando uma coisa interessante como a arquitetura, não?

Os grandes portões de La Tourrelle estavam escancarados e as luzes do salon acesas, no extremo do pátio.

— Pode ir entrando — disse Fauve, distraída. Ele parou o cano no pátio. — Bom, é melhor você vir conhecer o meu pai... — murmurou ela, dirigindo-se na frente, nervosa, para o salon, onde ela sabia que ele ficava sempre, esperando por ela.

Quando eles entraram na sala, Mistral se levantou da poltrona ao lado da lareira e se dirigiu para eles, olhando de Fauve para Eric, surpreso. Só surpresa, pensou Fauve, com grande alívio, não irritação.

— Este é o meu pai — disse ela, sem ousar olhar para Eric.

Ela devia ter—lhe dito que era filha de Mistral, ela sabia disso, mas não houvera um momento adequado, ou melhor, o momento em que teria sido natural surgira e desaparecera tão depressa que ela não se lembrara de aproveitar; em todo caso, como ele não tinha perguntado, e daí? Ele não gostara dela por ela ser filha de Mistral, nem ia deixar de gostar dela por isso, tampouco, mas agora que era tarde, ela desejava muito que isso não tivesse sido uma surpresa. Eric podia pensar que ela planejava aquilo para impressioná-lo.

— Papai, este é o Eric — disse ela, numa voz débil.

— Estou vendo — disse Mistral, apertando a mão do outro, com um sorriso. — Mas que estranho costume tribal é esse, dos jovens nunca saberem os sobrenomes dos outros? Eric de que, posso saber?

— Boa—noite, Monsieur Mistral.

Por que, pensou Fauve, Eric estava tão estranho? Estava zangado com ela, afinal?

— O nome de minha família — continuou Eric — é Avigdor. E o nome de meu pai, Monsieur Mistral, é Adrien Avigdor.

— Mas você não pode proibir Fauve de sair com esse rapaz — disse Kate,

numa voz calma. — Isso é mesmo um absurdo, Julien, nesses dias de hoje. Pense bem. Você não tem absolutamente motivo algum que ela possa compreender ou aceitar. A única coisa que aconteceria seria encorajá-la a fazer perguntas que você não tem muita vontade de responder, não é? Se eu fosse você, deixava toda essa confusão em paz... vai desaparecer por si, se você não se meter.

— Você não viu a cara dele, Kate. Não ouviu a voz dele. — Ele disse alguma coisa fora do comum?

— Não, foi muito correto, quanto a isso, mas havia alguma coisa... sei que não estou enganado nisso.

— Julien, a única coisa que ele podia saber é que o pai dele um dia foi seu marchand. Naturalmente, Avigdor deve estar ressentido por ter perdido você... qual o negociante que não ficaria assim? Sem dúvida, é uma famosa história de honor da família... como Julien Mistral foi lançado por Avigdor e depois teve a ingratidão incrível de trocar de vendedor... você sabe como essa gente só fala de negócios o tempo todo. Perder você provavelmente foi o acontecimento mais importante da vida de Avigdor... depois de consegui-lo.

— Não quero que Fauve se meta com ele.

— Ela ainda é uma criança... ainda não tem idade para se "meter" com um rapaz, aos 16 anos, pelo menos não a sério. Que mal pode vir daí? Um pintor tem o direito de trocar de marchand, afinal. Fauve disse que esse rapaz só tem 20 anos, não foi? Pois bem, você não vê Avigdor desde antes da guerra... acho que foi em 1938 que ele veio aqui, a última vez... ou talvez mesmo 1937... não me lembro. Já são mais de 30 anos! Seja razoável! Acho que você está levando tudo isso muito a sério, só porque se trata de Fauve. Você nunca fez tanta onda por causa de ninguém que saísse com Nadine e Deus sabe que eles trouxe para casa muitos rapazes, nos tempos dela.

Não havia motivo, como Kate se dera conta havia muito tempo, para que Julien soubesse que Marte Pollison lhe contara exatamente o que se passara entre ele e Avigdor durante a guerra. Esta era uma das muitas informações sobre o marido que tinha guardada na memória. Nunca se podia saber quando seriam úteis... eram uma forma de capital, talvez, a seu modo, tão valiosas quanto qualquer das telas do depósito.

Enquanto isso, ela gozou a expressão de angústia na fisionomia de Julien. Kate tinha tão poucas armas e ele tantas. Estranho. Um dia Fauve parecera ser mais uma das armas dele, um perigo para ela, uma ameaça para Nadine. Agora, quando Fauve estava crescendo e se tornando mais preciosa para Mistral, a cada ano, mais cara a ele do que tudo — pois Kate era por demais lúcida para ignorar isso — Fauve se tornava uma anua que ela mesma poderia utilizar.

Um dia, algum dia, no futuro, teria de haver um pagamento pelo sofrimento que Julien lhe causara. Kate acreditava na inevitabilidade da vingança. A vida não podia, não devia tratá-la com injustiça... não no final de contas, se ela tivesse paciência. Como era interessante o fato de Fauve ter conhecido esse jovem Avigdor.

Como era a cara dele? — perguntou ela, com naturalidade. — Tinha muita coisa do pai?

— Alguma coisa... talvez... mas não prestei muita atenção. Ele é bem mais bonito, mais alto, eu nunca imaginaria que fossem parentes.

— Quer dizer que não parece judeu?

— Não foi isso que eu quis dizer! Avigdor também não parecia judeu, como você bem sabe.

— Meu Deus, Julien, não é preciso me agredir.. procure ser menos sensível. Daqui a duas semanas Fauve vai se cansar de visitar prédios velhos com esse estudante e vai haver mais dez rapazes para você se preocupar. Então, ele é mais bonito, é? Muito? Avigdor não era nenhuma beleza, afinal.

— Muito, muito melhor. Melhor demais.

— Procure dormir um pouco, Julien — disse Kate, com doçura. — Você está vendo fantasmas.

Capítulo 24

— Em que é que você estava pensando, Eric, para começar esse programa cultural indo ao Palácio do Papa? — perguntou Beth Avigdor, com uma indignação suave e divertida. — Um lugar que parece um quartel, sem qualquer mobília para parecer menos inóspito... e ainda por cima cheio de turistas? Não admira que esteja exausta, Mademoiselle Lunel. Há anos que evito por os pés lá.

— Gostei... durante quase a primeira hora... e a essa altura, já tínhamos passado do ponto de retorno — respondeu Fauve, remexendo os dedos doloridos, grata pelo guarda-sol que dava uma sombra fresca sobre a mesa de almoço no jardim de Le Prieuré.

A mãe de Eric era uma mulher a ser considerada, pensou ela, franca e escultural, com belos olhos escuros e cabelos que só tinham alguns fios grisalhos, aqui e ali. Ela parecia ser pelo menos 20 anos mais moça do que o pai de Eric, que estava sentado, parecendo bem à vontade, examinando, pensativo, a carta de vinhos de 14 páginas, que era enfeitada espirituosamente por sete desenhos de página inteira de Ronald Searle. Adrien Avigdor nunca parecera especialmente jovem, nem mesmo quando rapaz, e agora estava agradavelmente careca, agradavelmente corpulento, e agradavelmente enrugado, com a maturidade forte de um camponês próspero. A fisionomia dele fora sempre tão pouco notável, tão independente de qualquer feição destacada, tão dominada por sua expressão de bondade rústica, que a idade só a acentuara.

Em 1945, ele se casara com a bela Beth Levi, que lutara ao seu lado durante três anos na Resistência. Seu filho único Eric, que herdara a beleza da mãe e o ar do pai, nascera em 1949. Os Avigdors tinham um casamento bom e harmonioso e sua galeria na Rue du Faubourg St. Honoré era uma das mais bem sucedidas e respeitadas da França.

Muitos anos antes, quando ele comprara a casa de veraneio na Provença, resolvera morar na elegante e simpática cidadezinha de Villeneuve—les—Avignon, tão diferente em topografia e atmosfera daquelas bárbaras aldeias montanhesas do Lubéron, que ainda conservavam recordações que ele não queria ressuscitar. E agora, por Deus, lá estava o Eric com a filha de Mistral, pensou Avigdor, enquanto pesava a possibilidade de um interessante Nuits St. Georges Clos de la Maréchale contra um altamente promissor Romanée St. Vivant.

Fora impossível impedir que Beth, com sua curiosidade maternal despertada pelo entusiasmo de Eric, combinasse aquele almoço. A mulher nunca soubera nada sobre Mistral além do simples fato de que o marido um dia fora marchand do pintor.

— Não nos demos bem, mas isso não vale a pena discutir — ele dissera a ela, anos antes. No último ano, Eric ficara curioso para saber do motivo da briga dele com o pintor, mas ele resistira e não dera a explicação que o filho pedira.

— Digamos que foi uma desavença mútua — dissera ele, com a cara tão fechada, nem um pouco típica dele, que só servira para convencer Eric de que houvera entre eles uma rixa séria.

Não podia haver ninguém que Avigdor menos desejasse ver o filho interessado, mas ele resolveu que seria tiro amável com ela quanto seria com qualquer outra moça. Aliás, qual o homem que não faria isso, depois de pousar os olhos nela?

Os anos tinham ensinado certas coisas a Avigdor e uma delas era a sorte que ele tivera em sobreviver quando tantos tinham perecido. Era importante para ele ser agradecido à vida, importante não relembrar as velhas feridas. Ele só queria viver com dignidade e com decência para com os outros, mas as lições aprendidas a duras penas para sobreviver durante a Ocupação o levavam a dar as costas sempre que ouvia as pessoas falarem de religião ou política. Se ao menos, pensava ele muitas vezes, essas duas forças que tinham dividido a humanidade tão violenta e persistentemente, tivessem sido deixadas fora do esquema das coisas, como a vida podia ser doce para todos. Ele não queria ter nada a ver com certas recordações que, a despeito de sua filosofia, nunca tinham desaparecido. E Fauve Mistral as trazia de volta.

— Então, mademoiselle — disse ela, virando—se propositadamente para Fauve, com um ar bondoso — estuda nos Estados Unidos, é?

— Ah, por favor, me chame de Fauve... sim, moro em Nova York, mas venho passar o verão com meu pai, todos os anos.

— Claro, claro, muito agradável. Ah, Jacques — disse Adrien Avigdor, virando—se para Jacques Mille, gerente do hotel, filho do proprietário do Le Prieuré, que o comprara de Madame Blé — o que acha do Nuits St. Georges comparado com o Romanée St. Vivant? Sua opinião pessoal, veja bem, entre amigos.

— Se fosse o meu paladar, Monsieur Avigdor, escolheria o Beaune Vignes Franches, 1955.

O jovem Jacques Mille, vestido com naturalidade, à moda nitidamente inglesa, com um encanto franco e correto e educado para presidir sobre uma obra—prima de hotel e restaurante, era um homem cujo conselho era de confiança, em todas as coisas.

— Então, está resolvido — disse Avigdor, satisfeito. O resto da refeição então podia girar em torno do vinho, em vez de escolherem o vinho para acompanhar a comida... ele preferia assim.

O jardim do Prieuré estava cheio, como sempre, de grupos festivos; famílias que comemoravam alguma data e mesas de gourmets sérios, sentados em volta de mesas redondas em almofadas azuis sob guarda—sóis vermelhos. Os garçons e seus auxiliares se movimentavam sob os olhos vigilantes da animada Marie France Mille, mulher de Jacques, de fala macia, que personificava aquela beleza morena provençal que o poeta italiano Petrarca imortalizou em sua Laura.

O que diria o espectro do piedoso Cardeal Arnaud de Via, sobrinho do Papa João XXII, que deu seu palácio a 12 cónegos, em 1333, para fazer um priorado, a respeito dessa alegre cena de almoço? O que diria o espectro de Madame Blé, que dirigira uma pensão tão sossegada, da piscina olímpica e as duas quadras de tênis que ficavam do outro lado do roseiral, longe das vistas dos comensais? Como ela não teria exclamado de admiração se pudesse ver o anexo magnífico, construído recentemente e perfeitamente integrado com os prédios velhos, com suas suítes com ar condicionado e banheiros luxuosos? E o que diria o espectro de Teddy Lunel, se pudesse olhar do quarto em que resolvera o seu destino e visse sua filha, alta, jovem e linda, sentada ali almoçando com Adrien Avigdor, um homem de quem Julien Mistral nunca lhe falaria durante sua breve vida em comum?

— Estou tão contente por conhece—lo, Monsieur Avigdor — disse Fauve. — Minha avó me falou do senhor.

— Então, Maggy não se esqueceu de mim? — perguntou Avigdor, satisfeito.

— Claro que não. Magali sempre me contou tudo sobre o passado dela. Ela acha que é importante os olhos saberem o mais possível sobre os pais e avós... especialmente quando são ilegítimos.

Fauve escolheu as palavras propositadamente. Ela queria que os pais de Eric soubessem desde o princípio que, fosse o que fosse que tivessem na cabeça sobre o nascimento dela, não precisavam tratá—lo com tato.

— Eu gostaria que o senhor me contasse sobre o meu pai, quando ele era moço — continuou ela. — Na verdade, só o conheço direito há uns oito anos. Por perfeito que seja, ele se recusa a contar suas recordações. Mas foi o senhor quem fez a primeira exposição dele, de modo que deve conhece—lo há... mais de 40 anos! Como é que ele era, então?

Na fisionomia dela havia a mais ardente curiosidade.

Mistral, em moço? Avigdor procurou depressa uma recordação agradável. Não podia propriamente dizer a essa filha dedicada que o pai sempre fora um homem maldito, mal—humorado, arrogante e egoísta. Um homem que mandara mais de um judeu para a morte. Mas tinha de arranjar

alguma coisa para dizer.

— Bom, deixe ver... é difícil descreve-lo direito. Sempre foi impressionante, sempre a pessoa mais notável em qualquer lugar. — Ele parou, pensou um pouco e depois encontrou uma inspiração. — O que nunca hei de esquecer, nunca mesmo, é a primeira vez que o vi. Kate Browning, quer dizer, a sua madrasta, claro, que levou ao estúdiozinho de seu pai em Montpamasse... ora, ainda vejo Maggy saindo da cozinha, de pés descalços, com o vinho e os cálices... é espantoso como me lembro bem dela, mas, claro, ela era tão maravilhosamente bela, uma moça tão soberba e não tinha nem a sua idade, Fauve, só 17, acho, e tão apaixonada, tão fiel...

— Fiel — repetiu Fauve, numa vozinha débil.

— Mas claro, fiel, isso acima de tudo. Eu a admirava muito, sabe, sustentando o seu pai, com seu trabalho de modelo, antes de Mistral começar a vender os trabalhos dele... mas, naturalmente, quando a mulher ama de verdade, ela faz qualquer sacrifício, não é mesmo? Ah, formavam um casal notável, ambos tão altos, ambos ruivos, o dele tão escuro, o dela tão vivo, eram a lenda do quartier... ah, sim, Julien Mistral e Maggy, La Rouquinne, já deviam estar vivendo juntos há algum tempo, antes dele conhecer Kate. Aliás, como está Kate agora? Eu a perdi de vista inteiramente.

— Ela está... bem — disse Fauve, numa confusão tão profunda que falava vagamente.

— Está com boa saúde? — perguntou Avigdor.

— Perfeita, ao que eu saiba — disse Fauve, obrigando-se a sorrir educadamente. Adrien Avigdor falou mais um pouco até que o aparecimento do linguado de Dover passasse a conversa para a comida, mas Fauve não ouviu mais nada.

O pai dela e a avó? Eles se tinham amado? Eles tinham vivido juntos? Mas era a mãe dela e o pai que se tinham amado, vivido juntos! Uma onda de confusão tão forte e complicada, que a impedia de se mexer, passou por cima dela e foi só a pressão aflita da mão de Eric na sua, sob a toalha, que a levou de volta e permitiu que pegasse o garfo.

Com algumas palavras nostálgicas, bem—intencionadas, Adrien Avigdor pegara o modelo que ela fizera para explicar sua própria vida e o modificara para sempre, tão irrevogavelmente quanto se alguém fizesse um movimento com um caleidoscópio. As formas conhecidas estavam perdidas, destruídas. "Por que você nunca me contou isso, Magali? Eu só sabia que você tinha posado para o meu pai, nada mais. Que tipo de homem é ele? O que realmente houve entre vocês? Em que posso confiar agora, de tudo o que vote me contou?"

— O seu linguado não está gostoso, Fauve? — perguntou Beth Avigdor, delicadamente. Ela teria chutado o marido se soubesse que ele ia falar daquele jeito, mas, para ser justa, Fauve provocara aquilo, ao declarar que a avó lhe tinha contado "tudo" — algum pai ou avo algum dia contava "tudo" aos jovens? Esse seria o primeiro caso, na história. Por algum motivo, a moça estava visivelmente absorta em seus pensamentos. — Fauve — repetiu ela

— o peixe não está bom?

— Ah, não, está excelente, obrigada, Madame Avigdor.

— Fauve, eu lhe prometo, chega de arquitetura por 24 horas — disse Eric, contrito. — Dois dias? Uma semana? Como quiser. Vamos fazer o que você quiser, esta tarde.

— Vamos à Pont du Gard — disse Fauve, dando-lhe um sorriso firme.

— Você está louca... parece estar extenuada.

— Estou muito bem. E louca para compreender bem os romanos.

— Eric tem essa idéia de que a gente só pode compreender uma civilização depois que entende o que eles acham da água — resmungou Adrien Avigdor. — Por que a água e não o vinho, eu lhe pergunto? Ah—ah! Ninguém pode me responder. Nunca podem.

— Provavelmente poderia obter uma resposta de um estudioso do Talmude — sugeriu Fauve — se quisesse mesmo saber.

— Isso não é o tipo de coisa de que se fala na Bíblia — protestou Eric.

— A Bíblia? — Fauve riu—se. — O que é que a Bíblia tem a ver com as dúzias e dúzias de discussões e comentários sobre a Torá, os Cinco Livros de Moisés?

— Dúzias e dúzias de o quê? — disse Eric, perplexo.

— Ora, pare de brincar comigo. Monsieur Avigdor, deve haver pelo menos duas opiniões no Talmude, ou talvez até uma dúzia, de modo que o senhor não teria uma resposta mesmo, mas pelo menos teria uma discussão. Pelo menos, é o que o Rabino Taradash teria dito, segundo a minha avó.

Avigdor abriu a boca, espantado.

— Beba um pouco de vinho — disse Beth Avigdor ao marido, depressa. Em sua opinião, era uma sugestão inteiramente razoável; antiquada e inesperada, de parte de uma mocinha, mas por certo não era motivo para um assombro tão grande. Filha de Mistral ou não, Lunel não era um nome judeu? E até bom e antigo? O que é que dera nesse homem?

Fauve, quando foi—se deitar naquela noite, tinha construído uma casca de racionalização protetora em torno da revelação de Adrien Avigdor. Não se sentia mais traída pela avó. Agora que podia pensar no que ele dissera, sem o elemento de surpresa, fazia todo sentido que Magali não lhe tivesse contado toda a história, guardasse em parte o segredo. Quando ela era mais nova, simplesmente não teria podido compreender. Deus sabia que a história da família das mulheres Lunel e todos aqueles seus amantes infelizes já era bem complicada. Era mesmo um pouco romântico — o amor em duas gerações — pensou ela, com sono, mas, por algum motivo, achou que não podia perguntar nada ao pai sobre as recordações de Monsieur Avigdor. Ia esperar para perguntar a Magali, quando voltasse para casa. Ninguém lhe escondera nada... ninguém a traíra... ela podia confiar neles... tudo estava como sempre fora... só havia uma camada de mistério... sem importância... tão no passado... havia tanto tempo...

— Fauve, ande, acabe o seu café — disse Mistral. — Está na hora de sua lição de pintura.

— Prometi passar o dia com Eric — disse Fauve. — Ele vai me levar para

ver a Arena Romana em Aries.

— Imagino que vote esteja me provocando. Separei um tempo para você, todas as manhãs.

— Não, estou falando sério.

— Mas Fauve, você tem a vida toda para passar olhando as arenas romanas.. , onde estão as suas prioridades? Com o seu talento, não pode desperdiçar tempo vendo as paisagens! Não é possível! Quantos dias tem verão?

Você não sabe que ainda tem muita coisa a aprender?

— Sei, papai, mas eu prometi.

— Julien — disse Kate — você não está sendo razoável? Por que Fauve há de querer passar a manhã trancafiada no estúdio com vote, quando pode sair com um rapaz tão irresistível? Sei que, na idade dela, eu certamente teria preferido namorar a pintar.. , não seja insensível.

— Kate, isso não tem nada a ver com vote. Fauve, venha logo. Quando esse rapaz aparecer, Kate, diga—lhe que espere até que Fauve acabe, por hoje.

Se ele estiver interessado, ainda estará aqui ao meio—dia.

— Não, papai.

— Não? O que quer dizer com isso?

— Não vou pintar com você este verão.. , de jeito nenhum. Não posso mais. .

— Do que está falando? — Mistral agora estava espantado demais para se zangar. — Não pode? Não pode o quê? Não está querendo dizer que é incapaz de pintar? Quantas vezes já lhe disse que vote tem um talento natural sé rio? O que é tudo isso?

— Pensei nisso o inverno todo — disse Fauve, a voz falseando a princípio, mas logo se firmando. — No verão passado, você se lembra, quando eu quis fazer um pouco de trabalho experimental, vote disse que eu estava contaminada por toda a vulgaridade e ostentação das exposições que vejo em Nova York e voltamos a pintar figuras, paisagens e naturezas—mortas... bem, eu queria dizer que não posso continuar a tentar pintar como Mistral, porque não sou Mistral, nunca serei Mistral e não há motivo para você ficar esperando que eu possa ser alguma coisa de parecido com você... mas não tive coragem. Eu me prometi que este verão ia ter coragem para isso... bem, é isso, é por isso que não vou ao estúdio com você.

— Fauve — disse Mistral, lutando para manter a calma. — Você vive no centro de um redemoinho de toda a imundície de todo o mundo da pintura, se é que se pode dignificar essa máquina de dinheiro, essa anarquia total que reina em Nova York, chamando—a de pintura e arte. Posso compreender por que você não consegue evitar certo contágio. É uma espécie de loucura de decorador de Broadway Hollywood, um bando de exibicionistas sem talento... mas você certamente não leva a sério gente que faz "arte" de tubos de luz fluorescente, estantes moduladas, isopor, revistas em quadrinhos e coisas que encontram nas latas de lixo! Jesus Cristo, Fauve, se você quiser se divertir com a arte, vá estudar Marcel Duchamp... pelo

menos ele fazia a coisa com classe e fez tudo primeiro!

— Você não está entendendo o que quero dizer. Não quero fazer Pop ou Op ou Mínimo.. , nenhum dos outros estilos... nem quero fazer o que qualquer outra pessoa estiver fazendo... e não posso fazer o que você faz, não quero pintar, de modo algum!

— Você não pode deixar de querer pintar, Fauve. Você é pintora, não tem escolha. — A voz de Mistral era delicada, paciente, como se ele falasse com um cavalo puro—sangue inesperadamente obstinado. — Nunca lhe pedi para imitar, que eu saiba. Apenas procurei impedir que você fosse levada a uma fossa de ditas idéias novas... elas só podem distorcer e corromper os seus dotes naturais. Você sabe o que eu sempre disse: que não pode voar antes de criar asas suficientemente fortes para levá-la do solo e levar para o céu. Você precisa ter todo o equipamento essencial... depois pode fazer qualquer coisa... ora, até Picasso, gasto e obcecado com o erotismo, ainda sabe desenhar como mil anjos, quando quer. Ele precisou o treinamento clássico para poder deixá-lo para trás. Só lhe estou dizendo que você ainda não tem... ainda não inteiramente.. , todo esse lastro necessário, todas essas habilidades. Fauve, vamos para o estúdio. Pode fazer o que quiser esta manhã... não será uma lição... vamos só pintar juntos, quietos, sem críticas, nem sugestões, só pinte.

— Não, papai.

Mistral apertou os lábios.. Olhou para Fauve e viu alguma coisa em sua fisionomia que o fez refletir um segundo e depois resolver encontrá-la em seu terreno.

— Está bem, então, se você acha que está precisando visitar uma arena romana, vá e divirta—se. Depois falamos mais sobre isso, hem? Afinal, não é uma coisa que se tenha de resolver agora.

A campainha tocou na cozinha.

— É o Eric disse Fauve, levantando—se da mesa depressa. — Volto para o jantar... ou, se não voltar, telefone. — Ela beijou Mistral na face. — Até logo.

Pegou a bolsa a tiracolo, de uma cadeira, e saiu da sala, depressa.

— Então, Julien — disse Kate, com o seu modo inexpressivo de falar — devo confessar que estou estatelada. Nunca pensei que ela detestasse tanto as suas lições. Ela não entende o privilégio que é aprender com você?

— Ora, não diga besteira, Kate. Ela é minha filha e o privilégio não tem nada a ver com isso. É esse mundo de Nova York em que ela vive, todo o sentido de valores desapareceu de lá, há muito tempo. São as pessoas com quem ela tem licença de conviver, sabe Deus por quê. Aquele fotógrafo, Falk, que a leva para essas nojentas galerias novas, é um contágio, é uma doença.. .

— Nunca lhe ocorreu, Julien, que ela simplesmente pode não estar mais interessada? Por que você espera que Fauve seja diferente da maioria das moças de 16 anos? Elas vivem e respiram equitação, patinação no gelo, balé e então um dia descobrem um rapaz... como o filho de Avigdor.. e perdem o interesse da noite para o dia por aquilo a que dedicaram anos de vida. É um

fenômeno muito conhecido.

Kate parou, a lista de compras na mão. Depois, como que pensando melhor, ela continuou.

— Afinal, quantas grandes pintoras existem? Quantas vezes você já não disse que as energias delas deveriam ter ido para produzir filhos? E quantos filhos de pais célebres conseguem alcançar alguma coisa importante no mesmo ramo que os pais, hem? Algum dia já houve uma pintora boa, bem conhecida, mesmo, que fosse filha de um artista de seu quilate? — Ela pôs a mão no ombro de Mistral. — Não leve isso tão a sério... tinha de acontecer, mais cedo ou mais tarde... o jovem Avigdor apenas forneceu a centelha que fez explodir a mistura... e devo dizer que certamente entendo por que, depois que o conheci. Que rapaz tão extraordinariamente bonito! E como os pais foram amáveis com Fauve ontem.. , parece que estavam com muita pressa para acolhê-la no seio da família.

— Que coisa absurda, dizer isso sobre um almoço — disse Mistral, o rosto vermelho de raiva.

Kate fez uma cara de filósofa.

— É isso que acontece com os filhos — disse ela, observando Mistral com cuidado. — A gente passa a vida se preocupando com eles e fazendo tudo o que pode por eles e então, quando chegam à idade mais interessante, vão embora com o primeiro que aparece e deixam a gente a ver navios. Eu reclamo porque Nadine quase nunca vem aqui? Desde que ela se casou com Phillipe, eles passam todas as férias na Sardenha ou Marrakech ou seja onde for que estejam os amigos... é tudo bem normal. Você o aceitou com Nadine... a mesma coisa está acontecendo com Fauve, só isso. — Ela deu de ombros, em sinal de resignação.

— Parece difícil acreditar que você já tenha sido uma mulher inteligente, Kate. — Mistral estava tão enraivecido que sua voz perdeu todo o colorido. Fauve e Nadine não têm nada em comum. Fauve é bem dotada, muitíssimo bem dotada. . . nasceu para pintar. Ela está apenas passando por uma fase de rebelião. Amanhã ou depois, estará de volta, trabalhando.

Ele se levantou, saiu da sala, sem mais uma palavra.

Kate ficou sentada sozinha à mesa do café da manhã, escutando os ruídos do campo. Um leve sorriso passou por seus lábios bem modelados, quando ela pensou na expressão abatida do rosto de Julien, a fúria que ela o vira ocultar de Fauve. Ah, Julien, disse ela para si. Não sabe que isso é apenas o começo? Você apenas começou a perdê-la... Você... você que era um homem inteligente?

— Por que Cavaillon? — perguntou Eric, dirigindo o carro. — Sei que é lá que cultivam os melhores melões da França, mas pensei que íamos a Arles. Cavaillon, basicamente, não tem interesse arquitetônico.

— Porque uma arena romana pode esperar mais um dia, mas em Cavaillon há uma coisa que eu quero ver. Em todo caso, você não disse que eu podia fazer o que quisesse ontem? E eu não fui àquele velho aqueduto e escutei todas as suas explicações?

— E eu que pensei que você estivesse realmente interessada.

— E estava, incrivelmente fascinada. Os sistemas de água romanos têm um encanto misterioso só deles — disse Fauve, provocando—o.

— Eu acho que você está precisando é de ser beijada — disse Eric, severo.

— Ah, não estou, não! — exclamou Fauve, alarmada.

— Ah, está sim. Eric desviou o carro para uma estradinha secundária ~ desligou o motor. Estendeu a mão sobre o banco e puxou Fauve para si com facilidade, a despeito das tentativas dela de resistir. Mas depois de tentou levantar o queixo que ela mantinha bem enfiado no pescoço. Em vez disso, beijou a cabeça quente e sedosa. Devagar, ela se descontraíu e eles ficaram sentados abraçados, ouvindo o som de sua respiração e comunicando um segredo sem palavras, do qual cada um possuía a metade. Passaram—se minutos prolongas, doces e sonhadores. Por fim, Fauve disse, com uma vozinha encabulada, o queixo ainda abaixado:

— Você pode me beijar, se é isso que você quer.

— Não é o que você quer? — perguntou Eric, sorrindo da juventude dela.

— Se você precisa perguntar..

Fauve levantou a cabeça e passou o dedo pelas saliências marcadas do lábio inferior de Eric. Com um gemido, ele apertou os lábios dela com os seus, sentindo um choque na alma, ao receber a inocência de seu beijo de todo o coração.

— Ah! — sussurrou ela, com uma surpresa incandescente. — Ah, que bom! Ela abriu bem os braços e os apertou em torno do pescoço dele. Eles se agarraram, beijando—se vezes e mais vezes, cada beijo completo em si, não levando a nada senão a outro beijo, cada, beijo um cosmo em miniatura em que eles perdiam toda a noção da existência de qualquer outro mundo. Totalmente cativada pelo momento, Fauve sentiu que no fundo de seu peito um novo pulso se anunciava, batendo pela primeira vez, como se fosse um tambor proclamando o nascimento de alguma coisa que estivera à espera dentro dela, aguardando que aquele determinado homem a beijasse.

De repente, o carrinho começou a balançar de um lado para outro. Fauve e Eric se enrijeceram, alarmados, e olharam em volta. As vidraças do carro estavam tapadas até à metade por formas gordas, cinzentas, empoeiradas, uma sucessão barulhenta e indiferente de corpos fortes irracionais que batiam no Renault como se fosse um arbusto inconveniente.

— Nem ouvi os carneiros chegando — disse Fauve, assombrada.

— Nem eu... ah, Fauve... minha querida Fauve... ah, diabos, lá vêm os pastores... olhe no espelho retrovisor.

Eric se afastou dela, para uma distância respeitável.

— Pastores? — escarneceu Fauve, sem fôlego, refugiando—se de sua nova emoção, implicando com ele. — Eles estão acostumados com a natureza em todas as suas manifestações. Volte já para cá!

Cavaillon, uns 15 quilômetros a sudoeste de Félice, na direção de Avignon, é uma calma e próspera cidade de mercado de 1.800 habitantes. Fauve e Eric; estavam sentados do lado de fora do café onde tinham

almoçado, de mãos dadas, calados, olhando para uma praça sonolenta e sem importância. Por fim, Eric disse:

— Não me importo mesmo que não haja nada para se ver em Cavaillon, se bem que continue me perguntando o que estamos fazendo aqui.

Estamos esperando que chegue o guia.

O guia? Aqui não há nada que mereça uma excursão com guia... só nós e o garçom. . . até as lojas estão fechadas até às 16 horas.

Espere — disse Fauve, num tom de voz superior.

Como quiser, prazer de pastor.

Nós enfeitamos o dia deles mesmo, você não acha?

Não me lembrei de perguntar, mas talvez eles já tenham visto gente se beijando antes.

— Ah, venha, Eric, lá está ele!

Fauve levantou—se de um salto e começou a atravessar a praça em direção a uma escada de um prédio de três andares, sem distinção alguma, onde um rapaz em mangas de camisa se postara. Eric a acompanhou, sacudindo a cabeça, perplexo.

Quando eles se aproximaram do rapaz, começaram a surgir pessoas das esquinas de todas as ruas que davam para a praça, saindo de canos estacionados e de portas, quase da própria terra. Quando eles chegaram ao pé da escada, faziam parte de um grupo de umas 25 pessoas, e todas, para os olhos espantados de Eric, pareciam saber muito bem para aonde iam. Ele procurou se manter o mais próximo de Fauve que pôde, mas era difícil, pois quase todos estavam querendo subir pela escada estreita ao mesmo tempo. Em cima havia uma sacada e duas portas de madeira altas, bem entalhadas e fechadas, numa arcada de pedra maciça.

— O que...? — começou Eric a dizer, mas Fauve lhe fez um gesto para ele se calar. O pessoal afinal se arrumou em volta do jovem guia e ficou esperando, num silêncio de expectativa. O rapaz abriu as portas com uma certa cerimônia séria.

— Bem—vindos à Sinagoga de Cavaillon — disse ele. — Não posso acreditar! — murmurou Eric.

— Imaginei que não acreditasse — ontem, quando vota misturou o Talmude com a Bíblia — disse Fauve, encantada com a sua surpresa. — Descobri isso quando li o guia verde Michelin da Provença, no inverno do ano passado; está relacionada no capítulo de "Outras Curiosidades" em Cavaillon, junto com a velha catedral e o museu de arqueologia. Eu tinha planejado vir aqui, quando voltasse.

— Bem, o que devemos fazer agora? — perguntou Eric. — Fazer uma visita, claro. Você não quer?

— Bom, claro... acho que... por que não?

— Você me assombra, sabe. Quero dizer, você é judeu, não é?

— Naturalmente... os meus pais são, portanto eu também... mas o que tem isso a ver com a história? Eles não são nada religiosos, nenhum dos dois, e eu nunca fui a uma cerimônia... ah, espere, uma vez um primo se casou, quando eu era menino, e me levaram ao casamento, em Paris, mas quase

não me lembro. Para mim, ser judeu não tem relação com ir a uma sinagoga, a não ser que a gente tenha vontade, e eu nunca tive essa necessidade. Em todo caso, por que vota está tão interessada? É algum passatempo?

— Ontem o seu pai estava faiaando sobre a minha avó, Magali, lembra-se? Ela é judia, nascida na França, e a filha dela, minha mãe, era meio judia e meio irlandesa católica. O meu pai é católico francas, de modo que eu sou um quarto judia... mais do que o suficiente para me fascinar, pois é parte de minha história, minha história pessoal, e é a única parte sobre a qual tenho informações.

O meu pai não sabe de nada sobre os avós dele..., ele francamente não liga e nem sabe se eles são originários da Provença, apesar do nome dele. Só o que sei sobre o outro lado da família é que o pai de minha mãe era um americano chamado Kilkullen... isso e dois dólares lhe compram uma dose de uísque irlandês no dia de São Patrício. Assim, tenho curiosidade em visitar a sinagoga, entendeu?

— Como quiser, sua birutinha. Só não posso acreditar que todos esses turistas... devem estar falando 14 línguas estrangeiras... de onde é que brotaram?

— De 15 países estrangeiros. Esse é um lugar de peregrinação, Eric. O que é mais, tem até um sistema de águas lá dentro, segundo o Michelin, embora não seja um aqueduto romano.

— O que é?

— Um banho ritual — declarou Fauve, os olhos brilhando de malícia.

— Ah, não! Isso também já é demais.

— É só para mulheres, seu ignorante idiota, e em todo caso essa sinagoga é um monumento, não é usada para nada, hoje em dia. Olhe, o guia tem um livro para vender. Vamos comprar um, assim podemos olhar por nós, sem ter de acompanhar a turma. Detesto estar presa num rebanho.

Eric comprou as entradas e pagou por um livro fino de André Dumoulin, curador de museus e monumentos de Cavaillon. Continha uma breve história da comunidade judia de Cavaillon, bem como fotografias e descrições da sinagoga.

Fauve e Eric largaram o grupo de turistas, todos escutando atentamente o que dizia o guia, e foram sozinhos para a parte central do templo. Nenhum tinha qualquer idéia do que devia esperar e pararam de repente depois de entrarem, inteiramente surpresos. Encontravam-se numa sala quase vazia, que, não obstante, dava uma impressão imediata da maior harmonia de espírito. Poderia ter sido um pequeno salão de algum palácio abandonado, construído no estilo e na época de Versalhes. A sinagoga fora construída em 1774, no local de um templo mais antigo, datando de 1499, e o arquiteto e os artesãos que trabalharam em seu interior tinham sido treinados no formalismo incomparavelmente delicado de Luís XV.

As paredes da sala alta, com sacadas, eram pintadas de um branco suave e inteiramente almofadadas. Cada painel era enfeitado com madeira entalhada e dourada em motivos de rosas, guirlandas de folhas de palmeira, cestas de flores, conchas do mar e instrumentos musicais — todas as

fantasias e caprichos tão caros ao gosto da Marquesa de Pompadour. Havia vários lustres dependurados do teto, alguns com pingentes frágeis de antigo cristal de rocha, enquanto outros, mais sólidos, eram feitos de cobre bem polido, todos tendo alegres grupinhos de velas amarelas compridas. Uma luz fraca, de um dourado suave, entrava pelas janelas altas.

Tanto Eric como Fauve se sentiram irresistivelmente impelidos a avançarem e se postarem diante de uma grade, de cerca de 1,20m, feita de ferro forjado com detalhes complexos, colocada como proteção, em, volta de um par de portas magistralmente entalhadas e decoradas, que eram, sem dúvida, o foco de todo o templo. As portas, que pareciam dar para algum espaço nobre, eram flanqueadas por altas colunas coríntias, sustentando uma série de frontões complicados, coroados por uma cesta de onde explodia uma profusão de buquês de rosas.

Fauve, procurando no livro guia, viu que eram as portas atrás das quais os pergaminhos da Torá, a Bíblia hebraica, eram guardados quando o templo ainda funcionava como casa de culto. Ela ficou ali, em veneração, procurando imaginar o que veria, se lhe permitissem penetrar no recinto, abrir as portas fechadas do tabernáculo; mas não conseguiu. Era além de sua capacidade.

Eric a ouviu suspirar, com tristeza, e a puxou delicadamente dali, levando—a para o outro lado do templo, que parecia uma jóia, onde eles subiram por uma das duas escadas semicirculares que davam para a sacada almofadada, com guirlandas, que se estendia por toda a largura da sala.

Fauve se inclinou com cuidado na balaustrada, que era feita com a delicadeza de uma renda, e achou que daquele ponto o templo parecia um salão de baile em que ela imaginava senhoras de cabeleira empoada e homens de casacos de brocado, dançando. Mas o livro guia, novamente consultado, lhe informou que ela estava no que fora o púlpito de quem dirigia o ofício. Sua visão de bailarinos desapareceu quando ela olhou para baixo e tentou imaginar o suntuoso templozinho cheio de bancos e os bancos repletos de pessoas vestidas como se vestiam antigamente em toda a Provença, roupas que hoje só eram usadas por cantores populares representando nos festivais.

O passado parecia próximo, como se estivesse logo atrás de uma cortina de luz, tão poderosa e palpável era a atmosfera do lindo lugar deserto que se tomava impossível perceber que estava vazio, assim como era impossível saber como realmente fora, quando em uso. Como todos os lugares santos abandonados, em que um dia a alma humana despejou suas emoções mais profundas, vibrava com uma energia complexa e fazia o visitante calar—se.

Quando o grosso dos outros visitantes começou a entrar na parte principal da sinagoga, Fauve e Eric desceram depressa a escada e foram para o andar térreo do prédio, onde, na antiga padaria da comunidade judaica, a cidade de Cavaillon e a Beaux—Arts tinham instalado um pequeno museu.

Lá, sozinhos de novo, eles se viram numa sala comprida, de teto baixo, com um piso de pedra. Duas vitrinas cheias de fotografias e documentos

ocupavam o centro da sala e em ambas as paredes havia armários iluminados que continham todo tipo de objetos de rituais usados nas cerimônias. Continha até as portas do tabernáculo do templo de 1499, em estilo renascentista, adornado com um baixo-relevo de vasos, com ramos de frutas e flores e pintado com as letras hebraicas das tábuas que Moisés levou do Sinai. Fauve estava contemplando essas portas, que tinham sido novas quase 500 anos antes, procurando penetrar o véu dos tempos, quando Eric a puxou para um dos outros armários.

— Olhe! — disse ele, entusiasmado. — Aqui está um lampião de óleo romano, do século I a.C. Está vendo os dois menorahs na base? Diz aqui no livro que é uma das mais antigas representações do menorah encontrado em solo francês... é 100 anos mais velho do que a Pont du Gard.

Fauve de repente ficou abismada ao ver o objetozinho modesto.

— Ah, Eric, pense só na terra debaixo da qual deve ter sido encontrado.. , tantos metros de terra... história demais... anos demais... quantas gerações há em 2.000 anos, quantos nascimentos e mortes? Não suporto pensar nisso... estou com problema em voltar 200 anos, quanto mais 2.000.

Ela se virou para as vitrinas, com alívio. As fotografias, por velhas que fossem, de algum modo eram dos dias atuais.

Ela foi andando devagar, de um lado para outro, quase cansada, olhando com um interesse decrescente para as cartas e proclamações antigas. De repente, ficou parada diante de uma fotografia, tirada em 1913, de um senhor idoso, bonito e distinto, com um bigode branco bem aparado, terno jaquetão preto e chapéu preto, com a aba virada, de um estilo tipicamente provençal. Ele estava a um lado da grade que cercava as portas do tabernáculo da sinagoga acima deles e, de pé, do outro lado, estava uma mulher imponente, de olhos escuros, vestido comprido, de cintura apertada, com um véu leve sobre os cabelos grisalhos.

— Eric — exclamou ela — venha olhar para isso. Olhe, olhe só! Diz aqui que eles foram dois dos últimos representantes da comunidade judaica em Cavaillon.

— Certamente são imponentes — disse Eric, intrigado com a emoção dela.

— Os nomes deles! Monsieur e Madame Achille Astruc. .. Astruc, nome do meu bisavô! Ah, Eric, ainda não contei sobre ele. David Astruc era pai de Magali., eles podem ser meus parentes! Já eram velhos quando Magali era menina... podiam ser primos, ou tia-avó e tio-avô... ah, não se... alguma coisa...

Fauve estava com lágrimas nos olhos, debruçada sobre a foto daqueles velhos belos e serenos. Eric ficou ali quieto, balançando—a de leve, os braços passados pela cintura dela, enquanto ela examinava a fotografia, entregue a suas conjecturas e assombro.

Passaram-se vários minutos até que os outros turistas começaram a entrar no museu.

— Acho que já vimos o melhor — murmurou Eric e Fauve concordou logo, lançando um último olhar à fotografia, antes de acompanhá-lo pela

escada e ir para fora.

— Estou precisando de uma Coca Cola., e você? — perguntou Eric.

— Alguma coisa fria, com muito açúcar — concordou Fauve, e eles voltaram ao café e quase caíram juntos de uma mesa, com aquela exaustão especial, esgotada mas animada, que só conhecem os turistas que, por algum motivo, foram obrigados a viajar no tempo e não apenas obrigados a observar.

Eric pegou o livro guia e o folheou com curiosidade.

— Quantos judeus terão morado em Cavaillon? Vamos ver.. aqui diz que foi sempre um número reduzido, nunca mais de 300 pessoas no máximo. Isso é interessante, Fauve, os arquivos municipais mencionam que houve um rabino em Cavaillon desde o século XI, mas quando houve a Revolução, em 1790, os judeus começaram a sair da Provença e se espalhar por toda a França e depois de 1793 não há nenhum traço de atividade comunitária. Olhe, aqui tem uma lista dos nomes dos últimos membros da comunidade... é dos arquivos de Cavaillon e separaram os nomes em grupos, para mostrar as origens.

Fauve pegou o livro.

— Há mais nomes franceses do que outros — disse ela — todos com nomes derivados de várias localidades de onde vieram... Carcassonne, Cavaillon, claro, e Digne e Monteau... todos nomes de lugares... e... e bine!

— Lunel? — repetiu ele.

— Lunel! Então deve haver um lugar chamado Lunel! Nunca soube disso! Nunca sequer me ocorreu que poderia ser o nome de um lugar. Ah, Eric, nós temos de poder encontrá-lo no mapa, se ainda existir! Eric, quando podemos procurar Lunel?

Esquecendo—se do cansaço, Fauve estava parecendo pronta para começar a busca logo. Eric sorriu diante de sua beleza ansiosa, franca, impaciente.

— Tem de estar em algum lugar, Fauve, e vou descobrir para você.. . os lugares não desaparecem. Mas hoje não.

Ele tirou o livro da mão dela e olhou para a página que ela estava lendo.

— Há uns outros nomes de origem hebraica, como Cohen e Jehuda, e alguns outros do latim... é daí que vem o seu Astruc, meu bem, de "astrum", astro. O último grupo é estrangeiro, gente de Cavaillon que veio para cá de outros países... Lisbonne e Lubin... um Pole... e...

— É?... — perguntou Fauve, intrigada porque ele tinha parado.

— Maldito seja o tempo! Leva tudo consigo — resmungou ele.

Pessoas de nome Astruc e Lunel tinham pertencido àquele templo que ele acabara de visitar, como se fosse apenas uma curiosidade um pouco maior do que o comum de outra civilização. O passado, provocador, fugidio, estava sempre logo além do alcance e lhe dera um tapa no ombro. Ele estremeceu, assombrado. Se ele soubesse o suficiente, se houvesse documentos — e não havia — por que ele não podia descobrir as origens da família de Fauve até antes de os romanos terem construído a Pont du Gard? Por que se perdera tanto conhecimento? Como tinha sido esquecido?

— Ah, não se preocupe — disse Fauve, compreendendo a emoção dele.
— É só que não é justo, não poder saber, é tão decepcionante... Eric, nós dois somos tão tristemente desinformados e ignorantes, não somos? Somos uma vergonha.

— Somos mesmo.

— Mas imagine... — continuou Fauve, os olhos maiores do que nunca, em suas conjecturas — imagine só... Lunels, Astrucs, Lubins e Carcassones todos indo juntos ao templo... conhecendo—se... as famílias morando bem aqui, durante centenas de anos... talvez um deles foi aquele rabino do século XI... quase os posso ver. E você?

Eric ficou calado, olhando para o rosto dela, lindo e pensativo, tão animado com as visões que ela via. Ele se viu voando de volta do passado e totalmente, maravilhosamente vivo no presente.

— É impossível ver alguém, a não ser você.

— Eric — disse Fauve, ralhando. — Que falta de imaginação!

— Porque eu te amo.

— O quê?

— Eu te amo. Você me ama? Ama, minha querida?

— Não sei... nunca amei antes — murmurou ela.

— Olhe para mim — ordenou ele. Ela levantou as pálpebras devagar e o que ele viu nos olhos dela era tão inconfundível que ele quase gritou de alegria.

— Mas eu não pretendia me apaixonar! — protestou Fauve.

— Agora é tarde — disse ele, triunfante.

Capítulo 25

O escritor que reclama da solidão de seu trabalho, o pintor que fala com melancolia da solidão de seu estúdio, o compositor que declara que está condenado a se trancar para compor música num quarto isolado — todos têm um traço em comum: estão mentindo. Se fossem reconhecer a verdade deselegante, teriam de dizer que há poucos lugares menos solitários do que o espaço privilegiado em que a mente está livre para se concentrar em seu trabalho e não há privacidade mais ciosamente vigiada contra a intromissão.

O grande estúdio em que Julien Mistral trabalhava em La Tournelle fora seu único lar de verdade, durante 40 anos. Quando ele abria as portas, respirava fundo, regalando—se com o aroma complexo, composto do cheiro de tintas à base de óleo de semente de papoula, as telas preparadas, o pinho sazornado usado como estirador, os trapos manchados de tinta, agradavelmente rançosos, espalhados por ali, tudo misturado numa infusão pungente e necromântica. Mistral se via recebido por uma população de imagens que representavam tudo por que ele sempre se interessava. Naquele estúdio ele tinha desenvolvido seus recursos heróicos. De pincelada em pincelada, destilara sua própria vida e a liberação dessa

essência de cada hora de trabalho deixara uma impressão no próprio ar. Os quadros que ele vendera com o correr dos anos lhe pareciam tão constantes, em sua presença, quanto os que ele guardara para si, como se recusassem a partir. Ele nunca tivera um minuto de solidão, em seu estúdio densamente povoado.

Então, perguntou—se Mistral, vagamente, o que era essa sensação que aguilhoava tão insistentemente o seu consciente, a ponto dele se pilham olhando, sem ver, uma tela meio acabada por uma hora seguida? O que era essa inquietação, essa irritação, essa sensação de alguma coisa não realizada, alguma coisa incompleta?

Passou—se um mês até que ele se dispusesse a reconhecer que era a ausência de Fauve, um mês até ele chegar ao ponto em que não podia mais dizer a si mesmo que amanhã ela voltaria, um mês até que ele conseguiu isolar e definir a percepção de que, durante os últimos oito anos, as lições de pintura que ele lhe dava todas as manhãs, durante o seu veraneio, se haviam tornado essenciais para ele.

Ele precisava dela.

Depois da morte de Teddy, Mistral resolvera nunca mais precisar de outro ser humano. Ele largara Fauve sem um momento de hesitação, passara oito anos afastado dela porque tinha medo de que ela lhe lembrasse Teddy. Quando ele não viu semelhança com a mãe no rosto dela, ficou aliviado; nenhum homem podia amar duas vezes como ele amara Teddy e sobreviver. Ele não se podia dar ao luxo de fornecer outro refém assim à sorte. Os nove meses que Fauve passava em Nova York se escoavam sem muito sofrimento, embora devagar demais, pois havia a certeza de que em todos os meses de junho ela voltaria para ele e passariam juntos todo o verão.

Ele nunca poderia acreditar que ela o abandonaria. Não houvera qualquer sinal, na última viagem de Paris, fazia apenas cinco semanas, de qualquer mudança básica nela. Uma nova maturidade, sim, por certo, e um que de insatisfação com seu próprio trabalho, pensando bem, mas qual o verdadeiro artista que algum dia ficava satisfeito? Não, não tinha nada a ver com sua desaprovação das aventuras dela na abstração... certamente Fauve devia saber que, se ela realmente insistisse, tinha a liberdade de pintar com uma vassoura em vez de com um pincel, de pintar alvos de arco e flecha ou quebra—cabeças, de fazer bolos de lama e aparelhos de gesso. Tudo isso não era mais que um pretexto conveniente. O motivo por que ela o deixara era Eric Avigdor. Fauve fora filha dele até a noite em que conhecera o rapaz.

Era uma explicação tão simples e tão óbvia, que Mistral não compreendeu como não tinha visto isso antes. Kate estava certa, tinha toda a razão — talvez se ela não tivesse dito nada, ele teria entendido logo, mas sempre que se tratava de Fauve, ele desprezava todas as opiniões de Kate.

Afinal, onde é que Fauve estivera, nos dias que se tinham passado? Arles, disse ela, e Cavailon, Nimes e Orange, Carpentras, Tarascon, St. Rémy e Aix—en—Provence. Ah, que banalidade turística! Sobre o que ela conversava, nas poucas noites em que lhes fizera o favor de lhes conceder

sua companhia, ao jantar? Uma mistura irritante de assombros arquitetônicos — nenhum dos quais Mistral achava comparável a uma única cerejeira em flor — e as descobertas que ela estava fazendo, pouco a pouco, naquele assunto mais confuso de todos, a história dos judeus da Provença.

Ela achava que ele se interessava por uma palavra daquilo? Ele não tinha nada contra os judeus, eles apenas não o interessavam, assim como não o interessavam os maometanos ou hindus. Por que ela estava fascinada com um passado que não tinha nada a ver com ela, e tão pouca relevância com o mundo moderno? Teria ela idéia de como o tema era rebuscado?

Maggy, que afinal era judia, nunca pensara nisso, ao que ele se lembrasse, e Teddy só se importava com o presente que eles viviam juntos. No entanto, lá estava a filha dele, remexendo nas sinagogas, em Avignon, em Aix, em Carpentras. Sinagogas!

Ainda na véspera, não controlando sua irritação, ele lhe perguntara por que, já que ela estava passando por uma fase religiosa, e já que três de seus quatro avós eram católicos, por que ela não visitava as catedrais?

— As catedrais são acessíveis demais — dissera ela, com um ar enlouquecedor de estar satisfeita consigo. — Existem por toda parte, não há uma cidade sem uma ou duas... são velhas, mas não têm mistério.

Mistral largou a paleta e desistiu de qualquer tentativa de continuar a trabalhar. Começou a andar pelo estúdio, num pânico crescente. Estavam quase no meio de julho. Dentro de mais seis semanas, a visita de verão de Fauve Maria terminada e ela estava a ponto de se distanciar dele. Quando voltasse, no ano seguinte, teria 17 anos — não seria mais criança — e ele teria 70. Setenta anos! Ora, era apenas um número. Ele tinha mais energia, mais curiosidade do que tinha aos 50 anos.

Era o comportamento de sua filha adolescente que o aborrecia e não o peso dos anos. Exposta às atenções do primeiro rapaz que reparara nela, Fauve tinha ficado caprichosa, tonta e cheia de entusiasmos exagerados e momentâneos. Ela precisava voltar à terra, era só isso.

Em cada um dos verões passados, Fauve tinha posado para um retrato, mas naquele ano ela passara tanto que ele não tivera a oportunidade de exigir tempo dela. Tudo quanto estavam acostumados a fazer juntos — as ações de pintura e a pose, as visitas ao café de Félice, tudo havia sido modificado pelo aparecimento desse rapaz abominável na vida de Fauve.

Mistral tirou a tela do cavalete e a encostou à parede, sem cuidado. Movendo-se ansioso como um rapaz indo a um encontro com a mulher que amava, ele foi ao canto onde estavam empilhadas suas telas em branco e escolheu a maior que encontrou. Sim! Um retrato de corpo inteiro, uma ode, um hino a Fauve Lunel e sua minissaia — ela havia de gostar disso.

— Descobri por que Avigdor significa "o juiz" — disse Eric a Fauve. — Parece que no livro das Crônicas, o nome é usado duas vezes e uma interpretação posterior diz que é um dos nomes de Moisés. Eu falei ao meu pai e ele disse para eu não me entusiasmar muito com isso... não havia legisladores na minha família, ele me informou, mas apenas antiquários, até

ele aparecer, e agora um arquiteto em formação.

— Que maravilha! — disse Fauve, com orgulho.

Os dois estavam num sebo em Avignon, procurando livros que pudessem ajudá-los em sua busca de conhecimento histórico. Até então tinham tido pouca sorte de verdade, só encontrando poucas referências nos livros, mas Eric não se desencorajou.

— Como é que você descobriu?

— Dei um telefonema. Foi um palpite louco, mas eu sabia que tinha de haver um rabino numa cidade grande como Marselha, de modo que procurei o número dele no catálogo, liguei e perguntei. Ele disse para eu ligar de novo dali a dois dias, para ele ter tempo de pesquisar. Quando liguei, ele me disse. Nem pareceu ficar espantado, com o pedido. Talvez ele receba muitos desses telefonemas.

— Hum... é provável — disse ela, desinteressando—se.

— Fauve, o que é que há?

— É o meu pai.

— O que é que há com ele? Olhe, eu sei que ele não gosta de mim. Ninguém pode acusar Julien Mistral de ser bom ator. Ele fica pairando bem nos limites extremos da tolerância, quando vou buscar você. Mas desde que ele permita que eu entre lá, tudo bem.

— Não, não é você.

Fauve sentou—se na escada que dava para o andar de cima da livraria e passou os braços em volta das pernas compridas. Estava com um comissão de cambraia, sem mangas, franzido, com um saiote. Era atado na frente como o corpete de uma atriz de um velho filme de banguê—banguê, sendo a última moda em todas as butiques do Midi. Suas madeixas de cabelos, agora bronzeados na luz difusa da escada, caíam em ondas pesadas sobre os seios. Se ela estivesse com uma saia por baixo, em vez de blue jeans, pareceria uma donzela vitoriana se aprontando para ir para a cama. Havia uma riqueza insinuante na beleza dela, pensou Eric, olhando para ela, que despertaria o poeta no mais experiente dos homens.

— Ele sempre pintou um retrato de mim, todos os versos — continuou Fauve. — Quer que eu pose para ele, a partir de amanhã Não posso recusar, Eric, é impossível, ele ficaria magoado demais. É uma tradição conosco. Já me sinto bem culpada por não deixar que ele me de aulas de pintura. Ele não falou mais nada sobre isso, mas quando o vejo na hora do café da manhã, sei que está na cabeça dele, e que ele só está se controlando. Ah, Deus...

— Acho notável que você tenha tido a força de vontade de continuar a resistir — disse Eric.

— É preciso — disse Fauve, com simplicidade. — É uma questão de autopreservação: O papai não entende conscientemente que, na verdade, ele quer que eu o imite. Isso está implícito em tudo o que ele me mostra, tudo o que me diz, embora ele o negue, achando estar dizendo a verdade. Sabe, meu pai acha que o jeito dele é o único jeito... não tem uma palavra de elogio para nenhum outro pintor vivo., os únicos que ele admira já

morreram. Mas o trabalho dele vem dele, vem de seja o que for que há dentro dele, e isso não se pode ensinar.

— Então, todos esses anos de lições... — disse Eric.

— Ah, não foram desperdiçados. eu tenho habilidade técnica... não vou ser modesta quanto a isso.., mas há muitos outros pintores que também têm. Se tiver mais alguma coisa, só vou saber quando começar a trabalhar no meu próprio estilo. E nunca hei de descobrir esse estilo, se continuar a aprender com ele.

— Por que você esperou tanto tempo para se decidir?

— Até o ano passado, eu me contentava em pintar "pequenos" Mistrais. Frequentemente uma escola de pintura em Nova York e os professores têm receio de me criticar de verdade por causa de quem sou e porque andei fazendo trabalhos no estilo dele. Eles ficam tão impressionados com quem ele é que não consigo que me digam uma palavra honesta. Levei muito tempo para entender isso... acho que fui burra.

— Burra não, querida, só jovem — disse Eric.

— O papai sempre me elogiou demais — acrescentou Fauve, pensativa.
— Não sei se um dia chegarei a ser boa mesmo, mas sei muito bem que não posso ser tão boa quanto ele diz que sou. Ele provavelmente só está fazendo isso para me encorajar, mas o efeito é o oposto: como sei que o meu trabalho não merece elogios tão extravagantes, eu me pergunto: merece algum elogio? Se eu não soubesse mesmo pintar, ele diria, mas estou numa posição intermediária. Sei pintar, como um Mistral muito inferior, e isso eu não quero! Se algum dia eu quiser fazer alguma coisa minha, seria fatal continuar a estudar com ele.

— Você não podia dizer tudo isso a seu pai e fazer com que ele entenda?

— Acho que não conseguiria ir além do meio da primeira frase. Você nunca o ouviu discutir, ou melhor, pontificar. E mesmo se ele me ouvisse até o fim, e conseguisse entender o que eu estava dizendo, não é possível trabalhar lá naquele estúdio. Tem uma tal influência que a gente não pode imaginar ver as coisas de outro modo senão do dele. Domina a minha própria imaginação, se é que existe. Mas tenho de posar para ele, não há outra saída.

Eric sentou — se aos pés dela.

— O que é que isso significa, em matéria de tempo?

— Ele queria trabalhar algumas horas de manhã e algumas depois do almoço. Eu disse que só podia posar para ele de manhã. Ele replicou que só nos restam seis semanas, que as manhãs não bastavam, mas insisti. Eu me sinto dividida, Eric. Nunca me senti desleal na vida e agora me sinto desleal para com vocês dois.

— Nada disso. Você está sendo leal para com nós dois. Fauve, querida, querida, não se atormente. Sei como andei tomando o seu tempo e não posso culpar seu pai. Ainda temos as tardes e as noites. Olhe, eu estava guardando isso para mais tarde, mas você está precisando de se animar.

Eric tirou da mochila um livro velho, encadernado em couro, e o deu a Fauve.

— Acredite ou não, a minha mãe me deu isso ontem. Ela afinal se lembrou de que o tinha guardado em algum lugar. Foi publicado em 1934 e o acharam na casa de minha avó, quando ela morreu. Parece que ninguém na família se deu ao trabalho de ler isso.

— Histoire des Juifs d Avignon et du Comtat Venaissin, de Armand Mossé — Fauve leu o título do livro com uma voz cada vez mais entusiasmada. — É isso! Tem de ter isso aqui! O Comtat inclui toda a região vizinha. Ah, que colosso! Já começou a ler?

— Não, achei que podíamos ler juntos, mas agora que não temos tanto tempo, você pode levá-lo e ler quando puder. Talvez possa ler enquanto estiver posando.

— Não com o meu pai. Ele não permite nenhuma distração, nem movimento de olhos, eu mal ousou engolir. — Fauve abaixou—se e pegou o livro nos braços, embalando—o no colo. — Vou ter bastante cuidado com ele, prometo. Até quando será que remonta?

— Olhei para a primeira página e parece que os judeus estavam sendo exilados de Roma e mudando—se para a França, quando Tibério era imperador... mais ou menos no ano 20 a.C. ...portanto, se é antigüidade que você quer, vai encontrar.

— Ah. . . eu estava esperando alguma coisa mais contemporânea.

— Um... E o Vento Levou judeu?

— Bem... por que não, afinal?

Fauve estava de pé junto do tablado de modelos com o mini rosa shocking que ela usara na noite em que conheceu Eric, em Uzès. Já que não podia estar com ele, enquanto posava, pelo menos podia usar o que estava usando da primeira vez que o vira. Ela sentia necessidade de estar em contato com Eric, em todos os momentos do dia.

Agora que ela se conformara com as horas de pose de manhã, viu que eram bem—vindas, de uma maneira inesperada. Isso lhe dava tempo para pensar em Eric, de verdade, coisa que antes ela não tinha. Eles tinham passado juntos quase todos os dias do verão e quando ela chegava em casa, estava muito aturdida com o ímpeto lento e doce dos beijos dele, para ter qualquer pensamento, a não ser um espanto quase vertiginoso por ver que uma felicidade dessas podia existir. Que mundo de assombros, em que podia viver um Eric, vagando às soltas como se fosse igual às outras pessoas, um mundo em que ele a amava. O assombro era tão grande que chegava a ser indecifrável, mudava tudo, tomava todos os seus anos passados um país distante de onde ela navegara sem nem olhar para trás.

Ela pensou na simetria firme do crânio de Eric entre suas mãos, quando ela as passava pelos cabelos castanhos dele, tão limpos e espessos que resistiam aos seus dedos. Ela chegava a sentir a redondeza sólida do osso nas pontas dos dedos. Ela estava de pé, de sapatilhas de balé, os pés em ângulo reto um com o outro, o peso sobre uma das pernas, a outra levemente dobrada, as mãos viradas para fora e os braços pendurados frouxos atrás das costas. Era uma pose, que Mistral escolhera como um tributo a Degas, dizendo que aquela saia rosa era mais curta do que qualquer tutu e podia até

ter provocado um sorriso naquele grande velho mal—humorado.

Para Fauve, posando pacientemente, a imagem de uma pequena cicatriz triangular no rosto de Eric, logo abaixo do olho direito, recordação de uma queda quando ele tinha cinco anos, era mais real para ela do que o som dos passos de Mistral afastando—se do cavalete.

Em seus lábios ela sentia como era lisa a pele quente quando ela beijava Eric na ponta da orelha e depois, abaixando os lábios meio centímetro de cada vez, o beijava de leve e delicadamente pelo lado da face bem barbeada e no queixo e por fim, devagar, aproximava os lábios da boca sequiosa do rapaz.

Ele dissera que Fauve possuía os lábios mais macios do mundo, mas ela replicava que não podia fazer comparações semelhantes, porque nenhum dos outros garotos que beijava na vida tinham dado beijos memoráveis. Ela sorriu, lembrando—se do recuo dele ao ouvir aquilo, perguntando quantos garotos ela já tinha beijado. Alguns, respondera ela, só alguns, uns poucos, pateticamente poucos, sabendo que nada o enfureceria mais. Ela não conseguia evitar de enciumá—lo, porque ele era quatro anos mais velho e, naturalmente, com muito mais experiência que ela, embora ele nunca se referisse a isso.

Ele era tão infernalmente protetor diante dos 16 anos dela, pensou Fauve, franzindo a testa, sem saber que Mistral estava notando todas as mudanças de expressão de seu rosto. Ela agora desejava violentamente ter mentido a Eric, quando ele lhe perguntara a idade. Se ela ao menos tivesse dito que tinha 18 anos! Com sua altura, ela bem poderia tê—lo feito acreditar, especialmente porque ele não tinha meios de compará—la com uma americana de 18 anos e adivinhar a verdade. Mas ele sabia que ela mal saíra de seus 15 anos e ele tinha uma determinação galante, idealista, de não se aproveitar dela.

Na véspera, eles tinham jantado cedo num pequeno restaurante italiano, bom e barato, chamado La Mamma, em Villeneuve—les—Avignon, e depois foram explorar o jardim do Le Prieuré, não o roseiral formal, cercado de santolina e umas antigas com gerânios pendurados, onde cresciam as flores frescas que eram colocadas todo dia nos quartos dos hóspedes.

Como todo o pessoal do hotel estava concentrado na chegada dos freqüentes que iam jantar no restaurante, eles haviam escapulado, sem serem vistos, pela garagem e depois pela sala da caldeira do hotel, indo sair no jardim murado das flores de corte, um paraíso de flores, cercado por essas coisinhas ocas e vermelhas chamadas lanternas chinesas.

Eles perambularam por lá, os braços passados apertados pelas cinturas, e depois foram descansar encostados a uma pereira velha, crescida demais, sem poda, que ficava nos confins do jardim.

Estavam inteiramente sós e protegidos de vista pelos galhos da árvore e Fauve se atirara sobre Eric, empurrando—se contra ele e esfregando—se para cima e para baixo. Não se importava de parecer desajeitada ou agressiva; o que ela não soubesse sobre o ato de fazer amor ela aprenderia,

havia de aprender. Mas ele a afastou, a princípio delicadamente e depois com resolução, segurando—a a distância.

Não, dissera ele, era evidentemente impossível e ela mesma devia ver isso. Se ele a deixasse continuar assim, aquilo ia levar adiante e depois ainda mais adiante e eles não conseguiriam parar, não iam querer parar, ela não entendia? Ela era muito jovem, não seria direito, não seria justo... Fauve suspirou profundamente, pensando se ele teria razão, desconfiando que talvez tivesse, mas, ah, como ela o desejava.

— Fauve! Não posso trabalhar se você ficar aí fazendo caretas e mais caretas! Quer tentar ficar com o rosto fixo um minuto, ou vamos parar?

Fauve soprou o cabelo da testa, fazendo um exagerado beicinho.

— Não estou fazendo caretas, estou pensando. Quer fazer um retrato de uma boneca sem cérebro ou de uma mulher que pensa?

— Ah! Tem certa razão, embora seja um pouco prematuro. Está bem, vamos descansar um pouco.

Fauve saiu de sua pose e desenroscou o corpo como um pedaço de corda comprida, esticando todas as juntas. Depois, foi para a poltrona comprida no canto do estúdio e sentou—se, pegando o livro velho que Eric lhe dera. Dento de alguns segundos, estava absorta.

Mistral já sabia demais sobre aquele livro. Quando tinham começado o retrato ela o levava e, em todos os intervalos, voltava a ele, muitas vezes parando para ler trechos em voz alta. Por fim, irritado, Mistral disse que aquilo perturbava sua concentração e que já era bem ruim um pintor precisar dar descanso ao modelo a toda hora, sem, ainda por cima, ser obrigado a absorver uma lição de história.

— Bom — disse ela, com calma — tudo bem, mas isso aqui é um negócio incrível. Mais tarde eu lhe conto — e voltou à sua leitura.

No ano anterior, sempre que estava na hora de um descanso, eles conversavam sobre a sua pintura, ou então ela o divertia contando casos de suas duas amigas, Pomme e Épinette, que, por estranho que parecesse, eram netas de dois dos membros de sua equipe original de boules no café da aldelá.

As vezes, ele se lembrava, amargamente, eles iam—se sentar ao sol do lado de fora do estúdio, para conversar sobre o status do Union, Sportif de Félice, a valente equipe de futebol que vivia empenhada numa luta perpétua e prolongada com os outros times de futebol das aldeias vizinhas. Muitas vezes, nesses minutos preciosos, ele lhe explicara por que a arte era a única coisa que valia a pena fazer num mundo caótico, a única coisa que tinha alguma possibilidade de perdurar. A história, disse ele, era apenas história daquilo que as pessoas achavam que tinha acontecido, ou queriam que você acreditasse ter acontecido. Não se pode confiar na história.

E agora lá estava ela, obviamente mergulhada na história como se fosse a revelação de uma verdade imutável. O que ele não dana para ter a filha de volta, para ter a Fauve do ano anterior, em vez dessa "mulher que pensa", como ela se descrevera? Quase qualquer coisa, pensou Mistral, quase tudo, mas o que ele tinha para dar, que uma garota de 16 anos poderia querer?

— Pronta para continuar? — perguntou ele.

— Ah... claro. Mas papai, você se importava muito se nós hoje parássemos mela hora mais cedo? Os pais de Eric estão passando uns dias em Aix, para o festival de música, e nos convidaram para almoçar no Vendo —me... a viagem leva uma hora e mela e não quero me atrasar. Está bem, só por hoje? É só meia hora.

O que ele podia dizer? Insistir para ela ficar? Que ela compensasse no dia seguinte? Não era a primeira vez que a pose era abreviada, por um motivo ou por outro. Para dizer a verdade, disse para si mesmo, a cara fechada, não era a primeira vez que ele se dava conta de que, para posar para ele, ela estava desistindo de alguma excursão que exigia uma partida cedo e uma volta tardia. Quando ele a pintou, em todos aqueles outros versos, o tempo que passavam juntos era cheio de uma comunhão profunda, cuja melodia ele só apreciava plenamente agora que ela desaparecera, sendo substituída pelo senão do dever e uma afeição distraída.

— Claro, Fauve, pode ir. Podemos parar agora, se quiser. — Ah, papai! Você é um amor! Obrigada!

Liberada, ela o abraçou depressa e saiu correndo do estúdio, sem nem pensar em esconder o seu sentimento de alívio.

Sim, notou ele, o queixo duro com uma raiva surda, uma linha de dor, de orgulho ferido, ela não se esquecera de levar consigo aquele livro desgraçado.

Se a classe é conseguida quando a sua superfície exterior corresponde perfeitamente à sua verdadeira personalidade, quando você aparenta ser o que é, então Nadine tinha uma classe extrema, pensou Fauve, ao se reunir ao pai, à madrastra e à meia irmã para um raro jantar em família. Nadine acabara de chegar de Paris para passar alguns dias em La Tourrelle, deixando o marido ocupado com os detalhes de um negócio. Mistral detestava o homem com quem ela se casara e existia um acordo tácito entre Nadine e Kate para não lembrar a Mistral a existência de Phillipe Damas mais do que o necessário.

Quando Fauve foi passar o primeiro verão na Provença, Nadine tinha 15 anos e meio, um ano e meio mais moça do que Fauve era agora. E no entanto, mesmo então, ela parecia mais sofisticada do que qualquer pessoa que Fauve já tivesse conhecido.

Essa primeira impressão só fora confirmada com a passagem do tempo.

Agora, aos 23 anos, Nadine era toda feita de arestas ásperas e brilhantes. Os cabelos louros formavam dois arcos brilhantes e reluzentes debaixo do queixo, como se fossem um véu de freira truncado, a franja lisa e comprida pare cia poder cortar sua testa, os olhos delineados em linhas definidas em verde escuro, com uma precisão egípcia.

Os planos de seu nariz eram apurados a um ponto que apenas escapava de torná-lo pontudo, os dentes tão brancos e regulares que lembravam a Fauve que o seu propósito primordial era o de morder. O queixo tinha uma linha de faca, mas o lábio superior ainda se curvava em seu eterno sorriso. Ela era interessante, reconheceu Fauve. Era quase impossível deixar de ficar

olhando para Nadine. Onde quer que ela estivesse, de pé ou sentada, esse lugar era sempre o centro do palco.

Nadine Mistral se apresentava como era, sem qualquer esforço para disfarçar a alta conta em que se tinha. A superioridade era manifesta na perfeição absoluta de suas calças de linho branco, de corte impecável, nas linhas simples e elegantes de sua blusa de seda preta, enrolada e amarrada em sua cintura fina, no magnífico par de brincos de ônix rodeado de brilhantes pendentos dos lobos das orelhas.

Ela não se permitia nenhum defeito, nem mesmo uma unha mais curta do que as outras. Ninguém sabia quantas horas por dia eram necessárias para alcançar aquela aparência implacavelmente reluzente, mas Fauve tinha certeza de que havia mulheres que podiam passar a vida tentando imitar a elegância glacial e insolente sem jamais o conseguir, pois, à última hora, ficariam tentadas a por mais um colar de pérolas ou afofar um pouco os cabelos ou enfiar uma flor numa faixa. Nadine era, a seu modo, uma minimalista, que fazia suas declarações com o mínimo possível de elementos.

A determinação de Kate Browning, de se dedicar a Julien Mistral desde o primeiro dia em que viu o homem e sua obra, fora em grande parte transferida para a filha Nadine. Os quatro anos em que Mistral a largou por Teddy Lunel e, depois da morte dela, para vagar pelo mundo, tinham trancado Kate na mais apaixonada das ligações maternas. Por mais importante que fosse, e sempre seria, para ela, ser Madame Julien Mistral, sua segunda preocupação agora era a felicidade da filha e sua situação na vida.

Desde o casamento de Nadine, Kate vivia num estado de fúria impotente contra Mistral, que se interpunha entre Nadine e o seu status de direito, como uma das maiores herdeiras da França. Com o tempo, Nadine havia de herdar tudo o que Julien possuía, o tesouro de quadros no depósito, a propriedade rica e rendosa de La Turrello, as contas em bancos, seus investimentos; toda essa vasta fortuna seria dela, pela lei francesa. Mas, enquanto isso, Nadine tinha sido obrigada a aceitar um emprego para manter o seu tipo de vida.

Dois anos antes ela se casara com Phillippe Dalmas, homem que, na falta de uma descrição mais específica, era sempre citado na imprensa como "um investidor". Ele fora famoso nas páginas das colunas sociais dos meios de comunicação muitos anos atrás, antes de conhecer Nadine, devido aos casos que tivera com uma porção das mulheres mais disputadas da época. Phillippe muitas vezes era chamado de "o homem mais arredio de Paris" porque, aos 39 anos, nunca se casara.

Por profissão, era um intermediário, juntando pessoas que precisavam de dinheiro e as que o possuíam para investir. Por algum motivo, só alguns de seus negócios se concretizavam e suas comissões sobre estes davam justo o suficiente para ele se sustentar com grande classe, como solteiro.

Phillippe podia se dar ao luxo de ter um caseiro camareiro, tinha dinheiro suficiente para mandar fazer seus ternos sob medida em Larsen, onde podia escolher entre as 700 peças de casimira que enchiam as prateleiras como

livros raros, e sua coleção de lenços de pescoço — pois nunca usava" sobretudo — era da grande casa de Hilditch e Key. Seu pequeno apartamento ficava num prédio irrepreensível, perto do Arco do Triunfo, e era bem mobiliado com algumas boas peças estilo Império, mas o seu único capital de verdade era o seu encanto.

Phillipe Dahmas era o Melhor Convidado do Mundo. Divertido, bonito e magnificamente heterossexual, era assunto de devaneio de todas as donas de casa.

Quando Nadine conheceu aquele homem sensual, dedicado ao prazer, dado e recebido, um homem envolto numa imensa aura de impossibilidade, ela logo resolveu conquistá-lo. Quanto a ele, vendo aproximar-se o seu 40º aniversário, achou que era um momento sensato de terminar a sua triunfal vida de solteiro. Ele não tinha qualquer intenção de passar sua meia idade visitando a casa dos outros, por mais agradáveis que fossem.

Nadine conseguiu casar com ele, quando tantas outras falharam, graças ao meio simples e banal de aparecer na vida dele no momento certo. Seus 21 anos riosos, sua perfeição deslumbrante e, naturalmente, suas perspectivas incontestáveis como filha de Julien Mistral, a tornavam uma escolha quase inevitável, pois embora Phillipe Dalma nunca se casasse se por dinheiro, ele certamente não poderia se dar ao luxo de se casar com alguém que não tivesse dinheiro.

Nadine Mistral e Phillipe Dalmas tinham em comum o tipo de superficialidade profundo, nato, que se pode tornar, quando bem montado, urra certo tipo de objetividade. A profunda atenção que dispensavam às aparências dava um falso brilho a cada um e, juntos, eles constituíam um casal inesquecivelmente decorativo, como um par de objetos raros, polidos a um grau invejando todas as anfitriões de Paris se conformaram com a perda de Phillipe como homem solteiro, começaram a concorrer umas com as outras pela presença dos Dalmas, que tinham um desses casamentos em que tanto marido e mulher, juntos, se tornam a estrela única de uma noite.

Kate teria desprezado certas ambições mais elevadas que há muito nutria para a filha, pois não podar negar que Nadine adorava o marido, se não fosse Julien Mistral, que depois de passar meia hora com Phillipe Dalmas, chegou à conclusão de que o presente de casamento que ele é deu ao casal foi apenas um apartamento de tamanho médio na Avenue Montaigne, o mínimo, conforme Kate conseguiu convencê-lo, que eles poderiam decentemente oferecer.

Desde então, a mesada que ele lhes poderia ter dado, tão facilmente, nunca fora paga — e nem seria, ele garantiu a Kate, enquanto ele visse. Tampouco lhe era possível agora dar presentes caros ao casal. Mistral, que permitira que a mulher tomasse todas as decisões financeiras por ele, durante o seu longo casamento, de repente insistiu em tomar a si toda a corresponsabilidade com seus Marchands e banqueiros.

Kate ficou impedida de manusear em segredo qualquer de vulto e o único dinheiro que ela ainda podia gastar livremente era o necessário para a manutenção de La Tourrelle. Ela estava reduzida a pouco mais que uma

caseira e administradora de propriedade, pensou ela com ódio.

Nadine, porém, aceitou essa decepção com a filosofia de quem tem um pai com quase 70 anos. Isso era provisório, afinal, e entretentes era chique e divertido ela ter de trabalhar para ganhar a vida, mais interessante do que se fosse apenas mais uma moça rica, especialmente já que não podia haver dúvidas quanto à riqueza imensa que um dia teria. — Nadine arranjara para si um emprego que a exibia com perfeição. Trabalhava com Jean François Albin, o único outro costureiro francês que gozava do nível de importância internacional de Yves Saint Laurent.

O trabalho dela não tinha um título específico e seus limites eram difíceis de definir. Não era chefe de relações públicas, pois esse cargo, com seus detalhes técnicos de lidar com a imprensa mundial, era preenchido por Lily de Mars, que fora treinada com Dior; tampouco ela estava envolvida no desenho das roupas, ou em sua venda, ou qualquer dos negócios da casa de Albin. No entanto, de um modo que era tão claro como se fosse oficial, Nadine estava empregada para ser a melhor amiga de Jean François Albin.

Ela era o único ser humano no mundo sem o qual ele simplesmente não podia funcionar. Ela agia como um escudo entre ele e o mundo inteiro, que ele via como cheio de brutos, ou, no máximo, inimigos, gente sem sensibilidade. Ele acreditava que só Nadine nunca lhe mentiria. Estava convencido de que ela era a única pessoa que não procurava alguma espécie de melhoria por sua ligação com ele, pois o que é que a filha de Julien Mistral poderia lucrar com a intimidade de um costureiro, por mais famoso que fosse?

Para Albin, Nadine Dalmas era a encarnação idealizada da mulher para quem ele fazia seus figurinos. Ele atribuía a ela poderes quase místicos, para consolá-lo, inspirá-lo e repousá-lo. Ele agora precisava dela ao seu lado em todos os momentos de crise. Henri Gros, o sólido homem de negócios que era sócio de Albin numa casa de couture, próspera com os lucros de três perfumes e uma porção de contratos de licenças de âmbito mundial, ficou encantado em pagar a Nadine um bom ordenado por sua dedicação, por mais vago que parecesse ser o seu papel. A máquina criadora frágil que era Jean François Albin tinha de ser alimentada, consolada e compreendida, a todo custo, para poder continuar a produzir duas coleções por ano.

Enquanto Nadine conversava sobre seu trabalho, ao jantar, com os pais e Fauve, sua maneira altiva, fria e airosa, que não era afetada e sim sua forma de expressão natural, não mudara em nada. No entanto, era evidente que ela estava absorta em sua vida. Ela falava, como sempre, num tom igual e confiante, um pouco mais forte do que o das outras pessoas, de modo que estas às vezes paravam suas conversas para ouvi-la.

— Sabe, papai, Jean François estava quase em colapso. A nova coleção está toda pronta, até ao último detalhe e botão, mas na quarta-feira passada ele me telefonou, desesperado, no meio da noite, e corri para o ateliê para encontrá-lo a ponto de meter a tesoura em todas as peças de roupa. Eu o levei dali com tanto cuidado como se ele fosse sonâmbulo e disse que íamos à melhor clínica de St. Cloud, onde ele faria uma sonoterapia até

à segunda—feira, e fiquei segurando a mão dele até ele estar dormindo em paz. Na segunda feira, quando eu voltar, ele estará novo.

— Isso costuma acontecer com frequência? — perguntou Kate.

— Ele só teve problemas, nesses últimos meses — explicou Nadine — nossas cinco manequins negras nos abandonaram para ir trabalhar para Givenchy e aquela casa de veraneio de que lhe falei na Sardenha o está deixando alucinado de preocupação. Naturalmente, Jean François insiste com o decorador para que pegue os brocados antigos mais preciosos e os drapeje como cassa e use madeiras marchetadas com a mesma facilidade como se fosse madeira bruta, mas o sujeito parece que não consegue cumprir as ordens.

— Puxa vida! — murmurou Fauve para si mesma.

— Felizmente — continuou Nadine — pude tirar muitas dessas responsabilidades de cima do François e deixá—lo livre para se concentrar na sua arte, mas, por mais que eu faça, no final é a decisão dele que prevalece e este ano e o pior de todos. Afinal, ele não pode ignorar que se tornou um objeto de culto.. , não há nada que torne a pessoa mais vulnerável do que ser elevada a esse tipo de adoração... e no entanto, o que ele pode fazer? Tem de se expor, vezes e mais vezes... tem de se arriscar, tem de mudar.

— Mudar o quê? — perguntou Mistral, empurrando o prato.

— O comprimento, papai, Jean François acha que chegou o momento de impor o comprimento máximo... a mini morreu... mas como é que essas vacas do público podem ser suficientemente sutis e ousadas para acompanhá—lo? Podem subir ao plano dele? Ele estava com tanto horror dos compradores e da imprensa... não sei se conseguirá enfrentá—los, quando terminar a coleção.. .

— Então, para que faz—lo? — resmungou Mistral.

— Se ele não aparecer para agradecer, papai, os boatos vão recomeçar. Vão dizer que ele morreu ou está drogado ou trancado num hospício... nem posso imaginar como ele suporta isso. A tentação, claro, é fazer um conchavo, criar um comprimento que não seja revolucionário, mas apenas evolutivo. Mas Jean François é um artista grande demais para não ser fiel a si mesmo.

— Diga—me — falou Mistral — que idade exatamente tem Jean François?

— Ninguém sabe ao certo, nem mesmo eu, mas acho que deve estar com quase 40 anos.

— Ele parece uma criança. E se você viver num mundo de criança, vai baixar ao nível dele — disse Mistral, com desdém.

— Basta de Jean François — disse Kate, com rispidez, correndo para salvar a conversa. Ela conhecia bem a opinião de Mistral quanto ao valor da haute couture e sabia como Nadine se tomaria glacial, se Jean François fosse criticado. — Nadine, você precisa pedir a Fauve que lhe conte sobre o verão dela... tem sido uma revelação, positivamente.

Nadine olhou para a mãe e percebeu um brilho nos olhos dela. Elas

nunca tinham precisado de palavras para se comunicarem. Ela deu de ombros e virou — se para Fauve.

— Pensando bem, você hoje está muito calada, o que não é normal. No entanto, parece que ouvi falar alguma coisa de você e um jovem arquiteto simpático. Então, Fauvezinha, afinal dignou — se a reconhecer o sexo masculino? E o que acha do primeiro amor, hem?

Nadine falou com uma curiosidade fria, tão penetrante que Fauve quase recuou. Instintivamente, procurou um meio de desviar essa curiosidade, pois Nadine, como um gato com um bichinho na boca, não largaria o objeto de sua atenção até ficar satisfeita.

— Acho o sexo masculino maravilhosamente útil, obrigada. Como é que passei todos os verões aqui sem outro transporte a não ser a minha bicicleta?

Esse rapaz tem carro, de modo que pude convencer — lo a me levar para passear por aí... vi mais dessa região em seis semanas do que nos últimos oito anos.

— Então o seu interesse é meramente turístico? Fauve, espera que eu acredite nisso?

— Pode acreditar no que quiser..., estou investigando a história dos judeus na Provença.

— Meu Deus, mas que coisa tão bizarra... pensei que estivessem todos em Paris!

— L o que muita gente acha — disse Fauve, quase rindo diante do sucesso de seu expediente. Nadine nem perguntara o nome de Eric. — Os judeus têm vivido aqui há 2.000 anos.

— Há 2.000 anos..., tem certeza, Fauve? — disse Nadine, devagar. Seu olhar, do verde da malaquita, era positivamente duvidoso.

— Claro! E até o tempo das Cruzadas foram tratados mais ou menos como todo mundo. Até os vândalos, visigodos e outros bárbaros os deixaram em paz, quando invadiram a região. Foi só no século XII, quando os reis de França foram reconquistar a Terra Santa, que realmente começaram a perseguir os judeus.

Fauve teve de largar o garfo, entusiasmada com a oportunidade de falar sobre as revelações que ela encontrava todo dia no livro de ás quais tanto o pai como Kate pareciam tão indiferentes. Ela agarrou aquela oportunidade avidamente, embora soubesse perfeitamente que só parecera porque Kate queria evitar uma discussão.

Fauve estava positivamente acesa, com nomes, datas e estatísticas. Parecia que o Papa Alexandre VI e Júlio II, que tinham ambos empregado judeus como seus médicos, eram seus amigos pessoais. Com igual ardor ela odiava Júlio III, que ordenara a queima do Talmude.

Ela estava por demais empolgada em seu assunto para notar o desdém velado que passou de Nadine a Kate, enquanto ficava cada vez mais indignada falando sobre os mais de 500 anos, só terminando com a Revolução, durante os quais todos os judeus da Provença tiveram de se submeter, desde a infância, a usarem uma aplicação amarela em mas roupas. Mistral ficou ouvindo, sem expressão, enquanto ela descrevia os

horrores dos velhos guetos, trancados todas as noites, em que inúmeras gerações moravam em barracos apinhados e sem ar, enquanto todos os outros homens tinham a liberdade de viverem livres e a vontade no vasto e rico vale do Vaucluse. Os regulamentos, cruéis, restritivos e arbitrários, que as autoridades impunham a todos os aspectos da vida judaica, foram jorrando dela num monólogo comprido e ardoroso. Mistral parou de comer e seus sábios se apertaram, com raiva, mas Fauve não pareceu notar. Ela não tinha idéia de quanto tempo falou apaixonadamente até que Nadine acabou de comer seu queijo e disse, displicente:

— Você não está sendo meio piegas, Fauve? Toda essa gente já morreu há muito tempo... é tão mórbido falar como se isso ainda importasse, hoje... acho isso muito esquisito de sua parte.

— Não tão esquisito assim, Nadine. Por toda parte no livro de Mossé encontro os nomes de Lunel e Astruc... nomes da minha fama, meu nome, aliás.

— Isso não é forçar o que é provavelmente um parentesco muito distante?

— Distante? Não, que diabos, não acho que haja nada de distante nisso... — respondeu Fauve, furiosa, quando Mistral afinal rompeu o seu silêncio meditativo.

— Basta! Quando você voltou daquele lugar em Cavaillon, o descreveu de um modo que me convenceu de que os judeus locais deviam estar bem de vida e eram bem tratados; agora você nos submete a esse catálogo infundável de desgraças. Isso já está se tomando uma mania!

— Eu estava sendo uma romântica mal informada, papai, vivendo uma ilusão — declarou Fauve, com coragem, sem se intimidar com a reprovação dele. — Aquele prédio não tem nem 200 anos e fui bastante tola para pensar que indicava um passado idílico. Agora sei que é um remanescente ilusório de um dos breves períodos em que os judeus puderam viver em relativa tranqüilidade... e mesmo assim, era rodeado por um terrível gueto, que foi demolido. Ainda há gente, gente bem—intencionada, que se gaba de que a Provença foi "O Paraíso dos Judeus". Bem... e foi, se a compararmos as dezenas de outros lugares da França em que os judeus foram todos queimados vivos! A Provença é um paraíso no sentido mais restrito e irônico da palavra, tal como dizer que foi a melhor das prisões para gente que não tinha cometido crime algum.

— Prisão? — disse Kate, olhando com cuidado para a expressão de Mistral, enquanto Fauve o desafiava. Ela era a única pessoa à mesa que sabia como ele achava detestável o interesse de Fauve por tudo o que era judeu, a única pessoa que tinha gozado bem todas as palavras pronunciadas por Fauve. — Por que "prisão", Fauve? Não somos nós os responsáveis pelo que aconteceu com essa gente, nós nunca fomos cruéis para com os judeus, nós nunca tratamos os judeus como—se tivessem cometido um crime. Realmente, Fauve, estou surpreendida que você não nos tenha acusado a todos de tê—los mandado para os campos de concentração.

Capítulo 26

Mistral desde o momento em que Mistral representara um papel com Julien Mistral desde o momento que o conhecera. O mais perto que ele chegara de conhecê-la intimamente fora o momento em que ela o pedira em casamento. Agora, depois de 42 anos de casados, ela estava presa dentro de um papel que evoluíra com os anos, um papel em que ela nunca revelara todas as suas emoções a esse mais necessário dos adversários. Quando ela admirava uma atriz no palco ou num filme, nunca lhe ocorria que, em sua própria vida doméstica, há longo tempo, ela era uma atriz habitual e consumada. Todos os seus relacionamentos humanos se davam num teatro íntimo em que ela supunha que todos estivessem representando, grande parte do tempo. Eram raros os momentos em que ela podia largar parcialmente a sua máscara dramática. Por vezes ela se aproximava da verdade — e um verdadeiro momento de contato íntimo — com Nadine. Nunca com o marido.

Kate estava sentada placidamente, diante da penteadeira, tirando o colar de pérolas, enquanto Mistral estava de pé, zangado, aporta do quarto, sem querer entrar e sentar-se, porém incapaz de ir para o quarto dele, tentar dormir.

— Por que é que você está tão perturbado, Julien? — indagou ela, com brandura. — Concordo que é irritante Fauve insistir em nos aborrecer à mesa do jantar, mas por que tratar isso como se fosse um problema grave? Todas as moças passam por fases difíceis, na adolescência.

— Você a encorajou, propositadamente.

— Tolice. Você hoje não pode dizer uma palavra cortês a Fauve, sem desencadear a obsessão dela. Você mesmo sabe que basta dizer bom dia para se arriscar a uma Preleção sobre mil anos no Muro das Lamentações. Não há como fazê-la, sempre que ela come conosco, tenho medo de cairmos numa dessas, a não ser que você queira proibi-la inteiramente.

— Não se pode proibir Fauve de falar sobre os assuntos que interessam a ela, ela não é esse tipo de moça — disse ele, sério. — Maldito seja esse garoto Avigdor! É ele o culpado de tudo isso.

— Você está sendo muito injusto. Claro que o rapaz põe lenha na fogueira, mas, em minha opinião, isso está acima dele. Se quiser culpar alguém, a culpada é Maggy Lunel.

— Que diabo quer dizer com isso?

— Dizem os jesuítas que, se você lhes der uma criança pelos sete primeiros anos de vida, eles podem moldá-la pelo resto da vida. Você entregou Fauve à avó e ela não perdeu tempo em imprimir a própria identidade na neta. Afinal, Fauve tem esse traço judeu, por menos que você goste disso. Não subestime o poder disso, Julien. Toda criança precisa de um sentimento de identidade... ou é o que dizem.

— Ela é minha filha... ela é pintora. Isso não lhe basta como identidade,

por Cristo? O que mais é que pode esperar uma garota de 16 anos, pelo amor de Deus! Mas não... em vez de aproveitar este verão, está perdendo tempo, correndo por aí, imaginando que encontrou uma tal de tradição que não tem nada a ver com ela. Está maluca se imagina que os Lunels e Astrucs daquele livro maldito são da família dela. Não pode encontrar coisa alguma e mesmo que houvesse um vago parentesco, é tão sem importância que não significa nada!

— Talvez não baste a ela saber que é sua filha natural. — Kate guardou as pulseiras, fechou a caixa de jóias e começou a escovar os cabelos bonitos, que caíam tão bem em volta de seu rosto. — Vá dormir, Julien. Você está—me pondo nervosa, aí de pé.

Um minuto depois, Mistral estava a caminho de seu estúdio, num escuro iluminado por aquele céu claro da noite da Provença em que as estrelas entravam do espaço, até parecer que deviam cantar para o homem como fazem nas outras grandes extensões da terra, no deserto ou nas vastidões polares. Ele não acendeu as luzes de trabalho, mas foi diretamente para o cavalete em que estava o retrato de Fauve, meio acabado. Ficou olhando para o retângulo da tela, de um cinza quase sólido sob a clarabóia, perdido em seus pensamentos. As palavras de Kate se repetiam em sua cabeça. "Toda criança precisa de um sentimento de identidade." Como ele podia negar que ela tivesse razão? Desde o dia em que Fauve nasceu, ele não pudera lhe dar o próprio nome. Sob a lei francesa, ele não podia reconhecê-la como filha, ela não se podia chamar Fauve Mistral, de modo que ela naturalmente se considerava uma Lunel — membro dessa família. Durante todo o verão ela estivera se afastando dele, esquivando—se dele cada dia mais e, embora ele tivesse capturado a imagem dela na tela, sabia que, ao contrário dos outros anos, não tinha conseguido capturar o espírito, pois mesmo enquanto ele a pintava, ela estava em outro lugar.

Com desdém, Mistral deu as costas à pintura — para que se dar ao trabalho de acabar esse borrão? — e começou a rondar pelo estúdio em sombras.

Como é que se agarra uma moça de 16 anos, prendendo—e e fazendo— a ver a razão? Seria mais fácil conversar com um beija—flor. Se ao menos ela fosse francesa, criada bem ali em Félice, sob as vistas dele. Se ao menos ela não fugisse dele todos os anos, se ao menos pudesse ser congelada no tempo!

Inquieto, ele procurou o único consolo que sempre achara eficaz — a presença do seu próprio trabalho. Destrancou a porta do depósito, acendeu as luzes de cima e andou pelos corredores bem iluminados, puxando um suporte aqui, outro ali e contemplando a pintura nele como se fosse um objeto estranho, como se não tivesse passado muitas semanas, às vezes muitos meses, no esforço mais intenso de que era capaz em cada uma delas. Depois de muito tempo, começou a estender a mão e passá—la sobre uma superfície pintada, sentindo a trama áspera da tela como se fosse um ser que sentisse. Pouco a pouco, ele se permitiu um alívio, lentamente aceitou o consolo. Estas viviam. Ele tinha tanta certeza disso como do fato de ser ele Julien Mistral. Viviam agora e viveriam enquanto existissem. Esse aposento

não estava cheio de pinturas acabadas, e sim de criaturas que falavam e respiravam. Ali estava a identidade dele, lá naquele quarto sem janelas, estava tudo que jamais seria necessário dizer sobre Julien Mistral.

Havia uma parte do quarto que ele nunca visitava. As pinturas que fizera de Teddy quando ela estava grávida e de Teddy e Fauve durante os dois primeiros anos da vida de Fauve, durante os quais ele trabalhara mais depressa do que jamais trabalhara, antes ou depois, estavam todas guardadas nos fundos do quarto grande. Ele as abandonara em seu apartamento de Avignon, depois da morte de Teddy, onde tinham sido guardadas com cuidado pelo casal que trabalhara para eles. Depois de voltar a La Tourrelle, Mistral providenciara para que as pinturas fossem apanhadas e levadas para o seu depósito, mas nunca mais olhara para elas.

Ele então foi devagar para um dos suportes e o puxou para o corredor largo. O suporte só continha uma tela grande e inacabada, o último retrato que ele pintara de Teddy, em St. Tropez. Ela estava sentada num jardim, num balanço listrado de azul e branco, com Fauve no colo, a cabeça 'inclinada, olhando para o bebê.

Nem mesmo em seus sonhos atormentados pelo desejo, ela nunca parecera tão bonita. Ele tinha pintado o seu amor tão claramente que a tela parecia gritar numa nota aguda de alegria, clara e sem palavras. Ele empurrou depressa o suporte para longe, fora de suas vistas, e saiu correndo do depósito, trancando—o ao sair. Saiu pela porta dos fundos do estúdio e foi depressa pelo caminho que rodeava os muros de La Tourrelle, só parando quando se encontrou bem dentro da floresta de carvalhos. Sentou—se no chão, encostado a uma árvore, respirando fundo, como se tivesse corrido para salvar a vida. Por que fizera isso? Por que se arriscara a uma dor tão certa?

Tão instintivamente como se estivesse fugindo de um rio de água fervendo, ele se preservou de sentir o ferimento apagando a imagem de Teddy e pondo em foco em sua mente o ponto da tela em que ele pintara aquele pingo de gente, o bebê Fauve. Mesmo então ela já possuía uma vitalidade ardente. Ele se lembrou dela no momento do nascimento, embrulhada numa manta rosa, apenas saída do ventre, mas já tão destacada que ele logo concebera o nome certo para ela. A raiva contra ela, que se acumulara o verão todo, enquanto ela escapava das suas mãos, se evaporou quando ele pensou nela como estava ao jantar naquela noite. A fisionomia de Fauve refletia todas as emoções que ela sentia, ela não conseguia restringir sua natureza idealista, volátil, assim como não poderia ser hipócrita ou diplomática.

Julien Mistral não era um homem capaz de uma compaixão abstrata. Não só não tinha empatia com as pessoas, sozinhas ou em grupos, como não tinha o menor desejo de ter. Sua arte era inteiramente pessoal; só abraçava as coisas que entravam no domínio que ele exigia para si; certos aspectos da natureza, certos elementos da vida humana da Provença, e as poucas — muito poucas — pessoas que ele amava. Sem a motivação do amor, ele era uma pedra — uma pedra que pintava.

Sentado encostado à árvore, seu amor por Fauve lhe permitiu penetrar na mente dela, permitiu—lhe acesso ao seu espírito e, aos poucos, foi tomando conhecimento das perguntas que ela devia estar—se fazendo. Quem sou eu? De que trata a vida? Para onde vou? Quem foi antes de mim? Há alguma ligação?

Claro que ela estava procurando alguma coisa que respondesse a essas perguntas, pois não era uma romântica, tão romântica quanto fora Teddy? Não admira que Fauve estivesse confusa, não admira que se estivesse debatendo com preocupações tolas. Durante alguns segundos, Julien Mistral se permitiu contemplar a glória de uma vida em que Fauve poderia ter—se criado, vigiada e cuidada por Teddy, uma criança que tivesse mãe e pai, segura, amada. Ele gemeu sob o golpe de um desespero inútil e afastou a imagem, mas, pela primeira vez na vida, percebeu plenamente que não era a única pessoa no mundo que fora amargamente privado do amor de Teddy Lunel. E ele nem sequer jamais mostrara aquela pintura de Fauve e Teddy a alguém. Nem mesmo a Fauve.

Ele ficou ali inteiramente parado, tão aturdido com a idéia que então lhe ocorreu, que ficou repassando aquilo na cabeça, procurando falhas, sem poder acreditar que isso nunca lhe ocorreria. O rosto sério de chefe de tribo se expandiu numa careta irresistível de uma alegria feroz, antes de se endurecer numa expressão de resolução tão intensa que ele parecia estar suportando, abraçando até, algum sofrimento profundo. Ele sabia como dar a Fauve o sentimento de identidade que a prenderia a ele para sempre, que o imprimiria na vida dela de um modo que tornaria impossível a ela algum dia procurar uma herança que não tivesse nada a ver com ele. Ela estava tão desesperada que fora levada a procurar um pouco de sentimento de identidade na carcaça de uma sinagoga do tempo de Luís XV. No entanto, só ele, na face de toda a Terra imensa, tinha o poder de lhe dar uma identidade, uma herança, um sentimento de pertencer que a levaria a compreender que o seu laço mais básico, mais importante no mundo era e sempre seria com ele.

Julien Mistral nunca havia feito um testamento, mas, quando os pais dele morreram, ele se vira envolvido com os detalhes da herança. A mãe dele o espantara e desagradara, deixando uma terça parte de seus poucos bens a uma amiga com quem ela muitas vezes fazia seus trabalhos de agulha, uma mulher com quem ela não tinha parentesco algum. Quando Mistral perguntara ao advogado sobre a legalidade daquilo, o homem lhe dissera que qualquer pessoa tem o direito de deixar uma terça parte de seus bens para um estranho. Os outros dois terços devem ser distribuídos entre os descendentes legítimos, queira a pessoa ou não.

Fauve, legalmente, era uma estranha para ele. Nada no Direito francês lhes concedia algum parentesco oficial. Ela não tinha status legal. Como enfant adulterin, não podia herdar nada... mas como estranha, uma terça parte! Ah, como iam estudar todos os quadros do depósito intimamente, intensamente, quantas horas passariam no processo alegre, complicado e sério de separar a terça parte que seria propriedade de Fauve, separando—

os daqueles que deveriam, forçosamente, pertencer a Nadine, e a Kate, claro, se ela sobrevivesse a ele.

Fauve estaria trancada em sua vida, para sempre. Que empoeirado livro de história poderia liga — a mais intimamente a ele do que a posse da melhor obra da vida dele? Que bagatela arquitetônica, que livro, que relação de nomes de pessoas mortas há tanto tempo poderiam fazer — a sentir maior identidade do que saber que, ainda em vida, o pai lhe dera o mais que pudera do tesouro para o qual ele vivera? A obra que era ele.

Ele se levantou e espanou os detritos do solo da floresta grudados em suas calças. Voltando a La Tourrello, o vulto de Julien Mistral à luz das estrelas parecia tão animado e jovem como no dia em que ele pela primeira vez se aproximara dos portões da grande casa de fazenda que deveria determinar o rumo de seu futuro.

— Kate, por favor, providencie para prepararem dois dos quartos de hóspedes — disse Mistral à mulher, na manhã seguinte, Quando ela estava sentada junto da piscina, sozinha.

— Você tem convidados? — perguntou ela, espantada Ele deixava a vida social deles inteiramente nas mãos dela.

— Vem aí dois homens, que vão ter de comer conosco, já que por aqui não há onde possam comer. Provavelmente vão ficar uma semana ou dez dias. — Julien, de que é que vote está falando... isso é absurdo.

— Resolvi fazer um testamento. Os quadros tem de ser avaliados. Telefonei hoje de manhã para Étienne Delage, me aconselhando. Como negociante, ele sabe de tudo. Disse que eu não devia fazer um testamento até saber o valor de cada uma de minhas obras. Do contrário, o governo fará isso depois que eu morrer. E, naturalmente, não de atribuir o maior valor possível, para o meu inventário ter de pagar o maior imposto possível. Mas se isso for feito enquanto eu estiver vivo, tenho o direito de escolher um dos avaliadores, enquanto o governo manda outro... são os dois cavalheiros que virão... e entre eles, chegam a um acordo razoável. Étienne me arranjou um homem que dará o menor valor realista aos quadros... é a especialidade dele.

— Muita consideração da parte de Étienne. Posso perguntar por que vote resolveu fazer testamento?

— Vou deixar uma terça parte de meus bens para Fauve, a parte que pode caber a um estranho. — Ele olhou para Kate, procurando sinais de contrariedade, mas os óculos escuros lhe tapavam os olhos e a expressão dela não mudou. — Ontem à noite eu me lembrei que isso era possível, fiquei ouvindo as suas palavras, "uma criança precisa de um sentimento de identidade", e vi o que tinha de fazer. Quero que vote e Nadine receberão os outros dois terços. Vou deixar a parte de Fauve inteiramente sob a forma de quadros, já que seria inútil deixar — lhe uma terça parte de uma fazenda, ou de investimentos num país em que ela não mora. Isso significa que tenho de estabelecer o valor total de La Tourrello e de nossas contas correntes e outros investimentos, bem como o dos quadros, para poder ter certeza de que ela receberá uma terça parte justa.

— Sei — disse Kate, sem expressão.

— Tudo isso vai levar tempo... provavelmente os detalhes não estarão todos acertados até bem depois de Fauve voltar para casa, mas Étienne diz que quadros... como móveis ou pratos ou jóias... podem ser deixados individualmente. Em outras palavras, um quadro que valha uma certa importância será deixado para Fauve, um do mesmo valor para Nadine, e um para vote, e assim por diante.

— Então vote vai deixá—los todos, por nome e descrição?

— Vou. Ah, não me esqueci de que vote possui toda a série La Rouquinne, não tenha receio. Foi um investimento inteligente que vote fez, Kate.

— Foi mesmo.

— Pretendo comprá—los de volta de vote.

— É?

— É... devem caber a Fauve... afinal de contas, são retratos de família, por assim dizer.

Ele deu uma risada como há tempos ela não via.

— Realmente... são mesmo. Você tem idéia de quanto valem?

— Seja o que for, eu pago.

— Bom.

— Bem. — Mistral levantou—se, aliviado. — Então, está resolvido. Você diz aos empregados o que é necessário? Os avaliadores chegam daqui a dois dias.

— Claro — disse Kate. — Você já informou a Fauve?

— Não, ainda não. Vou falar com ela hoje à noite, quando ela voltar para trocar de roupa. Vai a uma festa hoje.

Ele desapareceu no estúdio, pensando que Fauve podia bem correr por ali o dia todo, pois no dia seguinte não ia conseguir se livrar das descobertas do depósito..

Kate ficou sentada ali, inteiramente parada, pensando se ia conseguir suportar a raiva destruidora que lhe cortava a carne, como brocas de ferro movidas a motor furando um pedaço de madeira. Então, não bastava deixar Nadine na miséria, obrigando— a a trabalhar até ele morrer, é? Agora ele a estava despojando, roubando, reduzindo a própria filha ao mesmo plano que a bastarda.

Será que ele achava que ela era tão tola que acreditava na explicação que ele dera, da "justiça" do processo de escolher os quadros que deixaria para Fauve? Não entendia que ela sabia tão bem quanto ele que em dois quadros que são avaliados pela mesma quantia, há uma enorme diferença de importância, que só o pintor pode atribuir? Ele nem desconfiava que ela sabia perfeitamente bem que ele só daria a Fauve os quadros que tinha certeza de serem os seus maiores? As obras—primas de suas obras—primas? Se Fauve recebesse toda a sua terça parte em quadros, deixando de fora as terras, o dinheiro, os investimentos dele, seria bem possível que recebesse pelo menos a metade do conteúdo do depósito. A imagem daquele quarto a fez prender a respiração e se curvar, segurando o estômago com ambas as mãos.

"Como ele ousava fazer isso com ela?" Ela, Kate Browning, tinha pegado um pintor desconhecido e feito dele Julien Mistral e, maldito fosse para todo o sempre, ele pertencia a ela. Ele não tinha direitos sobre a face da Terra, a não ser que ela os concedesse. Como ele podia falar com um velho idiota de "partilhar" o trabalho dele, quando tudo, todo pedacinho de tela em que ele algum dia pusera tinta, por direito era dela?

"Ele era uma criatura dela." O que ele teria sido, se ela não se tivesse casado com ele? Nada! Ele não seria nada, um velho amargurado, morando em algum estúdio ordinário em Paris, perguntando—se por que o mundo não fora bater à sua porta. Ele teria perdido sua oportunidade e algum outro pintor teria tido a glória. E mesmo assim ele ousava, ele chegava a ousar falar em dar a sua obra a Fauve?

O que era o trabalho dele senão o que ela lhe possibilitara criar? Se ele desse a sua obra, estaria dando a única coisa no mundo — a única coisa mesmo que pertencia exclusivamente a ela. Isso ele não poderia fazer. Isso ele não deveria fazer. Paralisada por um acesso de fúria mais forte do que ela jamais tivera na vida, maior do que a emoção que sentira quando Mistral a deixara por Teddy Lunel, Kate ficou ali sentada ao sol, sem ver, enquanto suas entranhas se contorciam, arrebatando de violência, até que ela afinal teve de se arrancar de sua imobilidade e correr para o caramanchão da piscina, vomitando sua náusea na privada do banheiro.

Quando acabou, sentiu—se firme, calma e muito certa do que tinha de fazer.

— Quer vir aqui ao meu quarto e fechar a porta um instante, Fauve? — disse Kate, assim que ouviu a moça subir, naquela tarde.

— Claro... mas estou um caco e Eric vem me buscar às 18 horas. É coisa demorada?

— Não, não muito. Fauve, não sei se você compreende o quanto está perturbando seu pai com o tipo de discussão a que nos submeteu a todos, ontem à noite.

— Ah, eu sei que falei demais, Kate. Pensei a respeito hoje e vi que mais ou menos tomei conta da conversa. Não vai tornar a acontecer. Sinto muito mesmo.

— Não é questão de falar demais, Fauve, foi o tema... você não largou o assunto do sofrimento dos judeus.

— O que?

— Eu esperava nunca ter de lhe contar isso, mas estou vendo que você está muito envolvida com suas raízes maternas... é inteiramente compreensível e acho isso bem comovente e fascinante... mas, sabe, o seu pai... quando você fala em judeus assim, é como abrir velhas feridas.

— Imagino que você queira dizer que isso lembra a ele a minha avó? Sei a respeito disso, Kate, e não creio que o que eu possa dizer o leve necessariamente a pensar nela. Maggy não é a única judia no mundo.

— Não estou falando disso, de modo algum. Nem me ocorreu. Não, Fauve, é uma coisa muito mais difícil de explicar.

— O que é que está querendo dizer, Kate? — perguntou Fauve,

intrigada com a expressão atenta e concentrada no rosto de Kate, normalmente tão controlado.

— Fauve, você só tem 16 anos. Sempre viveu num mundo seguro, porém, apenas dez anos antes de você nascer, houve a Segunda Guerra Mundial e catástrofes que você nem pode imaginar eram acontecimentos diários.

— Ah, meu Deus — disse Fauve, devagar — Ontem à noite, quando você falou aquilo sobre os campos de concentração, estava pensando no que aconteceu com os judeus na guerra, não é? Estava procurando me avisar... ah, Deus, Kate, sinto muito! Não pensei que isso o aborreceria... nunca pensei...

— Fauve, eu não me expliquei bem. Estou falando da Ocupação da França e o que aconteceu aqui durante esse tempo. Quando voltei para Félice, depois da guerra, Marte Pollison, que passou o tempo todo aqui em La Tourrello, me contou coisas que eu nunca imaginei ter de contar a alguém.

Com avidez, Kate estudou a fisionomia perplexa de Fauve, que já tinha perdido a radiância despreocupada e entusiasmada com que entrara no quarto.

— Fauve, há semanas que você está fascinada com os judeus que viveram na Provença e eu a tenho desanimado sempre. Havia um motivo para isso... achei que você acabaria perdendo o interesse. Mas isso não aconteceu e agora, antes de lhe dizer por que você deve parar de falar nesse assunto, quero ter certeza de que você realmente compreende o seu pai. Ele só vive para pintar. Você compreende o que o trabalho dele significa para ele, não? Você sabe que a arte dele é tudo, a razão da vida dele?

— Ele também é uma pessoa, um homem — disse Fauve, devagar.

— Mas não como os outros. Nenhum gênio jamais é. Tive de aprender isso com os anos e certamente não é coisa que espere que você entenda plenamente, mas há uma certa dimensão que falta ao gênio, uma dimensão de humanidade comum, que é negada aos gênios precisamente porque são gênios.

— Parece que eu não entendo "plenamente", Kate.

— L, eu achava que não entenderia. Um exemplo lhe poderá mostrar melhor do que simples palavras o que quero dizer. Nos últimos anos da guerra havia alemães por toda parte, não havia lugar algum tão remoto que eles não soubessem do que se passava, nem mesmo aqui em Félice. Eles levaram embora quase todos os homens válidos, para trabalhos forçados na Alemanha... .

— Kate parou e sacudiu a cabeça, com tristeza.

— E...?

— O seu pai também teria sido mandado embora, se não fosse a proteção de um oficial alemão, de alta patente, de quem ele se tornou... muito amigo, muito íntimo.

— Não acredito.

— Não, Fauve, claro que não. É exatamente isso o que eu queria dizer

sobre a dificuldade de fazer você entender, até mesmo uma coisinha como essa.

— Uma coisinha?

O rosto de Fauve estava branco, notou Kate, com grande satisfação. E o que é que ela lhe contara, por enquanto? Nada de importante, nada mesmo. Como ela fora sábia por ter—se mantido nas boas graças de Marte Pollison, durante todos esses anos. A mulher era uma tirana, mas não resistia aos mexericos.

— Esse oficial amava a pintura. Fornecia as preciosas tintas ao seu pai, de modo que ele pôde continuar a pintar, a despeito de todas as faltas de recursos, e o tirou da lista dos que deveriam ser mandados para as fábricas na Alemanha. Algumas das melhores obras dele foram feitas nesses anos. No entanto, se as pessoas soubessem disso, logo o chamariam de colaboracionista.

— Por que está me contando isso?

— Para fazer você compreender bem o que o gênio de seu pai exige dele.

Quando ele contou ao alemão sobre a turma de jovens vagabundos que lhe roubaram os preciosos lençóis... durante anos ele não tinha outra coisa para usar como telas. — como ele podia saber que eram membros dos maquis? Foi um mal entendido horrível e ele nunca se perdoou por isso... foram 20, todos apanhados e executados imediatamente. Ora, ele nunca nem teria sabido o que Lhes acontecera, se o alemão não tivesse devolvido os lençóis.

— Não acredito em nenhuma palavra do que você está dizendo — disse Fauve, furiosa. — É uma mentira desprezível. E que diabo tem isso a ver com ontem à noite? Eu estava falando dos judeus que viviam na Provença antes da Revolução e não sobre os alemães!

Kate suspirou e levou as mãos ao rosto por um momento. Agora, pensou ela, agora!

— Ah, Fauve — disse ela, cansada, a voz suave, suplicante, como que querendo forçar a moça a dar um salto de inteligência. — Foi só um exemplo do tipo de coisa, o tipo de coisa horrível e trágica que pode acontecer em tempo de guerra. Foi para lhe dar uma percepção da situação com aqueles judeus que o procuraram pedindo socorro, no tempo da Ocupação.

— Judeus... que judeus?

— Judeus de Paris, tentando sair da França Ocupada. Vieram e continuaram a vir... gente que se achava com direito, só pelo fato de serem velhos amigos dele, dos tempos em que ele morava em Paris, ou porque tinham sido convidadas para vir aqui antes da guerra. Ora, às vezes eram só amigos de amigos. Marte me contou a respeito. Ah, Fauve... isso é muito difícil de explicar a alguém de sua geração... o que é que você sabe da guerra? — Kate se encolheu na poltrona, o rosto fechado.

— O que é muito difícil de explicar? — disse Fauve, em voz fraca, o coração batendo com tanta força que ela sentia que devia fugir, como se a casa estivesse pegando fogo e ela corresse perigo mortal. Kate respirou

fundo, resolvendo—se, e falou com calma, olhando para o tapete:

— O seu pai mandou que Marte e Jean construísem uma barreira para esconder a entrada para La Tourrello, lá na estrada principal, de modo que nenhum refugiado, nem judeus nem outros, viessem perturbá—lo aqui, interromper o trabalho dele. Naturalmente ele também teve de fechar os portões grandes, pois alguns deles se infiltravam pelo mato... naturalmente sabiam que a casa estava aqui, já tinham estado aqui. Mas o seu pai sabia que, se fraquejasse e deixasse que um só judeu passasse a noite sob o teto dele, poderia correr um grave perigo. Todo francês que ajudasse um judeu estava pondo a própria vida em perigo.

— Mas e todos os franceses que ajudaram os judeus, que lutaram na Resistência, que bombardearam os trens dos alemães, que reagiram? — perguntou Fauve, tensa.

— Gente miúda, Fauve, gente miúda com menos a perder do que o seu pai. Ele tinha de escolher entre a pintura e arriscar a vida. Acredito inteiramente que ele escolheu o certo e espero que você também ache... ele chegou à conclusão de que sua única lealdade era para com o trabalho dele e não abrigar gente por quem ele nunca tivera qualquer responsabilidade. Você já tem idade para compreender isso.

— Idade — repetiu Fauve. — Idade?

— Mas Fauve, eles tinham de ser mandados embora! Ninguém os convidou, mas eles continuaram a vir. Teriam destruído a paz de espírito dele. Por que você acha que ele levou oito anos para ir ver você? Tinha medo, por causa da paz de espírito dele, seus poderes de concentração. Aqueles judeus o teriam impedido de pintar, mesmo que nunca fossem apanhados, mesmo que ninguém soubesse de nada. La Tourrello é remota, reconheço, mas na aldela tudo se bebe, mais cedo ou mais tarde, e alguém poderia denunciá—lo às autoridades. E é por isso, Fauve, que a sua conversa constante sobre os judeus o está aborrecendo... isso o faz recordar todas as pessoas que pasmam pela cerca na estrada e ficaram tocando e tocando a campainha da cozinha,

— Como é que você sabe disso? Não estava aqui! É Marte de novo, pois não acredito em uma droga de mentira que ela lhe contou!

— Você ainda não compreendeu bem. Ah, Fauve, por que eu me daria ao trabalho de lhe mentir? O que estava em jogo era o trabalho de seu pai, você não sabe o que isso significa? Nada podia ser mais importante.

— Mentirosa!

— Pergunte ao Adrien Avigdor, já que não acredita em mim. — O quê?

— Você ouviu o que eu disse. Ele era o melhor amigo de seu pai, antes da guerra. Mas o seu pai teve de expulsá—lo, também a ele, teve de se recusar a recebê—lo. O próprio Avigdor me disse isso em Paris, em 1946, e durante todo o tempo em que você vem vendo o Eric, eu estava apavorada de que o velho lhe pudesse ter dito alguma coisa. Ele estava muito amargo por causa disso, da última vez que o vi. Parece que chegou a tomar nota das pessoas que vieram aqui... pintores, em sua maioria, claro. A animosidade pessoal dele foi assustadora. Ele agiu como se fosse culpa de seu pai que

houvesse Europa e muitos desses infelizes fossem presos e deportados, , , uma te teriam morrido, não importa o que o seu pai fizesse.

— Deportados... morreram... presos...

— Fauve, não podia deixar de lhe contar. Não podemos mais ter as suas lições de história durante as refeições. Você me dá a sua palavra.. .

As palavras de Kate morreram, ao ver Fauve sair do quarto correndo. Não, ela pensou, não tinha omitido nada de importante.

Quando Fauve abriu a porta do estúdio, Mistral estava trabalhando no retrato dela, animado em todos os poros, com energia e percepção. Sua capacidade de participar na busca de Fauve por um sentido de si mesma lhe fornecera o elemento que faltava em seu trabalho nessas últimas semanas e, em um dia, ele conseguira o retrato.

— Graças a Deus que você voltou! Tenho tanta coisa a lhe dizer.

Ele largou o pincel e se adiantou para beijá-la. Ela parou, junto da porta, e levantou uma das mãos, afastando-o.

— Papai, você se recusou a ajudar os refugiados judeus durante a guerra... escutou a campanha tocando e não foi ao portão, para deixá-los entrar?

Mistral reagiu. O choque do desafio de Fauve só lhe deixou um pensamento.

— Avigdor — rugiu ele. — Que diabo ele andou lhe contando?

— Então, é verdade — exclamou Fauve, toda a sua esperança aflita morrendo assim que ele pronunciou o nome de Avigdor. — Você nunca pensa neles... os judeus que morreram por sua causa?

Ela se virou depressa, mas não tanto que deixasse de ver a verdade tão claramente estampada no rosto dele. Ele quis alcançá-la, mas ela já se fora. E ele não ousou ir atrás dela. Ficou ali, tremendo, no centro do estúdio, irresoluto, e depois começou, com a pressa de um homem que está correndo perigo de vida, a trancar todas as portas e janelas do estúdio, por dentro, para ficar a salvo do ódio que vira nos olhos da filha.

Eric Avigdor, ao chegar três quartos de hora depois, encontrou Fauve esperando do lado de fora dos muros de La Tourrelle. As malas dela estavam pousadas no caminho de cascalho e ela trazia a capa de chuva no braço.

Vamos a algum lugar, meu bem? — disse ele, alegremente. Estava preparado para todos os caprichos de Fauve.

— Por favor, Eric, me leve à estação de trem de Avignon.

— De modo nenhum. Se você teve uma briga com aquela que se diz sua irmã, vou lá dentro quebrar uma das unhas dela.

— Eric, não, não brinque...

Fauve abaixou a cabeça e, com uma onda de medo, ele se virou para afastar a cortina de cabelos que quase lhe escondia o rosto. Quando ele a tocou, ela teve um soluço angustiado e Eric viu que Fauve devia estar chorando por muito tempo antes da chegada dele, pois seu rosto estava vermelho com as lágrimas que tinham corrido para a boca e pelo queixo.

— Meu Deus, o que é que lhe aconteceu? — exclamou ele, mas ela sacudiu a cabeça, às cegas, e entrou no carro, encolhendo-se no assento.

Ele jogou as malas atrás e tentou abraçá-la e consolá-la, mas ela o repeliu.

— Leve—me daqui — disse ela, num tom que o fez ligar o carro sem dizer mais uma palavra. Eles partiram, na direção de Avignon. Já estavam correndo pela estrada principal há cinco minutos, quando ele tentou de novo.

— Fauve, diga—me o que aconteceu. Por favor, querida, deixe que eu a ajude. Sei que posso.

— Não, Eric.

A voz dela não parecia vir de seu corpo.

— Fauve, você não confia em mim? Nada pode ser assim tão ruim.

— Não posso falar a respeito.

Ela havia parado de chorar, mas trazia no rosto jovem uma expressão maculada, desesperançada, enrugada, que o apavorou, quando ele olhou para ela. Ele parou o carro, saindo da estrada.

— Fauve, não vou levá-la mais longe até você me contar o que aconteceu. Nunca vi ninguém no estado em que você está.

Ela abriu a porta do carro e saltou. Depois, estendeu a mão para pegar uma das malas. Ele fechou dentro do carro.

— O que é que você está fazendo? Está maluca? Fauve!

— Se você continuar a me fazer perguntas, vou pedir uma carona para Avignon. Alguém deve aparecer e me dá condução.

— Está bem, está bem, você venceu. Mas por que não quer falar comigo? Não sabe quanto eu a amo?

Diante dessa promessa de ternura, essa doce proteção, ela perdeu o controle e se entregou a um tumulto de sofrimento alucinado, soluços infantis misturados a um gemido de perda tão violenta que Eric mal se impediu de tornar a parar o carro. Ele se sentia como se o campo em volta deles se tivesse desintegrado. Quando eles se aproximaram dos arredores de Avignon, ela se acalmara e estava num estado de vazio aturdido.

— Por favor; me deixe na estação. Vou esperar o trem da noite lá.

— Vou ficar com você.

— Prefiro que não fique.

— Não pode me impedir.

Eles ficaram sentados num banco do lado de fora da estação, Fauve olhando para a frente, tão muda e isolada de qualquer contato como se estivesse numa caixa de concreto. Eric tentou pegar na mão dela, mas ela se afastou dele depressa e passou os braços pelo próprio corpo, enfiando as mãos debaixo dos braços. Só seus cabelos, ardendo com sua chama inextinguível, garantiam a ele que aquela era Fauve, sua garota implicante e ágil, com seu coração festivo e impulsos alegres. Mesmo quando ela ficava séria ou triste, sempre estivera disposta a explorar sentimentos difíceis sem se controlar, mas agora estava trancada numa espécie de transe glacial que nem mesmo todo o seu amor podia penetrar. Se ao menos ele fosse adulto mesmo, se soubesse o que fazer, pensou Eric, angustiado, odiando—se por só ter 20 anos. Ele não compreendia que ela não lhe pudesse contar o que descobrira, como se ela mesma fosse responsável pelo que Mistral fizera.

Fauve se sentia abatida por um peso de vergonha tão grande que era como a própria culpa. Ela se sentia contaminada por ser filha do pai dela, seu monstruoso amor por ela a fazia sentir que devia estar maculada pelo mal dele; e as palavras reveladoras de Kate, com um segredo imundo depois do outro, enchiam sua cabeça como pedras que se roçassem por uma eternidade.

— Aonde é que você vai? — perguntou Eric.

— Para Nova York.

— Está com sua passagem de avião? — Ela fez que sim. — Sua passagem do trem?

— Compro no trem.

— Vou comprá-la para você agora.

— Não.

— Fauve, você tem de me deixar fazer alguma coisa por você, ou vou enlouquecer!

Ela deu de ombros, aceitando, e ele foi comprar a passagem e sanduíches e água mineral para a viagem e, num impulso de sofrimento desalentado, todas as revistas que pôde encontrar, embora já soubesse que ela ficaria sentada imóvel até Paris. Alguma coisa terrível lhe fora feita e sua intuição apaixonada lhe dizia que nada no mundo lhe daria de volta a mesma garota que ele deixara nos portões de La Tourrelle apenas algumas horas antes.

— Obrigada — disse Fauve, numa voz vazia, quando ele voltou com suas compras. — Sinto muito, Eric.

— Você vai responder às minhas cartas?

— Vou.

— Fauve, você de vez em quando pode parar e se lembrar de que eu a amo, que a amarei sempre? Se você fosse alguns anos mais velha, eu nunca a deixaria ir, fosse qual fosse o motivo, você sabe disso, não?

— Sei, Eric — respondeu Fauve, mas o coração dele se encolheu, ao ouvir o tom passivo e distante da voz dela. Fauve estava dizendo sim a tudo só para se ver livre dele, para fazer com que ele a deixasse tomar o trem que ele ouvia apitando a distância. Em tomo deles as pessoas estavam—se levantando, pegando a bagagem e se dirigindo para a plataforma.

O trem parou e Eric foi na frente de Fauve, pondo as valises dela na prateleira acima da cabeça da jovem, num vagão de primeira classe, arranjando um lugar para ela e guardando suas provisões.

Ela se enterrou no assento tio murcha como um bicho morto e ele ficou ali ao lado, irresoluto, por alguns segundos, até ouvir o apito do guarda anunciando a partida do trem. Ele a pegou pelos cotovelos e a fez levantar—se e olhar para ele.

— Nunca chegamos a ir a Lunel — disse ele. — Não.

O trem começou a se mover devagar, enquanto ele a beijava. Foi aumentando de velocidade e Eric a soltou.

— Prometi que iríamos e havemos de ir. Você é o meu único amor, Fauve. Nunca se esqueça de mim.

Ele correu pelo corredor e saltou bem na borda da plataforma, ficando ali

com as lágrimas lhe escorrendo pelas faces, vendo o trem desaparecer ao norte, levando o seu coração.

Num outro dia de fim de verão, um ano depois, Kate Mistral estava sentada sozinha, depois do café, esperando até que Mistral saísse de casa. Já fazia alguns meses que ele saía, de manhã à noite. Ele não dizia aonde suas andanças o levavam, mas ela sabia o suficiente para adivinhar que ele estava investigando os arredores em busca de uma idéia nova. Ele passava por um longo período improdutivo e há meses não passava tempo algum no estúdio. Kate era realista demais para não saber que não era coincidência esse período de aridez ter começado quando Fauve deixara La Tourrelle. Desde então, Mistral tinha escrito a Fauve seis vezes. Marte Pollison, que recebia a correspondência do carteiro, no portão, comunicava a Kate cada vez que as cartas eram devolvidas, fechadas. Que mentiras, que tentativas de explicação Julien poderia ter inventado?, era o que Kate se perguntava. Quando Fauve fora embora, ele só dissera que era por causa de um mal—entendido de adolescente, uma briga estúpida porque ela estava passando tanto tempo com aquele rapaz Avigdor e se envolvendo demais com a família dele.

Várias semanas antes, ele afinal se forçara a escrever a Maggy e desde então Kate tinha esperado, com medo, uma resposta que revelaria o papel que ela tivera na partida de Fauve. Na véspera, chegara afinal a resposta de Maggy, pouco antes de Kate sair para um encontro em Apt, e Mistral enfiara a carta no bolso, sem abri-la.

Na noite da véspera, durante o jantar, que foi calado e melancólico como durante todo o ano que se passara, a expressão de Mistral fora zangada, cansada e amarga. Parecia abranger tudo: a bela refeição que lhe fora apresentada, a mesa bem—posta, o serviço esmerado, até o ar noturno, deliciosament3 fragrante. O que Maggy podia ter escrito? Ela precisava saber.

Assim que Kate ouviu Mistral partir, ela subiu ao quarto dele e se trancou lá dentro. O quarto, como sempre, estava arrumado e impessoal, pois a verdadeira vida dele não se passava ali. Não havia carta alguma na mesinha de cabeceira, onde ele guardava aquele livro sobre os judeus de Avignon que Fauve deixara. Kate o vira ali antes, quando ela de vez em quando passava uma revista no quarto dele, e ela ainda não podia compreender por que ele o conservava. Não era típico de Julien ficar se torturando. O tampo de sua escrivaninha também estava vazio. Ela revistou as gavetas dele com perícia e, por fim, enfiada debaixo de uma pilha de cartas de admiradores de todo o mundo, que ele não respondera, ela encontrou o envelope que 'o vira pôr no bolso, na véspera. Ele o rasgara, para abri-lo. Ela leu depressa o bilhete que continha.

Julien, Não, não tenho idéia alguma do motivo por que Fauve não quer responder as suas cartas, ou sequer lê—las. Já tentei falar com ela sobre o verão passado, mas ela se recusa positivamente a me contar alguma coisa, dizendo apenas que não quer falar a respeito. Ela tem andado muito triste e

perturbada, atais do que posso dizer, e cada vez que você escreve a ela, ela se sente pior. Quando ela viu que você me escreveu, disse que eu devia responder a carta como eu bem entendesse, mas que no futuro, se vote lhe escrevesse de novo, ela nem queria tomar conhecimento disso. De agora em diante, ela me pediu para devolver quaisquer cartas que você mande sem nem lhe dizer que chegavam.

Não sei nada acerca dessa situação entre votes dois e não pretendo me meter nisso, de jeito nenhum. O que quer que tenha feito para fazer Fauve se voltar contra você já está feito e é tarde para ser desfeito. A minha experiência com vote é tal que não sinto vontade de lhe fazer qualquer concessão.

Maggy

Kate leu a carta duas vezes, recolocou—a no lugar e saiu do quarto, indo depressa sentar ao sol ao lado da piscina.

Ela agora estava segura, bem segura, pensou. Não teria de se preocupar mais com cartas, não havia qualquer possibilidade de Fauve escrever ao pai para lhe dizer quem lhe havia revelado tudo o que ela soubera naquela tarde, um ano antes. Segura — todos os quadros dele, a terra, os investimentos, as contas nos bancos, tudo seguro, sem divisão, salvos intactos para Nadine herdar. O futuro da filha não estaria comprometido e ela mesma não tinha mais nada a recear de parte de Fauve.

Kate nunca deixara de ter um senão de ironia e foi isso, e só isso, que a fez ficar ali sentada ao sol, tão quieta.

Ela chegara a tempo para seu compromisso em Apt, na véspera, sua consulta ao Dr. Elbert. Elbert fora o médico que fizera o parto de Nadine e ela o preferia a outros especialistas de Avignon. Quando, na semana passada, ela recomeçara a sangrar, 15 anos depois de ter passado pela menopausa, com relutância fora consultar o médico, a quem não se dava ao

trabalho de consultar havia anos. Câncer do útero, foi o que ele disse, e tão adiantado que se propagara ao fígado. Quanto tempo de vida ela teria? Um ano, talvez, um pouco mais ou um pouco menos, mas, Madame Mistral, não há nada que se possa fazer, nesse estágio da doença. Para que se pudesse fazer alguma coisa, deveria tê-la examinado muito antes... e, mesmo assim, quem sabe?

Quem sabia, de fato? Quem é que podia saber?, foi o que Kate se perguntou. Ela olhou em volta. Tudo estava em ordem, um império rico, magnífico, seguro e inteiramente intacto. Pela primeira vez desde que Teddy Lunel entrara pelas portas de La Tourrelle, Kate afinal teve certeza de que estava em plena posse de novo... por um ano.. , um pouco mais, ou um pouco menos.

Capítulo 27

Fauve Lunel estava completando 21 anos, em meados de junho de 1974, e o segundo andar do Russian Tea Room estava cheio, com 200 pessoas, cada uma radiante com o prazer não expresso de saber que sua importância estava sendo reconhecida, por ter sido convidada para aquela determinada festa comemorativa da maioridade, um prazer que é um elemento tão básico da natureza humana que já devia ter sido sentido pelos homens da caverna, reunidos em volta de um fogo especialmente prestigioso.

Por trás de seus óculos grandes, Falk, cujos amigos mais íntimos ainda chamavam de Melvin, observou a turba que vibrava com um barulho num nível de decibéis só alcançado em Nova York, os olhos dilatados com a intensidade de uma observação que era tão profunda quanto rápida. Ali, bem ah, pensou ele, estavam reunidas todas as pessoas que tinham o poder de resolver como é que a mulher americana podia esperar parecer cada manhã, ao acordar.

Ele beijou Diana Vreeland e Cheryl Tiegs, esticando-se para fazer-lo sem mais constrangimento do que sente uma mulher baixa para beijar um homem alto e, ao abraçar Lauren Hutton, satisfeito com a conformação especial das feições dela, ele refletiu que as mulheres acreditavam que elas é que tinham a escolha em matéria de suas aspirações físicas e, no entanto, eram os fotógrafos como ele os responsáveis pela onda de mudanças que mandavam as mulheres para os cabeleiros, balcões de cosméticos e lojas de departamentos. Porém sabia que nem ele tinha tanta influência quanto Maggy Lunel, que, escolhendo novas modelos e mandando-as procurar as pessoas certas, podia determinar o modo como todo o mundo passaria a pensar sobre a beleza feminina.

Mas será que o poder final repousava realmente nas mãos do redator de modas ou de beleza, que resolvia usar uma garota e não outra, ou, pensou ele, dando um beijo em cada face radiosa de Christine Ferrare, será que estava nas mãos dessas garotas esplendorosas que se ofereciam à câmara? Onde iria parar todo o sistema de revistas de modas, agências de publicidade, companhias de cosméticos, fotógrafos e agências de modelos, sem um suprimento infundável de belezas dispostas a dedicar suas jovens vidas a se tornarem ícones para todas as outras mulheres? Em todo caso, Falk não era obrigado a chegar a nenhuma conclusão irrevogável naquela noite, já que todos os envolvidos em criar os padrões a que todas as mulheres do país reagiriam estavam bem ali, naquela sala. Todos, isto é, menos Fauve. Onde é que estava Fauve?

Nos últimos cinco anos, Falk a vira menos do que desejaria. Quando ela estava crescendo, eles tinham passado a maior parte das tardes de sábado fazendo a ronda das galerias, mas no princípio do outono de 1969 ela simplesmente tinha virado as costas para a pintura e não havia outro meio dele poder descrever a modificação que se operara nela. Ela atribuíra a

culpa dessa perda de interesse abrupta — e, para Falk, chocante — à experiência de ter ido à exposição que foi um marco, a chamada "Pintura e Escultura de Nova York: 1940—1970", organizada por Henry Geldzahler no Metropolitan Museum.

Deus sabe, tinha sido mesmo de dar a qualquer um uma indigestão visual, aquela misturada rica demais em que tinham sido usadas 35 galerias diferentes, para dar 35 retrospectivas de 35 dos maiores pintores contemporâneos, mas Falk achava que um apetite de uma garota de 16 anos suportaria um esgotamento estético desse tipo. Até mesmo ele, veterano da arte espetacular, ficara arrasado pelo fausto inaudito da noite, aturdido com seus excessos, ensurdecido pelo conjunto de rock e com os pés doendo devido ao tamanho da exposição, mas Fauve tinha reagido com algo parecido com histerismo, dizendo que nunca mais queria olhar para outra obra de pintura ou escultura. Ele tinha certeza de que ela só se referia até a exposição interessante seguinte, pois como é que alguém com a paixão pela pintura que tinha Fauve poderia tomar—se indiferente diante da complexa série de experiências que lhe devia dar apenas o ato de contemplar obras novas?

No entanto, com o passar do tempo, ele verificou que a repugnância dela não só persistiu, como ainda se intensificou numa espécie de tristeza, como se ela estivesse lamentando a morte da pintura. Ela insistia em dizer que todos os grandes homens já tinham pintado, todas as inovações já tinham sido feitas, todos os grandes temas usados, todas as possibilidades gráficas descobertas, de modo que os artistas novos só estavam usando as varreduras dos chãos dos estúdios dos mestres antigos.

Falk achara graça das idéias de Fauve, até perceber que ela parara de trabalhar na sua própria pintura. Quando ele a interrogou a respeito, ela foi sincera. Não pretendia jamais voltar a pintar. Como poderia continuar, se não tinha nada de novo a acrescentar? Embora Falk sempre tivesse reconhecido a influência inconfundível de Mistral no trabalho dela, ele também percebera um talento real e original, lutando para se revelar. Ele sabia que era apenas uma questão de tempo para ela se realizar, para que tudo de pessoal e fresco no trabalho dela se tornasse bastante forte para levá-la a se separar do pai e trabalhar por si. Mas, em vez de progredir, ela desistira de uma hora para outra e, a essa altura, ele tinha certeza, de vez.

Falk mordeu um pirojok, saboreando o sonho quente e fofo feito de massa de creme azedo. Mastigando, refletiu que o que a seu ver era uma verdadeira perda para o mundo das artes, tinha sido lucro para o mundo das agências de modelos.

Quem imaginaria que Fauve, diplomando—se do segundo grau aos 17 anos, se decidiria a trabalhar com Maggy, ao invés de ir para a universidade? — E quem iria esperar que ela desse tão espantosamente certo nesse trabalho? Nos últimos quatro anos, ela não só aprendera o negócio completamente, como ainda fizera inovações que mantiveram a Agência Lunel à frente da concorrência, de modo que se tomara o braço direito de Maggy. Ela havia trabalhado tanto, com tanta ambição, energia e força de

vontade que sua juventude e inexperiência tinham sido superadas quando ela fez 19 anos. E, desde então, o nome "Lunel" cada vez mais se referia igualmente a Fauve e a Maggy.

Falk viu que estava junto com Dick Avedon e Irving Penn os dois únicos fotógrafos que se tinham mantido no auge por tanto tempo quanto ele, os únicos outros com quem cada novo talento era inevitavelmente comparado. Conversando com eles, ele refletiu sobre a raridade da longevidade, do poder permanente e excelência sem fim, neste mundo em que a mudança era a regra. No entanto, Maggy Lunel ainda se movia numa aura de supremacia.

Ela agora estava numa idade que seria melhor descrita como "sem idade", enigmáticamente, espetacularmente, triunfalmente sem idade. E continuaria sem idade, resolveu ele, saudando—a mentalmente, durante pelo menos mais dois decênios, até passar, com elegância, para um período em que seria conhecida, certamente para seu grande aborrecimento, como, uma "lenda viva".

Quando ele a cumprimentara, naquela noite, houvera uma troca de um triste reconhecimento, sob os sorrisos deles. Cada qual conhecia os pensamentos do outro e partilhava de uma palavra não expressa de um sofrimento nunca esmorecido. "Se Teddy estivesse aqui..."

Falk afastou o pensamento, como tinha feito tantos milhares de vezes, através de três casamentos com manequins, o nascimento de quatro filhos, todos herdando os genes das mães e agora todos mais altos do que ele — graças aos céus pelas garotas altas — e procurou a única pessoa que queria ver na sala apinhada. Ele gostava dos filhos, gostava muito deles, mas Fauve entrara em seu coração antes dele se casar pela primeira vez e, por algum processo de desejo que nunca quis examinar, ela sempre parecera a filha que ele deveria ter tido com Teddy Lunel. Mas onde é que estava Fauve?

Maggy Lunel deu uma olhada final para se examinar, no seu espelho de três faces que ia do teto ao chão, antes de sair de seu apartamento para ir à festa de aniversário de Fauve. Então, ela era uma mulher com uma neta de 21 anos, era? Bem, melhor! Ela girou, verificando as costas do casaco, feito de várias camadas de crepe de (bine de seda preta estampado com flores imensas, em tons difusos e orientais de ameixa, lilás e um roxo cada vez mais escuro. Será que todas as mulheres, pensou ela, passando a mão pelos cabelos, atrás, onde se curvavam para dentro, num pajem liso na nuca, sentiam o mesmo que ela? Como se ela tivesse parado de envelhecer numa certa idade indefinida, que nunca mudava, a não ser em certos dias maus? Uma idade que pairava num momento agradavelmente maduro, mas fresco, entre os 26 e 32 anos?

Ela pegou a borda do casaco e examinou o forro estampado de folhagens. Isso era realmente um requinte, pois o forro nunca seria notado, mas uma coisa que Karl Lagerfeld, de Chloé, que desenhara a roupa com uma vaga forma de quimono, e o vestido em estampado mais miúdo por baixo, devia ter adorado fazer, pois ele não era o homem que, com toda a seriedade, pedira à mãe para lhe dar um criado de quarto só dele, como presente do

seu quarto aniversário? Sim, o conjunto era um sucesso porque as linhas compridas e firmes do corpo por baixo dele tinham suportado a prova do tempo, mas, ao fechar o colar de brilhantes de Van Cleef e Arpeis no pescoço, Maggy teve de reconhecer que o nível de idade interior não estava bem a par da evidência do seu pescoço. Por que é que a maior parte das mulheres que possuíam o tipo de colar que um joalheiro — com um ar que classificava as palavras como tendo um significado técnico exato, podia considerar "importante" — não tinham pescoços sem rugas? Malditos os pescoços! Se ao menos todas as cabeças pousassem diretamente nos ombros, como o mundo seria mais agradável. Os ombros dela ainda podiam competir, em qualquer companhia.

Maggy, percebendo a idéia passageira e jactanciosa, perguntou—se, num misto de divertimento e irritação, se estaria ficando vaidosa. Ela poderia jurar que qualquer vaidade que um dia tivera havia sido completamente arrancada pelo contato diário com as mais jovens e lindas de todos os milhões de moças do mundo. O pescoço dela devia ser apenas um sinal do marco que era o aniversário de Fauve.

No entanto, no caso de Fauve, os 21 anos certamente não significavam o início da maturidade ou vida adulta. Não, essa modificação se dera cinco anos antes e naquele dia Maggy não sabia mais sobre o que o provocara do que soubera então, quando Fauve voltara do seu verão na França inesperadamente cedo. A princípio, Maggy a bombardeara com perguntas, mas Fauve se recusara a falar sobre o que acontecera com uma obstinação, uma tenacidade firme e inflexível que Maggy tinha certeza que ela não poderia manter. Mas, quando as semanas foram passando e ela viu as diferenças em Fauve, a perda de suas ilusões de mocinha, o desaparecimento de seu espírito brincalhão e inocente, começou a compreender que mais uma vez ela mandara uma menina querida para a Europa e mais uma vez essa menina fora modificada, terrivelmente modificada, por Julien Mistral. Mas pelo menos esta tinha voltado.

Depois que um ano se passou, Maggy simplesmente aceitou o fato de que ela provavelmente nunca saberia o que ocorrera. Fauve, tão espontânea, tão aberta, tão viva que cada entusiasmo que lhe passava pelo coração aparecia em seu rosto, tinha aprendido a guardar segredo, de algum modo. Aquele fora um ano profundamente aflitivo, aquele ano entre os 16 e 17 anos, o último ano de Fauve na escola, pensou Maggy, segura agora, sabendo que já passara havia muito. A misteriosa dor nunca se dissipara. Fauve nunca mais voltara à França. Depois que Maggy respondeu à carta que Mistral lhe enviou, toda a comunicação entre ele e a filha tinha cessado, tão completamente como se aqueles oito verões em Félice nunca tivessem existido.

Fauve, tão flexível, tão afetuosa e indulgente, fora inteiramente implacável com relação ao pai. Ela o expulsara de sua vida. A princípio, Maggy teve de admitir uma curiosidade intensa para saber o que tinha causado a ruptura, mas, no que concernia a Julien Mistral, não era prudente pensar muito, nem profundamente.

Nos primeiros anos, Fauve tinha recebido e respondido a cartas frequentes daquele rapaz que ela conhecera lá, o filho do velho Avigdor, logo quem, mas agora as cartas tinham quase parado de chegar — Maggy nem sabia ao certo se eles ainda se escreviam ou não. Mas, com o tempo, Fauve conseguira sair da depressão em que mergulhara.

O tempo... em parte era a passagem do tempo, resolveu Maggy, em parte a abençoada elasticidade de juventude, mas acima de tudo fora graças a um remédio: o trabalho. Quando Fauve disse pela primeira vez que não queria ir para a universidade e preferia trabalhar, Maggy pensou, por um momento de desespero, que Fauve queria ser modelo. Ela não o poderia impedir. Fauve tinha aquela qualidade inatacável, hipnotizadora, que teria feito dela o rosto que personificaria a sua época tão nitidamente quanto Suzy Parker e Teddy tinham personificado os anos 50 e Jean Shrimpton dominara os meados da década de 60. Mas, graças a Deus, Fauve quisera seguir os passos dela no negócio. Ela deu as costas ao uso dos privilégios de beleza como fonte de identidade com a mesma resolução que dera as costas ao seu talento para a pintura. Fauve não estava interessada em se tomar a guardiã vigilante de sua fachada, não tinha desejo de lidar com o comércio de sua própria superfície e se adaptara ao negócio da agência como se o tivesse absorvido a vida toda.

Fauve se afundara no trabalho com uma eficiência e diligência que assombraram Maggy e durante os dois primeiros anos ela teve oportunidade de aprender todos os serviços da agência. Quando Fauve completou 19 anos, na primavera de 1972, Maggy se acostumou a poder contar com Fauve para tomar decisões que ela nunca permitira que outra pessoa tomasse. Em atividade, Fauve era ríspida, forte e eficiente de um modo que demonstrava uma solidez maior do que os seus anos.

Foi então que Maggy ousou tirar férias, as primeiras em muito tempo, e quando ela e Darcy voltaram, depois de duas semanas em Londres, ela encontrou a agência florescente e Fauve segura e serena. Maggy foi dominada por uma exultação, um sentimento de aturdimento, uma embriaguez de alívio, um alívio maravilhoso, que a fez sentir—se mais leve e lhe deu uma avidez por atividades a que ela não se deixara dedicar por muito tempo, durante todos os anos desde que começara o seu negócio, os anos em que ela se sustentara e à filha, jurando nunca mais ser fraca e tola a ponto de depender de homem algum para nada a não ser afeto, e mesmo a passar sem isso, se necessário.

Ela se permitiu dormir até tarde, deliciando—se, chegando ao escritório só duas horas antes da hora de sair para almoçar com alguma amiga, e aí ficava conversando até o meio da tarde, tão despreocupada como se tivesse passado a vida toda fazendo isso. Jogou fora todos os seus chapéus e luvas o que estavam fazendo em seu guarda—roupa? Mandou trocar o penteado e até mudou a cor dos cabelos, do castanho que era próprio para a sua imagem de escritório, para um tom mais suave, habilmente misturado com ticiano e castanho—claro, em que alguns fios de prateado podiam penetrar, como que por engano. Maggy passou muitas horas fazendo compras, de roupas

novas e menos, severas, e contratou Suste Frankfort para dar, ao seu apartamento suntuoso, e quase distinto demais, um encanto caprichoso e original. Ah, mas que felicidade começar a largar o fardo que ela carregara sozinha por tanto tempo, pensou Maggy, mas como é que ninguém notava? Todos a tratavam como sempre, percebeu ela, com uma irritação crescente. Ela fora a Chefe, aquela trabalhadeira, com os negócios na cabeça por tanto tempo que as pessoas só a viam sob esse aspecto. Ela não esperava que eles agissem como se ela tivesse acabado de ser eleita a Rainha da Primavera, mas certamente alguém poderia notar!

Uma noite, no fim daquela primavera que foi como um renascimento, Maggy e Darcy foram jantar fora. No "21", o maître, Walter Weiss, os levou para a mesa deles, a mesma mesa em que se tinham sentado da primeira vez em que lá estiveram juntos, em 1931, quando era o melhor bar clandestino de Nova York.

Darcy, como era seu hábito inalterável, quase sagrado, de 42 anos, sentou — se à mesa 7 na primeira seção do bar, à esquerda da entrada e no centro da parede do lado. Era uma banquetta de primeira, estratégica, bem visível e muito cobiçada, a que muitos outros homens poderosos tinham aspirado, em vão.

Qualquer mesa nas duas primeiras seções do bar era extremamente desejável, pois "21" era o único lugar de jantares em Nova York que conservara a glória e brilho de sua história, o único restaurante cujo status imperial permanecia inalterado enquanto ele navegava pelos decênios com a firmeza de um grande transatlântico em que nada poderia dar errado; um mundo em si como nenhum outro restaurante dos Estados Unidos jamais conseguiu ser ou será. A certeza de ser sempre conduzido a uma mesa específica e importante no bar do "21" era uma coisa que o simples título de sócio de um clube muito fechado ou um lugar no mais importante conselho diretor, pois significava um lugar elevado e continuado na estrutura do poder do país. O direito de Darcy sobre a mesa 7 fazia parte da organização íntima de sua vida e ele suspirou numa satisfação visível quando eles se sentaram na banquetta.

— Por que — reclamou Maggy — nós sempre temos de nos sentar nesse bar? Você sabia que nunca comemos no restaurante principal, lá em cima?

Darcy pareceu ficar tão espantado como se tivesse encontrado a mesa 7 ocupada por um astro do rock.

— Parece — continuou Maggy, com um ar melancólico, próximo da petulância — que lá em cima o ambiente é muito agradável. Ouvi dizer que é menos barulhento e mais espaçoso. Onassis sempre come lá e o Dr. Armand Hammer e a Sra. Douglas MacArthur e Nelson Rockefeller... e nós sempre ficamos metidos aqui embaixo. Parece mesmo uma pena.

— Mas você nunca quis comer lá em cima, nem sequer viu lá em cima, ao que eu saiba.

Darcy estava indignado. O andar de cima era bom, ele imaginava, solido e formal, mas um homem que ainda tivesse algum tutano havia de preferir comer no bar, no qual ele ainda imaginava poder sentir, ouvir e cheirar

todos aqueles grandes dias da Lei Seca, quando Jack e Charlie's serviam a melhor bebida da cidade.

— Isso não é motivo para você fazer essas suposições — disse Maggy, queixosa. Ela pegou com desdém na toalha de mesa de xadrez vermelho e branco. — Nas mesas lá em cima há lindas toalhas de linho branco liso, do tipo antigo, bem lisas e engomadas, pelo menos é o que Lally disse. E há flores nas mesas, em vez dessas feias carteirinhas de fósforos vermelhas.

Ela suspirou com a tristeza resignada de uma menina sem um vintém com o nariz encostado a uma vitrina de confeitaria. Pensativa, acertou o laço da blusa azul—marinho que combinava com o costume branco de Adolfo, ousadamente náutico.

— Que diabo, se você está tão infeliz aqui, por que não me disse isso antes? — disse Darcy, furioso. — Vamos subir.. ande.

— Ah, não, é muito trabalho. Foi só uma idéia, uma coisa que me passou pela cabeça — murmurou Maggy. — Em todo caso, não estou propriamente infeliz aqui, só estou irrequieta. — Ela bebericou da taça de champanha da garrafa de Bollinger Brut 1947, que o garçom tinha aberto assim que viu Maggy e Darcy se sentarem à mesa em que jantavam duas ou três vezes por semana, desde 1931. — Como será o gosto de tequilas? — disse ela, numa voz de desalento, diminuída.

— Vou—lhe mandar vir um pouco — rosnou Darcy, levantando as sobranceiras.

— Ah, não, não se incomode, não me importo mesmo, foi só uma fantasia passageira. — Ela parecia tristemente com pena de si, rejeitando a simples idéia de tequilas. — Champanha serve, para mim... ou é o que você sempre supôs... não de atenção.

— Que diabo está se passando, afinal? — perguntou Darcy, virando—se para olhar para ela, sentada ali, reta e esguia como sempre e, de tantos modos irritantes, uma sereia tão inescrutável quanto na primeira noite em que ele a levava ali e olhara dentro de seus olhos grandes, daquele tom que ainda era tão verde quanto dourado, e pensou: quem é Maggy Lunel?

— Estou cansada... — ela estava quase sussurrando.

— Vamos para casa — disse ele, alarmado. Maggy raramente ficava cansada, a não ser que estivesse doente.

— Estou cansada de você pensar que não estou apta a ter novas experiências, estou cansada de ser tratada como se qualquer quebra de rotina fosse mal recebida — murmurou ela. — Estou cansada da... da... sua falta de atenção, Darcy. Você me tem como certa — disse ela, ruminando.

— Mas que tolice completa!

— Então você nega, é? — De repente, ela estava tremendo com energia. As palavras saíram aos borbotões. — Era o que eu pensava, de um homem insensível, sem consideração, pouco romântico como você... , a gente parece até que está saindo para jantar com o tio velho... o avô... o bisavô...

— O quê! — rugiu ele.

— Não grite comigo! Quanto tempo faz que você não me pede para casar com você? — O rosto dela estava vermelho de indignação, acusando

—o.

— Quanto tempo? Desde que resolvi parar de fazer papel de idiota! Há tanto tempo assim... — balbuciou ele, com a injustiça das palavras dela.

— Você não respondeu à minha pergunta — disse ela, implacável.

— Uns 15 anos.. , não, acho que pedi no Dia dos Namorados, há uns 12 anos, como um idiota total... agora me lembro... você parecia estar especialmente carinhosa, naquela noite, e então tentei mais uma vez, como o pobre coitado fiel que sou, embora soubesse perfeitamente que não havia possibilidade. Seria de se esperar que eu já tivesse aprendido.

— Ah—ah! — Maggy estava triunfante em sua raiva. — Agora eu sei por que você ficou pedindo sempre. Porque estava seguro e não lhe custava absolutamente fazer esse gesto. Eu sempre achei isso, sempre soube que você era igual aos outros, sempre vi que estava representando. Já estou bem farta desse abandono, obrigada! Desprezo as suas táticas vis e não pretendo tolerá—las por mais um minuto. É uma vergonha!

— Você... sua... vagabunda ingrata!

— Isso é uma proposta? — perguntou ela, os olhos lampejando de fúria.

— De jeito nenhum!

— Viu? Quando é para por as cartas na mesa, você não está disposto a se comprometer, não é? É uma decisão grande demais, é? — disse ela, com escárnio. — O.K., Darcy, você tem exatamente um minuto para acertar as suas prioridades.

— Isso é uma proposta?

— Só um homem a quem falta a galanteria na própria alma pediria a uma mulher para responder a uma pergunta dessas. Que coragem!

— Maître! — chamou Darcy. — Vamos passar lá para cima, para jantar. Mande subir duas tequilas com gelo. Madame e eu temos de combinar umas coisas e este bar está barulhento demais.

E assim, lembrou—se Maggy, eles tinham—se casado, dois anos antes, e não era sem tempo, conforme dissera Lally Longbridge, como sempre, atribuindo todo o crédito a si. Ela ainda estava de pé diante do espelho, quase num transe, quando Darcy entrou, vestido para ir à festa do aniversário de Fauve. Olhando para a imagem dupla deles, ela sentiu um saltinho de uma alegria irreprimível. Como ela fizera bem em se casar com aquele homem.

Darcy comeu outra batatinha recheada com caviar fresco, com pingos de creme azedo em cima, e achou que Henry McIheeny, aquele bon vivant que um dia dissera, "O caviar nunca deve ser servido com coquetéis; é preciso estar sentado para apreciá—lo", fora pomposo demais. Ele pegou outra e a meteu na boca, aproveitando ao máximo um intervalo temporário no alto da escadaria em que ele e Maggy estavam recebendo os convidados, enquanto atrás deles a festa se aproximava daquele momento em que se poderia dizer que estava em órbita. No entanto, onde estava Fauve?

Polly Mellen, da Vogue, que sabia mais sobre por a modelo perfeitamente certa no vestido perfeitamente certo — e o que era' mais importante — da maneira perfeitamente certa, estava presente, com a maior parte de ma

equipe, bem como Tony Mazzola, que era redator—chefe da Harper a vida toda, acompanhado pelo seu alto escalão, bem como Tom Hogan, de Clairol, e Estée Lauder com toda a família, e Gilbert Shawn, presidente da Warshaw, os produtores de catálogos e talvez mais prolíficos empregadores de modelos no mundo e, para espanto total de Darcy, Eileen e Jerry Ford, cuja agência de modelos tinha sido a concorrente principal — e a mais formidável — de Maggy, desde fins de 1940.

O fato de Maggy convidar sua principal rival era a indicação mais significativa de que a mulher que ele amara por tanto tempo tinha realmente mudado, pensou Darcy. Três anos antes, se lhe perguntassem se era mais provável que Maggy se casasse com ele do que se convidasse os Fords para uma festa, ele teria optado pela hipótese do casamento, por impossível que lhe parecesse então. A concorrência entre as duas agências tinha aumentado com os anos e com o aumento constante nas taxas horárias pagas aos modelos.

A renda de Maggy, sem as despesas, sobre as taxas ganhas por suas modelos era de perto de dois milhões de dólares por ano e os Fords não ficavam muito atrás. Cada agência tinha, entre suas várias centenas de modelos, um grupo de mela dúzia mais ou menos de modelos das mais categorizadas, que, embora ganhassem mais do que quase qualquer homem do país, sempre seriam chamadas de "moças" e nunca "mulheres". Essas moças eram bens, tão reais quanto se cada uma delas fosse um prédio de escritórios todo alugado, cujos inquilinos sempre pagassem o aluguel pontualmente.

Durante mais de 20 anos Maggy Lunel e Eileen Ford tinham concorrido por essas mesmas preciosas peças de bens e como nenhuma delas gostava de perder, e como uma delas perdia cada vez que a outra ganhava, uma trégua, por provisória que fosse, tinha assombrado Darcy.

— Nós somos como os países produtores de petróleo — explicara Maggy. — Eileen e eu, e agora Wilhelmina, nos últimos sete anos, e até mesmo Zoli, desde 1970, dirigimos os únicos negócios da cidade que merecem menção. Não podemos fixar preços nem formar um monopólio porque isso é contra essas ridículas leis antitrustes. Mas somos responsáveis perante as nossas moças para manter os padrões, para que elas não sejam tratadas injustamente pelas agências de publicidade e pelos fotógrafos... afinal de contas, faz poucos anos que elas começaram a ganhar bem, até passaram da conta... portanto, como representantes delas, sempre achei que devíamos manter relações razoavelmente boas, umas com as outras.

Darcy então entendeu a motivação dela: estava pensando no futuro de Fauve.

Um dia Fauve estaria dirigindo a agência e Maggy queria que ela estivesse o mais segura possível, livre de brigas antigas. Darcy não acreditava que essa fosse uma idéia que algum dia fosse posta em prática, mas gostava de ver Maggy lutando com sua tentativa de ser pragmática. Basicamente, pensou ele, examinando— a agora, a mulher mais esplêndida na sala, em sua opinião, embora também estivessem presentes Karen Graham e Rene Russo,

uma racionalidade suave não era o estilo dela. Ele a apreciava mais quando ela era o seu natural, foga e animada, mas a organização daquela festa exibira o lado maternal de Maggy e, para essa ocasião ela conseguira disfarçar o espírito terrivelmente competitivo que existia, sempre existira e sempre existiria no ramo de agências de modelos. Sua própria ambigüidade o encantava.

Jason Darcy sabia que era um homem de sorte. Ele arrastara Maggy para a frente de um juiz antes que ela tivesse a oportunidade de mudar de idéia, mas enquanto a cerimônia se realizava, ele se indagara que diferença um laço legal poderia fazer numa união que já durara tanto tempo. Enquanto ele repetia seus juramentos, estava—se lembrando de casos inúmeros de pessoas que tiveram relacionamentos prolongados e afetuosos, até cometerem o erro de se casarem. E o exemplo da romancista Fanny Hurst, que viveu muito feliz com o marido, por muitos anos, durante os quais eles ocuparam dois apartamentos diferentes, marcando encontros cada vez que queriam estar juntos? Esse não poderia ser o meio ideal de conduzir um arranjo tão desnaturai, desumano e artificial como era o casamento? Mas Maggy, essa Maggy ardente, melancólica, jovem e primaveril, que tinha aparecido uma noite no "21", aparentemente pretendia tornar—se mulher dele e ele não usara pensar duas vezes.

E era diferente, sim. Simplesmente, era melhor. Melhor saber que ela afinal confiava nele, melhor saber que afinal ela estava disposta a depender um pouco dele, melhor não acordar de manhã em outro quarto e em outra rua, sem saber o que sua amada estava fazendo ou sentindo, até falar com ela pelo telefone. Ele resolveu que o casamento era uma delícia tão grande que deveria ser reservado só para as pessoas de meia idade. Os jovens deviam ser proibidos por lei de regularizar os seus romances até depois dos 50 anos, pois não poderiam apreciar os encantos do matrimônio enquanto o considerassem um direito e não um privilégio. Deveria ser uma recompensa pela fidelidade e o amor, reservada para as pessoas que tivessem sido féis umas com as outras. Todavia, ele teve o bom senão de guardar para si essas opiniões. Sua reputação de dureza seria destruída se elas viessem a público e, como Darcy ainda publicava um dos grupos de revistas de maior sucesso no país, não queria parecer dominado pela mulher.

— Onde está Fauve, que diabo? — disse uma voz de homem atrás dele.

— Pensei que ela poderia estar com você — disse Darcy, virando—se para Ben Utchfeld, seu antigo protegido, que ele vira subir de um emprego de vendedor de espaço no departamento de publicidade da Woman's Journal, a maior e mais bem sucedida revista feminina do país, para redator —chefe, assombrando o mundo das revistas femininas e alcançando o auge pouco antes de completar 30 anos.

— Quem me dera — disse ele — mas não a vejo desde segunda—feira.

Benjamin Franklin Litchfeld era Jornais ardente e, aparentemente, o mais bem sucedido dos muitos admiradores de Fauve, se bem que ela não fosse dada a confidencias e Maggy e Darcy só pudessem tecer conjecturas.

Darcy sentia um interesse de proprietário no caso do homem, pois ele

mesmo os apresentara, um ano antes.

Fauve e Ben deviam conhecer—se, foi o que ele resolveu, num dia em que tentou falar com eles pelo telefone, numa manhã de domingo, e descobriu ambos em seus respectivos escritórios, trabalhando com afinco em assuntos que tinham reservado para o fim de semana, quando não seriam interrompidos. Ele tinha insistido para que ambos terminassem o trabalho dentro de uma hora e fossem almoçar com ele e Maggy. Fora preciso toda a sua autoridade para convencer o par trabalhador a uma tal perda de tempo, mas, desde esse primeiro encontro, Darcy tinha motivos para imaginar que eles estivessem caminhando para passar as manhãs de domingo juntos na cama, um arranjo que ele considerava muito mais humano e melhor para a circulação, a pele e a mente.

Maggy Também aprovava o jovem Litchfeld. De certa maneira, ele lhe lembrava Darcy, quando ela o conhecera: tinha aquela intensidade que encobria a capacidade de se divertir com os grandes absurdos da vida, tinha a curiosidade e, ela sentia, grande parte da generosidade de Darcy, mas fisicamente não tinha nada da distinção parca e filosófica, quase ascética, que fora a primeira coisa que a atraía para o seu amor.

Ben Litchfeld, sendo bonito, era em geral amarfanhado. Ele começava o dia com as melhores das intenções, alto, musculoso, vestido convencionalmente com um terno bem passado, camisa limpa e sapatos engraxados, mas na hora do almoço já estava uma vergonha para o mundo do Gentleman's Quarterly. Já tinha puxado os cabelos grossos e ruivos tantas vezes, em desespero, que eles estavam arrepiados, quando não lhe caíam dentro dos olhos; tinha puxado o nó da gravata, impaciente, até que ela chegava ao terceiro botão da camisa, já desabotoado, e a camisa já estava aparecendo entre as calças e o casaco, os bolsos cheios de papéis e pontas dos lápis de outras pessoas, e em geral já tinha perdido os três óculos de aros de chifre de que precisava para ver os layouts ou ler manuscritos.

Mas quando Ben Litchfield tirava os óculos, os seus olhos enormes azuis e míopes eram tão espantados e felizes como os de um bebê que acordasse e visse um elefante pela primeira vez. Ele recebia tudo na vida com esse mesmo olhar de surpresa e aceitação, se bem que já se tivesse ouvido os seus companheiros dizerem que ele era tão inocente quanto uma patrulha do esquadrão de costumes de Detroit. Ele tinha o sorriso repentino, doce e meio espantado de um homem que está fazendo aquilo de que mais gosta e fazendo melhor do que qualquer outra pessoa. Estava tão ocupado querendo chegar ao máximo, que nunca havia parado para procurar uma garota séria, até conhecer Fauve.

— Desde a segunda—feira? — perguntou Darcy. — Pensei que vocês dois andavam se vendo sempre... já são três dias.

— Eu sei — gemeu Litchfield. — Escute, Darcy. Você me ensinou tudo o que sei, conforme já me lembrou várias vezes, em geral em público. Como é que a gente faz para fazer uma garota casar com a gente?

— Ter paciência, rapaz, paciência.

— Muito obrigado. Você me ajudou muito.

— As mulheres Lunel não são muito de casar, quando casam.

Aliás, pensou Darcy, complacente, ele era o único homem que tinha conseguido casar—se com uma delas, o único homem que seduzira uma das três lindas e ruivas mulheres Lunel para o matrimônio. Uma das três mulheres bastardas, pensou ele, pois Maggy lhe contara toda a história na lua—de—mel deles e ele era, ao que acreditava, a única pessoa no mundo além de Fauve que sabia que Maggy e Teddy tinham sido tifo ilegítimas quanto a própria Fauve.

— Não vou ter um minuto de paz de espírito até ver Fauve bem casada — dissera Maggy. — Três bastardas em seguida são mais do que suficientes.

— Ora vamos, Ben, deixe—me lhe arranjar um blini e vamos conversar a sério sobre isso. Pode ser que eu lhe possa dar bons conselhos... pensando bem, não creio que paciência demais seja boa idéia — disse Darcy. Talvez não fosse inteiramente justo açambarcar o mercado nas Lunels. Ele tinha obrigação de ajudar mais a Maggy. Mas onde é que estava Fauve?

Ele tornou a olhar para a escadaria. Afinal! Lá vinha ela, tão flagrantemente deslumbrante como ele jamais a vira, os cabelos ruivos e compridos esvoaçando, com um vestido de lantejoulas prateadas, cortado como uma combinação curta, as faces brilhando com um rubor de empolgação, subindo a escada de dois em dois degraus e gritando:

— Magali, Magali, desculpe o atraso!

Garota suculenta como uma salamandra, cujo elemento natural é o Togo, Fauve Lunel chegou à sua festa de aniversário, mas não sozinha. A mão dela estava segurando com firmeza o pulso de outra moça — pelo menos Darcy achava que era uma moça — uma criatura que parecia um espantalho, de 1,82m de altura, de macacão e tênis, os cabelos louros cortados quase rentes e uma expressão espantada no rosto, correndo atrás de Fauve.

— Magali, olhe o que lhe trouxe! Ela acabou de saltar do ônibus, procedente de Arkansas... o que você acha?

Maggy examinou a moça. O aspecto das melhores modelos da época era elegante, sofisticada, escultural, com cabelos soltos. Essa garota era só ossos, com dentes um pouco salientes, sardas e sobrancelhas arqueadas. Parecia incrivelmente promissora. Então, o aspecto estava para mudar. Fauve sabia das coisas.

— É por causa dela que você se atrasou?

— É. Eu estava lá em cima, no escritório, verificando algumas coisas antes da festa e ela entrou. As amigas que vieram com ela no ônibus, a tinham desafiado, duvidando que ela subisse. Assim, naturalmente, tive de conversar com elas e depois telefonar aos pais dela, para explicar por que ela não ia voltar para casa, convence—los de que eu não era traficante de escravas brancas e arranjar um lugar para ela ficar... você sabe.

— Como se chama? — perguntou Maggy à garota.

— Ida Clegg.

— Hum... bem, seja bem—vinda à Agência Lunel. Vock bebe vodca?

— Macacos me mordam se hoje não é um dia de primeiras coisas — disse a garota, com uma voz com sotaque sulista, macia. — Sim, senhora, acho que

vou beber.

Magali virou—se para Fauve e beijou— a, cochichando:

Mas por que você não deixou todos esses detalhes para amanhã?

— Magali, ela também tinha o endereço de Eileen num papel., as amigas também a tinham desafiado a ir lá — cochichou Fauve.

— Por que não disse logo, pelo amor de Deus? Eu já estava preocupada.

— Porque... olhe para trás.

Maggy virou—se e encontrou Eileen Ford atrás dela, parecendo, como sempre, a garota que inevitavelmente será eleita a presidente de qualquer turma em que estiver.

— Feliz aniversário, Fauve — disse Eileen, com um sorriso afetuoso. — Obrigada, Eileen.

— Você deve estar muito orgulhosa, Maggy.

— Ah, estou, sim!

— E quem é esta?

— Uma nova garota que acabamos de descobrir.. Arkansas.

Eileen lançou um olhar rápido e penetrante a Ida Clegg, um olhar que via tudo, sabia de tudo, compreendia tudo.

— Arkansas? — perguntou ela. — Arkansas o que? — Só Arkansas — respondeu Fauve.

Sei. Muito patriótico. Bem, Arkansas, seja bem—vinda a Nova York. Eileen afastou—se, pensativa. Não parecia feliz.

— Quem é essa senhora simpática? — perguntou Arkansas. — HL.. essa era... — começou Maggy.

— Ninguém que você tenha de conhecer — garantiu Fauve, depressa.

Capítulo 28

Fauve Lunel só faltou correr pelas portas do velho elevador que se abria tão devagar no teimo andar do prédio de escritórios do Camegie Hall, onde estava situada a Agência Lunel. Ela estava atrasada para o seu encontro semanal da sexta—feira com Casey d'Augustino, mas Benjamin Litchfield se mostrara extremamente persistente, na véspera, e ela dormira demais, naquele dia. Fauve passou depressa pela sala de espera, onde na parede estavam penduradas seis capas de revista, enquadradas, de antigas modelos Lunel.

— Somente seis — dissera Maggy uma vez — entre todas as nossas centenas, porque quando alguém espera para ser entrevistada naquela sala e olha para aquelas capas, vai embora, se não tiver bastante confiança em si de que vai vencer. Depois, se eu tiver de recusá—la, quando ela sair vai se consolar com as mesmas fotos, porque, afinal, como é que se pode esperar que alguém seja tão bonita quanto aquelas garotas eram?

A agência, à medida que foi crescendo com os anos, foi ocupando mais e mais espaço no belo edifício antigo e ainda estava apinhada. Todas as agem

cias de modelos são apinhadas, como as cozinhas de restaurantes, acampamentos de exército e bastidores são apinhados. Nunca há espaço suficiente para todos os artigos necessários para se executar direito as funções a que se destina o local e se, por um milagre de planta, houvesse espaço suficiente, o trabalho seria prejudicado devido à falta de comunicação entre o pessoal necessário.

O gabinete de Maggy era grande e confortável, mas Fauve e Casey partilhavam dois escritórios pequenos, junto de uma das três salas de reservas, que eram o coração da agência. As contatos — moças que faziam as reservas dos modelos — pareciam estar todas ocupadas nos telefones, observou Fauve, maquinalmente, sentando-se a sua secretária e tocando a campainha. para chamar Casey. O Departamento Masculino, dirigido por Joe O'Donnell, que já fora modelo também, ficava do outro lado do corredor e ocupava um espaço ainda mais apertado e menos elegante.

Casey d'Augustino, que tinha 25 anos, só estava trabalhando na agência havia um ano, mas ela e Fauve funcionavam como uma equipe. Ela era diplomada por Hunter, o ginásio público que só aceita os alunos melhores e mais inteligentes de Nova York, e Casey, esperta, esperta, nascida com o que ela considerava o nome étnico pouco imaginativo de Anna—Maria, de uma família numerosa do Brooklyn vinda de Palermo havia apenas duas gerações, era a maior amiga de Fauve. Ela sentou-se numa das duas cadeiras do outro lado da mesa e gemeu, passando a mão com cuidado sobre os cabelos crespos e curtos na testa, como se procurasse calombos e machucados.

— O que é que há? — perguntou Fauve, alegre.

— Ressaca de champanha. Do pior tipo. Todo mundo está assim, todo o pessoal. Foi beber todos aqueles brindes.

— Eu me sinto bem — disse Fauve, espantada.

— Você não pode se brindar a si mesma, portanto não precisa ficar com esse ar tifo virtuoso, só porque o aniversário foi seu e rifo meu. No meu eu lhe prometo uma ressaca mortal.

— Eu lhe trouxe um presente.

— Não há nada que possa melhorar o meu estado. — É um contra irritante.

— Já não gosto.

— É o novo número de Cosmo. Um artigo sobre Lauren Hutton e Guy Flatley. Escute só. Ela está falando sobre uma entrevista com Diana Vreeland, sua primeira aventura na alta moda.

"Uma dúzia de modelos estavam desfilando em volta dela. E lá estava eu sentada como um sapo, olhando aquela cena. De repente, no meio de uma frase... D.V. parou e apontou um dedo comprido, numa luva branca, para mim.

— Você! — disse ela. — Eu?

— Você... você tem muita presença — disse ela, me penetrando com os olhos enormes, de água.

— Obrigada — disse eu. — Você também.

Ela me lançou um sorrisinho e voltou a acabar a frase. E naquela tarde, me chamaram para me apresentar no estúdio de Richard Avedon' e tirar umas fotos."

— Ah, merda! — Casey levantou—se de um salto. — Não, diga que não é verdade! Diga que está inventando! Diga que é só uma piada maldosa e você só fez isso para me mostrar que gosta de mim, para tirar os meus pensamentos de minha paralisia física, para obrigar o meu sangue a tentar irrigar o meu fígado de novo.

— Já está—se sentindo melhor, não é? — disse Fauve, satisfeita.

— Deus, sim. Parece que posso esganar uma leoa com as minhas mãos. Ah, como é que podem nos fazer uma coisa dessas? Você sabia que milhares de mulheres lêem todos os números de Cosmo religiosamente e quando virem essa historinha vão todas pensar que isso podia acontecer com elas? "Sentada ali como— um sapo", uma ova! Lauren nunca pareceu um sapo, nem no pior dia de sua vida. Em todo caso, foi Eileen, pelo amor de Deus, quem a mandou procurar a Vreeland, ela não passou por ali assim! E onde é que vão acabar todas essas leitoras de Cosmo? Bem aqui no nosso corredor, esperando em fila pelas audiências públicas nas manhãs de terça—feira. É melhor contratarmos mais uma garota para atendê—las.

— É. Mas, Casey, você sabe que pode acontecer e deve ter acontecido assim mesmo, pois Lauren é tão correta que ela não ia inventar isso.

— Claro.. Um "raio" tem de cair, de vez em quando... mas isso não quer dizer que, se você for para o Central Park e ficar esperando dez anos, vai cair em cima de você. Em todo caso, o que é isso que ouvi falar de você e a Miss Texarkana? Faith saiu com ela para comprar—lhe umas roupas... o que é que há?

— Mais "raios".

As duas trocaram um sorriso de antecipação e um entusiasmo discreto, como dois garimpeiros batendo ouro que podem ter descoberto uma mina. A indústria dos modelos era um negócio construído sobre um "raio" ocasional e muitas horas de um trabalho árduo, mas sem o "raio", o aparecimento repentino de um tipo de beleza novo e singular, não seria o negócio que se tornara cada vez mais fascinante nos últimos decênios, até rivalizar com a produção de filmes, para atrair o público.

Como todo mundo que trabalha num ramo que negocia com o negócio fugaz do glamour, elas conheciam as verdades por trás dessa ilusão fugidia; a importância vital de poder arcar com a rotina diária; a persistência incrível, e a disciplina sem fim, sem falar da necessidade vital de estar no lugar certo no momento certo. E no entanto, sabiam que o glamour realmente existia e que certos rostos o possuíam, uma qualidade tifo inexplicável quanto o encanto. Elas compreendiam que alguns rostos inspiravam emoção e estavam treinadas para reconhecer esses rostos no meio de um mar de garotas que eram apenas bonitas. A diferença era tifo pequena que, em muitos casos, tinha de ser uma decisão subjetiva.

Todo ano milhares de garotas eram vistas pela Agência Lunel; as que escreviam, enviando fotografias; as que ganhavam as dezenas de concursos de modelos regionais, realizados em todo o mundo, e as que iam pessoalmente à agência. E, entre todas essas, elas escolhiam nada mais do que 30 para representarem. Por que aceitavam essas determinadas 30? Nem Maggy nem Fauve nem Casey poderiam escrever isso em palavras ou fazer um diagrama.

Todas as regras básicas eram bem conhecidas, todos os outros requisitos de uma modelo poderiam ser satisfeitos por um grande número das garotas esperançasas que recusavam. Elas viam tantas candidatas que só alguma que fosse realmente especial era olhada duas vezes. Casey chamava a isso "alguma coisa por trás dos olhos" e Fauve chamava de um sentido de "realidade realçada", mas ambas queriam dizer a mesma coisa — o "raio".

— Primeiro, em minha agenda — disse Casey — temos o caso da Srta.

Day O'Daniel, que tomou a ligar hoje. Ela está disposta a virar a casaca e vir para cá, mas quer a sua própria contato.

— Até que ponto isso é negociável? — perguntou Fauve, bruscamente.

— E a contato dela, ou nada feito.

Day O'Daniel era uma das mais importantes entre mela dúzia de garotas de outra agência. Recentemente, tinha ficado irrequieta, como as modelos às vezes ficavam, por motivos que ninguém podia entender bem, e fizera saber que poderia passar para a Lunel. O contrato dela, como todos os contratos em 1974, só exigia 30 dias de aviso prévio de ambas as partes, para seu cancelamento, e Fauve e Casey estavam ansiosas por representarem a morena de os satura tão bem—feita, que tinha um âmbito dos maiores no negócio. O âmbito; a capacidade de vestir um vestido de Galanos com uma autoridade displicente e ainda parecer docilmente linda num anúncio de revista popular, era uma das qualidades necessárias para que qualquer moça que já fosse modelo importante aspirasse a um status de super estrela — e Day possuía isso. No entanto, a Lunel tinha uma norma, estabelecida por Maggy, de não permitir que qualquer modelo tivesse sua contato.

— Day disse que não se acharia realizada se não tivesse uma contato sua, disse que queria alguém com quem se sentisse inteiramente segura e à vontade, alguém que conhecesse todas as suas necessidades, alguém que lhe desse a sensação de que estava sendo protegida. Estou citando.

— Talvez ela deva voltar para casa da mamãe — disse Fauve, ruminando. — É uma idéia tão errada e ingênua, pensar que, por ter sua própria contato, você venceu. Ela não entende que se eu lhe fizer essa concessão, todas as outras contatos daqui mentalmente se desligarão dela, se esquecendo dela? E se a contato dela sair para o almoço? E se adoecer por uma semana, ou arranjar outro emprego? Day nunca estaria bem protegida. É uma maneira maluca de dirigir uma carreira. Espero que você lhe tenha dito isso.

— Puxa, não, Fauve. Achei melhor deixar você cuidar disso pessoalmente, pois faz isso tão bem.

— Engraçado. Estou vendo que você melhorou. É assustador como você

pode ser boazinha, quando está se sentindo mal mesmo. Eu sempre fico tranqüilizada quando você volta ao seu natural horroroso. Então, a nossa Central Máxima não basta para Day O'Daniel?

Os olhos de Fauve se voltaram para a atividade que ela podia ver através da parede meio envidraçada de seu gabinete. Fauve tinha vista para as três partes de reservas: a sala menor, da Central de Testes, onde todas as garotas novas, começando a carreira, eram atendidas por quatro contatos; a grande sala da Central principal, onde 14 funcionárias combinavam os programas da maioria das modelos Lunel; e a lendária sala da Central Máxima, em que três altas funcionárias atendiam os chamados de apenas 20 moças, as estrelas da agência.

— Ela disse claramente que não era suficiente estar na Central Máxima? — insistiu Fauve.

— Achei que eu deixaria isso para você descobrir.

— Acho que vou deixar que Magali fale com ela — disse Fauve.

— Ela foi passar o fim de semana no campo, lembre-se, e a Srta. O'Daniel quer uma resposta hoje. Day deixou o número de seu telefone de casa.

Você pode ligar para ela de noite.

— Está bem, o seguinte.

Mais uma vez, Fauve se lembrou de que, da tarde de quinta—feira até tarde na manhã de segunda—feira, Maggy agora passava o tempo na casa de campo que ela e Darcy tinham comprado junto de Bedford Village. Ainda era difícil se dar conta de que Maggy chegara a se forçar a deixar a agência inteiramente nas mãos de Fauve, durante dois dias em cinco por semana. Mas Darcy treinara os seus vários redatores a só exigirem dele três dias por semana, descobrindo, ao fazer isso, que eles se tornavam mais eficientes e confiantes. Ele sempre achara que o trabalho se contrai para caber confortavelmente no menor período de tempo que você está disposto a dedicar a ele e, quando ele e Maggy se casaram, resolveu realizar o seu sonho de passar prolongados fins de semana no campo.

— O seguinte — disse Casey — Miss Nébulas, Miss Cosmos, Miss Supernova, Miss Via Láctea, ou seja o que for que ela tenha ganho, se nega a se submeter ao Programa Diz que não precisa dele... já treinou o suficiente para toda a vida. Não, não ouse perguntar—me. Já disse a ela que todo mundo segue o Programa, sem exceção, a não ser que seja uma modelo muito importante que nos venha de outra agência e mesmo assim tomamos essa decisão com uma base individual. Mas ela é sueca, muito de outra galáxia e muito obstinada.

A Agência Lunel fazia uma avaliação, chamada o Programa, de todos os modelos novos que aceitavam, de que participavam Maggy, Fauve, Casey e três das contatos mais experientes. A agência pagava para mandar as moças a um fotógrafo para uma série exaustiva de fotografias destinadas expressamente a demonstrar como ela trabalhava diante da câmara em suas próprias roupas e maquiagem. Depois, todos os detalhes eram analisados e as seis resolviam como polir a nova modelo. Elas se indagavam se ela

precisava melhorar a postura; se os cabelos estavam no comprimento, penteado e colorido ideal; o que mais devia aprender sobre maquiagem para ampliar o seu âmbito; se precisava de mais instrução sobre suas expressões para adquirir flexibilidade e presença diante da câmara; ou aulas de dança para maior facilidade de movimento e pose. Se viesse de uma escola de modelos, elas se perguntavam: o que ela devia desaperceber?

— Nunca houve sueca nenhuma tão obstinada quanto eu — comentou Fauve. — A não ser que ela tenha o seu próprio disco voador, a Miss Suécia vai passar pelo Programa, mesmo que a Revlon telefone hoje e queira assinar com ela um contrato exclusivo para o resto da vida dela. Cometemos um erro com Jane, quando resolvemos que ela não precisava de Programa... e isso para mim foi uma lição que nunca esquecerei.

— Essas vencedoras de concursos de beleza realmente gastam muito tempo nessas coisas, até conseguirem vencer — disse Casey, procurando ser justa.

— Nada disso tem a ver com a profissão de modelo. — Como eu bem sei.

— Vou atender a Miss Magnífica... acho que era o Universo, Casey... quando tiver um minuto. Enquanto isso, vamos chamar Loulou.

Fauve pegou o interfone e ligou para a Central Máxima e pediu a Loulou, a contata mais antiga da agência, para ir ao gabinete dela.

Meio minuto depois, Loulou entrou na sala, jogando-se satisfeita numa poltrona. Tinha 26 anos e era uma mulher gorducha, loura, de aspecto agradável, cuja expressão invariavelmente combinava uma preocupação profunda e um otimismo absoluto, de modo que ela parecia que estava afundando no Titanic, com uma fé absoluta na existência do Paraíso. Loulou, como um grande treinador de cavalos de corrida ou professora de balé suprema, fizera uma arte daquele equilíbrio especial que lhe permitia lidar com uma raça diferente dela, uma aristocracia natural muito emotiva, de alto custo, altamente vulnerável, impedida, pelo sistema de classe da beleza, de jamais ser igual às outras mulheres.

— Oi, caras — disse ela. — Bom, vamos ver. Betty não quer furar as orelhas para os brincos de brilhantes do anúncio de De Beers. Diz que não é covarde, mas não suporta agulhas. Hillary fora de atividade para todo o mês de outubro. Vai ao Himalaia, meditar ou seja o que for, com aquele guru dela, ou seja quem for. Glamour me deu o melhor orçamento para a viagem a Tânger e só dá para duas garotas e mela e eles precisam de três, de modo que perguntei às garotas se aceitavam menos para ver a Casbá. Aquela canadense nova fica me dizendo que só quer fazer catálogo, quando eu sei que está preparada para o editorial... alguém tem de falar com ela sobre o seu problema de imagem. Há nove telefones enguiçados, como sempre, mas Pete, o nosso consentados de telefones permanente, está de férias, e como realmente ninguém mais compreende a nossa organização, é sorte hoje ser sexta-feira. Uma de vocês vai ter de fazer Cindy se demitir, pois não recebo pedido para ela há duas semanas e vocês sabem que isso quer dizer que acabou-se para ela aqui. Mas, que diabo, ela está com 26 anos e sabe que isso está para acontecer há um ano ou mais, de modo que talvez

seja até um alívio. Há uma venda na sala de exposição de Anne Klein; Halston vai dar uma festa e linda não recebeu convite... não posso me responsabilizar pelo que ela pode fazer... conservem—na longe das lâminas de gilete. Tento insistir com Fabergé para usarem Jessica que agora estão loucos por ela, não querem outra pessoa e precisam dela amanhã, mas ela está no México; o pai de Dawn chegou de Siracusa e ela escolheu justamente este fim de semana para sair da cidade com seu amiguinho. O que é que vou dizer ao velho papai? Doyle Dane ligou de repente para me lembrar que Patsy tem de dirigir um cano mecânico, naquele anúncio da Alfa Romeo... ela já está a meio caminho da locação e, ao que eu saiba, ela não dirige de todo; lima das garotas— que está treinando para contato esqueceu de ligar para Lani acordando—a de manhã, de modo que ela dormiu até tarde e dou dez pessoas esperando durante uma hora e elas querem cobrar dela; Patsy acabou de telefonar pedindo para marcar hora para ela no dentista, médico, limpeza de pele e depilação, mas nós nem sabemos o que é que ela quer depilar... em todo caso, se vocês não têm mais nada a fazer senão ficar sentadas aí, batendo papo e reclamando, tudo bem.

Mas eu tenho muito trabalho, de modo que se me derem licença... ah, queriam falar comigo? O que é que há?

— Muita bondade sua perguntar — disse Fauve.

— Muito amável, você perder tempo conosco — resmungou Casey.

— Day O'Daniel vai se juntar à nossa família feliz — declarou Fauve.

— Por que não? — Loulou nunca aparentava surpresa. Assim como sua expressão não mudava nunca, sua pose não podia ser abalada. Se Fauve tivesse resolvido se livrar de todas as 20 modelos da Central Máxima, Loulou teria dado de ombros. Sua filosofia era que a cada três meses chegava uma nova geração de modelos das vastidões daquele mundo misterioso e sem importância, fora de Nova York, e o trabalho dela era apenas pô-las a trabalhar o mais lucrativamente possível. As modelos da Central Máxima ganhavam 750 dólares por dia, se hem que algumas tivessem a idéia de que valiam mais, até mil dólares por dia. Ninguém, nem Maggy, nem Eileen Ford, nem Fauve, e certa mente nem Loulou, tinha alguma idéia de que dentro de mela dúzia de anos todas as grandes modelos de todas as agências estariam ganhando 3.000 dólares por um dia de trabalho.

Loulou tinha treinado Fauve e Casey e elas sabiam que, embora Loulou tivesse suas modelos favoritas, como toda contato, a agência era sempre mais importante para ela do que qualquer moça individualmente.

— Vou fazer um quadro para ela — disse Loulou, suspirando, se espreguiçando e bocejando. — Minha caba — gemeu ela.

— Loulou, você não está curiosa para saber por que ela vem para cá? — perguntou Casey.

— Já sei. Acabei de ganhar cinco dólares apostando nisso. Devia ter apostado mais. Ah, Deus, por que é que eu bebo? Não há nada tão divertido que compense a gente se sentir assim. Escutem, caras, tenho de voltar para a central. Para vocês pode ser uma droga de um emprego, mas para mim lá fora é coisa de vida ou morte.

Ela saiu e fechou a porta.

— Um dia — disse Casey, com tristeza — ainda hei de espantá-la. — Não vai, não.

— Não vou, não — concordou Casey. — Contatos!

Certamente, pensou Nadine Mistral Dahnas, as contas de Arene deviam estar erradas. Como é que ela podia ter gasto 12 mil francos em flores, nos últimos meses? Arene era a florista mais cara de Paris e a de maior prestígio. Era uma demonstração de falta de inteligência, na opinião de Nadine, mandar flores de qualquer outra loja, a uma anfitriã, pois, por mais que se gastasse em outro lugar, as flores não davam a mesma impressão. Mandar flores, as flores corretas, da maneira correta, do lugar correto, era um dos detalhes cuidadosamente calculados que Nadine tinha aperfeiçoado durante os seis anos em que fora Madame Phillipe Dalmas.

Eles tinham sido chamados de o casal mais invejado de Paris, lembrou — se Nadine, sentada à escrivaninha de seu salon moderno e enfrentando a pilha de contas de que ela, afinal, se forçara a tratar. A maior parte era já de três ou quatro meses atrás e muitas das pessoas que não queriam saber se ela era filha do Comte de Paris, pretendente legítimo ao trono de França, ou filha de Julien Mistral, cujos bens a deixariam tão imensamente rica, quando ele morresse. Quando morresse. O pai dela, maldito fosse, estava dando todas as mostras de viver até aos 100 anos e os comerciantes de Paris não tinham nada em comum com os comerciantes britânicos de um século antes, que forneciam dinheiro a um herdeiro baseados em suas expectativas.

Nadine examinou a conta de Arene com cuidado. Duas orquídeas miniaturas cymbidium, plantadas em cache pots de porcelana, para a Princesa Édouard de Lobkowitz. Como podiam ter cobrado tanto, se ela mesma fornecera os cache pots? Nadine tinha certo orgulho desse presente determinado, pois ela é que tivera a idéia de comprar os cache pots mais encantadores na Le Grenier de la Marquise, velha e fascinante casa de presentes na Rue de Sévigné, levando-os à Arene para que plantassem neles. Naturalmente, isso encarecia muito as flores, mas como é que alguém que tivesse a menor pretensão ao bom gosto poderia mandar um buquê banal a uma senhora que nascera Princesa Françoise de Bourbon — Parme? Uma senhora que incluía Nadine e Phillipe, com o Duque e Duquesa de Uzés e o Duque e Duquesa de Torlonia, num jantar de 12 pessoas, servido por quatro mordomos em louça de Meissen, um jantar em que o menu colocado diante de cada prato tinha a coroa do Sacro Império Romano? Ela não mandava flores cada vez que eles aceitavam a hospitalidade dos Lobkowitzs, mas quando mandava tinham de ser extraordinárias.

Lirios do vale para a Viscondessa de Ribes, mandados só depois de convites para dois jantares íntimos, seguidos de cinema, e um jantar sentado a rigor, para 40 pessoas. Nadine hesitara o mais possível até se decidir quanto às flores a mandar para a mulher mais elegante de Paris. Por fim, ela achara que só serviriam as flores mais simples. Claro, nesse caso era evidente que devia haver quatro duzias... qualquer gesto inferior teria sido insignificante, não chamaria atenção alguma. Flores para Hélène Rochas,

flores para São Schlumberger, flores para a Princesa Ghislaine de Polignac... ela pôs de lado a conta de Arene. Não duvidava de que fosse tão exata quanto necessária, uma das obrigações que ela aceitava, a fim de conservar o seu lugar no círculo íntimo da sociedade parisiense.

Embora pudesse parecer aos de fora que a sociedade de Paris fosse organizada de modo negligente, pois incluía certos costureiros, alguns escritores e um ou dois decoradores, e até mesmo os Borys, donos da grande cadela de mercearias Fauchon, Nadine sabia bem, com a sintonização delicada a cada vibração que tem um aramista funcionando sem rede, que na verdade esse era um mundo em que, se não fosse a sua vigilância incessante, até mesmo "o casal mais invejado de Paris" poderia desaparecer bem depressa.

A discriminação sempre foi uma arte na sociedade francesa, onde as categorias são tão calibradas que até entre os duques há três — Brissac, Uzés e Luynes — que são mais ducais do que outros. É uma sociedade que ainda se baseia sobre os títulos. Tratava-se de uma pequena porção dos parisienses, mas eram as únicas pessoas no mundo que ainda interessavam a Nadine.

Havia alguns estrangeiros escandalosamente ricos a quem era sempre permitida a entrada, pois eles não contavam — como poderiam contar, se não eram franceses? Permitia-se que eles gastassem dinheiro em diversões para comprar sua entrada para um lugar puramente provisório na sociedade, um lugar que dependia exclusivamente da qualidade extravagante e de bom gosto de sua prodigalidade. Um homem bem educado, interessante, livre, com amantes categorizadas, como fora Phillippe antes de seu casamento, muitas vezes era admitido, bem como certos diplomatas estrangeiros, enquanto ocupavam seus postos, bem como um punhadinho de políticos poderosos.

Mas as grandes anfitriãs nunca convidavam pessoas apenas porque as haviam convidado antes. Cada convite, por maior que fosse a recepção, era considerado, examinado, pesado, medido e depois reconsiderado com cuidado. Por que, Nadine imaginava uma anfitriã se perguntando, vou convidar os

Dalmas para a minha mesa? Ainda valem a pena? Ele não contribui em nada, como status, pois há séculos que anda por aí, e não tem um nome histórico, nem realização alguma, e agora nem mesmo a virtude de ser livre. Mas ela é mais íntima de Jean François Albin do que qualquer outra pessoa... a última coleção dele foi uma maravilha... e os dois ainda são muito decorativos... sim, vou tornar a convidá-los, desta vez. Afinal, ela é filha de Mistral.

Três anos antes, Nadine se perguntara por quanto tempo o período de tolerância poderia continuar a se prolongar para os Dalmas, aquele casal que, engraçado, era pobre. Mais um ano, talvez... ou menos? Foi então que ela percebeu que eles não podiam mais parecer empobrecidos, por temporariamente que fosse, sem decaírem socialmente. Se ela não tivesse tomado a decisão de que eles tinham de receber, em breve seriam tachados

com o terrível estigma de gente que só recebe hospitalidade, sem nunca retribuir.

Isso seria acompanhado de um esquecimento social gradativo, até se encontrarem tão fora da sociedade autêntica quanto esses membros da grã — finagem que compram entradas para todos os bailes de caridade e dão gorjetas exageradas ao maitre do Relais Plaza para conseguir uma mesa junto do bar, tudo para se comprazerem na ilusão de que se estabeleceram em Paris, quando na verdade eles apenas tiveram licença de usar um pouco de espaço vazio.

O que é que elas fazem, essas pessoas que não são convidadas para as festas particulares corretas, pensou Nadine, o corpo todo se enrijecendo de desprezo? Como podiam suportar a vida quando tinham de viver fora do único mundo que interessava? Não sabiam como eram vis, como importavam pouco, como sua posição era abjeta? Não compreendiam que habitavam um ermo tão vazio e despido de significado como o espaço exterior? Observando—as, essas estranhas, encomendando vestidos maravilhosos com Albin, ela ficava impressionada vezes e mais vezes com o fato incompreensível de que essas roupas estavam sendo compradas para não serem usadas em lugar algum. Os jantares a que eram convidadas eram por demais desprezíveis, suas noites de gala nos restaurantes eram abjetas. Elas só existiam para enriquecer Albin. Ela poderia chegar a achar que eram patéticas, se não lhe fossem tão detestáveis, se a inferioridade delas não as tornasse, não que lhe dizia respeito, menos do que humanas.

Nadine se debruçou sobre a conta de Lenotre, o grande banqueiro de Paris. Como ela e Phillippe não tinham empregados, a não ser uma faxineira, a conta de Lenotre era a maior de todas. De três em três meses, eles ofereciam um "coquetel", bem planejado para ocorrer pouco antes de uma estréia importante ou um grande baile, de modo que as pessoas se contentavam em se servir de um magnífico bufê de hors d'oeuvres, sabendo que mais tarde iam comer de novo. Ao preencher o cheque fabuloso, Nadine pensou que nada seria mais estúpido do que utilizar um banqueiro de segunda categoria. Melhor um coquetel de Lenotre do que um jantar sentado de qualidade inferior, ela se garantiu, enquanto ao mesmo tempo se lembrava, com uma inveja tão pura que parecia um vento frio, da recente festa de aniversário de casamento a que eles tinham sido convidados pela Duquesa de La Rochefoucauld. Jeanne—Marie convidara 140 pessoas para um jantar sentado e mais 200 foram convidadas para ir dançar depois. O único meio de se saber que a anfitriã era meio americana foi pela escolha espirituosa do cardápio: presunto a Virgínia e salada de batata, no meio de todas as outras iguarias... ah, ser tão imensamente, inimaginavelmente segura a ponto de poder servir uma comida dessas ao Rei Umberto da Itália e ao Príncipe Charles de Luxemburgo, pensou Nadine, ainda dura de inveja. Jeanne—Marie era a mulher de mais sorte... ela sabia a sorte que tinha? Apreciava isso?

Nadine despertou de seu devaneio, lembrando—se de que ela era muito mais exigente, mais cuidadosa, mais selecionada na sua escolha de

convidados do que a ocupada duquesa, que dava tantas festas que recebia gente que Nadine nunca convidaria para sua casa. Não, os pequenos coquetéis de Nadine Dalmas se haviam tornado famosos pela exclusão inclemente de qualquer um que não fosse positivamente de primeira categoria.

Muitas vezes, ela e Phillipe aceitavam convites de gente cuja posição social era um pouquinho duvidosa, só para poder deixar de convidá—los. Eles sempre ficavam tão ridiculamente magoados, decerto esperando que um coquetel tinha de se tornar um repositório para todo tipo de gente, achando que mereciam uma certa reciprocidade. Não havia dúvida de que a fórmula dela era certa. Quatro coquetéis por ano, só para as melhores pessoas, davam a uma anfitriã uma atração infinitamente maior do que se ela desse dúzias de jantares suntuosos mas menos discriminatórios. E era muito mais econômico.

Quem havia de pensar que eles não eram ricos? A melhor florista, o melhor banqueiro, os melhores clubes, com exceção do Jockey — a família de Phillipe, embora fosse boa, não lhe dava direito de ser sócio do Jockey.

Lá estavam as contas do Clube de Pólo e o Golfe de St. Cloud. Phillipe pertencera a eles em solteiro, uma de suas poucas despesas, nesse período da vida, e deixá—los estava fora de cogitação. A conta dele pelo aluguel de cavalos de pólo, nos dois últimos meses, quando ele jogara no time do Aga Khan, era de mais de quatro mil francos, notou ela, mas era aceitável alugar cavalos, se a pessoa jogasse bem, e pelo menos não saía tão caro quanto as pesadas perdas dele no jogo, no inverno, quando o clube se enchia de jogadores de gin—rummy.

Nadine fez os cheques o mais depressa que pôde, para acabar com a tarefa, e, ao escrever, meditou sobre as coisas que eles não tinham de pagar. Essas contas, por altas que fossem, só representavam uma pequena percentagem na escala em que viviam. O imenso guarda—roupa de Nadine, sempre renovado, era todo feito pela casa de Jean François Albin; o apartamento não lhes custava nada, eles viajavam nos jatos particulares dos amigos; esquiavam hospedados

nos chalés deles na alta Sabóia ou St. Moritz, velejavam nos iates deles no Egeu, passavam semanas em palacetes particulares de St.—Jean—de—Cap—Ferrat, Porto Cervo e Baviera. Nadine tinha conta no Relais Plaza e no Maxim's para os almoços, ainda pagos pela casa de Albin, e, naturalmente, eles jantavam fora toda noite, durante a temporada em Paris.

Nadine gastava pouco dinheiro e só onde seria notada. No Édouard e Frederic, cabeleireiros mais na moda de Paris, onde ela ia quase diariamente, dava gorjetas generosas, O homem que a conservava loura, o rapaz que lhe fazia o xampu, o homem que secava seus cabelos, a mulher que lhe fazia as unhas de pés e mãos — eles sempre seriam os primeiros a falar. Se uma princesa ou a mulher de um armador de navios grego podia se dar ao luxo de ser mesquinha, a simples Madame Dalmas não podia.

Simples Madame Dalmas. Nadine se levantou da mesa e começou a rondar pelo seu salon. Por que, pensou, e se perguntou por que se dava ao

trabalho de se fazer de novo a pergunta amarga, por que é que ela se casara com um homem pobre? Por que a mãe não a impedira? Por que a haviam deixado cometer a loucura de sua vida? Deslumbrada como ela estava, alguém certamente poderia tê-la avisado, deveria tê-la impedido. E um homem que não só era pobre, mas também um burro ineficaz, que, durante os seis anos de casamento, só concretizara alguns de seus negócios nebulosos.

Ela provavelmente o amara um dia, por incrível que isso parecesse agora. Mas qual a outra explicação para o modo como ela gastara o dinheiro que a mãe lhe deixara, ao morrer? Kate tinha morrido de câncer quatro anos antes, deixando muito mais dinheiro do que dissera a Nadine que ela poderia esperar. Parece que ela possuía alguns quadros, que conseguira vender com um grande lucro. Em todo caso, o dinheiro agora tinha desaparecido. Nadine aderira ao sonho de Phillipe, sua resolução estúpida de ter uma casa de campo. A metade de sua herança fora gasta para comprar o chateau na Normandia. Desde então, ele se recusara a desistir da propriedade, embora eles nunca tivessem tido os meios de restaurá-la direito, nem de tomá-la habitável. Ele sonhara com uma casa própria durante tanto tempo, insistiu ele... e, em todo caso, em breve teriam muito dinheiro.

Amor por Phillipe. Devia ter existido, do contrário por que ela teria permitido que ele investisse o resto do legado da mãe? Houvera o suficiente para comprar parte de uma boate que pretendia concorrer com o Castel's, com 3.000 sócios. Jean Castel recusava centenas de clientes toda noite, portanto, era óbvia a necessidade de outra boate.

Juntos, como acreditavam Phillipe e seu sócio, eles conheciam todo mundo interessante nesse círculo rarefeito de filhos da noite, essa gente famosa e aborrecida, tão aborrecida que até sua fama os aborrecia, gente permanentemente desajustada que, às 23 horas, toda noite, começava a procurar um substituto para o sono. O que eles não perceberam foi que essa gente não queria, nem precisava, nem achava bom, ter outro lugar para ir, a não ser o seu querido e conhecido Castel's na Rue Princesse. Depois de um ano, Phillipe tivera de abandonar o empreendimento terrivelmente dispendioso, com um prejuízo total.

Sim, ela com certeza o amara, pois do contrário fora tão criminosamente tão sem juízo quanto ele. Depois do fracasso da boate, Phillipe agiu como se isso tivesse sido por culpa dela. Ele se tornou petulante e mal-humorado com a decepção, castigando Nadine por não poder provê-lo com novos fundos. Ficou com preguiça de querer continuar a encanto-la.

Havia amargura comparável à de viver com um homem que não tinha nada a não ser o encanto, quando ele deixava esse encanto desaparecer como se fosse uma mulher gorda quando tira a cinta apertada? Contudo, se o telefone tocasse, ele vestia o seu encanto, ao atender. Ela podia observá-lo numa festa, com tanta frieza como se ele estivesse dentro de uma vitrina, observar como homens e mulheres reagiam a ele, esse homem que fazia perguntas irresistíveis, que fazia os elogios mais imaginosos, que escutava com arte e, ao falar de si, o fazia com modéstia e só com humor. Um manto

de encanto o envolvia como um traje de toureiro. Cada um dos artifícios dele era nojentamente conhecido dela. Até mesmo a beleza dele era repugnante. Ela se importava tão pouco com ele que era indiferente aos seus casos amorosos. Felizmente, ele tinha o bom gosto de se limitar a mulheres de dinheiro e poder, que eram sempre hospitaleiras. Era a única coisa que ele fazia com alguma esperteza.

Nadine empilhou os envelopes em que colocara os cheques e os levou para o quarto. Ela os levaria para a casa Albin, para serem despachados na segunda—feira. Para que comprar selos, se sua secretária os poria no correio?

Ela abriu os três pares de portas em uma das paredes de seu quarto e examinou seu guarda—roupa. Um milhão de francos em roupas, sapatos, chapéus, peles, lingerie; todas as peças, menos a lingerie, feitas sob medida, tudo lhe tendo custado apenas o preço da lavagem a seco e o seu orgulho.

Há anos que ela se dera conta de que detestava Jean François Albin. Ela não sabia quando começara essa admissão de que não passava de uma ama—seca glorificada e fantasiada de um menino chorão, fraco, inteiramente egocêntrico, freqüentemente cruel, que só tinha um único talento que o mundo aceitava como de um valor enorme. Sua melhor amiga, sua muse! Que farsa era aquilo, uma farsa que ambos ainda representavam; Nadine, porque não podia se dar ao luxo de perder as roupas de graça e o prestígio que tal ligação lhe dava; Albin, porque, depois que o seu breve encantamento por ela seguira o seu rumo normal, agitado e sempre decepcionante, ele verificara que Nadine Mistral, chique, superior, se tomara útil para ele. Ele agora exigia que ela levasse seus cães neurastênicos ao veterinário, contratasse e despedisse seus empregados, escrevesse seus agradecimentos, almoçasse com os seus clientes mais aborrecidos e ricos, se livrasse de amantes de uma noite que tivessem pretensões, comprasse seu haxixe e ficasse a sua disposição as 24 horas do dia.

Naquela noite, Nadine teria de convencê—lo e importuná—lo para ir à festa de seu próprio aniversário, ao qual ele não queria ir, depois que ela passara semanas planejando—o. Lagostas demais, reclamou ele, duquesas demais. Por que ela não arranjara uma coisa divertida, um piquenique, por exemplo, com chucrute, mocotó e muito vinho tinto barato? Por que ela fora tão convencional, tão burguesa? Nadine se rira e lhe dissera para se lembrar de que o vinho tinto o enjoava, mas ela estava indignada. Ele era intolerável, ela detestava o som da voz dele, porém o seu emprego com Albin representava a única fonte de renda fixa que os invejáveis Dgumas possuíam. Era apenas o suficiente para atender a algumas de suas necessidades, não o suficiente para cobrir a conta da casa de flores que ela acabara de pagar. Desde a ocasião em que fracassara a aventura da boate, eles tinham vivido quase exclusivamente de dinheiro que Nadine pedira emprestado a Étienne Delage, o marchand de Mistral. Tinha horror de ir procurá—lo, pois cada vez que ia, sentia—se mais dependente dele. Mas quem mais havia de lhe emprestar dinheiro, para ser pago quando o pai morresse?

Nadine se jogou na cama e se perdeu em seu devaneio eternamente reconfortante. Ele havia de morrer. Ela ia herdar. Os bens valeriam.. , tanto, tanto! Ela nem podia imaginar quanto. Claro que ela não poderia vender muito depressa, para não desvalorizar o mercado, mas havia de adquirir pelo menos muitos milhões de francos de uma vez, o suficiente para pagar todas as suas contas, o suficiente para se prover de todos os francos que pudesse gastar. Poderia largar Albin no pior momento possível, aleijando—o emocionalmente pouco antes de uma coleção, quando ele estivesse mais vulnerável. Ela havia de enxotar Phillipe de um modo tão humilhante que ele nunca poderia falar sobre isso com os amigos. Ela compraria uma grande casa particular na Rive Gauche — na Rue de Lille, talvez — e mandaria decorá—la por Didier Aaron, com um refinamento clássico que não ficaria devendo nada, nada mesmo, à simples moda. E começaria a viver. Nadine Mistral, a grande herdeira, assumiria o seu lugar de direito no coração do círculo íntimo da sociedade parisiense.

Mas até aquele dia, ela não faria absolutamente nada para perturbar o status quo. Ela não poderia divorciar—se, enquanto sua situação social dependesse do encanto e das amizades do marido e da magia do nome de seu patrão. Ela ainda precisava ser Madame Phillipe Dgumas, a melhor amiga de Jean François Aibin — não havia orquídeas em cache—pots que a pudessem conservar nas listas de convites se ela ficasse sem essas proteções. Ela só poderia triunfar como mulher sozinha se fosse uma mulher apenas rica. Ela esperaria. Cristo, mas quanto tempo ainda aquele velho ia viver?

Capítulo 29

Fauve espreguiçou—se. Ah, que bom. Espreguiçar—se, pensou ela, sonolenta, estava na mesma categoria superior de comer, ouvir música e beijar. Graças a Deus que ninguém era tão pobre que não pudesse se espreguiçar. Ela bocejou. Um bocejo grande era quase tão bom quanto uma boa espreguiçada. Ela bocejou e se espreguiçou ao mesmo tempo. Não, perdiam alguma coisa, combinados. Com tantas sensações gostosas ao mesmo tempo, ela não se podia concentrar direito.

Ele rolou na cama e estendeu a mão para pegar Ben e lhe contar isso, mas ele não estava lá. Ela abriu os olhos e olhou em volta do quarto escurecido, um lugar desconhecido, pois era a primeira vez que ela acordava no apartamento dele. Ainda seria noite? Aonde ele podia ter ido? Ela esperou um pouco, quase adormecendo de novo, mas quando ele não apareceu, ela se levantou da cama, bateu até às janelas e afastou as cortinas.

A luz do sol fraca e relutante de uma manhã de março em Nova York a fez piscar. Nuvenzinhas, altas acima da cidade, pareciam trituradas, e dedinhos de ar frio penetravam das bordas das vidraças. Ela tornou a se afundar na cama e considerou as alternativas. Podia gritar e ele viria correndo, de onde estivesse. Podia tornar a dormir ou podia procurar alguma coisa para vestir, pois estava nua, e ir escovar os dentes. Os dentes primeiro, resolveu ela, pegando a colcha do chão e se envolvendo nela, pois não parecia haver nenhuma peça de roupa sua no quarto.

No banheiro, ela encontrou um bilhete enfiado num tubo de pasta de dentes.

Querida,

Sai para comprar alguma coisa para o café da manhã. Volto logo que puder. Eu te amo.

Ben

Isso foi uma idéia, disse ela consigo mesma, procurando uma escova de dentes. Um café da manhã realmente magnífico — majestoso, voluptuoso, erótico — era o único meio de começar uma manhã de domingo em Nova York. Mais importante, isso provava que ele não esperava que ela estivesse ali naquela manhã, ou teria abastecido a geladeira na véspera. Como ela não descobriu nenhuma escova a não ser a de Ben Litchfeld, notou que ele obviamente não achava natural a presença de uma dama, pois do contrário teria uma de reserva. Bom, uma escova de dentes molhada e de segunda mão era melhor do que nada. Ela tomou um banho de chuveiro rápido, enxugou—se numa das toalhas dele, ligeiramente úmida, e vestiu o roupão de banho limpo mas meio surrado que ele deixara pendurado do cabide da porta do banheiro. Positivamente, um estabelecimento de homem solteiro.

Fauve foi para a sala e viu logo que não havia ninguém na cozinha,

preparando alguma coisa maravilhosa. A sala não estava apenas vazia, mas tinha um tal caráter impessoal e glacial que ela teve certeza de que o mesmo decorador que arrumara o escritório de Ben também arrumara o apartamento. Tinha as mesmas cadeiras de Barcelona — alguém algum dia teve mais do que o par previsível, ou havia alguma lei a respeito? — e mesas de vidro e cromado iguais. O tapete, como as cadeiras, era evidentemente caro e cuidadosamente combinando com as cortinas esportivas, mas as plantas pouco simpáticas pareciam ter sido escolhidas por sua capacidade de sobreviver ao abandono, e as litografias nas paredes não davam qualquer indicação de um gosto pessoal.

O único sinal de humanidade na sala de Ben eram os exemplares do New York Times e Daily News de domingo, que ele tinha parado para comprar na banca da Rua 58 e Madison, na noite da véspera, antes de eles voltarem. Ela olhou para os jornais desmembrados espalhados pela mesinha e rejeitou a idéia de apanhá-los. Por algum motivo, eles não se coadunavam com o seu animado estado de espírito. O seu corpo estava todo sensível, e bem manuseado, como de fato o fora. Em todo caso, que boas notícias ela poderia esperar encontrar no Times? Certamente nada que merecesse ser impresso, refletiu ela, e tentou se enroscar no sofá nada sensual.

Por que é que os solteiros sempre tinham móveis que eram estofados com espuma de borracha? Ela deveria ir para a cozinha, fosse onde fosse, procurar um saquinho de chá? Não, ia esperar que Ben voltasse. Depois daquela noite, uma xícara de chá tomada sozinha parecia uma maneira pouco digna de começar esse domingo lindo e preguiçoso... esse domingo necessariamente breve, como ele sabia, pois ela devia partir para Roma naquela tarde, com as cinco garotas que Valentine escolhera para desfilar suas roupas na inauguração de sua coleção da primavera. Passariam duas semanas, indo para Milão e Paris, depois de Roma.

Sem sucesso, Fauve tentou se enroscar numa pilha rebelde de almofadas de espuma. Benjamin Franklin Litchfield, onde está você? A noite da véspera tinha sido a primeira vez que ela passara a noite toda com ele, ou com alguém, aliás, pensou Fauve, considerando a curta lista de seus amantes. Ela sabia que estava fora da moda, mas só houvera dois, além de Ben.

Fauve imaginava, quando tinha tempo para pensar a respeito, o que era raro, que o modo como ela vivera era estranho, para a década de 70, tão liberada. Embora ela trabalhasse por muito tempo, com afinco e até tarde, e tivesse estabelecido sua independência financeira de um modo que muitas outras moças de sua idade não conseguiram fazer, ela se contentara em morar na casa da família, até dois anos antes. Tinha sido cobiçada por muitos homens, mas, durante pelo menos três anos depois de sua última viagem à Provença, Fauve permanecera por demais perseguida pela recordação de Eric para poder reagir a outra pessoa.

Por fim, chegou um momento em que simples cartas não foram o suficiente para sustentar esse amor. Eric tinha sido obrigado a fazer dois anos

de serviço militar, depois de se diplomar na Beaux—Arts, e isso impedira qualquer oportunidade dele visitá—la nos Estados Unidos. Ela tirara férias breves, mas nunca numa época em que ele estivesse livre.

Depois de algum tempo, Fauve começou a sentir que ambos estavam sendo pouco realistas quanto a sua intenção de tornarem a se encontrar. Com o decorrer dos anos, aquelas poucas semanas passadas juntos, quando Fauve tinha 16 anos, se tomaram mais fragmentadas, enquanto iam recuando cada vez mais na memória. Certos momentos estavam fixos, tão vívidos e nítidos na memória que ela mal podia examiná—los, mas o tecido de ligação entre esses momentos se apagou. Ela não conseguia mais se lembrar de toda a trama de um dia inteiro passado com Ene, só pedacinhos esparsos.

Será que eles não souberam corresponder aos seus sentimentos, perguntou—se ela, triste, ou apenas tinham interpretado mal a força desses sentimentos? Será que ele também teria passado pelo mesmo processo de obscurecimento do passado?

Fauve afundou—se no mundo dos modelos e, aos poucos, tornou—se cada vez mais difícil escrever a Eric. Ela relia suas cartas e se perguntava como é que ele se poderia interessar pela atitude de Lauren Hutton, da alta moda, rompendo a tradição e concordando em posar para Avedon vestida apenas com um sutiã de renda preta, biquínis pretos e um chapéu maroto? O que lhe poderia importar saber que a principal decisão da semana dela fora promover uma garota da Central Principal para a Central Máxima? Não havia meio de lhe 'explicar como isso era importante, pois uma vez que fizesse essa mudança vital na carreira, uma modelo não podia voltar atrás, e se a mudança se revelava malsucedida ou prematura, a carreira dela seria destruída, em grande parte.

Os detalhes que lhe enchiam os dias, as preocupações que pareciam tão vitais, porque diziam respeito a pessoas de quem ela gostava e porque tinham verdadeiras repercussões comerciais e pessoais, se reduziam a uma tal trivialidade quando ela as escrevia, que ela rasgava cinco cartas, para cada uma que ela afinal mandava.

Se não fosse a surpresa do casamento de Magali, Fauve achava que ela provavelmente ainda estaria morando em casa, satisfeita em jantar com Magali e Darcy várias vezes por semana. Tinha—se sentido tão bem e feliz ali que nada a teria feito sair do apartamento, a não ser a sua resolução de lhes dar uma oportunidade de ficarem a sós, juntos. Magali tinha protestado, dizendo que era ridículo tratá—los como um casal em lua—de—mel, mas Fauve sabia que o seu instinto e noção de oportunidade estavam certos.

Ela arranjara um dúplex gostosinho para si numa casa estreita e antiquada na Rua 70 Leste, perto da Terceira Avenida, e lá, pouco antes de completava 20 anos, ela teve o seu primeiro caso de amor. E o segundo. Não foram experiências especialmente satisfatórias, Fauve confessou a si mesma. Faltara alguma coisa, algum elemento essencial e, se ela quisesse dar um nome ao que fosse, diabos, só havia uma palavra de que se lembrasse —

romance.

Ela estaria sendo nostálgica, estaria procurando alguma coisa que só poderia acontecer uma vez na vida? As experiências físicas tinham sido satisfatórias, os rapazes eram inteligentes e divertidos, mas aquela outra dimensão, aquele fio tênue de melodia, aquele senão de poesia frisando a coisa mais comum, aquela transformação do mundo, que ela um dia conhecera sentada num carrinho numa estrada perto de Félice, rodeada por carneiros — não, não tinha acontecido.

Fauve nunca deixara nenhum dos seus dois casos passarem a noite toda com ela, embora não houvesse dúvida que sua cama era bastante grande para dois, aquela cama de dossel com reposteiros de gaze estampados com botões de rosa, tão compridos que arrastavam no tapete vitoriano, com flores. Apenas ela não podia imaginar acordar com algum deles — acordar com alguém parecia uma coisa mais íntima do que fazer amor, em certos sentidos.

Na véspera ela pensara, ao adormecer, que acordar com Ben Litchfield poderia ser uma revelação. O romance parecia estar no ar, não bastante perto para se captar, mas positivamente pairando, esperando para acontecer. Ele tentara falar em casamento, mas ela não deixara — não era o momento certo. Ela sentira como se estivesse escutando uma orquestra aforando, um sortimento de sons dissonantes que prometia a chegada da música.

No momento, pensou Fauve, sentindo que seus pés estavam gelando, ela se contentaria com a comida e deixaria o romance ir para onde quer que fosse, quando não estava funcionando. Salsicha da roça — o tipo pequeno, apimentado, bem tostada com panquecas, cheios de xarope de bordo, por exemplo. Talvez fosse isso que Ben ia trazer? Ou Waffles com manteiga derretida e geléia de morangos? Talvez ele tivesse ido comprar brioches, croissants e fatias finas de presunto da Virgínia curado no açúcar ou mesmo um bolo Pepperidge Farm, pronto para esquentar, o tipo com a glacê branca deliciosa e gosmenta, com passas? Ou ele estaria apenas preso, esperando na fila para comprar sonhos judeus? Sonhos de centeio integral com manteiga sem sal e fatias de esturjão, esturjão suculento e branco dos Grandes Lagos? Ah, Deus, ela não estava pedindo muita coisa... não estava esperando ovos Benedict com mais malho holandês; não estava insistindo por um copo alto e gelado de suco de laranja espremido na hora, sem a polpa; só queria um café da manhã, não um almoço pelo amor de Deus, o café combinado com o almoço com panquecas macias recheadas com galinha e cobertas por um molho de cogumelos... mesmo ensopado de ostras.

Fauve enfiou as pernas debaixo do corpo, na posição de Lótus, para se esquentar e na esperança de que isso a levaria à meditação, impedindo—a de pensar sobre a comida. Em todo caso, ela não pretendia ir remexer na cozinha e estragar a surpresa dele.

Ela ouvira falar muito sobre Ben Litchfield, antes de começar a sair com ele, pois a equipe dele era cheia de redatoras cobiçosas que ansiavam por ele, sem sucesso. Ela o observava atentamente, para ver sintomas de que ele

tratava as mulheres com displicência, mas não viu sinais disso, na corte que ele lhe fazia. Ele tinha uma mente picante, arguta e indagadora e compreendia a conversa de trabalho dela e o seu horário irregular. Ela gostava de sua perspicácia.

Ela tinha uma energia insistente e ela se sentia à vontade com as preocupações dele, pois se acostumara com o mundo editorial por causa de Darcy. Ben Litchfield a perseguira com constância e firmeza por muito tempo, até que ela afinal permitira que ele lhe fizesse amor. Ele era um.. , amante muito... confortador, pensou Fauve, procurando a palavra exata. Ela se sentia segura com ele, segura, sossegada e quente e... confortável.

O estômago de Fauve roncou e ela pensou em ler os jornais, afinal, qualquer negócio, para fazer passar o tempo, sem pensar em sonhos, sonhos com geleia e açúcar em cima, sonhos de gengibre, sonhos de trigo integral, sonhos cobertos de chocolate — ela nem sequer gostava de sonhos, pelo amor de Deus. Quando é que Ben tinha tempo de ler o Times e o News?, pensou ela.

Ela se lembrou vagamente de ter acordado no meio da noite e ter visto a luz do banheiro acesa e ouvido o farfalhar de jornal. Ele teria tido um acesso de insônia e tentado ler para dormir?

A chave de Ben Litchfield raspou na porta e ele entrou, com os braços tão carregados que Fauve se levantou de um salto para aliviá-lo.

— Dois pacotes de cereal Kellogg's, leite, ovos... é isso?

Ela teve vontade de choramingar, mas o orgulho a impediu.

— Eu não sabia se você preferia flocos de milho ou de arroz — disse ele — de modo que trouxe bastante de ambos. Tem manteiga e pão de fôrma na cozinha.

Ele a beijou no nariz, por cima de um monte de jornais de um metro de altura.

— Você levou horas!

— Pensei que vote ainda estava dormindo... tive de ir até Hotaling's, em Times Square. Imagine, o Philadelphia Inquirer estava atrasado hoje, de modo que tive de esperar — disse ele, depositando com cuidado as edições de domingo de Lhe Boston Globe, Lhe Pittsburgh Press, Lhe Washington Post, Lhe Cleveland Plain Dealer, Lhe Los Angeles Times, Newsday, Lhe Houston Chronicle, Lhe Atlanta Journal—Constitution e Lhe San Francisco Examiner Chronicle. — Mas, por outro lado, tive sorte. olhe, um Miami Herald! Normalmente, a gente não consegue um aos domingos... quase que compensa não ter conseguido um Chicago Trib ... isso nunca se consegue, só amanhã. Dê-me mais um beijo.

— Não tem bacon? — perguntou Fauve, com — cuidado. — Para comer com os ovos?

— Bacon me passou pela cabeça, mas eu só tenho uma frigideira. De modo que não há meio de se cozinhar bacon e ovos.

— Você nunca pensou em cozinhar o bacon primeiro e depois fritar os ovos na gordura do bacon? — perguntou ela, num salto de imaginação inspirado pela fome.

— Minha esportinha querida... as mulheres sabem de tanta coisa. Vamos experimentar isso em outra ocasião — disse ele, começando a percorrer os jornais depressa, separando certas seções e jogando o resto no chão.

— O que é que está procurando? — balbuciou Fauve. — Aconteceu alguma coisa muito importante?

— Hum... não... nada de especial... tenho de ler as seções da revista de domingo e as seções femininas... Moda, Panorama, Lar ou Lazer, seja qual for o fome...

— Você tem de ler isso?

— Você nem imagina as idéias novas que aparecem nesses jornais de fora, aos domingos... são muito úteis... — murmurou ele, procurando febrilmente no Cleveland Plain Dealer. — Diabos, diabos! Aquele sacana me enganou! O suplemento da revista não está aqui! Não se pode confiar nesses caras é um crime... bom, que diabo, não é culpa da banca... é o pessoal que se prepara e põe no avião no sábado... ah, merda!

— Ben!

— Sim, amor? — Ele levantou os olhos.

— Vamos voltar para a cama.

— Agora?

— Agora mesmo — disse ela, passando os braços em volta dele e tirando — lhe os óculos.

— Antes, do café?

— É melhor de estômago vazio. É perigoso com o estômago cheio.

— Bem... — disse ele, olhando com um pesar e relutância infinitos para seus jornais. — Bom...

— Ou — sugeriu Fauve, baixinho — vote prefere ler os seus jornais enquanto eu preparo o café... e depois voltamos para a cama?

— Que idéia maravilhosa! Ah, querida, como eu te amo! — Ben, o que aconteceu com as minhas roupas? — Você não está bem assim?

— O roupão é grande demais e não tenho nada para calçar.

— Pendurei tudo no meu armário, enquanto vote estava dormindo..

Detesto acordar num quarto desarrumado.

— Obrigada — disse ela, enquanto ele agarrava a seção Panorama de Los Angeles Times com a avidez de um viciado.

Cinco minutos depois, ela saiu do apartamento tão quietinha que Bem Litchfield nem reparou que ela se fora até já ser tarde demais. "Saí para o almoço" dizia o recado que ela escreveu com batom no espelho do banheiro dele.

Maggy estava esparramada no chão da grande sala da casa de fazenda reformada, de calças de lã marrons e um suéter de cashmere cor de tonada. Sobre o tapete escocês havia um rolo comprido de papel quadriculado, uma porção de creions coloridos e o White Rower Farm Catalogue. Darcy, com um livro no colo, estava olhando para as chamas do belo fogo que ele acendera da pilha de lenha junto da lareira.

Ele bebericou seu martíni e pensou na sua felicidade. Havia alguma coisa melhor do que saber que era domingo de noite e que ele só tinha de voltar

para a cidade no dia seguinte, no fira da manhã? Ele e Maggy tinham ido dar uma longa caminhada a pé nos bosques que estavam começando a brotar, naquela tarde, provando de novo sua teoria de que um martíni nunca tinha um gosto melhor do que depois de uma exposição a uma grande dose de oxigênio e o desenvolvimento enérgico de todos os músculos. Não adiantava realmente fazer exercício, se isso não fosse acompanhado por uma bebida.

— O que vote está fazendo, amor? — perguntou ele a Maggy.

— Estou encomendando umas plantas novas para o jardim de lírios.

— Mas para que o papel quadriculado?

— Eu não enterro as plantas na terra de qualquer jeito, filhote. Meço o espaço do meu jardim e faço o plano no papel, seis quadrados em cada 30cm, e desenho a cores os contornos dos canteiros de lírios, para se fundirem naturalmente uns nos outros. Depois procuro no catálogo e escolho as cores que combinem com o que plantei no ano passado. e depois encomendo pelo correio. Na verdade, eu devia ter feito isso no mês passado, mas estava muito ocupada, pensando na nova cerca inglesa.

— Ah, Deus, para que é que fui falar isso? — perguntou ele às traves do teto caiadas de branco. — Por que eu não vi logo, por. que alguém não me avisou?

— De que e que você está falando?

— O dia em que eu disse que você não entendia nada de jardim. Dá vontade de me xingar. O dia em que você despediu o jardineiro, lembra—se?

— Foi um ponto marcante em minha vida, meu bem. Você me deixou tão zangada que resolvi provar—lhe que qualquer pessoa, mesmo uma moça da cidade como eu, podia aprender a jardinar pelos livros. Não é mais difícil do que cozinhar.

— Mas Maggy, você está obcecada! Compreendo essa teoria de que é sábio plantar uma roseira de três dólares num buraco de seis dólares, mas por Deus, você passou o verão todo fazendo buracos de 60 dólares! Comeu metade do gramado, com esses buracos. Cada um lhe tomou um dia inteiro, para cavar e preparar.

— Eu só queria ter certeza de que as minhas roseiras tivessem todo o espaço necessário para espalhar suas raízes e todos os adubos no fundo dos buracos, para ajudarem—nas a crescer nos próximos 100 anos.

— Mas e essas noites em que você ia catar mato e eu tinha de ficar segurando a lanterna para você ver o que estava fazendo? Acha que isso é normal?

— Quando a gente só tem os fins de semana, é preciso aproveitar todos os minutos — disse Maggy, serena.

— E no outono do ano passado, quando você passou seis dias cobrindo tudo com 5cm de esterco de vaca? Você estava enterrada até aos cotovelos!

— Quando a gente pode o jardim para dormir no outono, amorzinho — disse Maggy, com um ar de entendida — n o basta dizer adeus... é preciso

cobrir com palha ou esterco! Vou ter a minha recompensa no mês que vem, quando as coisas começarem a florir. A jardinagem me ensinou a ter paciência. Você devia estar contente.

— Estou encantado. É uma Maggy inteiramente nova, a rainha das plantas em vaso. Acho que você conseguiria carregar o dobro do seu peso, contanto que seja terra molhada num vaso de barro. Mas o que não entendo é por que faz questão de ir ao escritório amanhã. E daí, se Fauve não está lá? Isso atrapalha o nosso fim de semana — resmungou ele, de repente lembrando— se da falha do dia seguinte, de que se esquecera.

— Querido, você só tem de voltar de tardinha e estarei à sua espera mas não gosto de deixar a agência sem alguém tomando conta.

— Casey pode tomar conta por um dia, não pode? Você está sempre me dizendo como ela é responsável e como tem bom senão.

— Não é a mesma coisa. Fauve tem o negócio no sangue. Quando ela não estiver lá, eu devo estar — disse Maggy.

— Sempre uma Lunel no leme? "Oh, comandante, meu comandante?" Esse tipo de coisa?

— A Lunel representa alguma coisa e não posso deixar que andem por aí sem alguma autoridade máxima que possa estar presente imediatamente. — Maggy estava resolvida.

— Você é que sabe. Na verdade, nunca acreditei que você pudesse cumprir esse plano de passar fins de semana compridos aqui... não devia estar reclamando.

— Não devia, não — disse Maggy, pensando, ao voltar para o seu papel quadriculado, que ela já passara a detestar esses fins de semana de quatro dias, um depois do outro, o ano inteiro.

Quando Darcy comprara aquela casa, seu plano para a vida deles parecia prometer a combinação ideal de trabalho e lazer. Mas, depois de alguns meses; ela se dera conta de que não era feita para quatro dias de vida descontraída no campo, todas as semanas. Maggy tomou aulas de golfe e de tênis e detestou cada minuto. Ela preparava refeições complicadas demais, para o almoço e jantar, e estava começando a olhar esperançosa debaixo das camas, procurando uma poeira inexistente, quando apareceu o desafio da jardinagem, que lhe deu alguma coisa para absorver sua energia.

Se não fosse a jardinagem... Ela chegava quase a compreender como o Duque de Windsor, sem ter de representar o seu papel de monarca, tinha conseguido encher os anos criando um jardim maravilhoso. Mas isso era apenas um substituto para o trabalho de verdade, no que lhe dizia respeito. Não era suficiente, nem mesmo durante o tempo em que as coisas brotavam, e de fins de outubro até fins de março, quando o jardim dormia, ela estava reduzida a planejar para a primavera seguinte. Maggy teria sido obrigada a dizer a Darcy que esse plano não estava dando certo, que ela se sentia infeliz se ficasse à toa, que não estava preparada para esse tipo de semi aposentadoria, se não fosse Fauve, e a necessidade de prepará-la para tomar conta inteiramente, quando o negócio passasse para ela.

A Agência Lunel nunca parara de crescer, desde seus princípios

insignificantes, em 1931. John Robert Powers tinha encerrado as atividades em 1948 e mesmo com o aparecimento de Eileen e Jerry Ford, agora, em 1975, a Lunel continuava a ser a maior e mais sólida agência do mundo. Mas as agências de modelos dependem das pessoas que as dirigem, para seu êxito, de modo que Maggy se forçou a ficar no campo nas sextas e segundas — feiras, com a mesma firmeza com que se obrigou a aceitar as decisões que Fauve tomava nesses dias. Ela se forçou a dar a Fauve a liberdade de dirigir o negócio por sua conta, de errar, de aprender a duras penas.

E o plano dera certo. Certo demais, confessou Maggy a si mesma, com tristeza. Não se pode abdicar pela metade, pensou Maggy, percebendo que essa certeza lhe viera tarde demais. Fauve conquistara o direito de exercer o poder e se Maggy tentasse minar esse poder, procurasse recapturá-lo, ela minaria a mulher de negócios capaz e confiante em si que Fauve passara a ser.

Pelo menos no dia seguinte, estando Fauve na Europa, Maggy tinha um motivo para estar à sua mesa na segunda-feira — uma bela segunda-feira, quando poderia ter alguma emergência resultante das atividades de 200 moças animadas, sem falar em oito rapazes sadios, pensou Maggy, com alegria. Problemas. Ela estava disposta a enfrentar os problemas. Talvez, pensou ela, esperançosa, houvesse o tipo de encrenca fela mesmo, que todos pensavam ocorrer sempre no negócio de modelos, mas que, na verdade, ocorria raramente. Ou, se não acontecesse nada naquela determinada segunda-feira, durante as duas semanas em que Fauve estivesse ausente, alguma coisa certamente devia dar errado. Ela levaria Loulou para-almoçar fora. Havia semanas que elas não tinham uma conversa boa e suculenta. Mas, como sempre, a primeira providência era levar de volta a correspondência sem que alguém percebesse, pensou Maggy, lembrando-se da valise que tinha escondida em cima, em seu quartinho de estar, uma valise arrebentando de cheia de uma seleção a esmo das centenas de cartas que chegavam todas as semanas, de pretensas modelos.

Na Lunel, como nas outras agências, essa correspondência era aberta rotineiramente e examinada por uma garota treinando para contato, ou mesmo pela recepcionista, estando ambas perfeitamente bem qualificadas para selecionar qualquer fotografia que devesse ser levada a alguém com mais experiência. Maggy conseguia pôr as mãos em algumas dessas comunicações inferiores — entre as quais, em toda a história da agência, só umas poucas modelos foram reveladas — e as levava para o campo, toda tarde de quinta-feira. No fim de semana, em horas esparsas, quando Darcy estava ocupado em outra coisa, ela fugia para esse tesouro escondido e, com uma faca de papel, ativamente, examinava toda a correspondência. Sempre havia a possibilidade — sempre a possibilidade... raio — pensava ela, ao cortar cada envelope, com uma avidez como se fosse o mais tentador dos pacotes de surpresa. Ela ainda não tinha descoberto sua última modelo. Nunca se sabe!

Fauve arrebanhou suas cinco pupilas altas, tão diferentes dos romanos que se apressavam em volta delas como se fossem um bando de gazelas

selvagens, e as levou para uma mesa vazia que ela descobrira, milagrosamente, na varanda da calçada da Pasticcena Rosati.

— Sentem—se! — ordenou ela sucintamente, sabendo, por experiências anteriores, que a captura de uma mesa na Rosati era como ganhar na brincadeira das cadeiras musicais. A não ser Fauve, que já fora a Roma uma vez, nenhuma outra do grupo tinha estado lá. Todas tinham o dia livre para descansar da viagem, antes que as modelos comessem a trabalhar, e Fauve tinha escolhido a Rosati para o seu aperitivo, devido a sua localização na Piazza del Popolo, aquele conjunto incrivelmente barroco de igrejas com domos geminados, o Chafariz de Bernini, o Obelisco Ramãete e o portão cerimonial da Via Flaminia.

A praça tinha sido projetada há 300 anos, para impressionar o viajante entrando pela primeira vez na Cidade Eterna, e conseguira isso de forma tão brilhante que parecia quase um sacrilégio sentar e pedir um Campar, num ambiente de tal pompa e cerimônia imperial. No entanto, isso era Roma, a destilação de Roma, a teatralidade sem—par da vida cotidiana, em que a roupa lavada era estendida para secar em palácios projetados por Miguel Angelo, um simples restaurante ocupava a casa em que nascera Lucrécia Bórgia, e as crianças brincavam de pegar nos jardins da Villa Medici.

Nada pode surpreendi os cidadãos de Roma, nada os pode impressionar. É uma raça que se mantém à parte, reservada e privada, notavelmente taciturna para com os turistas. Foram obrigados a partilhar a sua cidade com os peregrinos desde os tempos dos césares. Para os romanos, todos os outros na face da Terra são simples provincianos e eles fazem ouvidos moucos e se negam a ver a enxurrada sempre constante dos visitantes que os cercam. Só há uma exceção, só um tipo de forasteiro para quem o romano vira a cabeça.

— Cruzes — disse Arkansas — esse pessoal todo não parece tão simpático?

Sem surpresa, Fauve olhou para os rostos fascinados em torno delas, que nem procuravam esconder seu interesse. Nunca, na história das modelos, houvera uma paixão tão difundida pelas garotas americanas, altas, magras, ousadas, com um mundo de cabelos em que o vento parecia estar sempre se agitando, com uma sensualidade forte, mas inocente, brandindo uma beleza excessiva e uma juventude recém cunhada. O velho mundo não parecia capaz de produzir nada parecido com essas criaturas magníficas, com seu desembaraço risonho e seu glamour violento, que assolavam a Europa.

Os modelos fotográficos americanos agora apresentavam a nova coleção de figurinistas que, alguns anos antes, nem pensariam em exibir suas roupas em alguém que não fossem as manequins da casa, em quem tinham sido provadas, moças européias que sabiam desfilar numa passarela dez vezes mais profissionalmente do que qualquer americana que normalmente trabalhava diante de uma câmara. Mas agora o negócio da haute couture era como um poodle miniatura, objeto de luxo, que arrastavam atrás de si um grande trem de carga de produtos feitos em massa, vendidos sob o nome

de cada figurinista. Os vestidos continuavam a ser feitos a mão em Paris, Londres e Roma, mas as poucas clientes ricas que os compravam, por mais jovens que fossem, eram chamadas de "dinossauros", pois eram parte de uma raça quase extinta na face da Terra.

No entanto, os desfiles de modas nunca foram tão teatrais, nem tão espetaculares. As modelos eram contratadas, a altos custos, de todas as grandes agências de modelos de Nova York, e levadas de avião para a Europa, para as coleções, porque a grande quantidade de publicidade que provocavam se refletia imediatamente nas vendas de produtos importados nas ruas comerciais, de Indiana a Oslo, de Tóquio a Hamburgo.

A febre agitada, a mania cada vez maior de modelos americanas se espalhara às revistas de modas européias e já era rotina Maggy, Wilhelmina e Eileen Ford mandarem suas modelos novas mais promissoras passarem três meses em Paris ou Roma. Uma vez lá, a desconhecida era imediatamente contratada pelos melhores fotógrafos, todos ávidos pelos rostos americanos maravilhosamente novos. Elas aprendiam a usar roupas mais caras e complicadas do que qualquer coisa feita nos Estados Unidos; os maiores cabeleireiros e artistas de maquiagem experimentavam com seu aspecto, até ela conhecer os limites máximos de seu potencial; e ela poderia fazer o seu livro com dúzias de fotos do Bazaar italiano e Vogue francês, além das muitas outras revistas de modas publicadas no exterior. Quando essa rainha da beleza ginásiana, relativamente crua, voltava para casa, polida, exótica, reluzente e não mais de olhos arregalados, vinda das escolas de aperfeiçoamento de Paris e de Roma, ela estava mais firmemente lançada no negócio do que se tivesse passado dois ou três anos de um desenvolvimento constante em Nova York.

Se voltasse para casa.

Maggy e Fauve estavam bem cientes dos perigos de mandarem suas modelos para a Europa. Embora a maior parte morasse em casas particulares e todas fossem contratadas pelas agências locais, que se mantinham num contato constante com a Lunel, havia uma lista ilimitada de coisas que podiam dar errado com mocinhas longe de casa. Uma pessoa da Agência Lunel ia à Europa de meses em meses, para se certificar de que tudo estava bem com elas e, nessa viagem, Fauve estava encarregada de procurar todas as modelos Lunel trabalhando na Europa, além de garantir que Arkansas e as outras quatro modelos contratadas para fazer os desfiles de Valentino em Roma, Aramam e Versache em Milão e Saint Laurent e Dior em Paris, cumprissem os seus horários apertados.

— O que foi que eu lhes disse sobre os homens romanos? — perguntou Fauve a Arkansas, que estava sorrindo, encabulada, para a mesa ao lado.

— Para não confiar neles nem um pingo — disse Arkansas, sorrindo mais ainda.

— E quem é que você acha que são esses homens para quem você está sorrindo?

— Bom, sabe Deus, pode ser que sejam estrangeiros, como nós. Não es tão usando placas com os nomes, Fauve. Sabe por que é que você é tão

desconfiada? Porque é da cidade. É por isso que você é positivamente antipática. Eles me parecem ótimas pessoas.

— E você parece ótima para eles. Ah, meu Deus, será que vai ser assim, durante duas semanas inteiras? Não, não responda. Vai ficar pior. Isso é só o começo.

— Mas Fauve — protestou Angel, uma da última safra da Carolina do Sul, o estado que, misteriosamente, produzia mais manequins da alta moda do que qualquer outro. — Minha mãe me disse que se uma garota não leva um beliscão no traseiro em Roma, isso é um verdadeiro insulto. Ela disse que é costume da terra e que vou parecer uma caipira se me aborrecer com isso.

— A última dos batedores de carteira italianos é que enquanto uma belisca o outro pega a sua bolsa... aí está a admiração dos romanos. Diga a sua mamãe que os tempos mudaram — disse Fauve, com ar sinistro.

— Vamos passar as duas semanas inteiras trabalhando? E o jantar? Nós todas precisamos de nos alimentar — retrucou Ivy Columbo, com seu sotaque de Boston. Ivy, inteligente, tinha sido aceita por Radcliffe e Lunel na mesma semana. A instrução universitária nem entrou no páreo.

— Olhem — disse Fauve — em Milão os homens são diferentes, mais de negócios, um pouco menos perigosos. Quando chegarmos a Milão, vocês podam sair para jantar, se ainda tiverem a força para sair do hotel depois do dia de trabalho, o que duvido. Mas em Roma fiquem comigo. Prometi levar vocês todas aos melhores restaurantes, não foi?

Fauve olhou para o círculo de caras rebeldes. Um garçom se aproximou, com uma garrafa de vinho.

— O cavalheiro da mesa ao lado deseja oferecer às damas um cálice de vinho — disse ele.

Fauve o dispensou com um gesto.

— Agradeça ao cavalheiro, mas diga que a religião das damas as obriga a pagar por suas bebidas.

— Ah, droga — disse Arkansas.

— Malvada! — resmungou Angel. — Estraga prazeres.

— Não faria mal algum ser um pouco mais educada — contribuiu Ivy, sacudindo os cabelos pretos e crespos de modo a atrair todos os olhos da varanda. Até mesmo Bambi Um e Bambi Dois, que não tinham dito nada até agora, olharam para Fauve com tristeza em seus olhos maravilhosos.

— Escutem, garotas — disse Fauve, com severidade — esta é a primeira manhã do primeiro dia dessa viagem e vocês já me estão dando trabalho. Isso simplesmente não é justo e não vou permiti-lo. Se eu deixar que alguém nos pague uma bebida, isso será interpretado como um convite para eles se juntarem a nós e aí vamos ter o trabalho de nos livrar deles, quem quer que sejam. Não existe isso de um gesto simplesmente simpático de parte de qualquer homero em Roma... vocês não só devem recusar uma bebida, como não podem retribuir um sorriso, não podem nem mostrar que notaram que estão reparando em vocês. Toda a vida deles gira em torno de seduzir as mulheres... os homens romanos são os Casanovas mais escandalosos, de menos confiança no mundo... vocês não haviam de querer

se envolver com eles em circunstância alguma. Entenderam todas? Fui bem explícita? Nem uma palavra, nem um olhar, nem um sorriso... — disse ela, olhando para elas séria ao falar, pois era a primeira vez que Maggy achara que Fauve adquirira a maturidade suficiente para se desincumbir sozinha da tarefa árdua de acompanhante de modelos. Ela era a única responsável por aquele grupo e não queria que elas tivessem qualquer dúvida sobre sua autoridade. Fauve estava tão absorta no que estava dizendo que nem notou o homem que abria caminho para uma mesa do outro lado da varanda, um homem que parou, olhou para ela, tornou a olhar, se virou e começou a se dirigir para ela, o mais depressa possível.

— ... nem um gesto do dedo mindinho — terminou ela, olhando para as pupilas, com raiva. Quando ela pronunciou as últimas palavras, o homem chegou junto dela, sem ela reparar. Ele ficou atrás dela por um instante, olhando para ela, incrédulo; e depois, quando as cinco modelos levantaram os olhos para ele, abaixou — se e beijou o topo da cabeça dela. Fauve abriu a boca, indignada. Bateu nos cabelos e levantou — se, furiosa, preparada para a luta.

— Que... audácia! — gritou ela, enquanto Eric Avigdon a pegava nos braços.

As moças deram uma salva de palmas, mas Fauve nem as ouviu.

Capítulo 30

— Estou tomando nota do tempo — disse Ivy, sossegadamente — e faz bem uns cinco minutos que ela não nos lança nenhum olhar desconfiado.

Ela estava sentada com as outras quatro modelos, Arkansas, Angel, Bambi Um e Bambi Dois a uma mesa no Dal Bolognese, um restaurante barulhento ao lado da Rosati. Elas almoçavam numa mesa enquanto Eric e Fauve estavam juntos em outra, de onde ela podia ver tudo o que as modelos faziam, embora estivesse muito longe para ouvir o que diziam.

— Estou tão farta de fingir que estou olhando para você, Arkansas — gemeu Angel. — É bom que eu não consiga nem ver até o outro lado dessa mesa sem meus óculos. Alguém que tenha boa vista pode fazer o favor de me dizer se esse amigo de Fauve é tão irresistível quanto eu acho que é?

— Minha velha professora do ginásio diria que você o está condenando com parcos elogios — resmungou Arkansas. — E por que implicar comigo? Faça o seu negócio de fingir que vê com Bambi Um ou Bambi Dois. Isso me deixa positivamente nervosa.

— É mais fácil com você. Você é a forma mais alta que posso distinguir — explicou Angel. — Acho que Fauve é o fim! Tudo muito bem, ela almoçar com um homem, porque ele é um velho amigo, ou é o que ela diz, e para provar que ele não é um desses romanos sinistros, ele tem um sotaque francês. E daí? Eu digo que ela é uma fraude bem grande e gorda.

— Se você não fosse quase cega tinha de saber que ele tem de ser um

velho amigo — retrucou Bambi Dois. — Devia ter visto como ele olhou para ela. É um pouco mais do que um simples conhecido, se quiser a minha opinião.

— Ela suspirou.

— Poupe—me! — disse Angel, aborrecida.

— Não comecem a brigar, amores — avisou Ivy às outras quatro. — Estamos indo brilhantemente. Ela se esqueceu de nós. Não se desleixem, não olhem para os lados, não se façam de tolas. Quem está com o livro guia?

— Eu — disse Bambi Um, dobrando o pescoço comprido de um modo que provocava o caos, desde que ela tinha 12 anos.

— Pois abra e leia para nós — disse Ivy.

— Mas estou comendo — protestou Bambi Um. — E não me chame mais de Bambi Um. Resolvi mudar o meu nome. Minha pobre mãe tentou ser original, mas há cinco Bambis no negócio, cinco Dawns, sete Kellys e uma dúzia de Kims, 17 Lisas, nove Heidis... de agora em diante podem me chamar de Harold.

— Harold, amor, abra o livro. Pode comer mais tarde. Vamos todas nos revezar na leitura — prometeu Ivy. — Até mesmo Angel vai pôr os óculos quando chegar a vez dela, não vai, Angel?

A mesa das modelos passou a comer a massa, sérias, escutando atentamente enquanto Harold lia um exemplar do Fielding's Europe.

— Dal Bolognese — leu ela, queixosa — é um ponto de encontro favorito de belas estrelas cinematográficas em ascensão, pintoras e garotas das artes criativas... grande coisa! Não era mesmo de esperar? Se eu não estou em ascensão, quem estará? E ainda não vi ninguém a não ser o garçom e o ajudante nem mesmo outra garota de arte criativa, não que me interesse.

— Cale a boca e continue a ler, Harold — ordenou Ivy. — Fauve acabou de olhar para nós.

Harold abaixou ainda mais a cabeça linda de cabelos louro acinzentados sobre o livro e continuou a ler depressa, enquanto as garotas comiam com uma concentração total, sem olharem para os lados, ignorando que a mesa delas era o centro das atenções de todo o restaurante. Já se vira coisa assim, em toda a história de Roma? Cinco divindades, sem dúvida americanas, com olhos só umas para as outras e algum livro? Seriam algum novo tipo de ordem religiosa? Podiam ser um culto de lésbicas? E aquela incrivelmente alta, com os cabelos louros mais curtos que já se viu... seria essa a nova moda?, perguntaram—se as mulheres romanas, angustiadas. Se fosse, elas estavam nas vésperas de dias terríveis, pois só a maior beldade podia se safar com a cabeça tosada. Ianques, go home!

— Elas estão—nos espionando, estou sentindo — disse Fauve, endireitando—se, constrangida.

— Em absoluto. Estão fascinadas com o livro—guia, como todas as boas turistas. Parecem ser um grupo de garotas encantadoras, sérias — disse Eric.

Depois dos primeiros dez minutos de entusiasmo louco, em que ele e Fauve estavam surpreendidos demais para dizer alguma coisa coerente, ele sentiu uma timidez totalmente inesperada paralisá—lo. Ela era uma mulher,

disciplinada, experiente, polida, tão responsável por sua vida. O que acontecera com a sua Fauve? Ela parecia tão... tão mulher de negócios, com seu blazer preto de corte masculino, a saia de flanela cinza, os sapatos caros, de saltos baixos e a blusa impecável de seda branca. Só uma echarpe de escocês lhe lembrou a maneira deliciosamente louca de Fauve se vestir e mesmo o escocês era discreto, em tons de cinza e ferrugem. Sua beleza, com aquela roupa severa, ficava ainda mais acentuada. A cabeça parecia uma grande flor, espantosa, pousada numa haste perfeita. Ela parecia bem mais adulta do que aquele emaranhado de garotas bonitas que a rodeavam. Não admira que ela não tivesse respondido a sua última carta... ela não era a mesma pessoa a quem ele escrevera.

— O que você está fazendo em Roma? — perguntou Fauve, com calma.
— Entrei para uma firma de arquitetura em Avignon e estou aqui para uma conferência sobre moradias. Só começa daqui a uns dias, mas vim antes. Um arquiteto devia visitar Roma pelo menos uma vez por ano, sejam quais forem suas teorias estéticas... não concorda?

— Ah, claro. Tantas... ruínas.

— Não é só isso, tantos prédios de tantas eras que ainda estão em bom estado — concordou Eric, sem sorrir.

Ela já se esqueceu das ruínas, pensou Fauve, com tristeza. Não admira que ele não tivesse respondido a sua última carta. Mas o que ela podia esperar? Ela escrevera a um rapaz de 20 anos, impulsivo e entusiasmado, apaixonado pelos aquedutos em ruínas e Fauve Lunel, mas ele agora estava tão crescido, tão adulto. Os cabelos ainda se levantavam naquela mecha rebelde que ela havia alisado tantas vezes, o lábio inferior era tão cheio e ela ainda não podia afastar os olhos das depressões no meio, mas ele falava com uma espécie de poder e desembaraço que o distanciava dela. A beleza dele estava plenamente terminada e formada e era quase de intimidar.

— Que coincidência estarmos os dois aqui hoje . — disse ela.

— É o tipo de coisa que acontece em Roma — respondeu Eric, com displicência.

— Para onde levam todos os caminhos? — perguntou Fauve, pensando que eles estavam procurando assunto, eles. E o que ele queria dizer, com "esse tipo de coisa"? Não era mais do que um tipo de coisa?

— Fauve... — começou Eric, quando uma voz o interrompeu. Ivy tinha aparecido ao lado da mesa deles.

— Desculpe, Fauve, por interromper você e o seu amigo, assim, mas nós todas pensamos que, já que só temos uma tarde livre para ver a cidade, o melhor a fazer é entrar numa dessas excursões em ônibus de teto de vidro, com um guia que fale inglês, e ver o que pudermos.

Ivy estava com o exemplar do Fielding metido debaixo do braço.

— Tem toda a razão, Srta. Columbo — assegurou — lhe Eric, depressa. — Também há uma excursão de Roma à Noite... a não ser que estejam muito cansadas da viagem.

— Ah, não, estamos todas muito empolgadas para dormir. Assim, quando você quiser ir, Fauve, nós gostaríamos de ir andando. Ninguém está com

muita fome.

— Bem... — Fauve hesitou, com relutância. Não podia propriamente se levantar e largar Eric, mesmo que ele não fosse o Eric dela. Malditas garotas, por que não podiam almoçar em paz? Que diabo era toda aquela pressa?

— Como quiser. — Ivy postou-se ao lado da mesa, evidentemente esperando uma decisão. — Podíamos todas ir à Via Condotti, se você acha que essa coisa de ônibus é uma chatice, e ver a loja Gucci... talvez tenham alguma coisa em liquidação... Diga o que resolveu e vou avisar às outras. E podemos procurar no livro para ler, enquanto você acaba aqui.

— Mas certamente, Srta. Columbo, não vai deixar de ver o Vaticano? — disse Eric. Ele e Ivy trocaram olhares de um entendimento instantâneo.

— Ótimo! Idéia formidável! Fauve, você quer ir ao Vaticano, não quer? — Bem...

— Ora, puxa, Fauve, resolva-se. Estamos perdendo um tempo precioso. Estamos todas loucas para mandar cartões—postais do Vaticano.

— Ora, dane-se, Ivy, podem ir! Eu as encontro no hotel. Já vi o Vaticano.

Ivy foi para a outra mesa, vibrando de satisfação. Ela sempre soubera que não bastava ser bonita. Quando insistiu em recitar um poema que escrevera sobre o legado de Thomas Jefferson, em vez de sapatear, e ganhou o Concurso da Miss Adolescente americana, não era porque ela não soubesse sapatear e muito bem. Aquela mandona de Fauve Lunel não ia impedir que Ivy Columbo fizesse o que quer que fosse que os romanos fazem quando em Roma, com os perigosos romanos altos, morenos e de cabelos crespos, com as camisas desabotoadas até ao umbigo.

— Vamos, amores — murmurou ela, voltando para junto das outras quatro — antes que ela mude de idéia. Aquele cara está sabendo. Mas nada de correria. Quero ver uma saída distinta, como damas. Arkansas, pare de dar risada. Bambi Dois, não ouse olhar para a mesa de Fauve, Harold, pare de piscar para aquele homem...

— Meu Deus — reclamou Arkansas — tem gente que não pode mesmo entrar na Doke Vta.

— Não tenha assim tanta certeza — retrucou Ivy.

— Vamos dar uma volta a pé? — perguntou Eric, quando saíram do restaurante para o aparato da Piazza dei Popolo, onde as cascatas de mármore das balaustradas que levavam ao Morro Pincio não pareciam ter menos movimento do que os pinheiros ondulantes nos jardins altos da Villa Borghese.

— Aonde? — perguntou Fauve, perplexa com a necessidade de escolher.

— Sem destino fixo — disse Eric, dando o braço a ela.

— É o meu lugar favorito. Ah, eu me sinto como se estivesse fazendo gazeta na escola. Devia estar-me sentindo culpada, deixando-as irem sozinhas, mas não podia suportar a idéia do Vaticano. Só estive em Roma uma vez, e claro que achava que tinha obrigação de visitá-lo... quando cheguei à Capela Sistina, estava quase me arrastando. Mas como se pode ir ao Vaticano e não ver a capela? É obrigatório. Obviamente, significa muito

para Ivy, mas eu não podia encarar isso.

— Lembra—se do Palácio do Papa em Avignon? — perguntou Eric. — Desde então que eu sei que você não é do tipo Vaticano. Foi uma sugestão inteiramente segura.

— Ah.

— Você não estava pensando que eu ia deixar que você fosse embora com aquelas garotas, estava?

— Eu. .. não sabia bem.

— Tenho muitas coisas a lhe perguntar. Primeiro, voltou a Félice?

— Não.

— E vai continuar a não me dizer por que?

— Vou — disse Fauve, abruptamente. — Como vão os seus pais?

— Ambos muito bem. Florescendo. Meu pai se aposentou para Villeneuve, de modo que está feliz porque resolvei morar em Avignon. E a sua avó? O casamento dela deu certo?

— Ela e Darcy compraram uma casa no campo e ela está positivamente feliz, fazendo todas as coisas que nunca tinha tempo de fazer antes. Magali adora a vida dela... agora só vai à agência três dias na semana... sente bastante confiança em mim, de modo que afinal pode viver um pouco para si... Deus sabe que ela merece — disse Fauve, pensativa.

Eles estavam caminhando pela Via Margutta, estreita e apinhada, na direção da Escada Espanhola, passando sem ver dúzias de galerias de arte, quando de repente Eric conduziu Fauve por umas portas, num prédio velho e mal conservado. Dentro havia um pátio espaçoso e, nos fundos deste, o mergulho verdejante do Morro Pincio, que descia íngreme, coberto por folhagens espessas e plumosas, para o coração de Roma.

— É aqui... sem destino fixo — disse ele e olhou para ela, para ver sua reação de surpresa. No rosto dele ela viu aquela qualidade especial e rara de confiança que a impressionara logo na Salle des Fêtes em Uzès e, de repente, os anos que os separavam se dissolveram, sumiram, desapareceram como se nunca tivessem existido. Ela o encarou e olhou nos olhos dele.

— Por que você não respondeu à minha última carta? — perguntou Fauve, afinal conseguindo fazer a pergunta que não podia tirar da cabeça.

— Mas escrevi, sim! Você é que parou de escrever.

— Não é possível.

— Eu sei que fui o último a escrever — insistiu Eric.

— Eu sei que fui eu.

— Não podemos ter razão os dois — disse Eric. — Tampouco podemos estar os dois errados!

— Talvez estejamos ambos... ambos certos e ambos errados? — sugeriu ele.

— Eu pensei... pensei que minhas cartas fossem muito tolas, que você tivesse se desenvolvido numa direção tão diferente de mim que havia perdido o interesse pelo que eu tinha a dizer.

— Pois eu pensei que as minhas cartas eram muito maçantes, compara das com a sua vida, Só podia lhe contar sobre a Beaux—Arts e o exército. Eu tinha carinho com suas cartas. , guardei todas elas. Estão lá em casa, na

minha secretária.

— Eu achei que você devia ter—se apaixonado... e não queria me escrever a respeito — disse Fauve, numa voz abafada.

— Eu imaginei que todos os homens de Nova York estivessem atrás de você.

— Ah, estavam sim. Aliás, ainda estão. A metade, pelo menos. Eu os ponho a correr, com porretes.

— E que você provavelmente estava envolvida com alguém... amando alguém.

— Eu não estava.

— Nem um pouquinho?

— O que eu chamo de amor não vem aos pouquinhos. Mas você.. , em quase seis anos?

— Ah, eu tentei. Tentei todos os remédios tradicionais específicos para um coração partido, muito trabalho, bebida e outras mulheres. Mas nada ajudou.

— Que coração partido? — perguntou ela, os olhos da cor de uma névoa de rio que se forma no fim de um dia de primavera perfeito.

— O meu. Nunca deixei de te amar e você nunca voltou para mim. Então ele se partiu.

— Ah, meu amor. — Fauve balançou contra ele, o mundo girando em torno dela num círculo vasto, tonto e maravilhoso. — Onde é o seu hotel? — A cinco minutos daqui se...

— Mas o tráfego.. , nada se mexe.

— ... se formos andando. Três minutos, se formos correndo.

Era uma cama grande, com um colchão que vergava num vate conõartá vel no meio e se erguia em volta deles em pufes suave e cheios. Era como estar perdido num monte de neve quente, pensou Fauve, enquanto eles ficavam ali deitados tão entrelaçados que ela nem sabia onde parava o seu corpo e começava o dele. Sua mente divagou por camadas de sentimento e emoção. Tanta coisa lhe acontecera nas últimas horas que ela

estava embriagada, aturdida, madura e cheia de descobertas. Os detalhes estavam todos misturados; os pêlos tão sedosos debaixo dos braços de Eric, a onda de um pudor extremo que ela sentira quando ele se mostrou em sua nudez, os minutos calados, prendendo a respiração, quando ele chupara os bicos de seus seios e ela olhara para o topo da cabeça escura dele e vira que nunca havia sentido a verdadeira ternura na vida; e depois o momento em que a ternura se transformara num desejo tão transcendente que abolia a ternura; a explosão de paixão pura em que as duas metades de um segredo, que eles partilharam pela primeira vez num carrinho numa estrada de Félice, finalmente se haviam unido numa florescência de muitas pétalas de um prazer indizível — o passado e o presente se misturavam; eles estavam valsando juntos ao som de uma orquestra de aldeia, estavam protegidos pelos galhos de uma velha pereira num jardim murado, estavam deitados naquele calor diáfano, de mel, vermelho—dourado, que só os tijolos e estuque de Roma, dourados pelo tempo, podem destilar do sol. As

pálpebras dele se moveram, batendo debaixo dos lábios dela.

— Não estou dormindo — disse ele — só fechei os olhos por um minuto.

— Nunca, jamais, em toda a minha vida estive tão exatamente onde queria estar — pensou Fauve e depois percebeu que tinha pensado em voz alta.

— Em Roma? — murmurou ele, no pescoço dela.

— Esta cama. O mundo é esta cama. Nunca mais quero sair dela.

— Ah, amor, nem vai precisar. Vou guardar você aqui para sempre. Vou —lhe trazer comidas deliciosas e coisas maravilhosas para beber. E de vez em quando troco os lençóis, se bem que tenham um cheiro tão bom, de nós dois nos amarmos, que eu não vou querer... jamais vou deixar você partir. Eu devia ter feito você se casar comigo quando tinha 16 anos.

— Você é um sonhador... 'de pensar isso — suspirou ela.

— Não, não tinha de ser um sonho. Eu podia ter feito isso acontecer, se tivesse tido algum senão e previsão. — Eric deslizou para fora do braço de Fauve, e apoiou a cabeça na mão e olhou para ela, sério. — Você nem sabe quantas vezes repassei mentalmente aquela cena na estação. Em vez de levá-la à estação, eu devia tê-la carregado diretamente para a casa de meus pais e tomado conta de você até passar aquele estado estranho e terrível em que estava; e depois podíamos ter — nos casado e todos esses anos não se teriam perdido. Mas eu era jovem demais para saber o que fazer, e como um idiota infantil e indefeso, deixei — a partir. Nunca me perdoei.

— Mas Eric! — Fauve sentou — se, rindo, implicando, os biquinhos tenros dos seios meio encobertos pelo véu dos cabelos. — Isso é tal e qual João e Maria se cobrindo de folhas no mato, com folhas de outono. Nós éramos umas crianças... as crianças não se casam e vão morar numa cabana junto de uma cachoeira. Você não imaginou tudo isso, não é?

Ele olhou para baixo e não respondeu.

— Ora, eu não podia ter — me casado então! — continuou Fauve. — Eu não sabia nada, não tinha nenhuma experiência, não tinha aprendido a ganhar a vida, dirigir um negócio... eu nunca ficaria satisfeita em ser uma noiva menina... você, você está só brincando, não é? — Ela estava zombando dele, mas em sua voz havia uma indagação.

Com o dedo, Eric traçou as maçanetas altas e redondas que adquiriram vida em suas faces quando ela sorria — as pommettes, aquela forma curva e doce de que ele tantas vezes se lembrara. Fez — se um silêncio entre eles, um silêncio de espera como o de uma platéia entre o fim de um movimento de uma sonata de piano e o princípio do movimento seguinte, um silêncio tenso, com a percepção do que alguém que não conheça música pense que a peça terminou e aplaudir no momento errado.

— Claro que eu estava brincando — respondeu ele, por fim. — Os soldados têm umas fantasias muito loucas no meio da noite e essa foi a menos lúgubre das minhas. Eu tinha bom senão demais e você também... mesmo então.

— Ah, querido, eu às vezes desejo não ter tanto bom senão. Fico tão cansada de estar enterrada na realidade. Você já leu livros de todos aqueles

autores que falam e falam sobre como você devia viver a sua vida, como se cada dia fosse ser o último? Acho que são apenas um bando de sádicos, promovendo a insatisfação universal.

— Eu me pergunto: como seria o mundo se todos realmente vivessem como se não houvesse um amanhã? — perguntou Eric.

— Não posso falar pelos outros, mas se para mim não houvesse um amanhã, eu sei o que faria.

— O quê? — perguntou Eric.

— Vou—lhe mostrar — disse ela e escorregou de novo para o vale do colchão. Prendeu os ombros fortes dele em seus braços esguios e abaixou a cabeça, de modo que seus lábios pousaram bem na pele quente entre as clavículas, onde o sangue batia com força. Vou—lhe mostrar exatamente... não vou omitir nada...

Lá fora, o sol se pôs devagar, mas nem Fauve nem Eric prestaram atenção. Só quando alguém acendeu uma luz numa janela do outro lado do pátio do hotel de Eric é que Fauve se sentou, com um sobressalto violento.

— Ah, meu Deus, que horas são?

Eric estendeu a mão para a mesinha de cabeceira e olhou para o relógio.

— Umás 17:50.

— Ah, não. Ah, não. — Ela se levantou da cama de um salto e correu para o banheiro, acendeu a luz e se olhou no espelho. Estava aturdida, rosada, descabelada. — Ah, não! Basta elas me darem um olhar para saber onde e como passei a tarde — exclamou ela, com pânico na voz. — Tenho de tomar um banho de chuveiro, pôr maquiagem nova e fazer alguma coisa nos cabelos, e mesmo assim elas vão adivinhar. Eric, a que horas fecha o Vaticano? Você tem idéia? Ah, nem sei por onde começar! Que bagunça!

— Espere um instante, querida. Não fique maluca, vamos pensar.

— Pensar? Quem tem tempo para pensar? Eu tenho de voltar ao Grand o mais depressa possível e rezar para que elas estejam lá, à minha espera. E se não estiverem?

Fauve começou a correr pelo banheiro, nua, tentando ajustar o chuveiro estranho, procurando freneticamente e sem sucesso na bolsa uma escovinha de cabelo, esparramando água fria no rosto ardente, girando em círculos, estonteada, horrorizada ao ver como deixara o tempo escapulir.

— Querida, você está hiperventilando. E está gelada, está toda arrepiada. — Eric a prendeu dentro de uma colcha, enrolou—a nela, pegou—a e a carregou, esperneando e protestando, de volta para a cama,. — Agora, cale a boca e deixe eu telefonar. Você disse o Grand?

Ele falou com a telefonista do hotel num italiano rápido.

— Mas o que é que eu vou dizer? Desligue, pelo amor de Deus. Tenho de pensar nisso.

Ela tentou arrancar o fone da mão dele, mas ele a prendeu com uma das mãos.

— Signorina Ivy Columbo, per favore — disse ele.

— Não! Ivy não! É a mais esperta. Chame... chame Bambi Dois.

Eric não fez caso.

— Alô, é a Srta. Columbo? Aqui fala Eric Avigdor, sim... como foi o Vaticano? Inspirador? Achei que devia ser Fauve? Está descansando num banco e pediu que eu telefonasse e verificasse as coisas. Não, ela está bem, mas um pouco tonta... uma combinação de cansaço da viagem e claustrofobia... acabamos de sair das Catacumbas... sim, as Catacumbas de S. Callisto... bem fora de Roma, na Via Appia Antica. Quilômetros e quilômetros... A culpa é toda minha. Foi minha idéia... eu tinha esquecido como são escuras e estreitas, e depois que a gente entra tem de ficar com o guia, senão pode se perder e nunca mais encontrar a saída... a visita se prolonga... mas não se pode perder as Catacumbas, se há algum interesse pelos mártires cristãos... você não sabia que a Fauve se interessava? Pois é, ela não... C um de meus passatempos... acho que fui muito egoísta. O caso é o seguinte, parece que o meu cano enguiçou e está na hora do rush e o empregado do posto de gasolina quer fechar o posto... C daqui que estou falando... portanto, nem sei a que horas vamos chegar. Muito tarde, eu acho... não posso dizer quando. Ela está preocupada por abandonar vocês... não há problema? Ah, vão todas comer no quarto e dormir cedo? Tem toda a razão... C a melhor coisa. Todas exaustas? Bom, por que não põem o aviso "Não Incomodar" em todas as portas quando acabarem o jantar? Aí eu digo a Fauve para não se preocupar.

— Mandar chamarem de manhã! — cochichou Fauve. — Não se esqueça de dizer à telefonista a hora em que deve acordar—las amanhã... não, não confie nos despertadores de viagem, nunca funcionam. Certo, digo a ela. Boa—noite, Srta. Columbo... o quê? Ivy?... Boa—noite, Ivy. Obrigado por ser tão sensata. Fauve vai ficar aliviada. Ele desligou.

— Catacumbas! — disse Fauve. — Ela não pode ter acreditado. — Eu achei que fui muito convincente.

— É foi... eu não sabia que você sabia mentir tão bem... mas quem podia ser tão absurdo a ponto de ir visitar as Catacumbas numa linda tarde de primavera em Roma?

— O mesmo tipo de pessoas que iriam ao Vaticano. — Ah...

— Acho que é o que se chama de impasse mexicano — disse Eric, com ternura, soltando o braço que a prendia na cama.

— E o que é isso?

— Significa apenas que ninguém leva vantagem, um empate.

— Você quer dizer que perdi a minha autoridade moral?

— Você está apenas mantendo—a em estado jacente. Amanhã você pode vestir aquele paletó impressionantemente severo e os seus sapatos sensatos e arrebanhar o seu pessoalzinho...

— Mas o que você acha que elas estão tramando, de verdade? Você acreditou nela?

— Por que não? Bia parecia cansada mesmo.

— Ivy? De jeito nenhum... provavelmente está sapateando pelo quarto — disse Fauve, séria.

— Tenho certeza quanto ao jantar no quarto — disse Eric, beijando o

pescoço dela e terminando a discussão. Qual a outra explicação para o ruído de uma rolha de champanha estourando no quarto de Ivy?

Na manhã seguinte, Fauve estava sentada no saguão do Grand, lendo o Daily American com o ar angelical e um tanto de vítima, de quem está esperando pacientemente, quando as modelos saíram do elevador, no horário, e, conôforme ela viu com grande alívio, obviamente descansadas. Ela as acompanhou ao Valentino's, onde deviam ficar até de tarde, provando as roupas para o desfile de quinta—feira.

O dia, pensou ela, estava inevitavelmente perfeito, se bem que o mes de março em Roma possa ser úmido e frio. Os cafés ao ar livre já se estavam enchendo, o aroma do café expresso temperava o ar suave, as árvores lançavam seus galhos florescentes de trás de cada muro, parecia haver uma banca de flores, cheia de botões, em cada esquina.

Fauve comprou centenas de cravinhos pungentes, vermelhos escuros, enchendo os braços e a bolsa a tiracolo com todos os que conseguiu carregar. Seu coração estava cheio de uma ternura desordenada, inebriante. Ela se sentia como um balão cor—de—rosa, cheio de hélio, que fora solto no céu turquesa, seu cordão dançando alegremente na brisa. Por que estava com tantas flores, pensou ela, por um minuto, voltando à terra, e lembrou—se de que estava indo visitar as três modelos Lunel que estavam trabalhando em Roma, havia seis semanas. Ela as encontrou muito animadas e deu a cada uma um monte de cravos e um beijo apressado, antes de ficar livre, afinal, para poder correr ao encontro de Eric.

Até à hora de ir buscar Ivy e companhia no estúdio de Valentino, o dia era dela, para passar com Eric — o tempo fora do tempo, tempo que não tinha relação com a vida real, tempo a ser agarrado e vivido de minuto em minuto, não tocado por qualquer pensamento do amanhã. Ainda era Quarta feira de manhã e ela só tinha de ir para Florença, de avião, na noite de quinta—feira — era uma eternidade, se ela pensasse naquilo como uma sucessão de momentos milagrosos, cada qual completo em si.

Enquanto eles almoçavam num restaurantezinho perto do Forum, Eric não conseguia deixar de olhar para Fauve. Ela parecia ter 15 anos, o rosto sem qualquer maquilagem, a não ser rímel, e os cabelos escovados, de modo que o seu brilho se tomara uma nuvem avermelhada. Ela estava com um suéter de gola enrolada, macio, cor de sorvete de pistache, e calças de veludo de algodão branco sujo, que ela enfiara em botas baixas, cor de mel. Com o poncho azul vivo e a bolsa a tiracolo, parecia estar pronta para o primeiro dia de aula, pensou ele, o coração tão desordenado e descontrolado de amor que ele se sentia idiota. Depois do almoço, eles foram a pé ao Forum e pagaram suas entradas naquela bilhетенzinha que é tão extraordinariamente comum, como se um simples ingresso seja a única coisa necessária para se viajar para trás na história.

— Também vim aqui, da última vez — disse Fauve. — No dia depois do Vaticano. E prometi a mim mesma que sempre havia de voltar, se tomasse a vir a Roma. Você não se importa, não é? Acho que aqui não há grande coisa para um arquiteto.

— Colunas quebradas, alguns arcos, umas estátuas sem cabeça? — disse Eric, olhando em volta. — Um deserto de fragmentos... tudo caindo por cima de tudo o mais, os destroços de séculos caídos uns sobre os outros, e tudo coberto por hera, trepadeiras e azevinho... muita coisa aqui para um arqueólogo, em todo caso — riu — se ele. — O que a atrai nisso?

— É o único lugar em Roma que me pareceu dar o verdadeiro sentimento de como a cidade é velha. Nos outros lugares todos os monumentos são tão conservados e restaurados que perco esse sentido do passado, mas aqui... bem, resta tão pouca coisa que posso sonhar, posso me entregar a esse estado de espírito e dar asas à minha imaginação.

Fauve e Eric foram andando debaixo dos ciprestes para a crista do Monte Palatino, onde outrora os monarcas de todo o mundo conhecido tinham seus palácios. Não havia nenhum outro turista, e certamente nenhum romano, por ali.

— Este deve ser o lugar mais tranqüilo de Roma — disse Fauve, em voz baixa. O silêncio poético do Forum a encantava. Havia alguma coisa quase sobrenatural que vinha de estar de posse desse espaço misteriosamente abandonado, onde um dia os povos de todas as partes do Império Romano se haviam acotovelado para verem os cidadãos afortunados passando em seu esplendor. Ela sentiu um senão empolgante de vanglória, como se estivesse pisando sobre milênios em botas de sete léguas. Pegou um ramo de folhas de acanto verde—escuro e examinou sua forma clássica. Ela desejou saber fazer uma coroa delas, pensou ela, olhando para Eric. Imaginou que algum jovem cônsul romano, regressando para dar notícias da situação nos confins do unperío, poderia ter a mesma expressão de aventura e força que se estampava sobre as feições bronzeadas de Eric. Da cabeça dele pendia uma coroa.

Eles chegaram ao topo do morro e subiram a escada íngreme para o verde do pequeno jardim de buxo, maltratado, que era só o que restava dos outrora grandes jardins suspensos dos Farnese.

— Como gosto disso aqui! — exclamou Fauve. — Não tem um perfume maravilhoso? Que cheiro é esse?

— O buxo... ou serão os séculos? — perguntou Eric, olhando para baixo, vendo todo o Forum em fragmentos espalhado debaixo deles.

— Eu me sinto mais viva aqui do que em qualquer outro lugar em Roma — disse Fauve, numa voz de assombro. — Até os espectros são simpáticos. — Sim... também sinto isso... como é que você sabia?

— Foi assim da última vez... eu tinha certeza de que você também sentiria isso.

Eles se sentaram num banco de pedra e se calaram, enriquecidos e reconfortados pelas vibrações tangíveis do passado que desaparecera, mas que nunca morrem.

Eric foi o primeiro a romper o silêncio.

— Conte sobre sua pintura... ainda não falou nada a respeito.

— Não pinto mais... nunca mais pintei, desde o verão em que te conheci.

— Você abandonou a pintura? — disse ele, espantado. — Como é que isso

pôde acontecer? Como foi possível, quando significava tanto para você?

— Eric, querido — disse Fauve, numa voz que o impressionou com seu tom profundo de um pesar perplexo — não me pergunte a respeito... não posso mesmo explicar, nem mesmo para mim. Fale mais de você. Esse negócio de conferência, de que é que trata?

— É empolgante, Fauve. Importante de verdade. — Ele se levantou do banco e ficou andando de um lado para outro, no caminho de cascalho, gesticulando animadamente com as mãos grandes e bem-feitas, enquanto falava. Os olhos cheios de fervor. — Você se lembra de todos aqueles prédios horrorosos que construíram na zona industrializada de Cortine, perto de Avignon?

— Como poderia esquecer? Eram a única coisa realmente feia na paisagem.

— E não precisavam ser! A conferência é sobre como humanizar as habitações de baixo custo, tornando—as boas em vez de más, pelo mesmo preço... ou menos... do que custa hoje. É uma questão de projeto, de cuidado. Nunca aceitarei a idéia de que as habitações populares não podem ser belas... e o mesmo se dá com uma porção de outros arquitetos de todo o mundo. Vamos nos reunir para trocar idéias e técnicas.

— Esse é o único tipo de prédios por que você se interessa?

— Em absoluto... apenas os mais necessários, eu acho, mas não exatamente os mais divertidos. Minha especialidade é restaurar casas de fazenda antigas em toda a Provença. Você nem acredita quanta gente consegue comprar velhas mas e depois querem transformá—las em uma cabana tirolesa ou uma vila grega. Eu lhes dou uma casa confortável, que funciona na vida moderna e não estraga a beleza do original. Mas a minha maior emoção é quando consigo a oportunidade de construir uma casa nova. Aí, não me limito a copiar uma velha mas... isso seria fácil, mas onde está o desafio? Projetar uma casa nova para a paisagem da Provença, uma casa moderna que dá prazer à vista e abriga ao corpo e respeita as exigências do horizonte e os morros... e os vizinhos... ah, esse é um sonho de um arquiteto! Quero mostrá—las a você... você vem ver algumas de minhas casas? Não volte para Nova York, depois de Paris... olhe, é fácil planejar...

Fauve recuou logo da impetuosidade dele. Ela levantou a mão, advertindo—o.

— Nada de planos! O máximo que posso adiantar para o futuro é pensar no que vamos fazer com essas minhas garotas, hoje a noite. Tenho uma forte impressão de que elas têm uma agenda escondida. Não posso deixá—las só, mas não posso suportar me separar de você nem por um minuto.

— Por que eu não desencavo outros arquitetos? Podemos ir todos jantar juntos — propôs Eric.

— Arquitetos? Arquitetos romanos?

— Esta conferência é como as Olimpíadas, todas as nacionalidades são representadas. Muitos, como eu, já estão em Roma.

— Hum... — Fauve pensou muito. — Os latinos, de todo tipo, estão positivamente fora. Os suecos são duvidosos... tem de haver um motivo por

que tantos filmes como têm a palavra "sueco" em seus títulos... ingleses... ingleses... não, há aquela antiga teoria francesa de que não há mulher tão sensual quanto uma suposta inglesa frígida. E se isso se aplicar aos ingleses também? Não posso correr esse risco.

— Finlandeses — sugeriu Eric. — Por que não arriscamos uns finlandeses? Não parecem se reproduzir muito.

Naquela noite, depois de um jantar que passaria aos anais da história das bines!, Fauve verificou que suas pupilas estavam todas bem seguras nos seus quartos, antes de voltar para o hotel de Eric. A grande campina de cama, em que eles só tinham passado uma noite, os recebeu bem. Ela já tinha começado a adquirir uma qualidade mítica, pensou Eric, contando as horas que lhes restavam. Ele estava tão ciente da passagem das horas que a trama dos lençóis, o terreno desigual do colchão, o brilho âmbar da lâmpada da mesinha de cabeceira pareciam fazer parte do passado, tanto quanto do momento presente.

— Só ternos esta noite — disse ele, aninhando a cabeça dela entre as mãos. — Amanhã você não pode ficar comigo, a não ser quando houver o desfile, e depois vai tomar esse avião horrível para Florença. Por que, ah, por que você tem de ir embora na quinta—feira de noite?

— Não conte as horas. Não conte os minutos... você vai estragar o agora. Não me faça ficar triste, não me deixe mais triste do que já estou — pediu Fauve. — As garotas tem de se levantar bem cedinho na sexta—feira de manhã, você sabe disso tão bem quanto eu. As provas vão levar todo o fim de semana... Versache, Armarei... eu pensei que você compreendesse.

— Infelizmente, é tão simples e lógico quanto uma planta. O que eu não entendo é por que você se esquivou todas as vezes em que tentei lhe falar seriamente, desde que nos encontramos. Não insisti porque imaginei que talvez o momento não fosse oportuno, mas agora...

— Ah... deixe eu me esquivar mais um pouco. Eu me esquivo tão bem — murmurou Fauve, cobrindo o peito dele com beijos.

— Deixo, se você me responder uma pergunta muito simples: você me ama, Fauve?

— Ah, sim.

— Então, temos de fazer planos, temos de falar sobre o futuro...

— Você disse que se eu respondesse, você me deixaria esquivar—me de você — protestou Fauve, interrompendo o fluxo de palavras dele. — Planos... o futuro... não é disso que são feitas as esquivas.

— Se você dissesse que não me ama, eu me calaria e faria amor com você, mas você me ama. não vê que isso muda tudo?

O alívio transfigurava a voz dele.

Fauve se afastou dele, levantou—se da cama e ficou junto da janela, nua e branca no escuro que caía fora da luz do abajur. Ela juntou as mãos atrás da cabeça abaixada e a sacudiu de um lado para outro, num gesto quase imperceptível de confusão e negação.

— Por favor, ah, Eric, por favor, hoje não.

— Mas quando? Você não pode estar pretendendo partir sem... isso não

pode ser! Fauve, quantas outras oportunidades você pensa que vamos ter?

— Eric, eu não tenho desejado pensar — disse ela, devagar, o rosto virado. — Estive vivendo sem calcular ou pensar nas possibilidades... estive vivendo. .. só plainando com o vento. Estive tão feliz, só saltitando como uma linda bolha de sabão, mas se continuarmos a conversar, minha linda bolha vai arrebentar. Por favor?

Eric foi para trás de Fauve, junto da janela, e envolveu — a com os braços, segurando o peso macio de seus seios nas mãos em concha. Ele pousou o queixo em cima da cabeça da jovem e a protegeu com seu corpo grande e quente.

— Você está tremendo. Não fique aqui, está muito frio. Venha para a cama, meu amorzinho. E traga a sua bolha com você... é uma bolha tão brilhante e você a usa tão lindamente.

— Amanhã, Eric, prometo.

— Amanhã.

Na quinta-feira, depois do almoço, Eric estava sentado no Rosati, esperando por Fauve. Ele olhou para o relógio, impaciente. O desfile de Valentino já devia ter começado. Ele e Fauve teriam pelo menos duas horas para fazer seus planos, até ela ter de partir para apanhar as moças e a bagagem e ir a Fumicino, a tempo do avião.

Ela a viu chegando e se levantou de um salto. Ela se dirigiu para ele, com um amplo casaco de viagem. O vento primaveril estava fresco, na praça.

— Vamos sentar lá dentro disse ele, levantando a cabeça de Fauve para beijá-la. — Graças a Deus que você não ficou presa.

— Depois que aquele desfile começou, nada a não ser uma bomba no vestiário podia impedir que as minhas garotas funcionassem... e assim mesmo, elas provavelmente só andariam em volta dos escombros. Eu fugi. Tenho de voltar a tempo de felicitar Valentino, mas é uma coleção grande.

— Café? — ofereceu ele.

— Eu gostaria mesmo é de um bom bule de chá. Existe isso na Itália?

— Há uma longa tradição de ingleses excêntricos que vieram para Roma e nunca mais foram embora... tenho certeza de que fazem chá. Fauve.. . quer casar comigo?

— Eu estava com medo que você dissesse isso — disse ela, naquela voz estranha e abafada. Eric olhou para ela e não parecia possível que aquela moça pálida, novamente vestida de branco e preto, só os cabelos dando colorido ao seu rosto, pudesse ser o espírito de fogo e desenvoltura com quem ele passara a noite, até ela deixá-lo pouco antes do amanhecer.

— Com medo por quê? — Porque não posso.

— Por que não, meu amor? Que motivo pode haver para que duas pessoas que se amem como nós não se possam casar? — Ele falou com calma e tranqüilidade. Tinha certeza de que ela havia de opor alguma resistência, isso fora evidente na sua ambigüidade, sua insistência em nunca olhar além do presente. — Você não tem mais 16 anos... sei que aquela foi uma idéia maluca, mas agora tudo está diferente.. , não há nada que nos impeça.

— Não estou preparada para me casar. Como é que você espera que eu

passar dois dias com você... só dois dias... e tome uma decisão dessas? Foi tudo perfeito e nada é perfeito assim na vida real, nada! Não podia continuar a ser assim... isso foi um interlúdio, Eric. Mas não é só este o motivo. — A voz de Fauve estava forte, certa do que tinha a dizer. — Tenho uma responsabilidade para com Magali, que não posso ignorar. Se eu largasse a agência, ela teria de voltar a trabalhar cinco dias por semana, ou então, desistir dela... vende—la, provavelmente. Ela passou a vida toda construindo esse negócio, eu passei cinco anos aprendendo e ela conta comigo... tem todo o direito de contar. Ah, ela nunca haveria de se opor aos meus desejos, mas sei que se eu saísse de Nova York, isso mudaria todo o modo de vida de Magali, não seria justo! Ela ficaria tristíssima se tivesse de desistir da agência; e ficaria igualmente triste por ter de trabalhar em horário integral de novo, com a idade dela. Em todo caso, o que é que eu havia de fazer de minha vida, morando em Avignon?

— Espere um pouco! São três motivos... você não podia parar um instante para respirar? Tome o seu chá. Leite? Limão? Muito bem, o casamento não seria como dois dias em Roma. Não há nada que seja como dois dias em Roma. Nada como uma semana em Florença. Nada como um mês no campo. O casamento é o casamento e cada um é diferente..., e o nosso seria maravilhoso; de vez em quando, provavelmente não seria perfeito, mas só crianças é que esperam que o casamento seja perfeito e você não é criança. Isso é o número um. Dois. De tudo o que você me contou sobre Magali, ela sabe tomar conta de si. Ela ficaria indignada se pensasse que você estava se sacrificando por ela... Não posso imaginar que ela não resolvesse a situação, de um jeito ou de outro... ela conseguiu se haver magistralmente, por sua conta, a maior parte da vida, não? Tres. Esse é um problema de verdade, mas não creio que não possa ter uma solução. Eu podia me mudar para Paris, por exemplo, entrar para uma firma lá, e você podia arranjar um emprego, ou podia abrir uma agência de modelos, se é isso que você quer... morar em Avignon não é essencial para mim...

— Pare, Eric! Você está sendo tão infernalmente racional sobre isso! Até parece um horário de trem.

— Mas você está—me dando razões e eu estou—lhe dando razões, por que as suas razões estão erradas. Se você quiser dizer coisas irracionais, fico calado e escuto.

— Ah... ah... — Fauve levantou as mãos, sem poder falar.

— Vamos... diga coisas irracionais — insistiu ele.

— Estou assustada, apavorada — explodiu ela. — Estou paralisada com a idéia de tomar uma decisão tão grande. É demais para mim... só de pensar, o meu sangue gela... ah, Eric, eu nasci para florescer tarde. Desisto de cada fase de minha vida o mais devagar que posso, olhando para trás o tempo todo... preciso de velhos hábitos, segurança, familiaridade. Fico petrificada diante da idéia de passar o resto da vida com você... ou com qualquer pessoa, aliás. Não o conheço direito, não você adulto. Nem sequer me conheço a mim. Não tenho tido muito tempo para mim, não — estou preparada para ser casada, não quero planejar o meu futuro... C fácil para

você, você está com 26 anos, já teve tempo de se descobrir, de experimentar. Eu me sinto apressada, pressionada... como pode esperar que eu esteja preparada?

— Isso não é irracional, é natural. — Ele pegou as mãos dela nas suas. — Entendo que é muito cedo para tomar uma decisão. Venha viver comigo... só para ver como é para nós dois juntos. Isso não é um passo assim tão importante a dar, é? Nada de prisões, só um interlúdio, se é só isso que você quer. Não volte para Nova York, depois de Paris... venha passar a primavera em Avignon, comigo.

Fauve olhou para dentro da xícara, mais confusa do que jamais se sentira na vida. Não posso faie—lo compreender. como posso dizer, afinal, que não confio nele, ah, não, a despeito de pensar que confiava? Confiei no meu pai e— olhe o que ele fez... como posso confiar em algum homem, algum dia? Um “interlúdio”... só um interlúdio, diz ele... C sempre um interlúdio quando começa... antes de fazer uma coisa horrível na gente. Foi só um interlúdio para Magali, em Paris, há tanto tempo, só um interlúdio para minha mãe... interlúdios se tornam prelúdios e depois? E depois, oh, Deus? A primavera em Avignon? Não! É perigoso, perigoso demais. Estou certa, por sentir o perigo. Sempre há perigo quando a gente confia, quando depende de outra pessoa, quando põe a vida nas mãos dela. Ah, eu quero a vida que conheço, quero a vida onde tenho um lugar, onde tenho um escritório, onde as pessoas precisam de mim, uma vida em que me criei, onde estou segura.

— Não — disse ela, olhando para dentro da xícara. — Não posso. Tenho de voltar para Nova York. Talvez quando eu tirar férias — gaguejou — nas próximas férias... talvez então...

— Não se preocupe. — Eric levantou—se. — Eu' não sabia que você tinha tanto honor a essa idéia — disse ele, tenso. — Não teria importunado você tanto tempo, se soubesse. Você disse que me amava, mas não ama... não o suficiente. Nem por sombra. Desculpe, o engano foi meu. Ele pôs o dinheiro na mesa e foi embora.

— Eu sabia que ele não havia de entender — murmurou Fauve para si mesma.

— Há alguma coisa, signorina? — perguntou o garçom. — Não — disse Fauve. — Nada. É só o fim... — O fim...

— De um interlúdio.

Capítulo 31

Falk estava acostumado com a adulação de mulheres bonitas e dava o devido desconto. Ele estava tão saturado de lisonjas que nem sabia mais como era a sensação de ser lisonjeado, mas quando Fauve Lunel o convidou para jantar, só eles dois, no apartamento dela, o primeiro jantar que ela preparara sozinha, ele se sentiu... lisonjeado.

— Provavelmente não sou boa cozinheira — ela o prevenira.

— Quem disse isso?

— Ninguém, só que nunca cozinhei para ninguém. Então, como posso ser boa cozinheira?

— Eu me arrisco.

Falk, esperando que Fauve voltasse da cozinha, onde estava misturando as bebidas, olhou em tomo da sala. Era como olhar no sótão de uma residência de família, pensou ele, ou então um monte de álbuns de recordações. Fauve nunca jogara nada fora? Ele só via dois exemplos de controle: ela pintara o chão de verde esmeralda e o deixara despido e a fazenda que ela usara nos móveis bem estofados, exuberantemente vitorianos, estava de acordo: um estampado de gigantescas rosas num chintz brilhante que, quando ele olhou bem, certamente tinha sido usado como cortinas no apartamento de Maggy, na Quinta Avenida, antes dela redecorá-lo.

Ele se lembrava da origem de tantos objetos que via; lá estava a imensa gaiola de arame que ele comprara para Fauve na Terceira Avenida, numa tarde de sábado. Ela parecia ter gerado mais sete gaiolas, empilhadas artisticamente em tomo dela, tornando— a uma estrutura complexa, onde nenhum pássaro cantava. E lá estava o imenso chapéu de palha que ele trouxera para ela de uma viagem que fizera ao Yucatán, e agora acompanhado por dúzias de outros, de todos os feitios e tamanhos, pendurados de ganchos nas paredes.

A lira graciosa que ele lhe dera de presente de Natal, quando ela fez 12 anos, estava pendurada em outra parede, rodeada de uma porção de instrumentos musicais antigos: flautas, violinos, oboés e até um clarinete velho que fora bem areado. Fauve tinha cestas por toda parte, cestas em cima de outras cestas, algumas cheias de plantas, outras com lápis, outras com livrinhos de notas e peças de fazenda e romances de Almofadas! Fauve parecia ter açambarcado o mercado de almofadas, pensou ele, com a saudação de connoisseur de um homem que se considerava perito no ar atravancado. Isso ia além do atravancamento — isso era histórico. Os livros em suas estantes apinhadas incluíam uma coleção completa dos livros de Oz, as muitas aventuras de Mary Poppins e as obras de E. Nesbitt, bem como os livros que Fauve tinha lido desde criança, nenhum dos quais ela jamais pareceu deixar que lhe escapassem. Um par de esfinges de pedra, drapejadas, em tamanho natural, era o que lhe parecia, se bem que ele nunca tivesse visto uma esfinge em bom estado físico, montavam guarda à lareira, dentro da qual havia uma grelha de metal bem areado.

Não havia fogo aceso — era um dia ameno de setembro, em 1975 — mas Fauve tinha acendido uma galáxia de velinhas votivas em copinhos transparentes, distribuindo— os na grelha, de modo que a lareira não tinha um aspecto escuro nem vazio. Uma mesinha redonda estava posta junto de janelas altas que davam para uma árvore de acanto florescente. A mesa estava coberta por três toalhas diferentes: a primeira, bem franzida, chegava até ao chão e era de um tafetá vermelho vivo; a segunda era um tapete velho, sedoso, estampado em todos os tons de rosa, e a toalha de cima era

feita de um linho branco delicado, com uma barra larga de organdi bordado.

Na escrivaninha de Fauve, em molduras antigas e trabalhadas, estavam as únicas três fotos da sala: um instantâneo de Maggy e Darcy sentados no grasnado em frente de sua casa, uma foto de um número de Life de 1951, mostrando Maggy rodeada por suas modelos mais famosas, e uma ampliação de uma das fotos de teste que Falk tirara de Teddy em 1947. Teddy Lunel, aos 20 anos.

Ele virou o rosto, não podendo olhar para aquilo por mais de um momento, e seu olhar foi atraído por um objeto extraordinário, um ursinho estofado gigantesco, que já vira dias melhores, sentado em um lugar de honra, numa cadeira de balanço, num canto. Sobressaltado, ele procurou outros animais. Uma frota de carrancas de navio, um exército de estatuetas, uma coleção de caixas de música, uma floresta de castiçais descasados e, em cada mesa, grupos de vasinhos de um botão só, de todas as alturas, cada qual com uma flor ou um raminho de folhinhas ou alguns capins silvestres — sim, tudo isso, mas, ele ficou aliviado, não havia outros animais estofados.

— Muito aconchegante — disse ele a Fauve, quando ela lhe deu um copo.

— Não fiz muita coisa — disse ela mas aos pouquinhos vai tomando jeito.

— Que jeito você tinha em mente?

— Não sei bem. Vou saber quando chegar lá... provavelmente quando não conseguir mais andar pela sala sem tropeçar em alguma coisa. É por isso que não tenho tapete. Reduz a confusão. Se eu tivesse um tapete grande, ia querer pôr outro tapetinho em cima dele; e precisava de um tapete para a lareira, claro... uma coisa estampada... parece que estou sempre encontrando coisas.

— Eu adoro coisas — disse Falk. — Não há nada como uma coisa.

— Eu sabia que você ia compreender. — Eles se sorriram com o maior prazer mútuo possível. — Você nunca me perguntaria se isso não junta muito pó ou que tipo de neurose representa, nem comentaria com ar sabido sobre o meu instinto de fazer ninho.

— Nunca. Mas eu me pergunto...?

— O quê?

— Nada de quadros?

Não, não tenho lugar para quadros. Tem coisas demais nas paredes, em todo caso, e para fazer justiça aos quadros a gente tem de subordinar a sala a eles.

— Essa sala é positivamente insubordinada.

— Exatamente. Ah, a galinha! Com licença um minuto.

Ela voltou com um eventual branco liso de chef sobre o vestido sem mangas nem costas, de algodão alaranjado vivo.

— Está cozinhando, é só o que posso dizer a favor dela, no momento.

— Que tipo de galinha é? — perguntou ele, com fome.

— A húngara. Galinha à páprica. Estou contando com o fato de que não há nada no mundo que não possa ser melhorado com muito creme azedo. Sei que isso é enganar, mas preciso de todo o auxílio que puder arranjar.

— Quando é que você começou a cozinhar? Isso lhe veio assim de repente?

— Acho que deve ser uma coisa de maturação, ou talvez um desejo desnaturado, como no Bebê de Rosemary. Desde que me mudei para cá, quando não sou convidada para jantar fora, tenho comprado alguma coisa no Dover Deli. Há algumas semanas, eu estava passando pelo açougue e, quando percebi, estava entrando e comprando duas costeletas de carneiro. Pensei em pôlas numa panela e cozinhá-las. Bom, ainda não sei o que fiz de errado, mas a cozinha ficou cheia de fumaça e uma porção de gordura quente começou a esporar em cima de mim. Fiquei tifo apavorada que agarrei a panela do fogo e joguei tudo pela janela dos fundos. Mas isso me levou a pensar que, se Maggy pode aprender jardinagem com os livros, eu provavelmente posso aprender a cozinhar. Então, comprei A Alegria de Cozinhar. Hoje será uma noite histórica — Ela começou a pôr a mesa.

— Maggy acha que você está trabalhando demais — disse Falk. — Ela me disse que você está deixando que o negócio domine a sua vida.

— Ela tem topete! Você sabe o que é que ela fez, no último fim de semana? Encomendou 5.000 bulbos de narcisos. Cinco mil! Ela mesma vai plantá-los naqueles morrinhos baixos atrás da casa e na primavera que vem eles vão brotar como se tivessem crescido silvestres ali há anos, em barrancos. Barrancos... ela está sempre falando desses barrancos. E depois de instalar os narcisos, pretende fazer um jardim de sombra nos bosques, como seria se a natureza tivesse seu senão de elegância. Você já imaginou alguém que pretende cavar 5.000 buracos vir dizer que eu trabalho demais?

— A gente não cava buracos individuais, cava uma porção de terra e mais ou menos despeja os bulbos por ali, ou foi o que ela disse. Como semear cereais, ou coisa assim.

— Bem, seja como for, é trabalho. Sabe, acho que Maggy talvez esteja mais interessada nos jardins dela do que na agência, agora — disse Fauve, pondo os pratos na toalha de linho.

— O que a faz dizer isso?

— É uma coisa bem esquisita, nas quintas—feiras. Todas as quintas de tarde, ela vai ficando cada vez mais irritável, como se não conseguisse esperar para ir embora, mas recusando—se a confessar. Encontra erros não existentes por toda parte, anda pelas salas de contatos e verifica de novo os cartões de todas elas, para ver se ninguém atrapalhou sexta—feira e segunda—feira, começa a se preocupar com as modelos que vão indo muito bem, vai ao departamento de contabilidade para saber se estão preparados para o dia de pagamento, como se, depois de tantos anos, eles não soubessem que toda modelo vai buscar o cheque dela na sexta—feira, chova ou faça sol. Ela está deixando todo mundo um pouco maluco. As novas contatos estão apavoradas com ela. Depois, ela começa a descobrir coisinhas que ela "tem de fazer", à medida que a tarde continua, de modo que não podemos fechar o tempo... coisas desnecessárias, de que Casey, Loulou ou eu podíamos nos encarregar na sexta—feira, perfeitamente. h' como se ela se obrigasse a trabalhar até tarde, porque se sente culpada por ter tanto tempo

de folga, o que é inteiramente louco.

— Já falou com ela a respeito? — perguntou Falk.

— Não, não quero dizer nada que pareça uma crítica. Acho que ainda chegará o dia em que ela vai ver por si que não quer trabalhar três dias por semana. Então, há de me deixar saber — disse Fauve, examinando sua mesa e achando que estava completa.

— O que você acha de dirigir a agência se ela — não estivesse por lá?

— É para isso que fui treinada, é o que sei fazer. Temos pessoas de confiança trabalhando para nós, em todos os departamentos. Casey sabe fazer tudo o que eu faço, Loulou tem a parte dos contatos, controlando— a tanto quanto se pode controlar... sei que é um negócio grande para ser dirigido por uma pessoa da minha idade, mas estou nisso há cinco anos e acho que poderia dar conta. No entanto... Maggy é a Lunel. Todas as modelos esperançosas do mundo querem ir lá para ver Maggy Lunel e não Fauve Lunel. Os redatores de revista confiam nas opiniões dela como só vão confiar nas minhas daqui a anos e anos, a agência nunca seria a mesma... mas... se ela está mesmo farta, eu compreendo. Eu teria de... ah, a minha galinha!

Quando Fauve voltou da cozinha, parecia aliviada. — Provei e acho que vai ser vagamente húngara.

— Você nunca cozinhou nada para Ben Litchfield? — perguntou Falk.

— Ben Litchfeld não tem droga nenhuma de paladar. — Pensei...

— Sei o que pensou. É só nisso que todo mundo pensa. Francamente, Melvin, parece que Manhattan só tem dois quarteirões quadrados, do jeito que todo mundo se mete na vida particular de todo mundo. — Fauve sentouse ao lado de Falk e bebeu a metade de seu cálice de vinho. — Não me refiro a você, claro.

— Sei que não. Então, conte— me sua vida particular.

— Ele quer casar comigo.

— Grande novidade!

— Não, quero dizer que ele quer mesmo se casar. Ele falava nisso de vez em quando, mas você é o tempo todo. Pressão, pressão — disse Fauve, séria.

— A maioria das garotas — disse Falk.

— Exatamente. A maioria das garotas. Todas as garotas, provavelmente. É um camarada maravilhoso, é brilhante, é bom, venceu na vida, e sério, é muito, muito atraente, é uma pessoa com quem posso conversar, temos muita coisa em comum, é bonzinho, é tudo o que se pode desejar.

— Ah, não estou gostando do jeito disso.

— Eu acho que Ben e eu somos o que se chama bons um para o outro — disse Fauve, com um sorriso malicioso.

— Se você dissesse que ele era impossível, maluco, imprevisível, e você não entendesse como é que está tão loucamente apaixonada por ele., aí talvez.

— Talvez sim... talvez não. Nem isso garantiria nada.

— Nada garante nada, Fauve — disse Falk, com brandura. — É tudo uma loteria.

— Não há um jeito de se ter certeza, um jeito de se garantir as coisas para elas acontecerem sob o seu controle? Se a gente tiver muito, muito cuidado? — perguntou Fauve, pensativa.

— Não se você vai se arriscar a fazer uma modificação. As mudanças não podem ser formadas e organizadas e moldadas antes de acontecerem. A natureza da mudança é levar você para outro lugar. Você cresce, é a única coisa de que pode ter certeza, o crescimento. Mas toda mudança tem seu quinhão de surpresas.

— Nunca fui grande apreciadora de surpresas — disse Fauve, com uma expressão sombria de tanta tristeza no rosto, que o coração de Falk ficou apertado.

— Você acha que a galinha está pronta? — perguntou ele. — Está cheirando.

— Vou investigar. Como é que vou saber se está pronta?

— Quando a pema se mexer com facilidade na junta. Também pegue um espeto comprido, espete e veja se o caldo que sai está límpido. Espete na coxa, não no peito.

— Como é que você sabe?

— Quantas mulheres já tive?

— Só três.

— Uma delas deve ter—me ensinado, mas não me lembro qual. E bom saber esse tipo de coisa, mesmo que esteja errado. Chama se sabedoria popular. Fauve saiu da cozinha carregando uma travessa. Estava radiante.

— Parece boa, a julgar pelas aparências.

A galinha estava gostosa, o arroz também, as vagens, cortadas a francesa e congeladas, estavam gostosas e o creme azedo temperado com páprica elevou tudo a um ponto em que a gula se tomava uma virtude, pois não comer aquilo vorazmente teria sido pecar por omissão.

Depois do jantar, Fauve e Falk ficaram sentados defronte da lareira, bebendo conhaque, vendo as luzes votivas ainda piscando. Fauve ficou calada, pensativa. Depois de um silêncio prolongado e confortável, ela levantou os olhos e disse:

— Todas as pessoas mais importantes na minha vida, Magali, Darcy, e até Lally Longbridge, que parece uma tia, e você, especialmente você, Melvin, com quem eu posso falar com maior liberdade do que com qualquer outra pessoa... nenhum de vocês quer faiar sobre a minha mãe. Por que será?

— Eu sempre pensei... que Maggy lhe tivesse contado tudo sobre cia... que nada foi escondido — respondeu Melvin, sem jeito.

— Ah, o esboço da vida dela, sim. Os detalhes básicos, as coisas que tinha de me contar. Já olhei para tantas fotos, por tantas horas... há uma biblioteca completa de revistas velhas no escritório e, entre 1947 e 1952, há milhares de fotos de Teddy Lunel, mas elas não podem me dizer as coisas que quero saber, por mais que olhe nos olhos dela.

Que tipo de coisas? — perguntou Falk, o coração batendo pesadamente.

— Eu tenho pouco menos da idade dela, quando morreu. Eu a teria amado? Ela me teria dito o que fazer, quanto ao Ben? Do que ela gostava

mais que tudo, no mundo? Por que ela não se casou com você?

— Você sabe disso? Quem lhe contou? — Ele largou o cálice de conhaque com um movimento súbito, sobressaltado.

— Ah, eu adivinhei, há muito tempo. Há alguma coisa no seu rosto, quando você olha para mim. Sei que gostava dela. Vocês foram amantes, vocês dois? — perguntou Fauve, com brandura, séria.

— Eu fui... fui o primeiro garoto que disse a ela que ela era linda, o primeiro que saiu com ela, que lhe deu o primeiro beijo, o primeiro homem que fez amor com ela... a única coisa que não quis foi ser o primeiro homem cujo coração ela despedaçou.

— Sinto muito... sinto muito, Melvin, queria que ela não tivesse despedaçado o seu coração.

— Ela não queria, não podia evitar, não conseguiu chegar a se apaixonar por mim... estava procurando outra coisa, uma coisa... uma outra coisa.

— Ela teve muitos amantes?

Fale vacilou. Tinha o direito de responder? Fauve tinha o direito de perguntar?

— Está vendo? — disse Fauve. — E isso que quero dizer. Se ela fosse viva, eu diria "Mamãe, você teve muitos amantes quando era da minha idade?", e ela me teria dito alguma coisa, mesmo que fosse para cuidar da minha vida. Mas claro que não posso perguntar a Magali, e você agora fica aí todo calado. O que é que ela me teria dito?

— Eu acho que ela lhe teria contado tudo o que você quisesse saber. Não tenho certeza de que ela lhe desse conselhos acertados. Ser sensata não era prioridade para Teddy... mas acho que ela teria sido franca com você.

— Então?

— Eu lhe disse que ela estava em busca de outras coisas. Procurou muito tempo e quando compreendia que não tinha encontrado o que queria... fosse lá o que fosse... procurava em outra parte... assim, teve uma série de casos. Não sei o que quer dizer "muitos", exatamente, mas talvez ela tenha tido um amante para cada 100 homens que a desejavam... ou cada 200...

— Mas ela gostava deles?

— De todos eles, até parar de gostar. Aí começava a procurar de novo. Então, ela encontrou o seu pai e era ele o que ela queria, coitada.

— Estou sendo injusta com você? — perguntou Fauve, de repente. — Atraindo você aqui com a minha galinha divina e depois fazendo perguntas sobre coisas que você não quer discutir?

— Não! Meu Deus, não. Acho que nós todos fomos muito injustos com você, não lhe contando mais, não falando sobre Teddy porque era penoso demais. A morte dela modificou todas as pessoas que ficaram. Nenhum de nós jamais foi a mesma coisa.

— Isso não é verdade sempre que morre uma pessoa jovem?

— Talvez. Mas a sua mãe era..., era...

— Diferente? Especial? — A voz de Fauve tremia, na sua necessidade ansiosa de saber.

— Quem me dera poder sequer começar a explicar o encanto dela... eu

lia E. E. Cummings... todos da minha idade leram E. E. Cummings... e sempre pensava nela... "a primavera branca musical... não, era preciso eu ser poeta para transmitir até uma décima parte de Teddy. E, sim, você a teria amado tanto, tanto, e ela fêria amado você mais do que tudo no mundo... isso é o mais triste de tudo.

Ele se levantou e foi para onde Fauve estava encolhida na poltrona e a abraçou.

— Mas lembre—se de uma coisa. A sua mãe afinal encontrou o que procurava há tanto tempo. E foi maravilhosamente feliz até o último segundo de sua vida.

— Posso lhe servir mais um pouco de conhaque, Melvin? — perguntou Fauve, levantando—se tão depressa que derrubou uma pasta grande que estava numa mesa ao lado de sua cadeira. Caiu no chão e os papéis se espalharam. Fauve foi apanhá—los e Falk se abaixou para ajudar. Os papéis escorregavam pelo piso envernizado e, depois de juntar um montinho, ele parou para ver o que era. Olhou normalmente, depois espiou de novo pelos óculos e em seguida levou os papéis do lugar sombrio em que estavam sentados e os pôs debaixo da luz de um abajur.

— Não são nada — disse Fauve. — Dê aqui.

— Uma ova. Uma ova que vou dar.

— São só uns rabiscos, Melvin. Ande, não me aborreça. Isso é particular. Ela enfiou os papéis que tinha apanhado dentro da pasta e tentou puxar o resto da mão dele.

— Não rasgue! — ameaçou ele, recuando.

— E então? E se rasgar?

— Fauve, você andou desenhando, andou trabalhando... há quanto tempo que anda fazendo isso? você tem idéia de como tem talento, sua garota burra, burra?

— É só que eu... tenho uma necessidade nervosa de desenhar coisas... é como um tique..., por favor, não de importância a isso, Melvin. Você sabe o que eu acho da pintura... isso é só uma coisinha sem importância, nem mesmo um passatempo. Todo mundo desenha e rabisca, mostre—me uma pessoa que não rabisque.

— Jesus, Fauve, com quem você pensa que está falando? Uma pessoa que não entende nada? Esses desenhos são excelentes, porra! Está pintando também? Fauve, diga!

— Não há nada a contar. Está bem... então, desenho um pouco... confesso... não pinto nada... é verdade, nada de tintas, você sentiria o cheiro se houvesse tintas no apartamento: — Fauve abriu os braços num gesto de inocência. — Não há lei alguma contra o desenho, não é nem considerado um vício. Ande, Melvin, pare de me olhar assim. É constrangedor. E me devolva os meus desenhos.

Ele os devolveu e deu de ombros.

— Se é isso que você quer, filhinha, não há nada que eu possa dizer. Se você um dia resolver me dar um presente de aniversário ou de Dia dos Namorados, ou apenas um presente... de um de seus rabiscos. Nem precisa

se dar ao trabalho de emoldura—los. Você encontrou a sua linha, o seu estilo pessoal, e isso não tem nada a ver com o seu pai ou qualquer outro pintor. Entende o que isso quer dizer? Não? Não faz mal, burrinha. Acho que aceite esse conhaque que você ofereceu. Nunca estive tão precisado.

Marte Pollison, já com seus 70 e tantos anos, nunca mudara em sua longa dedicação a Nadine. A seus olhos Nadine continuava a ser a criança milagrosamente linda, a filhinha que ela nunca pudera ter. Nadine, que sabia que Marte a adorava cegamente, sempre apelara, instintiva e desavergonhadamente, para o lado sentimental da camponesa rabugenta, correndo para se consolar com ela sempre que tinha um machucado ou um arranhão tão insignificante que Kate teria rido daquilo; ficava sentada com ela na cozinha, escutando suas tagarelices sobre a vida na aldeia, horas a fio, esperando os doces deliciosos que Marte fazia especialmente para ela. Depois de sair de casa a fui de ir para o colégio interno, Nadine esqueceu—se inteiramente de Marte, até voltar para casa, nas férias, e então o antigo relacionamento agradável era logo reatado. E Marte, a cada ano, a adorava mais. Depois da morte de Kate, Marte tornou—se o único contato de Nadine com o mundo de La Tourrelle, pois Mistral fora grosseiro, mostrando que ela não era bem—vinda.

— A sua vida é uma farsa, o seu marido é indigno e sou muito ocupado para ser interrompido. Você não é bem—vinda aqui, Madame Dalmas — dissera ele, desagradavelmente, da última vez que ela sugerira ir passar um fim de semana em Félice e, desde esse dia, num período de quase quatro anos, Nadine prudentemente resolvera manter contato com Mistral por meio de um telefonema a Marte, de vez em quando.

Ah, quantas vezes ela já ouvira aquelas notícias irritantes, monótonas, que não variavam, dadas na voz velha e rachada de Marte.

— Ele está na mesma, ma petite chérie. Ele se levanta, toma o café da manhã, tranca—se no estúdio o dia todo, janta e vai para a cama. Não, a saúde está boa, nunca me diz nada, a não ser me avisar para não deixar estranhos entrarem, como se eu não soubesse. O que é que ele faz o dia todo? Conserva o estúdio trancado e eu nunca fui de bisbilhotar. Desde que sua mãe morreu, isso aqui está triste e solitário. Ele abandonou as terras, despediu os lavradores, a maquinaria está toda enferrujada, as videiras e olivais são a vergonha das redondezas, mas ele nem se importa, ele não. Se não fosse eu, ele provavelmente ia morrer de fome, sem notar. Só fico aqui por causa de você e pela memória de sua pobre mãe.

Em meados de setembro de 1975, Marte Pollison telefonou a Nadine para dizer que o pai estava tossindo, há vários dias. Estava trabalhando sempre, recusando—se a mudar de rotina, mas naquela noite não conseguira se levantar da cama

— Não quer me deixar chamar o médico, ma petite, mas acho que ele pode estar com bronquite. O que devo fazer?

— Nada, Marte, estarei aí de manhã. Você sabe como é que ele é com os médicos. Não o contrarie.

Phillipe Dalmas ofereceu — se, por obrigação, para ir de avião a Nice, com Nadine, e acompanhá-la de carro a Félice, coisa de pouco mais de hora e mela, mas Nadine recusou. Quando chegou perto dos portões, ficou chocada. La Tourrelle parecia abandonada, um montão de pedras de onde a vida se esgotara. Na cozinha, ela se submeteu cortesmente aos abraços de Marte.

— Você está mais linda do que nunca! Como deve ser alegre em Paris — exclamou Marte, ocupando-se de Nadine, feliz.

— Por que a casa está fechada, Marte? Por que as venezianas estão fechadas, os móveis todos cobertos?

— Ah, não me culpe, não é minha culpa. A piscina também está vazia e o jardim virou mato, mas aqui não tem ninguém para fazer o trabalho, só eu. Mantenho a casa varrida, tiro o pó e as telhas são consertadas quando é preciso, mas sabe que monsieur despediu todos os empregados depois que madame morreu. É minha artrose piora cada vez que sopra o mistral.

— Coitada de você, Marte., claro que eu compreendo — disse Nadine.

— Por muito tempo eu me ofereci para acender um fogo para ele na lareira do salon, para ele poder se sentar lá de noite, mas ele nunca permitiu. Arejei e limpei bem o seu quarto, hoje de manhã, e vou servir o seu jantar na sala, se quiser, ou na cozinha. Quanto tempo pode ficar?

— Até ter certeza de que ele está melhor — respondeu Nadine e subiu a escada para o quarto de Mistral.

— Não sei por que diabo você está aqui — disse Mistral para a filha, quando ela entrou. — Já era tarde para impedi-la quando Marte me disse que você vinha, maldita seja ela.

— Marte está preocupada com você.

— É uma velha intrometida. Senil! Estou muito resfriado. — SÓ preciso é de ficar quatro dias na cama.

— Não acha que devia chamar o médico?

— Não seja ridícula. Nunca consultei um médico na minha vida. Não preciso de médico, preciso é de um pouco de paz e sossego. — Marte acha que é bronquite.

— Ela não sabe do que está falando. É qualificada para fazer um diagnóstico? Deixem-me em paz, só isso.

— Anda trabalhando demais? — perguntou Nadine.

— Trabalhando demais? Você tem idéia do que isso significa? Trabalho, só isso. Trabalho é trabalho.

Ele tossiu, uma tosse explosiva, inesperada, incontrolável.

— Saia daqui — disse ele, quando tomou fôlego. — Vai apanhar o meu resfriado.

Ele bebeu água de um copo junto da cama.

— Não, papai. Vou — lhe fazer companhia mais um pouco. Não me de atenção. Fico sentada aqui.

Mistral fechou os olhos, com indiferença, e depois de um minuto caiu num sono leve, roncando de vez em quando. Nadine não conseguia deixar de olhar para ele. Era esse o homem que Marte dizia estar em boa saúde?

Talvez fosse só que Marte não tivesse notado, morando com ele, todo dia, mas Mistral estava tão magro que o corpo dele só formava uma saliência comprida debaixo das cobertas. Da cadeira junto da cama dele, em que ela estava sentada, o corpo dele tinha um cheiro rançoso de suor. Ela estremeceu de repugnância.

Ele era um velho resistente e só tinha 75 anos. Tinha conseguido trabalhar como sempre, até à véspera. Quem sabia lá que reservas de força restariam naquele corpo? Quando ela era menina, ele era o homem mais forte do mundo. Os grandes pintores, como os grandes maestros, viviam para sempre, se não conseguissem se matar, de um modo ou de outro, em sua juventude. Certamente, o jeito dele não era o de um homem que se acreditasse estar correndo algum perigo.

Nadine mordeu os lábios, num acesso de gênio, impotente. Provavelmente era um alarme falso, uma febre, uma tosse, uma gripe, nada que ela não tivesse tido uma dúzia de vezes. No entanto, não havia dúvida de que ele tinha emagrecido muito. Mas as pessoas magras vivem mais do que as gordas, pensou ela, zangada, e nas pontas dos pés foi para junto da cama, para olhar a cara dele. O nariz parecia ter o dobro do tamanho de antes, pois agora se destacava num rosto de onde a carne tinha sumido, uma máscara dura, sombria e arcaica.

— Que diabos, Nadine, me deixe em paz! Quero dormir! — disse Mistral, em voz rouca, sem abrir os olhos.

O coração dela deu um salto e ela fugiu para a cozinha.

— Marte, não creio que haja motivo para se preocupar com ele. Está de tão mau humor que não pode estar doente de verdade.

— Eu não podia assumir a responsabilidade, tinha de lhe telefonar — murmurou Marte.

— Claro que sim. Em todo osso, estou contente por ter vindo, nem que tenha sido só para ver você. Papai me afastou por tanto tempo. Você sabe que eu teria vindo sempre que possível, mas ele se recusava a me ver. Nunca entendi isso, mas o que podia fazer? A casa é dele, afinal.

— Se ao menos a sua mãe fosse viva. Lembra—se das festas? E como a casa era linda, cheia de flores, empregados por toda parte, a cozinha cheia de comida? E toda aquela gente famosa? Ah, madame era a rainha dessa região — disse ela, triste.

— Você parece cansada, minha pobre Marte — disse Nadine, consolando—a.

— Ontem passei a noite indo olhar para ele, subindo e descendo essas escadas. Não dormi muito, mas você não se deve preocupar comigo.

— Acho que nós duas devemos ir dormir cedo hoje. Estou perto do quarto dele, no corredor, e vou deixar a minha porta e a porta do quarto dele abertas. Se papai precisar de alguma coisa eu ouço... tenho o sono leve.

Você não deve ficar subindo a escada assim, com — a sua artrose. E amanhã, se eu achar que é preciso, vou chamar o médico, diga ele o que disser.

— Estou contente que você tenha vindo, petite chérie. Sinto—me muito

melhor vendo que você está tomando conta das coisas. Tudo isso é demais para uma velha como eu.

Deitada na cama aquela noite, Nadine estava alerta demais para dormir. Ela se imaginou pegando uma vela, descendo á cozinha e encontrando a chave do estúdio na grande argola de chaves que ficava pendurada lá. Imaginou—se passando pelos aposentos silenciosos da casa fechada e indo para os fundos, passando pela piscina vazia, para as grandes portas de madeira do estúdio. Viu—se destrancando as portas, acendendo as luzes e passando pelo estúdio para o depósito, onde as melhores obras do maior pintor vivo da França estavam em seus suportes, centenas de telas, mais valiosas do que quaisquer jóias. Mentalmente ela as contou, avaliou o seu valor. , sim, as centenas de milhões de francos, se o marchand de Mistral estivesse certo, e não havia motivo para supor que não estivesse. Uma fortuna grande demais, vasta demais para se compreender. Naquele estúdio estava o seu futuro brilhante e triunfal, disse Nadine a si mesma, abraçando o corpo com impaciência. Não simples quadros... não, muito mais. As casas que ela possuiria em todo o mundo, os objetos maravilhosos que havia de comprar e comprar e comprar, as recepções que ofereceria; a glória herdada que, afinal, conclusivamente, passaria a ela, a atração que lhe permitiria conhecer todo mundo. O mundo estaria aos pés da filha de Mistral. Breve. Muito breve. Quando?

Ela se levantou da cama e foi de mansinho ao quarto de Mistral. A respiração dele estava feia, muito mais difícil do que antes. Ele lutava terrivelmente para produzir cada ronco estrangulado. Ela o observou com cuidado por muito tempo, bem distante da cama, para ele não poder vê-la se abrisse os olhos. Por fim, Nadine voltou para o quarto e dormiu profundamente até de manhã. Vestiu—se depressa e voltou para a cabeceira de Mistral. Ele estava meio desperto e o copo d'água ao lado da cama estava vazio. O urinol que Marte colocara ao lado da cama estava pelo meio. Nadine o esvaziou, enjoada e rígida. Encheu um copo com água e o levou aos lábios dele.

— Como está—se sentindo? — perguntou ela.

— Como ontem — disse ele, mas a voz era um sussurro e, mesmo sem tocar na pele dele, Nadine sentia a febre que o dominava estender seus dedos quentes para ela. Ela pegou um esfregão com água morna e o limpou, escondendo sua aversão.

— Acho melhor não tentar lhe fazer a barba... nunca fiz isso — disse ela, num tom ligeiro. — Quer que eu peça a Marte para lhe fazer o café da manhã?

— Não tenho fome... mais água — murmurou ele, tossindo de novo daquele modo bárbaro, ofegante, tão profundo que parecia vir dos intestinos, uma tosse que o sacudia na cama e o dobrava ao meio.

Nadine foi à cozinha e viu que Marte estava chegando de fora, com uma expressão preocupada.

— Ele passou uma boa noite — disse Nadine, animada. — Lavei—o com

esponja e o deixei arrumadinho. Está dormindo de novo. É a melhor coisa para ele. Tentei fazer—lo comer, mas ele não quer. Sei bem como é que ele está—se sentindo... quando tenho esse tipo de resfriado, nem quero sentir o cheiro de comida, só quero líquidos. Meu médico de Paris diz que ainda não se inventou nada igual ao repouso na cama e líquidos.

— Ah, eu me sinto culpada por deixar você fazer tudo isso — disse Marte, infeliz.

— Marte, minha velha Marte, se não posso nem cuidar do meu pai?... olhe, faça uma boa sopa forte, um caldo de carne, e mais tarde, quem sabe, vou ver se ele toma um pouco.

— Não acha que devemos telefonar ao médico de Apt, que tratou de madame?

— Isso deixaria papai com tanta raiva que ele ia piorar. Você sabe como ele se orgulha de nunca ficar doente. Eu não queria ser responsável por trazer um médico aqui, a não ser que achasse que ele estava realmente mal. Ele ficaria tão furioso quanto se visse um padre entrando aqui. Só está precisando é de bons cuidados. Marte, sei o que você pode fazer para ser útil! Faça—me uma bela galinha assada, como só você sabe fazer. Estou morta de fome! E uma de suas tortas de abricó e uma grande travessa de queijos, só para mim. Sonho com os queijos de Félice. E manteiga da roça.

— Vou ter de ir à aldela, não temos grande coisa em casa. — Então vá, vá. Estou aqui, não se preocupe.

Durante todo aquele dia quente de setembro, Nadine tomou conta do quarto do doente. Ficou de pé no corredor, junto da porta meio aberta, escutando avidamente. Mistral tossia constantemente e com violência. As vezes, ele gemia e chamava o nome dela numa voz tão fraca que mal se podia ouvir. Cochichava asperamente chamando Marte, vezes e mais vezes, e tossia de novo, com mais violência a cada hora. No entanto, parecia —lhe, sem tanta força quanto antes. Uma vez, quando ele estava roncando, ela entrou no quarto e encheu o copo d'água. Lá embaixo, Marte, aliviada e reconfortada, se ocupava em cozinhar e dar um ar agradável à casa.

— Abra todas as venezianas, Marte, tire essas cobertas horríveis dos móveis, apanhe umas flores, acenda um fogo na lareira... de noite isso está muito deprimente — ordenara Nadine, e Marte, contente com a nova vida na casa, ficara feliz por obedecer. Quando monsieur estivesse bem a ponto de poder descer e reclamar, haveria tempo para tornar a fechar as venezianas.

No meio da noite, Nadine acordou com um sobressalto, como se alguém tivesse chamado seu nome, mas a casa estava quieta. Marte, ela sabia, estava dormindo no quarto atrás da cozinha, lá embaixo. No entanto... alguma coisa... havia alguma coisa. Ela vestiu um roupão e foi ao quarto de Mistral. No segundo em que entrou, viu que ele estava morrendo. A morte enchia o espaço, uma presença primitiva, uma espessura no ar, um definhamento que nada poderia inverter. Afinal. Afinal.

Ele estava se afogando no líquido de seus pulmões. Ela o ouvia. Nunca ouvira aquele barulho medonho antes, mas o reconheceu. O que mais poderia ser, aquele gorgolejo sufocado, desesperado? Se ao menos o fedor do quarto não fosse tão repugnante — mas ela não pretendia sair de lá, antes de ter certeza.

Nadine foi à janela e a abriu, para a brisa poder entrar e afastar um pouco da imundície abominável que emanava da cama. Ela puxou uma cadeira para bem perto da janela, o mais possível, e acendeu uma lâmpada de pé bem acima de sua cabeça. Atentamente, examinou as unhas. O esmalte numa delas estava lascado. Ah, em duas. Ela teria de arranjar uma manicura em Félice, antes do enterro.

Ela ouviu um ruído fraco e novo da cama, um som suplicante, pedindo. Água? Como poderia querer água, se estava se afogando? Impossível. Ele estava tentando falar. Sílabas sem sentido. Ela nem ouviu.

Em breve, não houve mais sons da cama. Nada. Nadine continuou sentada quieta no frágil poço de luz. Esperou até ter certeza absoluta de ter vencido, antes de voltar depressa para o quarto.

Estava precisando dormir. A luz da manhã a despertaria. Essas coisas eram tão repentinas.

Capítulo 32

Continuava a chover. Não tinha parado o dia todo, pensou Fauve, espiando pela janela do apartamento de Maggy, para onde ambas tinham — se retirado, depois de ouvirem a notícia da morte de Mistral.

— Quanto tempo — perguntou Darcy a Fauve, delicadamente — você acha que vou poder dizer que você não pode falar a todos esses repórteres? Além do New York Times, o Daily News e o Post, há camaradas de serviço telegráfico e mela dúzia de correspondentes de fora, um bando de fotógrafos, e duas equipes de noticiário de TV bem do lado de fora do prédio. Não conseguiram entrar na portaria, mas não vão embora, chovendo ou não.

— Por que não me podem deixar de fora disso? — perguntou Fauve, infeliz.

— Infelizmente, você é a parte mais suculenta da história, amor. Quando todo esse pessoal da comunicação de massa foi aos seus arquivos dos jornais para fazer a biografia de Mistral, o aspecto mais digno de notícia, do ponto de vista deles, é a filha de Mistral, Fauve Lunel... infelizmente, é a parte da história com maior interesse humano e você está bem aqui, onde podem ter acesso a você. A morte dele, só em si, já seria objeto de uma grande atenção, mas junte a história de sua mãe... bem, você pode ver por que a querem.

— Tenho mesmo de falar com eles e responder às perguntas deles?

— Não vejo por que Fauve tenha de fazer isso. E você, Darcy? — perguntou Maggy. — É necessário?

— Seria o meio mais simples de se acabar com isso — respondeu Darcy. — Pegar o touro à unha.

— Que tipos de coisas eles vão querer saber? — perguntou Fauve, inteiramente no ar.

— Antes de tudo, todos têm—me perguntado se você vai ao enterro. Depois disso, não sei mesmo. Qual foi a última vez que você o viu, qual a sua reação ao evento trágico... você sabe o tipo de coisa que perguntam os familiares.

— Nunca esperei isso — disse Fauve, devagar.

— Pois eu sim — disse Maggy, com amargura. — Lembro—me como foi quando sua mãe morreu... não há nada que não perguntem, nem nada que não publiquem. Darcy, você não pode escrever uma declaração e ler para eles? Diga que Fauve está muito aflita para falar.

— Vale a pena tentar — disse ele, na dúvida.

— Mas não diga que vou ao enterro — avisou Fauve — porque não vou. Houve um silêncio na sala, não interrompido até que Maggy e Darcy trocaram um olhar rápido e, em conseqüência, ele se levantou para sair.

— Vou para a biblioteca, escrever a declaração — explicou ele.

Maggy foi para o sofá em que Fauve estava sentada e pegou a mão dela. — Olhe, Fauve, supondo que não vá mesmo ao enterro, você não vê que isso provocará dez vezes mais curiosidade? Fossem quais fossem os problemas pessoais entre vocês, o seu pai era um vulto importante em todo o mundo... não apenas para os colecionadores de arte. E além de Nadine Dalmas, você é a única outra filha que ele teve. Você tem de ir.

O tom de Maggy era racional, mas confiante. Desde a manhã, tinham evitado falar sobre a recusa de Fauve de ir ao enterro e Maggy tivera tempo para reconsiderar a situação.

— Não tem nada a ver com problemas pessoais, Magali — murmurou Fauve.

— Querida, eu não a entendo. Daqui a três dias vai haver um grande enterro em Félice... sabemos disso pela entrevista à imprensa que Nadine deu. Você não pode deixar de estar lá. Vou com você, se quiser. Isso vai chamar mais atenção ainda, mas não tem importância.

— Não, Magali. Não é preciso. Obrigada... mas eu não vou mesmo.

— Olhe, Fauve, todo dia milhares de pessoas comparecem a enterros e ninguém lhes pergunta o que sentiam em seu íntimo sobre a pessoa que morreu. Basta fazerem ato de presença. Pode ser apenas uma formalidade, mas tem um significado profundo, um gesto de respeito, se não for mais nada. Especialmente no caso de um pai.

— Não posso fazer esse gesto — disse Fauve, com uma voz tão baixa que Maggy mal podia ouvi—la. Ela se aproximou mais e passou o braço pela neta.

— Você certamente pode encontrar na obra dele o suficiente para respeitá—lo... seja o que for que houve de errado entre vocês. A obra permanece, Fauve. Não se esqueça disso. Você deve mesmo fazer isso... é uma responsabilidade que tem, como filha dele.

— Não. Não vamos falar mais disso — disse Fauve, levantando—se.

— Não entendo mesmo — disse Maggy, aflita e perplexa. Fauve nunca deixava de atender à razão.

— Eu jurei que nunca lhe contaria... sobre o que ele fez, por que eu nunca mais pude vê—lo... mas agora acho que devo contar, se não você nunca vai compreender.

Fauve ajoelhou—se junto do sofá em que Magali estava sentada e olhou para o rosto dela com uma expressão que era um misto de pesar, tristeza, relutância e alguma outra emoção que Maggy não identificou, uma emoção que a fez recuar de medo.

— A obra de que você fala, a obra que eu devia respeitar, Magali, ele sacrificou muita gente para fazer essa obra.

— Sacrificou?

— Durante a guerra, ele resolveu pintar, enquanto o resto do mundo estava lutando. Outros fizeram isso... não foi só ele. Ele colaborou com os alemães... também não foi o único. Quando um grupo de homens da Resistência... os maquis... roubaram os lençóis em que ele estava pintando, ele os denunciou a um amigo, um oficial alemão. Foram todos assassinados, todos aqueles rapazes... mas ele recebeu seus lençóis de volta, de modo que o trabalho dele não foi interrompido. Mas isso não foi o pior, Maggy, nem mesmo isso. Durante toda a guerra, sempre que um refugiado tentou passar a noite em La Tourrelle, ele se recusou a admiti—lo. Gente fugindo para salvar a vida a maior parte judeus. Eram amigos de Paris, Maggy, provavelmente muitos seus amigos também. Ele expulsou até Adrien Avigdor. Podia ter salvo algumas dessas pessoas, mas elas poderiam ter perturbado o trabalho dele. Judeus, ninguém sabe quantos, foram para os campos de concentração por causa da obra dele. E morreram lá. Nada, nem a decência humana podia atrapalhar o trabalho dele.

— Como... quem...? — exclamou Maggy.

— Kate me contou, mas ele o confessou.

— Ele o confessou?

— Sim. A mim. Foi nesse dia que parti. Eu não queria que você soubesse, Magali.

— Meu Deus... meu Deus... por que você teve medo de dizer alguma coisa?... era uma criança... devia ter—me contado — disse Maggy, desolada.

— Eu tinha muita vergonha. Mais tarde, não havia motivo para dizer nada, estava tudo acabado. Ele sabia que nunca mais me veria.

— Vergonha?

— Vergonha por ele ser meu pai, um homem capaz de fazer essas coisas. Vergonha por ele, acima de tudo, vergonha de saber o que ele valia, como homem. É por isso que não posso fazer um gesto de respeito, Magali, nem para com ele, nem para a obra dele. Que obra pode ser mais importante do que vidas humanas?

Nadine Mistral Dalmas não teve exatamente o grau de satisfação que achava que merecia. Como sempre, disse ela consigo, tentando pôr as coisas

em perspectiva, nenhum fato humano deixava de ter uma falha. O sepultamento tinha sido quase como ela queria que fosse. O ministro das Belas—Artes tinha vindo de Paris, com uma comitiva, e o velho cemitério varrido pelo vento, bem no topo de Félice, compôs um cenário muito fotogênico para o longo cortejo que acompanhou o caixão depois da missa de réquiem.

Todos os moradores adultos de Félice estavam presentes, claro, como estariam no caso de qualquer morte na comunidade, mas esse grupo fora aumentado por um grupo de amantes das artes de toda a Provença, que queriam poder dizer que tinham visto o sepultamento de Mistral. Um belo comparecimento, pensou ela, a despeito do fato de que, além de Phillipe e alguns amigos dele melo sem importância, ninguém em Paris pudera comparecer. Naturalmente, todas as pessoas que ela gostaria de ver ainda estavam fora, de férias. Naturalmente, teria sido impossível eles irem de avião de onde estivessem para um lugar tão incômodo. Se ao menos o velho tivesse morrido em outubro, em Paris, seria bem diferente, pensou Nadine. No entanto, a cerimônia fora perfeita. Mesmo nessa aldeia provinciana, a igreja católica não falhava em seu senão de classe. Impecável. Não havia nada que ela quisesse modificar, quanto ao gosto com que tudo fora executado.

Ela estava—se sentindo um tanto desamparada, agora que a imprensa se fora sem maiores cerimônias, retirando sua atenção assim que o caixão foi depositado dentro do túmulo. No entanto, isso lhe dava a oportunidade de descansar, pela primeira vez depois da morte.

Era o negócio do delegado fiscal que a irritava mais, pensou Nadine. Que audácia desse funcionariãozinho em proibi—la de abrir o estúdio? Ele esperava que ela roubasse a sua própria propriedade?, perguntou ela, quando ele lacrou as portas da frente e dos fundos. Ele tinha dado um grunhido de um modo muito natural para ser impertinente — apenas a rotina num caso desses, dissera ele, só até chegarem os senhores de Paris, apenas uma formalidade. Mas depois que ela reclamou de Étienne Delage, o marchand de Mistral — dela agora, ela se fez lembrar — ele lhe disse que não havia nada a fazer. O estado tinha de fixar sua parte nos bens antes que se pudesse mudar alguma coisa, quanto mais vender. Era irritante ter de esperar mais um minuto, depois de ter esperado tanto tempo, era alucinante ter de reconhecer as exigências do governo, mas ela não tinha escolha.

— E agora — perguntou Nadine a Marte, que tinha aparecido na porta do scion — o que é?

— Maitre Banette, tabelião de Apt, acabou de chegar. Pediu para falar com você.

— Nunca ouvi falar desse homem. Diga que estou dormindo, livre—se dele.

— Tentei fazer isso, ma petite, mas ele insistiu. Diz que é importante.

— Ah, está bem — suspirou Nadine. Todo mundo sabia que não se podia evitar os tabeliões. Ela já lidara com a morte e os impostos, como é que não

havia de lidar com um tabelião?

O homem que entrou, rechonchudo e vermelho, com um terno azul-marinho, tinha a pretensão de assumir ares importantes, notou Nadine, com um acesso de mau humor.

— O senhor escolheu um mau momento para importunar, monsieur.

— Permite que lhe apresente meus pêsames, Madame Dahmas? Mas, naturalmente, a senhora há de convir que tive de vir assim que pude. — Não sei por que... Maitre Banette, não é? Por que está aqui?

— Madame — disse ele, com ar reprovador — só as minhas obrigações profissionais me poderiam levar a perturbá-la em sua dor. Mas esse assunto do testamento de Monsieur Mistral, naturalmente, deve ser levado a sua atenção.

Está arquivado no Fichier Centrale des Dernières Volontés, em Aix, como é de praxe, mas eu lhe trouxe uma cópia. Pensei que o desejaria.

— Testamento dele? — Nadine se empertigou, de repente. — Ele fez testamento? Nunca soube disso.

Alarmada, ela se perguntou se o velho podia ter deixado algum dinheiro para caridade. Não, não era nada típico dele. Certamente que não.

— Ele foi me consultar há três anos, madame — continuou Maitre Banette. — Houve a questão da Lei do Dia 3 de janeiro de 1972...

— Que lei? 1972? Não me lembro de nada de lei que afetasse a propriedade. O meu advogado de Paris me teria informado.

— Ah, não, madame. Não tem nada a ver com a propriedade em si — disse Maitre Banette, melindrado. — Em 1972, o Parlamento na França tornou possível, pela primeira vez, o reconhecimento legal de filhos de uniões adúlteras. Monsieur fez um ato de reconhecimento de Mademoiselle Fauve Lunel.

Nadine ficou ali sentada, boquiaberta. Maitre Banette continuou.

— Então, existe um testamento, um documento muito estranho. Eu verifiquei que ele era uma pessoa muito difícil de se aconselhar, madame. A princípio, ele queria deixar todos os bens para Mademoiselle Fauve Lunel. Expliquei-lhe que isso era impossível, segundo o Direito francês. O máximo que ele poderia fazer seria dividir os bens entre as duas filhas...

— Dividir!

— Madame, fique tranqüila, não foi possível dividir em dois, não, o Artigo 760 na lei de Les Successions é explícito. Mademoiselle Lunel só tem direito a uma metade do que ela herdaria se fosse legítima, isto é, 25% dos bens e não 50%. A senhora conserva 75% do que restar, depois de pagos os impostos. — Ele parou e esperou que Nadine dissesse alguma coisa, mas quando ela não falou nada, ele continuou, animando-se em sua tarefa. — O testamento, madame, está escrito de um modo que eu não aprovo. Informe-me a minha opinião a Monsieur Mistral, mas lamento dizer que ele não quis seguir o meu conselho.

— Fauve — disse Nadine, com uma voz venenosa. — Sempre Fauve.

— Precisamente, madame. Parece ter havido certo... favoritismo para com essa filha.

— O que é que ele disse? — perguntou Nadine. — Dê cá esses papéis.

— Madame! — Ele segurou os papéis junto do peito pomposo, com ar protetor. — É só porque Mademoiselle Fauve Lunel não está em Félice..., andei indagando... que vim procurá-la sem esperar a presença dela. Ela terá de ser notificada, terá de vir aqui, mas, enquanto isso, achei direito informar—lhe do conteúdo do testamento, já que não tenho meios de saber onde encontrá-la.

— Leia o negócio, raios — disse Nadine, com raiva.

— Madame, é exatamente isso que pretendo fazer — disse ele, reprovando, pigarreando.

"Eu, Julien Mistral, desejo deixar toda a minha obra para a minha filha muito amada e querida, Fauve Lunel. No entanto, como a lei me impede de fazer isso, desejo que ela fique com a série La Rouquinne que comprei de minha mulher, Katharine Browning Mistral, estando o recibo da compra anexo a este documento. Desejo que minha filha Fauve fique com todos os quadros que fiz dela e da mãe, Théodora Lunel, que foi a única mulher que amei. Em especial, desejo deixar para Fauve a série Caváillon, que ela me inspirou a pintar. Por causa de Fauve, aprendi afinal — mas, para meu pesar eterno, tarde demais — as lições mais importantes de minha vida. Se minha amada filha Fauve desejar, gostaria de lhe deixar a propriedade La Turrello e todas as terras que lhe pertencem. Se ela não quiser aceitar a propriedade, determino que seja vendida e o provento acrescido a meus bens.

Em hipótese alguma desejo que La Turrello e o estúdio em que trabalhei se tornem propriedade de Madame Nadine Dalmas. Sei com certeza que ela nunca apreciou nem compreendeu a beleza de terra alguma nem a natureza de qualquer arte: O resto de meus bens, até o valor de 25%, deixo também para minha filha Fauve. Eu me sentiria honrado se ela se chamasse Fauve Mistral, mas compreenderei se ela não o quiser.

O que restar, segundo a lei, deve caber à Madame Nadine Dalmas, que tenho certeza, venderá tudo para obter os meios de continuar na vida superficial, indigna, sem valor e inteiramente vã que sempre quis levar."

— É só isso, madame.

— Aquele sacana! Aquela vagabunda, puta imunda! Não! Nunca! Não há de ficar com nada, nem um franco, não enquanto eu viver! Ele devia estar inteiramente louco! Vou contestar o testamento, não há de ter validade!

O rosto de Nadine, parecendo uma máscara do mal japonesa, emitia uma voz que fez o tãoeião se levantar e recuar, a aversão estampada em sua fisionomia. Ele fez um esforço para se envolver em sua dignidade.

— Devo dizer—lhe, madame — consegui balbuciar — que não pode haver questão de insanidade. Se eu duvidasse da sanidade mental de Monsieur Mistral, nunca teria feito o testamento. É perfeitamente válido.

— Saia daqui! Que diabo você pensa que sabe? Vou chamar meus advogados de Paris. Seu burro pomposo, provinciano, idiota estúpido... claro

que esse testamento maluco pode ser contestado. Fora!

Nadine avançou para o tabelião com tanta raiva que o homem pegou o chapéu e fugiu da sala sem dizer outra palavra, levando o testamento.

Não havia dúvida de que era a melhor história que eles tinham havia muito tempo, concordaram os jornalistas, ao saberem dos detalhes. "Inconduite notoire de la mere" Código Civil, Ato 339 — fazia muito tempo que não ouviam essa. "Mau procedimento notório" de parte de Teddy Lunel, ainda a maior garota de capa de revista que jamais existira — não era fácil provar, diziam os especialistas entre eles, mas sem dúvida o único meio de impugnar aquele testamento extraordinário que Julien Mistral tinha feito, cujo texto fora descoberto nos arquivos de Aix, assim que se espalhou a notícia do processo, um texto que também lhes dera uma história danada de boa. Ao todo, um bom proveito de uma notícia que, ao que pensavam, tinha acabado num cemitério no alto do lado norte do Lubéron. Devia durar semanas, disse um repórter novato, empolgado. Meses, seu ignorantezinho, meses, corrigiu o mais velho, esfregando as mãos, com prazer.

— Não importa que Nadine Dalmas não consiga provar nada — disse Darcy. — Ainda assim, ela há de se vingar, há de arrastar o nome de Teddy na lama.

— Ela tem liberdade de desencavar tudo que puder encontrar sobre a minha mãe, mesmo que não venha ao caso, não é? — perguntou Fauve, com violência.

— Acho que sim. Deve ser isso mesmo que ela quer fazer. Por que outro motivo ela havia de tomar uma medida que tornasse público o texto do testamento? Se ela não tivesse feito um processo para invalidar o testamento, ninguém saberia do desprezo que Mistral sentia por ela.

Fauve estava rondando a sala de Maggy, os punhos cerrados. Todos os músculos de seu corpo se achavam tão tensos que ela estava dobrada, os ombros curvos, andando de um lado para outro, sem poder parar e se sentar nem por um minuto. Estava possuída por uma raiva que ela nunca pensou poder existir. Era como uma onda perigosa que de repente aparecesse num mar calmo, pairando sobre um barquinho e levantando-o a uma altura de 15 metros. Nada que ela jamais experimentara na vida parecia importar, comparado com o ataque de Nadine à memória da mãe. Ela mataria Nadine ali, mesmo naquele momento, se fosse possível, percebeu Fauve, não sentindo choque algum.

— Vou para Avignon amanhã. Vou impedir que isso aconteça. Minha mãe não vai ser chamada de prostituta! Não me importam os quadros, mas Nadine não pode fazer isso... não vou permitir.

— Fauve... — disse Maggy e parou. Começou de novo: — Tudo isso aconteceu antes de você nascer...

— Vou arrumar minha mala — disse Fauve, sem lhe dar atenção.

— Não há ninguém com quem você possa falar? — pediu Maggy. — Alguém que lhe pudesse ajudar, de todos os verões que você passou na França? Não se lembra de uma única pessoa?

— Sim — disse Fauve, devagar, parando a caminho da porta. — Há alguém, sim. Como eu podia ter esquecido?

Eric Avigdor estava esperando no aeroporto de Marselha. Estava constrangido, ao dar os pêsames a Fauve, lembrando—se do modo como eles se tinham separado, seis meses antes.

— Papai ficou muito contente por você ter ligado para ele — disse Eric, enquanto corriam para Avignon pela Autoroute du Sud.

— Ele deve ter ficado espantado. Eu só pedi informações de interurbano para o número dele e fizeram a ligação em minutos. Acho que já era quase meia noite. Não pensei na diferença de hora.

— Ele nunca vai dormir cedo.

— Foi o que ele disse, mas achei que ele só estava sendo educado.

— Papai? Desistiu de ser educado quando se aposentou.

— Ele me arranhou um advogado? — perguntou Fauve, aflita.

— O melhor de Avignon. Está á sua espera em casa de meus pais. Chama —se Maitre Jean Perrin. Lutou com papai na Resistência. — L muita bondade de seu pai.

— Ele gosta muito de você.

Eric sorriu para ela, pela primeira vez, e Fauve sorriu um pouco. Só de pensar em Adrien Avigdor, ela já se sentia melhor.

Eles se calaram de novo, mas isso era menos formal do que as palavras forçadas que tinham trocado enquanto esperavam pela mala de Fauve. Ela seguiu diretamente de avião para Marselha, depois de saltar do primeiro avião em Paris, e estava exausta e amarrutada, mas a luz da tarde da Provença em princípios de outubro, a vista das oliveiras sempre renovadas e os ciprestes pontudos, como sentinelas, operaram o seu milagre costumeiro e ela sentiu um prazer animal por estar de volta.

Pela primeira vez, desde os 16 anos, Fauve se permitiu lembrar de como gostava daquela região. Eles saíram da Autoroute onde ela atravessava a estrada principal Leste—Oeste e, em vez de rumarem para leste, o que os teria levado a Félice, viraram para oeste e, dentro de mela hora, chegaram á casa de Avigdor na Rue de la Montée St. André, em Vlleneuve—les—Avignon.

Fauve ficou logo decepcionada e preocupada, ao ver o advogado. Ela esperava que Jean Perrin fosse da idade de Adrien Avigdor, mas aquele homem não podia ter mais de 38 ou 39 anos. Era esguio, baixo, parecia quase um rapazinho. No entanto, olhando bem, tinha olhos cinzentos que a fizeram se empertigar muito, pois Jean Perrin era do tipo, de homem que absorve tudo num olhar rápido, geral e dominador.

Adrien Avigdor, nada mudado, estava com um suéter e camisa de gola aberta, mas Maitre Perrin vestia um terno de jaquetão, com o distintivo da Legião de Honra na lapela. Sua roupa elegante e de cidade lhe dava, pensou Fauve, inquieta, um ar de um moleque vestido com suas melhores roupas.

Beth Avigdor abraçou Fauve com um carinho como se ela fosse uma sobrinha querida.

— Você deve estar tão cansada, minha pobre Fauve. O quarto de hóspedes está à sua espera. Gostaria de se deitar por uma hora, antes do jantar?

— Não, obrigada, Madame Avigdor. Prefiro falar já com Maître Penn.

Fauve e o advogado foram sentar—se na larga sacada da casa, bem ao alto da cidade, com o Ródano ah perto e, além dele, os vultos dos palácios de Avignon, torres e pontas como um imenso navio sorridente navegando no rio turbulento.

— Eric me contou que o senhor esteve na Resistência co n Monsieur Avigdor — sondou Fauve, ainda preocupada com a juventude dele.

— Bom, sabe, eu detestava a escola. Era mais divertido fugir para as montanhas de Aix e brincar de mocinho e bandido. Eu tinha 13 anos, quando terminou a guerra. Infelizmente, ainda estava em tempo de me fazerem voltar à escola. Portanto, como vê, tornei—me um cidadão relativamente respeitável.

— Quantos anos tinha, quando fugiu do colégio?

— Tinha dez anos — disse ele, dando de ombros e rindo. — Mas já era da altura que sou hoje.

Quando ele sorriu, Fauve teve um vislumbre do patriota destemido que ele fora, ainda nem adolescente, e sentiu desaparecer toda a sua falta de confiança.

— Maître Perrin, o senhor vai poder me ajudar?

— É só no que tenho pensado, desde que Adrien me telefonou ontem à noite. Aliás, mademoiselle, passei o dia trabalhando nisso, um dia mais interessante do que os que em geral passo em meu escritório, posso lhe assegurar.

— Já começou a trabalhar? Mas nós ainda nem conversamos!

— O problema, evidentemente, se reduz à questão das testemunhas do caráter, não é? Portanto, eu as procurei. E encontrei uma, tenho o prazer de lhe dizer.

— Uma? Uma testemunha do caráter? — protestou Fauve. — De que isso pode adiantar contra uma acusação de "mau procedimento notório"? Minha mãe tinha 24 anos quando conheceu meu pai... evidentemente tinha vivido, não era uma freira... e agora está entregue às mãos de minha meia irmã, que pretende arruiná—la... ah, a minha mãe é tão vulnerável.

A confiança de Fauve em Jean Perrin desapareceu tão depressa quanto aparecera. Como poderia aquele homem, que agora lhe parecia de novo ingênuo e inexperiente, começar a adivinhar o que poderia ser descoberto e distorcido contra Teddy Lunel, que tinha cativado os corações de tantos homens ainda vivos? "Uma série de amantes", dissera Melvin e ela sabia que ele estava sendo discreto.

Quantos deles não se gabariam? Qual deles poderia resistir a falar sobre o seu caso com a moça mais bonita do mundo?

— Mademoiselle, o que tem a idade de sua mãe a ver com esse processo?

— Tudo, eu imagino — disse ela, aflita. Ele não estava entendendo.

— A senhorita não falou com um advogado francês, nem mesmo um

tabelião?

— Minha avó falou com o consul francês em Nova York e eu tomei o avião na manhã seguinte.

— Ah, um diplomata. Uma pena. No entanto, como ele poderia saber, afinal? Sabe, mademoiselle, a lei francesa é muito explícita e firme nesse ponto, não permite qualquer dúvida, não permite que se façam acusações maldosas à toa. A acusação de mau procedimento só se aplicaria ao período durante o qual os seus pais se conheceram, durante o qual a sua paternidade poderia ser questionada. Pelo que eu soube, eles nunca se separaram desde o dia em que se conheceram até o dia em que ela morreu. Este fato eu pretendo ver provado sem possibilidade de dúvida.

Ela desviou o olhar. Era indecente presenciar um tal alívio. Quando Jean Perrin a ouviu começando a soluçar, levantou—se sem dizer nada e voltou para dentro de casa.

— O que é que há? — perguntou Beth Avigdor. — Devo ir ter com ela?

— Não, eu a deixaria sozinha, um pouco — aconselhou Jean Perrin.

Eric não fez caso e correu para a sacada. Fauve estava encolhida numa espreguiçadeira, chorando descontrolada, tremendo, de um modo que o deixou assustado. Ele a pegou e a abraçou com força, deixando—a chorar até o seu peito ficar enopado com as lágrimas dela. Ele a consolou com barulhinhos suaves, embalando—a como um bebê, até que, por fim, ela levantou o rosto molhado, inchado, vermelho e exclamou:

— Lenço.

Ele procurou nos bolsos mas não encontrou nada. — Assoe o nariz na minha manga — disse ele.

— Ah, não posso — gemeu Fauve. — Não na sua manga.

— Então, vou fazer—lo por você — disse ele, rindo e desabotoando o punho com uma das mãos. — Agora, assoe!

Mela hora depois, Fauve, de rosto lavado e cabelos escovados, estava sentada no salon com os três Avigdors, enquanto Maitre Perrin contava os detalhes do dia dele, com um orgulho tão contido que só Adrien Avigdor sabia o que ele estava sentindo. Os olhos de Jean brilhavam assim, pensou Avigdor, quando ele voltava de uma de suas incursões na Resistência. Ele parecia estar tão timidamente satisfeito quanto na noite em que fez explodir aquele trem de carga que carregava armas para a Batalha do Bolsao.

— Comecei me perguntando o que é que duas pessoas que, por assim dizer, desapareceram de seus mundos habituais, continuariam a fazer o que também fazem as pessoas comuns. Isto é, pessoas que não estão vivendo só de amor — começou Jean Perrin. — E para isso só há uma resposta, não é? — Ele parou, mas nenhum deles aventurou um palpite. — Eles comem.

— Bebem vinho — corrigiu Adrien Avigdor.

— Ambos, mon vieux, ambos. E onde é que comem? Em restaurantes, pelo menos de vez em quando, pois duas pessoas, por mais apaixonadas que estejam, não se contentam com comida caseira o ano inteiro. E onde, em Avignon, comeria o maior pintor da França?

Ele parou de novo e dessa vez Fauve respondeu, gritando:

— Hiely!

— Como é que sabia, mademoiselle?

— Meu pai me levava lá às vezes, como uma surpresa especial — exclamou ela e depois parou, espantada. Ela ficou toda ruborizada. Havia tantos anos que não pronunciava as palavras "meu pai" que não podia acreditar que tivessem saído de sua boca com tanta naturalidade.

— Claro, em Hiely, o único restaurante de duas estrelas em Avignon. Não foi difícil adivinhar. Então, fui lá hoje de manhã e conversei com Monsieur Hiely. Ele estava aprendendo o métier na cozinha do pai em 1953, mas muitas vezes ia até à porta e espiava, para admirar sua mãe. Lembrava — se bem dela. Pedi para ver o Livre d'Or deles, pois sabia que eles deviam ter pedido a Julien Mistral para assiná-lo. E lá, numa das páginas, encontrei a assinatura dele. Mais do que uma assinatura, um bonito desenho do velho Hiely. E, embaixo, sua mãe também tinha assinado.

— Mas... mas... isso não prova nada — gaguejou Fauve.

— Com efeito, não. No entanto, a família Hiely manda cartões de Natal aos seus bons clientes e têm um registro dos endereços deles. Pesquisei um pouco os arquivos deles e consegui encontrar o lugar onde moravam os seus pais, quando estavam em Avignon. E fui lá, sem parar para almoçar, coisa que Adrien estranharia muito. A casa ainda existe e a concierge ainda é a mesma. Imagino que Madame Bette ainda estará lá no ano 2000. Em todo caso, ela ajudou muito...

— A concierge? — interrompeu Fauve.

— Não, mademoiselle, não duvide tanto. Não é a concierge que é a sua testemunha de caráter, se bem que ela servisse, se precisássemos de mais de uma. Madame Bette me disse que seus pais tinham feito amizade com um médico que ainda mora no segundo andar da casa. Há umas duas horas, consegui encontrar o doutor em casa. Ele me disse que ele e a mulher conheceram seus pais desde o dia em que se mudaram para lá... aliás, eles ajudaram a fazer a mudança de parte dos móveis que seu pai comprou. Os dois casais costumavam beber alguma coisa juntos, de vez em quando, e também saíam para jantar, no Hiely, no Prieuré, a lugares no campo. Gostavam muito de sua mãe, muito mesmo. Nunca mais viram o seu pai, depois da morte de sua mãe, mas sempre compreenderam por que Mistral desapareceu da vida deles. Falaram da dedicação total de seus pais um pelo outro. O médico, Professor Daniel...

— Dr. Daniel — exclamou Beth Avigdor — Mas eu o conheço!

— Claro, Beth. É um dos homens mais notáveis de Avignon, professor da Universidade de Aix, Mademoiselle Lunel — explicou Jean Perrin, prosseguindo depressa. O Professor Daniel ficou extremamente indignado diante dessa acusação odiosa que foi feita... ficou escandalizado. Na verdade, eu poderia dizer que ele considerou isso um assunto pessoal. Naturalmente, tanto ele como a mulher estão dispostos a testemunhar que a sua mãe nunca teve nada a ver com qualquer outro homem que não o seu pai, durante todo o tempo em que ela morou em Avignon. A impugnação do

testamento vai ser paralisada antes mesmo de começar. Não pode haver mais qualquer dificuldade de parte de Madame Dalmas.

Jean Perrin deu o seu sorriso tímido, de patife, triunfante.

— Pessoal? — perguntou Fauve. — Por que o médico considerou isso um assunto pessoal? Foi só porque era tão amigo de meus pais? — Foi ele, mademoiselle, que a pôs neste mundo.

Capítulo 33

— Madame Dalmas, que prazer em vê-la.

Madame Violette, a vendedora mais antiga do salon de Yves Saint Laurent, era treinada demais para mostrar o seu espanto quando Nadine entrou lá, mas houve um farfalhar perceptível de interesse espantado do grupo de vendedoras menos categorizadas, que estavam esperando para conduzir as freguesas aos seus lugares, antes do desfile. Madame Violette, acompanhando Nadine à cadeira mais bem colocada na sala, perguntou:

— Há alguma coisa em especial que lhe interesse, madame?

— Um guarda-roupa novo, inteiramente novo — disse Nadine, com um ar de indiferença. — Vivi com Albin tanto tempo que isso se tornou inteiramente maçante, previsível demais.

— Ah, mas madame está magnificamente vestida. No entanto, devo concordar que uma mudança é sempre divertida. Monsieur Saint Laurent há de lamentar ao saber que a senhora veio quando ele estava fora.

Nadine pegou o tradicional toco de lápis dourado e o bloquinho branco em que escreveria os números das roupas que lhe interessassem para provar. Era desorientados sentar assim, como uma freguesa qualquer, esperando para ver uma coleção nova. E muito empolgante, também. Não haveria nada do conhecimento íntimo quando ela via os figurinos de Jean François evoluírem num período de meses, de modo que, cada vez que ela vestia uma roupa nova, sentia que a tinha usado durante anos.

Saint Laurent era o melhor figurinista do mundo, mas seria inadmissível ela reconhecer isso antes de ontem. Hoje ela estava livre, livre afinal da tirania daquele bebê chorão super valorizado, Jean François Albin, com suas rabugices e chilikues. Hoje ela estava numa situação em que, cia imaginava, nenhuma outra mulher do mundo se encontrava: tinha todo o dinheiro que poderia gastar e mais um bocado e em suas filas de armários não havia nem um vestido, uma blusa, nem mesmo uma bolsa que ela pretendesse guardar um dia mais do que o necessário. Mesmo a noiva do homem mais rico do mundo, pensou ela, devia ter alguma coisa em seu guarda-roupa de que não quisesse se separar, alguma coisa que pretendesse tornar a usar. Mas desde a sua entrevista — se é que se podia chamar assim ao que houvera — com Jean François na véspera, Nadine pretendia jogar tudo fora. Não era nada que ele tivesse dito, aliás, eles trocaram poucas palavras. Nadine simplesmente entrara no escritório dele e lhe dissera que daquele momento

em diante ele teria de se haver sem ela.

— Ah, sei — respondera ele, com tão pouca expressão que devia estar aturdido demais para começar as suas queixas de sempre.

— Você compreende, Jean François, que agora... — Ela levantara os ombros num gesto que dizia perfeitamente o que as palavras não podiam: agora não tenho mais tempo a perder com suas necessidades mesquinhas e petulantês, agora você vai ter de se haver sem mim, agora vai ver a sua vidinha tola se desmoronar porque não posso mais me aborrecer com você.

— Compreendo, sim, Nadine. Vou ter de me arranjar. Perdão, Nadine, mas a Princesa Grace está na sala de provas e prometi ir ter com ela. Eu a verei hoje à noite, no jantar? Não? Claro, você ainda deve estar de luto. Então, à bientôt?

Ela a beijou no rosto, do jeito seco que beijava todo mundo, e saiu correndo, agitado, cantarolando, gritando para a sua provadora preferida ir servi-lo, mandando uma secretária levar café para a sala de prova onde estava a princesa, só parando uma vez, para afagar os afghans que estavam deitados à entrada do seu ateliê.

— Sim, meus lindos, sim, votes são as criaturas mais lindas que Deus já criou, sim, amores, sim — disse ele aos cães e desapareceu pelo corredor.

Bem representado, pensou Nadine, e podia ter enganado qualquer um. Ela sabia, claro, que lhe dera um golpe sério, que bem poderia lançá-lo numa de suas depressões nervosas.

Não obstante, houvera alguma coisa... alguma coisa que ela não deixara de perceber — que a levara a ir a Saint Laurent naquele dia. Se ela não conhecesse Albin tão bem, diria que fora uma expressão de... , divertimento? Seria possível? Por certo que não, pensou ela, olhando com um desprezo indifârçado para as mulheres em torno dela. Não era a época do ano certa para encomendar roupas novas; aquelas ali eram mulheres das províncias, ou estrangeiras, que ficavam empolgadas por estarem ali. Ela não gostava de se ver ali olhando a coleção com elas, mas resolveu não usar mais as roupas de Albin. O que é que Jean François poderia estar achando engraçado?

As manequins passaram, num rebuliço de passos rápidos, com tailleurs para o dia, destinados ao outono e inverno, roupas que já tinham sido exibidas antes, no verão. A essa altura, pensou Nadine, todas as suas amigas que se vestiam em Saint Laurent já teriam recebido seus novos costumes de outono, e os estavam usando.

Se ela pedisse a Madame Violette, tinha certeza de que o tempo necessário para fazer suas roupas seria mínimo. Ela teria de ser tratada como se fosse uma turista, com apenas duas semanas para as provas, pensou ela, com ironia. Não importa, ela veria a coleção da primavera seguinte na estréia para a imprensa, enfeitando a primeira fila de cadeiras com as outras clientes privilegiadas de Sant Laurent, fazendo tanto parte do ritual quanto as próprias roupas, e, de certo modo, mais significativamente.

Ela rabiscou números no bloco, procurando não refletir sobre a conversa que tivera de manhã com o advogado. Ela voltara a ele numa última tentativa de convence-lo a fazer mais investigações sobre a vida daquela

puta, a mãe de Fauve. Quando soube do testemunho do Dr. Daniel, de Avignon, o advogado disse a Nadine que o caso dela contra o testamento do pai estava acabado, liquidado. Ela procurara outros advogados e todos lhe haviam dito a mesma coisa: só se pode fazer uma action en reduction de um testamento. Ela devia aceitar o testamento como definitivo: agora nada poderia impedir que Fauve recebesse os 25% dos bens, exatamente conforme estava determinado no testamento. Ela teria de se contentar com 25%, disseram eles, como se isso a impedisse de saber que tinha sido irrevogavelmente esbulhada, roubada!

Como era típico de parte de seu advogado insistir em ter a última palavra, mesmo no fracasso, pensou Nadine. Ele era criminosamente pouco profissional, dissera Nadine, ao que ele retrucou apenas que, desde o princípio, lhe aconselhara a não impugnar o testamento. Lembrando—se da complacência dele, o lápis de Nadine se quebrou, sob a pressão que ela fez. Madame Violette, que estava nos fundos da sala, observando as clientes, logo lhe levou outro.

Então, surgiu na passarela um grupo de terminhos de calças, com corte de alfaiate, com aquele exagero especial de Saint Laurent que Albin nunca conseguira atingir. Muito no estilo dela. Exatamente o que ela mais gostava, pensou Nadine, virando a folha e começando outra.

As mulheres de ambos os lados estavam olhando os números que ela escrevia, com uma inveja tão evidente que ela teve vontade de rir na cara delas. O que devia ser, ir lá e saber que só se podia comprar um conjunto? Inimaginável, uma vida em que voei olhasse no armário e só encontrasse uma roupa feita sob medida. Era como fazer uma refeição por ano e viver de pão e água o resto do tempo. Para que se dar ao trabalho, sequer? Nadine escreveu mais números, depressa, gulosamente, sabendo das coisas. Mal podia esperar para ir à sala de provas, se ver nessas roupas.

Ela culpava o advogado por mais do que o testemunho destruidor do médico de Avignon. Por que ele não a prevenira direito quanto ao fato de que o texto do testamento seria publicado? Por que não lhe dissera que os jornalistas iam a Aix em enxames, para ler a cópia arquivada lá? Aquele arremedo de homem, repugnante, cheio de si, não poderia ter previsto que o testamento seria traduzido para todas as línguas estrangeiras, e sem notícia em todas as cidades estrangeiras? Pelo menos, era o que Phillipe dissera. Tal vez Phillipe estivesse errado, talvez fosse só em Paris que aparecera? Ela não pretendia averiguar.

As opiniões de Phillipe agora não eram nada para ela, nem mesmo pequenos aborrecimentos. Ela o expulsara no mesmo dia em que o testamento fora publicado em Le Monde e Le Figaro. Disse para ele sair dentro de uma hora. Fora assombroso e, a seu modo, admirável mesmo, a rapidez com que ele fez as malas, com tão poucos protestos.

Ele devia estar prevenido disso, concluiu Nadine, e devia estar preparado para isso. Um homem com a experiência dele não podia deixar de saber que, uma vez que ela conseguisse o dinheiro, se livraria dele. Provavelmente estava planejando como receber aquilo de boa cara, desde o dia em que

Mistral morrerá. Phillipe não era burro nessas coisas, ela reconhecia. Em tudo o mais, sim, mas não quanto ao dinheiro dos outros. Um homem que podia ser parasita a vida toda tinha de ter certa esperteza.

Em todo caso, pensou ela, com alívio, nunca mais teria de se preocupar com as contas dele, nem suas dívidas, nem suas opiniões. As únicas opiniões a que ela dava valor eram as de seus amigos. Eles haviam de perceber que Mistral estava caduco — louco, doente, senil. Os outros, os pobres diabos que constituíam o resto do mundo, se esqueceriam dentro de uma hora, se é que se dariam ao trabalho de ler aquelas manchetes, aquela história. Então, Monsieur Phillipe Dalmas achava que ela havia despejado um balde de esterco na cabeça, é? Palavras típicas de um homem amargo, a caminho da decadência. Como ele podia explicar que ninguém, nem uma única pessoa, sequer mencionara o testamento a ela? Que idéia absurda... que ninguém o mencionara porque não queriam constrange-la. Na véspera, quando tinha encontrado Hélène e Peggy junto de Hermes, nenhuma tinha falado nada sobre o testamento. Mas também não tinham dado os pêsames convencionais. Agiram como se não lhe tivesse acontecido absolutamente nada, desde que a tinham visto, antes da morte do pai. Pareciam... bem, um pouquinho secas, talvez.

As vezes é difícil até para as pessoas mais bem—educadas falarem da morte. Não era por isso que em geral se escrevia bilhetes de pêsames, em vez de telefonar? Hélène e Peggy. Havia alguma coisa... divertida... nos olhares delas? Se o pai de uma delas tivesse escrito um testamento tão evidentemente louco, ela bem poderia ter tido o bom—tom, o tato de fazer uma pilhéria daquilo, mas teria feito isso em voz alta, para que soubessem que ela entendia como era ridículo e sem importância, como refletia pouco a realidade. Nadine pegou um lençinho e enxugou a testa, sob a franja. Estava quente demais, em Saint Laurent.

Ah, os vestidos de jantar curtos. Ela sempre admirara especialmente como ele o fazia, sua bravura flamenga. Ela sempre se ressentia por ter de usar os vestidos de jantar de Albin, com seu sex appeal classicamente disfarçado. Ele exagerava a sutileza, Albin, como exagerava tudo o mais.

Examinando os vestidos, os olhos treinados admirando cada detalhe, Nadine se perguntou a esmo o que seria a série Cavaillon. Era uma brincadeira, deserdá—la de uma casa em que ela nem sonharia em morar, e um grupo de retratos de três gerações de vagabundas, como se isso pudesse ser mais importante do que o vasto conjunto da obra dele que passaria a ela. Cavaillon? Uma cidade de mercado, um lugar sem qualquer interesse.

A curiosidade dela não chegou ao ponto de querer estar presente quando as autoridades fiscais abrissem o estúdio, no dia seguinte. Étienne Delage, seu marchand, a representaria. Ele havia de ganhar bastante com as comissões dela, Deus sabia, para ir e ficar lá o tempo necessário, de olho nos agentes fiscais, enquanto faziam o seu inventário dos diabos.

Quando a primeira manequim apareceu, num vestido de noite que ela precisava ter, Nadine não tinha mais papel onde escrever o número. Ela já enchera totalmente o bloquinho, anotando todas as roupas lindas que estava

louca para encomendar. Ela levantou a cabeça para fazer um sinal a Madame Violette pedindo outro bloco, e a pílhou cochichando atrás dela com duas outras vendedoras. As três estavam olhando bem para Nadine. Elas desviaram os olhares no instante em que as viu, mas no rosto de cada uma Nadine percebeu a mesma expressão de divertimento que vislumbrara no rosto de Jean François, no de Peggy, no de Hélène. Estavam rindo dela. Escarnecendo? Não, rindo.

Nadine se levantou, passando pela fileira sem respeitar as pernas das mulheres por quem passava. Foi caminhando cada vez mais depressa, ao se aproximar da saída da sala de desfile.

— Madame Dalmas? Há alguma coisa? Posso ajudá-la? — cochichou Madame Violette, alcançando-a no momento em que chegou à porta.

— Isso aqui está sufocante. Não se pode esperar que as pessoas passem horas sentadas sem ar condicionado, num dia desses.

— Ah, Madame Dalmas, a senhora tem toda a razão. Estou desolada. Monsieur Saint Laurent vai ficar desolado. Se me permitir, deixe-me ficar com o seu bloco. Quando voltar, prometo que o ar condicionado estará ligado e todos os números que escolheu estarão reunidos na nossa maior sala de provas.

— Não vi nada que eu quisesse.

— Nada? — repetiu Madame Violette, sem poder acreditar.

— Nem mesmo uma blusa. Uma coleção decepcionante. Albin me estragou para todos os outros.

Fauve Lunel podia ser, se isso fosse possível, quase tão obstinada quanto fora o pai, disse Adrien Avigdor a si mesmo, enquanto discutia com ela, os dois sentados na biblioteca de sua casa.

— Continuo pretendendo voltar diretamente para Nova York — repetiu Fauve, delicadamente, pois tinha grande afeição por Adrien Avigdor, mas com uma resolução cuja sabedoria ela se recusava a por em dúvida.

— Claro que sim, mas agora não, não antes do estúdio ser aberto, de você ver os quadros que o seu pai lhe deixou.

— Não pode aceitar o fato de que não quero ter nada a ver com eles? — disse ela, de novo. — Que eu me recuso? Pedi a Maître Perrin para tratar de tudo por mim e ele concordou.

— Tenho toda a confiança em Jean, mas há certas coisas que não se pode pedir... nem esperar... que os outros façam por nós.

— Estão precisando de mim em Nova York — disse Fauve, tentando outro argumento. — O senhor não compreende bem, querido Monsieur Avigdor. Imagine centenas de moças lindas e 3.000 clientes em perspectiva, todos ansiosos por seus serviços. Como posso abandoná-los?

— Essas moças lindas, você as está vendendo?

— Acho que o senhor sabe o que é que eu faço. — Ela riu — se, diante da tentativa dele de implicar, com ar sério.

— Também sei que há pessoas que tratam da agencia quando você está aqui. Creio que minha velha amiga Maggy não ficou vadia com a passagem do tempo. Tenho muita fé de que ela não deixe nenhuma daquelas moças

murcharem na videira.

Fauve vacilou, examinando o rosto dele. Ele certamente não tinha um ar irreduzível, impossível nem intratável. Parecia tão plácido e descontraído quanto um homem ordenando uma vaca, quase dormindo ao sol, mas ela ainda não conseguira convence-lo de que tinha razão. Agora que estava resolvido o problema do processo de Nadine, agora que a memória de sua mãe estava salva, por que Adrien Avigdor fazia tanta questão de usar toda a força de sua autoridade para fazê-la demorar mais? Ela estava grata demais pela ajuda dele para poder simplesmente ignorar tal resolução, mas, por outro lado, ele não se abalara com nada do que ela dissera.

— Não falta resolver mais nada — respondeu Fauve, recorrendo à sua força de vontade. — O que eu havia de querer com La Tourrelle? Só tenho algumas semanas de férias por ano e não hei de querer passá-las sempre aqui, não é? Bom, o que é que acontece quando ura casa fica desocupada? E os incêndios? E os canos que estouram? E o mistral que sopra e faz goteiras? Eu teria de alugá-la ou contratar um caseiro para morar lá o tempo todo. É muito complicado. Vou vendê-la, claro.

— O testamento de seu pai dizia claramente que você fizesse o que quisesse.

— E então? — perguntou Fauve.

— Não obstante, acho que você deve, pelo menos, ver o seu legado, a série Cavaillon. seu dever.

— Monsieur Avigdor — disse Fauve, com um ar final — podíamos continuar assim durante dias e dias. Mas esse não é o problema. Eu sei... sei como o meu pai procedeu, durante a guerra.

— Ah.

Ele conseguiu não revelar o enorme choque e a surpresa que teve.

— Também sei que o senhor sabe, que está ciente do que ele fez, não só com o senhor, mas com muitos outros... não, não diga nada! Agora, diga-me se ainda acha que tenho um "dever", como disse, de ver o meu legado.

— Acho — disse ele, com firmeza. — Mas por que... como pode?

— Porque, fosse ele o que fosse ou fizesse o que fizesse, você não pode negar que Julien Mistral amava a sua mãe e ela o amava. E ele amava você muito. Isso ficou bem claro no testamento dele. A série Cavaillon, seja o que for, foi pintada para você, Fauve, pintada por causa de você. Você não pode virar as costas a isso.

— Então, o senhor o perdoou?

— Sim, espero que sim.

— Por quê? — ela tomou a perguntar, inclinando-se para tentar compreender.

— Por quê? Em parte, claro, porque ele era um gênio. Eu sei, o gênio não é desculpa, mas certamente é uma explicação, uma explicação parcial. No Livro de Jó, se me lembro bem, o meu pai me dizia que em algum lugar diz que "os grandes homens nem sempre são sábios". Nem são sempre bons ou corajosos, Fauve. Mas há algo mais do que isso. Eu o perdoei porque ele era um homem e eu também sou um homem... apenas um homem... e não o juiz

dele.

Quando ele falou essas últimas palavras, Eric entrou na biblioteca e ficou escutando. Fauve olhou para Eric, respondendo ao pai dele:

— Talvez tenha razão, mas assim mesmo não quero parte do passado.

— Uma visita, Fauve, é só o que peço — insistiu Avigdor. — Depois disso, faça o que quiser.

— Eu acho — disse Eric — que vocês dois chegaram a um impasse mexicano.

Adrien Avigdor olhou, interessado, para o rubor forte que subiu dos ombros de Fauve à raiz de seus cabelos, enquanto ela meneava a cabeça, num consentimento relutante. O que levava aquele patife de filho a achar que ele, Adrien Avigdor, precisava que lhe dissessem que tinham chegado a um impasse mexicano, fosse o que fosse essa coisa bizarra? Ele apenas tinha vencido a negociação, como sempre pretendia, como sempre tivera certeza de vencer. Não estava habituado a perder nessas coisas.

Vários dias depois, na segunda semana de outubro, os três avaliadores que tinham sido nomeados pela delegacia fiscal de heranças afinal conseguiram se reunir em La Tourelle. O governo esperara até que os maiores especialistas franceses em pintura estivessem todos disponíveis, pois o conteúdo do estúdio de Mistral ora uma fonte de renda importante demais para ser avaliada por qualquer que não fosse dos mais conhecedores.

A ansiedade de Fauve foi aumentando sempre, enquanto ela se dirigia para Félice, com Eric e os Avigdors. Ela achava difícil aceitar o fato de que se deixam convencer a voltar, mesmo pela última vez, à casa que continha os dois aposentos que ela um dia amara mais que todos no mundo: o estúdio do pai e o seu quarto de dormir pigeonier, a casa que ela tentava esquecer desde os 16 anos.

O horror que ela sentira, a amargura escaldante, a paixão desesperançada por aqueles desconhecidos a quem fora negado refúgio, a vergonha constante, todas as emoções que a tinham arrasado quando ela saiu de La Tourelle, tantos anos antes, voltaram para inundá-la, quando o carro passou por Ménerbes e se aproximou de Félice. Ela estava fria até aos ossos, a apreensão e tensão a faziam sentir a espinha como se cada vértebra individual fosse um dente que fora atacado por uma sensação de um desconforto intenso, não uma dor, mas um desassossego quase insuportável.

Os sentidos de Fauve estavam vivos demais. O colorido do campo parecia tão forte que mesmo os óculos escuros lhe davam pouco alívio, ~ consciência das vozes de Eric e dos pais como se estivessem exageradas, levemente distorcidas, sintonizadas num tom mais agudo do que o normal. E seus gestos pareciam estar fragmentados, descontrolados. Ela tentou tocar na realidade, mas tudo tinha o ar de uma alucinação que se tomava cada vez mais insuportável, à medida que eles subiam a estrada estreita pela floresta de carvalhos e viam os muros antigos de La Tourelle erguendo—se além da alameda de ciprestes rodopiantes.

Eles estacionaram o carro fora, na campina, coberta de emaranhados de cardos e capim em espigas, que tinham secado o verão todo. Fauve saltou do

carro com relutância, devagar. O aroma da madressilva a atingiu como um golpe. Ela havia conseguido se esquecer de tantos detalhes. Tinha conseguido esquecer—se de que a mas era coberta de madressilvas. Tinha conseguido esquecer que nunca respirava bastante a sua doçura, que nunca enjoava, nunca ficava menos provocantemente fragrante, com um perfume que continha um mistério que ela nunca capturara, um perfume que era a própria memória da felicidade destilada.

— Olhe, já tem uns, carros aqui. Os avaliadores devem estar lá dentro, esperando — disse Adrien, Avigdor, para tentar fazer Fauve avançar. Ela estava ali rígida, a relutância evidente em cada linha tensa do corpo e mais alguma coisa. Uma coisa que ele só podia chamar de medo. Ele mesmo estava sentindo uma emoção profunda e dolorosa. Não pisava naquele lugar desde o verão de 1942, quando a entrada lhe fora recusada por Marte Pollison e ele olhara para trás e vira Julien Mistral deixando que ele se fosse.

— Vamos — disse Eric, pegando a mio de Fauve, sem cerimônia. Ele a puxou pelos portões abertos, para dentro do pátio.

Um grupo de cinco homens estava fumando e conversando no pátio. Um era Étienne Delage, o marchand de Mistral, que agora representava Nadine Dalmas, três eram os avaliadores e um era supervisor da Delegacia Fiscal de Avignon. Todos se apresentaram solenemente, apertando as mãos de Fauve, Eric e dos Avigdors.

— Parece que não há ninguém para abrir a porta — disse um dos avaliadores, um parisiense barbudo, alto e elegante.

— Eu tenho a chave — disse o negociante. — Fui informado de que a velha empregada se aposentou. A casa está vazia. Todas as chaves ficaram com o tabelião de Apt, Monsicur Banette. Ele me pediu que as entregam a Mademoiselle Lunel, já que não poderia estar aqui hoje. Também pediu para dizer que está às suas ordens, se precisar dele para assuntos do inventário.

Ele pegou uma argola de chaves e a entregou a Fauve.

— Se me faz o favor, Monsieur — disse ela, recuando de repente. — Pode destrancar a porta?

Étienne Delage fez que sim e foi na frente. Embora ele conhecesse a casa menos do que Fauve, ela ficou para trás de todos, dando cada passo contra a sua vontade, enquanto ele dirigia o grupo pela mo mal iluminada, por aposentos em que ainda havia uma veneziana aberta e por fim saindo pelos fundos, para a ala do estúdio. Afinal todos pararam defronte das portas que davam para o estúdio de Julien Mistral.

O inspetor fiscal de Avignon tirou o lacre colocado nas portas, horas depois da morte de Mistral ter sido comunicada.

— Mademoiselle — disse ele a Fauve, indicando a porta. Ela sacudiu a cabeça, recusando—se, e novamente foi Delage quem destrancou as portas do estúdio.

Então, com um gesto, todos recuaram e Fauve foi levada, pela cortesia deles e senso de oportunidade, a entrar primeiro. Ela endireitou os ombros, deu meia dúzia de passos rápidos para dentro do estúdio sombrio e parou de repente. O choque que ela levava com o perfume da madressilva não foi

nada comparado com o assalto sobre seus sentidos daquele aroma querido, bem conhecido, desse domínio, em que o pai tinha pintado durante quase 50 anos. Ela quase soltou uma exclamação, ao colidir com as horas mais importantes de seu passado.

O estúdio não estava escuro, embora todas as venezianas estivessem fechadas. Parte da clarabóia estava aberta e as luzes de trabalho ainda acesas, como Mistral as deixara. Raios do sol da manhã, num torvelinho de um bilhão de universos de grãos de poeira, pareciam colunas de onde a pungência da tinta a óleo era liberada no ar.

Fauve fechou os olhos um instante, assaltada por recordações. Depois, refazendo—se, ficou de pé, rígida, olhando para o chão. Por fim, ela levantou os olhos e enfrentou o estúdio.

O que era isso? O que era essa sinfonia de tinta voando? O que eram essas telas imensas, respirando vida, esse sentimento de criação tão alegre, tão generoso que tinha asas mais fortes do que as de uma águia? De que lugar vinha o ritmo que avançava pelo estúdio com um trovão majestoso?

Não havia nada em todo aquele espaço vasto senão umas pinturas enormes, maiores do que Mistral jamais pintara, cada qual pendurada com uma exatidão de colocação que revelava muito pensamento. O único sinal da presença dele era uma escada forte e móvel, num canto, a mesa de trabalho e o velho cavalete no qual estava colocada uma tela vazia, nova.

Mas Fauve, olhando para as paredes, soltou uma exclamação, perplexa, deslumbrada, aturdida com a fantasia complexa que parecia dançar para ela. Seus olhos iam para uma tela e encontravam leões coroados, empinando no ar, cordeiros saltando, gazelas dançando e pombos esvoaçando, tudo contra um brilho emaranhado de flores silvestres reluzentes como jóias e macieiras, o verde de peridoto e resedá. Ela olhou mais, para outra tela, seus olhos cativados pelo peso majestoso de feixes de trigo e cevada, profusões de romãs, uvas, azeitonas e figos. Ali, as cores radiosas de Mistral eram os verdes fortes e opulentos e os dourados do pleno verão, os cereais oscilando esplendidos como flâmulas. A tela seguinte explodia com uma madureza estuante, a profundidade, a intensidade dos tons do equinócio de outono: ametista, vinho, abóbora e rubi, vibrando com a realização da colheita. Ramos de palmeira entrelaçados com salgueiro e murta estavam pairando ao alto numa procissão gloriosa que se realizava sob uma lua cheia vermelha e muitas estrelas.

Pássaros cantando, a rosa de Sharon... os cedros do Líbano... o que era aquilo?

Então, na parede extrema, ela viu a maior pintura de todas e logo foi atraída por seu magnetismo. Toda a profusão brilhante de outras imagens empalideceu em torno dela e Fauve estreitou a visão, aproximando—se da tela gigantesca em que um candelabro de sete braços brilhava com um crescendo de luz essencial, um menorah monumental, que irradiava a glória de mil anos de fé num fundo de vermelho triunfante. Fauve ficou ali, muda, olhando para cima, o coração aos pulos, a mente vazia de tudo, a não ser a veneração.

Atrás dela, em voz alta, Eric disse as palavras que Julien Mistral tinha pintado em letras altas e ousadas sob a base do menorah:

— La Lumière Qui Vit Toujours. La Synagogue de Cavaillon, .1774... a luz que vive para sempre...

— Ele... foi a Cavaillon! — exclamou Fauve, com assombro e alegria. — A série Cavaillon..., e isso que significa — disse Eric, devagar, com reverência.

— Mas os outros quadros...? O que...?

— Há uma inscrição em cada um — respondeu Eric.

Em todo o estúdio o grupo de visitantes estava—se espalhando, esquecendo—se na aventura da descoberta, exclamando alto, falando com si mesmo e com os outros, experimentando os mares não percorridos do gênio Mistral.

Fauve não se virou, mas continuou a olhar para os grandes candelabros que celebravam o vaso sagrado que estava no santuário do deserto e nos dois Templos de Jerusalém. Por fim, ela se virou e pegou a mão de Eric. Juntos, eles andaram por toda a extensão do estúdio e pararam diante da primeira pintura grande.

Ali havia duas velas colocadas em castiçais polidos; um pão trançado e uma taça de prata cheia de vinho estavam sobre uma toalha de mesa branca. Cada uma das formas simples, elementares, falava apaixonadamente da gratidão pelos dons do Criador ao homem. Uma paz, uma alegria, uma solenidade jovial se derramavam da pintura e Fauve meneou a cabeça, começando a compreender.

— Shabbat — disse o perito de pintura barbudo, de Paris, traduzindo a inscrição, que estava escrita não em francês, mas nas letras do alfabeto hebraico. — O Sabá.

Fauve procurou as formas fortes, estranhas e evocativas das letras e nelas viu o traço de pincel que era nitidamente de Mistral, vívido e violento, e no entanto contido dentro de uma disciplina a que ele nunca se curvara antes.

Ela passou ansiosa para as pinturas seguintes e percebeu que as três telas, aquelas em que as gazelas estavam saltando e os galhos crescendo, as primeiras telas que chamaram sua atenção, tinham sido penduradas de modo a ficarem bem separadas das outras. Ela recuou para poder vê—las como um grupo.

Perplexa, e no entanto elevada a outro auge de prazer visual, ela olhou numa confusão empolgada de uma para outra. Qual era a chave para esses ritmos apaixonados, essa riqueza de imagens?

Ao seu ombro direito ela ouviu a voz de Adrien Avignon, parando entre cada palavra ao traduzir o significado das palavras nas inscrições hebraicas, compostas das letras que ele estudara durante alguns anos, uma vida antes, letras que, ele descobriu, nunca haviam desaparecido de sua lembrança.

— Pessach — disse ele, com sua voz ressoante, olhando para a primeira tela.

— A Festa do Exodo — acrescentou o perito de Paris. — O aniversário da revelação do Sinai. ele usou os símbolos do Cântico dos Cânticos.

— Shavuot — disse Avigdor, virando-se para a tela seguinte, e mais uma vez veio a explicação do perito.

— O Festival do Verão... levando frutas e cereais ao Templo.

— Sukot — leu Avigdor da terceira tela e parou.

— A Festa do Outono — veio a voz do parisiense. — Os tabernáculos feitos de ramos e caniços, em que todos dormiram por uma semana, vendo o céu ao alto.

Fauve oscilou e, em volta dela, as formas imensas dos quadros pareciam chegar cada vez mais alto, até tocarem no teto do estúdio e passarem além dele, para um firmamento cheio de luar. As paredes recuaram, as cores se tornaram cada vez mais vivas, ela ouviu as estrelas cantando e as folhas de palmeira rindo, sentiu as asas do vento quando as imagens deram a impressão de se moverem, elevarem—se das telas, girarem em toro dela, num hino de louvor dominante, brilhante, incandescente, um hosana vitorioso de cores.

Alguma coisa profunda de Fauve abriu—se e, por fim, ela compreendeu: Julien Mistral tinha vivido os campos verdejantes do tempo e vivera na velha Jerusalém; seu pincel pagão fora transportado e ele gastara suas últimas forças e as maiores, pintando essas celebrações de um povo que tinha adorado, e ainda adorava, um Deus invisível.

Ele respeitara a invisibilidade do Deus deles. No tentara o impossível; não tentara pintar a voz da Sarça Ardente, mas alcançara o âmago de seus festivais e pintara o espírito com que comemoravam o seu Deus, pintando—o de um modo que todos os outros povos do mundo compreenderiam, pois todos os homens viviam pela roda sempre girando da natureza.

Ela fechou os olhos e se apoiou no braço de Eric.

— Você está bem? — perguntou ele, aflito.

— Vamos lá fora um instante... mais tarde vejo os outros quadros.

Quando eles iam saindo, Adrien' Avigdor se aproximou de Fauve e estendeu a mão, no rosto uma pergunta que foi respondida por um olhar aos olhos transfigurados de Fauve. Ele deixou cair a mão, satisfeito, e os deixou ir. Fauve tinha passado pelo cavalete de Mistral quando voltou, tendo visto um pedacinho de papel pregado na madeira. Sobre ele, na letra conhecida do pai, havia apenas uma linha. Ela parou. O papel estava rasgado, amarelado e manchado por um arco—iris de cores desbotadas, como se tivesse sido muito manuseado; no entanto, esvoaçava do cavalete como uma bandeira com um leme.

— Ouve, ó Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é Um — disse ela, lendo em voz alta. — É só isso que diz.

— Não basta?

Capítulo 34

— É tão enlouquecedor de difícil tentar descrevê—los assim, pelo

telefone... você não pode vir aqui de avião e ver por si, Magali? — pediu Fauve.

— Eu vou, mas no momento é impossível. As coisas nunca estiveram tão alucinantes e não tenho coragem de largar a agência sozinha, sem nós duas. O mais importante é sabermos que o seu pai foi levado a fazer esses quadros, sabemos que ele quis criar uma coisa que pudesse contrabalançar o passado. Acho que a única coisa que se pode dizer é que se trata de uma redenção... não que seja uma palavra que eu use normalmente, meu benzinho. Dou graças a Deus que ele tenha tido o tempo para fazer isso.

— É mais do que ter tido o tempo, Magali. Você há de entender, quando os vir. Ele pintou com a última gota do sangue dele. Monsieur Avigdor diz que às vezes esse tipo de visão avassaladora aparece ao artista, em sua velhice, mas só os maiores deles... Donatello, Rembrandt... uma coisa inteiramente nova, que paira acima de tudo que já conseguiram. Como todo mundo. Monsieur Avigdor estava pensando, já que papai não tinha produzido nada em oito anos, que ele tinha perdido o dom, que estava—se escondendo porque não queria confessar que não pintava mais.

— Todos ficaram tão assombrados quanto você?

— Sim, embora... a não ser no caso dos Avigdors... não tivessem tido o choque a mais, sabendo como papai se sentia antes, quanto aos judeus. Os peritos ficaram assombrados, aturdidos mesmo, embora estejam lidando com os grandes pintores o tempo todo. O homem que mais me comoveu foi o inspetor da Delegacia Fiscal. Ele não tem experiência de pintura, mas ficou andando por ali, num êxtase sem palavras, só se regalando... tão transportado pela série Cavaillon que se esqueceu inteiramente de todos os outros quadros no depósito. Eu quis ligar para você logo, mas por sorte me lembrei que ainda era o meio da noite em Nova York. Então, esperei até saber que você estava no escritório.

— Ah, estou aqui, sim — disse Magali. — Afinal, são quase nove horas. — O caso é o seguinte, não posso sair já da Provença, Magali. Vai haver um interesse enorme pela série e, como me pertence, tenho de ficar por aí, não sei bem quando vou poder ir embora. Detesto deixar você assim no ar... — Não se preocupe comigo nem por um segundo. Está tudo em ordem. — Mas os seus fins de semana — protestou Fauve.

— Nem pense neles. O jardim está quase no fim da floração deste ano e, até você voltar, só vamos para o campo aos sábados e domingos. Darcy compreende... quando é que Darcy não compreendeu?

— Ah, Magali, obrigada. E diga obrigada a Darcy. Vou telefonar sempre. Dê beijos em todos por mim, especialmente em Casey e Loulou e... eu te amo, Magali. Estou tão contente.

— Estou notando em sua voz, querida. Não se apresse, decida as coisas com juízo, não se apresse em nada. Eu te amo, Fauve.

Maggy desligou e se recostou na cadeira. Como Fauve, ela estava num estado de choque, de euforia. A descrição da série Cavaillon, embora Fauve a considerasse ineficiente, levava mais de 20 minutos, com detalhes

empolgados e extasiados. Então aquele homem afinal usara o talento que Deus lhe dera para fazer ao mundo uma contribuição maior do que a simples beleza. Maggy descobriu que, embora estivesse extremamente feliz pela neta, também estava feliz por Julien Mistral, o Julien Mistral que ela amara e odiara por tantos anos. Eles tinham contos que nunca poderiam ser ajustadas, não, nem que ele tivesse ilustrado todas as linhas do Velho Testamento, mas agora, pelo menos, ela podia pensar "Descanse em paz", com sinceridade. Ela ficou ali sentada, pensando, por muito tempo. Depois, sobressaltando—se ao olhar para o relógio, tocou a campainha chamando Casey e Loulou ao seu gabinete.

— Acabei de falar com Fauve, senhoras. Ela manda beijos especiais a vocês duas e diz que vai ter de ficar na França mais um pouco. Há coisas que ela tem de tratar.

— Como vão as coisas com ela? — perguntou Casey, aflita.

— Positivamente maravilhosas! Nunca melhores. Agora! Há uns assuntos sobre os quais eu estava querendo falar com Fauve e que não podem esperar até ela voltar. Casey, estive olhando as fotos de teste daquela garota que você encontrou no Southwest Regional Modeling Competition. Não dá, Casey, de jeito nenhum. — Maggy sacudiu sua cabeça elegante, numa negativa firme.

— Maggy, ela era claramente a garota mais linda de todo o concurso — protestou Casey.

— Você caiu numa armadilha. Viu centenas de pequenas e escolheu a melhor. Mas lembrou—se de levar umas fotos de nossas garotas para comparar com ela?

— Bom, não... esqueci. Mas passei três dias compridos à beça julgando aquelas garotas.

— É esse o problema. Depois de três dias, vendo uma garota depois da outra, você pegou a melhor delas. É incrivelmente fácil iludir a vista, fazer concessões, esquecer de que a garota tem de ser supinamente boa. Eu mesma já fiz isso uma porção de vezes. Ela é uma moça muito bonita, Casey, mas não o suficiente para a Lunel.

Maggy empurrou a série de fotos de teste para Casey, que olhou bem para elas e suspirou, concordando.

— Ganhou — disse Casey. — Ah, bom, ela está noiva de um cara, na terra dela. Talvez ela fique aliviada. Ele certamente ficará.

— Loulou — disse Maggy — estive escutando as entrevistas abertas. Notei que a nossa sala de recepção nunca parece se esvaziar. Você sabia que BobbieAnn adquiriu um complexo de Pigmalião?

— Ah, Deus, ela está encarregada das entrevistas há uns dois meses e tenho estado muito ocupada para prestar muita atenção. O que é que há?

— Loulou, há um milhão de meios de recusar as pessoas com gentileza. Mas Bobbie—Ann não diz "sinto muito" simplesmente e delicadamente. Hoje de manhã ela passou sete minutos mostrando a uma garota como usar o blusher antes de recusá—la e mais outros oito com outra candidata, dizendo para ela trocar o penteado... e depois a recusou também. Não justo

dar esperanças vãs a alguém, nem mesmo por alguns minutos — disse Maggy, com rispidez. — Fale com ela, Loulou. Se Bobbie—Ann não tiver jeito, sempre pode ir dirigir uma escola de beleza. Se uma candidata tem de ser rejeitada, isso deve ser feito com um mínimo de contato pessoal, antes dela começar a sentir que fez uma nova amiga. Assim não dói tanto, posso garantir.

— Sim, senhora! Vou falar isso. Escute, Maggy, Bambi Dois está me deixando preocupada. Diz que se sente com saudades de casa e está comendo como uma danada. Ontem mesmo eu a flagrei nisso.

— Vou falar com ela. Talvez se vocês todas parassem de chamá—la de Bambi Dois, isso ajudaria, para começar. Experimente. Vamos ver, ela esteve três vezes na capa da Glamour e Vogue está pensando nela. Será que ela sabe disso?

— Sabe.

— Bem, claro que ela está com saudades de casa, claro que está comendo todas as porcarias que consegue pegar... talvez consiga engordar bastante para não aparecer na capa da Vogue. Isso é apenas a velha insegurança de todo dia, comum, razoável e compreensível, que está vindo à tona. Quem não havia de ter uma ligeira crise de identidade? E já veio tarde.

Maggy sorriu para as outras. Tinha ajudado mela centena de Bambis a vencerem esse determinado obstáculo.

— Mais alguma coisa? — perguntou Casey, desconfiada.

— Não, pelo menos por enquanto. Lembrei—me de dizer que, no que me diz respeito, vocês duas são inteiramente indispensáveis? Não? Bem, considerem—se oficialmente notificadas. Ah, e querem mandar alguém me comprar um cravo vermelho... só um, para a minha lapela.

Ela pegou o telefone para ligar para Darcy, quando elas saíram do escritório.

— Hum — disse Casey, quando chegaram ao corredor.

— O que significa esse barulho? — perguntou Loulou, ainda bem rosada do elogio sem precedentes de Maggy.

— Acho bom, ter Maria Antonieta tumultuando de novo. — Não acabamos de ser chutadas no traseiro?

— Justo o suficiente — riu—se Casey. — Justo comma il faut, Loulou, se entende o que quero dizer.

Nadine Dabnas tinha resolvido trocar de cabeleireiro, experimentar Alexandre. Como sempre, quando a gente trata bem as pessoas, elas tendem a tomar intimidades, esquecendo—se de que a linha divisória entre os que são servidos e os que os servem pode ser invisível, mas é real, e nunca deve ser ultrapassada.

Na semana anterior, quando ela fora mandar retocar as raízes dos cabelos, Monsieur Christophe, que tratava da cor dos seus cabelos, chegara a ter a pretensão de lhe dar um relato do caso do avó, que morrera sem fazer testamento. Tinha três filhos, um dos quais, parecia ser o destino dela saber isso, fora o pai de Monsieur Christophe. Os herdeiros tinham lutado tão obstinadamente quanto à divisão da fazenda da família que a propriedade

acabara sendo vendida em leilão. Nadine não pudera se levantar e fugir desse relato sórdido, pois o homem estava aplicando o descolorante, nem ousou mostrar que estava indignada por ser tratada como uma platéia cativa. Quando um colorista está com as mãos em seus cabelos, você tem de tomar cuidado para não irritá-lo, seja você quem for.

— Portanto, a senhora vê, Madame Dalmas, ele estava errado, o meu avô, esperando que os filhos chegassem a um bom acordo. Devia ter feito um testamento, mas já que não o fez, a propriedade saiu das mãos da família, para sempre. Uma grande lástima, não acha?

Nadine, com a fisionomia inteiramente calma e distante, teve de inclinar a cabeça para mostrar que estava escutando. Por que é que ela estaria sendo submetida a essa história de família? O que dava ao Monsieur Christophe o direito de lhe infligir sua experiência pessoal?

— Sim, madame, mesmo um mau testamento é melhor do que nenhum — disse ele, por fim, antes de leva-la para lhe lavarem os cabelos.

Que intolerância espantosa do homem, falar com ela num tom de voz consolador! Era seu igual, para ousar tomar essa liberdade? Oferecer-lhe a sua compreensão, a sua lealdade? Baseado em quê ele achava que ela estava precisando de consolo, lealdade? O atrevimento dele a deixou sem fôlego.

No entanto, se ela voltasse na semana seguinte, Monsieur Christophe poderia ter ainda mais a dizer sobre esse assunto odioso, que ele evidentemente aproveitara para fazer de conta que estava no mesmo plano que ela.

Não, ali no Alexandre, onde ela nunca fora, seria tratada como tinha direito de ser e, agora que estava rica, não teria de ser tão generosa com as gorjetas quanto antes, refletiu Nadine, sentando-se no móvel circular, grande demais, tipo harém, forrado de pele de leopardo, em que todos, menos as rainhas, tinham de esperar a vez.

O salão estava horripelantemente cheio, mesmo para uma sexta-feira. Uma das vantagens de seu salão anterior era que lá todos sabiam seus horários, terças e sextas para lavar e escovar, segundas, quintas e sábados de manhã para escovar só. Ela levaria tempo para acostumar o pessoal de qualquer salão novo, foi o que Nadine se fez lembrar, resolvida a ficar com Alexandre até ter estabelecido sua rotina de manutenção de modo satisfatório. Ela não precisava mais de se preocupar em chegar atrasada ao escritório, graças a Deus. Foi realmente espantoso como Albin conseguiu encontrar depressa uma das pequenas Montesquiou para ocupar o lugar dela, embora fosse um trabalho ingrato. Ela não ficaria muito tempo com ele, a criaturinha tola. Ficaria cativada temporariamente pela grã finagem, até descobrir que porcaria era a casa de Albin.

Nadine afastou uma pilha de revistas que uma jovem assistente de avental lhe ofereceu. Não, ela não queda Match nem Jours de France nem Maria Claire nem Elle. Não, obrigada.

Aliás, ela já as tinha visto. Havia comprado um monte de revistas semanais bem coloridas numa banca, na véspera, e as levava logo para casa, para ler em particular, pois cada uma tratava a série Cavaillon como sua

história principal. Que acesso de loucura incompreensível levava o velho a pintar aquelas coisas monstruosas com letras hebraicas nelas?, perguntou — se Nadine, com nojo e repugnância. Ela não suportava olhar para elas — só as inscrições a faziam fechar os olhos. Como era típico da imprensa fazer tanta onda por isso, um espalhafato exagerado, como se Julien Mistral fosse uma nova descoberta,, uma sensação de um dia para outro, uma revelação. Ela não podia entender a quantidade de espaço, as capas e fotos de página inteira dedicadas a esse punhado de telas. E, Deus sabia, não era que as uvas estivessem verdes, disse; ela consigo. Ela não as desejaria para si, por nada desse mundo. "Imortal", um crítico chegara a dizer. "A prova final de seu gênio ilimitado", outro. "Um le.. gado que enriquece toda a raça humana", declarava um terceiro. Eram todos igualmente ridículos, ladrando juntos como uma matilha de cães, como os comentava risca de modas depois de um desfile bem sucedido. As palavras podiam referir-se a uma nova moda, tão bem quanto a tinta sobre a tela.

No entanto, no final das contas, isso tudo só tomava os quadros dela mais valiosos. Ela não podia realmente se opor, se quisessem redescobrir Mistral, pensou Nadine. Naturalmente, todos se tinham lançado sobre a série Cavayllon, já que o velho a destacara em seu testamento, e naturalmente todos tinham interesse em tratar Fauve como se ela fosse a estrela de todo o número extra do espetáculo de circo. Ela não invejava Fauve e nem o seu momentozinho barato a luz da publicidade. Isso passaria depressa.

Nadine estava tão absorta em seus pensamentos que ficou surpreendida ao ver o coiffeur lhe apresentando um espelho para ela poder examinar o trabalho dele. Ela olhou com cuidado a parte de trás da cabeça. Viu que estava perfeitamente aceitável, mas não podia levá-lo a pensar que ela era fácil de agradar.

— Talvez esteja um pouco achatado do lado — disse ela, passando a mão sobre os cabelos brilhantes que faziam uma curva sob o queixo.

Enquanto ele trabalhava, ela olhou em volta. Devia haver ali uma dúzia de mulheres que ela conhecia, percebeu Nadine, trocando cumprimentos e sorrisos pela sala grande. Não imaginara que tantas de suas amigas frequentassem Alexandre, que tantas clientes dele fossem as mulheres com quem ela estava acostumada a jantar e almoçar. Em sua opinião, todas pareciam enfeitadas demais. Para que a Condessa d'Omani resolvera pôr aquelas tranças postiças em seus lindos cabelos pretos? E a Princesa Laure de Beauveau — Craon resolvera, por algum motivo estranho, usar cachos de pequeninas orquídeas roxas em seu coque. Muito estranho. Quanto a Baronesa Guy, as mechas loiras e compridas estavam apanhadas numa espécie de rede dourada. Madame Patílio, a Princesa Alexandra de Iugoslávia, a jovem Baronesa Olímpia de Rothschild — todas com os cabelos muito enfeitados. Não sabiam como parecia complicado, como era incompatível com a vida real? Se era isso que os cabeleireiros de Alexandre faziam com as mulheres cujo gosto em geral era bom, era melhor ela se precaver.

— Se me permite uma sugestão, madame — disse o cabeleireiro — talvez pudéssemos experimentar uma coisa um pouco mais formal.

— Não o toque — disse Nadine, com aspereza. — Está bem. — Como quiser. Pensei que para o baile, esta noite... — Estou de luto — disse Nadine, depressa.

— Meus sentimentos, madame.

Evidentemente, ele estava aliviado por não ter tido falta de tato. — Eu não poderia ir a um baile.

— Claro que não, madame. É uma pena, não? — murmurou ele.

— Especialmente perder este baile, a primeira vez que a Princesa Mane—Blanche abre o chateau, depois da morte do marido. É por isso que há tanta gente aqui, esta tarde. Dizem que será o baile mais importante, desde o último do Barão de Rédé.

— Sim, foi uma bela noite — disse Nadine, maquinalmente. A Princesa Marfe—Blanche? Então, o caso dela com Phillipe continuara, mesmo enquanto o príncipe estava morrendo, mesmo depois da morte dele, até agora. Do contrário, por que ela não teria convidado uma amiga tão íntima como Nadine, para o baile? A única explicação possível era que Phillipe, de certa maneira, seria o anfitrião não oficial. Estranho, gite ela não tivesse ouvido falar nada sobre Marie—Blanche e Phillipe, pois Mane—Blanche dizia dancem e eles dançavam; quando dizia viagem 80 km para o campo, para um baile, eles viajavam e se consideravam fazendo parte dos abençoados. O que é que Marie—Blanche havia de querer com Phillipe Dalmas, pelo amor de Deus?

Nadine, olhando no espelho para os seus próprios olhos bem delineados, fez uma lista mental do número de homens de meia idade em Paris, que fossem livres, encantadores, bonitos, bem vestidos e heterossexuais, que dançassem bem, jogassem cartas bem, jogassem pólo bem e fossem adorados por todas as anfitriãs. Além de Phillipe ela conhecia três — não, quatro, contando Omar Sharif. E quantas mulheres havia que fossem muito ricas — muitas bem mais ricas do que ela — livres, e loucas por um acompanhante, quanto mais um homem assim? Dúzias. Dúzias e dúzias. O coração dela murchou, um pó imundo e ruim lhe encheu a boca e em seu abdome acendeu—se uma dor que ela não acreditaria que existisse, uma dor que parecia ser um rato ardente lhe roendo as entranhas, um rato em fogo correndo alucinado com patas de chumbo quente.

Não, ela não tinha ouvido falar nada sobre Phillipe e Marie—Blanche. Não tinha ouvido nada porque não estava sendo convidada por ninguém — nenhum convite que valesse a pena, só alguns convites indubitavelmente de terceira categoria, que ela nem se dignara de recusar. Diante da escolha entre a Princesa Marie—Blanche e Nadine Dalmas, as pessoas, claro, escolheriam a Princesa Marie—Blanche. Ela mesma faria essa escolha. Não havia concorrência.

Ao dar a gorjeta ao cabeleireiro, tão grande que ele chegou a mostrar sua surpresa, Nadine só tinha um pensamento. Por acaso, ela naquele dia estava com um costume preto, Dali em diante, só ia usar preto. Ia arranjar um

cabeleireiro modesto, no seu bairro, onde não encontraria as amigas. Conheci das. Ela não tinha amigas. Usaria preto em luto pelo pai e ia resolver o que fizeti com o resto de sua vida, uma vida em que ela seria, sem dúvida, muitas vezes descrita como ex empregada de Jean François Albin, como ex mulher de Philippe Damas, pois quem era Nadine Dalmas? Quem se importava?

Ela foi andando pela rua, procurando um táxi para levá-la para casa.

Um táxi vazio passou enquanto ela ficava ali, imóvel, olhando para uma manchete no *France Soir*, exibida no lado de uma banca. "Fauve Lunel — Frenra—t—elle le non de Mistral, son père?" Fauve usaria o nome do pai? Quem importava lá se ela usasse, aquela bastarda de nada, aquela intrusa, aquela vagabunda espertalhona? Por que ela era tratada como se fosse a única filha de Julien Mistral? "Eu", era o que Nadine queria gritar bem alto para todos os que passavam, "Eu sou a filha de Mistral!"

Quando Fauve resolveu passar mais umas semanas na Provença, ela tomou um quarto no Prieuré e depois, quando este se fechou, para a temporada em novembro, ela se mudou para o Hotel Europe, em Avignon.

Certa manhã, em fins de novembro, ela foi no seu Peugeot alugado para Félice, resolvida a tomar uma decisão quanto a La Tourrello, antes de terminar o dia. A casa andava cheia de gente, desde que fora revelada a série Cavaillon. Ela tivera de receber uma grande variedade de convidados: jornalistas, historiadores de arte e curadores de museus. Mas agora estava resolvido o problema do que fazer com a série Cavaillon. Na véspera, a última tela fora cuidadosamente embalada e carregada nos caminhões forrados que levariam o conjunto para Amsterdã, onde começaria o seu progresso lento de continente a continente, de grande cidade a grande cidade, a todos os museus que tinham pedido, levando sua mensagem festiva de fraternidade pelo mundo afora. Se ela tivesse conservado as telas em La Tourrello, só um número relativamente reduzido de pessoas as teria visto, a não ser em reproduções. Um dia, as telas transcendentais voltariam a suas mãos, mas, durante muitos anos ainda, a série Cavaillon pertenceria à humanidade.

Agora que o estúdio estava vazio, agora que o depósito também estava vazio de tudo, menos dos retratos de família que Fauve pretendia guardar para si, ela poderia formar o seu juízo com calma sobre a casa. A não ser o futuro da série Cavaillon, ela achava que nada do que ela resolvera desde a partida de Nova York se baseara sobre pensamentos firmes e tranqüilos. Ela tivera de se precipitar para as coisas, tinha sido arrastada pelos acontecimentos e, ao cabo de cada dia, achava—se tão exausta que caía na cama sem pensar em nada a não ser os compromissos da manhã seguinte. Ela contratara uma jovem viúva, Lucette Albion, de Lacoste, para ir todo dia e fazer a limpeza da casa e preparar o almoço e café para todos os visitantes. Naquele dia, os últimos tinham ido embora e La Tourrello estaria inteiramente vazia, pois era domingo e Lucette tinha ido a um casamento em Bonnieux, em que os dois filhos iam ser pajens.

Um mistral soprava já há alguns dias e Fauve estava embrulhada num paletó de escocês quente, sobre calças de lã verde e um suéter creme, em ponto de corda, estilo pescador irlandês, mas naquela manhã o vento desaparecera do Lubéron tão caprichosamente quanto chegara. O céu azul vivo demais passara a um azul suave de novo e mechas de nuvens se drapejavam aqui e ali, como fitas, os enfeites de festa do céu. O único sinal do verdadeiro inverno era a aridez dos campos. Os quebra ventos de ciprestes estavam verdes e alerta, e nas oliveiras, as folhas das árvores pareciam tanto um rio de prata que Fauve quase esperava ver peixes nadando nelas. Enquanto ela dirigia, ouvia o som de tiros de espingarda nos monos, onde os fazendeiros procuravam aves de caça; o riso estridente e empolgado das crianças ressoava, em suas brincadeiras de domingo, liberadas de seus eternos deveres de casa, e na entrada de muitas mas havia uma mesa com frutas maduras, à venda. Fauve parou numa delas e comprou uma pára e uma maçã para seu almoço.

Ela estava ficando redondinha — bem, um pouco, em todo caso, pensou ela, passando por Les Baumettes. Todas as pessoas que conhecera havia mãe mostrado tão hospitaleiras que, por mais cansada que estivesse no fim do dia, muitas vezes acabava jantando bem, com Jean e Félice Perrin ou o Dr. Lucien Daniel e a mulher, Céline, ou com alguns dos outros novos amigos que fizera em Avignon, em Apt, em Ronnieux. Em Félice ela muitas vezes comia com Pomme e Épinette, ambas travessas e irreverentes como sempre, a despeito de serem respeitáveis senhoras casadas. E, naturalmente, ela estava sempre com Beth e Adrien Avigdor.

Eric não tinha aparecido muito, refletiu ela, sentindo, contra todo o bom senão, que ele devia ter comparado mais. Mas ele estava construindo duas casas importantes do outro lado das montanhas do Lubéron, em Les Baux, e de lá a Avignon a viagem era comprida e curiosamente complicada, pelas estradinhas, pois a autoroute não passava perto de Les Baux. Eric tinha projetado grandes casas de férias para dois industriais suecos e teve de supervisionar pessoalmente grande parte da construção, pois os mestres artífices da Provença não se tornaram menos imprevisíveis, diante da escalada da procura de seus serviços. Aquela região da França era um paraíso para os pedreiros, carpinteiros e canteiros. Eles podiam escolher o trabalho à vontade. Eric pretendia aprontar as casas para os proprietários na primavera, nem que tivesse de ficar em Les Baux e ver o seu progresso, de centímetro em centímetro.

Naturalmente, ele estava tão ocupado quanto ela, disse Fauve a si mesma. Não era de propósito que eles se tinham encontrado tão poucas vezes. Não, talvez não de propósito, mas ele não poderia ter arranjado mais tempo para estar com ela? Não podia, que diabos, estar um pouco mais louco para vê-la? Nove meses antes, esse homem queria que ela largasse tudo o que constituía o seu mundo para se casar com ele. Agora o pai e a mãe dele, pelo amor de Deus, a tratavam com mais carinho do que ele. Para o diabo com Eric Avigdor! Ele que passasse a vida atrás dos serventes de pedreiro, pensou ela, com desprezo, abrindo a porta da frente de La

Tourrello com uma chave que pegou daquela argola grande que se tomara tão conhecida e pouco notável quanto seu batom.

Fauve andou pelo salon de La Tourrello para verificar se Lucette tinha esvaziado todos os cinzeiros e tirado todos os cálices de vinho da mesa onde, na véspera, junto com Adrien Avigdor, Jean Perrin e vários cavalheiros do museu de Amsterdã, ela brindara a partida da série Cavaillon. O salon tinha um ar arrumado demais, com todas as almofadas afofadas, todas as superfícies das mesas limpas. Ela não se dera ao trabalho de comprar flores para a casa, já que não estava morando aí. Parecia um escritório num domingo, um lugar que não era para estar aberto e vivido, resolveu Fauve, e retirou—se para a cozinha, onde descobriu os restos do grande almoço de comemoração da véspera guardados direitinho na geladeira. Galinha fria, uma metade de patê de fígado, a última garrafa de vinho branco, ainda quase cheia.

Pondo a comida na mesa da cozinha, resolveu começar uma dieta séria no dia seguinte. Dentro de uma semana, quando voltasse para Nova York, já teria perdido os três quilos que devia ter engordado. Ela estaria de volta antes de estarem arrumadas as vitrinas de Natal na Quinta Avenida, de volta para todas as festas de vóltia para o primeiro grande espetáculo da temporada. Não, Fauve se corrigiu, as vitrinas já deviam estar enfeitadas; apareciam antes do Dia de Ação de Graças. A primeira nevada ocorrera uma semana atrás, lhe dissera Maggy da última vez que se falaram, de modo que agora já devia estar coberta de sujeira; flocos negros caindo sobre a neve branca, dos céus cinzentos de Nova York. Táxis de folga; poças de lama em cada esquina, tão largas que era preciso passar por dentro delas para entrar num ônibus superaquecido, se ele não passasse sem parar pelo ponto; o gemido constante de sirenas, como se a cidade estivesse constantemente pegando fogo, em um ou outro lugar — mas festas, talvez uma festa de boas-vindas, a festa anual de Natal de Lunel, danças em Doubles, de onde ela era sócia, o concerto Horowitz, para o qual, Melvin escrevera, ele tinha ingressos, a exposição Avedon, Bobby Short no Café Carlyle, Baryshnikov e sonhos; em que outro lugar, além de Nova York?

Fauve procurou os tomates que Lucette levara na véspera. Bom, havia o suficiente para uma salada com a galinha. Ou talvez ela só comece os tomates e as frutas, quando estivesse na hora do almoço. Não podia chegar na agência uma gama mais gorda do que partira... as modelos ficariam encantadas de poder atacá-la por não manter a disciplina que ela lhes pregava. Por algum motivo, não tinha importância que o pessoal da agência fosse gorducho quanto quisesse, mas Maggy e Fauve Lunel deviam ser magras como modelos.

Fauve caiu num devaneio, em que as delícias da Provença se misturavam e confundiam; a tapanade, aquela pasta feita de azeitonas pretas, espalhada no pão como manteiga; as estrelas que no céu da noite chegavam tão perto da terra que um passeio depois do jantar parecia um vôo; o café em Félice onde ela podia ficar sentada, vendo toda a aldea passando, a cada dia conhecendo o nome de mais pessoas; a cor da luz, a cor

do céu, a cor das pedras — a cor da luz, a luz. Suspirando, ela soprou os cabelos para fora dos olhos e, resolvida, encarou o problema de La Tourrello.

Podia alugá-la, conforme planejava antes, ou vendê-la. Jean Perrin lhe garantira que qualquer das opções não apresentaria problemas; havia uma procura enorme de propriedades em todo o sul da França, e a casa de Julien Mistral, tão bem mobiliada, alcançaria um preço elevado. Era tão famosa quanto rara, com seus prédios maravilhosamente restaurados, sua piscina, aquecimento central, banheiros confortáveis. Ela preferia vendê-la logo, pensou Fauve, de repente. Os pés de abricó, as videiras, os campos de aspargos, os olivais, toda a terra fértil de La Tourrello estava num estado vergonhoso de abandono. Como ela podia confiar num inquilino para supervisionar o trabalho que teria de ser feito? Ninguém que apenas alugasse uma casa desejaria ter o trabalho necessário para fazer a propriedade voltar a sua antiga produtividade. Por outro lado, quem comprasse a propriedade, o faria sabendo que a fazenda daria uma renda constante e considerável, quando fosse novamente explorada como devia ser.

Sim, o comprador ideal seria um rico chefe de família de algum lugar do norte da Europa, onde não havia sol, um homem que sempre tivesse desejado muitos hectares na Provença — não era com isso que todo mundo sonhava? — que contratasse um lavrador local com a mulher para morarem lá o tempo todo, um homem que pudesse passar os verões na Provença e ir para lá de Munique, Copenhague ou Bruxelas para tomar o sol do inverno, duas semanas no Natal, duas semanas na Páscoa levando as crianças, claro; talvez num avião particular que poderia pousar no aeroporto junto de Avignon. Podiam guardar o carro no aeroporto e estar em La Tourrello mela hora depois de pousarem.

Fauve, pensativa, pegou a pêra e a maçã que tinha comprado na estrada, andando pelos aposentos de La Tourrello, imaginando-se como mulher do comprador em perspectiva. Pretendia guardar para si algumas das antigas cômodas e mesas, resolveu, mas havia de modificar os tapetes e cortinas e se livraria de todos os estofados — o lugar tinha móveis de menos. A casa estava pedindo sofás maiores, poltronas mais fundas, tecidos menos simples — precisava de cor, de calor, precisava, acima de tudo, de coisas. Estranho, ela antes nunca se importara com a austeridade artística da decoração, mas sempre pensara naquilo como a casa de Kate e combinava com Kate. Bom, não combinava com ela — no entanto, quem sabe — talvez fosse perfeita, assim mesmo, para a mulher daquele belga rico? Fauve tinha quase certeza de que seria um belga. Eles tinham os piores invernos da Europa.

O seu quarto na torre? Provavelmente seria um quarto de hóspedes, a não ser que tivessem uma filha adolescente que o quisesse para si. Fauve esperava que tivessem uma filha, alguém que se deitasse na cama e sonhasse de olhos bem abertos.

O que aconteceria com o estúdio, perguntou-se Fauve, diante de suas portas? Será que o usariam como sala de jogos, pondo ali uma mesa de

pingue—pongue?

Na véspera, ela estivera muito ocupada, fazendo as combinações finais com o pessoal de Amsterdã, para poder trancar o estúdio depois que a série Cavaillon fora levada para fora, de modo que Jean Perrin o fizera, dando—lhe a chave antes de ir. Ela nunca tinha visto o estúdio sem os quadros, percebeu, hesitando do lado de fora das portas. Queria entrar ali? Precisava entrar? Ousava entrar?

Ela se disse para não ser absurda e destrancou o estúdio. A sala que ela sempre imaginara enorme, vasta, imensa — era apenas de um tamanho normal. Um estúdio grande, certo, mas sem as pinturas de Mistral não era tão intimidante, afinal. Uma dimensão humana. Fauve compreendeu que era porque as paredes estavam nuas. O trabalho do pai sempre abria para uma outra dimensão, qualquer que fosse o tema, sempre conduzia a vista além dos limites da tela. Agora só havia as paredes, o teto alto, o vidro e as traves. Só o que lembrava que Mistral tinha trabalhado ali eram a mesa de trabalho, a escada e o cavalete com a tela vazia.

Ela pôs a pêra e a maçã, ambas ainda intactas, no canto menos manchado de tintas da mesa de trabalho e maquinalmente, sem pensar, começou a juntar os muitos pincéis que estavam espalhados por ah. Sempre fora seu trabalho especial, depois de um dia de trabalho, pegar esses pincéis e limpá—los na pia do quartinho ao lado do estúdio, onde Mistral guardava seu material de pintura. O Pai sempre cuidara dos pincéis tão meticulosamente quanto qualquer bom artesão. A despeito da desordem que sempre reinava no estúdio dele, ele começava o dia com pincéis limpos e quando ensinou a Fauve a pintar também lhe ensinou a limpar as coisas depois do trabalho.

Ela viu que o trabalho não seria fácil nem rápido. Suas duas mãos estavam cheias dos pincéis que ele tinha largado na última noite em que pintara, largados, largados às pressas, percebeu ela, olhando para eles, em desalento. Estavam emaranhados, empastados, endurecidos com a tinta seca Provavelmente teriam de ser jogados fora. Ela teria mais trabalho do que previra, para devolver alguma vida a esses instrumentos maltratados. No entanto, Fauve se pilhou indo para a pia, em que estavam os vidros tapados de terebintina e solvente.

Devagar, com carinho e capricho, ela começou a lenta tarefa de limpar os pincéis de Julien Mistral. Por fim, ela deixou todos menos um, que não fora usado, para passar a noite de molho. Ela voltou à mesa de trabalho com o único pincel limpo e se pôs, irresoluta, diante da tela em branco, a mente vazia, as mãos paradas. Ficou ali, sem nada para decidir, sem pensar no que faria em seguida, até se ver voltando atrás no tempo, enquanto, presa num lento desmoronamento da memória, ela sentia a mão grande de Julien Mistral cobrir a sua, apertando—a, comunicando—lhe poder, dirigindo seus dedos como fizera tantas vezes depois do primeiro dia, o dia quando ela estava com oito anos. Ela o ouviu dando aquelas ordens conhecidas. "Regarde", ela ouviu sua voz dizer—ihe. "Está vendo, Fauve? Regarde, sempre regarde. Você tem de aprender a ver."

E ela viu mesmo, num momento de uma definição total, o que ia fazer. Era mais do que apenas saber, era uma admissão súbita de uma necessidade negada por muito tempo, mas total, pura e dominante, sem complicações, uma ordem absoluta.

Tentar. Ela era pintora. Sempre fora pintora. Tinha rejeitado a pintora dentro de si quando rejeitara o pai, mas agora... agora... ela só tinha certeza de que precisava tentar. Os muros tinham sido derrubados, as portas escancaradas, uma vasta campina aberta se estendia à sua frente, uma campina que ela não poderia atravessar sem perigo, uma campina que, uma vez atravessada, a levaria a modificações inimagináveis, a tarefas e experiências que ela só podia começar a imaginar. Mas tinha de tentar.

Fauve sabia que estava no princípio de uma longa viagem de descobertas, uma aventura que a chamava irresistivelmente. Do outro lado da campina havia um mistério, um mundo desconhecido que devia ser explorado. Ela se sentia cheia de impulsos maravilhosamente imprudentes, ávida para se defrontar com o mistério, pronta para ousar, pronta para tentar, pronta para mudar.

Uma vibração que nunca parara se agitou nos pulsos e dedos de Fauve. Poderes e facilidades que ela reprimira e de que fugira começaram a avançar com a força de jovens brotos se abrindo ao sol da primavera.

Ela teria de recomeçar. Não do princípio, mas em todo caso, de novo.

Devia ter perdido a técnica, a facilidade, a habilidade — a maquinaria da pintora provavelmente se enferrujara como o Homem de Lata de Oz, deixado na chuva. A tinta e ela teriam de ter intimidade, de novo. Mas ela já conhecera a linguagem... não era assim tão fácil de esquecer, especialmente por

que ela nunca perdera o hábito nervoso que fazia sua mão pegar toda caneta ou lápis à mão e traçar linhas num papel.

Fauve pôs — se sentada à mesa, olhando para a tela, um pincel numa das mãos e a maçã na outra. Ia comer a maçã ou pinta — la? Ela riu e deu uma mordida na maçã. Ia pintar a pêra.

Capítulo 35

Se ela telefonasse naquela hora, ia encontrar

Maggy e Darcy lendo os jornais, depois do café da manhã no campo, calculou Fauve, contando as cinco horas de fuso horário. Ela se levantou da mesa, pegou a pêra e correu do estúdio para telefonar da biblioteca de La Tourrelle.

Discou para a telefonista internacional e depois, antes de atenderem, largou o fone depressa, dominada por idéias posteriores. Essa decisão abrupta, essa mudança de direção resolvida tão de repente — como afetaria Maggy e a vida que ela e Darcy tinham construído para si, com tanto cuidado, uma vida em que eles estavam tão organizados, tão confortáveis e

felizes juntos?

Isso não era exatamente o tipo de egoísmo, perguntou—se Fauve, em que vivera o pai dela? Ele agia da maneira que fosse melhor para ele, sem pensar nas conseqüências. Ela agora pretendia colocar o seu trabalho à frente de todas as outras obrigações na vida? O seu sentido de propósito, a sua necessidade física e espiritual de pintar, seriam o mesmo sentimento que ele conheceria? Não era essa a urgência que o dominara? E que o cegara?

Fauve ficou sentada muito parada, tentando imaginar—se esquecendo—se daquela manhã e voltando à Agência Lane!. Afinal, podia guardar os fins de semana para pintar. Passaria os dias presidindo à sorte das 200 melhores modelos do mundo, tentando se interessar de novo, como antes, por tudo quanto acontecia na estufa competitiva da moda. Tinha sido criada para fazer isso, não é?

Não de verdade. Não mesmo, agora que ela parava para pensar bem nisso. Quando ela se formara no primeiro grau, Maggy nunca indicara que tivesse a esperança secreta de um dia dar o nome à agência de Lunel e Neta. Fora dela a idéia de resolver aprender o trabalho, como se essa fosse a solução de todos os seus problemas. Se havia alguma coisa que Fauve sabia a respeito do negócio de modelos, era que não se devia trabalhar nele a não ser que isso fosse importante. Quando a pessoa deixava de ficar sinceramente chocada ao ver uma moça da Wilhelmina em vez de da Lunel na capa da Vogue, estava na hora de dar o fora.

Quando Fauve tomou a pegar o fone, ela disse a si mesma que sabia uma coisa, com certeza: Maggy havia de querer que ela fosse sincera, mesmo que não ficasse feliz com a verdade. Colocar a pintura acima de muitas coisas era o que todo pintor tinha de fazer. Ela devia se lembrar de não colocá—la acima de tudo. Pelo menos, não o tempo todo.

Fauve pediu a Darcy para ir escutar da extensão e disse a ambos o que lhe acontecera naquela manhã. Foi o mais franca e clara possível. Não fazia sentido procurar velar os fatos ou fingir que ela não estava resolvida.

— Bem — disse Maggy, depois de uma pausa, numa voz que parecia ou muito longe ou muito abafada, Fauve não sabia bem. — Bem, devo dizer, Fauve... não sei bem até que ponto estou surpreendida.

— Magali, não pense que não pensei no que isso vai representar para vocês — disse Fauve, séria. — Sei como você faz questão que uma de nós fique na agência todo dia e sei que ou você vai ter de trabalhar em horário integral agora... ou, de algum modo, fazer um conchavo e confiar mais em Casey ou Loulou.

— Eu estava começando a pensar por que você estava demorando tanto, não era absolutamente necessário você passar o inverno todo em Félice... você podia ter arranjado gente para tratar de seus negócios. Darcy, quantas vezes já lhe disse que alguma coisa estranha estava—se passando com Fauve? — perguntou Maggy, como quem ganhou uma aposta.

— Magali! Você não está entendendo o que eu estava dizendo? Não quero dirigir uma agência de modelos, pelo amor de Deus.

— Bem, isso se compreende. Nem todo mundo tem essa vocação — disse Maggy, com um ligeiro tom de complacência na voz.

— Você não se importa? — disse Fauve, sem acreditar.

— Não quero me intrometer nessa conversa de carreiras — interrompeu Darcy — mas, Maggy, achei que devo lhe dizer que me oponho firmemente a você construir essa estufa na sala de jantar.

— Diabos, Darcy, você sabe muito bem que eu estava pretendendo cultivar orquídeas durante o inverno, depois que Fauve voltasse — disse Maggy, irritada. — Não se pode fazer isso sem uma estufa.

— Mas ela não vai voltar, a sujeira nas suas unhas não desaparece, desde a primavera até o outono. . . não me casei com uma Nero Wolfe de saias... casei—me com Maggy Lane!. Como você, estou farto de fins de semana de quatro dias. Você está dez vezes mais agradável de se conviver depois que Fauve foi para a França. Nada de estufas.

— Darcy! Há quanto tempo é que você sabia... sobre os fins de semana? — perguntou Maggy.

— Digamos que prefiro permanecer enigmático.

— Vocês dois estão falando comigo, ou com o outro? — perguntou Fauve. — Essa é uma discussão particular? Afinal, estou pagando por esse telefonema.

Jean Perrin lhe dissera que, com o tempo, ela herdaria pelo menos 25 milhões de dólares, mas nada disso parecia real, para Fauve. No entanto, interurbano era interurbano.

— Você devia ter ligado a cobrar — disse Maggy. — Nós aceitaríamos. Agora escute, Darcy, isso quer dizer que você se recusa a me deixar construir a estufa?

— Acho que deixei isso bem claro.

— Nesse caso — disse Maggy — eu me recuso a desistir de minhas sextas —feiras na agencia.

— E as segundas—feiras? — respondeu Darcy, depressa.

— Sob uma condição. Passo as segundas no campo com você, se puder comprar aquele brejózinho nos limites de nosso terreno.

— "Brejózinho"? Tem cerca de três hectares. Para que quer aquilo? — Um jardim de núfúares, como o de Monet em Giverny — disse Maggy, num tom visionário.

— Isso implica em tratores — resmungou Darcy.

— Mas só por algumas semanas. E pense, querido, podíamos ter um barco a remo e um caramanchãozinho, e podíamos remar até lá para tomar os martinis antes do jantar, no verão.

— Estamos combinados em três dias, certo? — barganhou ele. — De sexta à noite até segunda, inclusive?

— Fechado. Nas segundas deixo Casey, Loulou e Ivy tomam conta das coisas por mim. Em geral, o dia começa lentamente, mesmo. — Ivy? — perguntou Fauve, espantada.

— Ivy Columbo. Existe mais de uma Ivy? Ela resolveu que a carreira de modelo era de prazo muito curto para ela, de modo que está começando

como contato. Supostamente como aprendiz, mas aquela garota é tão mandona que o termo nem se aplica. Ela me lembra... eu mesma. I; uma pena aposentar os melhores joelhos da passarela do negócio, mas, por outro lado, ela está noiva de um italiano maravilhoso que conheceu na Capela Sistina quando esteve em Roma com você, em março. Gosto dela, ela serve — disse Maggy, com satisfação. — Mas Fauve, naturalmente, se você voltar, se mudar de idéia, o seu lugar é sempre seu. Você sabe disso.

— Obrigada — disse Fauve, distraída... na Capela Sistina?... imaginando as lutas que haveria nas segundas—feiras. Loulou era mais antiga, Casey era mais inteligente, mas Ivy era mais... tudo.

— Então, onde é que você vai morar? — perguntou Maggy, num tom prático.

— Pensei que você tinha entendido. Aqui, em La Turrello, claro. — Morar aí sozinha! — Maggy parecia bem avó. — Não acho nada boa idéia.

— Você! — explodiu Fauve. — Você que dançava até de madrugada toda noite e foi carregada nua em pelo numa fruteira e vivia numa espelunca em Montparnasse sabe Deus com quem... e provavelmente fumava ópio... Você pode mesmo falar!

— Estou vendo que Adrien Avigdor andou contando suas memórias. Deve estar ficando caduco... Eu nunca, nunca fumei ópio. Não que não me oferecessem, entende. Em todo caso, tudo isso aconteceu quando eu era mocinha e boba. Quando eu tinha a sua idade, estava ganhando a vida muito bem e muito respeitavelmente, também.

— Com uma filha natural e provavelmente fazendo misérias com Darcy, aposto — sugeriu Fauve, baixinho.

— Não creio que eu já conhecesse Darcy, conhecia, meu bem? Quando foi mesmo a gincana de Lally... foi em...?

— Magali, não importa a data exata — interrompeu Fauve. — Em todo caso, não vou ficar aqui sozinha. Vou perguntar a Lucette se ela não quer vir morar aqui com os filhos. Ela está morando com os sogros e está detestando, de modo que tenho certeza de que vai aceitar feliz. E isso aqui vai estar cheio de gente cultivando a terra, La Turrello nunca mais ficará vazia — disse Fauve, alegre.

— Por falar nisso, Fauve, acho que você deve saber que vi Ben Litchfield no "21", na quinta—feira passada — disse Darcy, com o ar de quem se sente obrigado a pesar todos os mínimos artigos. — Meu Deus, Pete Krindler lhe deu a mesa 9 e ele só tem 30 anos. Em todo caso, perguntou quando é que você volta, ao sair.

— Com quem é que ele estava? — perguntou Fauve, maquinalmente.

— Uma garota excepcionalmente bonita. Deve ser modelo.

— De quem e ela? — perguntou Fauve, sinceramente interessada.

— Nossa — disse Maggy, secamente. — Era Arkansas, como Darcy sabe muito bem.

— Arkansas! Por que não pensei nisso? Mas é perfeito! Ela aprende depressa e assim Ben fica na família. Não deixe de dizer a Arkansas que ele faz uma coisa bem esquisita nas manhãs de domingo, mas para não ligar; não

dura muito.

— Não vou dizer nada disso — disse Maggy, indignada.

— Então, ela vai ter de descobrir por si. Imagino que já tenha descoberto. Dê um abraço nela que eu mando. Ah, Maggy, eu lhe mandei aquele retrato que o papai lhe deu, o que a Kate lhe roubou... sabe, deitada nas almofadas verdes, lembra—se?

— Não é propriamente um retrato que alguém possa esquecer — disse Darcy. — Onde é que você acha que podemos pendurá—lo?

— Vocês arranjam um lugar — disse Fauve, jovialmente. — Guardei os outros seis para os meus bisnetos.

— Bisnetos? Fauve... você não está... não está... — gaguejou Maggy. — Realmente, Magali, como poderia estar? Afinal, não sou casada — reprovou Fauve. — Mas se eu estivesse grávida, seria um caso nítido de pré disposição genética. Darcy, você se lembra daquele ursinho estofado que você me deu, uma vez?

— Muito bem.

— Bom, você acha que eu estaria sendo tola e infantil, se lhe pedisse para me mandar o ursinho? Está sentado numa cadeira de balanço na sala de meu apartamento.

— Por certo que não acharia tolice. Todo mundo precisa de um ursinho.

Há mais alguma coisa que você queira do seu apartamento?

— Na verdade... essa casa está vazia demais. Talvez você consiga uma companhia de mudanças para embalar tudo e me mandar para cá? — Embalar o quê?

— Tudo do apartamento. Ah, sei que vai ser uma gota d'água, mas isso vai ser um começo, para encher essas salas.

— Por que não?

— Ah, Darcy, você é um amor, tão compreensivo. Estou tão contente que você tenha obrigado Magali a casar com você.

— Foi ela quem me obrigou a casar com ela, na verdade.

— Nunca soube disso — disse Fauve, fascinada. — Como é que aconteceu? Conte tudo!

— Acho que essa conversa já está muito comprida — interrompeu Maggy. — Fauve, querida, você está fazendo a única coisa que devia... estou muito feliz por você, estou feliz por mim e estou feliz por Darcy, embora não saiba bem se ele merece isso. Um homem que não cumpre a promessa de uma estufa...

— Tem alguém na porta da frente. Estou ouvindo a campainha tocando na cozinha — disse Fauve, depressa. — Tenho de desligar. Torno a ligar daqui a uns dias. Adoro vocês dois.

De coração leve e cabeça leve, ela correu para a porta da frente e viu Eric Avigdor ali de pé, encostado no umbral da porta, o paletó pendurado no ombro.

— Ah—ah! O mestre construtor. Pode entrar.

— Cheguei de Les Baux ontem à noite e fui procurar você hoje. Como não estava no hotel, pensei que podia estar aqui, então vim até cá... está

bem?

— Claro, tenho muito prazer em receber qualquer filho dos meus queridos amigos Avigdors.

— Você parece muito...

— Pareço o quê? — perguntou ela, girando, a cabeleira chamejante se destacando agressivamente, a beleza dela focalizada e deslumbrante, como ela bem sabia.

— Não sei bem definir o tom — disse ele, com cuidado.

— Aceito isso como um elogio. Como vão as suas casas?

— Muito bem. A parte mais importante da construção já acabou, vão ficar prontas a tempo. Em breve volto ao meu horário normal. Escute, Fauve, o que eu vim fazer mesmo foi dizer que lamento não ter aparecido muito, mas você estava tão ocupada que não parecia que tivesse tempo mesmo... e agora papai me disse que você já vai voltar para Nova York, na semana que vem.

— O dever me chama — disse ela, lançando-lhe um olhar de esguelha, perverso, pelo lado de seus grandes olhos cinzentos de névoa. Era assim, pensou, que a mãe dela devia ter tratado os homens que não podiam deixar de se apaixonar por ela. Ela se sentia puramente Lunel e não era culpa dela, era?

— Imagino que sim — disse ele, sem expressão.

— Quer almoçar? — perguntou Fauve, hospitaleira.

— Não quero lhe dar trabalho... olhe, eu a levo para aquele hotelzinho, a Hostellerie, em Bonnieux, que tem uma comida tão boa.

— Estou com muita fome para esperar e estou com a cozinha cheia de sobras que bem podemos acabar. Só comi uma maçã desde o café, e isso já foi há séculos.

Ela foi na frente para a cozinha, onde a mesa já estava cheia da comida que ela pegara antes. Os queijos já estavam em bom estado, o patê e a galinha tinham perdido o frio da geladeira e, enquanto Eric bebia um cálice do vinho branco, Fauve pôs a mesa e cortou tomates para uma salada.

— Nunca vi você tão doméstica — disse ele, sério.

— Você ainda não viu nada. Sou uma cozinheira dos diabos. Minha especialidade é Galinha à Páprica com bastante creme azedo.

— Creme azedo? O que é isso?

— Q'ème frafche, só que melhor — respondeu Fauve, que tinha pensado muito nesse problema gastronômico insolúvel e não achava estar cometendo nenhuma blasfêmia.

— Não sei por que, nunca imaginei você cozinhando.

— Se é que pensou em mim, afinal — murmurou ela, medindo o azeite.

— Isso não é justo! — ele quase gritou, largando o cálice.

— Ah, está bem. Peço desculpas. Golpe baixo. Vamos, o almoço está pronto.

Os dois comeram, com fome, quase calados. Fauve abaixou a cabeça e suas sobrancelhas formavam uma linha reta, alaranjada, enquanto ela se

concentrava em não olhar para as mãos de Eric, nem os punhos que saíam das mangas do suéter, nem seu pescoço nem o rosto, especialmente o rosto.

— Você sabe — disse ela, afinal, num tom de voz pensativo, como quem faz um relatório. — Eu nunca diria que você é do tipo de pessoa que se esquece de uma promessa sagrada. Darcy prometeu uma estufa a Magali e voltou atrás, mas isso é diferente, posso entender isso. Era uma questão de cheques e saldos. Você, por outro lado, parecia muito sincero.

— De que diabo você está falando?

— Você prometeu me levar a Lunel, lembra—se? Eu sempre tive esperança de poder encontrar uma pista lá, um indício que me dissesse alguma coisa sobre a minha origem. Há quantos anos que você prometeu? Você ainda não fez isso e não parece ter a menor intenção de me levar lá — disse ela calmamente, impiedosamente omitindo qualquer tom de reprovação da voz.

— Diabos, Fauve, isso é demais! Você vai embora sem dar uma palavra, desaparece durante anos, reaparece em Roma por dois dias apenas, desaparece de novo, seis meses depois aparece do nada por causa de uma coisa que não tem nada a ver comigo, passa o tempo todo rodeada de advogados, negociantes, novos amigos, jornalistas e fotógrafos, agora já vai desaparecer de novo e tem a audácia incrível, assombrosa, de me acusar de não cumprir uma promessa!

— Você não nega que tenha prometido? — repetiu ela, com calma, com um sorriso doce e inocente que ignorava a explosão dele, como se nem a tivesse ouvido.

— Claro que prometi. Estou com os mapas no cano, para provar. Deus, mas você não presta mesmo! Lunel fica ao sul de Nîmes e ao norte de Montpellier... um pouco adiante, saindo da estrada A—9. Se tomássemos o carro agora estaríamos lá em pouco mais de uma hora... tomando o atalho por Saint Rémy e Tarascon... não fica longe do mar, na beirada de Camargue, aliás, poucos quilômetros fora do mapa da Provença, é no Languedoc, propriamente dito.

— Você foi lá sem mim! — exclamou ela, acusando—o. — Claro que não. Nunca faria isso.

— Então, como é que tem tanta certeza de onde é? Eric, onde está a minha pêra?

— Pêra? Acabei de comê—la... desculpe, devia ter perguntado se você queria a metade. O que é que há com você?

— Você comeu... você comeu... — Fauve guinchou, mal podendo articular as palavras — ... o meu primeiro... tema!

— "Tema?" Era só uma pêra... juro, Fauve, que nunca fui nem perto de Lunel, mas queria saber exatamente onde ficava... .

— Por quê? — perguntou ela, recuperando—se com dificuldade de seu acesso de riso.

— Só para o caso — disse ele — de você voltar e se lembrar de que queria ir lá.

— Há quanto tempo está com esses mapas no cano?

— Desde que você foi embora... quando tinha 16 anos. Quando eu trocava de carro, tirava os mapas do porta-luvas e punha no outro.

— Então acho que vou resolver perdoá-lo. Pelo menos, foi bem-intencionado, mesmo que demonstre uma lamentável falta de propósito. As boas intenções contam alguma coisa, imagino...

— Eu diria que isso é um bocado mais do que boas intenções.

— O que é que você diria que é? — Fauve apoiou-se nas mãos e olhou de frente para ele, por sobre a mesa da cozinha. — Diria que é sentimentalismo? Nostalgia? Um gesto romântico na direção de uma maneira de sentir de antigamente?

— Sua putinha!

— Ah? — Ela conseguiu levantar as sobrancelhas numa pergunta cortês, enquanto seu coração dava cambalhotas de júbilo.

— Não brinque assim comigo outra vez! Já se diverti bastante em Roma, está lembrada? Fazer-me pensar que ainda me amava, me deixando perdidamente apaixonado por você, fugindo à última hora, provocante, sádica, sem coração... assim como está fazendo agora... não há palavras que exprimam o que eu penso de você.

Ele se levantou.

Fauve também se levantou e deu a volta à mesa, depressa, transfigurada, certa, tão certa, tão segura quanto se sentira no estúdio vazio, recebendo a vida.

Eric olhou para ela e o seu mundo foi recriado. O único amor de sua vida, o rosto ruborizado e pródigo com um amor que igualava o dele, estava —lhe estendendo os braços num gesto que abrangia todo o futuro deles, brilhante, inequívoco.

— Você está tentando dizer, a seu modo original, que ainda me ama? — perguntou Fauve, abraçando-o. — Está tentando pedir que eu me case com você? Porque, eu lhe aviso, estou disposta a correr todos os riscos, esta tarde. É o momento de me prender, se me quiser, estou-me sentindo espantosamente ousada, estou voando alto.

— Nunca houve um segundo em que eu não a quisesse... eu pensava que você não me queria... — murmurou ele, olhando para o mistério dos olhos dela e indo até ao fundo. — Mas — acrescentou Eric, de repente perturbado — não me quero aproveitar do seu estado de espírito... você me fez passar um mau pedaço... e se mudar de idéia amanhã?

— Eric, não é um estado de espírito. Nunca nada foi menos isso. Eu só estava implicando com você, não pude evitar, tive de deixar você furioso para alcançá-lo. Todos esses anos, eu queria me casar com você... lembra-se do seu sonho de fugirmos juntos para nos casarmos, quando eu tinha 16 anos? Eu também tive esse sonho, vezes e mais vezes, mas tinha medo de confessar, por que sabia o que teria de significar, aonde teria de nos levar. Nunca tive um coração inconstante, mas tive uma falta de fé.. ah, não em você, mas na possibilidade da confiança absoluta... isso passou agora. Há duas coisas que espero da vida, e nenhuma delas será certa sem a outra. Quero ser sua mulher e quero tentar pintar..

- Pintar? Como é que isso aconteceu? Quando... não, não importa... conte depois... é perfeito... eu sempre soube que você tinha de voltar a isso.
- Você moraria aqui, em La Tourrelle, Eric?
- Esta casa estava à nossa espera, você não sabia disso?
- Sou um pouco lenta... mas sim, agora eu sei.
- Ele traçou os lábios dela com o dedo, sentindo seu coração batendo contra o dele.
- Você ainda quer ir a Lunel? Não quero deixar de cumprir aquela promessa – disse ele, sério.
- Agora não, hoje não – respondeu ela.
- Não quer ver por si?
- Não estou com pressa – disse Fauve, pensativa. – Parece que não me é mais necessário. Mas Eric, gostaria de ir de cano... não é longe na estrada tenho de comprar outra pêra.

FIM